

JOSÉ GERALDES FREIRE

A Versão Latina por Pascásio de Dume  
dos *APOPHTHEGMATA PATRVM*

TOMO II

Descrição dos manuscritos  
Genealogia dos códices

Autor: José Galdes Freire

Título: A Versão Latina por Pascásio de Dume dos *Apophthegmata Patrum*. Tomo II

Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Imprensa da Universidade de Coimbra

Edição: 2ª/2011 [reimpressão da 1ª edição/1971 pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos]

Coordenador Científico do Plano de Edição: Maria do Céu Fialho

Conselho Editorial: José Ribeiro Ferreira, Maria de Fátima Silva, Francisco de Oliveira e Nair Castro Soares

Director Técnico da Colecção: Delfim F. Leão

Concepção Gráfica e Paginação: Elisabete Cação e Rodolfo Lopes

Impressão: Simões & Linhares, Lda. Av. Fernando Namora, no 83 - Loja 4 3000 Coimbra Obra

Realizada no âmbito das Actividades da UI&D Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra Faculdade de Letras Tel.: 239 859 981 | Fax: 239 836 733

ISBN: 978-989-26-0937-9

ISBN Digital: 978-989-26-0936-2

Depósito Legal: 325994/11

DOI:<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0936-2>

© IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

© Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

© Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis (www.classicadigitalia.uc.pt)



Reservados todos os direitos. Nos termos legais fi a expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural via *e-learning*.

José Geraldes Freire  
Universidade de Coimbra

A Versão Latina por Pascásio de Dume  
dos *APOPHTHEGMATA PATRVM*

Tomo II

Descrição dos manuscritos  
Genealogia dos códices

Coimbra  
2011 — 2ª edição



## REABERTURA

*Tudo quanto escrevemos no PRÓLOGO do tomo I deve ter-se presente também neste momento.*

*A segunda parte deste II tomo, dedicada à investigação das relações do texto dos diversos códices entre si, é de carácter exclusivamente filológico. Para quem examina a transmissão manuscrita de Pascásio, palavra por palavra, em tão extensa variedade de reelaborações, poderia tornar-se tão duro, mas grato, trabalho quase interminável, se as exigências do tempo e economia geral da obra não forçassem ao sentido da mesura.*

*A extensão da primeira parte necessita de um esclarecimento. A obra de Pascásio de Dume foi copiada e recopiada centenas de vezes ao longo de toda a Idade Média e até no século XVII. Apresentamos mais de uma centena de manuscritos de que conseguimos obter conhecimento. Impunha-se-nos, como primeira tarefa, delimitar o lugar ocupado, em cada um deles, pela tradução do monge de Dume. A identificação dos textos gregos e latinos é também função da filologia clássica.*

*As obras antigas não andavam, porém, isoladas. Num mesmo manuscrito reúnem-se, por vezes, diversos autores e frequentemente se mistura o trabalho de uns com o de outros. Daí que o exame de um códice raramente se possa restringir a um só tema. Para averiguar a porção de Pascásio, tivemos que organizar ficheiros de initia de todos os apotegmas, em todas as traduções latinas. Quão difícil se torna, muitas vezes, demarcar fronteiras, encontrar o lugar exacto que deter-*

*minado passo ocupa numa obra... Quantas e quantas horas de pesquisa, de tentativas não raro infrutíferas!*

*Ao mesmo tempo que se pretende fazer uma investigação filológica deste tipo, surge necessariamente o dever de utilizar a paleografia como ciência auxiliar. Há um certo número de exigências da codicologia moderna que se tornam muito úteis aos estudos filológicos. A datação de um manuscrito, a determinação do local onde foi copiado, a sua história até ao presente têm repercussões para avaliar da expansão de um autor e da sua projecção no espaço e no tempo. Procurámos não nos desviar da nossa intenção principal e nunca ceder ao desejo de prolongar as análises para além do que se revelou útil. Talvez que alguém julgue termos consagrado demasiado tempo e espaço à descrição dos manuscritos. A outros parecerá, por certo, o nosso exame muito parcelar, superficial até. Desejámos sempre aproveitar a investigação feita até agora e não julgámos lícito recusar o nosso contributo, quando podíamos ajudar a resolver questões em aberto. Sobretudo quisemos que os fragmentos pertencentes a Pascásio e os códices de maior importância para a transmissão do seu texto ficassem tão iluminados quanto possível.*

*Pedimos microfilmes de quase todos os manuscritos, mesmo dos que examinámos pessoalmente. Mencionamos sempre que podemos o nome das pessoas, sobretudo bibliotecários, que nos prestaram esclarecimentos. Aqui fica expressa, para todos, uma palavra de reconhecimento e gratidão.*

*Algumas bibliotecas põem como condição para a cedência de microfímes que o material filmado ou fotográfico seja posto à disposição de outros investigadores. Com a melhor boa vontade nos submeiemos a essa exigência. A quantos desejarem utilizar os nossos instrumentos de trabalho comunicamos que bastará dirigirem-se-nos para o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra.*

*Ao encerrar este trabalho, fruto de longos e penosos anos, acode-nos ao pensamento, e fazemos nosso, o piedoso cólofon de tantos livros que manuseámos:*

Explicit. Deo gratias

— ou estoutro que nos sai igualmente do coração:

Laus Deo Virginiq̃e Matri.

*Coimbra, 25 de Abril de 1971.*

P.º JOSÉ GERALDES FREIRE





## I PARTE

### DESCRIPÇÃO DOS MANUSCRITOS

#### A) NOTA PRÉVIA SOBRE MANUSCRITOS E GENEALOGIA DOS CÓDICES

Para fixar o texto crítico da tradução de Pascásio tivemos, como é natural, de investigar as fontes na sua transmissão manuscrita. Como primeira pista dispúnhamos já de dois inventários de manuscritos sobre Pascásio: — o do Prof. Díaz y Díaz (1) e o do monge beneditino de Monserrate, Dom Columba Maria Batlle (2). A nossa busca em grandes colecções de catálogos de manuscritos permitiu-nos ampliar extraordinariamente o inventário dos códices, o que revela a enorme projecção de Pascásio na Europa medieval.

Vamos, em seguida, enumerar e descrever todos os manuscritos de que conseguimos ter conhecimento. Além dos elementos codi-

---

(1) M. C. Díaz y Díaz, *Index Scriptorum Latinorum Medii Aevi Hispanorum*, Madrid, 1959, pp. 11-12. De futuro citaremos esta obra apenas por *Index...* Díaz y Díaz indica 23 códices, mas 4 deles não contêm a tradução de Pascásio.

(2) «C. Batlle no congresso realizado em El Paular sobre temas monásticos, de 11 a 16 de Setembro de 1960, no seu estudo sobre a tradição manuscrita dos «Verba Seniorum» de Pascásio de Dume, corrige Díaz e acrescenta ao seu inventário uma vintena de manuscritos» — escreve o Prof. P.<sup>e</sup> Ursicino Domínguez-del Val em *Herencia literaria de padres y escritores españoles de Osio de Córdoba a Julián de Toledo in Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*. 1. Siglos III-XVI, Salamanca, 1967, p. 18.

Este estudo foi ampliado e publicado por D. Columba nos *Estudis Romanics VIII* (1961), pp. 57-75, com o título de *Contribució a l'estudi de Pascasi de Dumi i la seva versió de «Verba Seniorum»*. Citá-lo-emos de futuro só pelo início *Contribució...*

cológicos, procuraremos identificar quanto possível o conteúdo dos manuscritos na parte que nos interessa especialmente. No caso de esta identificação não estar feita para o conjunto do manuscrito, procuramos dar o nosso contributo para que se venha a fazer de modo perfeito (3).

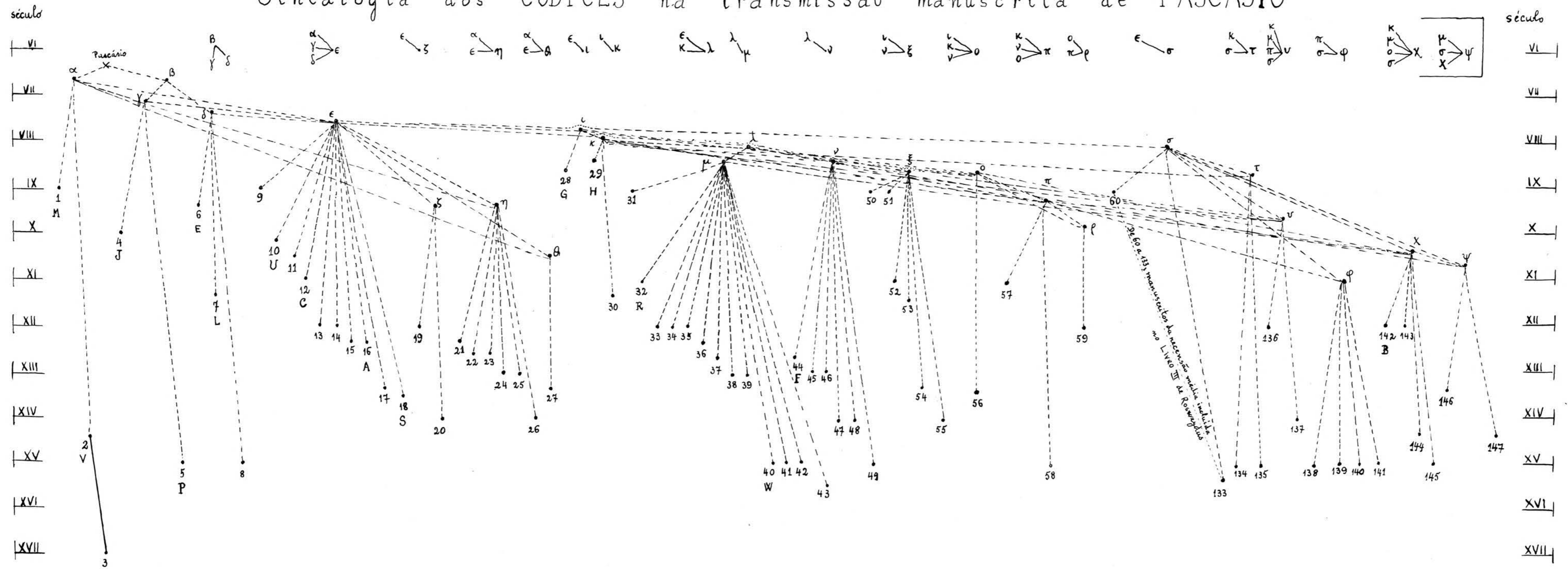
Uma vez identificada a parte de Pascásio em cada códice, um trabalho mais delicado se impôs: — o de determinar o estado do texto, isto é, colacionar a lição de uns manuscritos com a dos outros, de modo que se possa comprovar quais os que apresentam uma versão mais pura e em que grau a redacção primitiva se foi deteriorando. Deste confronto começaram a ressaltar grupos de manuscritos aparentados entre si. Da distinção nítida na lição dos diferentes manuscritos, do seu agrupamento em famílias, dos sinais de dependência uns dos outros, foi-se concluindo, paulatinamente, qual a versão originária ou pelo menos quais as famílias que mais se devem aproximar do texto original. Este não o podemos fixar com certeza absoluta, dada a multiplicidade de grupos, mesmo dentro das recensões mais antigas.

Surgiu-nos, assim, um *stemma codicum* muito complexo, pelo qual se verifica estar na origem uma redacção longa várias vezes reelaborada, depois resumida numa breve antologia, em seguida de novo utilizada juntamente com a recensão breve, resultando daí uma versão de conteúdo médio, mas contaminado. Além desta recensão média contaminada, uma outra se fez, completamente independente dela, também com um número médio (embora menor) de apotegmas, directamente refeitos sobre uma das recensões longas. O emaranhado contínuo das famílias de códices com o texto de Pascásio é uma prova evidente do seu constante uso e adaptação até quase ao fim da Idade Média.

---

(3) Indicamos aqui as obras que orientaram o nosso estudo paleográfico, além das mencionadas a propósito das normas seguidas para o estabelecimento do texto crítico: E. M. THOMPSON, *Paleografia greca e latina* (versione di G. Fumagalli) Milan, 1940; G. BATELLI, *Lezioni di Paleografia*, Città del Vaticano, 1949; H. FOERSTER, *Abriss der lateinischen Paläographie*, Stuttgart, 1963. Dada a importância da escrita visigótica para o nosso trabalho, mencionamos as obras que nos guiaram neste campo: P. EWALD et G. LOEWE, *Exempla scripturae uisigoticae XL tabulis expressa*, Heidelbergae, 1883; Z. GARCÍA VILLADA, *Paleografia española*, Madrid, 1923, 2 tomos; AGUSTÍN MILLARES CARLO, *Paleografia española*, Madrid, 1932, 2 voll.; ID., *Contribución al «Corpus» de códices visigóticos*, Madrid, 1931; ID., *Manuscritos visigóticos. Notas bibliográficas*, Madrid-Barcelona, 1963 (complemento à *Paleografia* de 1932).

# Genealogia dos CÓDICES na transmissão manuscrita de PASCÁSIO



1. (= M) — Madrid, Academia Real da História 80 . . . . .
2. (= V) — Vaticano, Biblioteca Apostólica, *latinus* 4921 . . . . .
3. Vaticano, Biblioteca Apostólica, *Ottobonianus latinus* 942 . . . . .
4. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 2768<sup>A</sup> . . . . .
5. (= P) — Porto, Biblioteca Pública Municipal 753 . . . . .
6. (= E) — Escorial, Biblioteca do Mosteiro I.III.13 . . . . .
7. (= L) — Londres, Museu Britânico, *additiones* 30.855 . . . . .
8. (Cf. n. 131) — Oxford, Biblioteca Bodleiana, *Canon*. 395 . . . . .
9. Madrid, Academia Real da História, *Emilianense* 60 . . . . .
10. (= U) — Seo de Urgel, Arquivo Capitular, *anno* 938 . . . . .
11. (Cf. F, a) — Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 3784 . . . . .
12. (Cf. n. 83) (= C) — Monte Cassino, Biblioteca da Abadia 50 . . . . .
13. Grenoble, Biblioteca Pública 1172 . . . . .
14. (Cf. n. 108) — Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 2941 . . . . .
15. (Cf. n. 71) — Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 2464 . . . . .
16. (= A) — Lisboa, Biblioteca Nacional 454 . . . . .
17. (Cf. n. 88) — Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 2809 . . . . .
18. (= S) — Salamanca, Biblioteca Universitária 2537 . . . . .
19. (Cf. nn. 59 e 73) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 17139 . . . . .
20. (Cf. n. 100) — Londres, Museu Britânico, *additiones* 37.400 . . . . .
21. (Cf. n. 74) — Reims, Biblioteca Municipal 1391 . . . . .
22. (Cf. n. 75) — Reims, Biblioteca Municipal 1392 . . . . .
23. (Cf. n. 120) — Berlim (Oriental), Biblioteca Nacional Alemã, *Phillips* 1838 . . . . .
24. (Cf. n. 123) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3177 (7462-81) . . . . .
25. (Cf. n. 72) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3192 (8033-34) . . . . .
26. (Cf. n. 79) — Reims, Biblioteca Municipal 1393 . . . . .
27. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 5386 . . . . .
28. (= G) — Estugarda, Biblioteca Estadual, *Theol. Fol.* 303 . . . . .
29. (= H) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3595 (8216-18) . . . . .
30. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 9550 . . . . .
31. (Cf. n. 51) — Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 9729 . . . . .
32. (= R) — Ruão, Biblioteca Pública 1375 . . . . .
33. Berlim (Oriental), Biblioteca Nacional Alemã, *ms. Hamilton* 683 . . . . .
34. Cambridge, Sidney Sussex College A.3.2 (47) . . . . .
35. Londres, Museu Britânico, *coleção real* 8.D.VIII . . . . .
36. Londres, Museu Britânico, *coleção real* 8.C.VI . . . . .
37. (Cf. n. 121) — Londres, Biblioteca do Palácio Lambeth 373 . . . . .
38. Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 1224 (II.931) . . . . .
39. Winchester, Biblioteca da Catedral III.J.m. . . . .
40. (= W) — Wiesbaden, Biblioteca Estadual de Hessen 8 . . . . .
41. Cambridge, Biblioteca do Corpus Christi College 6 . . . . .
42. Vaticano, Biblioteca Apostólica, *Palatinus latinus* 844 . . . . .
43. (Cf. n. 129) — Bruxelas, Biblioteca Bolandiana 27 . . . . .
44. (= F) — Viena, Biblioteca Nacional da Áustria 386 . . . . .
45. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 17623 . . . . .
46. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 17624 . . . . .
47. Bordéus, Biblioteca Municipal 111 . . . . .
48. Évora, Biblioteca Pública  $\frac{CXXIV}{1-12}$  . . . . .
49. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 17632 . . . . .
50. Verona, Biblioteca Capitular XVI (14) . . . . .
51. (Cf. n. 31) — Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 9729 . . . . .
52. (Cf. n. 116) — Chalons-sur-Marne, Biblioteca Municipal 53 (57) . . . . .
53. Vercelli, Biblioteca Capitular CXII . . . . .

54. Vercelli, Biblioteca Capitular LX . . . . .
55. (Cf. E, b; F, d; 125) — Dresda, Biblioteca Nacional da Saxónia, A 207 . . . . .
56. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 9533 . . . . .
57. (Cf. F, b; 126) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 18475 . . . . .
58. Lambach, Biblioteca Conventual 173 . . . . .
59. (Cf. nn. 19 e 73) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 17139 . . . . .
60. (Cf. n. 117) — Roma, Biblioteca Valliceliana XVII . . . . .
61. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 3330 . . . . .
62. Troyes, Biblioteca Municipal 948 . . . . .
63. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 2462 . . . . .
64. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 5388 . . . . .
65. Amiens, Biblioteca Municipal 459 . . . . .
66. (= T) — Einsiedeln, Biblioteca Conventual 246 . . . . .
67. (= X) — Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 10840 . . . . .
68. Reims, Biblioteca Municipal 428 . . . . .
69. Mons, Biblioteca Pública 7/227 . . . . .
70. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 12597 . . . . .
71. (Cf. n. 15) — Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 2464 . . . . .
72. (Cf. n. 25) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3192 (8033-34) . . . . .
73. (Cf. nn. 19 e 59) (= Z) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 17139 . . . . .
74. (Cf. n. 21) — Reims, Biblioteca Municipal 1391 . . . . .
75. (Cf. n. 22) — Reims, Biblioteca Municipal 1392 . . . . .
76. Saint-Omer, Biblioteca Municipal 696 . . . . .
77. Vaticano, Biblioteca Apostólica, *Borghes.* 160 . . . . .
78. Escorial, Biblioteca do Mosteiro P.III.1 . . . . .
79. (Cf. n. 26) — Reims, Biblioteca Municipal 1393 . . . . .
80. Bamberg, Biblioteca Nacional, *Hist.* 140 . . . . .
81. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 3450 . . . . .
82. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 14364 . . . . .
83. (Cf. n. 12) — Monte Cassino, Biblioteca da Abadia 50 . . . . .
84. (Cf. n. 136) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3207 (8623-26) . . . . .
85. (Cf. n. 98) — Namur, Museu de Arqueologia 12 . . . . .
86. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 12640 . . . . .
87. Roma, Biblioteca Farfense 5 . . . . .
88. (Cf. n. 17) — Paris, Biblioteca Nacional, *latino* 2809 . . . . .
89. Londres, Museu Britânico, *add.* 35.325 . . . . .
90. (Cf. n. 137) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 13081 . . . . .
91. Oxford, Biblioteca Bodleiana, *Rawl. C.* 72 . . . . .
92. Cambridge, Corpus Christi College 521 . . . . .
93. (Cf. F, g; 138) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 3056 . . . . .
94. (Cf. F, h; 139) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 18093 . . . . .
95. (Cf. F, i; 140) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 18161 . . . . .
96. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 15241 . . . . .
97. (Cf. n. 141) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 18853 . . . . .
98. (Cf. n. 85) — Namur, Museu de Arqueologia 12 . . . . .
99. Reims, Biblioteca Municipal 1400 . . . . .
100. (Cf. n. 20) — Londres, Museu Britânico, *add.* 37.400 . . . . .
101. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 2540 . . . . .

102. Troyes, Biblioteca Municipal 777 . . . . .
103. Dijon, Biblioteca Municipal 194 . . . . .
104. Londres, Museu Britânico, *add.* 33.518 . . . . .
105. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 5624 . . . . .
106. Valenciennes, Biblioteca Municipal 168 . . . . .
107. (Cf. F, c) — Vaticano, Biblioteca Apostólica, *latino* 1201 . . . . .
108. (Cf. n. 14) — Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 2941 . . . . .
109. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 10841 . . . . .
110. Londres, Museu Britânico, *add.* 22.562 . . . . .
111. Roma, Biblioteca Casanatense 620 . . . . .
112. Manchester, Biblioteca Rylands, *latino* 422 . . . . .
113. Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3149 (1800) . . . . .
114. (Cf. n. 134) — Melk, Biblioteca do Mosteiro Beneditino 8 . . . . .
115. (Cf. n. 135) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 7990 . . . . .
116. (Cf. n. 52) — Chalons-sur-Marne, Biblioteca Municipal 53 (57) . . . . .
117. (Cf. n. 60) — Roma, Biblioteca Valliceliana XVII . . . . .
118. Vaticano, Biblioteca Apostólica, *Barberini* 702 . . . . .
119. Vaticano, Biblioteca Apostólica, *latino* 5411 . . . . .
120. (Cf. n. 23) — Berlim (Oriental), Biblioteca Nacional Alemã, *Phillips* 1838 . . . . .
121. (Cf. n. 37) — Londres, Biblioteca do Palácio Lambeth 373 . . . . .
122. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 1789 . . . . .
123. (Cf. n. 24) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3177 (7462-81) . . . . .
124. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 13188 . . . . .
125. (Cf. n. 55; E, b; F, d) — Dresda, Biblioteca Nacional da Saxónia, A 207 . . . . .
126. (Cf. n. 57; F, b) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 18475 . . . . .
127. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 3338 . . . . .
128. Cambrai, Biblioteca Municipal 817 . . . . .
129. (Cf. n. 43) — Bruxelas, Biblioteca Bolandiana 27 . . . . .
130. Danzig, Biblioteca da Cidade 1957 . . . . .
131. (Cf. n. 8) — Oxford, Biblioteca Bodleiana, *Canon.* 395 . . . . .
132. Paris, Biblioteca Nacional, *fundo latino* 5313 . . . . .
133. (Cf. F, m) — Vaticano, Biblioteca Apostólica, *Urb. lat.* 396 . . . . .
134. (Cf. n. 114) — Melk, Biblioteca do Mosteiro Beneditino 8 . . . . .
135. (Cf. n. 115) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 7990 . . . . .
136. (Cf. n. 84) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3027 (8623-26) . . . . .
137. (Cf. n. 90) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 13081 . . . . .
138. (Cf. F, g; n. 93) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 3056 . . . . .
139. (Cf. F, h; n. 94) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 18093 . . . . .
140. (Cf. F, i; n. 94) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 18161 . . . . .
141. (Cf. n. 97) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 18853 . . . . .
142. (= B) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3198 (8372) . . . . .
143. Estugarda, Biblioteca Estadual, *Theol. Fol.* 224 . . . . .
144. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, *latino* 18938 . . . . .
145. Wolfenbütel, Biblioteca do Duque Augusto, Cod. Guelf. 32. 11. Aug. 2.º . . . . .
146. Basileia, Biblioteca da Universidade, B. III. 23 . . . . .
147. (Cf. H, f, II, Ap. b) — Basileia, Biblioteca da Universidade, B. V. 2 . . . . .

Só depois de estarmos absolutamente seguro de qual era o texto que mais se aproximaria do original, pudemos dar um número exacto a cada capítulo e dentro deste a cada apotegma (4). As numerações do texto de Pascásio que damos em cada manuscrito, remetem, evidentemente, para a nossa edição crítica (tomo I).

A interpretação do desenho do *stemma codicum* obedece às normas correntemente estabelecidas. Os hiperarquétipos, arquétipos e subarquétipos são designados pelas letras minúsculas do alfabeto grego. Os códices dependentes de cada modelo são inscritos por ordem cronológica. Apenas um pequeno número de manuscritos é designado por letras maiúsculas do alfabeto latino: são os que foram utilizados na elaboração do texto crítico. Todavia, estes mesmos e todos os demais tiveram que ser classificados pela série dos algarismos árabes, uma vez que os códices com o texto de Pascásio são tão numerosos que todas as letras maiúsculas e minúsculas dos alfabetos em uso nos *stemmata* não chegaram, nem de longe, para os catalogar. Para evitar confusões, o número que cada códice tem no *stemma* de Pascásio será também o adoptado na descrição dos manuscritos. Teremos assim uma numeração contínua, apesar de separada, por vezes, por outros capítulos. Aos manuscritos a que teremos de nos referir, mas que não contêm Pascásio, será dada uma catalogação independente, por meio de letras minúsculas do alfabeto latino. Para facilitar a compreensão dos modelos de que depende cada subarquétipo, colocamos por cima do *stemma* uma figura esquemática da sua origem. Cremos ter dado elementos suficientes para a interpretação do desenho que juntamos aqui.

---

(4) Confessamos ter começado o nosso estudo com o preconceito de que a recensão breve seria a que mais se deveria aproximar do original. Os copistas da Idade Média tinham, no geral, a tendência para acrescentar comentários pessoais ou apoiados na Escritura e na Patrística. Isto afinal também se verifica nas reelaborações do texto de Pascásio. O estabelecimento do texto crítico provou-nos, porém, de modo insofismável, que a recensão longa é a genuína. A comparação com o grego existente só veio confirmar a autenticidade da versão extensa. Ao longo dos nossos estudos deparámos com outros casos, já cientificamente estudados, em que a recensão longa foi também reconhecida como a primitiva: cf. AMAND BOON, *Pachomiana latina (Regles et épîtres de S. Pachome, Épître de S. Théodore et «Liber» de S. Orsiesius). Texte latin de S. Jérôme*, Louvain, 1932 e Allain de Lille, *Liber poenitentialis*, introduction doctrinale et littéraire et texte inédit publié et annoté par J. LONGERE, Louvain, 1965.

## B) PRINCIPAIS REMISSÕES PARA DIVERSOS LIVROS DAS «VITAE PATRVM»

Ao longo da descrição dos manuscritos várias vezes se há-de verificar que os copistas reproduziam os mesmos livros no decorrer dos séculos e nos mais diversos territórios. Há, por isso, um certo número de obras a que vamos referir-nos com frequência e que convém identificar desde o princípio e de uma vez para sempre.

Os principais pontos de referência são as *Vitae Patrum* de H. Rosweydu, Antuerpiae, 1628, reproduzidas por J.-P. Migne na *Patrologia Latina*, tt. XXI, LXXIII e LXXIV, e a *Bibliotheca Hagiographica Latina*, editada pelos Bolandistas (2 voll. Bruxelas, 1898-1899 e 1900-1901). As indicações da BHL dizem respeito ao número da obra, independentemente do volume e da página.

Eis uma breve lista de obras que encontraremos frequentemente e a sua identificação:

- 1) Livro II de Rosweydu ou *Historia Monachorum in Aegypto* (1) = PL XXI, coll. 387-462 = BHL 6524.
- 2) Livro III Rosw. = PL LXXIII, coll. 739-814 = BHL 6525.
- 3) Livro IV Rosw., selecção de obras de Sulpício Severo e de João Cassiano = PL LXXIII, coll. 813-852 = BHL 6526.
- 4) Livro V Rosw., tradução latina atribuída a Pelágio = PL LXXIII, coll. 851-992 = BHL 6527-6528.
- 5) Livro VI Rosw., considerado como continuação do anterior, mas com tradução de João = PL LXXIII, coll. 991-1024 = BHL 6529-6530.
- 6) Livro VII Rosw., tradução de Pascásio = PL LXXIII, coll. 1025-1066 = BHL 6531. Esta é a obra que deve ser substituída pelo nosso estudo e edição crítica.
- 7) *Heraclidis Paradisus*, uma tradução do original grego de

---

(1) Existe uma edição moderna do texto grego, criticamente estabelecido: A.-J. FESTUGIÈRE, *Historia Monachorum in Aegypto*, Bruxelles, 1961 (= *Subsidia Hagiographica*, n. 34).

Paládio, dedicado a Lauso (2) = PL LXXIV, coll. 243-342 = BHL 6532-6533.

8) *Palladii Lausiaca*, outra tradução, também antiga, da mesma obra de Paládio = PL LXXIV, coll. 343-382 = BHL 6534.

9) *Sententiae Patrum Aegyptiorum*, tradução de S. Martinho de Dume = PL LXXIV, coll. 381-394 = BHL 6535.

10) *Macarii epistola ad filios* = PL LXVII, coll. 1163-1166 = BHL 6539.

11) *De exhortatione monachorum Athanasii* = PL CIII, coll. 664-672.

Muitos manuscritos apresentam vidas isoladas de santos. Algumas delas foram incluídas por Rosweyde no Livro I das *Vitae Patrum*. De todas é fácil encontrar notícia de edições consultando, por ordem alfabética dos nomes, a *Bibliotheca Hagiographica Latina*.

Aparecerão ainda vários autores, tratados ou simples peças soltas que oportunamente serão identificados, na medida do possível.

---

(2) Uma edição crítica do texto grego foi publicada por C. BUTLER, *The Lausiaca History of Palladius*, II, Cambridge, 1904. A transmissão manuscrita está a ser estudada de novo pelo Prof. R. Draguet, da Universidade de Lovaina.

## RECENSÃO LONGA

### I — ARQUÉTIPO $\alpha$

Por estranho que pareça, os manuscritos que nos transmitem o texto que mais próximo julgamos estar da tradução genuína de Pascásio são pouco numerosos. De facto, possuímos apenas três manuscritos do arquétipo  $\alpha$ , embora dois deles nos permitam remontar à Península Hispânica, numa época em que se procurava preservar a rica herança literária do período visigótico. A análise que vamos fazer destes manuscritos e a crítica textual deixar-nos-ão entrever até que ponto nos encontramos perto da redacção original de Pascásio.

O conteúdo do arquétipo  $\alpha$  não é fácil de fixar com exactidão. Devemos reconhecer que ele deveria ser bastante completo. O códice 80 da Academia da História de Madrid omite apenas o n. XIV,5 até ao momento em que o texto foi truncado, em LXII,1, pelo desaparecimento de fólios. O *Vaticanus latinus* 4921 apresenta-se desprovido de II,4 (que vem no *Matritensis*), XIV,5 e LXXII,7. Sobre a presença deste último número no arquétipo  $\alpha$  não podemos pronunciar-nos em definitivo, uma vez que neste ponto já nos falta o testemunho do códice de Madrid. Como tudo nos leva a crer que o hiperarquétipo  $\beta$ , que adiante descreveremos, se serviu do mesmo hiperarquétipo que foi utilizado pelo arquétipo  $\alpha$ , julgamos dever considerar como genuínos os apotegmas XIV,5 e LXXII,7, os quais, apesar de faltarem nos manuscritos que possuímos do arquétipo  $\alpha$ , todavia se encontram bem representados nos descendentes do hiperarquétipo  $\beta$ . Sendo assim, dos 358 apotegmas que constituem a versão completa de Pascásio apenas de 2 nos falta a lição do arquétipo  $\alpha$ .

Quanto à época em que foi organizado, atendendo ao seu aspecto mais primitivo e a que já foi utilizado pelo reelaborador do subarquétipo  $\epsilon$  e a que este por sua vez serviu de modelo a  $\iota$ , do qual há um manuscrito, em Estugarda, datável do século VIII-IX, tudo nos leva a supor que o arquétipo  $\alpha$  deve ser, de facto, dos mais antigos, talvez mesmo do século VI-VII.



## 1. (= M) — MADRID, ACADEMIA REAL DA HISTÓRIA 80

A história moderna deste códice começa quando, na sessão de 4 de Janeiro de 1935, Justo García Soriano apresentou uma comunicação sobre «Un códice visigótico del siglo IX» (1). O manuscrito pertenceu à *Colección de Cortes*, mas tinha sido esquecido nos inventários recentes. J. G. Soriano faz uma perfeita descrição externa: pergaminho, actualmente de 151 folhas, a três colunas, de 515 × 380 mm., em letra visigótica do primeiro período, de meados do século IX. (Errada, porém, a conclusão de que «não pode ser anterior aos anos 830-865, em que floresceu Pascásio, intérprete de uma das obras que o códice contém» (p. 480). Trata-se de confusão com Pascásio Radberto. Na realidade, Pascásio, tradutor dos apotegmas gregos, viveu em meados do século VI). No fólio 125 há uma nota que parece dever identificar-se como da mão de Álvaro Paulo de Córdoba, que faleceu em 861. Daí se infere a «sua proveniência moçárabe cordovesa» (p. 481). No fim de rápida descrição interna, J. G. Soriano conclui que o códice deve ter pertencido «a um colégio de jesuítas antes da expulsão destes por Carlos III» (p. 483), em 1767. Daí teria passado ao Colégio Imperial e depois à *Biblioteca de Cortes* e em 1850 à Academia Real da História. Aqui teve a numeração 12-II-I: 3, substituída pela actual, ms. 80.

O interesse despertado por esta comunicação foi tão grande que no mesmo dia o académico Frei Julião Zarco Cuevas, bibliotecário do Escorial, começou um exame mais profundo do códice, cujas conclusões foram apresentadas no estudo «El nuevo códice visigótico de la Academia de la Historia» (2). Além duma descrição mais pormenorizada dos aspectos externos e do variado conteúdo deste manuscrito (que contém obras de Genádio de Marselha, Santo Ildelfonso, do papa Hormisdas, e várias de S. Isidoro, de S. Jerónimo, de Santo Agostinho e de Quoduultdeus, questões bíblicas, de Santo Hilário, Salviano, Rústico, comentários ao Cântico dos Cânticos, aos Evangelhos de S. João, de S. Marcos e de S. Lucas e ao Apocalipse)

---

(1) Cf. *Boletín de la Academia de la Historia*, n. 106 (1935) pp. 479-484 cujo conteúdo resumimos aqui.

(2) Cf. *ibidem*, pp. 389-442.

o artigo de J. Z. Cuevas dedicou uma especial atenção aos ff. 126r-141v e 149r-151v, isto é, à parte extraída das *Vitae Patrum*.

Num capítulo consagrado ao «Valor científico del texto del códice» (pp. 394-397) o estudioso agostinho deixou bem expresso que a porção de maior interesse é a que nos transmite a versão de Pascásio. A falta de elementos de que então se dispunha levou, no entanto, J. Z. Cuevas a cair em algumas inexactidões que oportunamente assinalaremos, as quais têm como causa o ter tomado como texto fidedigno de Pascásio a edição do Livro VII das *Vitae Patrum*, feita por H. Rosweydu.

Com a intenção de ajudar os futuros investigadores, publicou mesmo (pp. 409-413) o índice dos capítulos, que precede o *prefácio* de Pascásio, e um breve *incipit* dos apotegmas que constituem cada capítulo (pp. 413-424). Além disso, o P.<sup>e</sup> Zarco Cuevas editou os «relatos (...) que não se encontram na edição do P. Rosweydu» (pp. 426-432) e os que — como diz na página 396 — «estão muito alterados ou procedem de tradução diferente» (pp. 432-438).

Por grande que seja o mérito deste trabalho, enferma, no entanto, de alguns defeitos que tornam suspeita a sua consulta: omite o *incipit* de vários apotegmas; exclui palavras que estão no texto e introduz outras que nele não se encontram; divide mal algumas palavras, principalmente quando o texto está em *scriptio continua*; apresenta errados desdobramentos de abreviaturas; cai em falsas leituras, sobretudo em virtude de não considerar algumas das mais salientes características da escrita visigótica: o *i alto*, e confundir *a* com *u*, *b* com *u*, *r* com *s*, etc.

Sem querermos menosprezar o labor de J. Z. Cuevas, vamos dar apenas alguns exemplos de dificuldades não vencidas. Indicaremos primeiro a página e a transcrição do bibliotecário do Escorial e a seguir, entre parêntesis, a nossa leitura: p. 410 iniurgiendo (*in largiendo*), malorum (*maiorum*), labentur (*iuuentur*); p. 411 lagitate (*iugitate*); p. 412 demonorum (*daemonum*); p. 414 zaion (*Zenon*); p. 419 nestordum (*Nestor dum*); p. 426 magister unus (*magistrianus*), afferentes tamen tum (*afferentes testamentum*), re (*sed*); p. 428 perseuerari (*perseuera si*); p. 429 periebat (*pergebat*); p. 430 quum (*quoniam*), in sensu tu (*insensata*); p. 433 Absahum (*Abraham*); p. 435 ecce [ce]lestis (*ecce iterum*); p. 436 nec iactus (*ne elatus*); p. 437 labatus (*iuuatus*), etc., etc.

J. Z. Cuevas considera (p. 406) que o texto do fl. 149r, colunas a-c, também pertence a Pascásio. Na realidade, o texto de Pascásio ter-

minou mutilado no fl. 141v. Segue-se-lhe um comentário ao Apocalipse (ff. 142r-148v). A encadernação, como observámos pessoalmente, apresenta, a seguir ao fl. 148v, uma folha cortada rente ao interior da dobra e logo vem, numerado, o fl. 149r, o qual começa com estes dizeres: *ergo diebus surgens mane sume initium unum in omnem uirtutem* (...). Ora estas palavras encontram-se na última «sentença» traduzida por S. Martinho de Dume, (cf. PL LXXIV, n. 108, col. 393, linha 5 ss. E o texto de S. Martinho continua, fielmente, até ao fim do apotegma. Note-se que não se seguem as *Sete sentenças do abade Moisés*. Isto significa que, tendo-se perdido alguns cadernos com o texto de Pascásio, ao qual se seguiam, (de acordo com o capítulo CII do índice), as *Sentenças dos Padres do Egipto* traduzidas por S. Martinho de Dume, no fl. 149r se recupera precisamente o final do texto interrompido.

J. Zarco Cuevas com razão dá relevo ao conteúdo dos ff. 149r-151v, que o manuscrito apresenta, também mutilado, como *Liber secundus de uitas patrum contra originem irae*, mas não menciona o seu autor. Cremos que um especialista da tradição manuscrita dos apotegmas cuja tradução é atribuída a Pelágio não terá dificuldade em identificar-lhe a família, pois além do breve prefácio e de um índice de capítulos, dos quais apenas os dois primeiros são legíveis, todo o texto aqui transcrito é extraído dos capítulos V, IV, III e V de Pelágio, como o próprio J. Z. Cuevas identificou (pp. 424-425). Sobre o que eram as partes de Pascásio, de Martinho e do *Liber secundus* que faltam no ms. 80 da Academia Real da História de Madrid, podemos adquirir a certeza consultando os mss. da Biblioteca Vaticana, latino 4921 e Otoboniano lat. 942, os quais se encontram completos e que, como provaremos, são do mesmo arquétipo.

As referências que ao ms. 80 da Academia da História fazem C. W. Barlow (3) e M. C. Díaz y Díaz (4) parecem baseadas apenas no estudo acabado de referir de J. Zarco Cuevas. Em contrapartida, Dom Columba Maria Batlle dedicou-lhe duas penetrantes análises: uma apresentada na «III Semana de Estudos Monásticos» em El Paular (Madrid), em 1960, e a outra publicada em *Estudis Romànics* [VIII (1961), pp. 64, 66, 67, 72, 73] revista do Instituto de Estudos

(3) CLAUDE W. BARLOW, *Martini episcopi Bracarenensis Opera omnia*, New Haven, 1950, pp. 13 e 23. De futuro designaremos esta obra apenas por *Martini...*

(4) *Index...*, p. 11.

Catalães, de Barcelona. Também o Dr. Luís Ribeiro Soares (5) se refere a este códice e com razão assinala o facto de os capítulos de Pascásio estarem organizados numa «centúria». Comete, porém, o erro de supor o manuscrito de Madrid igual ao de Seo de Urgel. Na realidade, pertencem a modelos diferentes. Ao contrário do que L. R. Soares afirma, o cap. VI, *De toleranda penuria*, encontra-se, de facto, no texto de Madrid, fl. 127v, 1.<sup>a</sup> coluna. Sendo assim, as *Sete sentenças do abade Moisés* deveriam ser nele o cap. CI, tal como o são no seu par, o *Vaticanus latinus* 4921 (fl. 58r), manuscrito este que também menciona (6), mas que certamente não estudou. Finalmente, uma bibliografia completa sobre este manuscrito, incluindo os estudos referentes aos outros textos nele contidos, encontra-se em Agustín Millares Carlo, *Manuscritos Visigóticos, Notas bibliográficas*, Madrid, 1963, p. 90.

Se nos demorámos a resumir o que até hoje se tem escrito sobre este códice é porque ele apresenta uma importância especial para o nosso estudo, não tanto por ser um dos mais antigos documentos do texto de Pascásio (séc. IX), mas sobretudo por nos transmitir um texto que deverá estar muito próximo do original, como demonstraremos no capítulo sobre crítica textual. Apesar disso o ms. 80 da Academia Real da História de Madrid não está isento de defeitos, tanto de texto como de escrita.

Atendendo a que teremos necessidade de estudar outros manuscritos em escrita visigótica e a que mesmo em códices mais tardios poderemos descobrir a sua ascendência através de formas gráficas que revelam a sua proveniência, directa ou indirecta, de um modelo visigótico, faremos aqui, metódicamente, o estudo das principais características da escrita deste manuscrito. Há particularidades que são próprias da escritura visigótica; outros aspectos são comuns a toda a paleografia medieval; e finalmente encontraremos pormenores que apenas ocorrem aqui, ocasionalmente.

Julgamos que este estudo, além de ser o mais completo sobre o sistema de escrita deste códice, poderá dar indícios de qual o valor dos fonemas na pronúncia do latim na *Hispania* entre os séculos VI

---

(5) L. R. SOARES, *A linhagem cultural de São Martinho de Dume*, Lisboa, 1963, pp. 181-184, 187 e 190.

(6) *Ibid.*, pp. 181, 184.

e IX. Com efeito, os copistas, mesmo quando pretendem «modernizar» a ortografia, frequentemente repetem grafias anteriores que passaram de modelo a modelo.

A GRAFIA DO MS. 80 DA ACADEMIA REAL DA HISTÓRIA DE MADRID, TAL COMO SE ENCONTRA NO TEXTO DE PASCÁSIO (7)

1 — AE

a) O ditongo clássico latino *ae* é geralmente expresso só por *e*: *greco* (incipit, linha 3), *praefatio* (praef., lin. 1) *mee culpe* (praef., lin. 13).

b) Há um caso no texto em que a confusão entre *ae* e *e* origina uma dificuldade de interpretação: *cede* (= *caede*, XXIV,5, lin. 3, em português: 'parte, fere, injuria'; grego: ὄβριμον (*Patr. Graeca* LXV, col. 121, n. 8<sup>a</sup>) e não *cēde* (= port. 'lança para longe').

2 — OE

Do mesmo modo, *oe* é geralmente expresso por *e*: *cepi* (praef., lin. 16), *Pemenem* (= *Poemenem*, capitulatio CI).

3 — E CAVDATA

a) No entanto os ditongos *ae*, *oe* são muitas vezes também expressos por *e* com uma cedilha por baixo, o chamado *e caudata*.

b) De notar, porém, que a cedilha não é um processo sistematizado, obrigatório, para distinguir o simples *e* dos ditongos *ae*, *oe*.

---

(7) O estudo mais desenvolvido que conhecemos sobre o valor dos fonemas no «latim hispânico» é o de M. C. DÍAZ Y DÍAZ in *El latin de la Península Ibérica*. 1 — *Rasgos lingüísticos* (cf. *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I, Madrid, 1960), pp. 158-172. Mas é evidente que, sendo o trabalho do douto Professor Salmanticense de carácter geral, não dispensa a análise monográfica que fazemos aqui, embora em muitos casos ambos os estudos verifiquem os mesmos fenómenos.

A partir daqui citaremos frequentemente o texto de Pascásio para evocar a sua grafia nos diversos códices. Para uniformidade de localização, as remissões serão sempre feitas para o texto crítico (tomo I), por capítulos, número de apotegma e linha da nossa edição. Partindo destas indicações e da descrição que fazemos de cada códice, é fácil localizar a palavra ou o passo no manuscrito em causa.

Assim vemos, em vez de *ae: etate* (X,4, lin. 25), mas logo a seguir (lin. 26) *moleste... cogitationes*; e numa mesma frase: *in tempore ire... carnis suę* (XXVI,4, lin. 1-2).

c) Embora não saibamos se no século IX se escrevia *poenitentia* ou *paenitentia*, verificamos que esta palavra é indiferentemente escrita: *penitentię* (capitulatio XXV) e *penitentiam* (III,2, lin. 3).

d) A falta de sistematização chega ao ponto de se colocar a cedilha sob um *e*, desinência de ablativo: *in illa solitudine* (X,4, lin. 1) e sob um falso *e*: *hec [= hic]* (XLIII,3, lin. 22).

#### 4 — 1

a) Uma das dificuldades da escrita visigótica é que o *i*, a par da sua escrita normal, apresenta por vezes uma forma longa, um *i alto* que dificilmente se distingue do *l*. Além dos exemplos já apresentados quando corrigimos falsas leituras de J. Z. Cuevas (8) apontemos mais: *malus [= maius]* (XXXV,5, lin. 6) e *locetur* (XXVI,3, lin. 6).

b) Em muitos casos o *i* denuncia uma pronúncia mais aberta, pois é substituído grãficamente por *e*: *quales* (capitulatio XCIX), *seliquis* (I,3, lin. 4), *pestrinum* (VI,1, lin. 3), *parentes eius [= parentis]* (XIV,3, lin. 2), *corpore* (XIV,4, lin. 9), *passiones* (XX,1, lin. 8), *dispensatione* (XXIII,1, lin. 6), *ipse* (XXV,3, lin. 9), *cenerate [= cinerate]* (XXV,3, lin. 10), *que* (XXVIII,1, lin. 1), *ille* (XXX,1, lin. 24), *Esydoro* (XXXIX,8, lin. 3), *incedi* (XLVI,8, lin. 8).

c) Este fenómeno é especialmente notável nos casos em que *i* se encontra em hiato, estando nesta posição já bem documentado desde o «latim vulgar»: *palleo* (VII,2, lin. 3), *arceepiscopo* (XII,1, lin. 5) *osteum* (V,1, lin. 20, 21; etc.).

d) A maior dificuldade na interpretação deste erro de escrita encontra-se em formas tão frequentes como *comedet* (II,4, lin. 2, 3; etc.) em que, por vezes, apenas o recurso ao equivalente grego nos levou a decidir se se tratava de um futuro ou de um presente.

e) Algumas vezes *i* é grafado como *y*, sendo de supor que este último sinal não indica, no entanto, qualquer velarização da pronúncia: *Sisoyum* (III,6, lin. 1), *Syna* (VII,1, lin. 2), *Acyllam* (XXXII,4, lin. 1), *Esayas* (XXXIV,4, lin. 2), *yeme* (XXXIV,5, lin. 6), *Esydoro* (XXXIX,8, lin. 3), *Ysahac* (XLI,6, lin. 1).

(8) Cf. *supra*, p. 8.

f) Em contrapartida, palavras que no latim clássico se escreviam com *y* aparecem aqui, correntemente, com simples *i*: *misterii* (LVI,2, lin. 12), *Moises* (capitulatio CI), *presbitero* (praef., lin. 2), *elemosinam* (I,3, lin. 5), *filargiriam* (XIV, título).

g) Caso interessante em que se demonstra a completa identificação de *y* com *i* e deste com *e* é a grafia *paraleticum* (XXXV,4, lin. 1).

h) Também registámos um caso de *i* (sob a forma *y*) protético, antes de *s*: *yscillam* (X,3, lin. 5), embora esteja escrito *scilla* imediatamente antes e depois.

## 5 — E

a) O fonema *e*, a par da sua expressão normal, apresenta por vezes tendência para uma pronúncia mais fechada, o que se denuncia pela sua substituição por *i*: *eliganter* (praef., lin. 13), *disperationem* (capitulatio XXXII; etc.), *illi* [= *ille*] (XXIII,2, lin. 10), *nigricori* [= *nigricore*] (XXV,3, lin. 10), *qui* [= *que* = *quae*] (XXXIII,9, lin. 15), *proueitur* [= *prouehetur*] (XXXIV,3, lin. 4).

b) Interessante será notar que o  $\eta$  grego era lido e grafado como *i*, donde as formas: *Sciti* [= *Sceti*] (V,1, lin. 5; etc.), *anachorita* (XXX,1, lin. 6; etc.), *acidiam* [= *acediam*] (XXXII,4, lin. 2).

c) A confusão entre *e* grafado como *i*, e a já anteriormente observada (4b) de *i* escrito como *e*, dá origem a frequentes problemas de crítica textual, principalmente quando não é evidente se se trata de um infinito activo ou passivo: *audire* [= *audiri*] (XXXV,1, lin. 14), etc.

d) Pelo contrário, nota-se também uma tendência para a pronúncia de um *e* muito aberto, a ponto de se confundir com *a*: *Alaxandria* (XII,1, lin. 3-4; etc.), *uidua* [= *uiduae*] (XVII,1, lin. 6), *grandam* (XXVII,2, lin. 2).

## 6 — A

a) Uma característica da grafia do *a* visigótico é que, por vezes, apresenta o arco superior tão aberto que facilmente se confunde com *u*. A hesitação surge frequentemente entre *arguo* e *urgeo* (escrito *urgueo*). Em XLIX,1, lin. 7, em vez de *de ha[n]c anu* é-se tentado a ler *de hunc una*...

b) A pronúncia do *a* apresenta-se frequentemente próxima de *e*, a ponto de como tal ser grafado. Em LVII,3, lin. 5 só o sentido,

apoiado pelo grego, nos garante que em vez de *consumabat* se deve ler *consumebat* (verbos de valor muito diferente). Que não se trata de simples confusão de dois verbos, mostram-nos outros exemplos: *gratie Dei* (capitulatio LXXX), *fecundia* [= *facundia*] (praef., lin. 3), *quidem* (XXVII,2, lin. 1; etc.), *lucerne* (II,3, lin. 2), *pugne* (III,7, lin. 4), *aliquem requiem* (XLII,2, lin. 10).

c) Em XXX,1, lin. 13 temos *hoc* em vez de *ac*; mas talvez este caso se deva interpretar como a má leitura de um erro de escrita: *hac* [= *ac*].

## 7 — o

Igualmente o fonema *o* apresenta uma dupla tendência:

a) Ora tende a palatalizar-se, a ponto de aparecer escrito *prepositum* (XXVIII,2, lin. 4; etc.);

b) Ora se apresenta velarizado, de modo que em *furtu* (XXXIII,2, lin. 5) não sabemos se se trata de um ablativo de tema em *-o-* ou de tema em *-u-*.

c) A confusão entre *o* e *u* verifica-se em gerúndios onde seria de esperar o ablativo, mas aparece a grafia *-um*, a qual deve ser interpretada apenas como prova da perda da nasalização e da velarização do *o*: *de retribuendum* (XXII, título), *loquendum* (XLVIII,1, lin. 12). O mesmo se verifica no advérbio *amodum* (LVII,2, lin. 13).

## 8 — u

a) Assim como da grafia aberta do arco superior do *a* podem surgir confusões com *u*, do mesmo modo por vezes se hesita se realmente se trata de *u* ou de *a*.

b) A vogal *u* tende, por vezes, a tornar-se mais aberta, aparecendo sob a forma de *o*: *percontatus* (I,3, lin. 10), *cocumerem* (III,2, lin. 1), *Eologi* (V,1, lin. 15), *sensos* (XX,1, lin. 5), *robore* [= *rubore*] (XXX,1, lin. 13), *suffoso* [= *suffuso*] (XXX,1, lin. 13), *bobalum* (XLII,6, lin. 3), *iusso* (LVII,3, lin. 12).

c) Esta confusão de *u* com *o* está abundantemente demonstrada nos acusativos em *-um*, que aparecem sem nasalização e reduzidos a um simples *-o*: *secundo* (II,2, lin. 16), *monasterio* (XXVIII,1, lin. 6), *semetipso* (XXVIII,1, lin. 7), *ad altero* (XXIX,1, lin. 3) e nos advér-



bios que a crítica leva a considerar como formas estratificadas de acusativos: *centuplo* (XXVII,2, lin. 19).

d) A vogal posterior *u* aparece, por vezes, substituída por vogais anteriores.

e) Em *presbiterem* (XLI,1, lin. 7 e 14) poderemos perguntar-nos se se trata de *e* por *u* (= *presbyterum*) ou antes de mudança de declinação.

f) Mas em casos como *guile* (capitulatio III), *scripulosum* (capitulatio XVII), *scripulosus* (XVII,1, lin. 8), *scripulositatem* (XVII,1, lin. 11) parece que *u* foi realmente substituído por *i*.

g) O processo de fechamento do *u* atinge o seu ponto máximo na confusão com a bilabial *b*. O chamado *betacismo*, que é um dos fenómenos mais frequentes da escritura visigótica, é por vezes fácil de verificar: *uibatur* (capitulatio I), *abaritia* (capitulatio XVIII), *uibendum* (capitulatio XCVI), etc., etc.

h) Ocasões há, porém, em que o *betacismo* dá origem a confusão de verbos, como em *iubentur* (capitulatio XXXIV) e sobretudo a confusão de tempos do mesmo verbo. Está neste último caso a frequência com que o perfeito do indicativo dos verbos de tema em *-a-* se apresenta como se fosse um futuro: *gustabit* (III,5, lin. 11), *impe-rabit* (VI,2, lin. 4), *rogabit* (XII,1, lin. 5), *obuiabit* (XIV,1, lin. 7), *car-ricabit* (XV,1, lin. 3), *tractabimus* (XXIX,2, lin. 17), etc., etc.

i) Uma forma merece aqui referência especial: o perfeito de *requiro* aparece normalmente como *requisiuit*, mas não raro apresenta ora o *betacismo*: *requisibit* (XIV,12, lin. 1; etc.), ora a forma «sin-copada»: *requisiit* (X,2, lin. 1; etc.). Fica feita aqui a advertência, porque a nossa transcrição não atende a estas variantes, que não são uniformes em todos os códices.

## 9 — B

a) A confusão de *u* com *b* arrasta consigo o fenómeno contrário. Por isso, não é raro encontrarmos palavras em que lemos um *u* onde deveria ter sido escrito um *b*: *ciui* (capitulatio IV), *superuie* (capitulatio XXXIV), *siuilemus* (LV,6, lin. 7), etc.

b) Tal confusão leva a tomar como aparente forma de perfeito o que na realidade é um futuro: *permaneuit* (VIII,1, lin. 13), *possi-deuit* (LXI,1, lin. 6).

c) A bilabial sonora *b* aparece, embora raras vezes, substituída pela surda *p*: *plasphe mie* (capitulatio VIII), *apas* e *apatem* (capitulatio CI).

## 10 — P

a) A bilabial surda, em contrapartida, é por vezes trocada pela sonora correspondente: *scribturarum* (capitulatio LXXXV), apesar de antes estar bem escrito: *scripturis* (capitulatio LXXXIV).

b) Notável que não apareça *p* em epêntese, em formas como *adsumsi* (XXXIX,3, lin. 15) e *contemserit* (XLVII,1, lin. 3).

## 11 — D

A dental sonora *d* aparece com muita frequência substituída pela surda *t*: *numquit* (II,2, lin. 13-14), *aliut* (X,4, lin. 8), *istut* (X,4, lin. 12), *aput* (X,4, lin. 19), *illut* (XIV,12, lin. 3), *ipsut* (XLVII,3, lin. 7).

## 12 — T

a) A dental surda *t* é trocada pela vozeada *d*: *erad* (II,1, lin. 6), *permanead* (II,2, lin. 19), *luced* (II,3, lin. 3), *reliquid* (VII,2, lin. 8), *quod* (X,4, lin. 24).

b) De notar que *t* nunca é palatalizado (pelo menos nunca aparece substituído por *c*) quando seguido de *i* mais vogal. Temos, portanto, sempre grafias exactas, como *uitiis* (título, no incipit) *capitulatio*, *abstinentia* (capitulatio V), etc.

c) Observe-se que o copista tem uma certa tendência para acrescentar indevidamente um *-t* final: *indigeret* (XIV,8, lin. 2), *amplectit* (XXVIII,1, lin. 18), *suspiravit* (XXXIII,11, lin. 4).

d) Temos, porém, omissão de *-t* final em *desiderabi* (III,2, lin. 1).

## 13 — G

a) A pronúncia da velar sonora na época visigótica oferece alguns pontos de difícil verificação. Quando vemos escrito *guile* (capitulatio III), cremos que neste caso devia manter valor velar. Nem o vocalismo nos deve admirar uma vez que já verificámos casos em que a pronúncia de *u* parece ter evoluído para *i* (cf. 8f).

b) Porém, grafias como *litiem* [= *litigem*] (XXIX,3, lin. 3) e *periebat* [= *pergebat*] (XLVII,4, lin. 3) parecem indicar que *g* evoluiu para *j* e este se confundira em *litiem* com o *i* anterior.

c) As duas alíneas anteriores não se opõem a que numa palavra correctamente escrita, como *refugissem* (XXX,1, lin. 3) a velar já se tivesse palatalizado na pronúncia normal.

d) Uma grafia como *fracmenta* (XXXIII,9, lin. 6) em nada vem esclarecer o problema da pronúncia da velar sonora na época visigótica.

## 14 — c

a) A velar surda *c* aparece normalmente grafada *k* apenas antes de *a*, em *karitatem* (V,1, lin. 34), *karitate* (V,2, lin. 1), etc.

b) A palavra *ecclesia* apresenta-se frequentemente escrita *eglesia* (VI,2, lin. 1; XXXIII,13, lin. 5; etc.), o que revela o vozeamento da velar surda antes de líquida, tal como se verifica nas línguas românicas.

c) A pronúncia como velar surda antes de *i* parece demonstrada em grafia como *nicil* (VI,2, lin. 2) e *mici* (VI,2, lin. 3), etc., em vez de *nihil* e *mihī*.

## 15 — AS LÁBIO-VELARES

a) A lábio-velar surda *k<sup>w</sup>* quando seguida de *u* aparece normalmente sob a forma *quum* (I,3, lin. 7) quando esta palavra é conjunção. Todavia, mesmo quando conjunção, lemos por vezes a grafia *cum* (I,3, lin. 6).

b) Em contrapartida, a preposição apresenta-se normalmente com a grafia *cum* (I,3, lin. 16), embora algumas vezes esteja escrita *quum* (V,1, lin. 39).

c) A mesma hesitação se nota em formas como *quoscumque* (VIII,1, lin. 2), *quamquumque* (VIII,1, lin. 12) e *cur* ou *quir* (XLI,1, lin. 11).

d) São correntes as grafias *reliquum* (I,3, lin. 5), mas *locutus* (capitulatio CI) e até *locuntur* (LIV,4, lin. 5).

e) É normal que a lábio-velar surda seguida de *o* apresente formas como *quotidie* (I,3, lin. 4) e mesmo *exquoquendi* (I,1, lin. 3).

f) Por vezes, porém, a lábio-velar não é grafada e temos formas como *codam* (III,2, lin. 1), *cotiens* (LV,2, lin. 1) *alicotiens* (XXXIX, título) e mesmo *co* (XXXVII,1, lin. 4).

g) A perda da noção da lábio-velar dá origem a grafias contrárias, manifestamente erradas, tais como: *quomedit* (III,5, lin. 8-9), *quoactus* (XVI,2, lin. 2), *quoquina* (XLIX,2, lin. 5). Assim se compreende também o erro de transcrição *quo die* em vez de *codice* (praef., lin. 14).

h) Quando seguida de *e* ou *i* é normal a grafia da lábio-velar: *quem*, *qui*, etc.

i) Deverá, porém, notar-se que o dativo *cuidam* chega a ser escrito *quidam* (XI,2, lin. 1).

#### 16 — ASPIRAÇÃO

a) Se há fonema que na escrita visigótica esteja sujeito a enormes indecisões, esse é com certeza a aspiração. O copista escreve frequentemente *nihil* (capitulatio LXXXV) e chega a ter o escrúpulo de, quando se esquece de escrever o *h*, colocar este símbolo por cima da linha: *<sup>h</sup>ominis* (III,7, lin. 4), *Sat<sup>h</sup>anas* (III,6, lin. 3).

b) Que uma aspiração antiga se tinha reforçado, provam-no os numerosos exemplos de formas como *nicil* e *mici* (cf. 14c).

c) É muito frequente, porém, a omissão do *h*: *abstraatur* (capitulatio LXVII), *ausisset* (V,2, lin. 3), *abent* (XLII,2, lin. 10), *cacinnio* (XXIV,1, lin. 11), *omicida* (XXXIX,6, lin. 5), etc.

d) Pelo contrário, são muito numerosos também os casos em que se poderia falar do prestígio da aspiração indevida: *heremo* (capitulatio XCIII), *his* (XXX,1, lin. 14), *huti* (II,2, lin. 8), *hoccidi* (III,5, lin. 12), *hac* (XII,1, lin. 8), *hoc* [= *ac*] (XXX,1, lin. 13), *haut* (XX,1, lin. 6), etc.

e) O prestígio da aspiração é muito notório em nomes próprios: *Daniel* (I,2, lin. 1), *Sathanas* (III,6, lin. 4), *Heliam* (XI,3, lin. 1), *Anthonium* (XIV,2, lin. 3), *Sishoyum* (XXIII,1, lin. 1), *Macharius* (XXIV,6, lin. 1), *Scithi* (XXV,3, lin. 1), *Iohannes* (XXVII,1, lin. 1), *Ihesu* (XXXVI,3, lin. 3), *Ysahac* (XLI,6, lin. 1), *Cephalas* (XLI,9, lin. 5), *Hor* (XLVII,4, lin. 1), *Marchus* (XLIX,2, lin. 1).

f) Por vezes a forma com e sem *h* aparece lado a lado: *edens* (XI,4, lin. 1) *hedet* (XI,4, lin. 2).

g) Esta incongruência torna-se sobretudo grave quando no texto é difícil de distinguir se se trata de *omnes* ou de *homines*, *omnibus* ou *hominibus*, etc.

h) Do mesmo modo é variável a expressão das aspiradas gregas.

i) A par de formas normais, encontram-se muitas omissões do sinal de aspiração: *Teopentus* (X,4, lin. 16), *Agaton* (XIV,13, lin. 1), *Acillam* (XXVI,2, lin. 1), etc.

j) A labial aspirada surda  $\varphi$  aparece muitas vezes vertida por *ph*: *philosophus* (XXIV,1, lin. 2), etc.

k) Mas é expressa também frequentemente pela lábio-dental surda *f*: *filargirie* (capitulatio XIV), *blasfemaberit* (XLI,4, lin. 6), *Pafnutius* (XLI,9, lin. 4), *fantasma* (LXII,1, lin. 5), etc.

l) Note-se a boa transcrição do  $\theta$  e a deficiente do  $\varphi$  em *Theofilo* (XII,1, lin. 4) e a contradição das duas transcrições do  $\varphi$  em *philosofi* (XXIV,1, lin. 1).

m) A dental aspirada surda  $\theta$  aparece transcrita por *z* em *eziopus* (XXV,3, lin. 9 e XXV,4, lin. 2).

## 17 — s

a) Uma das fontes de confusão da escrita visigótica é a forma que o *s* por vezes tem, pois apresenta-se de modo muito parecido com o *r*. Em contrapartida, um autêntico *r* poderia ser lido como *s*.

b) Sobre a omissão de *s* em posição final não podemos apresentar mais que um caso certo: *aliqui* [= *aliquis*] (XIV,1, lin. 9).

c) Outros casos de aparente omissão poderão ser interpretados como resultado da *scriptio continua*, em que um *s* era ambivalente, contando tanto para a palavra anterior como para a seguinte: *abbatisilvani* (XLIX,2, lin. 1).

d) Como combinação dos dois parágrafos anteriores pode apresentar-se o exemplo: *si aliquares* [= *si aliquas res*] (XIV,10, lin. 1).

e) Note-se ainda que o *s* substitui geralmente o *x* na palavra *senex*. Só o sentido nos dirá, portanto, quando o manuscrito tem *senes*, se se trata de um singular ou plural.

## 18 — NASAIS

a) A labial nasal *m* está sujeita a grandes oscilações na escrita visigótica.

b) Assinalemos em primeiro lugar uma espécie de tendência automática para dar às palavras uma desinência *-m*, mesmo quando esta se não justifica: *eorum uictum* (V,1, lin. 10), *animam* [sujeito] (VIII,1, lin. 12), *inuidiam* [suj.] (XXVII, título), *nullam... rationem*

[em vez do ablativo de causa] (XXX,1, lin. 15), *terram* [nome pred. do suj.] (LIV,1, lin. 5), *ad eam* [a concordar com *peccata*] (LVI,2, lin. 21), etc.

c) Igual juízo se deve fazer sobre a falsa «regência» de acusativo por preposições que normalmente se constroem com ablativo: *ex amaritudinem* (X,3, lin. 4), *sub presentiam* (XXV,1, lin. 1), *pro infanitem* (XXXIII,12, lin. 5), *cum hominem timentem* (LIII,3, lin. 3), *de animam* (LV, 6, lin. 1), etc.

d) Em contrapartida, o *-m* final é várias vezes omitido: *nulla* [compl. obj.] (XII,1, lin. 23), *uia nostra* [compl. obj. interno] (LVII,2, lin. 21), *grande* [falta de concordância com *funiculum*] (LX,1, lin. 2), *que* [acus. masc.] (XXXV,1, lin. 8), etc.

e) Do mesmo modo, a omissão de *-m* final dá a impressão de que algumas preposições, que normalmente «regem» acusativo, passaram a ser construídas com ablativo: *per dispensatione* (XXXIX,1, lin. 2-3), *secundum Dei timore* (XLII,3, lin. 4), *ante conspectu* (LVI,3, lin. 32), *ad confirmatione* (LVII,3, lin. 13), *per nocte* (LX,1, lin. 2), etc.

f) Caso semelhante ao da tendência para o acrescentamento de um *-m* final (cf. b) é a nasalização indevida no interior de várias formas: *contigerint* (XIV,4, lin. 10), *quondam* (XLII,5, lin. 11), *condam* [= *quodam*] (LII,4, lin. 2), *ab hanc* (XLVI,5, lin. 11), *defensa* [= *defessa*] (XLIX,1, lin. 9), etc.

g) Verifica-se também o caso contrário, em que o copista omite o sinal de nasalização indevidamente: *quidam* [= *quendam*] (XXXVI,2, lin. 1), *quedam* (XXXV,5, lin. 1), *reliquimur* (XXXIX, título), *quacumque... uita* [= *quacumque... uitam*] (LXI,1, lin. 5-6).

h) Em XXXIII,13, lin. 1 lemos *Moysen*, em vez da desinência normal *-m*.

i) Notemos ainda que a nasal velar *-gn-* aparece expressa só por *-n*: *sinum* (XXXVI,4, lin. 3), a par da grafia correcta em *lignum* (XXXVII,1, lin. 3).

## 19 — GEMINADAS

a) É muito frequente a omissão das geminadas.

b) Circunstâncias há em que dessa omissão resulta aparentemente uma contracção de vogais: *Arseni* (XII,1, lin. 2) e *fili* (XXXV,1, lin. 7) são genitivos do singular.

c) Simplificação gráfica, em formas como: *elemosinam* (I,3, lin. 5), *sabatorum* (III,6, lin. 2), *eclesia* (III,6, lin. 2), *deterescunt* (XIII,1, lin. 4), etc.

d) Pelo contrário aparecem grafias com geminadas indevidas.

e) Neste género, os mais notórios são os vocativos do tipo: *Anthonii* (XXXII,1, lin. 8), *Macharii* (XXXIII,2, lin. 4), etc.

f) Genitivos como *uicinii* (XLI,7, lin. 7).

g) Confusões de presente com perfeito: *perit* (VII,1, lin. 3).

h) Simples geminação sem razão aparente: *prodeest* (XVIII,3, lin. 6), *Zaccharia* (II,1, lin. 1), *Acillam* (XXVI,2, lin. 1), *mimmam* (LIV,4, lin. 6), *consummabat* (LVII,3, lin. 5), etc.

#### 20 — «SCRIPTIO CONTINVA»

a) A juntar aos numerosos indícios da alta antiguidade do ms. 80 da Academia Real da História de Madrid está o uso frequente da *scriptio continua*.

A exemplos já apontados anteriormente, a outro propósito (cf. 17c,d), juntamos mais alguns. Por vezes a separação das palavras é fácil de fazer: *adextris* (II,2, lin. 5-6), *etiterum* (II,2, lin. 7), *diefestohuti* (II,2, lin. 8), etc.

b) Ocasões há, porém, em que a leitura se torna morosa e mesmo difícil: *etneuinceretur* (III,2, lin. 2), *necuiusq'adsuum* [= ne cui usque ad suum] (XXXV,1, lin. 14).

#### 21 — ABREVIATURAS

a) A escrita visigótica deste manuscrito apresenta, relativamente, poucas abreviaturas.

b) O caso mais difícil é o desdobramento de  $f\bar{r}\bar{r}$ , que talvez possa, em certas ocasiões ler-se  $f\bar{r}s$ : — tal abreviatura parece poder significar *frater* (XXVIII,1, lin. 4), *fratres* (XXVII,2, lin. 9), *fratrem* (XXV,1, lin. 1) e *fratris* (XXVI,2, lin. 3).

c) Além desta, as outras abreviaturas são simples:

d)  $\circ$  (espécie de *o* aberto) para indicar a nasalação:  $D\check{m}$  [= *Deum*] (VII,2, lin. 2),  $tant\check{u}$  (XXII,2, lin. 2),  $quemadmod\check{u}$  (XXVII,2, lin. 8), etc.

e) Quando está sobre maiúscula o sinal de nasalação apresenta dois arcos ligados e contrapostos, como se fosse um S maiúsculo. Este sinal só aparece sobre a palavra do título *IHERONTICH<sup>s</sup>O*.

f) *s* (espécie de *s* minúsculo) que significa *-us*: *gen*<sup>s</sup> [= *genus*] (XXI,2, lin. 2), *sanem*<sup>s</sup> [= *sanemus*] (XXVII,2, lin. 8), etc.

g) *+* (espécie de cruz) no final de palavra significa *-um*: *magn+* (XXVII,2, lin. 8), etc.

h) Raramente *respondit* é abreviado *rs* (XXVI,2, lin. 2-3).

i) Merecem ainda referência as tradicionais abreviaturas dos *nomina sacra*: *Ds* [= *Deus*], *xpō* [= *Christo*], *Ihū* [= *Iesu*], *sr̄hl* [*Israel*].

j) Simplicíssimas de desdobrar são as abreviaturas «por contracção» do tipo: *kme* [= *karissime*] (LV,5, lin. 2), *prsbr* [*presbyter*] (XLI,1, lin. 1), etc.

k) Embora, segundo os manuais de paleografia, sejam fáceis de distinguir os prevérbios *per-*, *pro-*, *prae-*, neste manuscrito fica-se muitas vezes na dúvida qual deles deve ser transcrito.

## 22 — OUTRAS DEFICIÊNCIAS GRÁFICAS

Além das particularidades que procurámos sistematizar, poder-se-ão juntar várias deficiências que só ocasionalmente ocorrem. Apresentamos alguns títulos (9) que poderíamos documentar:

- a) omissão de uma palavra;
- b) esquecimento de uma sílaba;
- c) repetição de palavras;
- d) repetição de sílabas, no geral ao mudar de linha;
- e) confusão de palavras;
- f) erros de concordância;
- g) erros de «regência»;
- h) troca de casos;
- i) troca de pessoas;
- j) certo automatismo nas desinências;
- k) dois erros simultâneos de leitura;
- l) falsas grafias;
- m) erros provocados por ditado (externo ou interno?);
- n) má lição do modelo;
- o) contradições na escrita, por vezes em linhas imediatas.

---

(9) O mais pormenorizado livro que consultámos sobre possíveis erros de copista e sua explicação foi o de L. HAVET, *Manuel de critique verbale appliqué aux textes latins*, Paris, 1911.



## 23 — ASSIMILAÇÃO

São tão variadas as maneiras de escrever prevérbios, como *in-*, *ad-* e as formas em que na escrita normal do latim se faz a assimilação, que remetemos este ponto para as normas da ortografia por nós adoptada (cf. tomo I, pp. 154-155).

Para justificar a demorada atenção que dedicámos ao ms. 80 da Academia Real da História de Madrid diremos que ele apresenta, a partir do fólho 126r, o texto de Pascásio que, apesar dos defeitos de escrita, nos merece mais confiança. Falta-lhe, certamente por descuido do seu modelo, o apotegma 5 do capítulo XIV. O texto de Pascásio termina mutilado no fólho 141v com as palavras *et tertio orasset* do cap. LXII,1, lin. 7-8. Ao longo do nosso estudo frequentemente voltaremos a este manuscrito que pelas suas lições, por vezes mesmo quando erradas, manifesta uma fidelidade ao presumível original, que vem demonstrar claramente a autenticidade da recensão extensa.

2. (= V) — VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA,  
*LATINVS* 4921

A descrição mais completa em elementos codicológicos sobre este manuscrito foi feita pelo cardeal Giovanni Mercati, no seu livro *Codici Latini Pico Grimani Pio e di altra bibliotheca ignota del secolo XVI esistenti nell'Ottoboniana* (...) Vaticano, 1938.

O códice encontra-se já sob o n. 267 numa colecção do século xv (p. 245). Deve depois ter passado por outra biblioteca, onde teve o n. 310 e daí deu entrada no grupo dos códices «teológicos» do cardeal Sirleto, com o n. 223. Esteve ainda na posse do duque de Altemps, ao qual foi comprado em 1612 pelo papa Paulo V para a Biblioteca Vaticana, onde conserva o n. 4921 (p. 89, 113 e 115).

Mas já o bolandista Alberto Poncelet, no *Catalogus Codicum Hagiographicorum Latinorum Bibliothecae Vaticanae*, Bruxellis, 1910, p. 122, fizera deste códice de pequeno formato (220 × 145 mm.) — e que dá como escrito nos séculos xiv-xv — uma descrição sumária. A dificuldade de Poncelet foi toda em identificar os temas do livro. Com efeito, no enunciado do conteúdo das suas 74 folhas, reconhe-

cendo embora que o prefácio do livro é o de Pascásio, não se atreve a dizer que temos aqui um texto mais longo que o publicado por Rosweyodus, e que este deverá ser o texto autêntico de Pascásio. Por isso, na identificação das suas partes, ora remete para o Livro VII (Pascásio), ora para o Livro III (sempre segundo a edição de Rosweyodus), ora fala de narrações com uma recensão diferente da de Pelágio. Poncelet notou vagamente a presença das *Sententiae* traduzidas por S. Martinho, mas não fez uma apreciação exacta da última narração de S. Efrém e parece ter-lhe passado por completo o *Liber secundus (...) contra originem irae*. Da descrição do conteúdo que faremos adiante melhor ressaltarão as deficiências de identificação de A. Poncelet.

Claude W. Barlow, ao editar as *Martini Episcopi Bracarenensis Opera Omnia* (New Haven, 1950) fez também uma sumária descrição deste códice (pp. 21-22). Interessa-nos recordar apenas que Barlow considera o texto de S. Martinho, neste manuscrito, como o mais completo de quantos existem, apesar de lhe faltarem três parágrafos. E acrescenta mesmo que «de um parágrafo ele é o único testemunho, com excepção do texto impresso de Rosweyodus» (p. 22). E logo a seguir recorda que Rosweyodus se serviu da cópia de um manuscrito existente em Toledo. Barlow poderia ser mais exacto se tivesse levado a sua investigação até à Biblioteca do Cabido de Toledo. Com efeito, aí se encontra ainda, com o n. 24-27 o manuscrito do séc. XVI donde foi tirada a cópia para Rosweyodus. Este manuscrito toledano tem todas as *Sententiae* de Martinho, nos ff. 23r-30r, encontrando-se até repetido o n. 93. A este códice da Vaticana fazem também referências C. M. Batlle (1) e M. C. Díaz y Díaz (2).

Dada a importância deste manuscrito para as três obras nele contidas, vamos fazer uma análise pormenorizada do seu conteúdo.

1 — ff. 1r-58r: texto de Pascásio, segundo a recensão extensa do arquétipo *a*. No fol. 1r após o título começa a *capitulatio* até 2v compreendendo 102 capítulos. Acontece, porém, que o copista repetiu, por engano, o n. 90 (escrevendo primeiro LXXXX e depois XC) e no fim repetiu também o n. 100 (escrevendo XCX e depois C). Nesta *capitulatio* (fol. 2v) temos como capítulo 101 (por erro XCX) as *Sete sentenças do abade Moisés* e como capítulo 102 (por erro C) as *Sentenças de Martinho Dumense*. Segue-se imediatamente o pre-

(1) *Contribució...*, pp. 66, 73.

(2) *Index...*, p. 11.

fácio de Pascásio e o texto com divisão e numeração de capítulos. De notar apenas que no capítulo 26 o copista escreveu XXVII, número que repetiu no capítulo seguinte, e que no capítulo 93 vem escrito, por erro, XCIII, mas depois no capítulo 94 repete a numeração (embora errando a ordem dos símbolos) CXIII.

2 — ff. 58r-65r: *Sententiae patrum Aegyptiorum quas de graeco in latinum transtulit Martinus cluniensis (sic) episcopus*. Note-se que na *capitulatio* do ms. 80 da Academia Real da História de Madrid (fol. 126v, sob o n. 102 a palavra *dumiensis* é bem legível, de modo que não se pode duvidar da identidade do tradutor. Sobre o valor do texto de Martinho no códice latino 4921 da Vaticana já conhecemos a opinião laudatória de C. W. Barlow. A nós interessa-nos relevar que nos ff. 64v-65r vem, como última «sentença» o n. 108 de Rosweydu, literalmente, mas que não se lhe seguem, (ao contrário do que fez Rosweydu e, incompreensivelmente, a edição crítica de Barlow), as *Sete sentenças do abade Moisés*, pois essas vêm no final do texto de Pascásio.

3 — ff. 65r-73v: *Liber secundus de uitis patrum contra originem irae*. Temos agora oportunidade de ver, brevemente, em que consistia este «livro». Começa por um breve prefácio: *Iamdudum animis nostris insedit, dilectissimi fratres...* que parece ter sido adaptado para introdução da colectânea que se segue, na sua maioria tirada de Pelágio.

É possível que o prefácio e a antologia fossem organizados por S. Valério de Bierzo. Com efeito, o manuscrito n. 10.007 da Biblioteca Nacional de Madrid inclui o princípio deste texto entre as obras do monge de Bierzo, como se pode verificar no livro de Ramón Fernández Pousa, *San Valerio. Obras. Edición crítica* (Madrid, 1944, pp. 122-129). O mesmo prefácio se encontra, isolado, no ms. 367 da Biblioteca Nacional de Lisboa (Alcobacense n. XV), do séc. XII, ff. 157v-160v, sob a forma longa, de que os manuscritos de Madrid, Academia Real da História 80, o *Vaticanus latinus* 4921 e o *Vaticanus Ottobonianus* 942 conservam apenas a primeira frase. Porém, enquanto nos manuscritos valerianos, o prefácio é precedido do título *Incipit de monachis perfectis*, aqui, tanto no *Vaticanus latinus* 4921 como nos seus pares, o título é *Liber secundus de uitis patrum contra originem irae*. Dado o carácter compilatório de algumas das obras atribuídas a S. Valério — e é possível identificar muitos mais extractos do que R. F. Pousa conseguiu — esta colectânea, colocada depois das «sentenças» traduzidas por Pascásio e por S. Martinho de Dume tomadas

como um todo, pôde ser considerada pelo copista do arquétipo *a* como um «*liber secundus*».

Uma vez que esta obra aparece quatro vezes ao longo do nosso trabalho e nos parece que não tem sido devidamente identificada, vamos indicar o conteúdo do *Liber secundus contra originem irae* tal como ele se encontra no manuscrito latino da Vaticana 4921.

Após o prefácio seguem-se as «sentenças» tiradas literalmente de uma recensão de apotegmas traduzidos por Pelágio — V: 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 36, 39, 40; IV,58; III: 3, 7, 8, 9; V: 26, 33, 34, 35, 37 (no princípio desta sentença termina mutilado o ms. 80 da A. R. H. de Madrid, com as palavras: *iuxta operationem Satanae mulier quaedam*), 41. Esta última sentença de Pelágio, bastante longa, termina no fol. 73r. A partir daqui, sem qualquer prevenção, o compilador passou a servir-se de uma fonte donde tirou dois apotegmas ainda não impressos, pois segue-se imediatamente: I — *Dixit senex patri: Omnis christianus qui Deum timet et cupit habere uitam aeternam, omni uespere et omni mane...* que é paralelo de Pelágio XI,39 e de Pascásio LV,3<sup>a</sup>, sendo o texto grego equivalente o impresso por F. Nau n. 264. Como última sentença temos um longo texto que dividimos em três alíneas: II-<sup>a</sup> — *Item interrogauit beatus Moyses sanctus pater beatum Siluanum dicens: potest per singulos dies homo proficere in timore Dei?...* parecendo-nos toda esta parte um paralelo de Martinho n. 108, e não uma simples adaptação, tendo como vago equivalente grego *Patrologia Graeca* LXV, *Moyses* 18, parte final (col. 289). Os outros equivalentes apontados por Barlow (3) (VII,43,1 e III,206) perdem o seu valor em razão do que diremos sobre a natureza da edição de Roswey-dus — dos Livros III e VII.

<sup>b</sup> — *Haec sunt uerba quae locutus est uir Dei dicens: Quicumque potuerit uerba haec custodire ubicumque positus sit...* são paralelo de Pascásio CI e em parte de João, isto é, livro VI de Roswey-dus — IV: 1, 2, 3, 7, tendo algo de equivalente na *Patr. Graeca* LXV, *Moyses* 14-16, 18 (col. 288).

<sup>c</sup> — *Et si audieris de aliquo qui inique agit dic: Numquid iudex eorum sum?...* é paralelo do final de Martinho n. 108 e em parte do *Appendix* da *Palladii Lausiaca*, XX,10 (col. 380). Não encontramos paralelo grego. III — O ms. lat. 4921 da Vaticana termina nos ff. 73v-

---

(3) *Martini...*, p. 16.

-74r com um pequeno apotegma que tem por título *De beato Ephraem* cujo texto começa: *Cum transisset beatus Ephraem, quaedam meretrix ex amissione alterius coepit ei blandire ut eum deciperet...* que é um lugar paralelo de Pelágio X,21 e da *Vita S. Ephraem Syri (Patrologia Latina LXXIII, cap. VII (col. 323-324), com texto grego equivalente na Patr. Graeca LXV, Ephraem 3 (col. 168). Apenas se deve acrescentar que à tradução do apotegma grego alguém juntou (possivelmente teria sido S. Valério), uma exortação final, que falta também nos outros paralelos latinos, com a qual termina o manuscrito da Vaticana: Haec nos ueneranda sanctorum patrum docent exempla qualiter multiformem in suis letalibus uersutiis formidemus humani generis inimicum; et quomodo nos oporteat indesinenter | fl. 74r | aduersus eum diuinum implorare auxilium. E logo a seguir: Explicit liber de uitis patrum. Não é para nós evidente, dada a apresentação no códice, se este apotegma sobre Santo Efrém faz parte do *Liber secundus* ou se deve considerar-se antes como pequena unidade à parte.*

Tratando-se de um códice já relativamente tardio, possivelmente do século XIV, não haveria que fazer um especial estudo paleográfico, se este não nos desse claros indícios do modelo donde foi copiado. Com efeito, há um bom número de factos que nos deixam supor que este códice depende, directa ou indirectamente, de um modelo visigótico. Apontaremos apenas os principais, relacionando-os com o estudo que fizemos para o sistema de escrita do ms. 80 da Academia Real da História de Madrid (cf. supra pp. 11-23).

4a — Um indício de falsa leitura de *i alto* encontra-se em *locum*, em vez de *iocum* (IX,1, lin. 3), *abbas Salon* [= *abbas Aion*] (XCIII,2, lin. 1).

6a — A confusão do *a* com o arco superior aberto, lendo-o como se fosse *u* deu também origem a vários erros: *urgebat* [= *arguebat*] (XV,2, lin. 3), *illum* (LVIII,4, lin. 5), *nullatenus successerunt* [= *nullatenus accesserunt*] (XCIII,11, lin. 24-25).

8a — Pelo contrário *u* foi escrito como *a* em *ueniendam* (capitulatio LX) e *accipiant* (LXXIX, título).

8g — O característico betacismo deixou também vários rastros de *b* por *u*: *iubatus* (V,1, lin. 18, 39; etc.), *iubat* (LXXXVIII,2, lin. 4), *affecta-beris* (LXXXVIII,6, lin. 1-2).

8h — Daí a permanência de confusões entre o futuro e o que deve ser um perfeito: *cogitabit* (XXIX,3, lin. 8), *uocabit* (XXXIV,4, lin. 3), *properabit* (XXXV,1, lin. 3), *portabit* (XXXV,1, lin. 5), *circabit* (XLII,5, lin. 13).

9a — Igualmente restam vestígios do fenómeno contrário, deixando *u* em vez de *b*: *superuus* (capitulatio XXVIII), *liuerat* (capitulatio XLIII), *siuilemus* (LV,6, lin. 7), *siuli* (LV,6, lin. 8).

9b — Assim encontramos perfeitos aparentes que devem ser futuros: *uideuit* (XXXIV,4, lin. 2), *adgregauit* (LXXXVIII,4, lin. 7).

Noutros casos talvez não possa falar-se directamente de «visigotismos» de cópia, mas não deixarão de nos surpreender algumas coincidências notáveis.

4b — Escreve-se *e* em vez de *i*: *uendicare* (XXI,2, lin. 2-3), *quedam* (XXXIII,15, lin. 1), *animales* (LXXIV,1, lin. 2), *exultantes* (LXXVIII,2, lin. 5), *adepisci* (LXXXIII,2, lin. 4), *detractiones* (XCIII,1, lin. 2).

4c — Substituição de *i* por *e* em hiato: *palleum* (XXIV,4, lin. 3).

4d — Confusão de um presente com um futuro: *perdet* (XXXIII,6, lin. 3).

5a — Em contrapartida continua a escrever-se *i* onde deveria estar *e*: *eliganter* (praef., lin. 13), *qui* [= *que* = *quae*] (XLVII,4, lin. 4,5).

15f — Perda da lábio-velar antes de *o*, a ponto de chegar ao erro de leitura *eo* [= *co* = *quo*] (XXXVII,1, lin. 9).

18f — Confusão de pessoas de tempos, por se escrever uma nasalação indevida: *profiscerentur* (XLIV,3, lin. 16), *contingit* (LVII,3, lin. 5).

18g — Pelo contrário, há também omissão de nasalação no interior de palavras: *mostrabat* [= *monstrabat*] (XLVIII,1, lin. 6), *quedam* (L,1, lin. 1), *sedes* (LXIV,2, lin. 7), *deliquit* (LXXIII,1, lin. 3), *uolutas* (XC,1, lin. 5), *aplius* (XC,1, lin. 11), *eudem* (XCIII,3, lin. 5).

18i — Expressão da nasal velar apenas por *n*: *sinum* [= *signum*] (XXXVI,4, lin. 3).

20 — É sabido que a *scriptio continua* num manuscrito abona a favor da sua antiguidade. O ms. lat. 4921 da Biblioteca Vaticana é recente e não usa este modo de escrita; mas é possível descobrir nele algumas lições erradas, provenientes de má interpretação de *scriptio continua* em um modelo anterior: *quo delacta* [= *quod elata*] (XXXIII,7, lin. 6), *presentiam* [= *praesenti anno*] (XLVII,4, lin. 6-7), *corporali ire* [= *corporali re*] (LVII,2, lin. 26), *potest ibi* [= *potest tibi*] (LXVIII,4, lin. 8), *abbasalon* [= *abbas Aion*] (XCIII,2, lin. 1), etc.

Em alguns casos, tendências observadas no manuscrito de Madrid estão reforçadas no do Vaticano. Indiquemos apenas:

19d — O uso de geminadas indevidas, além de casos semelhantes aos apontados em 19e, 19g, cai aqui no exagero, sobretudo quanto

ao emprego de *ff* e *ss* sem que seja possível descortinar um critério: *perfecta* (capitulatio XXIV), *mortificacione* (capitulatio LXXVI), *fforcioem* (capitulatio LXXXIII), *ffactus* (V,1, lin. 37), *defferri* (VI,2, lin. 3), *confiteretur* (X,4, lin. 28), *confide* (XI,2, lin. 3), *confestim* (XIV,1, lin. 5), etc., *posstponendis* (capitulatio XLIX), *sensus* (capitulatio LXVII), *missit* (II,2, lin. 1), *conuerssacionem* (V,1, lin. 27), *absconso* (V,1, lin. 36), *aduerssus* (IX,3, lin. 2), *dispensauit* (XIX,1, lin. 1), *occassionem* (XXII,2, lin. 3), *scripsit* (XXIII,2, lin. 6), etc.

13d — Maior uso de *c* quando seria de esperar *g*: *castrimargie* (III,7, lin. 3), *necligenciam* (LVII,3, lin. 4).

Pelo contrário há usos no códice hispânico que são contrariados pelo italiano:

3 — O emprego da cedilha sob o *e* para indicar que se trata de ditongo pode dizer-se que desapareceu. Apenas registámos um caso: *quę* [= *quae*] (IX,2, lin. 2).

10b — Agora é normal o uso do *p* epentético entre os grupos consonânticos *mn*, *mt*: *contempni* (capitulatio XXVIII), *sompnii* (IX,1, lin. 2), *calumpniam* (XX,1, lin. 17), *temptatione* (XXI,3, lin. 4), *temptare* (XXV,3, lin. 6), etc.

12b — Embora na escrita do século XIV seja difícil por vezes distinguir *t* de *c*, pode dizer-se que é geral a palatalização de *t* seguido de *i* mais vogal. Temos, pois, sempre *uiciis* (incipit), *capitulacio*, *paciencia* (capitulatio XXIV), etc.

21 — As abreviaturas tornam-se agora norma frequente. É mesmo provável que o copista do manuscrito do Vaticano já utilizasse um modelo em que as abreviaturas fossem largamente empregadas, pois há vários casos de falso desdobraimento: *Dominum* [= *Deum*] (XII,1, lin. 11); *quomodo* [= *quo*] (X,4, lin. 12); *quo* [= *quocumque*] (XXXII,5, lin. 6); *uel* [= *uelut*] (XXXIII,2, lin. 3). Em XXXIX,7, lin. 2 pode até descobrir-se um «visigotismo». O texto diz: *Bene sum*, mas o copista do códice vaticano tem, na primeira palavra, em abreviatura *ūn*, que normalmente se desdobra em *unde*. Provavelmente o primeiro abreviador não tomou em atenção a troca de *u* por *b*.

A hipótese de o copista do século XIV utilizar um modelo que só indirectamente remonta a uma fonte visigótica é sobretudo confirmada pelos numerosos erros de leitura e pela cópia mecânica, talvez desenhada, de palavras sem sentido: *martam* [= *mattam*] (XIV,11, lin. 2), *eius* [= *senis*] (XXI,2, lin. 8), *ieremiam* [= *eremitam*] (XXIII,2, lin. 6-7), *pruducionem* [= *proditionem*] (XXIII,2, lin. 9), *cacimio*

[= *cachino*] (XXIV,1, lin. 11), *me posui* [= *imposui*] (XXXVII,1, lin. 12), *frater cum* [= *super eum*] (XLIII,2, lin. 7), *inmittunt* [= *illi institit*] (LXXII,8, lin. 12-13), etc. O seu trabalho é mais difícil nos nomes próprios, que chega a simplificar: *Siscarum* [= *Sisoium*] (I,1, lin. 2), *Ancillam* [= *Achilam*] (XXVI,2, lin. 1), *Moyses* [= *Motoes*] (XXVIII,1, lin. 1), *Sisoyus* [= *Orsisius*] (XXXI,1, lin. 1).

Deixando de lado muitos outros defeitos do manuscrito latino 4921 do Vaticano, assinalemos só mais a tendência (por culpa própria ou dos seus anteriores modelos) para saltar não apenas palavras, mas expressões e mesmo linhas inteiras. Eis os principais saltos que se poderão conferir no aparato crítico: XXIX,1, lin. 5-7; XXXII,1, lin. 3-4; XL,2, lin. 1-2; LVI,3, lin. 6; LVIII,4, lin. 2-3; LXV,1, lin. 3; LXXI,2, lin. 6; LXXII,2, lin. 3, 4; LXXII,4, lin. 5-6; LXXII,8, lin. 6-8; LXXIII,6, lin. 3-4; LXXIII,8, lin. 4-5; LXXXII,1, lin. 6-7; LXXXVIII,2, lin. 1-2; LXXXVIII,8, lin. 7; XCIII,4, lin. 3-6; XCVI,3, lin. 2-3; XCVI,4, lin. 4-5; XCVI,4, lin. 27; XCVIII,1, lin. 5. Note-se apenas que estas omissões a partir do cap. LXII seriam irreparáveis, pois falta o apoio de Madrid, se de Pascásio tivéssemos apenas o arquétipo *α*. Felizmente que em todos estes casos pudemos valer-nos de testemunhos fidedignos do hiperarquétipo *β*.

Digamos ainda que a este manuscrito faltam, por completo, os apotegmas II,4; XIV,5 e LXXII,7.

Apesar de todas as deficiências que acabamos de apontar, devemos sublinhar a importância incalculável do ms. latino 4921 da Biblioteca Vaticana, pois ele é o único que, além do seu apógrafo de que passamos a falar, conserva quase integral a obra de Pascásio segundo o melhor de todos os arquétipos.

### 3 — VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA, *OTTOBONIANVS LATINVS 942*

Deste manuscrito encontra-se uma completa descrição codicológica, feita por Franca de Marco, no «Institut de Recherche et d'Histoire des Textes» de Paris, a qual indica bibliografia vária a seu propósito. Os elementos essenciais são os seguintes: trata-se de uma cópia, mandada fazer pelo duque João Ângelo de Altemps, do códice Vaticano latino 4921, quando em 1612 vendeu este ao Papa Paulo V. O novo



códice seiscentista é também de pequeno formato (folhas de 270 × 195 mm). A descrição do conteúdo é, porém, muito incompleta.

Mais atentamente observou A. Poncelet, no *Catalogus Codicum Hagiographicorum Latinorum Bibliothecae Vaticanae* (Bruxellis, 1910, pp. 434-435) as matérias nele contidas. O sumário apresentado pelo douto bolandista é muito mais pormenorizado que o que fizera para o *Vaticanus latinus* 4921, do qual, todavia, não parece ter visto que depende o *Ottobonianus latinus* 942.

O conteúdo de ambos os códices é absolutamente idêntico. A sua distribuição é aqui como segue:

1 — ff. 1r-135r: Texto de Pascásio. Poncelet, que não dispunha de elementos suficientes para julgar da natureza desta recensão extensa, faz mais uma vez alusão a partes tiradas do Livro VII (Pascásio), outras semelhantes ao Livro V (Pelágio) e outras importadas do Livro III. E conclui desta vez que o último capítulo, isto é, as *Sete sentenças do abade Moisés*, é todo copiado de Martinho, n. 109. Portanto, diz, «é evidente que este livro é composto de vários livros das *Vitae Patrum*». A edição crítica que nós apresentamos refuta por completo tal opinião.

2 — ff. 135r-155v: *Sententiae* traduzidas por S. Martinho de Dume. Poncelet nota «algumas omissões» (tal como também para o *Vaticanus latinus* 4921 verificara C. W. Barlow (1)), salientando especialmente a falta das *Sete sentenças do abade Moisés*. Nós já sabemos, porém, que esta tradução não é de Martinho, mas sim de Pascásio.

3 — ff. 156r-180r: *Liber secundus de uitis patrum contra originem irae*, cujo conteúdo já por nós foi identificado, incluindo as duas sentenças finais, que ocupam aqui os ff. 178r-180r.

4 — ff. 180r-180v: *De beato Ephraem*, apotegma sobre o qual também já nos pronunciámos ao descrever o *Vaticanus latinus* 4921.

Como recentes referências a este códice, não citadas por Franca de Marco, temos a apontar C. W. Barlow (2), M. C. Díaz y Díaz (3) e C. M. Batlle (4).

Visto que o códice *Ottobonianus latinus* 942 não diz explicitamente que foi copiado do *Vaticanus latinus* 4921, apesar de isso se poder

(1) *Martini...*, p. 22.

(2) *Martini...*, p. 22.

(3) *Index...*, p. 11.

(4) *Contribució...*, pp. 66, 73.

inferir do facto de o duque de Altemps, que vendeu o segundo, ter sido o mesmo que mandou copiar o primeiro «para que não faltasse na sua já tão ilustre biblioteca» — como se lê na portada do manuscrito (fl. 1r), repetindo em grandes letras uma anotação em minúsculos caracteres que se pode ler antes do *Incipit* (fl. 1r bis) — quisemos certificar-nos se o copista de seiscentos tinha diante de si apenas o modelo do século XIV ou se, ao reproduzir o antigo, teria utilizado ao mesmo tempo outro texto de Pascásio. Fizemos para isso o cotejo de ambos os códices. Eis alguns dos resultados apurados, que provam ter o códice do século XVII apenas como modelo o *Vaticanus latinus* 4921:

1 — O texto é no geral idêntico, faltando igualmente por completo apenas os apotegmas II,4; XIV,5 e LXXII,7.

2 — Omite também sistemáticamente as expressões e linhas inteiras que assinalámos faltarem no *Vaticanus latinus* 4921.

3 — Contém erros que provêm de dificuldade de leitura de certas palavras: o título do capítulo XIV encontra-se no modelo distribuído junto da margem, em três linhas, e com abreviaturas, mas é certo estar escrito assim: «Contra filarga/ riam de perfecta ab/renunciacione diuiciarum», ao passo que o novo copista apenas escreveu: *Contra filargirie iram*; no título do capítulo LXXIV, em vez de «De discrecionem», deixou escrito *De distractionem*, apesar de na *capitulatio* inicial ter copiado bem; em III,3, lin. 5 «nescis» foi lido como *scitis*; em V,1, lin. 6 «instrui» passou a *instetit*; em V,2, lin. 1 «Macharius» transformou-se em *Madianus*; em V,2, lin. 4 «maceraret» tornou-se *necaret*, etc., etc.

4 — Várias abreviaturas foram mal desdobradas: escreve *cognoscere* em vez de «cogere» (XLIX,1, lin. 17); «sub arbore grã./ de.» foi escrito *sub arbore gratia Dei* (LVIII,3, lin. 2); «oculos afeos» [= *oculos animalis*] passou a *oculos altiores* (LXXIV,1, lin. 1-2), etc.

5 — O copista seiscentista tenta corrigir-se no próprio texto, deixando passos ininteligíveis. Compare-se este fragmento (XLIX,1, lin. 7-8):

VATIC. LAT. 4921

Tunc exurgens abba Pemen  
uenit ad ostium. Quo non  
aperto audiens eam lacrimari  
iugiter dicit.

VATIC. OTTOB. 942

Quo non aperto audiens abba  
Pemen cum exurgens ad illud  
uenisset eam lacrimari iugiter  
dixit.

E logo a seguir (XLIX,1, lin. 13) enquanto o modelo tem apenas «omnia uiscera mea» o copista hesitou, escrevendo: *omnia uestimenta seu uiscera mea*.

6 — Apesar das correcções de escrita introduzidas pelo copista de uma época humanística já adiantada, subsistiram vestígios dos velhos modelos visigóticos: *iubatus* (V,1, lin. 18, 39), *iubat* (LXXXVIII,2, lin. 4), *affectaberis* (LXXXVIII,6, lin. 1-2), *siuilemus* (LV,6, lin. 7), *siuili* (LV,6, lin. 8), *urgebat* [= *arguebat*] (XV,2, lin. 3), *accipiant* [= *accipiunt*] (LXXIX, título), etc.

Para não alongar mais, diremos apenas que confrontámos todas as «sentenças» em ambos os códices e não encontrámos uma só prova de que o *Vaticanus Ottobonianus latinus* 942 tivesse utilizado outro modelo que não fosse o *Vaticanus latinus* 4921. Sendo assim, o manuscrito do século xvii não tinha jus a ser tomado em conta na nossa edição crítica do texto extenso de Pascásio. O seu valor apenas seria muito apreciável se o seu modelo se tivesse perdido ou se vier a perder.

## II — HIPERARQUÉTIPO $\beta$

Excepto os três manuscritos até agora descritos, que documentam a sobrevivência de um arquétipo  $\alpha$ , todos os outros códices que nos transmitem o texto de Pascásio postulam a existência de um hiperarquétipo  $\beta$ , o qual, como a crítica textual nos demonstrará, representa uma primeira tentativa de melhorar um pouco a redacção primitiva. As provas da existência deste hiperarquétipo serão dadas, portanto, ao tratar-se da demonstração da genealogia dos códices.

Todavia, para a descrição dos manuscritos, importa desde já prevenir que em todos os modelos provenientes do hiperarquétipo  $\beta$  (excepto no arquétipo  $\delta$ ) se omite o título do capítulo VI — *De toleranda penuria* — estando os seus apotegmas, quando seleccionados, inseridos sob o título do capítulo anterior. Sendo assim, mesmo os manuscritos mais completos do hiperarquétipo  $\beta$  passam a transmitir-nos a obra de Pascásio em 100 capítulos (e não em 101), seguindo a *capitulatio*, mesmo quando completa, um número atrasado a partir do capítulo VI. Pelo que nos permite concluir a comparação de  $\gamma$  e  $\delta$ , independentes entre si na reelaboração de  $\beta$ , este hiperarquétipo era inteiramente completo, com os 358 apotegmas de Pascásio.

Outra observação necessária para todos os modelos derivados do hiperarquétipo  $\beta$  diz respeito à ordem dos capítulos XXXIV e XXXV, a qual vem invertida em relação ao arquétipo  $\alpha$ . Temos, portanto:

### ARQUÉTIPO $\alpha$

XXXIV — *Contra spiritum superbiae.*

XXXV — *Quod perfecti nolint facere miracula ne extollantur.*

### HIPERARQUÉTIPO $\beta$

XXXIII — *Quod perfecti quamvis possint tamen nolunt miracula facere ne extollantur.*

XXXIV — *Contra spiritum superbiae.*

Igualmente se deve mencionar que em dois casos a ordem dos apotegmas é ligeiramente diferente.

No capítulo XIV temos:

ARQUÉT. $\alpha$	HIPERARQUÉT. $\beta$
XIV,7	XIII,9: Requisitus quidam ex patribus si...
XIV,8	XIII,7: Aliquando abbatem Arsenium contigit...
XIV,9	XIII,8: Cum quidam rogaret abbatem Agatonem...

No capítulo XCIII a ordem é a seguinte:

ARQUÉT. $\alpha$	HIPERARQUÉT. $\beta$
XCIII,5	XCII,7: Quidam fratres dum linum ex Thebaida...
XCIII,6	XCII,8: Cum quidam ad eundem beatum Arsenium...
XCIII,7	XCII,9: Quotiescumque autem in ecclesia cum aliis...
XCIII,8	XCII,5: Cum ad eundem beatum Arsenium Theophilus...
XCIII,9	XCII,6: Item cum eum uolens archiepiscopus adorare...

Quaisquer outras observações de carácter particular sobre os códices derivados do hiperarquétipo  $\beta$  serão feitas ao descrever-se cada um dos modelos ou manuscritos.

Os exemplares ainda hoje existentes derivados dos modelos  $\gamma$  e  $\delta$ , directa e pròximamente subsidiários de  $\beta$ , ou foram escritos na *Hispania* ou dependem de códices visigóticos, sendo de presumir que são cópia de outros manuscritos também hispânicos. O facto de o subarquétipo  $\epsilon$  ter sido elaborado sobre  $\gamma$  e  $\delta$  (e secundariamente sobre  $\alpha$ ) e de um dos seus derivados mediatos, o ms. de Estugarda, Bibl. Estadual, Theol. Fol. 303 remontar ao século VIII-IX, leva-nos a recuar muito no tempo, para explicarmos suficientemente todas as reelaborações do texto sofridas desde o momento em que foi construído o hiperarquétipo  $\beta$ . Com toda a probabilidade este deve ser obra do século VI-VII.

### III — ARQUÉTIPO $\gamma$

Além das características herdadas do hiperarquétipo  $\beta$ , tem o arquétipo  $\gamma$ , quanto à sua constituição externa, apenas duas inovações seguras: a omissão dos apotegmas LXXVI,5 e LXXXVIII,5. No ms. do Porto, Bibl. Municipal 753 faltam também os nn. XXXIII: 14 e 15. Não podemos, porém, garantir que se trata de uma falta do arquétipo  $\gamma$ , porque o outro manuscrito deste grupo, o de Paris, Bibl. Nac. lat. 2768<sup>A</sup> se encontra truncado entre XXXII,7 e XLI,6.

Quanto à data da sua composição, as considerações feitas a propósito de  $\beta$  e  $\epsilon$ , levam-nos a supor que  $\gamma$  foi elaborado nos princípios do século VII.

#### 4 — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL, FUNDO LATINO 2768<sup>A</sup>

No *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum antiquorum saeculo XVI qui asseruantur in Bibliotheca Nationali Parisiensi* (tomus I, Bruxellis, 1889) os «hagiographi bollandiani» deram-nos (p. 194) uma breve informação sobre este manuscrito, tendo classificado o conteúdo dos ff. 1r-60r de «excerpta ex libris de Vitis Patrum», acrescentando a simples indicação de que se trata de «sententiae seniorum».

Claude W. Barlow ao publicar em 1950 o livro *Martini Episcopi Bracarenensis Opera omnia* (New Haven) deu-nos (pp. 18-19) do *Parisinus latinus 2768<sup>A</sup>* uma descrição mais pormenorizada. Aí menciona já que os ff. 1r-44v contêm uma recensão longa de Pascásio, a começar no meio do capítulo 24 e que nos ff. 49v-60r há «mais selecções de Pascásio». Para o texto de Martinho assinala apenas os ff. 44v-49v e diz que a este manuscrito faltam, de Martinho, os nn. 34 a 54 e tudo depois de 76. Tal descrição, feita por um especialista da obra do Dumense, deixa-nos perplexo, pois, como veremos adiante, o códice contém todo o texto de Martinho (segundo o arquétipo  $\gamma$ ), tanto mais que C. W. Barlow declara que «colacionou o manuscrito em 1936 e também possui *photostats*».

Mas a descrição mais completa deste códice encontra-se no *Catalogue Général des Manuscrits Latins* (Tome III, Paris, 1952) publicado

pela própria Biblioteca Nacional de Paris. Reunindo todos os elementos codicológicos possíveis, alguns dos quais já assinalados pelos estudiosos anteriores, aí se diz que este manuscrito, cuja primeira parte é do século x, saiu provavelmente do «scriptorium de S. Cybard de Angoulême e que no século xv foi entregue a S. Marcial de Limoges, donde passou à Biblioteca Real. Ao descrever (p. 60) os fólhos que interessam ao nosso tema diz que de 1r a 60r contém uma «série de apotegmas dos Padres do Deserto, apresentando numerosas variantes em relação à edição das *Vitae Patrum*, agrupados em capítulos metódicos, numerados com bastante irregularidade de XXV a XXXI e de XLI a LI». E remete para a *Patrologia Latina*, voll. LXXIII-LXXIV, isto é, para a obra de Pascásio e S. Martinho de Dume. Mas os catalogadores de Paris não souberam identificar concretamente o conteúdo do códice a partir dos ff. 49v até 60r.

O interesse deste códice é também apontado por M. C. Díaz y Díaz (1) e por C. M. Batlle (2). Mas Batlle não é inteiramente exacto quando diz que o manuscrito «oferece o texto dos capítulos 24-100», nem quando supõe que ao texto de Pascásio se segue à maneira de apêndice o *Liber secundus... contra originem irae*.

O conhecimento do texto integral de Pascásio dá-nos possibilidade de identificar, na parte que nos toca, todo o conteúdo transmitido pelo *Parisinus latinus* 2768<sup>A</sup>. Advirtamos que os títulos dos capítulos, em maiúscula, são no geral seguidos do número (com uma unidade em atraso, como já dissemos), mas que há vários casos em que falta a numeração, outros em que o mesmo número é repetido seguindo depois a numeração com duas unidades de atraso, vindo mais tarde a acertar os números de acordo com o seu modelo primitivo. Note-se ainda que o fl. 40r-40v, apesar de numerado, foi cortado em cima e em baixo, de modo que está reduzido a uma tira central, a qual não foi utilizada pelo copista. Acontece, porém, que depois de ter passado de 39v para 41r o copista, que estava então transcrevendo o apotegma XCIII,2, logo na segunda linha de 41r cometeu uma omissão de texto que foi reparada por um revisor, o qual escreveu as seis linhas que faltavam no mutilado fl. 40v.

Este códice apresenta uma particularidade que torna muito difícil (senão impossível) a sequência da leitura: inesperadamente, no meio

(1) Cf. *Index...*, p. 11.

(2) *Contribució...*, pp. 69, 73.

de uma narração e mesmo a meio da linha, salta para o meio de um apotegma muito distante, continuando a nova transcrição sem qualquer aviso. Resulta daqui uma autêntica baralhada de texto para a qual não encontramos explicação segura. Talvez que o copista utilizasse cadernos à medida que lhos fossem emprestando. Para a falta do texto de XXXII,7 (*explicit*) a XLI,6 (*incipit*) teremos de supor que ou não lhe foi fornecido este caderno ou esse texto estaria incluído entre o que nos falta a princípio, dado que o manuscrito começa mutilado. Em qualquer caso, parece-nos discutível a nota com que abre o fl. 1r: *De hoc autem loco XV sententiae desunt*, pois que, na realidade, falta muito mais ao manuscrito. Para mais fácil reconstituição do texto, antes da identificação do conteúdo dos fólhos, colocaremos um número a indicar a ordem que deve ser tida em conta para se compreender a sequência das traduções de Pascásio e de Martinho.

1 — Faltam os fólhos que deveriam ter a *capitulatio*, o *prefácio* e o texto desde I,1 a XXV,3 até: *Bene te fecerunt, cinerate, nigricore*.

2 — ff. 1r-7r, lin. 10: (como é natural, nesta descrição do manuscrito, referimo-nos às linhas de cada fólho): final de XXV,3 — *utinam (post correctionem) [= cum enim] non esses homo quare egressus [= ingressus] es inter homines*. Segue-se XXV,4 e logo vêm o número XXV [= 26] e o título do capítulo, continuando todo o texto de Pascásio até XXXII,7: *cella autem [= enim] tua omnia te potest instruere si ibi per-*.

3 — Falta o texto do resto de XXXII,7 até XLI,6 quase ao fim: *Tulerunt homines a me iudicium meum et non*.

4 — ff. 7r, lin. 10-12r, lin. 9: *illud [= illum mihi] permittunt dicit Dominus*: final de XLI,6 e continua o texto até XLV,2: *Explana nobis opus*.

6 — ff. 12r, lin. 10-23r, lin. 6: *uenerunt desiderans mater eorum videre eos...* que é quase ao princípio de XLIX,1 até final de LVII,4.

— ff. 23r, lin. 6-23v: *De definitione poenitentiae, excerptum de collatione abbatis Pinupii*, que o *Catalogue* de Paris identifica como um extracto de Cassiano, *Conlatio XX, c. 4* (C.S.E.L. XII,558 sqq.).

7 — ff. 24r-42v, lin. 9: capítulo LVIII e todo o texto seguinte de Pascásio (com excepção de LXXVI,5 e de LXXXVIII,5) até quase ao meio da longa narração de XCIII,11: *illi uero nec a me aliquid requirerent nec ad alios propinquarent*.



10 — ff. 42v, lin. 9-44v, lin. 10: *transgressus* [= *transgrediens*]. *Et sicut arbor fructum afferre non potest...* — meio de XCVII,1 até ao fim do texto de Pascásio, isto é, até final das *Sete sentenças do abade Moisés*. Mas Pascásio há-de aparecer de novo, misturado com S. Martinho de Dume. Passaremos a indicar a ordem do texto de Martinho colocando antes dos fólhos numeração romana.

I — ff. 44v, lin. 11-48v, lin. 13: *Sententiae* de Martinho Dumiense nn. 1-33;

III — ff. 48v, lin. 13-49v, lin. 7: Martinho nn. 54-75, faltando o n. 74;

8 — ff. 49v, lin. 7-51r, lin. 9: continua o texto interrompido de Pascásio XCIII,11. Um revisor escreveu na entrelinha: *Quidam de duobus fratribus*, mas retoma-se logo a caligrafia do copista: *non leuiter admirabar uidens eos tantum in ecclesia...* até XCV,3 quase ao fim: *et qui inuenti fuerint in illa tentatione probati*.

5 — ff. 51r, lin. 9-54r, lin. 8: retoma Pascásio XLV,2, adaptando o revisor a introdução: [*Interrogauit frater senem de opere*] *manuum. Cui senex: Omnia quaecumque...* e segue até XLIX,1 (princípio que faltava no fl. 12r, lin. 10): *Abbas Poemen et abba Nuph* [= *abbas Anub*] *postquam in deserto*.

9 — ff. 54r, lin. 8-55v, lin. 8: continua o final de XCV,3 (*et de nobis et de om.*) *patribus nostris meliores existunt* [= *existent*] e vai até XCVII,1 (ligando assim ao que já estava no fl. 44v, lin. 10): *ita et monachus mortificat fidem de loco in locum*.

Identificado todo o texto de Pascásio, resta concluir a parte do bispo Dumiense.

IV — ff. 55v, lin. 8-57r, lin. 4: Martinho nn. 76-107, faltando os nn. 88 e 95.

II — ff. 57r, lin. 4-59r, lin. 21: Martinho nn. 33 (repetido), 34-53.

V — ff. 59r, lin. 21-60r: Martinho n. 108. A meio desta sentença, no fl. 59v aparece junto do texto *secundum quod docet Paulus apostolus dicens...*, o título despropositado *De sancta doctrina*, mas o texto do n. 108 continua até ao fim do fl. 60r que é também o final de Martinho, como o indica a palavra *explicit*.

O *Catálogo* da Biblioteca de Paris assinala ainda para este códice mais duas páginas com «fragmentos de Vidas dos Padres do Deserto», ff. 166v-167r, e dá elementos que levam à sua fácil identificação. Trata-se, na verdade, de Pelágio V,39 e do Livro III (Rosweyodus) n. 127 ou seja, como veremos, uma versão de Pascásio XXXVII,1.

Dá-se como certo que o texto de Pascásio do *Parisinus latinus* 2768<sup>A</sup> foi escrito no século x em plena Gália. A confirmar as informações colhidas em notas encontradas no manuscrito está ainda o tipo de letra, que é o difundido após a renascença carolínea. Sabe-se que uma das características dos copistas deste período é a normalização da escrita, adaptando-a a uma ortografia que julgavam mais conforme com o latim clássico.

Anotando com prazer que temos um testemunho tão antigo da recensão extensa de Pascásio para lá dos Pirenéus, verificamos que apesar da esperada normalização da escrita, alguns vestígios talvez nos permitam pensar que o seu modelo, directo ou indirecto, era também de ascendência visigótica.

O caso que nos parece mais evidente encontra-se em XLVI,6, lin. 1 em que a palavra *Sceti* (este manuscrito apresenta frequentemente uma geminada final: *Scitii*) é escrita *scicit*, palavra que fica sem sentido na frase. Quem conhece como o *t* minúsculo é desenhado na escrita visigótica (uma espécie de *a* ou quase um  $\sigma$  grego) facilmente pode supor que um leitor desprevenido tomasse o *t* como um *ci* e entendesse a ligatura entre o *t* e o *i* final como um *t*.

Além disso, observamos coincidências com fenómenos fonéticos bem conhecidos dos manuscritos visigóticos. Os números de referência remetem para o estudo feito sobre Madrid, Academia Real da História, 80 (pp. 11-23).

11 — *t* em vez de *d*: *illut* (LXXIII,7, lin. 5);

12a — *d* por *t*: *inquit* (LXXXVI,2, lin. 6), *capud* (LXXXVIII,4, lin. 3, 5), *uelud* (XCIII,11, lin. 9);

16d — aspiração indevida em palavras que um copista carolíneo não deveria confundir: *hac* (XLVI,6, lin. 9), *his* (LXXXI,3, lin. 1), *hactualem* (LXXXI,3, lin. 1), *hab* (XCIII,5, lin. 4), etc.

20 — Embora o processo da *scriptio continua* tenha desaparecido na escritura carolina é possível descortiná-lo (vestígio de um velho modelo?) em XC,1, lin. 1: *Abbateodorus*, tendo o revisor tentado introduzir entre *-at-* um *-s*.

Em contrapartida, há bem típicas confusões da época carolínea:

1 — *ae* em vez de *e*: *Timotheae* (vocativo) em XLI,12, lin. 5; *aeclesia* (XCIII,7, lin. 1);

2 — hipercorreção, escrevendo *t* por *c*: *aspitiens* (LXXVII,3, lin. 5), *fatiem* (XCIII,6, lin. 4).

O manuscrito 2768<sup>A</sup> do fundo latino da Biblioteca Nacional de Paris, apesar dos seus defeitos, não nos deixa dúvida de transmitir uma versão autêntica da recensão longa de Pascásio. O seu mérito é ainda maior se pensarmos que do subarquétipo  $\gamma$  ele é o mais antigo testemunho. Apenas nos não servimos dele para base da nossa edição crítica porque lhe faltam quase 25 capítulos no princípio e ainda o que vai de XXXII,7 (*explicit*) a XLI,6 (*incipit*). Além disso a lição completa deste subarquétipo podemos colhê-la no outro manuscrito que dele nos resta, o da Biblioteca Municipal do Porto 753.

##### 5. (= P)—PORTO, BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL 753

A notícia mais antiga que conhecemos deste códice é a breve referência do *Catálogo da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Índice preparatório do catálogo dos manuscritos* (...) 1.º fascículo, Porto, 1879, p. 38. Aí se aponta, sob interrogação, que o manuscrito, em 8.º, contém a obra de Pascásio, seguida das «sentenças» de S. Martinho de Dume e do *Regimen compositum ad inclitum regem Aragonum* de Arnaldo de Vila Nova.

Mais detida atenção mereceu ele a Mário Martins, na revista *Brotéria* (Outubro de 1950, vol. LI, pp. 295-304) em artigo intitulado *Pascásio Dumiense, tradutor (No XIV centenário de S. Martinho de Dume)*. Este trabalho foi depois incorporado, em reedição, pelo Autor, nos seus *Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956, pp. 213-222). As nossas citações remeterão sempre para a paginação da *Brotéria*.

Após o seu exame, informa M. Martins que se trata «dum códice de pequeno formato, com 121 fls., escrito em letra gótica dos meados do século xv. Encerra ele três obrinhas em latim: as *Vitae Patrum*, traduzidas pelo monge Pascásio de Dume (ff. 1r-48r-*corrige*: 84r); as *Interrogationes et responsiones patrum aegyptiorum quas de graeco in latinum transtulit Martinus Damiensis (sic) episcopus* (...) (ff. 84r-96v-*corrige*: 96r); finalmente vem o *Regimen compositum per magistrum Arnaldum de Villa Noua ad inclitum regem aragonum* (...) (ff. 97v-119v)-*corrige*: 112r) (pp. 298-299). Nos ff. 96r-97r encontra-se um pequeno texto sobre «os últimos sinais da vinda de Jesus». Na descrição do P.º Mário Martins deverão emendar-se os fólhos que indicámos seguidos da palavra *corrige*. Verificámos pessoalmente que após o fl. 112r deve ter havido um corte de fólhos, porque o seguinte tem

o n. CXX, com grafia de difícil leitura. O último fólio escrito, o CXXI, contém no recto uma oração trazida da Hungria pelo infante D. Pedro.

Recolhendo a explícita informação do fl. 97r registou também M. Martins que o livro foi copiado por Afonso Gonçalves, capelão do regente D. Pedro, em 1442, em Coimbra (p. 299). O exame pessoal que também nós fizemos do códice leva-nos a discordar de que seja proveniente «de Santa Cruz de Coimbra» (p. 298). Com efeito, na segunda folha de resguardo, à entrada do códice, lê-se, embora riscada, esta anotação: *Da Livraria do Mosteiro de Santo Tirso*. Porque foram riscadas estas palavras não o podemos nós dizer. Parece-nos, no entanto, que pelo facto de o manuscrito ter sido copiado em Coimbra não é legítimo concluir que tenha pertencido a Santa Cruz.

Examinando um mais recente estudo, o do Doutor António Cruz, Director da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre o «scriptorium» de *Santa Cruz de Coimbra na Cultura Portuguesa da Idade Média* (vol. I, Porto, 1964), não encontramos aí qualquer referência a este códice, que não deixaria de fazer, ou ao tratar da literatura monástica existente em Santa Cruz (p. 161) ou ao apontar longamente o nome dos copistas conhecidos (pp. 87-111), se este manuscrito proviesse realmente do «scriptorium» dos cruzios. Tendo verificado a nosso pedido o códice 753, o Director da Biblioteca Municipal do Porto teve a amabilidade de nos comunicar que, de facto, nada leva a crer que o manuscrito viesse de Santa Cruz. A indicação de que pertenceu ao mosteiro de Santo Tirso deve merecer crédito, podendo o risco passado sobre esta informação significar que talvez o manuscrito tenha passado por outras bibliotecas antes de chegar à do Município do Porto.

Todas as outras observações de M. Martins acerca deste valioso manuscrito encontrarão a sua confirmação e explicação no nosso estudo sobre o texto crítico.

Aludem brevemente ao texto de Pascásio no manuscrito 753 da Biblioteca Municipal do Porto ainda M. C. Díaz y Díaz (1) e C. M. Batlle (2).

---

(1) *Index...*, p. 11. Na p. 8, ao tratar de S. Martinho de Dume, Díaz y Díaz faz a estranha afirmação de que algumas das *Sententiae Patrum Aegyptiorum* se introduziram, neste códice, entre o texto de Pascásio. Não é exacto. O manuscrito do Porto não contém interpolações.

(2) *Contribució...* p. 73. Note-se, porém, que C. M. Batlle situa a obra de Pascásio apenas nos ff. 1-48 (em vez de 1-84). O erro provém certamente da «gralha»

Embora C. W. Barlow no livro *Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia* (New Haven, 1950) nos diga apenas que tem conhecimento de 27 manuscritos com o texto de Pascásio (p. 23) é certo que não conhecia o do Porto, pois não o cita entre os que possuem o texto de Martinho (cf. pp. 17-22). Já no *prefácio* (pp. VII-IX) Barlow prevenira de que não visitou a Espanha nem Portugal, para o seu estudo. E é pena, pois perdeu assim o contacto com quatro manuscritos que têm uma versão longa do texto de Martinho (Toledo, Porto, Seo de Urgel e Salamanca). Além disso evitaria admitir que o manuscrito 454 da Biblioteca Nacional de Lisboa possivelmente tem Pascásio mas não Martinho (p. 23), hipótese que adiante nós rebateremos, e poderia descobrir o fragmento já apontado no ms. 80 da Academia Real da História de Madrid (fl. 149r) cujo parentesco com o *Vaticanus latinus* 4921 parece também ter-lhe passado despercebido.

Por nossa parte acrescentaremos apenas mais que o códice 753 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, no texto de Pascásio, tem o fl. 64 cortado do lado direito, numa largura de 3 a 4 centímetros, o que prejudica a reconstituição de todo o longo apotegma LXXII,8. Faltam-lhe, além disso, os apotegmas XXXIII: 14, 15; LXXVI,5 e LXXXVIII,5.

Apesar de tardio — o copista Afonso Gonçalves diz-nos não só o ano, mas até o tempo gasto no trabalho, de 15 de Outubro a 16 de Novembro de 1442 (fl. 97r) — este manuscrito apresenta muitos indícios de remontar, directa ou indirectamente, a um antigo modelo de escrita visigótica. Apontaremos apenas alguns factos, relacionando-os com a numeração adoptada no estudo sobre o ms. 80 da Academia Real da História de Madrid (pp. 11-23).

«Visigotismos» mais característicos:

4a — falsa interpretação do *i alto*: *dilectione* [= *deiectione*] (XXXIII,7, lin. 3-4), *malum* [= *maius*] (XXXV,5, lin. 6), *lana* [= *iena* = *hyena*] (XLIII,2, lin. 2, 5, 7, 11);

6a — confusão de *a* com arco superior aberto, tomando-o como *u*: *biduanum* [= *biduanam*] (I,3, lin. 2), *eum* (XLIX,2, lin. 9), *quantum* (LIV,4, lin. 9-10), *illum* (LVIII,4, lin. 5), *Dulus* [= *Dulas*] (LXVIII,4, lin. 1), *Gebulonis* (XC,3, lin. 2), *fuerunt* [= *fuerant*] (XCIII,11, lin. 23);

---

tipográfica que já se encontra na primeira divisão que do códice faz M. Martins na *Brotéria* LI (1950) p. 298 e se repete nos *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, p. 217.

8a — pelo contrário, escreve *a* onde devia ficar *u*: *Pelassium* [= *Pelusium*] (V,1, lin. 6), *fragmentum* [l. v. *frugmentum* S = *fructum*] (XXXIII,10, lin. 7), *manda mandis* (XXXIX,6, lin. 2), *susceperant* (LVI,2, lin. 12), *tantam* [= *tantum*] (XCIII,11, lin. 27);

8g — escreve *b* em vez de *u*: *flubium* (LXVIII,1, lin. 3), *interbalis* (LXVIII,1, lin. 4);

8h — o «betacismo» leva à confusão do perfeito com o futuro: *tardabit* (XLVII,4, lin. 4), *implebimus* (LV,3, lin. 3), *conturbabit* (XCVI,4, lin. 17);

9a — em contrapartida em LXXIII,1, lin. 2 lê-se *uiuit* em vez de *bibit*;

17a — note-se a má leitura de *recede*, convertido em *secede* (C,4, lin. 1).

Mantêm-se grafias que um copista do século xv não admitiria se não estivesse influenciado por um modelo em que há factos fonéticos frequentes nos manuscritos visigóticos, embora não sejam exclusivos desta forma de escrita:

5a — *i* em vez de *e*: *eliganur* [= *elegantur*] (praefatio, lin. 13), *simel* [= *semel*] (VI,1, lin. 5), *prouehitur* [= *prouehetur*] (XXXIV,3, lin. 4), *quatinus* (LXXXVI,2, lin. 2-3);

12a — confusão entre dental surda e sonora: *inquit* (XXXI,6, lin. 2);

13b — é evidente que *g* tinha sido palatalizado quando se escreve *Sisogium* [= *Sisoium*] (XXXIX,4, lin. 1), *coniessit* [= *congessit*] (XCIX,2, lin. 7);

16c — omissão de aspiração em formas como *abeat* (capitulatio LXI), *abebat* (LXVIII,1, lin. 4), *Pascasius* (praefatio, lin. 2), *Teodorus* (XIV,5, lin. 1), *Agaton* (XIV,13, lin. 1);

16d — aspiração indevida em nomes comuns: *habundanciam* (IX,1, lin. 2), *hodio* (XX,1, lin. 5), *his* (XLVI,6, lin. 7), *hac* (XLVI,6, lin. 9);

16e — prestígio da aspiração em nomes próprios: *Sathanas* (III,6, lin. 3,4), *Iohannis* (V,1, lin. 1), *Ihesu* (XXXVI,3, lin. 3);

18g — omissão de nasalação em meio de palavra: *descederet* [= *descenderet*] (LIV,4, lin. 2);

20 — manutenção de erros provenientes de «scriptio continua»: *abbas Saion* [= *abbas Aion*] (XCIII,2, lin. 1), *abbas Salonius* [= *abbas Alonius*] (C,2, lin. 1).

Tal como já anotámos para outro manuscrito tardio — o *Vati-*

*canus latinus* 4921 — há grafias que contrariam sistemáticamente os hábitos visigóticos:

10b — epêntese de *p*: *calumpniam* (XX,1, lin. 17), *temptatione* (XXI,3, lin. 4), *contempnentes* (XXV,4, lin. 1), etc.

12b — *ti*- seguido de vogal é grafado *-ci-*: *avaricia* (capitulatio XVIII), *sacietur* (I,4, lin. 3), etc.

13d — *c* em vez de *g*: *castrimargie* (III,7, lin. 3), etc.

Entre os defeitos do copista, por vezes talvez devidos ao seu modelo, estão os saltos de texto, de várias palavras ou mesmo linhas, que facilmente se poderão verificar ao longo da nossa edição crítica. Assinalemos os principais: III,3, lin. 7-8; IV,1, lin. 4-5; VIII,1, lin. 8-9; XXXI,1, lin. 3-4; XXXI,6, lin. 4; XXXIII,11, lin. 6; XLIII,1, lin. 19; LXXI,1, lin. 3; LXXII,4, lin. 5-6; LXXIII,4, lin. 4-5; LXXXII,1, lin. 12-13. Mas não deixe de se anotar também que, sempre que dá pelo erro, o copista (ou o seu revisor) traceja por baixo a sílaba ou palavra a eliminar (cf. códice ff. 8r, 19v, 43r, 47v).

Registemos ainda que dentro do próprio texto há várias palavras substituídas pelo seu sinónimo. É-nos impossível verificar se todas estas glossas são do copista ou dos seus predecessores.

Apesar dos seus defeitos, veremos, ao discutir o texto crítico, que este manuscrito representa um arquétipo que manteve, em muitos pontos, um texto mais puro que os modelos de que trataremos a seguir.

#### IV — ARQUÉTIPO $\delta$

Que os manuscritos do Escorial, Bibl. Most. I.III.13 e de Londres, Mus. Brit. *add.* 30.855 pertencem ao mesmo arquétipo, prova-o suficientemente a análise crítica do seu texto. Não podemos, no entanto, através deste dois códices reconstituir o seu modelo comum: em primeiro lugar, porque ambos estão mutilados na sua parte final; depois porque também ambos adoptaram um critério diferente de selecção dos apotegmas do seu modelo.

O estudo conjunto dos dois manuscritos permite-nos concluir que o elaborador do arquétipo  $\delta$ , talvez por achar demasiado extensa a obra de Pascásio, a dividiu precisamente a meio do seu conteúdo. Construiu uma primeira *capitulatio* com os títulos dos capítulos I a XLIII e em seguida começou nova série na qual foram tomados todos os títulos desde XLIV a CI.

A comparação dos dois códices não nos permite, de facto, saber qual seria o conteúdo exacto do arquétipo  $\delta$ . Assim, até ao cap. X notamos a falta dos nn. I,3; II: 2,3; V,2; X,1. Isto não nos autoriza a concluir que  $\delta$  não os tivesse, uma vez que os copistas (ou os seus antecessores) de ambos os manuscritos existentes tiveram uma nítida preocupação selectiva.

Apesar disso, queremos pôr aqui em relevo a importância destes códices para a reconstituição do conteúdo do hiperarquétipo  $\beta$ . Como vimos, no manuscrito do Porto, Bibl. Munic. 753, faltam os nn. XXXIII: 14, 15; LXXVI,5 e LXXXVIII,5. É muito provável que estas omissões já se verificassem em  $\gamma$ . Podemos, porém, garantir que o hiperarquétipo  $\beta$  possuía estes apotegmas. Com efeito, o ms. do Mus. Brit. *add.* 30.855 que, através de  $\delta$  depende exclusivamente de  $\beta$ , transcreve na «terceira série» os nn. XXXIII: 14 e 15 e na «segunda série» os nn. LXXVI,5 e LXXXVIII,5. Conjugando, pois, os elementos fornecidos por  $\gamma$  e  $\delta$ , estamos seguros de que o hiperarquétipo  $\beta$  se encontrava completo.

Quanto ao lugar de origem do arquétipo  $\delta$  tudo leva a crer que fosse a *Hispania*, pois aqui foram copiados os dois melhores e mais antigos exemplares existentes. Embora seja mais arriscado pronunciarmo-nos sobre a data da sua organização, as reflexões feitas em  $\beta$



e  $\gamma$  são válidas também para  $\delta$ . Por isso, é de supor que este arquétipo tivesse sido composto, o mais tardar, na primeira parte do século VII.

6. (= E) — ESCURIAL, BIBLIOTECA DO MOSTEIRO I.III.13

O P. Guilherme Antolín, no *Catálogo de los Códices Latinos de la Real Biblioteca del Escorial* (vol. II, Madrid, 1911, pp. 463-465) informa-nos de que o códice pergamináceo I.III.13, do século X, em letra minúscula visigótica, procede da biblioteca do Conde-Duque de Olivares. Ao descrever o seu conteúdo assinala justamente para os ff. 58r-134v um *Liber Gerenticon* dividido em duas partes, a segunda mutilada, que manda confrontar com o Livro VII das *Vitae Patrum*, isto é, com a obra de Pascásio. Para os ff. 135r-160r de novo assinala uma série de apotegmas, cujo princípio está também mutilado, e remete muito genéricamente para os Livros V (Pelágio) e VII (Pascásio) das *Vitae Patrum*. Não faz, porém, o douto bibliotecário do Escorial qualquer referência às diferenças de texto entre este códice e a edição de Rosweyodus das *Vitae Patrum* nem distingue na última parte qual a porção de Pascásio.

Mais tarde, no já citado artigo *El nuevo códice visigótico de la Academia de la Historia* (1), o P. Julião Zarco Cuevas faz uma breve alusão ao códice escurialense I.III.13 que considera da mesma família do da Academia da História n. 80 e «também do século IX ou X». E mais adiante transcreve as *capitulationes* deste *Gerenticon* dividido em dois livros, com a intenção de comparar o conjunto dos seus capítulos com a *capitulatio* do de Madrid, concluindo que o do Escorial é «muito mais incompleto e imperfeito». Não sabemos de quem tenha ido mais além, procurando comparar o texto total dos dois manuscritos. Apenas o Dr. Luís Ribeiro Soares observou que o cap. XLVI do «livro segundo» do *Scorialensis* corresponde «ao cap. XCVIII do códice da Academia de História de Madrid» (2). Tal paralelo não é exacto. O aludido cap. XLVI: *Qualis debet esse generalis hominum uita* (fl. 108v) equivale ao cap. XCIX da *capitulatio*

(1) in *Boletín de la Academia de la Historia*, n. 106 (1935), Madrid, pp. 395, 438-442.

(2) L. R. SOARES, *A linhagem cultural de São Martinho de Dume*, Lisboa, 1963, pp. 182-183.

de Madrid, Acad. Hist. 80 (fl. 126rc). Dado que ambos os manuscritos têm o texto incompleto, não é possível, neste ponto, comparar senão as respectivas *capitulationes*.

Dom Justo Pérez de Urbel, que foi abade do mosteiro beneditino do Vale dos Caídos e professor da Universidade de Madrid, apresentou por ocasião do XIV centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península, celebrado em Braga em 1950, uma comunicação sobre «San Martín y el monaquismo» (3) na qual se refere também ao códice do Escorial I.III.13, dando-o como «escrito num mosteiro castelhano por meados do século x». Mas Dom Justo parece não ter sabido distinguir o que neste códice é obra de Pascásio da série de outras obras de edificação contidas no mesmo manuscrito, nem avaliar a natureza do seu texto.

Dom Columba Maria Batlle alude também a este manuscrito, mas surpreende-nos que sempre atribua a Pascásio o conteúdo dos ff. 58r-160r, limitando-se apenas uma vez a insinuar que o texto está retocado aqui e ali por influência de Pelágio (4). Ora de um estudioso da tradução de Pelágio-João seria de esperar a identificação dos apotegmas destes dois autores que se encontram nos ff. 135r-151v e 155v-160r.

C. W. Barlow (5) e M. C. Díaz y Díaz (6) citam também este códice para a reconstituição do texto de Pascásio e Agustín Millares Carlo (7) procura reunir toda a bibliografia a seu respeito.

Atendendo a que o códice do Escorial I.III.13 é um dos que tomámos como base do nosso texto crítico e à natureza especial da sua recensão, vamos fazer aqui uma descrição pormenorizada do seu conteúdo na parte relacionada com Pascásio.

Nos ff. 58r-59r vem o índice do primeiro livro, distribuído em 41 capítulos. Apesar de o nosso texto atender às variantes e omissões deste manuscrito, diremos aqui, todavia, que neste sumário inicial se omitem os títulos dos capítulos II e IV do texto integral e que o título do capítulo XX (= XXII do texto integral) vem no índice, mas é omitido no texto.

Nos ff. 59r-107r segue-se o texto dos apotegmas, mas a sua distribuição não corresponde à que nós editamos. Por isso damos aqui

---

(3) Cf. *Bracara Augusta*, VIII (1957) pp. 50-67.

(4) *Contribució...*, pp. 64, 67, 73.

(5) *Martini...*, pp. 13, 23.

(6) *Index...*, p. 11.

(7) in *Manuscriptos Visigóticos, Notas bibliográficas*, Madrid, 1963, pp. 16-17.

um quadro das equivalências. À esquerda da linha divisória colocamos o número do capítulo deste códice e à sua direita, entre parêntesis, o conteúdo da edição integral abarcado sob este número. Importa ainda informar que o título do capítulo apontado à esquerda da linha corresponde ao do primeiro capítulo (no caso de haver mais que um) inscrito dentro do parêntesis. Os apotegmas omitidos são assinalados por um traço —.

I.III.13 EDIÇÃO INTEGRAL	
I (I: 1, 2, —, 4; II: —, —, —, 4)	XXIII (XXVI: 1, 2, 3, 4)
II (III: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7; falta IV)	XXIV (XXVII: 1, 2)
III (V: 1, —)	XXV (XXVIII: 1, 2, 3)
IV (VI: 1, 2)	(XXVI O copista omite este número)
V (VII: 1, 2)	XXVII (XXIX: 1, 2, 3)
VI (VIII: 1)	XXVIII (XXX,1)
VII (IX: 1, 2, —; X: —, —, 3)	XXIX (XXXI: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7)
VIII (X: 4)	XXX (XXXII: 1, 2, 3, 4, 5, —, —, 8)
IX (XI: 1, 2, 3, 4)	XXXI (XXXIII: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, —, 9, 10, —, —, 13,14, —)
X (XII: 1)	XXXII (XXXV: 1, —, 3, 4, —, —)
XI (XIII: 1)	XXXIII (XXXIV: 1, 2, 3, 4, 5, —, 7)
XII (XIV: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 7, 10, 11, 12, 13)	XXXIV (XXXVI: 1, —, 3, 4)
XIII (XV: 1, 2)	XXXV (XXXVII: 1)
XIV (XVI: 1, 2)	XXXVI (XXXVIII: 1)
XV (XVII: 1)	XXXVII (XXXIX: 1, 2, 3, 4, 5, 6, —, 8, 9)
XVI (XVIII: 1, 2, 3)	XXXVIII (XL: 1, 2)
XVII (XIX: 1, 2)	XXXIX (XLI: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, —, 12)
XVIII (XX: 1)	XL (XLII: 1, 2, 3, 4, 5, 6)
XIX (XXI: 1, 2, 3; XXII: 1, 2, 3)	XLI (XLIII: 1, 2, 3)
XX (XXIII: 1, 2)	
XXI (XXIV: 1, —, 3, 4, 5, —)	
XXII (XXV: 1, 2, 3, 4)	

Nos ff. 107r-108v vêm os capítulos do «livro segundo» de novo a começar de I a XLVI. Mas observe-se que se omitem os títulos equivalentes aos capítulos XLVII, XLVIII, LIII, LX, LXVI, LXIX, LXX, XCI, XCII, XCVIII, C, CI e CII do texto integral e, além disso, que o título do capítulo LXXXVI vem depois do LXXXII e que dos capítulos XCIV e XCV não se escreve o título, mas, deixando as linhas em branco, apenas à margem estão os números equivalentes neste códice, XLII e XLIII.

Segue-se nos ff. 108v-134v a continuação do texto de Pascásio. Aqui deixamos o quadro das equivalências, seguindo o sistema adoptado para a primeira parte.

I.III.13		EDIÇÃO INTEGRAL	
I	(XLIV: 1, 2, 3)	XIII	(LIX: 1; falta LX)
II	(XLV: 1, 2, 3)	XIV	(LXI: 1)
III	(XLVI: 1, 2, —, 4, 5, 6, —, 8; faltam XLVII e XLVIII)	XV	(LXII: 1)
IV	(XLIX: 1, 2, —, 4, —, 6, —)	XVI	(LXIII: 1, 2)
V	(L: —, 2, 3, 4)	XVII	(LXIV: 1, 2)
VI	(LI: 1, 2, 3)	XVIII	(LXV: 1, 2; LXVI: 1)
VII	(LII: 1, 2, 3, 4, 5; falta LIII)	XIX	(LXVII: 1)
VIII	(LIV: 1, 2, —, 4)	XX	(LXVIII: 1, 2, —, 4; faltam LXIX e LXX)
IX	(LV: 1, —, —, 4, 5, 6)	XXI	(LXXI: —, —, —, 4)
X	(LVI: 1, 2, 3)	XXII	(LXXII: —, —, 3, 4, —, —, —, 8)
XI	(LVII: 1, —, 3, —)	XXIII	(LXXIII: 1 (mutilado o manuscrito a meio deste apotegma).
XII	(LVIII: —, —, 3, 4)		

No exame pessoal que fizemos do códice I.III.13 verificámos que em 134v termina um caderno. Embora a numeração dos fólhos continue no caderno seguinte, vários cadernos se devem ter perdido, pois o manuscrito não apresenta mais a continuação do texto de Pascásio anunciada no índice do «livro segundo». Pelo contrário, o que se segue é uma sentença de Pelágio, mutilada também no princípio. Eis a identificação do texto até ao fl. 160r:

ff. 135r-151v: *similiter et senex non neglexit rogare pro ipso...* = Pelágio V,19, sem o princípio. Segue-se logo: Plg. V: 20, 21, 22,

23, 27, 28 (a que falta o princípio, pois começa em: *et narrauit ei dicens quia fuerint in Thebaida...*), 39; VI,15; VII: 5, 12; IX,10; X: 35, 45, 51, 61 (até: *Vade et non sis ultra cum eo*, faltando-lhe o fim), 63, 82, 91, 98; XI,39; XV: 83,85, 89; XVIII,17; João III: 3, 9, 13, 14, 16; Pelágio XVII, 20; V,37; João II,8; Pelágio = III,4.

ff. 152r-155v = Pascásio, texto integral: XLIX, 3; LVII: 2,4.

ff. 155v-160r = João I,15.

As restantes partes do manuscrito não interessam ao nosso tema e parecem suficientemente identificadas no *Catálogo* de Antolín (8).

O exame do texto de Pascásio leva à conclusão de que o copista (ou o seu modelo) não quis dar-nos uma versão integral da obra de que originariamente disporia, pois omitiu capítulos inteiros e dentro de certos capítulos fez uma selecção dos apotegmas. Não podemos descortinar a razão por que teria dividido o texto em dois livros. Só se fosse por lhe parecer demasiado extenso um só livro com a tradução integral de Pascásio... Como veremos, este sistema de divisão em livros aparece ainda reforçado no manuscrito do Museu Britânico, de Londres, *add.* 30.855, e parece característico do arquétipo  $\delta$  de que ambos são representantes quase isolados.

Por outro lado, o copista também não se preocupou em nos transmitir qual o autor ou tradutor da obra copiada. Bem sintomático é, neste aspecto, que tenha sido omitido o *prefácio* de Pascásio dedicado a S. Martinho de Dume. Mas esta deficiência não pode destruir a genuinidade da atribuição, visto que o texto do *Scorialensis I.III.13* é com toda a evidência uma variante do hiperarquétipo  $\beta$ , do qual nos restam muitos manuscritos com o *prefácio* de Pascásio. Para avaliar a natureza antológica deste manuscrito é ainda muito mais expressiva a parte transcrita dos apotegmas traduzidos por Pelágio e João. Só um especialista da tradição manuscrita dos Livros V e VI das *Vitae Patrum* nos poderá dizer se a selecção é arbitrária e se pertence a uma família bem caracterizada. Por nossa parte queremos apenas assinalar que a parte de Pelágio-João que vem a seguir a Pascásio não tem qualquer relação com o *Liber secundus de uitis patrum contra originem irae* que identificámos ao estudar o manuscrito *Vaticanus*

---

(8) GUILLERMO ANTOLÍN, *Catálogo de los códices latinos de la Real Biblioteca del Escorial*, vol. II, Madrid, 1911, pp. 463-465.

*latinus* 4921. A autoridade deste modelo é, pois, tanto em relação a Pascásio como a Pelágio-João bastante secundária. De apreciar, apenas a antiguidade e originalidade do manuscrito *Scorialensis I.III.13*.

Quanto ao aspecto paleográfico, o estudo que fizemos levou-nos à conclusão de que este manuscrito segue aproximadamente o mesmo sistema de escrita que o de Madrid, Academia Real da História 80. Seria apenas alongar este trabalho reproduzir exemplos semelhantes, uma vez que está absolutamente assente que o *Scorialensis I.III.13* é também da época visigótica.

Pena é não poder precisar-se onde teria sido copiado. As breves notas à margem nos ff. 67r («Simeon peccator») e 72r (uma palavra que não conseguimos ler) e um apontamento tardio, em espanhol, no fl. 71r nada adiantam na solução desta incógnita.

Outros elementos sobre a natureza do texto deste códice, inclusive a sua tendência para substituir dentro do texto algumas palavras que parecem mais difíceis por outras que se julgam mais acessíveis, poderão ser apreciadas nas próprias variantes do texto crítico.

7. (= L) — LONDRES, MUSEU BRITÂNICO,  
*ADDITIONES* 30.855

Dentro da tradição manuscrita de Pascásio, este códice tem muitas vezes sido considerado, mas nunca devidamente julgado. Mesmo a nossa análise deixará uma interrogação sobre um pequeno número de «sentenças» que estão misturadas no texto de Pascásio, embora pareça não deverem atribuir-se-lhe.

O *Catalogue of additions to the manuscripts in the British Museum in the years 1876-1881* (Londres, 1882, p. 122) classifica o ms. adicional 30.855 de pequeno volume de 142 fólios em pergaminho, escrito no século XI em caracteres visigóticos. Quanto ao conteúdo indica que possui: 1 — um *Liber Geronticon* em dois livros, nos ff. 3r-94v, embora não idêntico ao Livro VII publicado por Migne na *Patrologia Latina*, isto é, à versão de Pascásio;

2 — A tradução das Sentenças dos Padres do Egipto feita por S. Martinho de Dume, nos ff. 94v-114r (*corrige*: 113r);

3 — «Sentenças dos Padres em dois livros, começando «1. *De uincendo desiderio guile* (sic); *Abbas Zenon dum ambularet in Pales-*

*tin*», desde o fl. 114r, mas termina mutilado. Como vemos, não é identificada esta terceira parte do códice.

D. Marius Férotin, beneditino de Solesmes, na sua *Histoire de l'Abbaye de Silos* (Paris, 1897) ao tratar dos manuscritos visigóticos datados, ocupa-se (pp. 262-264) do actual códice da Biblioteca Nacional de Paris, novas aquisições latinas 2169, em que «um monge do século XIII nele inseriu (fl. 16r) um catálogo de manuscritos de Silos». Lá se encontra, em 8.º lugar um «Paschasio». E mais adiante M. Férotin, ao tratar dos manuscritos de Silos não datados, atribui também (p. 272) ao séc. XI um *Liber Geronticon* que é o actual *Londinensis*, *add.* 30.855.

C. W. Barlow alude também a este códice (1) e dá-nos mesmo (p. 19) uma descrição um pouco mais pormenorizada que a do *Catalogue*, chegando a admitir que os dois livros do *Geronticon* que se encontram nos ff. 3r-94v «são a translação completa dos *Verba Seniorum* por Pascásio, na sua forma longa inédita»; mas não chegou a aperceber-se do autor dos outros dois livros que começam no fl. 113r e terminam abruptamente em 142v, pois classifica-os vagamente de «outra colecção de Sentenças dos Padres do Egipto». O nosso estudo provará que os dois primeiros livros não são a «translação completa» da versão longa de Pascásio e que os dois últimos pretendem ser o complemento do texto pascasiano omitido na primeira parte.

Menção sumária deste códice encontra-se também nos trabalhos de M. C. Díaz y Díaz (2), C. M. Batlle (3) e A. Millares Carlo (4).

Antes de analisarmos o conteúdo pormenorizado do ms. *add.* 30.855 do Museu Britânico, parece-nos útil esclarecer o problema da sua paginação. A primeira numeração dos fólhos parece ser primitiva. O paginador, porém, após ter numerado o fl. 13 escreveu 14 em 13v e daí em diante os fólhos seguem todos numerados com uma unidade a mais. Uma segunda paginação foi feita em Agosto de 1878, segundo se lê no interior da contracapa, passando desde então a ler-se a partir do fl. 14r uma dupla numeração. A primitiva, com algarismos grossos,

(1) *Martini...*, pp. 13, 23.

(2) *Index...*, p. 11.

(3) *Contribució...*, pp. 67, 73.

(4) *Manuscritos visigóticos, Notas bibliográficas*, Madrid, 1963, p. 36.

passa a estar errada, motivo porque seguiremos a numeração certa, em caracteres mais finos. Assim se explica o erro do *Catalogue*, dando como princípio dos dois últimos livros das *Sentenças* não identificadas o fl. 114r.

Poderemos acrescentar ainda que nenhum dos paginadores escrevia os números à medida que ia lendo o texto. Doutro modo, teria anotado que, na quarta série de «sentenças» de Pascásio, ao ler-se o apotegma a que damos o n. XLIV,3, o texto se interrompe abruptamente ao terminar o fl. 136v e que no fólho seguinte, 137r, começa o meio do apotegma XLVI,4. Pelo cálculo que fizemos, o espaço a ocupar pelo que falta de XLIV,3 e de XLVI,4, incluindo o título deste capítulo, deveria corresponder a umas 45 linhas do manuscrito. Como o manuscrito de Londres tem no geral 22 linhas em cada página, concluímos que desapareceu, já de longa data, uma folha entre 136v e 137r. Note-se que os apotegmas entre XLIV,3 e XLVI,4 foram todos incluídos na segunda série e portanto só haverá que ter em conta o texto omisso dos dois números mencionados.

Atendendo a que o ms. da Biblioteca do Escorial I.III.13 e o do Museu Britânico *add.* 30.855 são originários do mesmo arquétipo  $\delta$  (como provará a crítica interna), somos levado a pensar que o seu modelo já teria repartido o longo texto de Pascásio em dois livros, dividindo-o precisamente a meio do trabalho de cópia, isto é, a primeira parte até ao fim do capítulo 43 e o resto numa segunda parte.

Já vimos que o manuscrito do Escorial dá uma selecção bastante extensa do texto completo, separando-o, no entanto, em dois livros. O de Londres dá-nos numa primeira parte (ff. 3r-94v) uma selecção mais curta do texto longo de Pascásio, dividindo-o também em dois livros; depois, numa segunda parte (ff. 113r-142v) procurou completar o texto integral, escrevendo também, dividindo-os igualmente em dois livros, os apotegmas que omitira na primeira parte.

Um enigma subsiste, porém, para a primeira parte do texto de Londres. O copista (ou o seu modelo) juntou três apotegmas que provêm de outra fonte que não o autêntico Pascásio. Na descrição do manuscrito colocaremos estas inovações no seu lugar, repetindo o número do texto integral, seguido da alínea A. Como, porém, nada nos leva a crer na sua autenticidade — nem encontrámos para eles lugares paralelos seguros, gregos ou latinos — resolvemos publicá-los em apêndice à obra de Pascásio (= App.).



Apresentamos a divisão do texto de Pascásio no manuscrito do Museu Britânico *add.* 30.855, seguindo o processo já adoptado para o do Escorial I.III.13.

Na *primeira série* de apotegmas (ff. 3r-45v), tanto na *capitulatio* como no texto, o número dos capítulos corresponde exactamente ao esquema apresentado para o hiperarquétipo  $\beta$ .

<i>add.</i> 30.855	EDIÇÃO INTEGRAL		
I	(I: 1, 2, —, 4)	XXV	(XXV: 1, 2, —, —)
II	(II: 1, —, —, 4)	XXVI	(XXVI: 1, 2, —, 4)
III	(III: 1, 2, —, —, 5, —, —)	XXVII	(XXVII: 1, 2)
IV	(IV: 1)	XXVIII	(XXVIII: —, 2, 3)
V	(V: 1, —)	XXIX	(XXIX: 1, 2, 3)
VI	(VI: —, 1A [= App. 1], 2)	XXX	(XXX: 1)
VII	(VII: 1, —)	XXXI	(XXXI: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7)
VIII	(VIII: 1)	XXXII	(XXXII: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8)
IX	(IX: 1, 2, 3)	XXXIII	(XXXIII: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, —, —, 12, 13, —, —)
X	(X: —, 2, 3, —)	XXXIV	(XXXIV: 1, 2, —, —, —, 6)
XI	(XI: 1, 2, —, —)	XXXV	(XXXV: 1, 2, 3, 4, 5, —, 7)
XII	(XII: 1)	XXXVI	(XXXVI: 1, —, —, 4)
XIII	(XIII: 1)	XXXVII	(XXXVII: 1)
XIV	(XIV: 1, —, —, —, 5, —, 7, —, —, —, —, —, —)	XXXVIII	(XXXVIII: 1)
XV	(XV: 1, —)	XXXIX	(XXXIX: 1, 2, 3, —, —, —, —, —, —)
XVI	(XVI: 1, 2)	XL	(XL: 1, 2)
XVII	(XVII: —, 1A [= App. 3])	XLI	(XLI: 1, 2, —, —, —, —, —, —, —, —, —, —)
XVIII	(XVIII: —, 1A [= App. 4], 2, 3)	XLII	(XLII: 1, 2, 3, —, —, —)
XIX	(XIX: 1, 2)	XLIII	(XLIII: 1, —, —)
XX	(XX: 1)		
XXI	(XXI: 1, 2, 3)		
XXII	(XXII: 1, 2, —)		
XXIII	(XXIII: 1, 2)		
XXIV	(XXIV: —, 2, 3, 4, 5, 6)		

A segunda série (ff. 45v-94v) apresenta a *capitulatio* correspondente à continuação de Pascásio, embora começando de novo a numeração. Eis o quadro das correspondências:

<i>add.</i> 30.855		EDIÇÃO INTEGRAL
I	(XLIV: 1, —, —)	XXIX (LXXII: 1, 2, 3, —, —, 6, 7, —)
II	(XLV: 1, 2, 3)	XXX (LXXIII: 1, 2, 3, 4, 5, 6, —, —)
III	(XLVI: 1, 2, 3, —, —, —, —, —)	XXXI (LXXIV: 1, 2)
IV	(XLVII: 1, —, —, —)	XXXII (LXXV: 1)
V	(XLVIII: 1)	XXXIII (LXXVI: 1, 2, 3, 4, 5)
VI	(XLIX: 1, —, 3, —, —, —, —)	XXXIV (LXXVII: 1, 2, 3)
VII	(L: —, 2, 3, 4)	XXXV (LXXVIII: 1, —, —)
VIII	(LI: 1, 2, —)	XXXVI (LXXIX: 1)
IX	(LII: 1, 2, —, —, —)	XXXVII (LXXX: 1, —)
X	(LIII: —, —, —; LIV: 1)	XXXVIII (LXXXI: 1, 2, 3, 4, 5)
XI	(LIV: —, 2, —, —)	XXXIX (LXXXII: 1)
XII	(LV: 1, 2, 3, —, —, —)	XL (LXXXIII: 1, 2)
XIII	(LVI: 1, —, 3)	XLI (LXXXIV: 1, 2, —)
XIV	(LVII: 1, 2, 3, —)	XLII (LXXXV: 1, 2)
XV	(LVIII: 1, 2, 3, 4)	XLIII (LXXXVI: 1, 2)
XVI	(LIX: 1)	XLIV (LXXXVII: 1, 2)
XVII	(LX: 1)	XLV (LXXXVIII: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9)
XXVIII	(LXI: 1)	XLVI (LXXXIX: 1, 2, 3, —)
XIX	(LXII: 1)	XLVII (XC: 1, —, —)
XX	(LXIII: 1, 2)	XLVIII (XCI: 1)
XXI	(LXIV: 1, —)	XLIX (XCII: 1, 2, —)
XXII	(LXV: 1, 2)	L (XCIII: 1, 2, 3, 4, —, —, —, 8, 9, 10, 11)
XXIII	(LXVI: 1)	LI (XCIV: 1)
XXIV	(LXVII: 1)	LII (XCV: 1, 2, 3)
XXV	(LXVIII: 1, 2, 3, 4)	LIII (XCVI: 1, 2, 3, 4)
XXVI	(LXIX: 1)	LIV (XCVII: 1)
XXVII	(LXX: 1, 2)	LV (XCVIII: 1)
XXVIII	(LXXI: 1, 2, 3, 4)	LVI (XCIX: 1, 2)

Nos ff. 94v a 113r seguem-se as *Sententiae* traduzidas por S. Martinho de Dume.

A terceira série de «sentenças» de Pascásio (ff. 113r-135v) é nitidamente complementar da primeira, embora o total da *capitulatio* e do texto não tenham sido restabelecidos. Vejam-se as equivalências:

I	(III: —, —, 3, 4, —, 6, 7)	XIV	(XXVI: —, —, 3, —)
II	(VI: 1, —)	XV	(XXVIII: 1, —, —)
III	(VII: —, 2)	XVI	(XXXIII: —, —, —, —, —, —, —, —, —, 10, —, —, —, 14, 15)
IV	(X: —, —, —, 4)	XVII	(XXXV: —, —, 3, 4, 5, 6)
V	(XI: —, —, 3, 4)	XVIII	(XXXIV: —, —, —, 4, 5, 6, 7)
VI	(XIV: —, 2)	XIX	(XXXVI: —, 2, 3, —)
VII	(XIV: 3, 4, —, —, —, 8, 9, 10, 11, —, —)	XX	(XXXIX: —, —, —, 4, 5, 6, 7, 8, 9)
VIII	(XV: —, 2)	XXI	(XLI: —, —, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12)
IX	(XVII: 1)	XXII	(XLII: —, —, —, 4, 5, 6)
X	(XVIII: 1, —, —)	XXIII	(XLIII: —, 2, 3)
XI	(XXII: —, —, 3)		
XII	(XXIV: 1, —, —, —, —, —)		
XIII	(XXV: —, —, 3, 4)		

A quarta série de que apenas restam os ff. 135v-142v procurava completar a segunda. As equivalências que possuímos são:

I	(XLIV: —, 2, 3)
II	(XLVI: —, —, —, 4, 5, 6, 7, 8)
III	(XLVII: —, 2, 3, 4)
IV	(XLIX: —, 2, 3, 4, 5, 6, 7)

V (LI: —, —, 3, sentença esta de que só temos cerca da primeira terça parte, pois o códice termina mutilado. Mas pela *capitulatio* desta quarta série (ff. 135v-136r) podemos seguir a equivalência pelo menos dos títulos dos capítulos. No aparato crítico da *capitulatio* geral da nossa edição deixámos as variantes vocabulares. Aqui guardamos apenas a continuação do número da *capitulatio* da quarta série do ms. de Londres (numeração romana) em comparação com a matéria do texto integral de Pascásio (números árabes): VI = 52; VII = 53; VIII = 54; IX = 55; X = 56; XI = 57; XII = 64; XIII = 72; XIV = 73; XV = 78; XVI = 80; XVII = 89; XVIII = 90; XIX = 92: *De quieta uita*; XX (título próprio): *Item capitulum eiusdem*; XXI (título

próprio): *Item capitulum de quiete quod oportet sectur (= sectetur?); XXII = 100.*

Como se poderá reparar, nem na segunda nem na quarta série é anunciado o capítulo 101, ou sejam, as *Sete sentenças do abade Moisés*, nem o capítulo 102, embora das *Sentenças de Martinho* o manuscrito de Londres nos dê um texto quase completo.

A distribuição da obra em quatro séries ou «livros», a variação embora ligeira na *capitulatio*, a inclusão de três apotegmas que não se encontram em nenhum outro manuscrito de Pascásio, a maior liberdade, enfim, na alteração do texto — levam-nos à conclusão de que este manuscrito, embora antigo, não merece tanta confiança como os apresentados até aqui.

Creemos mesmo ser possível provar que o copista (ou o seu modelo) não se serviu de um texto já repartido em quatro séries, mas antes de um texto contínuo. Com efeito, na sua terceira série, ao copiar o apotegma a que damos o n. XXX,5, ao fim, omitiu as quatro últimas palavras e passou à quinta palavra da «sentença» seguinte. Supomos que deve ter saltado uma linha do texto, o que originou a repetição na terceira série de quase todo o n. XXXV,6, já incluído por inteiro na primeira. O mesmo processo de distração parece ser a única explicação para a repetição parcial de XXXIV,4 e total de XXXIV,5 e 7 na terceira série. Do mesmo modo o n. XLIX,3 foi integralmente repetido na quarta série. Tudo isto se explica bem se admitirmos que o copista primeiro seleccionou e depois quis completar-se repetindo a leitura de um texto contínuo, embora dividido em dois «livros».

Outra singularidade do *Londinensis add.* 30.855 é que ele apresenta glossas, à margem do texto, escritas também em latim. Note-se, porém, que o copista ou o revisor não levaram muito longe o seu trabalho de esclarecer o texto à margem, pois as 33 glossas que apresenta encontram-se apenas na primeira parte, entre os ff. 4v-87v. Mas, além destas glossas pròpriamente ditas, temos ainda que atender à substituição de palavras no próprio texto, umas exclusivas deste manuscrito, outras comuns ao seu par *Scorialensis I.III.13*. O interesse que tais glossas poderão ter para os romanistas pode avaliar-se ao ver o carinho que a investigação deste género dedicou, por exemplo, R. Menéndez Pidal, o qual, nas *Orígenes del Español* (5), a par das

---

(5) R. MENÉNDEZ PIDAL, *Orígenes del Español, Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, Madrid, 1950.

«glossas emilianenses» — do ms. de Santo Emiliano, agora na Biblioteca da Academia Real da História de Madrid 60, que adiante mencionaremos — estuda também as «glossas silenses» do manuscrito do Museu Britânico *add.* 30.853, da mesma época e proveniência do que estamos tratando.

Igualmente será interessante notar que ao longo do texto se encontram à margem observações como: *non, nota, nota bene, nota hoc dictum*. Não poderemos dizer se tais observações se destinavam a um futuro copista, se a um leitor particular ou antes àquele que do texto deveria fazer uma leitura pública, talvez no refeitório.

Quanto ao aspecto paleográfico pròpriamente dito, sendo certo, como é, que o códice é visigótico, nele encontramos os mesmos processos de escrita, modificações fonéticas e imperfeições sintácticas, já apontados para o ms. 80 da Academia Real da História de Madrid. Não valerá a pena sequer apresentar exemplos, tão evidente tal facto ressalta logo ao primeiro contacto com o códice.

Atendendo, no entanto, a que se trata de um testemunho bastante antigo e ao representante mais longo do arquétipo  $\delta$  averbámos a sua lição na nossa edição crítica.

8. (Cf. n. 131) — OXFORD, BIBLIOTECA BODLEIANA,  
*CANON. 395*

Quando estudarmos melhor este códice do século xv, proveniente da Itália (n. 131) veremos que o copista dispunha de abundante material de *Apophthegmata Patrum*. Estranho é que no meio de uma selecção do Livro III de Rosweyodus se encontre inserido, na p. 130rb, o n. 1 do cap. VI de Pascásio, nitidamente identificável como proveniente do arquétipo  $\delta$ . De facto o n. VI,1 de Pascásio não só não faz parte do Livro III, mas até se encontra apenas em mais 9 manuscritos (1), todos da recensão extensa. Como teria este fragmento, tirado de

---

(1) Madrid, Acad. Hist. 80; Vaticano lat. 4921; Vaticano Ottob. lat. 942; Escorial, Bibl. Most. I. III. 13; Londres, Mus. Brit. *add.* 30.855; Porto, Bibl. Mun. 753; Seo de Urgel, Bibl. Capit. *anno* 938; Lisboa, Bibl. Nac. 454; e Salamanca, Bibl. Universit. 2537.

um arquétipo de que apenas conhecemos os dois manuscritos dos séculos x e xi acabados de descrever (2), chegado à Itália no século xv? Disporia o copista ou o seu modelo de um códice dependente do arquétipo  $\delta$ ? Nesse caso, porque não haveria de o utilizar mais largamente? — Enigmas para a solução dos quais não dispomos de qualquer elemento.

---

(2) Escorial, I. III. 13 e Londres, Mus. Brit. *add.* 30.855.

## V — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\varepsilon$

A crítica do texto há-de mostrar-nos que a redacção mais próxima da primitiva, à qual se manteve mais fiel o arquétipo  $\alpha$ , bem cedo foi intencionalmente retocada (hiperarquétipo  $\beta$ ). Este, por sua vez, deu origem a duas recensões nitidamente autónomas (arquétipos  $\gamma$  e  $\delta$ ). Pois tudo nos leva a crer que em data ainda muito antiga, talvez na segunda metade do século VII, um copista tenha procurado estabelecer um texto novo, aproveitando as lições que lhe pareceram melhores de manuscritos de  $\gamma$  e  $\delta$ , e recorrendo ainda, em parte, a um modelo de  $\alpha$ : — assim surgiu o subarquétipo contaminado  $\varepsilon$ .

Podemos desde já avançar que foi precisamente esta última redacção, talvez porque se julgava ser a mais perfeita, que veio a servir de modelo, directo ou indirecto, a todos os restantes manuscritos de Pascásio, tanto da forma longa como das outras várias recensões.

A origem hispânica dos melhores manuscritos e os «visigotismos» de escrita que se podem descobrir nas versões dependentes deste modelo levam-nos à conclusão de que também ele foi elaborado na *Hispania*.

Devemos advertir ainda que devido à diferença de séculos na datação de uns códices em relação a outros, a lição dos diversos manuscritos nem sempre é tão uniforme como seria para desejar. Nota-se, em alguns deles, uma certa flutuação no remontar às fontes de  $\alpha$ ,  $\gamma$  e  $\delta$ .

A própria natureza compósita deste subarquétipo explica que, tendo ele aproveitado as lições dos diversos modelos anteriores, apresente um texto de Pascásio completo, quanto à sua organização externa.

### 9. MADRID, ACADEMIA REAL DA HISTÓRIA, *EMILIANENSE* 60

«O manuscrito número 60 do mosteiro de Santo Emiliano (a Oeste da província de Logronho) que hoje pertence à Biblioteca da Academia da História é muito conhecido dos paleógrafos»: — assim começa R. Menéndez Pidal (1) a sua descrição deste códice. Citando sete

---

(1) R. MENÉNDEZ PIDAL, *Orígenes del Español, Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, Madrid, 1950, pp. 1-3.

autores, procura datar o manuscrito. Mas, enquanto G. Loewe «duvida, quanto à sua data, entre os séculos VIII e IX», a maioria dos outros inclina-se para uma datação mais tardia, talvez o final do séc. IX ou mesmo já o século X.

Entre as diversas partes que o códice contém, ao nosso tema apenas importa a primeira, fl. 1r-28r, da qual já R. Menéndez Pidal pensava tratar-se de exemplos da vida ascética, tirados das *Vitae Patrum*.

Foi D. Columba Maria Batlle quem, em 1960 pela primeira vez, na III Semana de Estudos Monásticos (2) identificou parte destes exemplos como tirados da recensão longa de Pascásio. Fazendo de novo uma descrição do pequeno códice (190 × 130 mm), escrito, diz, «possivelmente na região vasco-navarra ou nortenha da península», procurou mesmo identificar, fólho por fólho, de 1r a 28r, todos os apotegmas. Mas D. Columba debateu-se com uma dificuldade enorme, a de não possuir o texto completo da recensão extensa de Pascásio, tendo por isso que recorrer simultâneamente ao texto do *Matritensis* 80 publicado por J. Zarco Cuevas, ao Livro VII de Rosweydu, à segunda parte do Livro III Rosw., à *Vita Taisis*, também publicada por Rosweydu, além das partes que o copista tirou de Pelágio e de S. Martinho de Dume.

Agora que temos o texto crítico da recensão longa, o conteúdo deste manuscrito é mais fácil de identificar, apesar da omissão certa de alguns fólhos e da deslocação de cadernos.

A primeira parte do códice deve considerar-se como uma breve selecção do texto longo de Pascásio, entremeadado com quatro números importados de Pelágio e com dois tirados de S. Martinho.

Vamos identificar o texto por grupos de fólhos, colocando antes o número de ordem que cada grupo deveria ocupar no conjunto do códice.

2) Antes do fl. 1r devem faltar duas folhas, as quais deveriam conter cerca de 60 linhas que são necessárias para completar a parte omitida do apotegma X,4 desde o final do fl. 12v até ao retomar da mesma narração no fl. 1r. Dom C. M. Batlle entreviu esta hipótese, mas, incompreensivelmente, pô-la de parte.

---

(2) Devemos a D. Columba a amabilidade de nos ter emprestado o original da sua comunicação em El Paular. Citamo-la aqui pelo facto de a análise do *Emil.* 60 ser muito mais pormenorizada na comunicação à «Semana» do que na refundição impressa na *Contribució...*, pp. 64, 70, 72-73.



3) ff. 1r-6v: Começa mutilado na parte final de Pascásio X,4 (lin. 38): — *effecti sunt contra me et quod de omnibus peius est...* até final da «sentença», e segue, sem que seja possível ler o título do capítulo, com XVII,1. Depois continua indicando sempre os títulos dos capítulos: XVIII,1; Pelágio V,30; Pascásio XXIX: 1, 3; XXXIII: 12, 13, 14, 15 até: — *cum officio suo et ui* —

1) ff. 7r-12v: A principiar o fl. 7r temos só o título do capítulo XXXV ao qual se seguem imediatamente os capítulos II: 1; Pelágio IV,59; Pasc. V,1; VII,2; X,4 até: — *Permansit autem senex usque in mane et iterum conspi* — (lin. 10-11).

4) Faltam os fólhos que teriam o final de XXXIII,15 e a selecção que o manuscrito possivelmente apresentaria até ao princípio de LXVIII,4.

5) ff. 13r-28r. Deve notar-se que há uma folha não numerada depois do fl. 24v cujo texto na realidade é a continuação do fl. 25v, devendo por isso considerar-se como fl. 25 *bis*. Neste grupo de fólhos temos a continuação de LXVIII,4, a partir de: — *bat eo quod dum pariter ambularem...*, logo seguido de LXIX,1; LXXXI,1; LVII: 1, 2; XCIII,10; LVIII: 3, 4; título de Pascásio XII, mas texto da narração paralela em Pelágio II,7; Pasc. LVII,4; Martinho 9; Pelágio V,39; Martinho 82.

O texto termina realmente no fl. 28r com a frase: *Haec est uia et opus monachi. Munnioni presbyter librum.*

No estudo de C. M. Batlle não percebemos por que no fl. 26v assinala um «Liber secundus» a que não vemos, no manuscrito, a mínima referência, nem cremos que a narração ali começada (Pelágio V,39) tenha algo que ver com o *Liber secundus (...)* *contra originem irae* dos manuscritos do arquétipo *a*. Do mesmo modo podemos assinalar, de facto, glossas «interlineares e marginais» nos ff. 26v-28r, mas não nos parece que elas sejam «hispanas», se pelo termo se quer entender uma espécie de «origens do espanhol». Todas as glossas que conseguimos ler parecem-nos claro latim.

Conhecemos também referências a este manuscrito de A. Franchesa (3) e de A. Millares Carlo (4), procurando este coligir uma bibliografia completa.

(3) Franchesa estuda especialmente as peças litúrgicas in *Hispania Sacra* XII (1959), pp. 423-443.

(4) Cf. *Manuscriptos Visigóticos*, Madrid, 1963, p. 52.

No aspecto paleográfico apresenta as características da escrita visigótica, que estudámos no *Matritensis* 80.

O seu valor reside sobretudo em ser um dos mais antigos testemunhos da recensão longa, a qual nele, a ser do século VIII-IX, já revela um adiantado processo de evolução.

10. (= U)—SEO DE URGEL, ARQUIVO CAPITULAR,  
ANNO 938

A notícia mais antiga que conhecemos sobre este códice é a de Jaime Villanueva (1). O erudito espanhol identificou bem a primeira parte do livro como sendo dos *Diálogos* de S. Gregório Magno, mas não soube ver que este texto termina mutilado no fl. 48v e tomou como III livro dos *Diálogos* a obra «composta de 101 capítulos, o último dos quais tem esta epígrafe: *Interrogationes patrum Aegyptiorum quas de graeco in latinum transtulit Martinus episcopus in monasterio Dumiensi*» (p. 173). Reconhecendo a autenticidade desta peça de S. Martinho, não conseguiu (nem podia) explicar como o final dos *Diálogos* termina aqui (fl. 152r) com um *explicit liber Geronticon*. Da descrição de Villanueva deve, no entanto, aproveitar-se ainda a sugestão de que o facto de o *explicit* mencionar o nome de Abderramen, rei de Córdoba, «indica que o códice se escreveu por ali» (p. 174).

C. W. Barlow (2) pelos elementos que fornece e dúvidas que põe parece não ter conhecido senão a descrição de Villanueva.

L. Ribeiro Soares (3) estudou, por certo, o manuscrito, mas equi-

---

(1) J. VILLANUEVA, *Viaje literário a las iglesias de España*, t. XI, Madrid, 1850, pp. 172-175.

(2) *Martini...*, pp. 14 e 27, nota 13.

(3) L. R. SOARES, *A linhagem cultural de São Martinho de Dume*, Lisboa, 1963, pp. 183-192. O Dr. L. R. Soares pretende demonstrar que o título *Item interrogationes patrum Aegyptiorum quas de graeco in latinum transtulit Martinus episcopus in monasterio Dumiensi* é o primitivo. Como já vimos, a transmissão manuscrita prova que esta redacção é secundária. Além dos códices em que citámos o Dr. Ribeiro Soares, na sua obra menciona ainda os seguintes manuscritos que contêm o texto de Pascásio: Paris, Bibl. Nac. 2768<sup>A</sup>; Londres, Mus. Brit. add. 30.855; Monte Cassino, Bibl. Abadia 50; Bruxelas, Bibl. R. Bélg. 8216-18; Cambridge, Sidney Sussex Colledge 47; Bruxelas, Bibl. R. Bélg. II. 931; Paris, Bibl. Nac. lat. 17623; Bruxelas, Bibl. R. Bélg. 8623-26 e 8372. Não o citaremos no estudo

voca-se ao pensar que ele é exactamente da mesma fonte do de Madrid, Acad. Real da Hist. 80 e do Escorial, Bibl. Most. I.III.13 (p. 183); não examinou suficientemente (p. 189, nota 42) o caso do desdobramento do cap. XCIX-C, que existe só na *capitulatio* (fl. 51r), mas está identificado e reduzido a um só no texto (fl. 137v); supõe, falsamente, que pelo facto de o ms. de Londres, Mus. Brit. *add.* 30.855 ser um século posterior (e não «dois séculos», com diz), apresenta um texto secundário em relação ao de Seo de Urgel (p. 192, nota 44). O *stemma* que apresentamos e a descrição que vamos fazer corrigirão estas deficiências.

Não existe um catálogo impresso dos manuscritos do Cabido de Seo de Urgel. Os elementos codicológicos que damos aqui foram-nos fornecidos pelo actual bibliotecário, cónego Luís Serdá Prat, que prepara uma edição do Catálogo dos Manuscritos de Seo de Urgel. Trata-se de um códice de 237 fólios, de 290 × 215 mm, a duas colunas, com iniciais iluminadas, datado de 938, proveniente talvez do mosteiro urgelense de Codinet, onde teria entrado através de algum moçárabe. No fl. 1r começam mutilados os *Diálogos* de S. Gregório: *duodecim auros uendidit* (PL LXXVII, col. 193), os quais terminam, também mutilados, no fl. 48v: *seruum et roganti uiduae* (*ibid.*, col. 217).

Dos ff. 49r-152r fizemos nós um estudo minucioso (4). Em 49ra começa, mutilado, o *prefácio* de Pascásio: *exoro. Quia sicut in dato mihi codice...* Logo a seguir vem a *capitulatio* (fl. 49ra-51ra), com títulos e numeração iguais ao manuscrito de Salamanca, Bibl. Univ. 2537, até ao n. XCIX: *Non loquendum de Scripturis sanctis nisi interrogatus*. Este título é desdobrado, só neste manuscrito, com o n. C: *De curiositate Scripturarum euitanda*.

Segue-se, nos ff. 51ra-139va o texto de Pascásio. Note-se, porém, que no fl. 107vb, ao lado do n. LVII,4, está uma anotação à margem que não conseguimos ler distintamente, mas deve referir-se a que se trata ali da *Vita Taisis*. Depois do cap. XCVIII (fl. 136va) temos no

---

destes manuscritos porque os elementos que apresenta parece terem sido todos tirados da obra de Barlow, à qual nos referimos sempre.

(4) Apesar dos instantes esforços envidados para alcançar um microfilme do códice, não o conseguimos até ao momento em que escrevemos. Valeu-nos, na emergência, a prestimosa colaboração do Prof. Dr. A. Moreira de Sá, da Faculdade de Letras de Lisboa, que nos emprestou as fotocópias dos fólios em questão e ainda o manuscrito de Toledo, Bibl. Capit. 27-24, com as *Sententiae* de S. Martinho de Dume. Aqui lhe expressamos o nosso reconhecimento.

fl. 137vb, sem numeração, o título *Non loquendum de Scripturis sanctis nisi interrogatus*, começando logo o primeiro apotegma com *Interrogavit frater...* em que o *I* (maiúsculo) é representado por um peixe, pintado, de alto a baixo, no intervalo das duas colunas. O copista verificou depois que este capítulo era afinal o mesmo que desdobrara na *capitulatio* e por isso escreveu, na margem, também o título *De curiositate Scripturarum uitanda*. No fl. 138vb imediatamente após o n. C,7 (da nossa edição) vem uma interpolação, também única dentro deste subarquétipo  $\epsilon$ , das *Sententiae* de Martinho nn. 77, 72, 95, 96, 105, 106 e 107, até ao fl. 139rb onde sob o n. C começam as *Sete sentenças do abade Moisés*, ou seja, o último capítulo de Pascásio (= cap. CI da nossa edição).

Nos ff. 139va-152ra temos, com o n. «CI *Item interrogationes et responsiones (...) quas (...) transtulit Martinus (...)*. Sem entrar em pormenores, diremos que os primeiros quatro números transcritos atrás se encontram aqui repetidos, ao passo que os nn. 105, 106 e 107 faltam aqui.

Terminando o *Geronticon* com o *explicit* do fl. 152rb, este copista omitiu totalmente o *Liber secundus (...) contra originem irae* que ele por certo tinha diante de si num modelo do arquétipo  $\alpha$ .

Quanto à maneira de escrever, o facto de o manuscrito ser em letra minúscula visigótica já deixa entrever que o sistema ortográfico é muito semelhante ao que estudámos no códice de Madrid, Acad. R. Hist. 80. Devemos, no entanto, assinalar duas inovações em relação ao quadro estabelecido:

1) a confusão existente sobre o valor da aspirada (*h*) leva a utilizá-la onde só uma velar surda tem o seu lugar: — o facto verifica-se na grafia repetida de *inimihis* [= *inimicis*] (*capitulatio* XXIII; XIII,1 lin. 3; etc.).

2) a nasal dental de *in* assimila-se à labial seguinte, mesmo quando simples preposição: *im preposito* [= *in proposito*] (*capitulatio* LVII); *im propriam* [= *in propriam*] (XIV,2, lin. 2).

Dados os defeitos do manuscrito de Salamanca, que representa o subarquétipo  $\epsilon$  na nossa edição crítica, é legítimo perguntar por que não preferimos antes este códice de Seo de Urgel. Em primeiro lugar, o de Salamanca, Bibl. Univ. 2537 tem a vantagem de possuir o *incipit* a toda a obra; depois o manuscrito urgelense apresenta sinais de, além de um modelo de  $\epsilon$ , possuir também outro exemplar derivado de  $\alpha$ , pelo que deixa de ser um códice tipicamente  $\epsilon$ ; além disso, o manuscrito de Seo de Urgel comete também muitos erros que lhe são exclusivos.

Entre os defeitos desta cópia assinalemos, sumariamente, erros de leitura, confusão de casos, repetições, inovações só deste manuscrito. Entre os erros provocados por uma falsa leitura de *scriptio continua* registemos só: *quidam erequiritis* [= quid a me requiritis] (XXI,1, lin. 12) e *perdesset* [= perdes et] (LXXIII,2, lin. 8). Como veremos, no manuscrito de Salamanca *enim* encontra-se quase sistematicamente substituído por *etiam*. Trata-se de um falso desdobramento da abreviatura *ei*. Notámos também no manuscrito de Seo de Urgel a presença de um simples *ei* (XXVII,2, lin. 14) quando se exigia *enim*.

Quanto a omissões, há muitas de uma só sílaba e de uma palavra inteira. Os saltos mais notáveis de várias palavras ou linhas são: XXIV,6, lin. 1-2 (*dicebat... iracundiam*); XXV,3, lin. 3-5 (*erat... aliquando*); XXVII,2, lin. 18 (*dicit... senex*); XXXIV,3, lin. 7 (*deducetur... infernum*); XLIX,1, lin. 7-8 (*tunc... ostium*); LVI,2, lin. 7-8 (*in quorundam... lumen*); LVIII,3, lin. 4-6 (*ita et... saluatur*).

Apesar de tudo, devemos confessar que as variantes de U são em menor número que as de S. Colacionando todo o texto, verificámos, porém, que se reproduzíssemos as variantes dos dois manuscritos apenas sobrecarregaríamos o aparato crítico, sem uma única vantagem. Com efeito, a colação de U, que fizemos em último lugar, não nos forneceu uma só boa lição que lhe seja exclusiva.

Do ponto de vista de crítica textual, o manuscrito de Seo de Urgel é claramente copiado de um outro do subarquétipo  $\epsilon$ . Assim o revela a composição externa, a inversão dos capp. XXXIV e XXXV e do número de algumas «sentenças». As variantes típicas de  $\epsilon$  lá se encontram também.

Há, todavia, uma particularidade que não podemos deixar de referir. Além da contaminação com  $\alpha$  implícita em  $\epsilon$ , o manuscrito de Seo de Urgel apresenta iniludíveis sinais de ter novas contaminações de um modelo de  $\alpha$ . Se não errámos o extracto e a conta, são exactamente 50 os casos em que o copista de U parece ter abandonado a lição de  $\epsilon$  para se fiar na de outro modelo que tinha ao lado, derivado de  $\alpha$ . Alguns factos são quase insignificantes e poderiam ser considerados simples coincidências: *demonstrauerunt*  $\alpha$ U: *monstrauerunt* PELSA (I,4, lin. 6); *peruenissent*  $\alpha$ U: *peruenisset* LSC *uenissent* P (II,1, lin. 2); *aliis*  $\alpha$ U: *alios* PELSA (VI,1, lin. 6); etc.

Há, porém, um certo número de palavras em que só uma fonte de  $\alpha$  fornece explicação satisfatória: *sedet*  $\alpha$ U: *transiit* PS (II,2, lin. 7); *delicta*  $\alpha$ U: *peccata* PELSC (XXXIX,8, lin. 3); etc. Atendendo a

*moris postulantium benedictionem*. O sentido de ternura paterna é reforçado pelo diminutivo *fili corpusculo*, já atrás pré-anunciado. A mesma expressão de afecto transparece nas palavras do abade: *Surge, inquit, fili, et egredere*, de tonalidade tão diferente do literalismo seco de João: *dixit ei: Surge, uade foras*. Igual diferença de sensibilidade estilística se nota na frase seguinte. Pascásio: *Defunctum enim esse nesciebat*; João: *Non enim sciebat quia mortuus erat*, transcrição servil de *οὐ γὰρ ᾔδει ὅτι ἀπέθαιε*. Note-se que Pascásio evita *et* no princípio de frase, substituindo-o elegantemente conforme as circunstâncias. É o que se verifica por diversas vezes logo a seguir. Pascásio: *confestimque*; João: *et statim*; Pascásio: *quem cum pater uidisset*; João: *et uidens eum pater eius*; Pascásio: *regressusque in cellam* (o que justifica o acrescento, atrás, de *ingressus cellam*); João: *et intrans*. Em vez da tradução literal servil de João: *et dixit ei causam*, Pascásio interpreta com perfeição o *πρᾶγμα*: *tam causam filii quam luctum cum fide proprium enarrauit*. Note-se o protelar de *proprium*, pois veremos que Pascásio estuda a ordenação das palavras.

A última frase de Pascásio é uma artística elaboração dos três últimos períodos do grego e de João. Além desta nova organização sintáctica e da selecção do vocabulário, anote-se ainda uma tradução *ad sensum* de *οὐ γὰρ ἠθελε τοῦτο γενέσθαι* por *nec enim a se quicquam tale factum uolebat audiri*. Com este expediente Pascásio enriquece a psicologia do abade Sisoio, não pondo a descoberto que ele ignorava o seu poder taumáturgico e preparando o aviso de que o facto não fosse divulgado.

Há ainda pormenores estilísticos que realçam a técnica de Pascásio: o tríplice uso de *quem*, no princípio de frase, como simples pronome de ligação, com valor de *eum*; o uso de ablativos absolutos, resumindo uma situação; a preferência de *nec ... uolebat* em vez do monótono *non* de João; a intencional colocação do verbo no final de membro ou de frase, sobretudo na segunda parte da narrativa.

Lendo agora, lado a lado, por pequenas secções, o trabalho de Pascásio e de João ao traduzirem este apotegma, outros aspectos ainda poderão realçar a superioridade técnica e artística de Pascásio.

Acrescentemos um exemplo menor, onde, a par de qualidades já delineadas, se encontra documentado outro processo que adiante analisaremos.

NAU, 303

Ἄδελφός ἠρώτησε γέροντα λέγων· Ἐὰν ἀδελφός εισάξῃ λόγους ἔξωθεν πρὸς με, θέλεις, ἀββᾶ, εἶπω αὐτῷ ἵνα μὴ μοι φέροι αὐτοῦς; Λέγει αὐτῷ ὁ γέρον· Μή. Καὶ εἶπεν ὁ ἀδελφός· Διατί; Καὶ εἶπεν ὁ γέρον· Καθότι οὐδὲ ἡμεῖς ἠδυνήθημεν τοῦτο φυλάξαι μήποτε λέγοντες τὸν πλησίον μὴ ποιεῖν τοῦτο, εὐρεθῶμεν ἡμεῖς μετὰ ταῦτα ποιῶντες αὐτό. Λέγει ὁ ἀδελφός· Τί οὖν δεῖ ποιεῖν; Λέγει ὁ γέρον· Ἐὰν θέλωμεν τὸ σωπαῖν, ὁ τρόπος ἀρκεῖ τὸ πλησίον.

PASC. LXXXVI,2

Quidam frater requisivit a sene dicens: Si uenerit aliquis frater sermones mihi de foris inferens alienos, iubes ut dicam illi quatenus mihi illos non afferat? Respondit senex: —

————— Nihil dicas illi quia nec nos potuimus obseruare. Cauendum ergo ne forte dicentes proximo «hoc ne facias», nos idem postea faciamus. Cui frater: Quid ergo oportet facere? At senex: Si uoluerimus, inquit, tacere exemplum sufficit proximo.

PLG. XV,59

Frater quidam interrogauit senem dicens. Si quis fratrum adtulerit ad me de foris cogitationes, uis, abba, dicam ei ut non eas afferat ad me? Et respondit ei senex. Noli. Et dixit frater: Quare? Respondit ei senex: Quia nec nos hoc possumus custodire; et ne forte cum dicimus proximo «ne facias illud», inueniamus nos postea idipsum facientes. Et dixit frater: Quid ergo debet fieri? Et respondit ei senex: Si uoluerimus taciturnitatem seruare, sufficit proximo modus ipse.

Aparentemente, ambas as traduções são literais. Examinemos, porém, com cuidado, a segunda parte do apotegma. Mas antes notemos que Pascásio evita a multiplicação de perguntas e respostas na primeira parte, resumindo o conteúdo de duas perguntas numa só resposta.

A introdução de *cauendum ergo* exigido pelo sentido proibitivo da frase dá possibilidade de formar um período mais harmónico, colocando primeiro um particípio e depois o verbo no modo finito. Sobretudo Pascásio teve o cuidado de evitar a sintaxe grega *εὐρεθῶμεν... ποιῶντες* em que Pelágio caiu. Note-se depois (contra Pelágio) a

a dimensão de 35 × 25 cm. cada fólio. Apenas a primeira parte (pp. 2-291) deste longo códice será objecto da nossa análise. A *Bibliotheca Casinensis*, repetindo a opinião de Montfaucon, diz que o começo contém «*collationes SS. Patrum et sententias eorum e graeco translatas per Martinum episcopum Dumensem*» (sic). Mas logo a seguir os monges cassinenses confessam que compararam o seu manuscrito com o Livro VII de Rosweydu, isto é, com a edição de Pascásio, e encontraram grande diferença na ordem das matérias. Por isso, resolveram publicar o título de cada capítulo com o seu *incipit* e o *explicit*.

Ainda que este trabalho seja de apreciar, ele não pode dar ideia do conteúdo total do códice, uma vez que cada capítulo não deve apenas ser considerado como uma unidade, mas com um agregado de apotegmas distintos, agrupados sob o mesmo tema. Daí que nem a *Bibliotheca Casinensis* nem os outros investigadores que apenas nela se fiaram nunca se tenham apercebido da composição real do texto confusamente atribuído a S. Martinho de Dume. É verdade que a própria *Bibliotheca* assinala para a p. 109 o princípio das «Sentenças» de Martinho e nota logo que estas devem estar muito aumentadas com interpolações, pois seguem sem novo título até à p. 291. Ora em toda esta massa, os monges puderam identificar na p. 254 a *Vita S. Marinae* e na p. 258 a *Vita S. Theophili*.

Mais tarde, novamente os monges de Monte Cassino editaram um *Codicum Casinensium manuscriptorum catalogus* (Monte Cassino, 1915) onde dão (pp. 64-65) uma descrição mais resumida do seu códice n. 50. Aqui já se divide expressamente: «1 (pp. 2-109) De sententiis Patrum Aegyptiorum translatio quam e Graeco fieri curavit per Paschasium diaconum Martinus episcopus Dumiensis». E adverte-se também que, sendo o texto muito mais longo que o da edição de Rosweydu, nele estão entremeadas «sentenças» que se encontram nos Livros III e V Rosw.

«2 (pp. 109-291) XCII. Item sententiae patrum quas de graeco in latinum transtulit Martinus Dumiensis episcopus» (...) E acrescentam simplesmente: «Plures Patrum sententiae in cod. ex aliis libris desumptae sunt».

---

speciminibus ad unguem exemplatis aucta, cura et studio Monachorum Ordinis S. Benedicti abbatiae Montis Casini. Tomus secundus. Ex Typographia Casinensi. M DCCC LXXV, pp. 36-42.



C. W. Barlow (2) procurou, como lhe competia, averiguar qual a parte real de Martinho, neste códice. Ao mesmo tempo dá outras informações que poderiam interessar-nos. Segundo Barlow o conteúdo é: «2-109, Os *Verba seniorum* de Pascásio com um texto muito semelhante ao do Museu Britânico *add.* 30.855, mas com os primeiros dois livros combinados num só livro de 92 capítulos» (...); para as «Sentenças» de Martinho, das quais, segundo diz, o códice só transmite 42, assinala as pp. 109-116; «116-254, Mais selecções das *Vitae Patrum* semelhantes ao Museu Britânico *add.* 30.855, ff. 113-fim» (...); «273-291, Mais *Sententiae Patrum*». Como é natural, as palavras de Barlow referentes aos dois grupos transcritos aguçaram a nossa curiosidade. Adiante veremos que as pp. 116-254 não têm nada que ver com o conteúdo já estudado de Museu Britânico *add.* 30.855, ff. 113r-142v e diremos quais as sentenças contidas nas pp. 273-291. Além disso, Barlow, apesar de ter «feito a colação sobre o original em Outubro de 1936» não viu que no capítulo LIII, se encontra o n. 22 de Martinho e que no capítulo LV do texto de Pascásio vêm incluídas mais três sentenças de Martinho, os nn. 31, 33 e 36.

Díaz y Díaz (3) e C. M. Batlle (4) fazem também breves referências à parte de Pascásio neste manuscrito. Recolhamos todavia uma observação de C. M. Batlle na *Contribució a l'estudi de Pascasi de Dumi*: é que ele atribui ao manuscrito uma data possivelmente mais antiga, «dos séculos IX a XI» (p. 64, nota 20).

Dado o carácter vago das descrições dos monges de Monte Cassino e a referência espicaçante de C. W. Barlow, sobretudo acerca do conteúdo das pp. 116-254, examinámos deste manuscrito as pp. 2-291. Começamos por dizer que o códice está numerado por páginas e não por fólhos. Temos fotocópia da p. 2 a qual apresenta na primeira coluna o final da *capitulatio*, principiando: *LXXXVIII De quieta uita* (o que equivale ao n. 92 da *capitulatio* da nossa edição), seguindo-se depois os títulos correspondentes aos nossos 100, 101 e 102 (sendo este último, como é lógico e já observámos atrás, o n. XCII do códice cassinense). Embora a *Bibliotheca Casinensis* e o *Catalogus* de 1915 digam expressamente que ao manuscrito falta o primeiro fólho, todavia ambos insistem (e Barlow confirma) que a *capitulatio* começa com

(2) *Martini...*, p. 20.

(3) *Index...*, p. 11.

(4) *Contribució...*, pp. 64, 67, 73.

o n. XLV. Tentámos obter a página com o n. 1, mas o bibliotecário de Monte Cassino respondeu-nos (a 24-III-1966) que não existindo o primeiro fólio não podia mandar fotografá-lo... Algo nos escapa, portanto, quanto ao princípio da *capitulatio*, mutilada. Em qualquer caso, ficaríamos sempre sem saber qual o título que toda esta série de extractos das *Vitae Patrum* teria no códice.

Façamos em primeiro lugar um resumo do conteúdo das pp. 2-291:

1) pp. 2-109: Uma selecção de apotegmas, divididos em capítulos cujos títulos são tirados da recensão longa de Pascásio, mas sem seguir a sua ordem e sobretudo tendo o texto de Pascásio, a par de omissões, misturado com episódios importados de Pelágio, de João, do Livro III de Rosweyodus e de Martinho. Adiante faremos a identificação completa do conteúdo destas páginas.

2) pp. 109-117: Selecção das *Sententiae* de S. Martinho de Dume, sendo a última completa o n. 106 (da edição de Rosweyodus). Falta o n. 107. A que vem a seguir: *Dixit abbas Ioannes: Ego uolo hominem ex omnibus uirtutibus percipere...* (pp. 115-116) não é o n. 108<sup>a</sup> de Martinho, como Barlow supôs (a ponto de o transcrever totalmente, como variante, no seu texto crítico), mas um lugar que lhe é, em parte, paralelo, isto é, trata-se, literalmente, de uma versão de Pelágio I,8 até p. 116b. Logo a seguir vem então só a segunda parte de Mart. 108 desde: *Inedia escaurum et humilitas* até ao fim, na p. 117b.

3) pp. 117-210: Uma selecção muito salteada de Pelágio-João, sem divisão de capítulos e sem ordem segura. Veja-se o princípio: Pelágio I,1; II,1; III: 2, 3; IV: 8, 27... e depois de ter passado por João volta a Pelágio, sendo a última, pp. 209-210: Pelágio VII,40.

4) pp. 210-213: Da primeira parte do Livro III de Rosweyodus só o n. 26.

5) pp. 213-237: Nova selecção de Pelágio-João.

6) pp. 237-243: Breve selecção da primeira parte do Livro III de Rosweyodus: 15, 31, 32, 34.

7) pp. 243-245: *Vita Taisis*, embora como de costume não haja qualquer título.

8) pp. 245-246 e 246-254: Duas narrações a identificar.

9) pp. 254-258: *Vita Marinae*, já identificada.

10) pp. 258-273: *Vita Theophili*, também anteriormente identificada.

11) pp. 273-291: Antologia da primeira parte do Livro III de Rosweyodus: 4, 10, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 29, 37, 38.

Creemos que o nosso trabalho, embora não exaustivo, esclarece quase todo o texto, até aqui na sombra, das pp. 115-291. Dada a grande quantidade de páginas consagradas a Pelágio-João comunicámos a presença destas selecções no *Casinensis* 50 a D. Columba Maria Batlle, esperando que na sua edição crítica dos Livros V e VI das *Vitae Patrum* se possa pronunciar sobre o seu valor. Quanto às pp. 245-254 julgamos que os «hagiógrafos bolandistas» possuirão índices capazes de identificar as suas narrações.

Após esta breve digressão, voltemos à parte que directamente nos interessa, as pp. 2-109. Terminado o índice, cujo final já classificámos, começa o texto. No quadro que damos a seguir colocamos primeiro o número do capítulo no códice 50 de Monte Cassino e entre parêntesis o seu conteúdo, sendo o título correspondente ao primeiro capítulo de Pascásio colocado dentro do parêntesis. Usaremos as abreviaturas fàcilmente compreensíveis: Pasc. = Pascásio; Plg. = Pelágio; III Rosw. = Livro III das *Vitae Patrum* de Rosweyodus; João (sempre por extenso); Mart. = Martinho.

I	(Pasc. XCVI,1; Plg. XV: 30, 17, 11)
II	(Pasc. XCVII,1)
III	(XLII: 1, 2, 3; Plg. XIV: 3, 5; Pasc. XLII,6; Plg. XIV: 6, 8, 18)
IV	(título de Pasc. XLIII, mas texto de Plg. XIV: 4, 17, 16)
V	(Pasc. XCIII: 1, 2, 3, 4, 8, 9, 5, 7, 10)
VI	(XCIV,1)
VII	(XCV,1)
VIII	(I: 1, 2; Plg. X: 65, 63, 44)
IX	(Pasc. II, 1; Plg. XIII,1; Pasc. II,4)
X	(III: 1, 2, 3; Plg. IV,59; Pasc. III,7)
XI	(IV,1; III Rosw. 6)
XII	(V,2; VI,2)
XIII	(título de Pasc. VII, mas texto de Plg. X: 69, 27)
XIV	(Pasc. VIII,1)
XV	(X,1; IX,3; X: 2, 3)
XVI	(XI: 1, 3)
XVII	(XIII,1)
XVIII	(XIV: 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 7, 10, 12)
XIX	(XV,1; Plg. XVI: 13, 19)
XX	(XVI,1)

XXI	(título de Pasc. XVII, mas texto de Plg. XIII,14)
XXII	(Pasc. XVIII: 1, 2, 3)
XXIII	(XIX: 1, 2)
XXIV	(XX,1)
XXV	(XXI: 1, 2, 3)
XXVI	(XXII: 1, 2, 3)
XXVII	(XXIII: 1, 2)
XXVIII	(título de Pasc. XXIV, seguido de João IV,12; Pasc. XXIV: 2, 3, 5, 6)
XXIX	(XXV,1; Plg. VIII,9; Pasc. XXV: 3, 4)
XXX	(XXVI: 1, 2, 3, 4)
XXXI	(XXVII: 1, 2)
XXXII	(XXVIII: 1, 2, 3)
XXXIII	(XXIX: 1, 3)
XXXIV	(XXX,1)
XXXV	(XXXI: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7)
XXXVI	(XXXII: 1, 3, 4, 5, 6, 7)
XXXVII	(XXXIII: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12; Plg. VIII,10; Pasc. XXXIII,14)
XXXVIII	(XXXV: 1, 2, 3, 4)
XXXIX	(XXXIV: 1, 3, 4, 5, 6, 7; XXXVI,4)
XL	(XXXVI,1; III Rosw. 25; XXXVI,2)
XLI	(XXXVII,1)
XLII	(XXXVIII,1)
XLIII	(XXXIX: 1, 3, 6, 7, 8, 9)
XLIV	(XL: 1, 2)
XLV	(XLI: 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10; Plg. X,14; Pasc. XLI,12)
XLVI	(XLIV: 1, 2; Plg. VI,7)
XLVII	(Pasc. XLVII: 1, 4)
XLVIII	(título de XLVI; texto de XLV,3; XLVI: 1, 2, 5, 8)
XLIX	(XLIX: 1, 3, 5, 6, 7)
L	(L: 2, 3, 4)
LI	(LI: 1, 2; Plg. VII,44)
LII	(LII: 2, 5)
LIII	(LIII,2; Mart. 22)
LIV	(LIV: 2, 3, 4)
LV	(LV: 1, 2; Mart. 31, 33, 36; Plg. X,40; Pasc. LV: 3, 4, 5; João IV,13)
LVI	(LVI,1)

LVII	(LVII: 1, 2 (este com leves contaminações de III Rosw. 217)
LVIII	(LVIII: 1, 2, 3, 4)
LIX	(LIX,1)
LX	(LX,1)
LXI	(LXI,1)
LXII	(LXII,1)
LXIII	(LXIII,1; Plg. XII,6)
LXIV	(título de Pasc. LXIV, mas texto de João II,12; Pasc. LXIV,2)
LXV	(título de Pasc. LXV, mas texto de Plg. IV: 3, 4, 5, 6; Pasc. LXV,1)
LXVI	(título de Pasc. LXVI, mas texto de Plg. XII,9)
LXVII	(Pasc. LXVII,1)
LXVIII	(LXVIII: 1, 2, 4)
LXIX	(título de Pasc. LXIX, mas texto de João III,16)
LXX	(Pasc. LXX,2)
LXXI	(LXXI: 1, 2, 4)
LXXII	(LXXII: 1, 2, 3, 4, 6, 7; Plg. VII,43)
LXXIII	(Pasc. LXXIII: 1, 2, 3; Plg. V,13; Pasc. LXXIII: 5, 7; Plg. XI,15)
LXXIV	(Pasc. LXXIV: 1, 2)
LXXV	(LXXV,1)
LXXVI	(LXXVI: 1, 2, 3)
LXXVII	(LXXVII: 1, 2, 3)
LXXVIII	(LXXVIII,1; XLV,2; LXXVIII,2)
LXXIX	(LXXIX,1)
LXXX	(LXXX,1)
LXXXI	(título de Pasc. LXXXI, mas texto de Plg. XVIII,16; Pasc. LXXXI: 3, 4, 5)
LXXXII	(LXXXIII: 1, 2; LXXXIV: 1, 3)
LXXXIII	(título de Pasc. LXXXV, mas texto de Plg. X,39; Pasc. LXXXV,2)
LXXXIV	(LXXXVI: 1, 2)
LXXXV	(LXXXVII: 1)
LXXXVI	(LXXXVIII,1, mas com o final do paralelo Plg. IV,7; LXXXVII,2; LXXXVIII: 2, 3, 4, 6, 7)
LXXXVII	(título de Pasc. LXXXIX, mas texto de Plg. IV,1; Pasc. LXXXVIII,9; LXXXIX: 2, 3)

LXXXVIII	(XC,1; III Rosw. 22; Pasc. XC,3)
LXXXIX	(XCII,1; XLVI,6; João IV, 32; Pasc. C: 3 (contaminado com o paralelo Plg. XV,24), 5, 6; CI).

Depois desta análise pormenorizada, torna-se evidente que o copista do Monte Cassino, (se este texto é um original), tinha de facto uma recensão longa de Pascásio em seu poder, mas utilizou-a muito livremente, começando pelo cap. XCVI e XCVII, saltando depois para XLII e XLIII, voltando de novo ao fim com os capp. XCIII, XCIV, XCV e só em seguida passou ao princípio do texto de Pascásio, sem no entanto nunca se lhe sujeitar por completo. Na organização dos seus capítulos o copista ora segue o texto de Pascásio, ora o substitui por um seu paralelo, ora o aumenta com extractos de Pelágio, João, III Rosweyodus ou Martinho, ora mistura sob o mesmo título matérias tiradas de capítulos muito distantes em Pascásio. Bem elucidativa deste último ponto é a composição do último capítulo.

Embora a numeração do texto da p. 106 corresponda à da *capitulatio* — LXXXIX —, o copista deveria na primeira coluna da p. 108, antes de *Conuenerunt aliquando patres*, ter escrito o título que na *capitulatio* tem o n. XC, isto é, *Non loquendum de Scripturis sanctis nisi interrogatus*; e na segunda coluna da mesma p. 108, antes ou depois de *Sententiae septem quas locutus est abbas Moyses...* deveria acrescentar o número prometido na *capitulatio* — XCI. Mas apesar desta falta de correspondência entre a *capitulatio* e o texto, o copista acerta a numeração na p. 109 ao começar as *Sententiae* de Martinho com o n. XCII.

Note-se ainda que faltam por completo os títulos e matérias dos cap. XCVIII, XCIX, XII, XLVIII, LXXXII e XCI; e que dos cap. XLIII, VII, XVII, LXVI e LXIX só temos o título mas nada do texto de Pascásio.

Tudo isto nos leva à conclusão de que este manuscrito é fruto de um trabalho muito pessoal, de que não foi feita, que saibamos, qualquer outra cópia. Por isso mesmo, maior é a nossa curiosidade em saber que título teria o copista dado ao seu trabalho, no princípio do infelizmente perdido fl. 1.

A sua autoridade na transmissão do texto de Pascásio é, pois, muito precária. Todavia, por duas vezes adoptámos a sua lição no nosso texto crítico, em LXXV,1, lin. 4 e em LXXXVIII, 4, lin. 7, pois não nos pareceu bem tomarmos para nós a glória de correctores, quando

afinal já pelo século XI, em Monte Cassino, um monge que teria diante de si um modelo visigótico (ou talvez antes de ascendência visigótica) tinha visto que o texto estava levemente corrompido.

É difícil provar que o copista cassinense se deixou influenciar pela escrita visigótica, ao fazer o seu trabalho. O único exemplo seguro que encontramos é *abbas Salon* (XCIII,2, lin. 1) em vez de *abbas Aion*. Com efeito, a escrita beneventana deste manuscrito apresenta-nos frequentemente o *i alto* no princípio das palavras, mas não no meio. Além disso, note-se que há ali também um erro de divisão de palavras (que um seu antecedente visigótico tinha em *scriptio continua*).

A beleza da escritura, o colorido das maiúsculas, o dourado e o desenho da página 2, a par da confecção laboriosa deste códice que foi beber a tão diversas fontes, tudo contribui para considerar o seu copista como um monge suficientemente erudito para eliminar os defeitos fonéticos e morfológicos que afeiam os manuscritos visigóticos.

### 13. GRENOBLE, BIBLIOTECA PÚBLICA 1172

O volume dedicado a Grenoble, do *Catalogue Général des Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France* (t. VII, Paris, 1889) apresenta o códice 1172 como proveniente da Cartuxa e escrito nos princípios do século XII. O seu conteúdo é quase totalmente consagrado às *Vitae Patrum*. Para o nosso estudo importa apenas notar que o *Catalogue* diz que no fl. 96r começam as *Correctiones Patrum*, identificadas como um fragmento do Livro VII de Rosweydyus, ou seja, o cap. XLIV; e que no fl. 98r principia uma outra série de «textos que na sua maior parte se encontram, com variantes e numa outra ordem, no Livro VII de Rosweydyus» (p. 342).

Só conhecemos outra referência à parte que este códice consagra ao Livro VII das *Vitae Patrum*, a de C. M. Batlle (1), o qual afirma que a selecção de Pascásio ocupa apenas os ff. 98r-110r, «com variantes no texto e com inversões de ordem», colocando o manuscrito entre os que transmitem a recensão breve.

Analisemos, pois, o conteúdo do ms. 1172 de Grenoble, desde o fl. 96r a 110r e ver-se-à que nenhuma das descrições é inteiramente exacta.

(1) *Contribució...*, p. 71.

1) ff. 96r-98r: *Incipiunt correctiones patrum*. Segue-se o texto a que Rosweydyus dá o título *De meditationibus duodecim anachoretarum*, colocando-o como cap. XLIV do Livro VII, ou seja, do texto de Pascásio. A nossa edição crítica prova que esta pequena série de pensamentos não pertence ao livro traduzido por Pascásio (cf. tomo I, pp. 28-30).

2) ff. 98r-98v: Sem título do copista medieval, seguem-se as *Sententiae Patrum* publicadas por A. Wilmart (2), faltando apenas o n. 16 e as duas finais, 35 e 36.

3) ff. 98v-107r: Apesar de não haver qualquer título a separar, continua imediatamente uma selecção do texto longo de Pascásio, que adiante identificaremos.

4) ff. 107r-110r: Iguamente sem separação do autor anterior prossegue: João I: 3, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14; Pelágio XVIII,19.

Estes últimos fólhos poderão ter algum interesse para C. M. Batlle, editor de Pelágio-João. A identificação da parte de Pascásio mostrará também que, ao contrário do que Batlle supõe, a selecção, embora seja pequena, é tirada da recensão longa, pois, além da natureza do texto, alguns dos apotegmas transcritos não se encontram na recensão breve nem em nenhuma das duas médias.

A porção de Pascásio reduz-se pois ao seguinte:

— ff. 98vb-107ra: III,1; IV,1; II,3; VIII,1 até: *leuior inpugnatio eius apparuit. Et dixit ei senex*. Incompreensivelmente o apotegma termina logo: *Et non neglegunt; non tamen compellunt; in tua est ergo potestate si suscipias* — palavras estas que são da primeira parte de X,2; XI:3, 4; XIV: 1, 8, 9, 10, 11, 12; XVI: 1, 2; XVIII: 1, 2, 3; XX,1; XXIII: 1, 2; XXVI,2; XXVIII,1; XXXVII,1; XXXIX,6; XLVI,6; XLVIII,1; XLVII: 3, 4; LVII: 1, 2; LVIII: 3, 4; LIX,1; LXI,1; LXXIII: 1, 2, 3; LXXVIII,2; LXXXII,1; XCIII,5.

São ao todo apenas 40 narrativas que o copista tirou do texto de Pascásio e que a crítica textual prova dependerem da recensão longa, subarquétipo  $\epsilon$ .

Dado o escasso interesse deste códice para o nosso trabalho, não julgamos útil levar mais longe, por ora, o seu estudo.

---

(2) A. WILMART, *Le recueil latin des apophtegmes* in *Revue Bénédictine* XXXIV (1922), pp. 196-198.



14. (Cf. n. 108) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 2941*

O Catálogo (1) de 1744 diz apenas que o códice 2941 foi escrito no século XIII e pertenceu a S. Marcial de Limoges. Os Bolandistas (2) acrescentam que nos ff. 66v-83r há excertos dos *Verba Seniorum*. Segundo o mais recente Catálogo da Biblioteca Nacional (3) os ff. 66r-76r contêm passos das *Vitae Patrum*, que atribui a S. Jerónimo, remetendo genêricamente para os Livros III, V, VI e VII de Rosweydyus; os ff. 76v-80r contêm a vida de João Eleemosinário; e os ff. 80r-84r são extractos dos Livros III, V, VI e VII Rosweydyus. Como se vê a identificação é muito vaga. Segundo o Catálogo, esta parte do manuscrito deve ser do século XII.

C. M. Batlle (4) não foi muito mais explícito quando afirmou que dos exemplos que se encontram nos ff. 66v-76r e 80r-84r uns tantos poderão ser de Pascásio.

O nosso exame permite concretizar mais.

1) ff. 66r-66v: o copista confessa que vai fazer uma antologia de diversos livros das *Vitae Patrum* e antepõe-lhe um prólogo (*Meditantibus nobis...*) seguido de um índice de capítulos.

2) ff. 66v-68v: extractos do Livro II de Rosweydyus.

3) ff. 68v-70v: extractos da *Palladii Lausiaca*.

4) ff. 70v-75v: selecção do Livro III de Rosweydyus, do «autêntico Livro III», de Pelágio e a *Vita Marinae*. A seu tempo identificaremos todos os apotegmas (cf. n. 108).

5) ff. 75v-76r: *Incipit uisio mirabilis. Fuit quidam frater eductus e corpore...* que não identificámos.

6) ff. 76v-80r: extractos da Vida de João Eleemosinário.

7) ff. 80r-82r: extractos da série extensa de Pascásio, de João e de Pelágio. A seguir os identificaremos.

8) ff. 82r-84r: duas narrativas que não identificámos — 1) *De illo qui uidit mirabiles uisiones* que parece começar a maio da narração:

(1) *Cat. cod. mss. Bibl. Reg.*, Pars tertia, Tomus primus, Parisiis, 1744, p. 354.

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, t. I, Bruxellis, 1889, p. 225.

(3) Ph. Lauer, Bibliothéque Nationale, *Catalogue général des manuscrits latins*, Tome II, Paris, 1940, pp. 309-313.

(4) *Contribució...*, p. 69.

*illis uero recedentibus...* — 2) *Erat pater familias in regione nostra (?) humbrorum (?) ...*

De momento, importa fixar-nos nos ff. 80r-82r. Temos em primeiro lugar, nos ff. 80r-80v, os apotegmas de Pascásio, segundo o subarquétipo  $\epsilon$ : XXIV: 2, 3, 4, 5, 6; XXV,4; XXVI: 1 e 2.

Nos ff. 80v-81r continua imediatamente João: I,16; IV,7; Pelágio IV,15; João I,17 e Pelágio V,37.

A selecção prossegue nos ff. 81v-82r com Pascásio: X,4 com quatro pormenores importados da versão de III Rosw.; XIV,2 e XLI,12, também segundo o subarquétipo  $\epsilon$ .

Finalmente, ainda no fl. 82r, temos Pelágio VI,21 e IX,6.

Interessante será anotar a presença de algumas grafias que lembram «visigotismos»: *habeo* = ab eo (X,4, lin. 16) e *hobedientem michi* (X,4, lin. 39).

Embora seguramente pertença ao modelo  $\epsilon$ , este manuscrito apresenta pormenores contrários ao seu subarquétipo e várias inovações.

15. (Cf. n. 71) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 2464*

Este manuscrito dos séculos XII-XIII será descrito adiante ao tratar do texto de Pascásio no Livro III editado por Rosweyodus. Importa, no entanto, registar aqui que nos ff. 187r-188r se encontra a narração de Pascásio LVI,3, segundo o subarquétipo  $\epsilon$ , a que se segue a Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4) segundo o mesmo subarquétipo.

16. (= A) — LISBOA, BIBLIOTECA NACIONAL 454

O antigo manuscrito do mosteiro de Alcobaça, n. 283, que actualmente se encontra com o n. 454 na Biblioteca Nacional de Lisboa, tem sido várias vezes descrito e, apesar disso, continua a guardar alguns segredos.

A mais antiga referência que dele conhecemos encontra-se no *Index codicum bibliothecae Alcobatiae* (Olisipone, 1775), *índice* sem nome de autor, que descreve este códice nas pp. 123-126. Recolhamos aqui apenas que o códice é considerado como escrito em letra gótica por Fr. Romão de Alenquer no século xv.

Pelo exame pessoal que fizemos parece-nos que as palavras do pórtico «Fr. Romanus de Alenquer monachus Alcobacensis scripsit», bem como o índice que se encontra no verso da folha 1, foram de facto escritos no século xv, mas nada nos garante que o «scriptor» do códice não seja um monge muito mais antigo. A memória do seu trabalho pode ter perdurado no mosteiro e só tardiamente ter-lhe sido atribuída, por escrito, a cópia, na fachada do códice.

A identificação do conteúdo do manuscrito é neste *Index* bastante insuficiente, sobretudo por não mencionar os autores de cada uma das partes. Por exemplo, assinala como cap. XXIII (fl. 98v) o *De replicatione sermonum a prima conuersione*, sem dizer que é de S. Valério, e considera logo a seguir como cap. XXIV (fl. 140v) o *De oratione*, texto que, como veremos, se encontra já em meio da transcrição que dos *apophthegmata patrum* faz este manuscrito.

Felizmente que, nos últimos anos de funcionamento efectivo do mosteiro de Alcobaça, o erudito Frei Fortunato de S. Boaventura publicou os *Commentariorum de Alcobacensi manuscriptorum bibliotheca libri tres* (Conimbriae, 1827) em que várias vezes se faz referência ao códice 283 do seu mosteiro. De interesse paleográfico é saber que na p. 440 Frei Fortunato considera o membranáceo alcobacense como escrito no final do século xii ou no princípio do século xiii. E com esta datação parece terem-se conformado os estudiosos posteriores.

A partir da p. 458 Frei Fortunato começa a descrever os opúsculos que neste códice se encontram de Valério de Bierzo. Digno de nota que o monge cisterciense tenha identificado a parte que começa *Duo fratres impugnati a fornicationis spiritu* como uma transcrição das *Vitae Patrum* tirada do Livro V, isto é, da tradução de Pelágio. Conclui, portanto, que embora se encontre entre as obras de S. Valério de modo nenhum se lhe deveria atribuir. A observação de Frei Fortunato seria pertinente se S. Valério não tivesse sido também um compilador...

Todavia, este apontamento do erudito português deveria ser tido mais em conta por Ramón Fernández Pousa ao editar as obras de S. Valério (1), a fim de o levar a distinguir claramente o que na obra do monge de Bierzo é trabalho original ou é fruto de colectâneas. A importância do manuscrito 283 de Alcobaça para a reconstrução

---

(1) R. FERNÁNDEZ POUSA, *San Valerio (Nuño Valerio) Obras*. Edición crítica con XIII facsimiles, Madrid, 1944.

da obra de S. Valério já aliás tinha sido posta em relevo por Dom Donatien de Bruyne, no seu artigo *L'héritage littéraire de l'abbé Saint Valère* (2).

Mas Frei Fortunato de S. Boaventura não só não soube localizar o final exacto dos opúsculos atribuídos a S. Valério, como não identificou os *apophthegmata patrum* e vários outros excertos das *Vitae Patrum*.

A mais pormenorizada descrição do conteúdo de todo o manuscrito encontra-se, porém, no *Inventário dos códices alcobacenses* (tomo V, Lisboa, 1932), publicado pela Biblioteca Nacional de Lisboa. Aí nos são dadas (pp. 424-426) as dimensões do pergaminho (455 × 322 mm) e se insiste em que foi copiado no século XIII, em «letra francesa de duas mãos». O exame atento de todo o códice leva-nos, porém, à convicção de que todo ele é obra de um só copista. Trabalho posterior, mas este acessório, é a paginação e o índice inicial, este sim, talvez do século XV. Em relação ao nosso tema, pela primeira vez vemos mencionado que no fl. 103r terminam os opúsculos de S. Valério e começa «uma extensa colecção de ditos e de acções dos Padres do Deserto» que se prolonga até ao fl. 188v. Mas o *Inventário* não tem razão ao parecer atribuir toda esta tradução do grego a Pelágio e a João.

A mais recente referência a este códice, com interesse para o nosso estudo, encontramos-la em C. W. Barlow (3). Como já dissemos, Barlow não veio a Lisboa estudar o manuscrito nem mandou fazer dele qualquer cópia. Daí que caia em várias inexactidões: dá o manuscrito como «written in France» (o que é diferente da «letra francesa»

(2) Cf. *Revue Bénédictine* XXXII (1920) pp. 1-10. Sobre o valor deste manuscrito para a obra de S. Valério cf. M. C. DÍAZ y DÍAZ *Sobre la compilación hagiográfica de Valerio del Bierzo* in *Hispania Sacra* IV (1951), pp. 3 e 12 da separata e *Cahiers de Civilization Médiévale, X-XII<sup>e</sup> siècles*, Poitiers, XII (1969), p. 388.

(3) *Martini...*, pp. 21 e 23. Há, de facto, uma referência posterior em J. Pérez de Urbel (cf. *Bracara Augusta* VIII (1957) no artigo *San Martín y el monaquismo*, pp. 50-67). Mas talvez por «gralha» tipográfica J. Pérez de Urbel menciona o códice 312 de Alcobaça. Estudámos o antigo alcobacense 312 e verificámos que nada contém das *Vitae Patrum*. O Autor queria certamente mencionar o n. 283, pois diz que se trata de «uma selecção de textos tirados de diversas colecções, inclusive da de Pascásio, enriquecida em seguida com relatos hagiográficos de época posterior» (pp. 66-67). Tal descrição, apesar de não concretizar muito, corresponde apenas ao alcobacense 283.

ou «gótica» dos catalogadores portugueses!); admite que na última secção (fl. 188v — Barlow repete o erro do *Inventário* escrevendo fl. 183v —) «item de Ioanne Alexandrino episcopo» haja material idêntico às *Sentenças de S. Martinho de Dume*; e chega a supor que no manuscrito de Lisboa o texto de Martinho não venha a seguir ao de Pascásio.

Tendo nós examinado algumas vezes o actual manuscrito n. 454 da Biblioteca Nacional de Lisboa e possuindo cópias fotográficas dos ff. 102v a 197r (o último não está numerado) vamos identificar, na medida do possível e dentro da economia de espaço que convém observar aqui, o conteúdo desta última parte do códice.

Observemos antecipadamente que os apotegmas começam sem qualquer título, sem nome de autor ou separação do final do texto anterior, que é de Valério, e ainda que as «sentenças» de Pascásio, de Martinho ou outros extractos, que se encontram no meio do texto de Pelágio-João, nada têm antes ou depois a indicar a mudança de autor. Só o exame do texto permite a identificação. No lugar próprio indicaremos quando e quais os títulos que aparecem ao longo dos apotegmas.

1) ff. 103r-112r: selecção dos capítulos XIII, XIV, XV, XVI, XVII e XVIII de Pelágio.

2) ff. 112r-118v: selecção dos capítulos I, II, III e IV de João.

3) ff. 118v-149r: Pelágio X: 45, 8; *Historia Monachorum* (= II Rosw.) cap. I (PL XXI, col. 399-401); seguindo-se uma antologia de Pelágio, capp. I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVII (no fl. 148r temos: XVII,25; X,47; XVII,19) e XVIII. Em todo este conjunto há no fl. 123rb, entre IV,31 e IV,32 três pequenos apotegmas que não identificámos. No fl. 136rb, após X,103 vem um texto paralelo de Pascásio LXXVIII,3 e outro de Pascásio C,6, continuando Pelágio X,106. No fol. 137v temos um texto não identificado, paralelo a Pasc. LVIII,3; no fl. 139v mais trechos a identificar, o segundo dos quais paralelo de Martinho 24. No fol. 140v aparece pela primeira vez um título: *Capitulum ut sine intermissione debeat sobrie orari* (= Plg. XII); no fl. 141r o título: *Capitulum quod oporteat hospital[itat]em esse et misericordem in hilaritatem* (= Plg. XIII); no fl. 142v, intercalado, o título: *Capitulum de oboedientia* (= Plg. XIV); no fl. 146v lê-se: *Explicit de humilitate* (= Plg. XV, embora o *incipit* não tenha sido indicado), *Incipit de caritate* (= Plg. XVII); fl. 148r: *Explicit de caritate. Incipit de prudentia* (= Plg. XVIII); no fl. 149r

lê-se: *Huc usque de graeco in latinum transtulit Pelagius diaconus sanctae Romanae ecclesiae; abhinc deorsum Ioannes subdiaconus.*

4) ff. 149r-151v: sob o título *Item capitulum de prudentia* segue-se uma antologia de João, capp. I, II, III, IV: 15, 11; e de novo III: 10, 27, terminando com: *Explicit liber de prudentia.*

5) ff. 151v-153v: *Incipiunt VII capitula uerborum quae misit abbas Moyses Piternio abbati quae si quis custodierit a poena liberabitur*, contendo João IV: 1-7, 8, 10, 28, 31, 32, 33, 35, 36.

6) ff. 153v-154r: cf. *explicit* in BHL 6538.

7) ff. 154r-155v: Pelágio VII, 24.

8) ff. 155v-156v: aparece pela última vez um título nos apotegmas: *De prouidentia* seguido de João I, 16.

9) ff. 156v-158v: nova selecção de Pelágio capp. XV, XVI e XVII.

10) ff. 158v: Pasc. XCIII,10.

11) ff. 158v-163v: nova selecção de João I: 3, 13 e de Pelágio I, II, IV, V, VI, VII, IX, X; XIII,6; Pasc. XII,1 (fl. 163r), Plg. V,35. De notar que no fol. 160r-160v vem uma narração que não identificámos: *Frater quidam erat sanctorum Fulcarius nomine. Hic habitabat Hierosolimis...* e que no fl. 160v-161r, depois de Plg. IX,3, vem Pasc. XLI,12.

12) ff. 163v-181v: antologia de Pascásio que adiante identificaremos em pormenor.

13) ff. 181v-184r: *Sententiae* de Martinho, contendo 69 dos 109 números da edição de Rosweydyus.

14) ff. 184r-184v: *Fuit quidam miles nobilitate et dignitate conspicuus et in rebus saecularibus locuplex...* — a identificar.

15) ff. 184v: *Referebant sancti patres quia fuit quidam rex impius...* — narração que não identificámos, bem como a seguinte, na mesma página: *Homo quidam apud Senones (?)...*

16) Ainda no fol. 184v: Pasc. XXXIV,3 e o princípio de Pelágio XV,66.

17) ff. 185r-186v: *In partibus Orientis quidam presbyter nomine Sapicius et Nicephorus laicus...* — a identificar.

18) ff. 186v-188v: *In lectione apostolica audiuimus apostolum dicentem: Quia fundamentum aliud nemo potest ponere...* A citação bíblica é de S. Paulo na primeira Carta aos Coríntios III,11. Um anotador posterior escreveu na entrelinha, antes do começo deste texto: *Sermo Sancti Augustini 104 in App.*

19) ff. 188v-197r, sob o título *Item de Ioanne Alexandrino episcopo* temos extractos da *Vita Sancti Ioannis eleemosynarii, auctore Leontio*, editada por Rosweyodus (cf. PL LXXIII, coll. 337-384). Identificamos todo o texto, que é constituído pelos capp. VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XX, XXV, XXVI, XXIX, XXXI, XXXIII, XXXV, XLI, XLVI e XLVII desta famosa biografia.

O fl. 197r não está numerado. O texto termina a meio da primeira coluna, lendo-se logo a seguir: *Explicit liber Vitas Patrum*. Na segunda coluna apenas está escrito: *Explicit de Ioanne Alexandrino episcopo*.

Após este conspecto geral de toda a segunda parte do ms. 454 da Biblioteca Nacional de Lisboa, verificamos que o copista (ou já o seu modelo) tanto nos *apophthegmata* como nas outras narrações das *Vitae Patrum* adoptou um critério antológico muito original, voltando frequentemente ao mesmo livro e intercalando passos de obras muito diferentes, alguns dos quais solicitam ainda classificação por outros investigadores. Não admira, pois, que na parte de Pascásio apareça o mesmo aspecto selectivo e mistura com textos diferentes.

Como dissemos, a antologia sistemática de Pascásio encontra-se, sem títulos nem nome de autor. Eis a identificação de todos os apotegmas contidos, dentro desta série, nos ff. 163v-181v.

Pasc. I: 1, 2, 4; II,3; Plg. XV,54; Plg. V,24; Plg. IX: 5, 6; Pasc. III,1; V,1; VI: 1, 2; VII,1; VIII,1; IX,1; X: 2, 3, 4; XI: 1, 3; XIII,1; XIV: 2, 3, 7, 13; XV,1; XVI,1; XVII,1; XVIII: 1, 2; XXI: 1, 2; XX,1; XXI,3; XXII: 1, 2, 3; XXIII: 1, 2; XXIV: 1, 2, 5, 6; XXV: 1, 2; XXVI: 3, 4; XXVII, 1; XXVIII, 2; XXIX,1; XXXI: 1, 2, 4, 6; XXXII: 1, 4, 5, 7 (só até meio); XXXIII: 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 15; XXXV: 1, 2, 3; XXXIV: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7; XXXVII,1; XXXIX: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9; XL,2; XLI: 1, 2, 3, 9, 10, 11; XLIV,1; XLV,3; XLVI: 6, 7; XLVII,1; XLIX: 1, 2, 3, 4, 7; L: 1, 3, 4; LI: 1, 2, 3; LIII,2; LIV: 2, 3; LV: 1, 2, 3, 4; LVI,1; LVII: 1, 2, 3, 4; LVIII: 1, 4; LIX,1; LX,1; LXI,1; LXIII,1; LXV,1; LXVIII: 2, 3; LXX,1; LXXI: 1, 2, 3, 4; LXXII: 1, 5, 6, 8; LXXIII: 1, 2, 3, 6; LXXIV,2; LXXV,1; LXXVI: 2, 3, 4, 5; LXXVII,1; LXXVIII: 1, 2; LXXX,1; LXXXI: 4, 5; LXXXII,1; LXXXV: 1, 2; LXXXVI: 1, 2; LXXXVII: 1, 2; LXXXVIII: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9; LXXXIX: 1, 2, 3; XC,2; XCI,1; XCII: 2, 3; XCV,1; XCVI,2; XCVII,1; XCVIII,1; XCIX,1; C,4.

Se alguém se der ao trabalho de comparar esta selecção com qualquer outra conhecida, verificará que ela não encontra nenhuma seme-

lhante a si. Mais uma vez o copista alcobacense (ou o seu modelo) fez trabalho original, não faltando mesmo a princípio a inserção de quatro apotegmas de Pelágio e falta de ordem na sequência do capítulo XXI.

No aspecto paleográfico o manuscrito encontra-se redigido em nítidos caracteres góticos, com todas as características gráficas do século XIII, tendo o seu copista tido o cuidado de eliminar vestígios de erros provenientes da escritura visigótica (caso esta correcção não tivesse sido feita já anteriormente). Neste aspecto, os copistas alcobacenses mostraram-se muito mais peritos na leitura e interpretação da escritura antiga que outros de época certamente mais tardia. Recordem-se os «visigotismos» que assinalámos no *Vaticanus latinus* 4921, no *Portucalensis* 753 e os que em breve notaremos no *Salmanticensis* 2537.

Dada a natureza da selecção, não havia interesse em tomá-la em conta no nosso aparato crítico. Todavia, em LXXXVIII,4, lin. 7 (*adgregabit*) aproveitámos a sua correcção, aliás concordante com o seu parente do Monte Cassino.

17. (Cf. n. 88) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO* 2809

O Catálogo de Paris (1) estuda o ms. 2809, o qual foi escrito nos séculos XIII-XIV e parece provir da região narbonense. Depois de pertencer à biblioteca de João de Orleães, foi incorporado na Biblioteca Real. O esforço para a identificação dos passos das *Vitae Patrum* não foi de grande êxito.

Já os Bolandistas (2) tiveram dificuldade em identificar o conteúdo dos ff. 53r-150r.

Dom Columba Maria Batlle (3) não foi muito mais preciso quando disse que na recolha de exemplos dos ff. 53r-122r e 137v-150r se poderão encontrar alguns extractos de Pascásio.

---

(1) PH. LAUER, *Bibliothèque Nationale, Catalogue général des manuscrits latins*, tome II, Paris, 1940, pp. 101-102.

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, Tomus I, Bruxellis, 1889, p. 211.

(3) *Contribució...*, p. 69.



O nosso exame pessoal, embora não resolva todos os problemas, poderá ajudar a demarcar algumas fronteiras. Para simplificar, damos apenas o resultado sumário do nosso estudo, deixando para o fim a classificação pormenorizada da parte de Pascásio.

- 1) ff. 53r-87r: extractos da obra de Pelágio-João.
- 2) ff. 87r-90v extractos de Pascásio.
- 3) ff. 90v-91v: passos a identificar: *Omnis peccator duplum debet habere gemitum...*
- 4) ff. 92r-117v: nova selecção da obra de Pelágio-João.
- 5) ff. 117v-120v: outra colectânea de Pascásio. (O fólio 121 está em branco).
- 6) ff. 122r: texto de «Dionisius episcopus Alexandrinus».
- 7) ff. 122v-137v: atribuído a Paládio vem o prólogo e texto do Livro II de Rosweyodus.
- 8) ff. 137v-140v: «De sancto Pachomio».
- 9) ff. 140v-146r: «Incipit doctrina XII mandatorum sancti Athanasii episcopi ad Antioicum duces».
- 10) ff. 146r-150r: novos extractos do Livro II de Rosweyodus.

Exceptuando a parte referente aos ff. 122v-137v, a nossa classificação melhora as duas antes mencionadas. Passando às secções de Pascásio, verificamos que ambas são tiradas de uma recensão longa, tendo como modelo o subarquétipo  $\epsilon$  com excepção de um apotegma. Eis a identificação (4):

ff. 87r-90v: Pasc. III,1; XIV: 1, 13; XV,1; XVI,1; XVIII: 1, 3; XXIII,1; XXIV,5; XXV,4; XXVII,1; XXVIII,1; XXXI: 1, 4; XXXII: 5, 7; XXXIII: 1, 2, 4, 7, 9; XXXV,6; XXXIV: 1, 3, 6; XXXVII,1; XXXIX: 1 (com a frase final de 6), 3, 4, 5, 7; XL,1 (só o fim); XLI: 2, 4, 5, 9, 10, 12 (com a frase final de IV,1); XXXI,5; XXXIV: 3, 7; XXXVI,3; XLIV,1; XLV,3; XLVI: 1, 6; XLVII,3; L: 1, 4; LI,1; LV,3<sup>b</sup>; LVI,1; LVII,2 (só este segundo o modelo de III Rosw.).

Nos ff. 117v-120v temos: Pasc. I: 1, 2, 3; II,3; VIII,1; XI,3 (com o final de XIII,1); XIV: 7, 10, 11, 12; XVI,2; XXII,3; XXIII: 1, 2; XXVI,3; XXVII,2; XXXI: 4<sup>b</sup>, 6; XXXIII: 3, 11<sup>a</sup>; XXXIX: 6, 8, 9;

---

(4) Os elementos iniciais, de III,1 a XXXII,5 (ff. 87r-88r) são identificados segundo uma lista de *initia* que gentilmente nos foi fornecida pela bibliotecária M.-elle Marie Therèse d'Alverny, pois tinham escapado ao nosso exame pessoal. Possuímos filme a partir de 88v, tendo por ele verificado que esta página já é uma continuação do texto de Pascásio.

XL,1; XLI,11; I,4; XI,4; XXIX,1; XLII: 4, 6; XLV: 1, 2; XLVII,4; XLVIII,1; LIII,1; LIV,3; LV: 1, 4; e LVII,1.

Observe-se que tanto no primeiro como no segundo caso, o copista, que possuía um texto longo, não faz uma antologia seguida, mas volta atrás de vez em quando. De notar ainda que ambos os extractos nunca vão além do cap. LVII, o que parece indicar que o modelo já estava mutilado. Finalmente diga-se que algumas «sentenças» se encontram retocadas com pequenos aditamentos ou com breves omissões.

18. (= S) — SALAMANCA, BIBLIOTECA  
UNIVERSITÁRIA 2537

A descrição mais antiga que conhecemos deste códice foi feita por R. Beer (1), em 1887. Aí se diz que, segundo uma anotação do manuscrito, pertenceu ao «colégio velho de S. Bartolomeu», sem indicar de que cidade. Segundo Beer esta cópia foi feita no século XIV.

Mais recentemente, em 1951, o Prof. M. C. Díaz y Díaz (2) voltou a estudar este manuscrito que então pertencia ainda à Biblioteca do Palácio Nacional de Madrid, sob o n. 848, para onde tinha vindo, segundo diz, «do Colégio Imperial de S. Bartolomeu de Alcalá de Henares (3)». Segundo o douto professor então escreveu, o manuscrito está lavrado em «letra carolina, possivelmente do século XIII ou ligeiramente anterior» (p. 134). No seu *Index Scriptorum Latinorum Medii Aevi Hispanorum* (Madrid, 1959, p. 11), o códice é simplesmente classificado entre os manuscritos de Pascásio pertencentes ao século XIII.

(1) Cf. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Madrid, XI (1887), pp. 363-369.

(2) Cf. *Hispania Sacra* IV (1951), pp. 133-146. Indica-se aí o princípio da obra de Pascásio como sendo no fl. 145r. Refere-se de novo, rapidamente, a este manuscrito, o Prof. Díaz y Díaz in *La circulation des manuscrits dans la Péninsule Ibérique du VIII<sup>e</sup> au XII<sup>e</sup> siècle* (Chaires de Civilization Médiévale, Poitiers, XII (1969), p. 388).

(3) É possível que o colégio de S. Bartolomeu a que o manuscrito pertenceu fosse o de Salamanca e não o de Alcalá. O bibliotecário da Universidade de Salamanca, Prof. Cónego Florêncio Marcos, contou-nos que ele próprio foi à Biblioteca do Palácio Nacional de Madrid com a incumbência de reconduzir a Salamanca os manuscritos que eram originários dos «Colégios Maiores» desta cidade. Com base na indicação da antiga cota «S. Bart. 337» veio o códice para Salamanca.

Posteriormente ainda, no princípio de 1966, o Prof. M. C. Díaz y Díaz voltou a manusear o manuscrito a nosso pedido e corrigiu dois pontos das suas informações anteriores. O primeiro refere-se à paginação: como a numeração do códice foi revista (havia uma paginação primitiva ao fundo da página) os fólhos indicados no seu artigo da *Hispania Sacra* não correspondem à paginação definitiva (que se encontra no ângulo superior direito). Em segundo lugar concretiza melhor a datação, escrevendo-nos: «El manuscrito, copiado de otro de 1142, me parece sin duda del siglo XIII ex. o XIV in.». Insistimos neste ponto porque nos parece que o atraso da datação corresponde melhor ao exame interno do texto de Pascásio.

Em Setembro de 1966 examinámos pessoalmente o manuscrito. Sobre o estudo de então se baseia a análise que vamos fazer dos ff. 143r-160v, dos quais possuímos, além disso, ampliação fotográfica.

1) ff. 143r-157v: *Incipit Liber Geronticon*. Após um índice de CI capítulos, o último dos quais anuncia as *Sententiae* de Martinho, começa logo, sem prefácio, o texto longo de Pascásio.

2) ff. 157v-159v: *Sententiae* traduzidas por S. Martinho de Dume, no fim das quais está escrito: *Explicit Liber Geronticon*.

3) ff. 159v-160v: *Incipit secundus liber*. *Praefatio*: *Iamdudum animis nostris insedit...* isto é, segue-se um texto extraído de um modelo semelhante aos que já examinámos no arquétipo  $\alpha$ . Deve, porém, notar-se que o copista abreviou este «Liber secundus» (omite: *Contra originem irae*), pois apenas incluiu: Pelágio V: 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 40 (faltando portanto deste capítulo os nn. 36 e 39). Tudo o mais de Pelágio é omitido. Mas após o n. V,40 vem o apêndice que já identificámos ao estudar o ms. latino 4921 da Biblioteca Vaticana, excepto o apotegma final que lá tem o título *De beato Ephraem*. Então (fl. 160v) o escriba volta a escrever: *Explicit Liber Geronticon*. E em seguida, após ter dito que o manuscrito foi copiado num cenóbio de S. Mamede, termina mais explicitamente: *Explicit liber iste qui dicitur Vita Sanctorum Patrum*.

O exame crítico do texto de Pascásio tornou-se, neste manuscrito, o mais difícil de quantos estudámos. Como a seu tempo provaremos, o actual códice de Salamanca é um seguro descendente do hiperarquétipo  $\beta$ , apresentando, além disso, todas as características de contaminação entre os arquétipos  $\gamma$  e  $\delta$ . Para disto nos convenceremos basta verificar, na *capitulatio*, a ordem invertida dos capítulos XXXIV e XXXV e comparar, em qualquer passo, os textos de  $\gamma$

e  $\delta$  com o de Salamanca. O problema complica-se, porém, quando começamos a observar que o manuscrito apresenta de vez em quando lições iguais ao arquétipo  $\alpha$ . O facto de incluir, após Martinho, o «Liber secundus» ainda que reduzido, é mais uma confirmação de que o copista ou o seu modelo além de se servir dos arquétipos  $\gamma$  e  $\delta$ , utilizou secundariamente um modelo de  $\alpha$ .

Aparentemente, é este o único manuscrito completo de Pascásio, pois possui o *incipit*, o qual falta no mutilado de Seo de Urgel. O seu texto tem, no entanto, duas falhas: a mais notável é a omissão do prefácio, de cuja autenticidade não podemos duvidar, dados os testemunhos de  $\alpha$ ,  $\delta$  (de  $\epsilon$  só o de Urgel tem o final) e das séries breve e média (VII); a segunda consiste num pequeno *salto* do copista, de modo que falta o fim de LXXXIV,2 e o princípio de LXXXIV,3.

À margem vêm repetidos os títulos dos capítulos, em letra bastante sumida. Talvez seja sinal de uma indicação para o rubricador. A este se poderá talvez também atribuir a confusão entre *ira* (XX,1, lin. 1) com *ora*. Possivelmente o copista deixou em branco o espaço para a primeira letra e o rubricador, por inadvertência, cometeu o erro. Nas margens notámos também duas vezes a palavra *non*, junto a V,2 e L,1. O mesmo facto foi já observado no manuscrito do Museu Britânico, *add.* 30.855, que então tentámos apreciar.

Um dos problemas mais interessantes deste manuscrito é o do estudo da personalidade do seu copista. Os erros, a imaginação, a inverosimilhança vão tão longe que para os explicar teremos que admitir duas hipóteses: 1) o copista do *Salmanticensis* 2537 serviu-se de um modelo já muito corrompido, em virtude de cópias sucessivas, o que parece favorecer uma longa tradição e abonar a época tardia desta cópia; 2) o copista lia mal o seu modelo talvez ainda em escrita visigótica, não percebia o que escrevia, desenhava mesmo o que tinha em frente sem saber o que significava, enfim, não devia ser um perito em paleografia.

Vamos apresentar apenas alguns exemplos característicos das deficiências (ou do modelo ou do copista):

1 — a palavra *enim* é sempre substituída por *etiam* (excepto uma vez, em LXXXVIII,2, lin. 5), o que pode significar o mau desdobramento sistemático de uma abreviatura. Dada a regularidade deste erro, fica feita a advertência de que não o anotámos no texto crítico. *Nec* é também frequentemente, mas não sistematicamente, substituído por *neque*.

2 — Os erros de leitura chegam ao ridículo, a ponto de quase se poder pensar numa grande imaginação, em má intenção ou espírito facetado do copista: *de origine passionum caprorum* [= *passionis corporis*] (capitulatio IX); *passiones carnales fame et siti in itinere* [= *interiri*] (capitulatio XIII); *de perfidia* [= *fiducia*] *perfectorum in oratione* (capitulatio LXVIII); *lucerna... posterum* [= *rostrum*] *tamen proprium incendit* (II,3, lin. 2-3); *autem tristitia magis* [= *Sceti a Mazicis*] (V,1, lin. 6); *frater ille ne satiatus* [= *necessarius*] *est* (XV,2, lin. 4); *terra quilo* [= *tranquilo*] (XXXIV,5, lin. 3); *sarculum* [= *solidum unum*] (XLIV,3, lin. 2); *solidum* [= *saculum*] (XLIV,3, lin. 10); *anima* [= *anu*] (XLIX,1, lin. 7); *aquam et panem* [= *agapem*] (LXV,2, lin. 4); etc., etc.

3 — Atendendo a que as palavras transcritas não existem ou não têm qualquer sentido, por vezes nem as anotámos no aparato crítico. O copista desenhava sem perceber o que escrevia. Exemplos bem típicos são a forma como se apresentam os títulos dos capítulos XXXVI e XXXVIII. O título de XXXVI é: *Daemones humilitate uinci et effugari*. No texto, Salamanca apresenta: *Garri daemones humilitatis deuincti fuerunt*. Em XXXVIII escreveu Pascásio: *Quia humilitate magnorum et parui iuuentur*; e S: *Iuuentus quia humilitate magnorum et paruuli*. Em ambos os casos cremos que não se trata apenas de imaginação. Supomos que um modelo de Salamanca, para aproveitar pergaminho, terá escrito em qualquer espaço que ficara em branco, no princípio do título, as sílabas ou palavra final que não lhe cabiam mais na linha de que dispunha. O copista de Salamanca, não tendo percebido o que estava escrito, limitar-se-ia a copiar e talvez a adaptar, para conseguir algum sentido. Eis mais três exemplos de autênticos desenhos de um modelo que não se entendeu: *actidie* [= *acediae*] (XXXII, título); *diuiratimus* [= *dimitimus*] (XLVIII,1, lin. 3); *micianam* [= *in machina*] (LXXIV,1, lin. 2).

Não valerá a pena multiplicar exemplos deste género nem talvez apontar por extenso todas as outras faltas que ocorrem neste importante manuscrito. Limitar-nos-emos a indicar os títulos de parágrafos que poderíamos ilustrar com exemplos: repetição frequente da mesma palavra; repetição de sílabas; inversão do lugar das palavras; omissão de palavras ou pequenas expressões; omissão de uma sílaba ou de uma letra final; emendas dentro do texto — do género *pateretur uel fateretur* (XXX,1, lin. 27), etc.

Outra deficiência grave deste copista (ou já proveniente de modelos

anteriores?) é a frequência com que salta várias linhas de texto. Exemplos: II,2, lin. 2-4; II,2, lin. 11-13; V,1, lin. 24; XIV,2, lin. 5; XXVIII,1, lin. 9-11; XXIX,3, lin. 5-6; XXX,1, lin. 28-30; XXXIII,9, lin. 4-5; XLIV,3, lin. 11-14; XLVI,8, lin. 10; XLIX,1, lin. 10-12; LVI,3, lin. 25-26; LX,1, lin. 5-6; LXI,1, lin. 3-4; LXXII,4, lin. 14-16; LXXVI,3, lin. 4-5; LXXXIV,2, lin. 4; LXXXIV,3, lin. 1-2; XCIII,2, lin. 3-4; XCIII,4, lin. 3-6. Podem verificar-se no nosso aparato crítico.

Evidentemente que um copista com tal temperamento introduzia também inovações no texto; procurava melhorar a sintaxe e o estilo; substituíra palavras consideradas mais difíceis pelo seu sinónimo.

O exame paleográfico revela também alguns indícios certos de ascendência visigótica. Mencionamos a numeração feita para o *Matritensis* 80:

8a — *u* lido como *a*: *auream*<sup>3</sup> (XLI,1, lin. 7); *admitamus* [= *ut mittamus*] (XLI,6, lin. 6); *eam* (LVII,2, lin. 9); *remeauerant* (= *remeauerunt*] (LXXVII,3, lin. 8);

9a — *u* em vez de *b*: *Vesarion* (XXXV,3, lin. 5; XCIII,10, lin. 1, 4, 7), *Vasarionis* (XXXV,4, lin. 2).

Por brevidade indicamos apenas alguns parágrafos em que a escrita se assemelha à dos manuscritos visigóticos, embora os mesmos fenómenos apareçam também noutras áreas: abertura do *i* como *e* (4b, c); fechamento de *e* que evolui para *i* (5a); *a* evolui para *e* (6b); *u* aberto como *o* (8b); a terminação *-um* representada só por *-o* (8c); sonorização do *p* (10a); ensurdecimento do *d* (11); perda de sonorização do *g* (13d); vozeamento do *c* (14b); falta de aspiração (16c); aspiração indevida (16d), principalmente nos nomes próprios (16e); nasalização indevida (18f); omissão de nasalização (18g).

A esta série genérica, mas que indica proveniência de modelos não modernizados, não resistimos a juntar exemplos relacionados com a *scriptio continua*, que é outro sinal de antiga origem (20): *tandiu* [= *tam diu*] (V,1, lin. 29); *coperis te* [= *conperisti*] é falso corte de sílabas que devem manter-se em *scriptio continua* e fruto de falta de nasalização (XII,1, lin. 19); *abba Asalonius* é falsa leitura de *abbas Alonius* (C,2, lin. 1), em que se faz valer duplamente o *a* após a geminada *b*.

Em contrapartida há factos que revelam o modo de escrever da época carolina e da baixa Idade Média. Vê-se, pois, contrariado o que descrevemos como corrente no *Matritensis* 80:

10b — É frequente a epêntese de *-p-*: *sompnii* (IX,1, lin. 2), *condempnemus* (XLI,2, lin. 3), *temptatione* (XLIII,1, lin. 8), *calumpniam*

(XLVII,1, lin. 3). Cai-se mesmo em excessos como: *discreptionem* (LXXIV, título), *cauptus* (C,5, lin. 4).

12b — *-ti-* seguido de vogal é escrito como *-ci-*: *tociens* (XXXI,4, lin. 2).

16a, b — Em vez das formas assinaladas para a época visigótica *nihil* e *nicil*, temos agora ou a perda da aspiração e contracção *nil* (LXXXII,1, lin. 13, etc.) ou o reforço total da aspiração na forma *nichil* (LXXXIII,2, lin. 4).

Entre muitos erros de escrita que seria fastidioso assinalar, apraz-nos chamar a atenção para o uso indevido das geminadas *-ss-*, facto que já observámos precisamente num manuscrito do século XIV, o *Vaticanus latinus* 4921. Eis alguns exemplo do manuscrito de Salamanca: *rurssus* (VIII,1, lin. 3, *lect. uar.*); *surssum* (X,4, lin. 33), *extassi* (XLI,1, lin. 6), *uassis* (LXXIII,7, lin. 5), etc.

O conjunto de factos que acabámos de apresentar leva-nos a considerar o manuscrito de Salamanca como o mais difícil da tradição manuscrita de Pascásio. E todavia ele é dos mais valiosos, não só por ser o mais completo, mas ainda por ser um dos recentes testemunhos na Península Ibérica do texto longo. As provas da sua contaminação e alguns dos seus erros só realçam quanto o texto de Pascásio foi recopiado e retocado ao longo dos séculos.

## VI — SUBARQUÉTIPO ζ

Há dois códices, o de Munique, Bibl. Estad. da Baviera, lat. 17139 e o de Londres, Mus. Brit. *add.* 37.400 que, no meio de outros trechos das *Vitae Patrum*, nos apresentam uma pequena antologia de Pascásio extraída do subarquétipo ε. Na sua forma completa é constituída pelos nn. LVII,4; LXIV,1; LXIX,1 e XCIII,11. Uma profunda análise crítica do texto revela ainda que os nn. LVII,4 e XCIII,11 apresentam uma leve contaminação com um dos modelos descendentes de λ, sem que nos seja possível determiná-lo com precisão.

Os códices do subarquétipo ζ foram ambos copiados provavelmente na *Germania*, sendo o mais antigo do século XII. Não escondemos a nossa perplexidade sobre o modo como estes escassos fragmentos foram reelaborados na *Germania*, uma vez que a geografia codicológica nos mostra que o texto extenso de Pascásio parece ter sido pouco conhecido ao Norte dos Alpes. Talvez que estes elementos fizessem parte de antologias dispersas, sem ligação directa com um texto longo completo do subarquétipo ε.

### 19. (Cf. nn. 59 e 73) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 17139

O CLM 17139, copiado na *Germania* no século XII, será objecto de um estudo pormenorizado quando descrevermos os manuscritos que transmitem o texto de Pascásio segundo a série breve, subarquétipo ρ. Ver-se-á então que este códice nós dá, entre outros trechos das *Vitae Patrum*, nos ff. 89r-90r uma *Vita Thaisys meretricis* (= Pasc. LVII,4) e nos ff. 90r-90v os apotegmas de Pascásio LXIV,1; LXIX,1 e XCIII,11, sendo todos estes segundo o subarquétipo ζ.

### 20. (Cf. n. 100) — LONDRES, MUSEU BRITÂNICO, *ADDITIONES* 37.400

O *Catalogue of additions to the British Museum in the years 1906-1910* (London, 1912) descreve (pp. 28-33) um manuscrito de 195 fólios, todo ele consagrado às *Vitae Patrum*. Segundo os catalogadores



trata-se de um códice em pergaminho dos séculos XIV-XV (ou quando muito dos princípios do século XIV), provavelmente escrito na *Germania* ou na Flandres.

Apesar de os catalogadores terem dividido já em numerosas alíneas a análise do manuscrito, alguns pontos subsistiram para eles com obscuridades. Tendo nós também obtido microfilme dos ff. 37v-78r e examinado atentamente o seu conteúdo, vamos dar aqui a identificação sobretudo das partes que interessam já a este estudo ou que com ele estão relacionadas.

Começemos por dizer que há uma numeração antiga, colocando o número do fólio no recto do canto superior direito e uma outra mais recente que numera os fólhos no verso, a qual segue com dois fólhos e meio de atraso. À paginação antiga nos referiremos sempre, como fizeram os catalogadores:

1) ff. 37v-72v: Livro III das *Vitae Patrum*, incluindo portanto a recensão média correspondente de Pascásio, com pequenas omissões em relação à edição de Rosweydu, a apreciar oportunamente.

2) ff. 72v-73r: *Vita Taisis*, isto é, Pascásio LVII,4, seguindo a versão do texto longo.

3) ff. 73r-74r: sem qualquer indicação de fonte ou de autor, o códice continua com Pascásio LXIV,1 e XCIII,11, também segundo a recensão extensa. Para se verificar que o *Catalogue* não está seguro de que o texto do manuscrito não corresponde a João II,12, apesar de remeter para este passo, basta comparar o princípio dos dois lugares paralelos. Traduz João (II,12): *Temporibus Iuliani apostatae cum descenderet in Perside...* O códice, porém, escreve: *Temporibus Iuliani imperatoris quando ad Persidam est profectus...* o que, como se poderá verificar, corresponde a Pascásio LXIV,1. Do mesmo modo, o episódio *De duobus iuuenibus qui uenerunt ad sanctum Macarium uolentes cum eo habitare* é transmitido não segundo João III,2 (como o *Catalogue* supõe), mas sim de acordo com a tradução de Pascásio XCIII,11.

Para os fólhos seguintes os catalogadores oferecem identificações suficientes, mostrando que se segue imediatamente uma breve selecção de João e Pelágio e, após as vidas de Santa Pelágia e Eufrosina e um extracto de Sulpício Severo, se volta a uma colecção de *apophthegmata* tirada de Pelágio.

A dificuldade é, porém, manifestamente confessada, quando se tenta identificar o conteúdo dos ff. 115r-118r. O *Catalogue* diz que

se trata de uma colecção de *Apophthegmata Patrum* de origem incerta e que muitas das histórias ocorrem como interpolações numa versão de Paládio. Todo o enigma destes apotegmas se esclarecerá se se tiver presente que a *Palladii Lausiaca* contém, de facto, interpoladas, várias narrações que pertencem ao que nós identificámos como sendo o «Autêntico Livro III das *Vitae Patrum*». Confrontando os *initia* que nós damos no lugar próprio com as indicações fornecidas pelo *Catalogue* verifica-se imediatamente a sua identidade.

Cremos assim ter contribuído para esclarecer, pela primeira vez, alguns passos obscuros deste manuscrito. Limitando-nos, porém, à porção que neste momento especialmente nos ocupa, isto é, a sua transmissão do texto longo de Pascásio, temos de confessar que ela se reduz a bem pouco: LVII,4 (= Táisis), LXIV,1 e XCIII,11, extraídas estas narrações do subarquétipo ζ. Não vemos, pois, motivo para levar mais longe a nossa análise do *Londinensis* add. 37.400. De notar apenas que na parte comum com o CLM 17139, ff. 89r-90v, acabado de descrever, ao *Londinensis* 37.400 falta o apotegma LXIX,1 de Pascásio.

## VII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\eta$

O simples exame do conteúdo poderia fazer suspeitar da origem comum de quatro manuscritos pertencentes a este subarquétipo: Reims, Bibl. Mun. 1391, 1392 e 1393 e Bruxelas, Bibl. R. Bélg. 8033-34. O seu modelo parece ter reelaborado onze apotegmas de Pascásio, colocando-os, sem indicação de autor, entre outro material das *Vitae Patrum*.

A crítica textual não só confirma o parentesco dos manuscritos citados, mas revela ainda que um copista isolado, o do ms. de Bruxelas, Bibl. R. Bélg. 7462-81 à mesma fonte foi buscar seis dos seus *Praecepta Patrum*. Mais parcimonioso ainda, o escriba do actual ms. de Berlim, Bibl. Nac., Phillips 1838 aí foi colher dois apotegmas para a sua colecção. Não deixe de se observar que a breve recolha destes dois manuscritos se encontra dentro do quadro antológico revelado pelos quatro primeiros.

Um exame atento do texto prova que este subarquétipo utilizou um modelo de  $\epsilon$  e recorreu ainda, sem dúvida alguma, a outro exemplar do arquétipo  $\alpha$ . Tal contaminação vem provar-nos que a recensão longa de Pascásio chegou ao Nordeste da Gália sob duas das suas melhores recensões. Com efeito, os manuscritos actualmente existentes provêm todos da região de Reims ou da Bélgica. Aí deve ter sido elaborado este subarquétipo, em data que não podemos precisar. Observe-se apenas que os três mais antigos códices conservados são do século XII.

### 21. (Cf. n. 74) — REIMS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 1391

O Catálogo (1) de Reims, apesar de minucioso, deixou por identificar muitos passos das *Vitae Patrum*, contidos no códice 1391, copiado no século XII e proveniente da biblioteca local de S. Denis.

---

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. 39, vol. II, Paris, 1904, pp. 525-527.

De momento ocupar-nos-emos apenas das partes com interesse para o texto de Pascásio. Dos ff. 87r-130v trataremos ao falar da recensão de Pascásio anexa ao Livro III de Rosweydu. Nos ff. 154r-155r vem a Vida de Táisis (uma versão de Pasc. LVII,4) no fim de um grupo de «sentenças» de Pelágio. Aqui importa apreciar o conteúdo dos ff. 161v-166r, que no Catálogo não vem identificado.

Após um passo de Santo Agostinho, lêem-se, sem qualquer título de separação:

1 — Nos ff. 161v-162r os seguintes apotegmas de Pascásio: XXXIII: 14, 15; LV,4; LXIII,1; LXXI,4 e XCII,1.

2 — Nos ff. 162r-165r, extractos de João III,4; IV,13 e de Pelágio V: 3, 4, 34 etc., terminando com Pelágio XIII,15.

3 — Continua imediatamente Pascásio nos ff. 165r-165v com os apotegmas: XXXII,5; LXXXVI,1; LXXXVII,2 e LXI,1.

4 — Também não identificámos o passo sobre o jejum que se encontra a seguir nos ff. 165v-166r: *Multi sunt qui ieiunant, sed ipsum ieiunium non amant...*

5 — Finalmente, temos, isolado, em 166r o n. LV,1 de Pascásio, depois do qual se encontra o título: *Incipit uita sancti Alexis*.

O fragmento que acabamos de analisar dá uma ideia da miscelânea que o códice 1391 de Reims frequentemente apresenta. Quanto aos passos de Pascásio que identificámos, a crítica textual prova que se trata de uma selecção tirada da recensão longa, segundo o subarquetipo  $\eta$ .

## 22. (Cf. n. 75) — REIMS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 1392

Também do ms. 1392, o Catálogo de Reims (1) dá uma descrição pormenorizada, embora em alguns pontos deva ser melhorada. O códice é do final do século XII e proveio de Saint-Thierry.

Ao nosso estudo interessam os ff. 76v-111v em que se encontra o texto do Livro III de Rosweydu, como adiante descreveremos; os ff. 133r-139v, onde se podem ler, misturados, alguns fragmentos de Pascásio; e os ff. 183v-184v que contêm, bem identificada com *incipit*, a Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4).

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. 39, vol. II, Paris, 1904, pp. 527-530.

A partir do fl. 111v até 174v o Catálogo só identifica o Livro IV de Rosweydyus. A verdade é que o conteúdo destes fólhos pode dividir-se de modo mais preciso.

- 1) ff. 111v-128r: extractos do Livro IV Rosw.
  - 2) ff. 128r-133r: um grupo de «sentenças» que andam frequentemente apenas a este livro, na sua maioria identificáveis com a tradução de Pelágio.
  - 3) ff. 133r-133v: os mesmos apotegmas de Pascásio que assinalámos no códice de Reims 1391, para os ff. 161v-162r (p. 98).
  - 4) ff. 133v-139r: extractos de João e Pelágio.
  - 5) ff. 139r: apotegmas de Pascásio idênticos aos do códice 1391, ff. 165r-165v (supra p. 98).
  - 6) fl. 139r-139v: passo não identificado sobre o jejum.
  - 7) fl. 139v: Pascásio LV,1, como no códice 1391, fl. 166r, mas agora imediatamente seguido de
  - 8) ff. 139v-174v: longo extracto da tradução de Pelágio-João.
- Temos, portanto, do texto de Pascásio, pela mesma ordem e com o mesmo texto, 11 apotegmas tirados da recensão longa, subarquétipo  $\eta$ , tal como assinalámos anteriormente ao estudar o códice 1391 de Reims.

23. (Cf. n. 120) — BERLIM (ORIENTAL), BIBLIOTECA  
NACIONAL ALEMÃ, *PHILLIPS* 1838

Quando estudarmos demoradamente o conteúdo dos ff. 40r-75r deste manuscrito da segunda metade do século XII, veremos que, entre um conjunto de apotegmas em que predominam elementos tirados do Livro III de Rosweydyus e de Pelágio, se encontram no fl. 60r-v dois números extraídos de Pascásio (LXXXVI,1 e LXXXVII,2) segundo o modelo do subarquétipo  $\eta$ .

A crítica textual não deixa dúvidas quanto à filiação deste breve extracto. De notar ainda que o facto de a maioria dos manuscritos dependentes deste subarquétipo provirem do Norte da França, mais reforça a suposição de que o ms. Phillips 1838 é de origem francesa.

24. (Cf. n. 123) — BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL  
DA BÉLGICA 3177 (7462-81)

O Catálogo dos Bolandistas (1) descreveu já suficientemente este códice no que se refere às Vidas dos Santos. Mais pormenorizado é o trabalho de J. van den Gheyn (2). Trata-se de um manuscrito em pergaminho, do século XIII, cuja grandeza, perfeição da escrita e beleza das iluminuras ainda hoje deixam embevecidos os estudiosos. H. Rosweyde consultou-o para a sua edição das *Vitae Patrum* (3), tendo-lhe então sido emprestado pelos filhos do famoso impressor de Antuérpia, João Moreto (4).

Ocupar-nos-emos, por isso, apenas das partes com interesse para o estudo de Pascásio. Nos ff. 21v-40v tem o Livro III Rosw., com uma distribuição bastante irregular, incluindo a versão de Pascásio que lhe anda anexa; nos ff. 94r-94v, os *Praecepta Patrum* que a seguir identificaremos quanto possível; no fl. 95r vem a Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4). No Catálogo de J. v. d. Gheyn falta indicar que, entre a Vida de Táisis e o *Paraíso* de Heráclides, o códice 7462-81 traz, nos ff. 95v-96v uma narração intitulada: *De muliere cuius corpus extinctum Satan sibi assumpsit ad decipiendum quendam seruum Dei*.

Além deste pormenor que não foi observado pelo catalogador, novidade será também a identificação de seis dos *Praecepta Patrum* (fl. 94r-94v). O capítulo está anónimo. Divide-se em sete «preceitos». O primeiro não conseguimos identificá-lo: *Festina, monache, non peccare nec habitanti tibi Deum offendas...* Os outros seis são todos tirados da recensão longa de Pascásio, segundo o subarquetipo  $\eta$ , pela seguinte ordem: 2 = Pasc. LV,4; 3 = LXIII,1; 4 = LXXI,4; 5 = LXXXVI,1; 6 = LXXXVII,2; 7 = LV,1.

Não temos conhecimento de outro manuscrito com estes *Praecepta Patrum*. Dado que andam anónimos, é natural que várias vezes tenham passado despercebidos.

(1) *Cat. cod. hag. Bibl. Reg. Bruxellensis*, Pars I, Codices latini, t. II, Bruxellis, 1889, pp. 31-32.

(2) *Cat. mss. Bibl. R. Belgique*, t. V, Bruxelles, 1905, pp. 141 ss.

(3) Cf. *Patrologia Latina* LXXIII, coll. 82 e 85.

(4) Sobre a genealogia e data dos Moretos, cf. JORGE PEIXOTO, *Relações de Platin com Portugal* in *Revista Portuguesa de História* X (1962), p. 284.

25. (Cf. n. 72) — BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL  
DA BÉLGICA 3192 (8033-34)

Foi copiado no século XIII e proveio de S. Vaast, donde passou aos Bolandistas, o actual códice 8033-34 da Biblioteca Real da Bélgica. A sua descrição encontra-se, com bastantes pormenores, em J. van den Gheyn (1). Note-se, porém, que, na numeração dos fólhos, o catalogador contou a primeira folha que não está numerada, pelo que o Catálogo nos dá sempre uma unidade de avanço em relação à numeração que se lê ao cimo dos fólhos. É esta, a única marcada no códice, que nós seguiremos.

Com interesse para a obra de Pascásio temos aqui (ff. 59v-97v) uma versão do Livro III e os ff. 120v-125v, nos quais o Catálogo apenas assinala (sob o n. 13) *Apophthegmata Patrum*. Um exame do texto leva-nos a dividir assim este fragmento:

1) ff. 120v-121r: Pasc. XXXIII: 14, 15; LV,4; LXIII,1; LXXI,4 e XCII,1.

2) ff. 121rb-124rb: uma selecção de João III,4; IV,13 e Pelágio V: 3, 34, etc. que termina com Plg. XIII,15.

3) ff. 124rb-125ra nova série de Pascásio: XXXII,5; LXXXVI,1; LXXXVII,2; LXI,1; *Multi sunt qui ieiunant sed ipsum ieiunium non amant...* — não identificado; e finalmente Pasc. LV,1 (cf. supra p. 98).

Trata-se de um fragmento igual a passos já apontados nos manuscritos de Reims, nn. 1391 e 1392. De acordo com esta identificação, deve ser emendado o Catálogo dos Bolandistas (2), o qual assinala neste códice apenas elementos dos Livros II, III e IV das *Vitae Patrum*. Os passos acabados de identificar pertencem aos Livros V, VI e VII da obra de Rosweyodus.

## 26. (Cf. n. 79) — REIMS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 1393

Proveio da abadia beneditina de S. Nicásio de Reims (da congregação de S. Mauro) o actual códice n. 1393, que foi copiado no

(1) *Cat. mss. Bibl. R. Belgique*, t. V, Bruxelles, 1905, pp. 168-169.

(2) *Cat. cod. hag. Bibl. R. Bruxellensis*, Pars I, t. II, Bruxellis, 1886-1889, pp. 191-192.

século XIV. O Catálogo (1) entre os ff. 1r-108v não identifica senão a *Historia Monachorum*.

O exame pessoal que fizemos do manuscrito leva-nos a apresentar a seguinte divisão:

- 1) ff. 1r-31r: Livro II de Rosweyda.
- 2) ff. 31r-61v: Livro III, mutilado.
- 3) ff. 62r-75r: Livro IV, mutilado.
- 4) ff. 75r-81r: «sentenças» que aparecem após o Livro IV — uma selecção de Pelágio-João.
- 5) ff. 81rb-82r: sem qualquer separação do texto anterior, temos: Pascásio XXXIII: 14, 15; LV,4; LXIII,1; LXXI,4; XCII,1.
- 6) ff. 82r-108v: nova colectânea de Pelágio-João.

A partir daqui o Catálogo contém elementos suficientes de identificação, incluindo nos ff. 119r-119v a Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4).

O texto e o conteúdo deste códice é semelhante ao dos manuscritos da Biblioteca Municipal de Reims 1391 e 1392 e da Biblioteca Real de Bruxelas n. 3192 (8033-34). Seria, portanto, de esperar que no meio de Pelágio-João, entre os ff. 82r-108v houvesse uma nova série de apotegmas de Pascásio. No exame que fizemos não encontramos esta segunda série. Dado que o manuscrito está mutilado em vários pontos, inclusive entre os ff. 87-88, 89-90, 92-93 e 96-97, é possível que a segunda parte de Pascásio também existisse no códice 1393 de Reims, mas se tenha perdido com os fólhos desaparecidos.

---

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, Reims, t. 39, vol. II, (Paris, 1904), pp. 530-532.



## VIII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\theta$

Apesar de ser representado só pelo ms. de Paris, Bibl. Nac. lat. 5386, este subarquétipo criou tantas inovações, na ordem e conteúdo, que se torna um dos mais aberrantes da transmissão manuscrita de Pascásio. Trabalhando seguramente sobre  $\varepsilon$  e  $\alpha$ , o reelaborador fez um trabalho intencionalmente pessoal, introduzindo muitos comentários e esclarecimentos. A descrição do manuscrito e a prova do subarquétipo darão uma ideia das liberdades do organizador de  $\theta$ .

Assinalemos apenas ser este mais um caso seguro da existência de  $\varepsilon$  e  $\alpha$  além-Pirenéus. Sobre o local e data de formação deste modelo nada mais podemos dizer senão que o único manuscrito dele conhecido é do século XIII, sendo o seu mais antigo possuidor o mosteiro de S. Marcial de Limoges.

### 27. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL, *FUNDO LATINO 5386*

Não conhecemos uma descrição satisfatória do códice latino da Bibl. Nacional de Paris 5386. O Catálogo de 1744 (1) e o exame dos Bolandistas (2) deixam por identificar muitos elementos. Trata-se de um manuscrito do século XIII que passou de S. Marcial de Limoges à Biblioteca de Colbert e daí à Real, hoje Nacional.

A parte mais difícil de classificar são os ff. 40v-135v, sobre os quais os Bolandistas dizem apenas que contêm excertos das *Vitae Patrum*, em ordem diferente da editada por Rosweydyus. Sem pretender identificar aqui cada um dos seus capítulos, podemos no entanto esclarecer que os ff. 40v-120r contêm textos misturados da *Historia Monachorum* (Livro II) e do *Paraíso* de Heráclides (= *Paládio*). Segundo um título do fl. 59r a narração sobre Pafnúcio é tirada de Cassiano.

---

(1) *Cat. cod. mss. Bibl. Reg.*, Pars III, t. IV, Parisiis, 1744, pp. 113-114.

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, t. II, Bruxellis, 1890, p. 463.

Nos ff. 120r-122v vem a Vida de Dricelmo; em 122v-123v a Vida de Marina; e em 123v-131v a Vida de Paula, sua filha Eustóquio e outras virgens, de novo segundo a narração de Paládio.

Nos ff. 131v-132r vem transcrita a Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4), logo seguida nos ff. 132r-135r de mais os seguintes apotegmas de Pascásio: XCVI,4; XCVII,1; LVII,2; LVIII: 1, 2 (estes últimos sobre Macário, o que levou o copista a introduzir aqui (fl. 133r) uma paráfrase do n. 108 de S. Martinho de Dume). Continua Pasc. LIX,1 com o seguinte apêndice, que transcrevemos para se fazer ideia da liberdade do organizador: *Quia sicut ipse dicebat, operis curam corpori terreno; exercitio autem psallendi et orandi ad diuinam maiestatem nobis reconciliandam pertinere, in his quae maxime cum uirtutibus sanctis anima Creatoris sui contemplabatur speciem* (fl. 133r). Seguem-se imediatamente Pasc. LVIII: 3, 4; LXI,1; XLVI: 1, 2, 3, 4, 5; XLIII: 1, 3; XLI: 3, 9, 10; XXXV, 2; XXXIX: 1, seguido do final de 6; I,4; II,4; III,1; XIX: 2, 1; XXXIII,10.

Em 135ra o copista introduz a primeira parte do último capítulo do *Heraclidis Paradisus* (PL LXXIV, col. 341), que vai até 135vb, podendo então ler-se: *Explicit liber Heraclidis episcopi et confessoris*. Mas logo em seguida, no mesmo fl. 135vb está o título *De origine irae* com mais três extractos de Pascásio: XX,1 (só a primeira frase) e XXII: 2, 3. A partir daqui os títulos do manuscrito parecem-nos suficientemente claros.

Cremos assim ter contribuído um pouco para identificar a miscelânea de textos e autores que se encontram na parte estudada.

## RECENSÃO BREVE

### IX — SUBARQUÉTIPO 1

Apesar de entre os manuscritos acabados de descrever como representantes do texto longo, alguns remontarem possivelmente aos séculos IX-X, a verdade é que os mais antigos testemunhos em que Pascásio é considerado como um tradutor das *Vitae Patrum* pertencem a uma recensão breve, cujo mais vetusto representante, o ms. da Bibl. Estadual de Estugarda, Theol. Fol. 303, poderá ter sido escrito no século VIII ou princípio do IX.

A crítica textual mostrará, porém, à evidência, que a série breve deve ser considerada como uma antologia ou resumo da série longa. O seleccionador não se limitou a copiar o texto que tinha diante de si, mas retocou-o, por vezes, acrescentando-lhe sobretudo citações da Sagrada Escritura que lhe parecia virem a propósito. O paralelo entre o texto grego que para muitos passos possuímos e a tradução latina das recensões longa e breve revelará também que a forma longa é a que se mantém mais fiel ao original grego.

Outra prova de que a série breve é um resumo da longa está na organização dos capítulos. Os 101 títulos da recensão extensa, com um total de 358 apotegmas, foram reduzidos a 47 capítulos, com 168 «sentenças», incluindo duas apócrifas. Além disso, de capítulos que tinham grande número de «sentenças», apenas alguns apotegmas foram seleccionados. Temos, portanto, condensação de capítulos sob um título inicial, omissão de narrativas de capítulos extensos e até exclusão total do conteúdo de muitos capítulos. O organizador da série breve não respeitou sempre a sequência do texto longo. Por exemplo, no cap. XIV (cujo título corresponde ao do cap. XXXI da série longa), após XXXI,6, é intercalado o apotegma XXXV,6 e só depois se volta à ordem normal. O mesmo acontece no cap. XVI (equivalente ao cap. XXXV do texto extenso) em que, após XXXV,1 se insere a história de XLIX,5 e só depois se continua com XXXV,2.

Anotemos finalmente como típica da série breve a introdução de duas pequenas «sentenças» que não se encontram na recensão longa e que, por isso, remetemos para uma *appendix*, como textos de autenticidade duvidosa.

A crítica textual mostrará também que a série breve foi tirada, possivelmente, de um antigo exemplar representante do subarquetipo  $\epsilon$ , da série longa.

Problema agudo é o de saber onde esta antologia de Pascásio teria sido elaborada. Como a maioria dos exemplares que ainda hoje possuímos foram copiados na *Germania*, somos levado a pensar que o renascimento das letras operado no império dos francos nos meados do séc. VIII, deve estar na base da organização da série breve. A apoiar a nossa suposição está o facto de os manuscritos, mesmo os mais antigos desta recensão, se apresentarem no geral bastante imunes de traços que denunciem os defeitos das cópias visigóticas. A escrita, as melhorias do texto e as introduções bíblicas pleiteiam a favor de um seleccionador dotado de cultura.

O melhor, mais antigo e mais puro representante da série breve é o manuscrito de Estugarda. Infelizmente ele é também o único representante do subarquetipo  $\iota$ , isto é, da recensão breve no seu estado mais puro.

28. (= G) — ESTUGARDA, BIBLIOTECA ESTADUAL,  
*THEOL. FOL.* 303

Uma descrição pormenorizada deste manuscrito encontra-se no *Handschriften Katalog*, trabalho realizado em 1926, que permanece ainda manuscrito na Biblioteca de Estugarda, onde o consultámos. Os elementos essenciais podem resumir-se em que se trata de um pergaminho do século VIII ou IX, originariamente pertencente ao mosteiro de Weingarten, onde esteve pelo menos até ao século XVII, depois passado a Constança e finalmente trazido para Estugarda. A escrita, que ocupa o espaço de 220 × 147 mm, é minúscula pré-carolínea do Sul da Alemanha.

Columba M. Batlle (1) fez-lhe uma breve referência, comparando-o com a edição de Rosweydyus do Livro VII das *Vitae Patrum*,

---

(1) *Contribució...*, pp. 69-70. Batlle cita também K. LÖFFLER, *Die Handschriften des Klosters Weingarten in Beiheft z. Zentralbl. f. Bibl.*, XLI (Leipzig, 1912) p. 78.

e teve o merecimento de vislumbrar que este códice deve ser aparentado com o de Bruxelas, Bibl. Real de Bélgica, 3595 (8216-18), facto que a seguir demonstraremos.

A parte do códice que contém o texto de Pascásio encontra-se nos ff. 88v-112v. O seu conteúdo merece ser estudado cuidadosamente, pois este é o mais antigo e o mais genuíno representante da série breve, procedente do subarquétipo *t*.

O quadro que vamos traçar mostrará claramente que esta série é uma antologia do texto autêntico de Pascásio, tirada da série longa. O copista do seu modelo reuniu por vezes vários capítulos sob um só título, dentro do qual faz a antologia a seu gosto. Apresentemos apenas explicitamente a organização do cap. I que neste códice tem o título (fl. 89r): *De uincendo desiderio gulae et contra gastrimargiam*. Como se poderá verificar, reproduz por inteiro o título do cap. III da série longa, mas acrescenta-lhe um novo objecto, o de ser contra a *glotonaria*, a *voracidade*: — *gastrimargia* é termo transliterado do grego, frequente nas *Vitae Patrum*, mas que não se encontra nos capítulos aqui resumidos. Apesar de o título ser semelhante ao do cap. III, o coleccionador copiou as duas primeiras «sentenças» do cap. I, as duas últimas do cap. II, só a primeira do cap. III, omitiu por completo o conteúdo dos capp. IV, V, VI e VII, transcreveu a única «sentença» do cap. VIII e só as duas primeiras do cap. IX, enquanto do cap. X só copiou a última e do cap. XI apenas eliminou a primeira. Os capp. XII e XIII ficaram totalmente de fora.

Porque a constituição deste manuscrito servirá de ponto de referência para todos os da série breve, vamos deixar aqui um paralelo entre a série longa e o manuscrito de Estugarda, Theol. Fol. 303.

Na coluna da esquerda colocaremos apenas o número do capítulo do manuscrito germânico. À direita da linha divisória ficará o número do capítulo da série longa e a indicação dos apotegmas transcritos. Para se ter presente a extensão dos capítulos no texto autêntico, indicaremos com um — as matérias omitidas. Note-se ainda que *App.* remete para o número das «sentenças» acrescentadas ao texto de Pascásio, que nós publicámos em *Appendix* ao tomo I. O título dos capítulos, à excepção do I, já transcrito, corresponde ao texto do capítulo da série longa que vai indicado em primeiro lugar.

PRAEF.	PRAEFATIO
I	I: 1, 2, —, — II: —, —, 3, 4 III: 1, —, —, —, —, —, — IV: — V: —, — VI: —, — VII: —, — VIII: 1 IX: 1, 2, — X: —, —, —, 4 XI: —, 2, 3, 4 XII: — XIII: —
II	XIV: 1, —, —, —, —, —, —, —, —, 10, 11, 12, 13
III	XV: 1, 2
IV	XVI: 1, 2. XVII: —
V	XVIII: 1, 2, 3
VI	XIX: 1, App. 5, —
VII	XX: 1 XXI: 1, 2, 3
VIII	XXII: 1, 2, 3
IX	XXIII: 1, 2
X	XXIV: 1, 2, 3, 4, 5, — XXV: —, —, —, — XXVI: —, —, —, — XXVII: —, —
XI	XXVIII: 1, 2, 3
XII	XXIX: 1, 2
XIII	XXX: 1
XIV	XXXI: 1, —, 3, 4, 5, 6; XXXV, 6; ( <i>om.</i> XXXI, 7) XXXII: —, —, —, —, —, —, —, —
XV	XXXIII: 1, 2, 3, 4, —, —, 7, 8, —, —, 11, 12, —, —, 15
XVI	XXXV: 1; XLIX: 5; XXXV: 2, 3, —, —, — ( <i>sed</i> <i>6 supra est, post XXXI,6</i> )
XVII	XXXIV: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

XVII	XXXVI: 1, —, 3, 4
	XXXVII: —
	XXXVIII: —
XVIII	XXXIX: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
XIX	XL: 1, —
	XLI: —, 2, —, 4, 5, —, —, —, —, —, 11, 12.
XX	XLII: 1, 2, 3, —, —, —
	XLIII: —, —, —
	XLIV: —, —, —
XXI	XLV: 1, 2, 3
XXII	XLVI: 1, —, —, 4, —, 6, 7, —
	XLVII: —, —, —, —
	XLVIII: —
	XLIX: —, —, —, —, —, 6, — (sed 5 supra est, post XXXV,1)
XXIII	L: 1, 2, 3, —
XXIV	LI: 1, 2, 3
XXV	LII: —, —, —, 4, 5 (sed tantum prima pars, omitens alias quinque huius apophthegmatis)
XXVI	LIII: 1, 2, —
	LIV: —, —, —, —
XXVII	LV: 1, —, —, —, —, —
XXVIII	LVI: 1, 2, 3
XXIX	LVII: 1, 2, —, 4
XXX	LVIII: 1, 2, 3, 4
	LIX: —
	LX: —
XXXI	LXI: 1
XXXII	LXII: 1
XXXIII	LXIII: 1, —, App. 6
	LXIV: —, —
	LXV: —, —
	LXVI: —
	LXVII: —
XXXIV	LXVIII: 1, 2, —, —
XXXV	LXIX: 1
	LXX: —, —
	LXXI: 1, 2, 3, 4
	LXXII: —, —, —, —, —, —, —, —

XXXV	LXXIII: —, —, —, —, —, —, —, — LXXIV: —, — LXXV: —
XXXVI	LXXVI: 1, 2, 3, 4, —
XXXVII	LXXVII: 1, —, —
XXXVIII	LXXVIII: 1, 2, 3 LXXIX: 1 LXXX: —, —
XXXIX	LXXXI: 1, —, —, —, — LXXXII: — LXXXIII: —, — LXXXIV: —, —, — LXXXV: —, —
XL	LXXXVI: 1, 2
XLI	LXXXVII: 1; LXXXVIII,3 (sed tantum secunda pars; om. LXXXVII,2)
XLII	LXXXVIII: —, —, — (sed videsis secundam partem in capite praecedenti), —, —, 6, 7, —, — LXXXIX: 1, 2, 3, 4
XLIII	XC: 1, 2, 3 XCI: — XCII: —, —, —
XLIV	XCIII: —, —, —, 4, 5, —, —, —, —, 10, 11 XCIV: —
XLV	XCV: 1, 2, 3
XLVI	XCVI: —, 2, 3, — XCVII: —
XLVII	XCVIII: 1 XCIX: 1 (sed omitens primam partem, accipit secundam et tertiam), 2 C: —, —, —, —, —, —, — CI: —

Nos ff. 112v-117r segue-se uma selecção de 82 *Interrogationes et responsiones Aegyptiorum patrum quas de graeco in latino transtulit Martinus episcopus in monas<terio> Domense*, entre as 109 que constituem a edição de Rosweyodus.

Note-se no entanto que, se as *Sete sentenças do abade Moisés* não são incluídas no texto de Pascásio (cap. CI), também aqui não



o são. Mais admirável é que, após a transcrição de *Mart.* 55, sejam copiados os apotegmas que constituem os números 1, 2, 3 e 4 do cap. C de Pascásio. Segue-se imediatamente *Mart.* 56.

Uma particularidade deste códice é que raramente transcreve o título que devia preceder cada um dos 47 capítulos em que se divide a série breve. A própria numeração dos capítulos, que, com certa regularidade, um anotador tardio lançou à margem, não é perfeita e segue ininterruptamente até ao final da tradução de Martinho Dumiense, cujo texto também é dividido, contra a tradição, em capítulos, mas estes sem qualquer título.

Sentimos por isso necessidade de justificar a divisão que adoptámos. Como o manuscrito da Biblioteca Real de Bruxelas 3595 (8216-18) é o mais próximo do de Estugarda, e no bruxelense os capítulos estão distintamente divididos por títulos em maiúscula, embora não estejam numerados, seguimos a divisão deste códice que gozou sempre de grande autoridade. Além disso, os poucos títulos transcritos, também em maiúscula, no meio do texto, pelo manuscrito germânico, correspondem perfeitamente aos apresentados pelo códice de Bruxelas.

Igualmente notável ainda é que o ms. 3595 (8216-18) de Bruxelas, ao transcrever o texto de Martinho, após o n. 55 tem explicitamente (fl. 38v), antes dos apotegmas de Pascásio, o título que lhe corresponde na série longa: *Non loquendum de Scripturis si quis non interrogat*. Não poderia oferecer-se melhor prova da contaminação.

Não servindo este códice de base para o estabelecimento da nossa edição de Pascásio, não haverá que fazer dele aqui um profundo exame paleográfico. Algumas observações merecerão, todavia, ser postas em relevo.

A crítica textual mostrar-nos-á que o códice de Estugarda depende da recensão longa. Deveria ter, por isso, o organizador do seu arquétipo, perante si, manuscritos visigóticos. O trabalho revela, porém, um grande esforço de depuração. Os traços característicos da escrita visigótica, como *i alto*, *a* aberto semelhante a *u*, o abuso do beta-cismo e a reacção contrária, podem dizer-se completamente eliminados. O copista deveria ser não só um bom leitor da escrita visigótica (em XCIII, 11, lin. 12, *abegero* não se encontra correctamente escrito em nenhum dos actuais manuscritos da recensão extensa), mas até pessoa culta que soube interpretar bem e, como vemos, por vezes enriquecer o seu trabalho com citações bíblicas.

O exame da escrita faz-nos pensar na renovação cultural operada no império franco a partir de Pepino o Breve, por meados do século VIII, e sobretudo sob Carlos Magno. De facto, os erros de escrita mais salientes são os característicos dos copistas da época carolina. O fonema *i* tinha uma pronúncia aberta e por isso aparece algumas vezes grafado como *e*: *exqueris* [= *exquiris*, XXIX,2, lin. 11], *relegiosus* [= *religiosus*, XXXIII,12, lin. 2], *adepisci* [= *adipisci*, XXXIV,3, lin. 2], *emendate* [= *emendati*, XCIX,2, lin. 24], etc.

Em contrapartida, *e* apresenta-se bastantes vezes sob a forma fechada de *i*: *cogitationis* [= *cogitationes*, VIII,1, lin. 5,6]; *uindebat* [= *uendebat*, XVIII,3, lin. 2], *diligatos* [= *delicatos*, XCIII,11, lin. 9], etc.

De modo semelhante, *o* toma a forma fechada *u*: *apostulus* [= *apostolus*, IX,1, lin. 2], *cognuscens* [= *cognoscens*, XIV,1, lin. 8], *diabulos* [= *diabolus*, LXXI,2, lin. 2], etc.

A acção inversa faz com que *u* seja escrito como *o*: *tonica* [= *tunica*, X,4, lin. 4], *calomnias* [= *calumnias*, XX,1, lin. 17], *uapolabas* [= *uapulabas*, XXXIII,2, lin. 5], etc.

Para a simplificação de consoantes, apresentemos apenas *carecauit* [= *carricauit*, XV,1, lin. 3] que documenta também o timbre fechado do *i* na segunda sílaba. Se o copista de além-Pirenéus conhecia o significado da palavra, não o sabemos; mas era familiar por certo ao escriba do códice de Salamanca, o qual escreveu *carregauit*...

Testemunho claro da antiguidade deste manuscrito são alguns exemplos de *scriptio continua* como *cellameã* [= *cellam meam*, XLVI,7, lin. 3] e *operesunt*, post correctionem *operis sunt* [XCVIII,1, lin. 5].

O estudo de outras variantes gráficas do códice de Estugarda servirá apenas para confirmar que ele está de acordo com os hábitos ortográficos dos séculos VIII-IX, a que é justamente atribuído.

## X — SUBARQUÉTIPO $\varkappa$

A versão breve de Pascásio, que originariamente seria representada pelo subarquétipo  $\iota$ , muito cedo sofreu pequenas alterações. O texto, apesar de bastante fiel, foi retocado em pormenores que a crítica textual porá em evidência.

O aspecto mais relevante é que a nova cópia exclui do texto de Pascásio dois apotegmas, os nn. XLII,2 e LVII,4, este último de grande importância, pois se trata da história de Táisis. Há um pormenor que deve ser realçado. O novo modelo da série breve inclui no seu cap. I, após a transcrição do cap. XI,2 da série longa, a interessante narração do cap. LXXXV,1 que parece aqui deslocada. Como este último apotegma não se encontra no manuscrito de Estugarda, Theol. Fol. 303 poder-se-á pôr o problema de saber onde o foi buscar o subarquétipo  $\varkappa$ . O exame dos manuscritos dependentes deste subarquétipo não deixa entrever que ele se tenha servido de outro modelo que não seja o subarquétipo  $\iota$ . Somos por isso levado a crer que o subarquétipo  $\iota$  conteria já deslocada a história do cap. LXXXV,1, mas que o copista de Estugarda, deliberadamente ou por inadvertência, a omitiu. Já vimos que este códice também é muito deficiente na transmissão dos títulos dos capítulos. Pena é não possuímos outros manuscritos do subarquétipo  $\iota$  para os compararmos com o de Estugarda.

Finalmente devemos assinalar que a versão transcrita pelo subarquétipo  $\varkappa$  é a que dá origem a maior número de manuscritos a transmitirem-nos um texto de Pascásio que, embora breve, com as duas omissões citadas e com outros defeitos, se aproxima ainda bastante da genuína tradução de Pascásio. Como veremos mais tarde, sobre o subarquétipo  $\varkappa$  formar-se-ão outros modelos, já contaminados, em que, com o texto de Pascásio, se encontram misturados passos de outros autores.

Como o seu mais antigo representante está datado de 819 e os manuscritos que o representam são oriundos da Europa Central, é de presumir que o modelo  $\varkappa$  tivesse sido elaborado na segunda parte do século VIII no império carolíngio.

29. (= H) — BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL  
DA BÉLGICA 3595 (8216-18)

Já Aventinus, Hundius e Albertus Miraeus, segundo H. Rosweyodus na sua douta introdução às *Vitae Patrum* (PL LXXIII, col. 80), se ocuparam do actual códice n. 8216-18 da Biblioteca Real da Bélgica. O exame sumário de Rosweyodus, baseado apenas nos elementos fornecidos pelo manuscrito, foi reassumido por J. v. d. Gheyn, no *Catalogue des Manuscrits de la Bibliothèque Royale de Belgique* (Bruxelles, 1906, tome VI, pp. 1-2).

Os dados essenciais são os seguintes: trata-se de um pergamináceo de 291 ff. que, como se deduz de uma nota de encerramento, foi escrito entre 2 de Junho e 12 de Setembro de 819, tendo sido começado durante a campanha contra os hunos e terminado no convento de S. Floriano (Áustria). Mede 288 × 190 mm. e pertenceu sucessivamente ao mosteiro de Münchmünster, ao colégio dos jesuítas de Ingolstadt, aos bolandistas de Antuérpia, à Biblioteca dos Condes de Borgonha e finalmente à Biblioteca Real da Bélgica.

A história do manuscrito foi atentamente seguida por G. Morin, nos *Studien und Mitteilungen zur Geschichte des Benediktinerordens und seiner Zweige* (München, LV (1937), pp. 15-18), no estudo *Un manuscrit bavarois des «Vitae Patrum» à la Bibliothèque Royale de Bruxelles*. Morin, citando o Dr. B. Bischoff, especialista de paleografia bávara, diz que o manuscrito deve provir do *scriptorium* de Regensburg, do tempo do bispo Baturich (817-848) e que foi provavelmente escrito pelo diácono Ellenhart.

Além de M. C. Díaz y Díaz (1) e de C. M. Batlle (2) que mencionam brevemente este manuscrito, C. W. Barlow (3) dedicou-lhe um estudo mais atento, no que respeita ao seu conteúdo sobre *apophthegmata patrum*. Para ajuizarmos da sua exactidão, examinemos primeiro as partes que importa esclarecer.

O códice 8216-18 da Bibl. R. de Bruxelas contém nos ff. 1r-34r uma versão breve do texto de Pascásio. Note-se que entre os ff. 29v

(1) *Index...*, p. 11.

(2) *Contribució...*, p. 68.

(3) *Martini...*, pp. 17-18 e 24. Tanto Barlow, como Batlle, como Gheyn citam ainda outras referências a este códice.

e 30r se encontra um não numerado. O seu conteúdo é muito semelhante ao do manuscrito da Biblioteca Estadual de Estugarda, Theol. Fol. 303, que há pouco analisámos em confronto com a recensão longa de Pascásio. Mas o códice de Bruxelas afasta-se mais do texto genuíno.

Para quem tiver presente o quadro da composição do ms. de Estugarda (cf. pp. 108-110) diremos apenas que o ms. 8216-18 de Bruxelas tem, em relação àquele, apenas as seguintes variantes:

Depois do apotegma XI,2, (seguimos sempre a numeração da nossa edição) inclui LXXXV,1, que falta por completo no códice de Estugarda, mas continua logo com XI,3; a seguir a XLII,1, omite o n. 2, mas segue com o n. 3; após LVII,2, suprime o n. 4, isto é, elimina de Pascásio a história de Táisis. Note-se, porém, que o códice virá a incluir a Vida de Táisis, isolada, nos ff. 60v-62r, após a visão de Barôntio (ff. 50v-60v).

Em seguida a esta recensão breve de Pascásio, que temos como a melhor do subarquétipo  $\kappa$ , o códice de Bruxelas contém nos ff. 34r-41r uma selecção das *Interrogationes* (...) *quas* (...) *transtulit Martinus episcopus in monasterio Domense* segundo o modelo já descrito a propósito deste texto no manuscrito de Estugarda (cf. supra pp. 110-111).

Sobre os ff. 41r-50v Barlow diz apenas que contém «fragmentos não identificados de *Verba Seniorum*, em parte do Livro V» (4). Poderemos dizer que estes fragmentos, embora não tenham qualquer título após as *Interrogationes* de Martinho nem antes da Visão de Barôntio, são os seguintes, todos por nós identificados: Pelágio XV,66; XVIII,3; XVI:1, 13, 17, 18; VII,24; VIII: 1, 17, 18, 13; IX,7; X:2ª, 12, 39, 93; XIII,11; XIV: 6, 8.

É verdade que no seu *Catalogue J. v. d. Gheyn* (5) identifica sumariamente o texto de Pascásio deste manuscrito (ff. 2r-34r, diz ele, mas na realidade ff. 1r-34r) com BHL 6531, isto é, com o Livro VII das *Vitae Patrum*. Mais surpreendente é que C. W. Barlow, que afirma «ter feito uma colação do original» (6) insista em que o texto de «Pascásio com a sua dedicatória a Martinho, está impresso na PL vol. LXXIII, coll. 1025-1062» (7). Na realidade, como veremos ao

(4) *Martini...*, p. 17.

(5) *Op. cit.*, p. 1.

(6) *Martini...*, p. 18.

(7) *Ibid.*, p. 17.

apresentar a composição do texto publicado por Rosweydu, a redacção do ms. de Bruxelas 8216-18 ainda que não seja uma genuína antologia do autêntico Pascásio, está no entanto livre das interpolações de Pelágio, do *Paraíso* de Heráclides, de 18 «sentenças» de Martinho (mais ou menos adaptadas) e das «Meditações dos Doze Anacoretas» (corpo inteiramente estranho a esta colecção). Por isso mesmo, é igualmente de rejeitar a opinião de Barlow, exposta noutra parte (8), segundo a qual a forma breve de Pascásio, publicada por Rosweydu como Livro VII e dividida em 44 capítulos, tem como principal representante o ms. 3595 (8216-18) de Bruxelas.

Quanto acabamos de dizer mostra que este códice, apesar da sua antiguidade e de ser por certo o mais conhecido de quantos nos transmitiram o texto de Pascásio, não só não está isento de defeitos, mas representa já até uma fase de diminuição e inversão do texto. Infelizmente, outros descendentes do mesmo subarquétipo enveredarão por caminhos muito mais arbitrários.

Do ponto de vista paleográfico, deixaremos normalmente de fazer qualquer observação, dado que os códices derivados do subarquétipo  $\approx$  dependem todos de uma cópia da época carolina. As suas características ficaram sumariamente apontadas ao estudar o seu mais antigo similar, o ms. Theol. Fol. 303 de Estugarda (cf. pp. 111-112).

### 30. MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 9550

O *Catalogus* (1) dos *codices latini monachenses* atribui à primeira parte do ms. 9550, proveniente da abadia de Oberaltaich, a época dos séculos XI-XII. Sobre o seu conteúdo nada mais nos interessa reter aqui senão a indicação genérica de *Vitae Patrum*.

C. M. Batlle (2) foi, segundo cremos, o primeiro que assinalou para os ff. 1r-18v o texto de Pascásio. Afirmar, porém, que «tem os capp. I-XXV,3, com bastantes adições, algumas omissões e uma

(8) *Ibid.*, p. 24.

(1) C. HALM, G. LAUBMANN, G. MEYER, *Catalogus codicum latinorum Bibliothecae Regiae Monacensis, secundum Andreae Schmelleri indices*, Tom. II, Pars I, p. 102 (Monachi, 1871). De futuro designaremos esta obra por *Cat. CLM...*

(2) *Contribució...*, p. 14.

ordem em geral perturbada ou diferente». A apreciação sobre o conteúdo fê-la Batlle, sem dúvida, em relação à edição de Rosweydyus. Ora nós já assinalámos quão defeituosa é esta edição... É erro, no entanto, afirmar que o CLM 9550 possui apenas os capp. I-XXV,3 da edição de Rosweydyus. Na realidade a sua última narrativa é o cap. XCIX,2 de Pascásio, ao qual corresponde o cap. XXXVI,3 Rosw.

O exame pessoal que fizemos do códice permite-nos identificar todas as suas pecas.

1) ff. 1r-18v: recensão breve de Pascásio, segundo o mesmo modelo de Bruxelas, Bibl. Real, 8216-18. Omite apenas o título do cap. LIII de Pascásio.

2) ff. 18v-22v: selecção de Martinho, com o cap. C: 1, 2, 3, 4 de Pascásio de permeio, tal como no citado códice de Bruxelas (cf. p. 111).

3) 22v-28r: extractos de Pelágio, identificados quando estudámos o ms. 8216-18 de Bruxelas (cf. supra p. 115).

4) ff. 28r-34r: *Visio Baronti* (= BHL 997).

5) ff. 34r-78r: textos de Pelágio-João.

6) ff. 78r-106v: Livro II das *Vitae Patrum*. Até ao final, fl. 148v, seguem-se as vidas dos santos Hilarião, Malco, Paulo ermita, Antão e Macário.

Dito que o texto de Pascásio (ff. 1r-18v) obedece inteiramente ao subarquétipo  $\alpha$ , note-se mais que a escrita é do tipo carolino. O copista dava por vezes sinais de mau leitor. Um exemplo apenas. O *prefácio* de Pascásio começa: *Vitas patrum, Graecorum*... Perante a palavra mais difícil, o copista bávaro não hesitou em escrever claramente *Gregorius!*

## RECENSÃO MÉDIA CONTAMINADA

(Cf. FINAL DO LIVRO VII DE ROSWEYDVS)

### XI — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\lambda$

A existência deste subarquétipo é postulada pelas semelhanças de texto entre os subarquétipos  $\mu$  e  $\nu$  dele derivados. Visto que  $\nu$  oferece um texto menor, mas por vezes mais próximo da série extensa, não poderemos considerá-lo directamente dependente de  $\mu$ . Daí a necessidade de ambos remontarem a um hiperarquétipo comum,  $\lambda$ , que cada qual adaptou ligeiramente.

É-nos impossível dizer quando teria sido elaborado o subarquétipo  $\lambda$ . Sabemos apenas que o mais antigo representante de um seu derivado, o manuscrito contaminado de Paris, Bibl. Nac. lat. 9729 é do século IX, embora seja o de Ruão, Bibl. Munic. 1375, do século XI, o primeiro que nos apresenta uma forma quase perfeita. Temos, porém, alguns indícios para avaliar da região onde foi elaborado. Com efeito, em XCIV,1, linha 2, depois de usar a palavra *arundines* o organizador desta série intercalou a seguinte explicação: *quas in Gallia cannas uocant*. De facto, como se poderá observar pela origem da maioria dos manuscritos que ainda possuímos, a sua área de expansão parece ter sido o Norte da França, com ramificações para a Inglaterra, Bélgica e Alemanha.

A crítica textual prova que o organizador deste modelo tinha diante de si um exemplar proveniente da série longa (subarquétipo  $\epsilon$ ) e outro da série breve (subarquétipo  $\kappa$ ). Procurou ficar a meio caminho quanto ao número de apotegmas transcritos. Com efeito, enquanto a recensão extensa completa tem 358 números, repartidos por 101 capítulos, esta conta apenas 279, distribuídos em 79 títulos, incluindo entre estes apotegmas duas «sentenças» apócrifas importadas da recensão breve (*App.* 2 e 5) e uma outra que o organizador parece ter introduzido por sua conta (*App.* 7) e ainda 22 adaptadas de Martinho.



Que se trata de uma compilação, o próprio texto o deixa entrever, pois o subarquétipo  $\mu$  (que parece ser, em extensão, uma reprodução fiel do seu modelo) termina com estas palavras: *Plura omnes huic inseritis haec utentibus pauca non sufficiunt*. Nota-se até que o compilador, a partir do meio da obra (sobretudo desde LIX), passou a resumir muito mais. Além dos factos já apontados, a originalidade do organizador revela-se em ter deslocado alguns apotegmas. Por exemplo, a XII,1 acrescenta XLIX,3; a XX,1 faz seguir XXIX,3; e a XXXV,6 junta logo XLIX,5. Mas depois retoma a ordem normal.

Finalmente apontemos que característica própria deste compilador é ter misturado um resumo de Martinho, bastante retocado, com o final de Pascásio. Outras informações de carácter literário serão postas em relevo ao fazer-se o estudo da crítica textual. De facto, o organizador esclarece o texto e enriquece-o com citações bíblicas, mostrando assim a sua erudição.

## XII — SUBARQUÉTIPO $\mu$

Colocamos em primeiro lugar o subarquétipo  $\mu$  porque nos parece reproduzir mais fielmente o conteúdo já indicado para o hiperarquétipo  $\lambda$ . Uma descrição pormenorizada dos seus capítulos e apotegmas encontra-se na exposição que fazemos sobre o ms. 1375 de Ruão (infra pp. 124-126). O seu texto parece, no entanto, por vezes, ter sido mais profundamente reelaborado que o do subarquétipo  $\nu$ .

### 31. (Cf. n. 51) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL, *FUNDO LATINO 9729*

L. Delisle (1) diz apenas deste manuscrito que é do século IX e que contém Vidas dos Padres. Os Bolandistas (2) vão um pouco mais longe na observação: afirmam que o códice foi do «armário» de S. Martinho de Tours e que todo ele é preenchido pelas Vidas dos Padres do Egipto, isto é, pelos Livros III e seguintes de Rosweyodus, embora não com a mesma ordem da edição.

O nosso exame possibilita uma divisão mais concreta:

- 1) ff. 2r-66v: *Paraíso* de Heráclides.
- 2) ff. 66v-81v: Livro II de Rosweyodus, mutilado.
- 3) fl. 82r: Prefácio de Pascásio, isolado e segundo o subarquétipo contaminado  $\xi$ , que adiante apreciaremos.
- 4) ff. 82r-153v: ao prefácio de Pascásio segue-se a tradução de Pelágio-João, mas, no meio dela, nos
- 5) ff. 153v-158v: temos, sem qualquer distinção, os apotegmas de Pascásio que em breve identificaremos.
- 6) ff. 158v-159v: continuação do texto de Pelágio-João, mutilado no fim.

Sobre a natureza e valor do prefácio de Pascásio isolado da sua versão, falaremos oportunamente. Por agora, baste-nos acentuar

---

(1) *Inventaire des manuscrits latins conservés à la Bibliothèque Impériale sous le: numéros 8823-11503 du fonds latin*, Paris, 1863, p. 45. De futuro indicaremos a obra de Delisle apenas por *Inventaire...*, nn. ...

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, t. II, Bruxellis, 1890, p. 565.

que ele introduz o texto de Pelágio e que é no meio deste que se encontram, nos ff. 153v-158v os seguintes fragmentos de Pascásio: XXXIII: 4, 5, 6, 7; XXXII,5; XXXIII,3; XXXI: 4, 5, 6; XXIV: 5, 6; XXV,4; XXVI,3; XXVII: 1, 2; XXVIII,1; XXIX,2; XIV: 12, 1; XLV: 1, 2; LXXIX,1; LXXXI,1; LXXXVI,2; LXXXIX: 3, 4; XC, 2; XCII,2; XCIII,10; XCV,1; XCVI,2; *Martinho* 106; *Pasc.* XCIX,1<sup>b</sup>; XXVI,4; *Mart.* 29, 33; *Pasc.* LXXVII,1; XXI,1; XI:3, 4; XIII,1<sup>b</sup>; XVIII,1; XXI,2; XXIII: 1, 2.

Como se vê, além de encontrarmos Pascásio no meio de Pelágio-João, temos algumas «sentenças» de Martinho misturadas com as de Pascásio. O exame do conteúdo e da crítica textual prova que os fragmentos de Pascásio e de Martinho foram tirados de uma versão dependente do subarquétipo  $\mu$ . O copista não seguiu sempre uma ordem progressiva. A sua selecção é original.

O facto de o prefácio de Pascásio (segundo um modelo contaminado) estar a preceder a tradução de Pelágio-João e de o texto de Pascásio e Martinho (importados de outro modelo contaminado) se encontrarem no meio da versão daqueles tradutores romanos, prova bem o carácter secundário e compósito do manuscrito 9729 da Biblioteca Nacional de Paris. A sua autoridade na transmissão do texto é escassa. O seu valor está em mostrar como no final do século IX já temos um testemunho da expansão de Pascásio no Norte da Gália, em versões diferentes da original.

No desejo de precisar quanto possível a data deste manuscrito, dada a natureza dos textos de Pascásio que ele nos transmite, consultámos os peritos do «Institut de Recherche et d'Histoire des Textes» de Paris. Respondeu-nos a 26 de Agosto de 1968 a chefe da secção latina, M.<sup>o</sup> Elisabeth Pellegrin, que, após exame pessoal do códice, confirma serem os diversos copistas que nele trabalharam todos do final do século IX ou princípio do século X. Afirma ainda que, segundo a numeração antiga dos cadernos, não deverá faltar senão um fólio após o fl. 81. Finalmente remete-nos para a obra erudita de E. K. Rand, *A survey of the manuscripts of Tours*, I, Cambridge (Mass.), 1929, p. 178, n. 157 que data todo o manuscrito também do final do século IX.

## 32. (= R) — RUÃO, BIBLIOTECA PÚBLICA 1375

O *Catalogue Général des Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France* (1) já fornecia os dados paleográficos essenciais sobre o actual manuscrito 1375 de Ruão. Quanto à identificação das matérias contidas a partir do fl. 45, limita-se, no entanto, a dizer que se trata dos Livros V-VII das *Vitae Patrum*, segundo a tradução de Pelágio, João e de um anónimo. De facto, o códice tem no fl. 146r o prefácio de Pascásio, mas sem a dedicatória a Martinho, omitindo-se, portanto, o nome do tradutor.

C. M. Batlle (2) considera o ms. 1375 de Ruão como detentor, nos ff. 146-167 da recensão breve de Pascásio, em que as «sentenças», diz, se encontram «misturadas, segundo parece, com materiais procedentes dos livros V-VI». Notemos de uma vez para sempre que Batlle nunca distingue entre as recensões breves e o texto das recensões médias, porque ignorava que estas existissem com individualidade própria. O conteúdo, como veremos, está também mal apreciado.

No *Institut de Recherche et d'Histoire des Textes*, de Paris (3), encontra-se uma descrição desenvolvida e paleograficamente perfeita deste manuscrito. Limitamo-nos a reproduzir os elementos essenciais. O códice é formado pela reunião arbitrária de duas partes: a primeira (ff. 1-44) do séc. XIII, a segunda (ff. 45-167) dos séculos XI-XII. Provavelmente foi copiado na Normandia, na abadia dos beneditinos de S. Mauro de Jumièges, donde passou à Biblioteca de Ruão. Para os ff. 146-167 que contêm a versão de Pascásio é indicada como data o séc. XI. Quanto à natureza deste texto, acentua-se o que já no séc. XVII alguém escreveu na primeira folha e repetiu na margem do fl. 146r: que se trata de uma tradução diferente da que foi impressa por Rosweydyus. Achamos, no entanto, pouco feliz a conclusão. Segundo o *Inst. R. H. Textes*, excepto o prólogo, o conteúdo não corresponde,

(1) Tome I, Rouen, par Henri Omont, Paris, 1886, p. 342.

(2) *Contribució...*, p. 70.

(3) Citaremos de futuro apenas pela abreviatura *Inst. R. H. Textes*. Encontra-se actualmente instalado na Av. d'Iéna, 40, Paris, XVI. As descrições dos manuscritos são da responsabilidade do Instituto. Por isso, não citaremos o nome do colaborador que elaborou o trabalho.

no seu conjunto à edição de Migne. Observa que o prólogo é seguido de uma tábua de capítulos «bastante sumária», o que não impede de reparar que o número de capítulos é mais numeroso e que a forma e o assunto é diferente do Livro VII. Quem observasse atentamente descobriria, porém, que a edição reimpressa por Migne é um resumo do texto deste códice. Por isso mesmo, só parcialmente podemos concordar com a conclusão de que há aqui «interpolações tiradas de outros livros (cf. Santa Tâsis, fl. 160v-161, do liv. I)». Não foi notado que no final há interpolações das *Sententiae* de S. Martinho. Quanto à Vida de Tâsis ela pertence ao Livro VII. A edição de Rosweyodus isolou-a, infelizmente, no Livro I das *Vitae Patrum*. Que ela corria à parte já nessa altura prova-o o facto de, no fl. 167r-167v, um outro copista ter começado a copiá-la de novo. Mas interrompeu, apesar de ter espaço para continuar, certamente por ter reparado que já se encontrava incluída no corpo da obra.

As dificuldades encontradas por quantos examinaram o códice 1375 de Ruão derivam do facto de não conhecerem a recensão extensa. O exame do conteúdo que vamos fazer prova com toda a evidência que este modelo é um resumo da série longa, incluindo das *Sententiae* de Martinho, que vêm indicadas como capítulo à parte no índice inicial, mas não são separadas no final do texto. Veremos como elas se misturaram nos capítulos 76, 78 e 79, com a terminação de Pascásio. Notemos desde já que o texto de Martinho foi reelaborado, por vezes, pelo organizador do hiperarquétipo, segundo o mesmo critério que seguira para a parte de Pascásio, acrescentando com frequência citações apropriadas da Sagrada Escritura. Este processo verifica-se, nomeadamente na transcrição de *Mart.* 33, 22, 26 e 29, da antologia que indicaremos na tabela a seguir apresentada.

O quadro coloca à esquerda o número do capítulo no subarquétipo contaminado  $\lambda$  e à direita da linha divisória o texto que lhe corresponde na recensão longa. Os apotegmas omitidos serão indicados por —. Como o ms. 1375 de Ruão só tem o título dos capítulos no índice que coloca após o prefácio (ff. 146r-146v) e depois apenas traz à margem, o número dos capítulos até ao fl. 162r, a divisão das matérias que adoptámos é a que se encontra no manuscrito da Catedral de Winchester III. J. m., que adiante descreveremos. Note-se que, excepto o título dos capítulos ao longo do texto, o conteúdo dos dois códices é absolutamente idêntico. No texto do manuscrito de Winchester o título dos capítulos corresponde aproximadamente ao indicado

como próprio do primeiro capítulo equivalente na série longa. As excepções são apenas as seguintes:

Cap. I: *Contra gastrimargiam deuincendam et desiderium gulae*. Como se poderá verificar este título foi importado da série breve (3). Como, porém, esta não considera à parte o cap. III, verifica-se até a incongruência de o organizador da série média contaminada, ao reproduzir, por sua própria iniciativa, o cap. III da recensão longa lhe dar o título que lhe convém: *De uincendo desiderio gulae* — repetindo-se, portanto.

Do cap. V da série longa, o compilador fez dois títulos — um, cap. V: *De abstinentia occultanda* é reprodução fiel; outro, cap. VI: *Item de abstinentia* é um desdobramento do anterior, a que se juntaram, sem título próprio, os apotegmas do cap. VI da série longa.

O cap. IX: *De origine passionum et quod oportet contra daemonem orando resistere* é a condensação dos títulos dos capp. IX e X da série longa. Em rigor quase poderíamos dividir este capítulo IX em dois, pois que, após transcrever IX,3, o hiperarquétipo devia já apresentar interpolada, com o título do cap. X, a «sentença» X,1, que imediatamente se lhe segue com esta redacção: *Dixit quidam senex: de eo quod oportet orando contra daemonem resistere. Sicut uenenata...* Mas a verdade é que nenhum manuscrito considerou isolado o cap. X da série longa nem parece ter dado pela interpolação.

Eis finalmente, de acordo com as normas enunciadas, o quadro das equivalências entre a série média contaminada e a recensão longa.

SÉRIE MÉD. CONT.	RECENSÃO LONGA
<i>Praefatio</i>	<i>Capitulatio</i>
<i>Capitulatio</i>	<i>Praefatio</i>
I	I: 1, 2, 3, 4
II	II: 1, 2, 3, 4
III	III: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
IV	IV,1
V	V, 1
VI	V, 2; VI: 1, 2
VII	VII: 1, 2
VIII	VIII,1

(3) Cf. *supra*, p. 107.

IX	IX: 1, 2, 3; X: 1, 2, 3, 4
X	XI: 1, 2, 3, 4
XI	XII,1; XLIX,3
XII	XIII,1
XIII	XIV: 1, 2, —, 4, 5, 6; App. 2; 8, 9, 7, 10, 11, 12, 13
XIV	XV: 1, 2
XV	XVI: 1, 2
XVI	XVII,1
XVII	XVIII: 1, 2, 3
XVIII	XIX: 1; App. 5; 2
XIX	XX,1; XXIX,3
XX	XXI: 1, 2, 3
XXI	XXII: 1, 2, 3
XXII	XXIII: 1, 2
XXIII	XXIV: 1, 2, — (sed post XXIV, 2 inseruntur tantum nouissima uerba, spuria, quae inueniuntur in serie breui XXIV,3), 4, 5, 6
XXIV	XXV: 1, 2, 3, 4
XXV	XXVI: 1, 2, 3, 4
XXVI	XXVII: 1, 2
XXVII	XXVIII: 1, 2, 3
XXVIII	XXIX: —, 2, —
XXIX	XXX,1
XXX	XXXI: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
XXXI	XXXII: 1, 2, 3, 4, 5, —, 7, 8
XXXII	XXXIII: 1, —, 3, 4, 5, 6, 7, 8, —, 10, —, 12, 13, —, 15
XXXIII	XXXV: 1, —, —, 4, 5, 6; XLIX,5
XXXIV	XXXIV: 1, 2, 3, 4, —, 6, 7
XXXV	XXXVI: 1, 2, 3, 4
XXXVI	XXXVII,1; XXXVIII, —
XXXVII	XXXIX: —, 2, —, 4, 5, 6, 7, —, —
XXXVIII	XL: 1, 2 <sup>a</sup>
XXXIX	XLI: 1, 2, —, 4, 5, 6, —, —, —, —, 11, 12
XL	XLII: 1, 2, 3, —, —, —
XLI	XLIII: 1, 2, 3; XLIV: —, —, —
XLII	XLV: 1, 2, 3
XLIII	XLVI: 1, 2, 3, 4, —, 6, 7, —
XLIV	XLVII: 1, —, —, —; XLVIII, —
XLV	XLIX: 1, 2, —, —, —, 6, 7

XLVI	L: 1, 2, 3, —
XLVII	LI: 1, 2, 3
XLVIII	LII: 1, 2, 3, 4, 5
XLIX	LIII: 1, 2, —
L	LIV: 1, 2, 3, —
LI	LV: 1, 2, 3, 4, 5, 6
LII	LVI: 1, 2, 3
LIII	LVII: 1, 2, 3, 4
LIV	LVIII: 1, 2, 3, —; LIX, —; LX, —
LV	LXI,1
LVI	LXII,1
LVII	LXIII: 1, 2; LXIV: —, —
LVIII	LXV: 1, 2; LXVI, —; LXVII, —
LIX	LXVII: 1, 2; App. 7; —, —
LX	LXIX,1; LXX: —, —
LXI	LXXI: 1, 2, 3, —; LXXII: —, —, —, —, —, —, —, —; LXXIII: —, —, —, —, —, —, —, —; LXXIV: —, —; LXXV, —
LXII	LXXVI: 1, 2, 3, 4, —
LXIII	LXXVII: 1, 2, 3
LXIV	LXXVIII: 1, 2, —; LXXIX,1; LXXX: —, —
LXV	LXXXI: 1, —, —, —, —; LXXXII, —; LXXXIII: —, —; LXXXIV: —, —, —; LXXXV: —, —
LXVI	LXXXVI: 1, 2
LXVII	LXXXVII: 1, —
LXVIII	LXXXVIII: 1, 2, 3, —, —, 6, 7, —, 9
LXIX	LXXXIX: 1, 2, 3, 4
LXX	XC: 1, 2, 3
LXXI	XCI: 1
LXXII	XCII: 1, 2, —
LXXIII	XCIII: 1, 2, —, 4, —, —, —, —, —, 10, 11
LXXIV	XCIV,1
LXXV	XCV: 1, 2, —
LXXVI	XCVI: 1, 2, —, 4; <i>Martinus</i> 106, 108
LXXVII	XCVII,1
LXXVIII	XCVIII,1; <i>Mart.</i> 8, 9
LXXIX	XCIX: 1, 2; <i>Mart.</i> 6, 7, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 33, 22, 23, 25, 26, 39, 42 <sup>a</sup> , 29, 46; <i>Paschasius</i> C: —, —, —, —, —, —, 7; CI, —



Supomos que este quadro deve equivaler ao que seria originariamente o conteúdo mais extenso da série média contaminada.

O manuscrito de Ruão, Bibl. Pública 1375, ff. 146r-167r corresponde-lhe inteiramente e é o exemplar completo mais antigo que possuímos derivado do hiperarquétipo  $\lambda$ .

O códice de Ruão apresenta, no entanto, algumas deficiências. Não tem *incipit*, nem a dedicatória a Martinho nem, no final, *explicit*. O índice dos capítulos que se encontra após o prefácio (ff. 146r-146v) corresponde bem ao seu modelo, mas a ordem está bastante alterada e os títulos não estão precedidos de numeração. A sequência do enunciado dos capítulos divide-se nos seguintes grupos: I-III; VIII-IX<sup>a</sup>; IV-VII; XII-XXX; IX<sup>b</sup>-XI; XXXIII<sup>b</sup>-XLVIII; XXXI-XXXIII<sup>a</sup>; LII-LXX; XLIX-LI; LXXIII-LXXIX; LXXI-LXXII. Como se poderá verificar, o índice está repartido em 79 capítulos. Notemos, porém, que entre os títulos dos capp. LIII e LIV desta *capitulatio* falta o enunciado do *De oratione* que vem no texto, onde, portanto, toma o n. LIV (= LVIII da recensão longa). Por isso a *capitulatio* segue até ao fim com um número de atraso (como no manuscrito modelo de Winchester, *Bibl. Cat.* III.J.m., o qual tem a *capitulatio* numerada e também omite o título *De oratione*). Na série dos títulos de LXXIII-LXXIX, após o título *Quia in solitudine ab omni strepitu summum debet esse silentium* (= XCIV da recensão longa) segue-se logo *De coenobio et quomodo in eo uiuendum est* (= XCVI), saltando o título *Quae sit obseruantia eremitae* (= XCV). Na transcrição do texto, porém, segue-se a ordem normal. O copista veio a dar conta do seu erro e por isso escreveu este título no fim, antes das *Interrogationes et responsiones sanctorum patrum Aegyptiorum plurimae quae de graeco transtulit Martinus episcopus in monasterio Dumiense*, que no ms. de Winchester trazem o n. LXXIX. Dado o atraso da numeração em uma unidade, às *Interrogationes* de Martinho deveria corresponder o n. LXXX. Infelizmente, porém, na apresentação completa do texto as «sentenças» de Martinho não aparecem separadas como um capítulo à parte, mas encontram-se distribuídas, como o quadro atrás apresentado deixa ver, de modo bastante arbitrário e selectivo, pelos capp. LXXVI, LXXVII e LXXIX. Por isso mesmo, o texto global da recensão média contaminada acaba por ficar dividido, de facto, em LXXIX capítulos e não em LXXX como seria de esperar.

Além da desorganização da *capitulatio*, da falta de títulos ao longo do texto e da ausência de numeração a partir de LVII (fl. 162r

e seguintes), o copista cai noutras deficiências, como por exemplo, na repetição de linhas (cf. IX = X,2 da série extensa). De maior interesse paleográfico serão, porém, algumas observações sobre a escrita, que poderão denunciar a época e o local onde teria sido organizado o seu modelo.

Em primeiro lugar nota-se a ausência das grandes marcas distintivas dos manuscritos visigóticos. Pelo contrário, enquanto na escrita visigótica as terminações do tipo *-tia*, *-tio* se mantêm inalteráveis, o manuscrito de Ruão apresenta vários exemplos de palatalização: *tristiciam* (XXVI, 2, lin. 6), *pacientiam* (XXVII,2, lin. 17: note-se aqui uma duplicidade de tratamento escrito da dental primitiva seguida de *i* + vogal), *iusticia* (XXXIX,6, lin. 10), etc.

A confusão entre *-tia* e *-cia* era tal que se registam escritas em que a palatalização não foi gráficamente expressa, como por exemplo em *fidutia* (IX,2, lin. 4).

Alguns fenómenos fonéticos encontram-se aqui tal como em manuscritos visigóticos. Mas não ousamos afirmar que eles sejam sinal de cópia de um modelo visigótico. Estão neste caso: 1 — *e* fechado em *i*: *moriretur* (XV,2, lin. 5), *quatinus* (XXVIII,1, lin. 9), *genitrix* (XLIX,1, lin. 12), etc.

2 — *o* fechado em *u*: *cūfregit* (XXVIII,1, lin. 16), *cumuocatis* (LVII,4, lin. 41), *rumphaea* (XCIII,11, lin. 49).

3 — em contrapartida *u* aparece escrito como *o*, sinal de pronúncia mais aberta: *nonquam* (XXV,2, lin. 2), *tondere* (LVI,3, lin. 9).

4 — a epêntese é frequente em formas do tipo *temptare* (XXV,2, lin. 3), *calumpniam* (XXX,1, lin. 27), *condempnes* (XXXI,2, lin. 3), etc.

Casos deste género vão-se mantendo ao longo de toda a época medieval, mesmo após a renascença carolínea. Precisamente a correcção dos manuscritos derivados deste hiperarquétipo, as emendas de carácter culto, sobretudo com enriquecimento de citações bíblicas, e principalmente a interpolação de XCIV,1, lin. 2 *harundines* (*add: quas in Gallia cannas uocant*) levam-nos a crer que esta recensão de Pascásio foi feita na França, em pleno renascimento carolíneo.

33. BERLIM (ORIENTAL), BIBLIOTECA NACIONAL ALEMÃ,  
MS. HAMILTON 683

Helmut Boese (1) deu-nos uma descrição pormenorizada do manuscrito 683 da colecção de Hamilton, escrito em pergaminho, no século XII, provavelmente na Inglaterra. Ao enunciar o conteúdo dos ff. 155v-184r Boese serviu-se dos elementos fornecidos por Barlow (2) o que o levou a algumas inexactidões. Assim, não reparou que das *Interrogationes et responsiones* de Martinho, anunciadas na *capitulatio* (fl. 156r) se encontra, de facto, uma antologia misturada nos capp. LXXVI, LXXVIII e LXXIX do códice. Do mesmo modo aceitou esta versão como a mais extensa do texto de Pascásio, o que o fez apresentar como manuscritos da família do de Berlim, os da recensão longa, designando mesmo Mus. Brit. *add.* 30.855, Monte Cassino 50, Paris lat. 2768<sup>A</sup>, Vat. lat. 4921 e Madrid, Acad. Hist. 80, apoiando-se para este último na descrição de Zarco Cuevas. Ora se Boese tivesse realmente confrontado o texto de Berlim com o transcrito no *Boletín de la Academia de la Historia*, CVI (1935) pp. 389-438 verificaria que não se trata da mesma recensão. O manuscrito de Berlim não é aparentado com os acabados de indicar, mas sim com os da recensão média que nós incluímos no subarquétipo  $\mu$ .

Em relação ao paradigma de Winchester devemos dizer que na *capitulatio* foi intercalado pelo copista com o n. LIV o título *De oratione* e que o título LXXV *Quae sit obseruantia eremitarum* foi inserido no lugar próprio, mas à margem. Temos, pois, uma *capitulatio* perfeita de LXXIX títulos. Sem número vem a seguir o enunciado *Interrogationes et responsiones... quas de graeco transtulit Martinus episcopus in monasterio dumiense*.

Na transcrição do texto falta apenas o apotegma XXXIV,6. Do ponto de vista de crítica textual o ms. Hamilton 683 é o que mais se aproxima do de Winchester, Bibl. Cat. III.J.m., o que confirma a suposição de que ambos foram copiados na Inglaterra.

(1) H. BOESE, *Die lateinische Handschriften des Sammlung Hamilton zu Berlin*, 1966, Wiesbaden, pp. 329-330.

(2) *Martini...*, pp. 18-22, 30-51.

## 34. CAMBRIDGE, SIDNEY SUSSEX COLLEGE Δ.3.2 (47)

Sob o n. 47 do seu catálogo sobre os manuscritos do Colégio Sidney Sussex, M. R. James (1) dá-nos uma descrição paleográfica bastante pormenorizada do ms. Δ.3.2. Trata-se de um pergamináceo do século XII, muito provavelmente escrito na parte oriental da Inglaterra, todo consagrado às *Vitae Patrum*. Sobre Pascásio, M. R. James transcreve apenas o título que se encontra no fl. 84v, dizendo que, «em 79 capítulos»: *Incipiunt collationes et uitae sanctorum patrum Aegyptiorum quas de graeco in latinum transtulit Martinus in monasterio dumigense Pascasio.*

Notemos, por nossa parte, que este título é único em toda a transmissão manuscrita. O copista, ou já o seu modelo, resolveu assinalar o princípio da obra, trazendo para o título os elementos que lhe fornecia o último item da *capitulatio* do arquétipo  $\mu$ . Parece assim concluir-se que quem traduziu todo o livro foi Martinho e que este o consagrou a Pascásio. Ficaram invertidos os papéis! Na *capitulatio* encontra-se no lugar próprio, sob o n. LIV o título *De oratione* que, como vimos, se encontrava intercalado no ms. Berlim, Hamilt. 683. O resto da *capitulatio* segue em ordem perfeita, inclusive o título *Quae sit obseruantia eremitaee* que no ms. de Hamilton se encontra à margem. A *capitulatio* atinge por isso o número exacto de LXXIX títulos. Esperar-se-ia que se lhe seguissem, com o n. LXXX, as *Interrogationes* de Martinho. Simplesmente, como o copista tinha utilizado este item no título da obra, eliminou-o no fim, de modo que a *capitulatio* termina com o n. LXXIX com um título de Pascásio: *Qualis debet esse generalis omnium uita* (= XCIX da série longa).

Quanto ao mais, o copista seguiu inteiramente nos ff. 84v-113v o subarquétipo  $\mu$ , omitindo apenas duas longas narrações: a do cap. X,4 e a história de Táisis, do cap. LVII,4. A omissão desta última revela uma vez mais um copista atento, pois que, antes de começar a obra de Pascásio, já tinha incluído a vida de algumas penitentes: Maria Egipcíaca (fl. 72v), Táisis (fl. 80r) e Marina (fl. 81v). Não havia, pois, motivo para repetir aqui, no livro de Pascásio, a peça que já tinha ficado solta, atrás.

---

(1) MONTAGNE RHODES JAMES, *A descriptive catalogue of the manuscripts in the library of Sidney Sussex College*, Cambridge, 1895, pp. 30-31.

Identificado o conteúdo e a natureza do texto de Pascásio, só nos resta mencionar as outras referências que conhecemos a este manuscrito. C. W. Barlow (1) cita-o entre os que *deveriam ter* o texto de Martinho, sem se aperceber de que, realmente, no final há 22 «sentenças» deste tradutor segundo a recensão do subarquétipo  $\mu$ . M. C. Díaz y Díaz (2) refere-o também entre os códices que contêm a obra de Pascásio.

### 35. LONDRES, MUSEU BRITÂNICO, COLECCÃO REAL 8.D.VIII

G. F. Warner e J. P. Gilson (3) descreveram com bastante pormenor o manuscrito que se encontra actualmente no Museu Britânico, colecção real, com a cota 8.D.VIII. Trata-se de um pergamináceo de 175 fólios, escrito no século XII, que pertenceu primitivamente ao Novo Priorado de Lanthony e depois à colecção de John Theyer. Os eruditos britânicos dividiram o conteúdo do códice em 40 partes. Apenas a que tem o n. 5 nos interessa, pois contém, no fólio 25, extractos das *Vitae Patrum*, alguns dos quais não identificados e outros atribuídos a Pelágio e Pascásio. Corrija-se, no entanto, o índice do vol. III desta obra, onde, na pág. 219 os extractos de Pascásio Dumiense vêm erradamente atribuídos a Pascásio Radberto, abade de Corbie.

Limitamo-nos apenas a identificar os passos de Pascásio, que são todos tirados da recensão média contaminada segundo o subarquétipo  $\mu$ , os quais se encontram no fl. 25r-25v.

1 — *Quidam senex dixit: Si quis tecum aut de Scripturis...* — identificado como Pascásio cap. XXXI do Livro VII, é na realidade apenas cap. LXXXVII,1 da recensão extensa, mas como dissemos sempre segundo o subarquétipo  $\mu$ . Bastaria confrontar as terminações. Série longa:... *nullo modo requiem possidebis*. No subarquétipo  $\mu$  estas palavras são substituídas, conforme vem neste manuscrito, por:... *non paruum noxietatem senties*. A edição de Rosweydyus a que os cata-

(1) *Martini...*, p. 14.

(2) *Index...*, p. 11.

(3) G. F. WARNER and J. P. GILSON, *British Museum. Catalogue of western manuscripts in the old royal and king's collections*, vol. I, Oxford, 1921, pp. 245-247.

logadores se reportaram junta os elementos finais do subarquétipo  $\mu$  e da recensão longa e acrescenta ainda mais duas frases tiradas do final de LXXXVIII,3.

2 — *Cum quidam frater abbatem Agathonem requisisset dicens: Volo permanere...* — é *Pasc.* XCVI,1. Bastará cotejar este pequeno excerto para se verificar que nem corresponde exactamente à recensão longa nem à editada por Rosweyduus em XLII,1.

3 — *Item ipse abbas Agathon dum cum beato Macario habitaret...* que não pôde ser identificado pelos catalogadores de Londres porque não vem na edição de Rosweyduus, é a transcrição de *Pasc.* XCVI,2, mas segundo o subarquétipo  $\mu$ .

4 — *Quidam frater requisivit sanctum Serapionem abbatem...* considerado como *Pasc.* XLIII,1 (Rosweyduus) é na realidade a recensão do subarquétipo  $\mu$  para Martinho 106.

5 — *Interrogavit abbas Moyses abbatem Siluanum dicens...* não é, pois, Pascásio (XLIII,2 de Rosw.) como se pode verificar pelo final: *...gloria et potestas in saecula saeculorum. Amen*, mas corresponde, como todo o apotegma, à adaptação de *Mart.* 108 feita pelo subarquétipo  $\mu$ .

Como se vê, trata-se de um manuscrito fragmentário em que a participação de Pascásio só é possível ser identificada, por completo, por quem conheça a recensão média contaminada. Por isso mesmo, também não podia ser rigorosa a opinião de C. M. Batlle (2) quando diz que o Royal 8.D.VIII contém uma «escassa meia dúzia de extractos de Pascásio, XXXI-XLIII,2, talvez interpolados com materiais da versão de Pelágio».

### 36. LONDRES, MUSEU BRITÂNICO, COLECÇÃO REAL 8 . C . VI

Warner e Gilson no seu *Catalogue* (1) fizeram a descrição paleográfica deste manuscrito, copiado talvez no século XII ou XIII e que pertenceu à colecção de John Theyer. Quanto ao conteúdo, os catalogadores são bem explícitos em todas as partes, excepto para os ff. 139v-

(2) *Contribució...* p. 71.

(1) G. F. WARNER and J. P. GILSON, *British Museum, Catalogue of western manuscripts in the old royal and king's collections*, vol. I, Oxford, 1921, pp. 233-234.

-144v e 155v-159r, isto é, precisamente os apotegmas pertencentes a Pascásio. Pensam Warner e Gilson que, tanto num como noutro caso, as narrações são tiradas do Livro III de Rosweyodus e do Livro VII.

Segundo C. M. Batlle (2) são apresentados «em primeiro lugar uns 14 fragmentos, extraídos do Pseudo-Rufino ou antes de Pascásio; em segundo lugar, o prólogo e uns 6 apólogos que devem ser pascasianos».

A imprecisão destes eruditos deve-se apenas ao facto de não conhecerem a recensão média contaminada, da qual foram importados todos os apotegmas de Pascásio transcritos nos dois passos em questão. Para que o leitor possa ter uma ideia da dificuldade de identificação destes fragmentos apenas com as partes de Pascásio até agora editadas, vamos mencionar todos os apotegmas, escrevendo em itálico os que têm paralelo no Livro III, em normando os que encontram equivalente no Livro VII, seguidos de asterisco os que podem confrontar-se no Livro III e no Livro VII, e em tipo comum os que são próprios da recensão média e que nunca foram editados, dos quais nós demos o texto genuíno da série longa (tomo I).

1) ff. 139v-144v: XLII: 2, 3; XLIII,1; XLV: 1, 2, 3; XLVI: 1, 2, 3, 4\*, 6, 7; XLVII,1; XLIX,1; LII,5; LVII,2\*; João IV,33; LVII,4. Este último apotegma, que é a Vida de Táisis, não se encontra nos Livros III ou VII, mas foi impresso à parte no Livro I de Rosweyodus.

2) ff. 155v-159r: **Prefácio**, LXXXIX: 1, 2, 3\*, 4; XC: 1, 2, 3\*; XCI,1; XCII: 1, 2; XCIII,1; XXXIII: 1\*, 3\*, 4, 5, 6, 7, 8\*, 10, 12\*, 13.

Como se vê, o copista utilizou uma só recensão de Pascásio, a média contaminada, dando-nos primeiro uma antologia dos capp. XLII-LVII, e depois, após o prefácio, o texto completo dos capp. LXXXIX-XCII (com excepção de XCII,3), seguido de XCIII,1 e do que tinha diante de si do cap. XXXIII (com excepção do n. 15).

Estranho processo o deste copista: ter começado no fl. 139v, após João IV,37, sem qualquer aviso, com o texto de Pascásio; tê-lo interrompido no fl. 144v para inserir a *Macarii epistola ad filios* e as Vidas de Marina e Simeão; e retomar de novo Pascásio no fl. 155v, mas sem que se consiga descortinar o objectivo da sua selecção.

A originalidade do copista, ou do seu modelo, poderia ser posta em relevo se tivéssemos necessidade de comparar o texto pascasiano

---

(2) *Contribució...*, p. 71.

do ms. da coleção real 8.C.VI com os outros exemplares do subarquétipo  $\mu$ . Daremos um exemplo apenas. O cap. XLIX,1 começa aqui assim: Abbas Pigmenius et abbas Anub *et alii quinque fratres eorum*... As palavras sublinhadas são um acrescento que só encontramos neste manuscrito. Mas o copista não inventava totalmente, pois em XCVI,4 fala-se expressamente do abade Poemen, de seu irmão mais velho Anub, que se retiraram para o deserto *et cum aliis quinque fratribus*.

Cremos assim ter esclarecido os problemas até aqui insolúveis do texto pascasiano do ms. 8.C.VI da coleção real do Museu Britânico.

37. (Cf. n. 121) — LONDRES, BIBLIOTECA DO PALÁCIO  
LAMBETH 373

Foi escrito no século XII, com acrescentos do século XIII, este manuscrito que provavelmente é originário do priorado dos Agostinhos de Lanthony, perto de Gloucester. Adiante veremos o complicado conteúdo dos ff. 85r-140v. O exame desta parte do manuscrito revela que nos ff. 133r-136r o copista utilizou sistematicamente um modelo do subarquétipo  $\mu$  donde extraiu os seguintes apotegmas, por vezes precedidos de um título apropriado: LVII: 1, 4; II,3; III: 4, 6; XVII,1; XVIII: 1, 3; XXIV, 5<sup>a</sup>; XLIX: 6, 7; XXI,1; LIV,1; LV,5; LXIX,1; XC,1.

Além deste fragmento contínuo, o copista, ou o seu modelo, serviu-se do subarquétipo  $\mu$  para reelaborar um apotegma que se encontra no fl. 100r, o qual sendo fundamentalmente Pelágio VII,44, tem alguns elementos extraídos de Pascásio LI,3.

38. BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL  
DA BÉLGICA 1224 (II. 931)

J. van den Gheyn (1) estudou já este manuscrito tanto do ponto de vista paleográfico como do conteúdo. Foi copiado em pergaminho no século XIII, para Santa Maria de Vilar e pertenceu depois a Sir Thomas Phillips. Engana-se, porém, J. v. d. Gheyn quando ao trans-

---

(1) *Cat. mss. Bibl. R. Belgique*, tome II, Bruxelles, 1902, p. 232.



crever o título da matéria dos ff. 103r-121v o identifica com as *Interrogationes...* de Martinho, isto é, BHL 6535.

Na realidade, como já observou C. W. Barlow (2), embora o título dos ff. 103v-104r atribua a obra a Martinho, o texto que se segue «é Pascásio, não Martinho». Note-se, porém, que a obra começa com o título genérico (fl. 103r): *In Christi nomine incipit prologus de uita et consolatione sanctorum patrum*, a que se segue a dedicatória de Pascásio a Martinho. A repetição (ff. 103vb-104ra) *Incipiunt...* foi um engano deste copista ou do seu modelo. Mais uma vez ainda Barlow não reparou que entremeadas com o final de texto de Pascásio vêm 14 «sentenças» de Martinho segundo a adaptação do subarquétipo  $\mu$ .

M. C. Díaz y Díaz (3) menciona também este códice entre os que têm o texto de Pascásio.

Parece que até ao presente ninguém apreciou, contudo, com profundidade, a natureza e conteúdo deste códice.

No fl. 103ra é transcrito o prólogo de Pascásio dedicado a Martinho. E logo a seguir, fl. 103rb começa a *capitulatio* que enumera LXXVIII títulos. Comparando-a com a de outros códices já por nós descritos, diremos que transmite fundamentalmente o modelo do subarquétipo  $\mu$ , incluindo como cap. LIV o título *De oratione*, tal como os mss. de Berlim, Hamilt. 683 e de Cambridge, Sidney Sussex College. Porém, certamente por descuido, o copista saltou (fl. 103vb) o título que nos seus pares tem o n. LXXVI: *De coenobio et quomodo in eo uiuendum sit*. Por outro lado, tal como os códices de Ruão e da Catedral de Winchester desloca para último lugar, com o n. LXXVIII, o título: *Quae sit obseruantia eremitaе*.

A particularidade do códice II.931 da Bibl. Real de Bruxelas está em que, após o último n. citado, o copista escreveu (fl. 103v-104r): *Expliciunt capitula. Incipiunt interrogationes et responsiones sanctorum patrum Aegyptiorum plurimae quas de graeco transtulit Martinus episcopus in monasterio dumense*. Confundiou, portanto, o último capítulo do seu modelo com o título da obra. Mais uma vez, mas de modo diferente do caso de Cambridge, temos a tradução de Pascásio atribuída a Martinho.

(2) *Martini...*, pp. 13-14 e p. 27, nota 11.

(3) *Index...*, p. 11.

Mais curioso será ainda notar o texto que se segue, pois não é uma cópia de todo o conteúdo do subarquétipo  $\mu$ , mas sim uma autêntica antologia. Em vez dos anunciados LXXVIII capítulos, ao longo da transcrição a divisão é feita (e apenas teoricamente) em XXXIX capítulos, sem reprodução dos títulos, assim distribuídos, com materiais todos recolhidos do subarquétipo  $\mu$ :

N.º DO CAP. EM II.931	APOTEGMAS TRANSCRITOS, SEGUNDO A NUMERAÇÃO DA RECENSÃO LONGA
I	I: 1, 2, 4
II	II: 1, 3
III	III: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
IV	IV, 1
V	V,2
VI	VI,2
VII	VIII,1
VII	Sob o número VII, repetido, temos: IX: 1, 2, 3; X: 1, 2, 3
IX	(Na foto não vemos o n. IX)
X	XI: 1, 2, 3, 4
XI	XII,1; XLIX,3
XII	XIII,1
XIII	XIV: 2, 5, 6; App. 2; 8, 9, 7, 10, 11, 12, 13; XVI: 1, 2
XIV	XV,1
XV	XV,2
XVI	XVII,1; XVIII: 1, 2, 3
XVII	(Na foto não vemos o n. XVII)
XVIII	XIX,1; App. 5
XIX	XX,1
XX	XXI,3
XXI	XXII: 1, 3
XXII	XXIII: 1, 2; XXIV: 2, 5, 6
XXIII	(Na foto não vemos o n. XXIII)
XXIV	XXV,1; XXVI: 1, 2, 3 <sup>b</sup> , 4; XXVIII: 1, 2, 3; XXXI: 2, 3, 4, 5, 6; XXXII: 5, 7, 8; XXXIII: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 10; XXXV,6; XXXIV: 1, 2, 3, 4 <sup>a</sup> , 6, 7; XXXVI,4 <sup>b</sup> .

XXV-XXXV	(Na foto não vemos os nn. XXV-XXXV. O copista errou, por certo, a numeração)
XXXVI	XXXVII,1; XXXIX: 2, 4, 5, 6, 7
XXXVII	(Na foto não vemos o n. XXXVII)
XXXVIII	XL: 1, 2 <sup>a</sup> ; XLI,2
XXXIX	XLI: 4, 11, 12; XLV: 1, 2, 3; XLVI: 1, 2, 3; XLVII,1; XLIX: 1, 7; L: 1, 2; LI,1; LII,2; LIII: 1, 2, 3; LIV: 1, 2, 3; LV: 1, 2, 3, 4; LVI,1; LVII: 1, 2, 3, 4; LXI,1; LXIII,1; App. 7; LXXI,3; LXXVI: 2, 3, 4; LXXVII: 1, 2; LXXVIII: 1, 2; LXXXI,1; LXXXVI: 1, 2; LXXXVII,1; LXXXVIII: 1, 2, 3, 6, 7, 9; LXXXIX: 1, 2, 3, 4; XCI,1; XCII: 1, 2; XCIII: 1, 2; XCIV,1; XCV: 1, 2; XCVI,2; <i>Mart.</i> 106, 108; <i>Pasc.</i> XCVII,1; XCVIII,1; <i>Mart.</i> 8; <i>Pasc.</i> XCIX,1; <i>Mart.</i> 6, 11, 12, 14, 15, 16, 33, 22, 23, 25 e 26.

Como se vê, trata-se de uma autêntica selecção tanto do texto de Pascásio como do apêndice de Martinho, se compararmos o conteúdo do ms. de Bruxelas II.931 com o de Ruão 1375.

Receamos que, por deficiência de filmagem ou de reprodução fotográfica, não tenhamos assinalado alguns capítulos mais que se encontrem registados no texto. Apesar de tudo, torna-se evidente que esta numeração é bastante arbitrária a partir do cap. XXIV.

### 39. WINCHESTER, BIBLIOTECA DA CATEDRAL

#### III. J. m.

Henrich Schenkl, na *Bibliotheca Britannica* (1), sob o n. 3799, faz uma breve descrição do conteúdo e do manuscrito III.J.m. da Catedral de Winchester, copiado no século XIII. Falta-lhe indicar as dimensões deste grande códice de  $12\frac{1}{2}$  polegadas de largo por  $16\frac{3}{4}$  de comprido, segundo a indicação que nos forneceu o bibliotecário,

(1) H. SCHENKL, *Bibliotheca Patrum Latinorum Britannica*, Viena, 1894, III, Heft 1, p. 50.

cónego John P. Boden, ao transmitir-nos o microfilme da parte que nos interessava. No nosso sistema métrico, diremos que os fólhos são de  $42,6 \times 31,7$  cm. Não temos qualquer informação sobre a proveniência do manuscrito, mas tudo leva a crer que foi copiado na Inglaterra.

Porque dispomos de reprodução fotográfica dos ff. 3v-40r, podemos completar as informações de H. Schenkl, dizendo que a *Vita Symeonis* termina no fl. 3va; que se lhe segue imediatamente o prólogo de Pascásio até ao meio de 3vb; que começa depois a *capitulatio* em LXXIX títulos até 4va, o último dos quais — como dissemos ao estudar o ms. de Ruão, Bibl. Publ. 1375 — são as *Interrogationes* de Martinho; que de 4va até 40rb é reproduzido o texto de Pascásio segundo a recensão média contaminada do subarquétipo  $\mu$ ; e que logo a seguir *Incipit doctrina sancti Basilii episcopi Capadociae*.

Esta pormenorização, além de indicar o número dos fólhos (que falta em H. Schenkl), mostra que o códice de Winchester, como já notou C. W. Barlow (2) não possui, de facto, ao contrário do que Schenkl aponta, uma versão sistemática das «sentenças» de Martinho. Estranhámos, no entanto, que C. W. Barlow, o qual afirma possuir um microfilme deste manuscrito, não tenha feito em parte alguma referência às 22 «sentenças» de Martinho de que este códice (tal como muitos outros do mesmo modelo) dá uma recensão adaptada, misturando-as com o final de Pascásio. Se isto tivesse sido observado, Barlow poderia ter aumentado consideravelmente não só o número de manuscritos que terminam a *capitulatio* de Pascásio com um «último item» referente às *Interrogationes* de Martinho (3), mas até ter-se apercebido de que há uma recensão diferente para as 22 «sentenças» que indicámos ao descrever o final do manuscrito de Ruão.

M. C. Díaz y Díaz (4) aponta também este códice entre os que contêm o texto de Pascásio.

Como já fizemos saber (5), o conteúdo do manuscrito da Catedral de Winchester ajusta-se perfeitamente ao da Biblioteca Pública de Ruão, inclusive quanto às deficiências da *capitulatio*. Há, porém, uma particularidade a anotar no que se refere à paginação. Não se

(2) *Martini...*, p. 27, nota 12.

(3) *Martini...*, pp. 13-14.

(4) *Index...*, p. 11.

(5) Cf. *supra*, pp. 123-127.

trata de um erro de copista, mas de encadernador. A reconstituição da colocação das folhas revelou-nos que com o fl. 33r começa um terno que deveria ter os ff. 33, 34 e 35 e seus equivalentes após a dobra-gem da folha grande. Porém, a folha que deveria ficar no centro, com os ff. 35r-35v e 36r-36v, foi isolada, talvez por distração, de modo que, depois de 34v, os actuais ff. 35r-36v têm o texto que deveria ser numerado como ff. 37r-38v. A folha que assim ficou solta foi colocada depois do actual fl. 36v e numerada fl. 37r-37v e fl. 38r-38v, ao passo que, como dissemos, o texto que lhe corresponde deveria ter a numeração fl. 35r-36v. Ao engano do encadernador não correspondeu a atenção do paginador, de modo que a leitura destas folhas torna-se hoje muito difícil, pelos saltos que exige. Com o fl. 39r, texto e paginação retomam a sequência normal.

Quaisquer outras observações sobre este códice, na parte relativa a Pascásio, teriam apenas lugar se pudéssemos examinar as variantes de texto entre os diversos exemplares dependentes do subarquétipo  $\mu$ .

#### 40. (= W) — WIESBADEN, BIBLIOTECA ESTADUAL DE HESSEN 8

Os aspectos paleográficos do actual manuscrito n. 8 da Biblioteca de Wiesbaden foram suficientemente descritos já em 1931 por G. Zedler (1). Os seus 295 fólhos, distribuídos em grupos em que a folha exterior e a do meio são de pergaminho e as restantes são de papel, foram escritos no século xv. Proveio, conforme nós tivemos ocasião de verificar por uma nota escrita no fl. 1, de S. Florino de Schönau.

Aproveitamos a oportunidade para corrigir uma pequena parte do conteúdo indicado por G. Zedler, o qual considera os ff. 142-247 como um «Tractatus de exhortatione monachorum Athanasii episcopi», mas diz que este escrito atribuído a S. Atanásio é na realidade a tradução latina de Pelágio-João. O exame pessoal que fizemos do manuscrito revela-nos que o copista distinguiu claramente duas partes:

1) ff. 142r-146r — *De exhortatione monachorum Athanasi*, que principia por: *Etsi quod gloriari in Christo licet...*

(1) GOTTFRIED ZEDLER, *Die Handschriften der Nassauischen Landesbibliothek zu Wiesbaden in Zentralblatt für Bibliothekswesen*, Beiheft 63, Leipzig, 1931, p. 23.

2) ff. 146r-247r: *Incipiunt adhortationes sanctorum patrum*, cuja tradução é atribuída, como em muitos outros manuscritos a S. Jerónimo, mas na realidade é a que tradicionalmente se considera como de Pelágio-João.

3) Nos ff. 247r-248v temos a *Epistola sancti Macarii ad filios: In primis quidem si coeperit homo...*

4) Em 248v-283r vem anunciada a obra que nós estudamos com as palavras: *Incipiunt capitula Paschasii in exhortationes monachorum*.

O exame de todo o texto mostra-nos que se trata de uma versão de Pascásio segundo o subarquétipo contaminado  $\mu$ , a que falta apenas o apotegma XCIII,1. O copista escreveu o título do capítulo e os outros números que nesta recensão por ele estão compreendidos, mas certamente por distração, sua ou do seu modelo, omitiu o n. 1.

Não vale a pena, por ora, descer a mais pormenores sobre o texto do manuscrito de Wiesbaden, tanto ele se assemelha, mesmo nos aspectos gráficos, ao que dissemos sobre o de Ruão. Note-se, porém, que na *capitulatio* se encontra o *De oratione* como nos mss. de Berlim, Cambridge e Bruxelas, ao passo que, no fim, o título *Quae sit obseruantia eremitaee* está deslocado para o último lugar com o n. LXXIX, como em Ruão, Winchester e Bruxelas. Particularidade deste ms. de Wiesbaden é que as *Interrogationes et responsiones* de Martinho vêm a seguir precedidas do n. LXXXI, o que é erro manifesto do copista, em vez do esperado, mas nunca encontrado n. LXXX.

M. C. Díaz y Díaz (2) citou também este manuscrito, atribuindo-o, no entanto, ao século XIV.

#### 41. CAMBRIDGE, BIBLIOTECA DO CORPUS CHRISTI COLLEGE 6

Da livraria do convento de Santo Albano veio este manuscrito, copiado no século XV, para o Corpus Christi College. Segundo o Catálogo (1), os ff. 71v-120r contêm muito das *Vitae Patrum*.

Através do exame de um filme desta parte do manuscrito, chegámos à conclusão que se trata de um resumo do *Speculum Historiale*, de

(2) *Index...*, p. 11.

(1) M. RHODES JAMES, *A descriptive catalogue of the manuscripts in the library of Corpus Christi College, Cambridge*, vol. I, 1912, p. 16.

Vicente de Beauvais (escolástico dominicano falecido em 1264). De facto, o texto segue quase sempre a progressão da edição (2), embora com saltos, resumos e adaptações.

Feita esta identificação, parece que o problema se deveria remeter para os estudiosos de Vicente de Beauvais. Porém, como o manuscrito de Cambridge não reproduz exactamente a edição, vamos identificar nele apenas as partes dependentes dos *apophthegmata patrum*. Não é, no entanto, difícil de encontrar também rasto dos Livros I, II, IV e das traduções de Paládio.

- 1) fl. 73v: Pelágio III,15.
- 2) ff. 74r: Pascásio II,1 e VII,1, segundo um modelo proveniente do subarquétipo  $\mu$ , provavelmente contaminado com o subarquétipo  $\sigma$ .
- 3) ff. 87v-97v: selecção de Pelágio-João.
- 4) ff. 98r-98v: nova selecção de Pascásio, agora com certeza apenas segundo o subarquétipo  $\mu$ , constituída por III: 1, 2, 3; XVIII,2; XX,1<sup>a</sup>; XCV,1 e XCVI,1.
- 5) fl. 98v: Plg. X: 90, 92, 99, 100.
- 6) fl. 104v: Plg. IX: 11, 3.
- 7) fl. 112r: resumo da Vida de Táisis (cf. Pasc. LVII,4).

Confessamos a dificuldade em estabelecer uma comparação exacta entre o texto deste manuscrito e o dos *apophthegmata*, sobretudo porque o compilador fez várias adaptações, abreviando frequentemente a narrativa. A parte tirada de Pascásio nos ff. 98r-98v é evidente que depende do subarquétipo  $\mu$ . Quanto aos dois breves apotegmas que se encontram antes, no fl. 74r, há sinais seguros de que além do subarquétipo  $\mu$  o copista possuía outra versão de Pascásio, muito provavelmente a do Livro III de Rosweydu. Dada a escassez do texto, a tendência para a adaptação e o facto de só termos estudado este manuscrito resumido do *Speculum Historiale*, dispensamo-nos de constituir apenas para Pasc. II,1 e VII,1 um outro subarquétipo contaminado, proveniente de  $\mu$  e  $\sigma$ .

---

(2) VINCENTIVS BELLOVACENSIS, *Speculum Historiale*, Akademische Druck und Verlagsanstalt, Graz, Austria, 1965 (Reprodução da edição de Douai, de 1624).

42. VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA,  
*PALATINVS LATINVS* 844

A mais antiga descrição que conhecemos do manuscrito 844 *Palatinus latinus* foi feita sob a orientação do cardeal I. B. Pitra e revista por H. Stevenson Jr. e J. B. Rossi (1). Trata-se de um códice de papel, copiado no século xv. Apesar da perícia dos catalogadores e da indicação minuciosa de outras partes do manuscrito, entre o fólho 232, em que começa o capítulo IV do Livro VI das *Vitae Patrum*, e o fl. 252, onde está assinalada a *Sancti Macarii epistola ad filios*, não é indicada a presença de outros tradutores de *apophthegmata*.

Mais atenta foi a análise de A. Poncelet (2) que, embora não haja feito uma indicação precisa do final do texto de João, descobriu que nos ff. 237v-252r há narrações tiradas de outros livros das *Vitae Patrum*, principalmente de Pascásio. A sua identificação não desce, porém, ao pormenor.

C. M. Batlle (3) considera o material dos ff. 237v-252r, como uma «coleção bastante considerável de extractos dos capítulos I-XLI de Pascásio». A análise que vamos fazer demonstrará que na parte final há elementos que se encontram até ao cap. XLIII da edição de Rosweydyus. Por outro lado, há nestes fólhos 32 apotegmas que não podem ser extractos do que até agora foi editado de Pascásio, visto que se trata de outra recensão.

Com efeito, em 237vb começa, sem qualquer aviso, uma antologia da recensão média contaminada de Pascásio, segundo o subarquétipo  $\mu$ . Esta selecção é em parte semelhante à que observámos no códice II.931 da Biblioteca Real da Bélgica, mas não depende dela. É verdade que omite muitos apotegmas que o manuscrito de Bruxelas contém e por isso poder-se-ia ser tentado a considerar o texto do Vaticano como um resumo. Uma comparação minuciosa entre os dois códices revela, no entanto, que o do Vaticano possui nove passos que

---

(1) *Bibliotheca Apostolica Vaticana, Codices Palatini Latini*, Tomus I, Romae, 1886, p. 296. Segundo o frontispício, a obra foi feita «praeside I. B. Cardinali Pitra, recensuit et digessit Henricus Stevenson Jr., recognouit J. B. Rossi».

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibi. Vaticanae*, I, *Codices Palatini*, Bruxellis, 1910, pp. 270-271.

(3) *Contribució...*, p. 72.



faltam no de Bruxelas. A conclusão é que ambos foram beber, independentemente, à mesma fonte, a um modelo do subarquétipo  $\mu$ .

Como o ms. palatino latino 844 não tem títulos nem qualquer divisão de capítulos, vamos indicar o seu conteúdo em série ininterrupta desde que em 237vb começa Pascásio até que em 252ra termina o resumo de Martinho:

I: 1, 2; II,3; III: 1, 4, 6; VIII,1; IX: 1, 2; XI: 2, 3, 4; XIV,1; App. 2; XIV: 8, 10, 11, 12, 13; XVI: 1, 2; XVIII: 1, 2, 3; XIX,1; App. 5; XX,1; XXI,3; XXII,3; XXIII: 1, 2; XXIV: 2, 4, 5, 6; XXVII,1; XXVIII: 2, 3; XXXI: 2, 3, 4, 5, 6; XXXII: 5, 7, 8; XXXIII: 1, 3, 4, 7; XXXIV: 1, 3; XXXVI,1; XXXVII,1; XXXIX: 4, 5, 6, 7; XL: 1, 2; XLI: 2, 4, 11, 12; XLV: 1, 2, 3; XLVI: 6, 7; XLVII,1; L,1; LI,1; LIII: 1, 2; LIV,3; LV: 1, 4; LVII: 1, 2; LVIII,3; LXIII,1; App. 7; LXXI: 2, 3; LXXVI: 2, 3, 4; LXXVII: 1, 2; LXXVIII: 1, 2; LXXXI,1; LXXXVII,1; LXXXVIII,3; LXXXIX: 1, 2, 3, 4; XC,2; XCIII,2; XCII,2; XCV: 1, 2; *Mart.* 106, 108; *Pasc.* XCVII,1; XCIX,1<sup>e</sup>; *Mart.* 6, 12, 33, 23, 26, 39, 42<sup>a</sup>, 29 e 46.

Note-se que o códice II.931 de Bruxelas inclui a vida de Táisis na série de Pascásio (LVII,4), enquanto o *palatinus latinus* 844 a omite aqui. Mas o copista não se desinteressou por esta edificante narração, pois a incluía nos ff. 101v-103r depois de outras biografias isoladas.

#### 43. (Cf. n. 129) — BRUXELAS, BIBLIOTECA BOLANDIANA 27

O códice 27 da Biblioteca dos Bolandistas já foi descrito em 1905 nos *Analecta Bollandiana* (1). Foi copiado em 1461 no mosteiro de S. Máximo de Tréveris. Apesar de os Bolandistas serem, sem dúvida, os mais categorizados peritos em *Vitae Patrum*, este seu manuscrito ofereceu-lhes dificuldades de identificação de textos que não puderam superar, precisamente porque vários passos transcritos nunca tinham sido publicados.

Do conteúdo dos ff. 29r-74v daremos conta ao tratar do texto de Pascásio no Livro III de Rosweydyus.

(1) *Analecta Bollandiana*, Tomus XXIV, Bruxellis, 1905, p. 440. Nas pp. 425-472 está o *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum Bibliothecae Bollandianae*.

Nos ff. 143r-177r inclui este manuscrito um «Liber quartus» dividido em 64 capítulos, que é uma mistura de textos de várias fontes. A parte que nos interessa, porque utiliza o texto de Pascásio segundo o subarquétipo contaminado  $\mu$ , encontra-se nos ff. 172v-177r e começa com o cap. LVII deste singular «Liber quartus». Também nesta parte do seu códice, os doutos Bolandistas deixaram várias «narrações» por identificar. Veremos que a dificuldade fica resolvida com a publicação do texto extenso de Pascásio, embora o manuscrito 27 da Biblioteca Bolandiana tenha utilizado apenas a recensão média contaminada.

Eis a identificação de todos os passos contidos nos ff. 172v-177r. À esquerda colocaremos o n. do capítulo no códice dos Bolandistas e à direita a sua identificação.

LVII	João IV,37; Pascásio II,3; I,2; III,4; IX,2; XIV: 12, 13; XVI: 1, 2
LVIII	XVIII: 1, 3; XXIV,5; XXVIII,2; XXXI,3
LIX	XXXII,5; XXXIX,7; XLI,4; XLV: 1, 2, 3
LX	XLVI,6; LI,1; LIII: 1, 2; LV: 1, 4; LVII,1
LXI	LVII,4; LXIII,1; LXXI,3; LXXVI: 2, 3, 4; LXXVII: 1, 2; LXXVIII,2; LXXXI,1; LXXXVIII,3; LXXXIX,4; XCII,2; XCV: 1 <sup>b</sup> , 2
LXII	<i>Mart.</i> 106; <i>Pasc.</i> XCIX,1 <sup>c</sup>
LXIII	<i>Mart.</i> 33, 23, 26, 39, 29, 46
LXIV	<i>Mart.</i> 108.

Note-se que a Vida de Táisis se encontra em plena série de Pascásio (LVII,4).

Perante a identificação que acabamos de fazer perde muito do seu interesse o esforço de C. M. Batlle (2), que apenas podia comparar o manuscrito dos Bolandistas com a edição do primeiro de entre eles, Heribertus Rosweydis.

---

(2) *Contribució...*, p. 72.

### XIII — SUBARQUÉTIPO *v*

O subarquétipo *v* é a recensão mais curta de Pascásio que, apesar de tudo, mantém um aspecto unitário, com *incipit* e *explicit* (ou equivalentes) bem notórios. Dos 279 apotegmas do seu modelo, transcrevem-se apenas 76. De notar, porém, que alguns manuscritos têm no princípio, sem numeração, uma *capitulatio* completa, embora no texto sejam normalmente assinalados apenas 7 capítulos e não haja qualquer representação de títulos anunciados, como por exemplo, capp. V, X, XI, XII, XIII, etc.

Quanto ao lugar de origem desta recensão, a avaliar pelos manuscritos existentes, seríamos levado a pensar que foi elaborada na região de Paris. O problema pode complicar-se um pouco mais se o relacionarmos com o da datação. Embora o mais antigo códice conservado deste modelo seja do século XII, é certo que o subarquétipo *v* já existia no século IX. Com efeito, os manuscritos de Verona, Bibl. Capitular XVI(14) e o de Paris, Bibl. Nac. lat. 7929, ambos do século IX (cf. nn. 50 e 51), apresentam uma versão do prefácio de Pascásio em parte dependente das alterações introduzidas pelo subarquétipo *v*. Isto mostra-nos que toda a prudência é pouca ao emitir opiniões sobre a origem e data de elaboração de alguns subarquétipos.

#### 44. (= F) — VIENA, BIBLIOTECA NACIONAL DA ÁUSTRIA 386

O catálogo (1) da Biblioteca Nacional de Viena descreve suficientemente o conteúdo deste códice, que antigamente tinha a cota Hist. eccles. 17. Não nos diz, porém, qual a sua proveniência e atribui-o ao século XIII.

---

(1) *Tabula codicum manu scriptorum praeter graecos et orientales in bibliotheca palatina Vindobonensi asseruatorum*. Edidit Academia Caesarea Vindobonensis, vol. I, Vindobonae, 1864, p. 59.

Dom Columba Maria Batlle (2) teve que estudar recentemente a parte que o códice consagra à tradução de Pelágio-João e supõe que deve ter sido escrito na segunda metade do século XII.

Quanto ao conteúdo, o catálogo diz apenas que os ff. 89a-92b contêm «Vitae Patrum graecorum Paschasio interprete»; e Dom Columba assinala somente «extractos de Pascásio pouco numerosos».

Na realidade trata-se de uma recensão de Pascásio que nos transmite, completo, o subarquétipo *v*. Após o prólogo (fl. 89ra) e a *capitulatio* (ff. 89ra-89va segue-se o texto (ff. 89va-92rb) sem numeração de capítulos. Damos a seguir a equivalência do conteúdo deste códice em comparação com a série extensa, com indicação dos sete títulos de capítulos que se encontram transcritos no texto.

*Contra gastrimargiam* — I: 1, 2, 3, 4; II: 1, 2, 3, 4; III: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7; IV,1; V,2; VII,1; VIII,1; IX: 1, 2, 3; XIV: 1; App. 2; XIV: 12, 13; XVI: 1, 2; XVIII,1; XIX,1; App. 5; XX,1<sup>a-b</sup> usque ad: *quartum ex facto*; XXI,3; XXIV: 2, 6; XXVI,1; XXXI: 1, 2; XXXIII,6; XXXIV: 6, 7; XXXVI,3; XXXVII,1; XXXIX: 5, 6, 7; XL,1; XLI,12.

*De oboedientia* — XLII,1; XLV,2; XLVI,6; L,1; LII,5<sup>a</sup>.

*De timore* — LIII,1.

*De poenitentia* — LV,4; LVII: 1, 2, 4; LVIII,3.

*De oratione* — LXIII,1; App. 7; LXXVI,2.

*De perseuerantia* — LXXVII, 1; LXXVIII, 1; LXXXVII, 1; LXXXIX,4.

*De quiete*—XCII,2; XCV: 1, 2; XCVI,2; *Mart.* 106; *Pasc.* XCVIII,1; XCIX,1.

*Explicit uita sanctorum patrum quam de graeco in latinum transtulit Paschasius.*

Como se vê, esta recensão, embora seja a mais curta que, como um todo, conhecemos, é expressamente atribuída a Pascásio, tanto na inserção da dedicatória a Martinho, como no *explicit* que é exclusivo do manuscrito da Biblioteca Nacional de Viena 386.

---

(2) *Contribució...*, p. 15.

45. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 17623*

Os elementos paleográficos fundamentais sobre o actual códice latino n. 17623 da Biblioteca Nacional de Paris foram já descritos por L. Delisle (1). Proveio do convento dos Fulienses de Paris. (Os *Feuillants* eram um ramo de cistercienses reformados). L. Delisle considera-o como copiado no século XII.

Porém, os Bolandistas (2) ao estudarem também este códice atribuíram-no ao século XIII. O seu exame do conteúdo dos ff. 66v-149v precisa de ser melhorado. Com efeito, limitando-nos apenas à parte final, deveria ser assinalado o *explicit* da versão de Pelágio-João no fl. 141v. Segue-se-lhe (ff. 141v-142v) a *Epistola sancti Macarii ad monachos: In primis quidem si coeperit homo...* Em seguida vem, bem anunciada, a *Vita sanctae Marinae uirginis* (ff. 142v-143v). No fl. 143vb está bem patente o *incipit* da tradução de Pascásio.

A parte de Pascásio, que se encontra nos ff. 143v-149v, foi posteriormente assinalada por C. W. Barlow (3) — o qual não viu que precisamente as últimas linhas do manuscrito são uma adaptação de Martinho n. 106 — e por M. C. Díaz y Díaz (4).

Nenhum destes Autores dispunha, no entanto, de elementos para apreciar qual a recensão de Pascásio que o manuscrito dos Fulienses nos transmitiu. O exame do conteúdo e a crítica textual provam que este códice nos fornece um texto de Pascásio segundo o subarquétipo *v*. De notar apenas que a *capitulatio*, que começa em 144ra, passa a meio do fólio para a segunda coluna durante seis linhas. Depois, continua, seguida, na primeira coluna e volta a utilizar os espaços deixados livres acima e abaixo deste fragmento.

Os títulos e o texto condizem com o que descrevemos ao tratar do ms. 386 de Viena. Acontece, porém, que, como tivemos ocasião

---

(1) *O Inventaire des manuscrits latins conservés a la Bibliothèque Nationale, sous les numéros 8823-18613*, editado por Leopold Delisle em Paris, em 1863-1871 está dividido por fundos de origem. Na parte referente a *Notre-Dame e outros fundos*, na p. 56, vem a descrição do actual 17623.

(2) *Cat. cod. hag. Bibl. Nat. Parisiensis*, t. II, Bruxellis, 1890, pp. 402-403.

(3) *Martini...*, p. 13.

(4) *Index...*, p. 11.

de examinar pessoalmente, o manuscrito termina, truncado, no fólio 149v, com as palavras: *Petrus apostolus in epistola sua monet/* a pouco mais do meio da adaptação de *Martinho* 106. Sendo assim, do texto desta recensão devem faltar apenas, além do final da «sentença» truncada, os apotegmas de Pascásio XCVIII,1 e XCIX,1.

Não sabemos se o manuscrito terminava realmente com a obra de Pascásio. Em vez do fl. 150 temos agora a contracapa toda em branco. A semelhança do conteúdo — além da mesma recensão de Pascásio — poderia fazer-nos suspeitar que o códice continuasse, tal como acontece com o seu paralelo de Viena de Áustria. Mas, se atendermos a que o códice de Paris 17623 é também muito semelhante a um outro de Paris, o n. 17624 — que passaremos a descrever — o qual depois de Pascásio só tem mais um fólio, talvez devamos inclinar-nos para que apenas se perdeu o último fólio do códice da Biblioteca Nacional de Paris, fundo latino 17623.

#### 46. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL, *FUNDO LATINO* 17624

Devemos a Dom Columba Maria Batlle, por carta datada de 28 de Setembro de 1965, o conhecimento de que o ms. lat. 17624 da B. N. de Paris continha um capítulo *de quiete* (nos ff. 145v-152r) que deveria ser atribuído a Pascásio.

O manuscrito tinha sido inventariado por L. Delisle (1) que o classifica apenas sob a designação vaga de «Vies des Pères». Proveio do convento dos Jacobitas da Rua de Santo Honorato, em Paris, e foi escrito no século XIII.

Os Bolandistas (2) ao descreverem o final do códice usaram termos semelhantes aos empregados para o final do lat. 17623. Ora, como já vimos, além da tradução de Pelágio-João, entre outros textos, encontra-se tanto num como noutro manuscrito uma recensão expressamente atribuída a Pascásio.

Nos ff. 145v-152r, o códice lat. 17624 da Biblioteca Nacional de Paris contém uma versão de Pascásio completa, segundo o subarquê-

(1) *Inventaire...* nn. 16719-18613, Paris, 1871, p. 56.

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, t. II, Bruxellis, 1890, p. 403.

tipo *v*. O seu valor e a natureza do texto devem ser inteiramente julgados por tudo quanto dissemos ao tratar deste subarquétipo, bem como o conteúdo se ajusta perfeitamente ao que indicámos para o manuscrito de Viena 386. No entanto, a crítica textual mostra uma afinidade maior com o manuscrito da Biblioteca Municipal de Bordéus 111, que passamos a descrever.

#### 47. BORDÉUS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 111

O Catálogo da Biblioteca de Bordéus (1) assinalava já em 1894 que o códice n. 111, escrito no século XIV e proveniente do convento dos dominicanos, contém nos ff. 245v-252r o «*De Vitis Patrum liber septimus, interprete Paschasio diacono*». Esta referência é feita, evidentemente, em relação à edição de Rosweydyus.

Todavia, o conteúdo pascasiano deste códice não é idêntico à edição citada. Talvez por isso, C. M. Batlle (2) se limitou a afirmar que o manuscrito de Bordéus «contém o prólogo e um fragmento ou extractos da versão» de Pascásio.

Na realidade, não é com a edição de Rosweydyus mas com o subarquétipo *v* que o códice 111 de Bordéus deve ser comparado, pois dele deriva inteiramente. O texto assemelha-se tanto ao do ms. 17624 da Biblioteca Nacional de Paris que quase diríamos deste ter sido copiado.

Há, no entanto, algumas particularidades exclusivas do códice de Bordéus. Omite cinco apotegmas em relação ao conteúdo do subarquétipo *v*, a saber: App. 2, Pasc. XLV,2; XLVI,6; LVII,2 e 4. Além disso, introduz antes de XXXI,2 o título *De humilitate*. Em contrapartida, omite antes de XLII,1 o título *De oboedientia*. Em tudo o mais é inteiramente dependente do subarquétipo *v*.

---

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. XIII, Bordeaux, par Camille Couderc, Paris, 1894, p. 55 e XLVIII.

(2) *Contribució...*, p. 72.

48. ÉVORA, BIBLIOTECA PÚBLICA  $\frac{\text{CXXIV}}{1-12}$

O *Catálogo* (1) coloca, incompreensivelmente, este manuscrito entre os referentes à «ordem religiosa dos Paulistas»; além disso fornece uma descrição muito deficiente, sem identificação satisfatória do conteúdo. Atendendo a que não conhecemos qualquer outra referência a este manuscrito de Évora, vamos fazer dele uma descrição pormenorizada.

O cod.  $\frac{\text{CXXIV}}{1-12}$  da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora apresenta-se como um volume, in 4.º, com boa encadernação de carneira amarela, de 145 fólios de pergaminho, dourados no exterior e escritos a duas colunas em letra gótica. Segundo informação do copista no cólofon (fl. 145r), foi exarado em 1301. Esta data foi lançada por mão posterior (séc. XVI?) na margem superior do fl. 1r (não numerado) juntamente com o título genérico *Vita eremitarum*.

Quanto à sua origem, apenas podemos dizer que é francesa, pois no fl. 145v alguém, talvez no século XV, escreveu que o livro era então «de communi libraria fratrum praedicatorum Sancti Ludouici de Passiaco». Curiosas as últimas palavras do copista, rimadas, com mistura de latim e francês:

*Hoc opus est à la fin.*

*Laus Christo. Pocula, cousin.*

Não podemos precisar por onde passou, porque no fl. 1r, na margem inferior, foi raspada a indicação que se encontrava após as palavras: «ex biblioteca...». Embora não se saiba como veio parar à Biblioteca de Évora, é de presumir, segundo opinião do Rev. Dr. Sebastião Martins dos Reis, que a nosso pedido examinou o manuscrito a fim de nos certificar do interesse que poderia ter para nós, «que foi em conse-

---

(1) JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA e JOAQUIM ANTÓNIO DE SOUSA TELES DE MATOS, *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, t. III, 1870, pp. 145-146.



quência da dissolução das ordens religiosas, em 1834» (carta de 8-VIII-1969).

O conteúdo é o seguinte:

- 1) ff. 1r-3v: *Vita Pauli* (PL XXIII, 17-30).
- 2) ff. 3v-23r: *Vita Antonii* (PL LXXIII, 125-168).
- 3) ff. 23r-31v: *Vita Hilarionis* (PL XXIII, 29-54).
- 4) ff. 31v-55r: *Historia monachorum in Aegypto* (PL XXI, 387-462). A obra não tem título. O prólogo *Benedictus Dominus qui uult omnes homines saluos fieri* é apresentado apenas como: «Incipit prologus in Vita sancti Ioannis». Ao longo da descrição há vários títulos a vermelho, mas em menor número que os da edição de Rosweyde (Livro II). Na realidade, porém, verificámos que o texto da obra está completo, pois cotejámos o manuscrito com a *Patrologia Latina*.
- 5) ff. 55r-56v: *Vita Malchi* (PL XXIII, 55-62).
- 6) ff. 56v-58r: *Vita Frontonii*. Incipit: *Qui homo Dei et Christi esse iam coepit...* Explicit: *...statuit huic saeculo ut per satisfactionem peccata donentur* (texto diferente de PL LXXIII, 437-442; antes de acordo com a indicação da *Bibliotheca Hagiographica Latina*, Frontonius 2c, que se mantém inédito).
- 7) ff. 58r-60r: Athanasii, *De exhortatione monachorum* (PL CIII, 664-672). Note-se que no fl. 58ra se faz uma *capitulatio* em que vem indicada não só esta obra atribuída a Santo Atanásio, mas ainda mais sete títulos identificáveis com os primeiros oito capítulos da tradução de Pelágio a seguir mencionada.
- 8) ff. 60r-130r: *Adhortationes sanctorum patrum perfectionis monachorum*, atribuídas a S. Jerónimo, quando na realidade são a obra que a PL LXXIII, 855-1022 transmite como de Pelágio-João. O manuscrito não ignora esta atribuição, pois no fl. 117v tem a habitual rubrica: «Husque huc de graeco in latinum transtulit Pelagius (...) et abhinc deorsum Ioannes (...)».
- 9) ff. 130r-131r: Macarii, *Epistola ad monachos* (PL LXVII, 1163-1166)— sem qualquer indicação a separá-la do final de João IV, 36.
- 10) ff. 131r-136v: Paschasii, *Apophthegmata Patrum* (versão diferente de PL LXXIII, 1025-1059) segundo o modelo do subarquetipo v.
- 11) ff. 136v-145r: *De aduentu Antichristi et eius falaciis XIII*. Incipit: *Legitur autem Antichristum in Babylone de tribu Dan nasciturum...* Não tem indicação de autor. O tratado está dividido em

20 rubricas, as últimas das quais são: *De dispari sanctorum claritate* (fl. 144rb); *De plena sanctorum felicitate* (fl. 144va); *De signis futurae consumationis* (ff. 144va-145rb).

A apreciação crítica do texto de Pascásio comprova perfeitamente a origem francesa deste manuscrito, pois, como estamos verificando, o subarquétipo *v* teve como seu centro de expansão a França, onde provavelmente foi elaborado.

#### 49. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL, *FUNDO LATINO 17632*

Através de uma carta de Dom Columba Maria Batlle, de 28 de Setembro de 1965, foi-nos posto o problema da autenticidade do capítulo *de quiete* que se encontra entre a colecção de Pascásio nos mss. 17624 e 17632 da Biblioteca Nacional de Paris.

Leopoldo Delisle (1) inventariou sumariamente o ms. lat. 17632. Foi copiado no século xv e pertenceu ao convento parisiense dos «Blancs Manteaux», da congregação de S. Mauro, da ordem de S. Bento, como se lê à entrada do manuscrito.

Os Bolandistas (2) assinalaram em 10.º lugar, neste códice de 161 folhas, o livro VI das *Vitae Patrum* (ff. 133v-146v), concluindo que «se seguem mais alguns fragmentos tirados dos livros seguintes».

A verdade é que no fl. 146v se lê nitidamente este título original: *Incipit prologus quorundam interrogationum et responsionum sanctorum patrum Aegyptiorum quas transtulit de graeco in latinum Martinus in monasterio Dumensi*. Mais uma vez se deu confusão semelhante à que já verificámos no ms. do Sidney Sussex College 47, de Cambridge, e de modo um tanto diferente no ms. da Biblioteca Real da Bélgica II.931, de Bruxelas.

Na realidade o ms. 17632 de Paris tem nos ff. 146v-150v uma versão abreviada de Pascásio segundo o subarquétipo *v*, pois, em relação a este modelo, omite 27 apotegmas além da *capitulatio* inicial. Eis o número das *omissões*: I: 3, 4; II: 1, 2, 3, 4; III: 2, 3, 4, 5, 6; IV, 1; V, 2; VII, 1; VIII, 1; IX, 3; XXIV: 2, 6; XXVI, 1; XXXI, 2; XXXIII, 6; XXXIV, 7; XLII, 1; LII, 5<sup>a</sup>; *App.* 7; LXXVI, 2; XCVIII, 1.

(1) *Inventaire...*, nn. 16719-18613, Paris, 1871, p. 58.

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, t. II, Bruxellis, 1890, p. 419.

No fl. 150v, após o texto de Pascásio e sem qualquer *explicit* nem aviso, começa um tratado diferente, relativo à vida monástica, que não identificámos. No fl. 158r-159r, sob o título *Exhortatio cuiusdam senis ad spiritum profectiois* temos a chamada *Epistola Macharii ad filios* que começa: *In primis quidem si coeperit homo...*

Pudemos assim dar um passo mais na identificação do final do ms. latino 17632 da Biblioteca Nacional de Paris. O conteúdo que ficou por identificar (ff. 150v-158r) não pertence por certo às *Vitae Patrum*.

#### XIV — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO ξ: — PREFÁCIO DE PASCÁSIO ISOLADO DO SEU TEXTO

O exame dos manuscritos medievais mostra-nos que o prefácio de Pascásio, dirigido a S. Martinho de Dume, cedo adquiriu celebridade. O facto de em poucas palavras — começadas com muita felicidade pela expressão *Vitas Patrum* — expor os objectivos da sua tradução, tornou-o apto para ser tomado como modelo de introdução a trabalhos do mesmo género. No manuscrito XVI(14) do Cabido de Verona, aparece mesmo, isolado, entre uma colecção de cartas de S. Jerónimo.

A autenticidade do prefácio de Pascásio está tão bem comprovada pelas recensões unitárias do seu texto, pela referência concreta a «Martinho, presbítero e abade» e pela origem hispânica da transmissão manuscrita que o seu isolamento não pode fomentar dúvidas sobre a sua genuinidade.

O interesse maior deste subarquétipo está em apresentar-nos dois manuscritos do século IX (Verona e Paris) com uma redacção que postula a utilização contaminada dos modelos *ι* e *ν*. Ficamos assim a saber que, embora de *ν* só tenhamos manuscritos do século XII, o modelo é muito mais antigo, remontando pelo menos ao século IX. Em cada um dos casos procuraremos apontar o presumível motivo da sua inclusão isolada nos manuscritos.

#### 50. VERONA, BIBLIOTECA CAPITULAR XVI(14)

A. Reifferscheid (1) faz uma descrição pormenorizada do conteúdo do códice do Cabido de Verona XVI(14), em pergaminho, escrito a duas colunas no século IX. Já um anotador do séc. XIV escreveu no fl. 1r que o manuscrito continha «Epístolas de S. Jerónimo».

---

(1) AUGUST REIFFERSCHIED, *Bibliotheca Patrum Latinorum Italica*, I, Wien, 1870, pp. 75-87.

De facto, entre as cartas do solitário de Belém, encontra-se no fl. 243r-243v, sob o n. LXIV, a pequena carta dirigida por Pascásio a S. Martinho de Dume. O copista não quis ludibriar ninguém, pois fez preceder a dedicatória do seguinte título, exclusivo deste manuscrito: *Pascasius ad Martinum, presbyterum atque abbatem*. Segue-se o texto completo do prefácio de Pascásio, numa versão original, mas baseada sobretudo no subarquétipo *ι* com alguns elementos de interpretação extraídos do subarquétipo *ν*.

O nosso exame do texto foi feito sobre um «exemplar, accuratissime transcriptum», que nos foi amavelmente fornecido pelo bibliotecário, cónego José Turrini, em Outubro de 1964. Pela mesma via tivemos conhecimento de que no *Catalogo dei Codici Capitolari*, de Antonio Spagnolo, falecido em 1916, se encontra transcrita, a propósito deste passo, a opinião do bibliotecário anterior, que escreveu um outro *Catalogo dei MSS. Capitolari*: «Giuliani julga-o o prómio das *Vitae Patrum* que Pascásio Dumiense dedicava a Martinho, abade e depois bispo bracarense, bem conhecido pela sua colecção de Cânones». Este juízo é inteiramente exacto.

M. C. Díaz y Díaz (2) indica este manuscrito de Verona como contendo os «verba seniorum» de Pascásio. Mas já C. M. Battle (3) observara que apenas o prólogo ali se encontra. O nosso contributo estará em identificar a natureza do texto.

Qual o motivo por que já no século IX o prefácio de Pascásio teria sido incluído entre cartas de S. Jerónimo? Julgamos que a resposta se encontra no facto de o prefácio de Pascásio aparecer várias vezes a preceder o texto dos Livros V-VI das *Vitae Patrum*, cuja tradução em alguns manuscritos é atribuída a S. Jerónimo.

51. (Cf. n. 31) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL.  
*FUNDO LATINO 9729*

Quanto ao nosso estudo interessa, sobre o conteúdo e valor deste manuscrito do final do século IX, ficou já apontado ao tratar dos fragmentos que ele contém da versão média contaminada.

(2) *Index...*, p. 11.

(3) *Contribució...*, pp. 68-69.

Aqui importa apenas recordar que no fl. 82r se encontra o prefácio de Pascásio, contaminado segundo o subarquétipo  $\xi$ , imediatamente seguido do texto de Pelágio-João.

Já assinalámos que o prefácio de Pascásio se prestava a servir de introdução a qualquer série de *Vitae Patrum*. No caso do ms. 9729 da Biblioteca Nacional de Paris, que proveio do «armário» de S. Martinho de Tours, cidade onde provávelmente foi copiado, é possível que o escriba gostasse especialmente deste prefácio por ser dedicado a Martinho, «presbítero e abade». Não deixa de ser interessante notar que, pela primeira vez, encontramos neste manuscrito as variantes sublinhadas na dedicatória: «Domino *meo et beatissimo* patri Martino *episcopo*, Paschasius». A referência ao carácter episcopal de S. Martinho poderia ter mais importância se o abade de Dume não tivesse também sido consagrado bispo, tal como acontecera ao célebre abade e depois bispo de Tours, S. Martinho, protector de toda a França.

52. (Cf. n. 116) — CHALONS - SUR - MARNE,  
BIBLIOTECA MUNICIPAL 53(57)

O Catálogo de Chalons (1) faz uma descrição bastante pormenorizada do ms. 53(57), copiado em S. Pedro de Chalons no século XI. Apenas a parte referente aos ff. 112r-150v nos parece deficiente, pois diz-se somente que no fl. 112r começa o prólogo de Pascásio seguido do Livro VII de Rosweydy e que no fl. 150r principiam os *Capítulos de Moisés ao abade Pinúfio*.

O nosso exame permite corrigir e desenvolver esta informação. Note-se que o Catálogo indica bem que nos ff. 80v-81v se encontra, isolada, uma Vida de Táisis, isto é, Pascásio LVII,4.

1) fl. 112r: Prólogo de Pascásio, segundo o modelo contaminado  $\xi$ .

2) ff. 112r-134r: uma selecção do Livro V de Rosweydy (e não do Livro VII, como diz o Catálogo).

3) ff. 134r-150v: textos vários do Livro III de Rosweydy, que adiante identificaremos, passam a entremear-se com a selecção de Pelágio-João.

---

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. III, Paris, 1885, pp. 19 ss.

Temos aqui mais um caso em que o prefácio de Pascásio foi achado apto para introduzir uma selecção de apotegmas, fundamentalmente de Pelágio-João, embora com texto diferente do que nos dá o ms. da Bibl. Nac. de Paris, fundo latino 9729 há pouco examinado.

M. C. Díaz y Díaz (2) cita o manuscrito de Chalons entre os que contêm os «verba seniorum» de Pascásio. Porém, Dom Columba M. Batlle (3) observou bem que apenas o prefácio aí se encontra. Em exame mais pormenorizado, o mesmo Dom Columba, na III Semana de Estudos Monásticos realizada em El Paular (Madrid) em 1960, afirmara já que nos ff. 142v-150r aparecem entre os fragmentos de Pelágio-João interpolações muito numerosas do Livro III de Rosweyodus. Como veremos, essas interpolações começam, na realidade, no fl. 134r e constam de textos extraídos uns da versão de Pascásio contida neste Livro, outros da antologia do «autêntico Livro III das Vitae Patrum», que constitui a primeira parte do texto publicado por Rosweyodus.

### 53. VERCELLI, ARQUIVO CAPITULAR CXII

O cónego Romualdo Pasté publicou, inserida em obra de maior tomo (4) uma descrição sumária dos manuscritos do Arquivo Capitulare de Vercelli. Aí se lê (5) que o códice CXII (Arab. 43), do século XI ou XII contém várias vidas de Santos Padres. Não há, porém, qualquer referência à tradução de Pascásio Dumiense.

Baseando-se em informações do bibliotecário G. Ferraris, escreve C. M. Batlle (6) que neste manuscrito se encontra, no fl. 92, o prólogo de Pascásio a preceder uma selecção de extractos numerosos de Pelágio.

Graças ao exame de um filme desta parte do manuscrito, poderemos precisar que o códice CXII de Vercelli tem nos ff. 91v-92r uma Vida de Táisis, ou seja, uma versão de Pascásio LVII,4 e no ff. 92r-92v um prefácio com a seguinte dedicatória: *Domino uenerabili patri hono-*

(2) *Index...*, pp. 11.

(3) *Contribució...*, pp. 68-69.

(4) ALBANO SORBELLI, *Inventari dei manoscritti delle biblioteche d'Italia*, XXXI, Firenze, 1925, pp. 73 ss.

(5) *op. cit.*, p. 105.

(6) *Contribució...*, pp. 70-71.

*rato abbati et martino presbitero paschasius*. Ao prefácio do tradutor dumiense, segundo a versão contaminada do subarquétipo  $\xi$ , segue-se uma antologia de Pelágio.

#### 54. VERCELLI, ARQUIVO CAPITULAR LX

A descrição de R. Pasté (1) do códice LX (Arab. 114) do Arquivo Capitular de Vercelli é um pouco mais pormenorizada que a do manuscrito CXII. Aí se diz que o códice LX, atribuído ao século XIV, tem no fl. 24 um «prólogo de S. Jerónimo: *De uirtutibus monachorum Aegyptiorum et uitas Patrum*».

C. M. Batlle (2) baseado em dados do arquivista G. Ferraris antecipa a data do manuscrito para o princípio do século XIII e observa que o prólogo de Pascásio, atribuído a S. Jerónimo, precede uma selecção de Pelágio-João.

O estudo que fizemos da parte do manuscrito que de momento nos interessa revela que no fl. 23r-23v se encontra uma Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4) e que em seguida (fl. 23v-24r) se lê: *Incipit prologus atque praefatio beati Hieronymi de uirtutibus monachorum Aegyptiorum et uitas Patrum*. Além da estranha atribuição a S. Jerónimo, o copista deformou também a dedicatória, escrevendo: *Domino uenerabili patri honorato paschasius abbati et martino presbitero*. Ao prólogo do tradutor dumiense, também segundo o subarquétipo  $\xi$ , segue-se o texto de Pelágio-João, como o próprio manuscrito anota mais adiante, no fl. 73v.

É evidente a contradição em que caiu este copista ao mencionar S. Jerónimo como autor de um prefácio cuja dedicatória, apesar de tudo, indica o seu verdadeiro autor, Pascásio. A confusão deve ter-se gerado, como já observámos, pelo facto de o texto que vem a seguir, de Pelágio-João, em alguns manuscritos ser erradamente atribuído a S. Jerónimo.

---

(1) Cf. ALBANO SORBELLI, *Inventari dei manoscritti delle biblioteche d'Italia*, XXXI, Firenze, 1925, p. 92.

(2) *Contribució...*, pp. 70-71.



55. (Cf. E, b; F, d; 125) — DRESDA, BIBLIOTECA NACIONAL DA SAXÓNIA, A 207

Noutro lugar descrevemos com algum pormenor este complexo manuscrito do século XIV, onde encontramos no fl. 159r o prólogo de Pascásio segundo o subarquétipo  $\xi$ , seguido de textos de Pelágio, da versão de Pascásio no Livro III de Rosweydyus e de muitos outros passos, bastante desordenados, das *Vitae Patrum*. A explicação da presença do prólogo de Pascásio no princípio desta coleção é a mesma que demos há pouco (p. 156), ao analisar o seu modelo, o ms. de Paris, Bibl. Nac. fundo lat. 9729.

## XV — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO o

O exame do único manuscrito deste subarquétipo, o de Munique, lat. 9533, do final do século XIII, revela que o seu conteúdo é igual ao do modelo *κ* com excepção do final de XXIX,2: *qui et spiritum uitae omnibus subministrat*, o qual falta em *κ*. A crítica textual revelará que este pormenor e outras variantes provêm do subarquétipo *ι*. Também só a análise do texto denuncia a contaminação com um modelo *ν*.

### 56. MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, LATINO 9533

É bastante pormenorizada a descrição que deste manuscrito faz o *Catalogus* de C. Halm-G. Laubmann-G. Meyer (1). Limitar-nos-emos, por isso, apenas às secções que estão directamente relacionadas com o âmbito do nosso estudo. O CLM 9533 proveio do mosteiro de Oberaltaich e foi escrito na segunda metade do século XIII. O *Catalogus* separa o seu conteúdo por fólhos. Na realidade, porém, como tivemos ocasião de observar ao manusear o códice, ele está numerado por páginas. A esta numeração nos ateremos nós.

Segundo o *Catalogus*, no fl. 76 começa a versão de Pascásio das *Vitae Patrum*, condizendo o prólogo e o princípio do livro com a edição de Rosweydyus (Livro VII, 1-10) e seguindo-se-lhe matérias do Livro III, 1, 95 e outros passos. Para os ff. 90 a 94 assinalam-se as *Interrogationes* de Martinho. Veremos a seguir que esta descrição não é perfeita.

C. M. Batlle (2) regista bem que o texto de Pascásio se encontra nas pp. 150-178. Não percebemos, porém, como possa ele afirmar que o manuscrito contém o «prólogo de Pascásio, capítulos I-IX e outros extractos, algum *possivelmente* do Pseudo-Rufino», isto é, Livro III de Rosweydyus.

---

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars I, p. 99.

(2) *Contribució...*, p. 71.

Segundo o nosso pormenorizado exame, o códice contém nas pp. 150-179 uma recensão breve do texto de Pascásio, com todos os apotegmas que se encontram no subarquétipo  $\kappa$ . A diferença entre este manuscrito e os dependentes do mesmo modelo é que ele não divide o texto por capítulos, como o faz Bruxelas, Bibl. R. Bélgica 8216-18, mas coloca um número de ordem antes de cada apotegma. Segundo a sua divisão, o texto de Pascásio ficou distribuído em 158 números.

Do ponto de vista externo apenas um pormenor distingue este manuscrito do conteúdo do modelo  $\kappa$ : — o n. XXIX,2 está completo.

Nas pp. 179-186 vêm as «sentenças» traduzidas por Martinho (o códice escreve *Marcianus!*) também elas numeradas, contra a norma do subarquétipo  $\kappa$ . Nas pp. 183-184, sob os nn. 34-37 começam as esperadas interpolações de Pascásio C: 1, 2, 3, 4.

Após o texto de Martinho continuam imediatamente, sem qualquer separação, com o n. 87 e seguintes, apotegmas tirados de Pelágio-João até à p. 187, na qual começa uma *capitulatio* extensa dos Livros V-VI das *Vitae Patrum*, isto é, um texto sistematizado de Pelágio-João.

Dado o carácter secundário do CLM 9533 para o nosso estudo, não levamos mais longe a sua análise.

## XVI — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\pi$

A composição externa deste modelo pouco se distingue do tipo representado pelo subarquétipo  $\kappa$ . Só a crítica textual nos revela que ele depende também de  $\nu$  e de  $\sigma$ , tendo tirado deste último o elemento final de XXIX,2 sob a forma: *qui et spiritum uitae omnibus subministrat*.

Para julgar da data e local de origem não dispomos mais que dos elementos fornecidos pelos dois manuscritos que o representam: já existia no século XI no Sul da *Germania*.

### 57. (Cf. F, b; 126) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 18475

O CLM 18475, proveniente do mosteiro de Tegernsee, é apresentado no *Catalogus* (1) como escrito no século XI, com indicações vagas sobre as *Vitae Patrum* nele contidas. Na realidade, porém, os seus 225 fólhos escritos contêm letra de diversas mãos e de várias épocas. Graças ao exame pessoal que fizemos de todo o códice, podemos dar aqui as suas principais divisões:

- 1) ff. 1r-2v: índices de matérias.
- 2) ff. 3r-29r: recensão breve de Pascásio, segundo o subarquétipo  $\pi$ .
- 3) ff. 29v-35r: selecção de Martinho, contendo após o n. 55, os apotegmas do cap. C: 1, 2, 3, 4 de Pascásio, cujo título está assinado a tinta vermelha.
- 4) ff. 35r-42r: selecção de Pelágio-João.
- 5) ff. 42r-49r: visão de Barôntio (= BHL 997).
- 6) ff. 49r-49v: Pelágio XIV, 14.
- 7) ff. 49v-50v: história de Táisis, ou seja, Pascásio LVII, 4, isolado.
- 8) ff. 50v-123r: extractos de Pelágio-João. Este grupo merecerá posteriormente a nossa atenção, pois tem elementos relacionados com o Livro III das *Vitae Patrum* de Rosweyodus.

---

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars III, p. 167.

9) ff. 123r-167r: uma versão do Livro II das *Vitae Patrum* de Rosweyodus.

10) ff. 167r-221v: vidas dos Santos Hilarião, Malco, Paulo ermita, Antão e Frontão.

11) ff. 222r-225v: extractos do Livro III de Rosweyodus, interpolados com dois apotegmas de Pelágio, como veremos.

Do que deixamos dito já se depreende que o ms. lat. 18475 de Munique contém nos ff. 3r-29r uma versão breve de Pascásio muito próxima da do ms. de Bruxelas, Bibl. R. Belg. 8216-18. Não percebemos, por isso, como C. M. Batlle (2) pôde escrever que «oferece os capp. I-XXVII, aparentemente com bastantes omissões». Mesmo comparando o n. 18475 com a edição de Rosweyodus, não deveria merecer a Batlle comentário diferente do que consagrou ao CLM 9550 (cf. n. 30) uma vez que são aparentemente iguais.

O CLM 18475 tem, no entanto, claros sinais de ter sido posteriormente revisto, mesmo no que respeita ao texto de Pascásio. O mais evidente é após o apotegma LVI,2, onde se vê, no fl. 21r o sinal °+, com o qual o interpolador quis chamar a atenção para uma estreita tira de papel, apensa entre os ff. 20v e 21r, na qual se encontra escrita a oração do bispo e a resposta do anjo, correspondentes ao texto de Pascásio LVI,2, mas agora segundo a tradução de João I,16 a partir de: *Ait autem episcopus ad angelum...* até ao fim (cf. PL LXXIII, col. 999).

Outro pormenor introduzido pelo revisor é o final de XXIX,2 importado certamente de um modelo de o. O cólon *qui et spiritum uitae omnibus subministrat* encontra-se distribuído pela margem do fl. 10r.

Entre os saltos do copista conta-se a omissão do título dos capp. XLII e LXXVIII de Pascásio.

Mas será exacto falar *do copista*? Parece evidente que o texto de Pascásio foi começado por um copista (fl. 3r-3v), mas logo a tarefa foi confiada a outro a partir da segunda folha de texto (fl. 4r em diante). Além disso, tanto os fólhos do índice (fl. 1-2) como os finais (ff. 222r-225v) são manifestamente mais tardios, talvez do século XIV.

---

(2) *Contribució...*, p. 70.

## 58. LAMBACH, BIBLIOTECA CONVENTUAL 173

D. Columba Maria Batlle (1) cita entre os manuscritos que contêm a recensão breve de Pascásio, «com textos ampliados», o códice 47 (*memb.* 120), ff. 1v-29v, do século XII, da Biblioteca do convento de Lambach (Áustria). Tendo nós examinado um microfilme de todo este manuscrito, verificámos que ele possui apenas os Livros XVII-XXII dos *Moralia* de S. Gregório Magno. A errada referência de C. M. Batlle foi, no entanto, corrigida, em carta do Director da referida Biblioteca, que a 7 de Junho de 1967 nos comunicava que o texto de Pascásio se encontra, afinal, no códice 173, ff. 272r-287r.

Os colaboradores dos projectos de manuscritos monásticos «University Microfilms», de Ann Arbor, Michigan (Estados Unidos) fizeram em 1965 uma descrição do cartáceo lambacense n. 173, do século XV, de que existe um resumo dactilografado colado à contracapa do manuscrito. Os investigadores americanos anotam apenas, na parte que nos importa, o seguinte:

«fl. 272a-287a e 291a-346a: Vitae Patrum Graecorum.

fl. 287a-291a: Sententiae Patrum Graecorum interprete Martino episcopo».

O nosso exame leva a uma identificação mais precisa, assim dividida:

1) ff. 272r-287r: texto de Pascásio, seguindo fundamentalmente o modelo  $\pi$ .

2) ff. 287r-290r: *Sententiae* de Martinho.

3) 290r-291r: Pelágio XV, 66; XVIII, 3; João I: 10, 11, 6.

4) fl. 291r-296r: títulos de «sentenças» de Pelágio-João.

5) ff. 296v-346r: João I, 7, seguido de uma antologia dos Livros V e VI de Rosweyodus (Pelágio-João).

Detendo-nos especialmente no texto de Pascásio, devemos notar que, dentro do seu subarquétipo, o ms. de Lambach 173, além de pequenas variantes de texto, apresenta uma notável interpolação — é o único, de entre todos os da série breve, que após Pasc. IX: 1, 2 insere (fl. 272v) as seguintes «sentenças» de Pelágio: X, 40 e XV, 70.

---

(1) *Contribució...*, p. 71.

## XVII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\varrho$

O único manuscrito que exige este subarquétipo é de natureza muito compósita. Só a crítica textual nos revela que ele foi elaborado sobre um modelo de  $o$  e outro de  $\pi$ .

59. (Cf. nn. 19 e 73) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 17139

O *Catalogus* (1) diz-nos que o CLM 17139 foi escrito nos annos 1153-1160 e que provém do mosteiro de Scheffarn. Quanto ao seu conteúdo indica apenas que é preenchido por *Vitae Patrum* até ao fl. 169.

C. M. Batlle (2) assinala de Pascásio apenas no fl. 25b o prólogo, seguido dos capítulos e do texto do Livro III Rosw.

Dado que este códice tem vários textos de Pascásio, a maioria deles dependentes do subarquétipo  $\varrho$ , e que o seu conteúdo está relacionado com outras obras de que também tratamos ocasionalmente, parece-nos conveniente deixar aqui uma análise pormenorizada, fruto de observação pessoal.

Poderemos dividir o CLM 17139 nas seguintes partes:

- 1) ff. 1v-25r: Livro II de Rosweydu.
- 2) ff. 25rb: Prólogo de Pascásio, segundo o subarquétipo  $\varrho$ .
- 3) ff. 25v-27v: títulos dos capítulos do Livro III, um para cada apotegma, não transcritos na edição de Rosweydu.
- 4) ff. 27v-64r: texto do Livro III de Rosweydu, precedido do prefácio que lhe anda anexo.
- 5) ff. 64v-86v: Livro IV de Rosweydu precedido de uma *capitulatio* não editada.
- 6) ff. 86v-89r: *Appendix* do Livro IV de Rosweydu, isto é, apotegmas de Pelágio.

---

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars III, p. 82.

(2) *Contribució...*, p. 71.

- 7) ff. 89r-90r: Vida de Táisis = Pasc. LVII, 4, segundo a recensão longa do subarquétipo ζ.
- 8) ff. 90rb-90v: Pascásio LXIV,1; LXIX,1 e XCIII,11, segundo o texto longo do subarquétipo ζ.
- 9) ff. 90v-95v: selecção de Pelágio-João.
- 10) ff. 95v-134v: vidas de Pelágia, Eufrosina, Malco, Hilarião, Crisanto e Daria e visão de Barôntio.
- 11) ff. 134v-152v: selecção de Pelágio-João.
- 12) fl. 152v: Pascásio XXXIII, 15, segundo o modelo do subarquétipo ρ.
- 13) 152v-153v: Plg. X, 76.
- 14) 153v-158r: selecção de Pascásio, feita sobre o modelo ρ. Os apotegmas transcritos, cada um precedido de um título, como habitualmente neste manuscrito, são os seguintes:  
Pasc. II,3; XIV: 12, 13; XVI: 1, 2; XVIII,1; XXIV: 3, 5; XXVIII,2; XXXI: 1, 3; XXXIII,2; XXXIV: 1, 2; XXXVI,4; XXXIX: 1, 7, 8; XLI,5; XLII,1; XLV: 1, 2, 3; XLVI,6; XLIX,6; L: 2, 1; LVII,1; LXI,1<sup>a</sup>; LXVIII,2; LXXI: 3, 4; LXXVI,2; LXXVII,1; LXXXVI: 1, 2; LXXXVIII,7; LXXXIX: 1, 2; XC,1; XCIII: 4, 10; XCVI: 2, 3; XCVIII,1; XCIX,1<sup>b</sup>.
- 15) fl. 158rb: Martinho 6, 37.
- 16) ff. 158rb-158va: João I: 9, 11 e Plg. XV,70.
- 17) fl. 158vb: Mart. 46, 55.
- 18) ff. 158vb-159ra: Pasc. C: 2, 3, 4, como já é de esperar, ao transcrever esta selecção de Martinho.
- 19) ff. 159ra-b: continuação da selecção de Martinho.
- 20) ff. 159rb-159va: Pelágio X, 96.
- 21) ff. 159va-160ra: continuação da selecção de Martinho.
- 22) ff. 160ra-167r: selecção de Pelágio-João.
- 23) ff. 167r-168v: *Vita Marinae*.
- 24) ff. 168v: João IV, 33.
- 25) ff. 169r-174v: *Vita Brandani*, incompleta. Fim do manuscrito, truncado.

Este exame minucioso revela bem o carácter compósito e contaminado de um manuscrito bastante antigo (séc. XII), obra, ao que nos pareceu, de um só copista, no qual o texto de Pascásio se encontra em cinco lugares diferentes, apontados nos anteriores nn. 2, 12, 14 e 18 (segundo a recensão breve do subarquétipo ρ) e nn. 7-8 (tirados do subarquétipo ζ da recensão longa).



### C) PROBLEMAS DO «LIVRO III DE ROSWEYDVS»

A semelhança entre o Livro III das *Vitae Patrum*, a partir do n. 44, e o Livro VII (Pascásio), editados por Rosweyodus, é tão grande que não pode passar despercebida a nenhum estudioso dos *apophthegmata* em latim. O próprio Rosweyodus fez continuamente, à margem do texto, remissões do Livro III para o VII e vice-versa.

Entre os críticos modernos, C. Butler (1) considera que originariamente havia uma só tradução que foi repartida entre os Livros VII e III. M. Chaine (2) é de opinião que as várias traduções latinas existentes remontam a uma origem grega comum. E Th. Hopfner (3) verifica que para três quartos do Livro III lhe foi possível encontrar o texto grego equivalente. A origem comum e o estreito parentesco entre os Livros III e VII foram aprofundados por W. Bousset (4) de tal modo que os investigadores seguintes voltam sempre à sua obra magistral.

Os quadros de lugares paralelos organizados por Hopfner e Bousset mostram 72 equivalências perfeitas entre III e VII (Rosweyodus), seguindo ambos os livros, em boa parte, a mesma ordem das narrações.

Após J. Zarco Cuevas (5) ter dado notícia da existência de uma versão longa da obra de Pascásio, citando dela 233 apotegmas, C. W. Bar-

---

(1) CUTHBERT BUTLER, *The Lausiaca History of Palladius*, Cambridge, 1898 p. 210.

(2) M. CHAINE, *Le texte original des apophthegmes des Pères* in *Mélanges de la Faculté Orientale* (Université de Saint-Joseph, Beyrouth), V, fasc. 2, 1912, p. 545.

(3) THEODOR HOPFNER, *Über die koptisch-saïdischen Apophthegmata Patrum und verwandte griechische, lateinische, koptisch-bohairische und syrische Sammlungen* in *Akademie der Wissenschaften in Wien. Philosophisch-historische Klasse. Denkschriften*. 61. Band, 2. Abhandlung, Wien, 1919, p. 25.

(4) WILHELM BOUSSET, *Apophthegmata. Studien zur Geschichte des ältesten Mönchtums*, Tübingen, 1923, pp. 22-24.

(5) FRAY JULIÁN ZARCO CUEVAS, *El nuevo código visigótico de la Academia de la Historia* in *Boletín de la [Real] Academia de la Historia*, n. 106 (1935), pp. 389-442. Na realidade Z. C. não soube apontar o final exacto da tradução de Pascásio. Os nn. 234-256 indicados nas pp. 424-425 do seu artigo não pertencem a Pascásio cujo texto termina, no ms. 80 da Acad. da Hist. de Madrid, no fl. 141v, como deixámos demonstrado nas pp. 8-9.

low (6) reconheceu que a relação entre o Livro III de Rosweyodus e Pascásio é muito maior do que até então se dizia. Fazendo a contagem dos lugares paralelos entre III Rosw. e o texto indicado por Zarco Cuevas assinalou C. M. Batlle (7) 135 correspondências. Mas este número não é definitivo porque a versão longa até então conhecida só chegava ao cap. LXI de Pascásio. O que importa realçar aqui é que o avanço da investigação tem levado a concluir uma dependência cada vez mais estreita do Livro III Rosw. em relação a Pascásio.

Desde o século XVII tem o Livro III intrigado os críticos. H. Rosweyodus (8), conhecedor das edições anteriores e de vários manuscritos, propôs, como *provável*, que o seu autor, ou pelo menos tradutor, tenha sido Rufino de Aquileia. Mas logo pouco depois G. Garnefeld (9) provou que Rufino não pode ser o autor nem o tradutor deste Livro e aduz como argumento decisivo que o n. 163 conta a morte de Arsénio, a qual ocorreu por 450. Ora Rufino é bastante anterior... A sua morte situa-se por 410. E conclui que tanto o autor como o tradutor do Livro III Rosw. são desconhecidos.

Apesar disso, no final do séc. XIX e já no séc. XX, Butler e Hopfner (10) continuam a atribuí-lo a Rufino. Deve-se a A. H. Saloni (11) o exame mais aprofundado, utilizando argumentos de carácter filológico, sobre a autenticidade do Livro III Rosw. A sua conclusão, irrefutável, é que não foi escrito nem traduzido por Rufino. Por isso, passa a designá-lo genêricamente por Pseudo-Rufino, no que tem sido seguido pelos investigadores subsequentes. O nosso estudo mostrará que é preferível designá-lo sempre por «Livro III de Rosweyodus», opondo-o assim ao que demonstraremos dever ser «o autêntico Livro III das *Vitae Patrum*».

O estudo de Saloni teve também o mérito de sistematizar que o Livro III de Rosweyodus é composto de elementos provenientes de

(6) *Martini...*, p. 24.

(7) *Contribució...*, p. 9.

(8) HERIBERTVS ROSWEYDVS, *Vitae Patrum*, Prolegomenon V e XIII, Antuerpiae, 1615, cf. PL LXXIII, coll. 38-39 e coll. 47-48.

(9) GEORGIUS GARNEFELD, *Elucidationes sacrae in quinque libros de imaginibus antiquorum heremitarum*, Coloniae, 1621, pp. 620-623.

(10) Cf. *obras citadas* nas notas 1 e 3.

(11) A. H. SALONIUS, *Vitae Patrum. Kritische Untersuchungen über Text, Syntax und Wortschatz der spätlateinischen Vitae Patrum*, Lund, 1920, pp. 12-33.

origens diferentes. Os nn. 218, 219 e 220 são tirados de cartas de S. Jerónimo; os nn. 41, 42 e 43 são empréstimos do Livro II Rosw., isto é, da *Historia Monachorum in Aegypto*; e uns 70 números, a partir de 44 devem ser considerados uma diferente redacção do mesmo texto latino de Pascásio. Com razão observa Salenius que o compilador do Livro III Rosw. não conheceu a tradução de Pelágio-João. O grande número de lugares paralelos entre estes tradutores e o Livro III levam-no a esta justa conclusão: 1) ou o organizador do Livro III traduziu directamente de um original grego que se aproximava muito do texto que serviu de base a Pelágio-João; 2) ou foi buscar elementos a um escrito latino que nós desconhecemos (12).

Importa aqui dizer que Salenius trabalhou sem qualquer texto grego nem manuscritos latinos (13). Sendo assim, a sua intuição foi tão longe quanto lho permitiam os seus meios de trabalho. De facto, como em breve vamos provar, o compilador do Livro III Rosw. serviu-se de um livro até agora inédito, «o autêntico Livro III», e ainda de passos de Pascásio que não se encontram na recensão breve, isto é, utilizou a recensão longa de Pascásio, donde extraiu trechos que por vezes são paralelos à tradução de Pelágio-João. Salenius apenas não viu, apesar de estar ao seu alcance, que os nn. 201-206 são uma breve antologia das *Sententiae* de S. Martinho de Dume. Além disso cometeu o erro de continuar a considerar o Livro III Rosw. como uma unidade literária ao fazer as suas análises filológicas. Erro que lhe foi fatal. A partir do n. 44 as suas comparações deveriam passar a fazer-se com o estilo de Pascásio e não com o de Rufino.

Foi baseado na análise de Salenius que J. Pérez de Urbel (14) pôde repetidamente dizer que o Livro III Rosw. é um centão de Pascásio, Rufino e S. Jerónimo. Não compreendemos, porém, a sua insistência em que esta colecção compósita talvez tenha sido feita em Espanha. Dom Justo não apresenta nunca, para a sua hipótese, qualquer fundamento. A geografia codicológica revela, pelo contrário, que o Livro III Rosw. foi pouco conhecido na *Hispania* e teve antes o seu centro de irradiação na zona franco-germânica.

(12) *Op. cit.*, pp. 31-33.

(13) *Op. cit.*, p. 48.

(14) FRAY JUSTO PÉREZ DE URBEL, *Los monjes españoles en la Edad Media*, I, Madrid, 1945, p. 220; e *San Martín y el monaquismo* in *Bracara Augusta*, VIII (1957), p. 66.

Sendo, pois, por todos reconhecido o parentesco entre o Livro III Rosw. e Pascásio, tivemos nós que estudar também o Livro III Rosw. Entrámos neste tema quando já tínhamos seguramente estabelecido, através da comparação com o grego e com as recensões breve e média contaminada, que o texto autêntico de Pascásio nos é fornecido pela recensão longa. Colacionando esta com os lugares paralelos do Livro III Rosw. impôs-se-nos, com toda a evidência, que estávamos, a partir do n. 44, perante uma nova recensão de Pascásio, de extensão menos que média, independente das outras que já conhecíamos e directamente ligada ao texto longo.

Ainda que prevendo a agrura do trabalho e a suspensão e atraso que se iria verificar na nossa investigação, não hesitámos em nos lançar, *a partir do zero*, em busca da transmissão manuscrita do Livro III. De todos os códices que conseguimos encontrar nesta pesquisa damos notícia a seguir. *Audentes fortuna iuvat!* (Virgílio, *Eneida* X,284). A par da versão do Livro III de Rosweyodus e de dezenas de códices sem interesse, chegaram-nos às mãos elementos preciosos que nos revelaram o «mistério» dos primeiros 40 números do III Rosw. Estes são já, sem dúvida alguma, uma antologia de um livro de que se perdera o conhecimento, uma nova compilação de apotegmas que começa pelas *Commonitiones Sanctorum Patrum*, dividido em seis capítulos, com um total de 61 apotegmas. Estávamos perante «o autêntico Livro III das *Vitae Patrum*», que se apresenta desprovido de prólogo. Descrevê-lo-emos na alínea seguinte.

Podemos, finalmente, dilucidar todo o processo de elaboração do Livro III Rosw. Devem distinguir-se as seguintes fracções:

I — Prólogo: um compilador de *apophthegmata* elaborou esta introdução, servindo-se de elementos sugeridos pelo prefácio da *Historia Monachorum* e pela epístola de Paládio a Lauso, como já Rosweyodus o demonstrou (15).

II — nn. 1-40: provavelmente o mesmo compilador fez uma antologia do «autêntico Livro III», deixando ainda vestígios de dois títulos dos capítulos do texto primitivo.

Após esta fase deve ter sido um outro compilador que juntou e reelaborou todas as partes seguintes.

---

(15) *Vitae Patrum*, prolegomenon V e anotação 2 ao Livro III (cf. PL LXXIII, col. 38-39 e 809-811).

III — nn. 41-43: são tirados dos capp. 28 e 29 da *Historia Monachorum*, ou Livro II de Rosweyduus (cf. PL XXI, coll. 387-462).

IV — nn. 44-199: primeira selecção da tradução (longa) de Pascásio.

V — n. 200: narração de origem ainda desconhecida.

VI — nn. 201-206: breve antologia das *Sententiae Patrum Aegyptiorum* de S. Martinho de Dume (cf. PL LXXIV, coll. 381-394).

VII — nn. 207-217: nova selecção dos apotegmas traduzidos por Pascásio, os quais o segundo compilador entendeu não dever omitir.

VIII — nn. 218-220: extractos das Epístolas de S. Jerónimo (segundo a indicação de Rosweyduus *epist. 33 ad Castrutium*, *epist. 22 ad Eustochium* e *epist. 4 ad Rusticum*).

As equivalências entre o III Rosw. e o autêntico Pascásio serão dadas adiante, ao descrever o subarquétipo  $\sigma$ . Aí veremos que foram utilizados 175 apotegmas traduzidos por Pascásio. Lá vêm indicados também os números seleccionados de Martinho.

Estamos agora em condições de solucionar problemas postos por Salonius (16) e por Batlle (17). Entre os nn. 1-40 de III Rosw. também há lugares semelhantes a Pascásio, como mostra o nosso quadro de paralelos (tomo I, pp. 43-53); mas nesta parte trata-se de uma tradução diferente, feita por outro autor, de apotegmas que têm por vezes o seu equivalente, com texto e estilo diverso, em Pascásio, em Pelágio-João e outros. Até ao n. 40 não há nada que tenha sido traduzido por Pascásio. Em contrapartida, após o n. 44 não se deve falar de lugares paralelos entre III Rosw. e Pascásio, mas antes de recensões ou tratamentos diferentes do mesmo texto que originariamente pertence a Pascásio.

Resta dizer uma palavra sobre o n. 200, que por si só exigiria um estudo à parte. Nem os críticos que citámos nesta introdução ao Livro III Rosw., nem as porfiadas buscas que fizemos em S. Jerónimo, Rufino e outros autores, nem os especialistas actuais a quem escrevemos, nada nem ninguém nos deixa entrever a sua origem. Dado que se trata de uma narração muito curiosa e que se encontra entre o texto de uma das recensões de Pascásio, resolvemos dá-la em apêndice (*App.* 9) numa versão crítica bastante mais pura que a redacção fornecida por Rosweyduus.

(16) *Op. cit.*, pp. 32-33.

(17) *Contribució...*, p. 10.

#### D) O «AUTÊNTICO LIVRO III DAS VITAE PATRVM»

O exame dos manuscritos que contêm, no todo ou em parte, elementos do Livro III de Rosweydyus levou-nos à conclusão de que os nn. 1-40 Rosw. são uma antologia de uma obra à parte, mais vasta, que constituía uma unidade por si só. Na verdade, os manuscritos da Biblioteca Nacional de Viena 433 (séc. XI), da Biblioteca Municipal de Reims 1400 (séc. XII) e da Biblioteca Nacional de Dresda, A 207 (séc. XIV), que adiante descreveremos, permitiram-nos descobrir um texto, ainda em parte inédito, com um total de 61 apotegmas, repartidos em 6 capítulos, para muitos dos quais encontramos texto grego equivalente. Trata-se, pois duma nova tradução de *apophthegmata Patrum* de que apenas estão publicados 40 números no Livro III de Rosweydyus e 9 entre o texto da *Palladii Lausiaca* (PL LXXIV, coll. 343-382). Além dos mencionados, vários outros manuscritos apresentam, dispersos, alguns passos desta obra de cuja unidade se perdera o conhecimento.

Para de futuro se poder fazer já remissão para o «autêntico Livro III das *Vitae Patrum*», vamos deixar aqui os elementos fundamentais de identificação. Além do capítulo e número do apotegma, indicaremos quais os números já publicados quer no Livro III de Rosweydyus (R), quer na *Palladii Lausiaca* (Pd). O capítulo XX da *Palladii Lausiaca* (PL LXXIV coll. 377-382), geralmente reconhecido como espúrio, será designado por *Appendix Lausiacae* (App. L). Para mais facilmente se localizarem os passos em questão indicaremos, para a *Palladii Lausiaca*, a coluna em que o apotegma começa. De cada número transcreveremos também um *incipit* significativo.

A economia deste estudo sobre Pascásio obriga-nos a deixar para outra oportunidade uma demonstração da genuinidade do «autêntico Livro III». Podemos, no entanto, desde já avançar que conhecemos texto grego equivalente para cerca de metade do seu conteúdo e que, além de Pascásio e Pelágio-João, há paralelos latinos também no *Heraclidis Paradisus*, na *Vita Pachomii* e nas *Institutiones* de Cassiano.

AVTENT. LIBER III	ROSW. LIBER III PALLADI LAVSIACA APPENDIX LAVSIAC	INCIPIIT
		<i>Cap. I</i>
		<i>Incipiunt commonitiones sanctorum patrum qui in studio spiritalis uitae scnuerunt, quae ad instructionem iunioribus dixerunt fratribus. Incipiunt capitula</i>
I,1 <sup>a</sup>	R 1	Quidam sanctorum seniorum patrum interrogantibus se monachis de causa abstinentiae dixit: Oportet, filioli, ut odio habeamus requiem...
I,1 <sup>b</sup>	R 2	Idem autem senior dixit quia naturaliter inest homini esurire. Oportet autem sumere cibum ad necessitates corporis sustentandas...
I,2	Pd XI <sup>a</sup> (365)	Dicebant etiam sancti patres de sancto abbate Ioanne, qui cognominabatur Colobus, quia cum de messis opere reuerteretur ualde fatigatus, representabat se sanctis...
I,3 <sup>a</sup>	Pd XI <sup>b</sup> (365)	Quidam ex fratribus interrogauerunt hunc ipsum beatum Ioannem de causa abstinentiae et respondit eis dicens quia Daniel propheta dixit...
I,3 <sup>b</sup>	Pd XI <sup>c</sup> (365)	Dicebat etiam monendo fratres: Considerate, dilectissimi, quoniam nihil fortius est in bestiis leone et tamen propter uentrem suum cadit...
I,3 <sup>c</sup>	Pd XI <sup>d</sup> (365)	Tali etiam exemplo ipse beatus Ioannes instruebat fratres dicens: quoniam si uoluerit imperator aliquam aduersariorum obtinere ciuitatem...
I,4	R 3	Erat quidam senior in eremo interiore per multos annos in abstinentia et in omni studio spiritali nimis laborans. Aduenientesque ad eum...
I,5	R 4	Referebant nobis sancti seniores patres de quodam fratre, dicentes quoniam quodam tempore ita inpugnabant eum daemones ut statim prima...
I,6	—	Quendam sanctorum seniorum rogabant fratres dicentes ut iam cessasset de magnis laboribus quos in studio uitae spiritalis semper habuit...
I,7	—	Dicebant etiam fratres de quodam fratre habitante in loco qui dicitur Cellia: Contigit autem ut in die festo omnes monachi in ecclesiam...
I,8	APP. L 1 (377)	Solebat beatus abbas Poemen exponere fratribus de Scripturis prophetarum ubi dicit: Quia nisi princeps cocorum Nabuchodonosor regis uenisset in Hierusalem utique non fuisset...

I,9	Pd VI <sup>c</sup> (351)	Referebat abbas Benjamin: quia quodam tempore ego et presbyter de Cella applicuimus ad quendam seniore[m] habitantem in eremo Sceti et obtulimus ei modicum olei...
I,10	Pd VI <sup>d</sup> (352)	Item referebat nobis idem abbas Benjamin quia perrexissent ad quendam senem qui tenuit eos ad refectionem et parauit eis lenticulae...
I,11	R 5	Egressi sunt aliquando de monasterio fratres ad uisitandum eos qui in eremo commorabantur patres. Cum autem uenissent ad quendam eremitam seniore[m], suscepit eos...
I,12	App. L 18 (382)	Referebant quidam fratres de abbate Nitera, qui fuit discipulus abbatis Siluani, quia quando in cellula sua in monte Sina degebat, moderate...
I,13	R 6	Quidam salutationis causa profectus est ad alium seniore[m] qui cum omni gaudio suscepit eum. Pro cuius aduentu parauit ad refectionem senior lenticulae cibum coctum...
I,14	R 7	Referebat nobis abbas Zeno quia aliquando dum proficisceretur ad Palestinam fatigatus de labore itineris resedi sub arbore. Erat autem...
I,15	Pd IV <sup>f</sup> (350)	Dicebat sanctus abbas Dioscorus presbyter, qui in eremo Scetiae habitabat, quia non oportet monachum desideria gulae uentrisque facere...
I,16	—	Quidam fratrum pergentes ad sanctum abbatem Ioseph, uirum perfectum, habitantem in Pane-pho et interrogauerunt eum dicentes: quomodo oportet nos suscipere aduenientes...
<i>II</i>		
<i>Incipiunt capitula contra spiritum fornicationis</i>		
II,1	R 8	Discipulus cuiusdam sancti senioris inpugnabatur a spiritu fornicationis, sed auxiliante gratia Domini resistebat uiriliter pessimis (...) cogitationibus cordis sui ieiuniisque...
II,2	R 9	Et alius etiam frater uehementer inpugnabatur ab immundo spiritu fornicationis. Exurgens autem nocte et abiit ad quendam sanctum...
II,3	—	Quodam tempore inpugnabatur quidam ex fratribus in passione fornicationis et contendebat intente per abstinentiae constantiam ut non condescenderet immundis desiderijs carnis...
II,4	R 10	Beato abbati Moysi, qui habitabat in loco qui appellatur Petra, quodam tempore in tantum



		inposuit durissimam inpugnationem fornicationis daemon ut non praeualeret...
II,5	R 11	Erat quidam frater in eremo Sceti promptus et alacer in opere Domini et in spiritali conuersione. Huic autem inimicus generis humani...
II,6	R 12	Duo fratres monachi abierunt in proximam ciuitatem ut distraherent quae manibus suis per totum annum operati fuissent. Unus autem...
II,7	R 13	Alius enim quidam frater molestiam sustinebat ab spiritu fornicationis. Abiit autem ad quendam probatissimum seniore et deprecabatur eum dicens: Pone tibi sollicitudinem...
II,8	R 14	Erat quidam monachus et habitabat in eremo. Quaedam autem puella ex genere et cognatione eius post plurimos annos repperit in quo loco supradictus monachus habitaret...
II,9	R 15	Erat quidam frater in eremo. Habitabat autem in loco qui dicitur Cellia et inpugnabant eum daemones in passione fornicationis. Cogitauit autem apud semetipsum dicens...
II,10	R 16	Quidam frater interrogauit beatum abbatem Poemen dicens: Quid faciam, pater, quia inpugnat me passio fornicationis...

III

*Incipit exhortatio sancti Macarii ad monachos*

III,1	Pd IX <sup>h</sup> (358)	Sanctus abba Macarius commonebat saepe discipulos suos et docebat eos dicens: Mementote semper quia ante conspectum Dei omnipotentis conuersamini, qui prospicit...
-------	--------------------------	---

IV

*Incipiunt capitula de uirtute humilitatis et patientiae. Monita sanctorum.*

IV,1	R 17	Dicebant sancti seniores patres de quodam monacho iam seniore in Sceti eremo commorante, quoniam seruus quorundam erat et per singulos annos descendeat de eremo...
IV,2	R 18	Erant duo fratres secundum carnem quidem germani, uerumtamen utrique in spiritali proposito monachi existentes. Insidiabaturque...
IV,3	R 19	Referebat autem beatus senior Poemen fratribus dicens: quoniam fuit quidam nuper monachus in Constantinopoli, temporibus Theodosii...

IV,4	R 20	De hoc autem ipso sancto Poemen referebant alii sancti seniores dicentes: quia quodam tempore cum aduenisset iudex prouinciae...
IV,5	—	Quodam tempore uenerunt quamplurimi monachorum ad sanctum Poemen. Cumque de sanctae Scripturae diuersis capitulis dissereret eis, interrogauit eos dicens: Dicite mihi quis...
IV,6	—	Item quodam tempore dum adhuc iunior esset hic ipse beatus Poemen uenerunt ad eum quamplurimi de uico eius (...) petentes eum ut descenderet et peteret iudicem, quoniam...
IV,7	R 21	Fuit etiam de magnis patribus senior nomine Agathon, nominatissimus in uirtute humilitatis et patientiae. Quodam autem tempore...
IV,8	R 22	Consilium inter se habuerunt seniores patres et omnes monachi habitantes in eremo Scti. Consenserunt ut beatus pater Isaac presbyter...
IV,9	R 23	Erant quidam duo fratres monachi pariter in cellula commanentes, quorum humilitatem et patientiam de sanctis collaudabant. Audiens quidam sanctus uir, uoluit...
IV,10	R 24	Erat quidam in coenobio iam senex probatissimus monachus et incurrit grauissimam aegritudinem, confectusque nimia et intolerabili infirmitate per longum tempus laborabat...
IV,11	R 25	Quodam tempore ad beatum abbatem Apollo duxerunt ad cellulam eius quendam uexantem qui fortiter a daemone torquebatur...
IV,12	R 26	Referebant sancti seniores nobis dicentes: quia fuit quidam monachus in eremo Scti, uenit autem ad uisitandum sanctos patres (...) in loco qui dicitur Cellia, ubi multitudo...
IV,13	R 27	Dicebant sancti seniores de discipulo abbatis Pauli nomine Ioanne quoniam magnam haberet humilitatem et uirtutem oboedientiae...
IV,14	R 28	Quidam de sanctis senioribus misit discipulum suum ad hauriendam aquam. Pro longius autem erat puteus a cella senioris. Oblitus est...
IV,15	—	Quidam de sanctis habebat discipulum nomine Petrum et solitarius cum illo habitabat. Quodam autem die indignatus aduersus eum expulit eum de cella et clausit post eum ostium...
IV,16	R 29	Fuit quidam frater in monasterio nomine Eulalius nimis gratia humilitatis ornatus. Si quid igitur ut solet culpabile admisissent...

IV,17	R 30	Beati abbatis Athanasii laudabilem humilitatis et patientiae uirtutem oportet ut cognoscatis, quatenus admirabilem magnanimitatem...
IV,18	—	Erat quidam monachus in eremo degens et coepit intra se cogitare quae iam uirtutum merita possideret et orauit intente dicens: Domine, ostende mihi quid minus in sancta...
IV,19	—	Quodam tempore cum ad beatum Macarium quidam uenisset desiderans in proposito monachorum seruire Christo et deprecaretur sanctum senem ut instrueret ac doceret...
V		
<i>Incipiunt capitula de doctrina ad monachos</i>		
V,1	—	Sanctus ac beatissimus Antonius, uerus in Christo pater monachorum, praecipiebat discipulis suis (...) ut memoriam carnalium parentum (...) absciderent de cordibus suis et actibus eorum...
V,2	R 31	Fuit quidam eremita Pior nomine de antiquis patribus, quem beatus Antonius adolescentem in sancto proposito monachorum instruxit...
V,3	R 32	Etiam et abbas Ioannes qui commanebat in Thebaida in monte qui uocatur Calamus, habebatque sororem quae ex infantia...
V,4	Pd XII (366)	Sed et de famulo Dei Martiano simile exemplum referemus. Soror enim eius cum filio suo abiit ad eum in monasterium ut post multa tempora uisitaret eum. Ipse autem...
V, 5	R 33	Sed et alius quidam monachus abiit ad sororem suam ut uisitaret eam. Audierat enim eam aegrotantem in monasterio. Erat enim ipsa famula...
V,6	App. L 7 (379)	Ad hunc igitur senem cum germanus suus intempesta nocte uenisset petens ut de monasterio suo paulisper egressus ad eleuandum bouem...
V,7	R 34	Etiam de beato Theodoro oportet nos exempla uirtutum proferre. Hic itaque beatus Theodorus discipulus fuit sancti Pachomii...
V,8 <sup>a</sup>	R 35 <sup>a</sup>	Multo tempore beatus abba Pachomius contra inmundissimos daemones certamen bonum certauit sicut athleta ueritatis, tamquam...
V,8 <sup>b</sup>	R 35 <sup>b</sup>	Referebant autem nobis fratres de eodem beatissimo patre Pachomio qui fuit, ut diximus, multorum monasteriorum in regione Thabensiotarum praepositus. Referebant ergo...

V, 9	R 36	Fuit quidam uir magnus de sanctis patribus cui talem gratiam donauerat Christus, reuelante ei Spiritu Sancto, ut uidere posset quod alii...
<i>VI</i>		
<i>Incipit de beato Arsenio qui fuit in palatio sublimis sub Theodosio imperatore cuius filios, id est, Archadium et Honorium, Augustos de baptismo suscepit.</i>		
VI,1	R 37	Hic itaque Arsenius desiderio diuini amoris accensus, relinquens omnem huius saeculi gloriam temporalem, perrexit ad eremum...
VI,2	R 38	Dicebat etiam abbas Daniel quoniam sanctus Arsenius referebat fratribus dicens quasi de alio audisset sed ut quantum datur intellegi ipse talem uidit uisionem. Quia sedebat...
VI,3 <sup>a</sup>	—	Idem beatus Arsenius interrogabat quendam Aegyptium, uenerabilem monachum, de diuersis cogitationibus et inpugnatione daemonum. Superuenit autem quidam de amicis...
VI,3 <sup>b</sup>	—	Dicebat autem beatus Arsenius fratribus: quia cella studiosi monachi qui festinat uirtutes animi possidere et omnia praecepta Saluatoris (...) adimplere, similis est fornaci...
VI,4	R 39	Dicebat abbas Daniel de abbate Arsenio quia cum operaretur sportas ex palmarum foliis mittebat aquam in peluem ut infunderentur palmae. Et cum foeteret brumosa aqua...
VI,5	R 40	Quidam de fratribus dixit beato Arsenio: Ecce, pater, meditari festino de sanctis Scripturis quae didici et non sentio conpunctionem...
VI,6	—	Dicebat abbas Daniel quia dum in eremo Scti esset beatus Arsenius erat ibi quidam monachus et furabatur de cella monachorum sceuma quae inuenire potuisset...

A esta numeração passaremos a referir-nos sempre que remetermos para o «autêntico Livro III das *Vitae Patrum*». A divisão de alguns números em a) b) c) interessa para o estabelecimento de lugares paralelos que poderão ocorrer no quadro geral de Pascásio.

## RECENSÃO MÉDIA

(INCLUÍDA NO «LIVRO III DE ROSWEYDVS»)

### XVIII — SUBARQUÉTIPO $\sigma$ : — ANTOLOGIA DE PASCÁSIO NO «LIVRO III DE ROSWEYDVS»

O estudo crítico do texto genuíno de Pascásio (o da recensão longa) posto em confronto com o seu equivalente no «Livro III de Rosweyodus» revelou-nos, com toda a evidência, a natureza secundária da redacção transmitida por este editor. Estamos, pois, perante um novo subarquétipo. Porque não pretendemos analisar as subdivisões de modelos dentro do novo grupo (o problema só deverá ser aprofundado quando se estudar integralmente a transmissão manuscrita do «Autêntico Livro III»), incluímos todos os manuscritos que transcrevem o texto de Pascásio, tendo como base esta família, sob a classificação geral do subarquétipo  $\sigma$ . A prova da dependência do texto de  $\sigma$  em relação ao subarquétipo  $\varepsilon$  será feita a seu tempo.

Por agora consideremos apenas, do ponto de vista externo, a organização da antologia incluída no «Livro III de Rosweyodus». A observação do quadro a seguir publicado mostra que dos 358 apotegmas da recensão longa foram seleccionados 175, segundo um critério difícil de descortinar. O compilador seguiu primeiro a ordem do seu modelo desde o cap. I a LVI,3 (= 44-167 Rosw.); depois retomou, dos capítulos anteriores, os nn. XLIX,5; XIV,7; XVIII,2 e XXXIV,3 (= 168-171 Rosw.); saltou em seguida para LXIX,1, respigando sempre por ordem até XCVI,4 (= 172-199 Rosw.); incluiu então o n. 200, cuja origem ignoramos; prosseguiu com uma sumária antologia de Martinho, que os manuscritos do subarquétipo  $\varepsilon$  têm logo depois de Pascásio (= 201-206 Rosw.); verificando que tinha deixado para trás toda uma série de capítulos, resolveu então aproveitá-los desde LVIII,1 a LXVIII,4 (= 207-215 Rosw.); insatisfeito com a recolha feita, foi buscar ainda dois belos exemplos de edificação a LVII,3 e 2 (= 216-217 Rosw.).

Por fim, numa demonstração da variedade das suas fontes, o organizador do subarquétipo  $\sigma$  de Pascásio, acrescentou três episódios recortados das cartas de S. Jerónimo (= 218-220 Rosw.).

Além da simples organização exterior que parece não obedecer a qualquer critério temático, das reduções e ampliações que faz a seu bel-prazer, o reelaborador deixou marcas suficientes para não poderem subsistir dúvidas sobre a natureza secundária do seu texto. Damos só três exemplos.

1 — O n. XIX,1 (= 75 Rosw.) foi transcrito com exactidão. O seu final é perfeito, dizendo-se aí sobre o abade Agatão que *Talibus enim uestibus utebatur ut nec satis bonae nec satis malae cuiquam apparerent*. Ora tendo saltado o n. XIX,2, incluiu logo o apotegma XX,1 (= 76 Rosw.). E ao expor as primeiras duas causas da ira temos:

## RECENSÃO LONGA

Per cupiditatem auaritiae dando et accipiendo, et si quis propriam sententiam amans defendat.

SUBARQUÉTIPO  $\sigma$  (= ROSW.)

Per cupiditatem auaritiae dando et accipiendo, et si quis propriam sententiam amans, *ut nec satis bona nec satis mala cuiquam appareat*, defendat.

Não conhecemos grego nem outro lugar paralelo para este fragmento. O sentido é perfeito na recensão longa. O compilador de  $\sigma$  incluiu, após *amans*, algumas palavras que acabara de copiar no apotegma anterior. Não nos parece que o tivesse feito intencionalmente, pois o contexto não é favorável a esta inserção. Deve antes tratar-se de uma distracção que remonta ao próprio organizador da antologia. E assim foi transmitida pelos séculos fora...

2 — O n. XXIII,1 (= 82 Rosw.) foi copiado com perfeição quase até ao fim. Repare-se no paralelismo perfeito em Pascásio (recensão longa), onde cada frase tem dois membros:

*Quicquid enim tibi aduerse contigerit,  
profitere hoc tibi propter tua euenire peccata.  
Si quid boni uero fueris adsecutus,  
diuinae dispensationi totum debes adscribere.*

O compilador de  $\sigma$  esqueceu-se, porém, de transcrever o primeiro membro da segunda frase. O paralelismo ficou quebrado e a frase sem sentido. Pois assim passou à posteridade... Todavia Rosweyodus poderia ter suprido a lacuna, comparando com o seu Livro VII, onde no cap. VIII,1 vem também este apotegma, aqui sob o nome de Sisoio. Aliás o grego não deixa dúvidas:

## SISOES 34 (404)

*Ὅτις γὰρ ἂν πειρασμὸς ἔλθῃ ἀνθρώπῳ, λεγέτω ὅτι δια τὰς ἁμαρτίας μου τοῦτο συνέβη· ἐὰν δὲ ἀγαθόν, Οἰκονομία θεοῦ*

3 — Ao passar em LII,5 (= 163 Rosw.), o compilador transcreveu os seis parágrafos em que dividimos este apotegma sobre a morte e virtude de Arsênio. Mais tarde, quando retomou narrações a partir de LVIII,1, incluiu integralmente outro exemplo sobre Arsênio e a sua persistência na oração, tal como vem em LXIV,2 (= 211 Rosw.). Só é de estranhar que a este último apotegma, perfeito em sentido, o reelaborador tenha juntado o parágrafo LII,5<sup>a</sup> que já fora utilizado no seu lugar e aqui vem fora de propósito. Uma repetição incoerente que atraiçoa o processo de compilação...

Tudo isto prova que o «Livro III de Rosweyodus» não é um trabalho original. Trata-se de uma antologia de diversas fontes, sendo Pascásio quem forneceu material mais abundante.

Eis o quadro da correspondência entre a numeração de Rosweyodus e os capítulos da nossa edição integral de Pascásio.

III ROSW.	PASCHASIVS	III ROSW.	PASCHASIVS
44	I,1	57	VIII,1
45	I,4	58	IX,1
46	II,1	59	IX,3
47	II,2	60	X,1
48	II,4	61	X,4
49	III,1	62	XI,1
50	III,2	63	XI,2
51	III,5	64	XI: 3,4
52	III,7	65	XII,1
53	V,2	66	XIII,1
54	VI,2	67	XIV,1
55	VII,1	68	XIV,2
56	VII,2	69	XIV,4

III ROSW.	PASCHASIVS	III ROSW.	PASCHASIVS
70	XIV,6	114	XXXIII,6
71	XIV,9	115	XXXIII,7
72	XIV: 10,11	116	XXXIII,8
73	XV,1	117	XXXIII,9
74	XV,2	118	XXXIII,12
75	XIX,1	119	XXXIII,13
76	XX,1	120	XXXV,1
77	XXI,2	121	XXXV,3
78	XXI,3	122	XXXV,4
79	XXII,1	123	XXXIV: 4,5
80	XXII,2	124	XXXVI,1
81	XXII,3	125	XXXVI,2
82	XXIII,1	126	XXXVI,3
83	XXIII,2	127	XXXVII,1
84	XXIV,1	128	XXXIX,1
85	XXIV,2	129	XXXIX,2
86	XXIV,4	130	XXXIX,3
87	XXIV,6	131	XXXIX,6
88	XXV,1	132	XXXIX,9
89	XXVI,1	133	XL,1
90	XXVI,2	134	XL,2
91	XXVI: 3,4	135	XLI,2
92	XXVII,1	136	XLI,3
93	XXVII,2	137	XLI,6
94	XXVIII,1	138	XLI,9
95	XXVIII,3	139	XLI,11
96	XXIX,1	140	XLI,12
97	XXIX,2	141	XLII,2
98	XXIX,3	142	XLII,3
99	XXX,1	143	XLII,5
100	XXXI,2	144	XLIII,1
101	XXXI,4	145	XLIII,3
102	XXXI,5	146	XLIV,1
103	XXXI,6	147	XLIV,2
104	XXXI,7	148	XLIV,3
105	XXXII,1	149	XLVI:1,3
106	XXXII,2	150	XLVI,4
107	XXXII,4	151	XLVI,5
108	XXXII,8	152	XLVI,8
109	XXXII,7 <sup>a</sup>	153	XLVII,1
110	XXXIII,1	154	XLIX,1
111	XXXIII,3	155	L,3
112	XXXIII,4	156	L,4
113	XXXIII,5	157	LI,1



III ROSW.	PASCHASIVS	CETERI	III ROSW.	PASCHASIVS	CETERI
158	LI,2		190	XCIII,3	
159	LII,1		191	XCIII: 8,9	
160	LII,2		192	XCIII,5	
161	LII,3		193	XCIII: 6,7	
162	LII,4		194	XCIII,10	
163	LII,5		195	XCIII,11	
164	LIV,4		196	XCV,1	
165	LV,2		197	XCV,3	
166	LVI,2		198	XCVI,1	
167	LVI,3		199	XCVI,4	
168	XLIX,5		200	—	?
169	XIV,7		201		Martinus, 14
170	XVIII,2		202		Mart. 35
171	XXXIV,3		203		Mart. 36
172	LXIX,1		204		Mart. 42 <sup>a</sup>
173	LXXI,1		205		Mart. 48
174	LXXI,2		206		Mart. 108 cir- ca medium
175	LXXII,7		207	LVIII,1	
176	LXXIII,1 <sup>a</sup>		208	LVIII,3	
177	LXXIII,3		209	LVIII,4	
178	LXXIII,7		210	LXII,1	
179	LXXVI,3 <sup>b</sup>		211	LXIV,2 et LII,5 <sup>d</sup>	
180	LXXVIII,1		212	LXVI,1	
181	LXXIX,1		213	LXVIII,1	
182	LXXX,1		214	LXVIII,3	
183	LXXXI: 4,5		215	LXVIII,4	
184	LXXXV,1		216	LVII,3	
185	LXXXVII,1		217	LVII,2	Hieronimus
186	LXXXVIII,2		218		Epist. 33
187	LXXXIX,3		219		Epist. 22
188	XC,3		220		Epist. 4
189	XCIII,2				

Pareceu-nos bem tomar como ponto de referência a edição de Rosweyodus não só porque ela é a mais conhecida, como ainda porque apresenta uma numeração nítida que facilita a comparação com o texto integral de Pascásio. Na realidade, porém, a edição de Rosweyodus é um ponto de chegada em que se aproveitou uma longa tradição manuscrita anterior.

Convém, no entanto, ter sempre presentes as seguintes diferenças entre Rosweyodus e a tradição manuscrita que transmite o Livro III

*completo e sem quaisquer interpolações*, tradição que passaremos a designar por «*Vulgata transmissio*». Na descrição dos códices que faremos a seguir, entenda-se que (se nada for dito em contrário) o texto é o da tradição manuscrita, embora a numeração seja a da edição de Rosweyodus.

Verificam-se, com efeito, as seguintes diferenças:

1 — Os números 108 e 109 de Rosweyodus apresentam-se nos manuscritos com a ordem trocada. Primeiro vem o texto de 109 (= Pasc. XXXII,7<sup>a</sup>) e depois o de 108 (= XXXII,8). Como se vê, a *Vulgata* corresponde à ordem primitiva; a inversão é tardia.

2 — O n. 128 de Rosweyodus corresponde a Pascásio XXXIX,1 completo. A tradição manuscrita primitiva tem, no entanto, apenas a segunda parte, XXXIX,1<sup>b</sup>, sendo assim introduzida: *Beatus Antonius dixit: Nunquam...* O parágrafo XXXIX,1<sup>a</sup> foi importado de uma outra recensão de Pascásio, de um manuscrito pertencente ao subarquétipo  $\kappa$ .

3 — O n. 172 (= Pasc. LXIX,1) tem em Rosweyodus a redacção do subarquétipo  $\kappa$ . A lição típica da *Vulgata transmissio* apresenta um profundo trabalho de reelaboração e resumo. A diferença entre o texto da edição e o forjado pelo compilador de  $\sigma$  é tão grande que Rosweyodus entendeu ser obrigação sua dar no fim do Livro, na anotação 20 (PL LXXIII, col. 813), a lição dos manuscritos da *Vulgata*. Porque se teria Rosweyodus neste ponto afastado da maioria dos manuscritos? Supomos que por a descrição de  $\kappa$  ter perfeita correspondência em João III,16, ao passo que a da *Vulgata* é um evidente resumo e adaptação. Quem desejar saber até que ponto o elaborador de  $\sigma$  era capaz de manejar o texto a seu gosto, não deixe de comparar Pascásio LXIX,1 com a transcrição acabada de indicar, feita por Rosweyodus no apêndice ao seu Livro III. É um exemplo dos mais elucidativos.

4 — No n. 185 (= Pasc. LXXXVII,1) Rosweyodus tem uma menor interpolação tirada também dum manuscrito do subarquétipo  $\kappa$  que é quase fiel ao original. Eis lado a lado a lição de Rosweyodus e a da *Vulgata* do Livro III:

ROSW. 185

*Hoc* obseruans et humilitatem  
possidebis et odium euitabis.

SUBARQUÉTIPO  $\sigma$

*Haec enim* obseruans in humi-  
litate te semper ignoscas et re-  
quiem possidebis

Estes exemplos provam que em época mais tardia um copista que tinha simultâneamente modelos dos subarquétipos  $\kappa$  e  $\sigma$  resolveu utilizar o segundo como base, mas recorria de vez em quando ao primeiro.

5 — O mesmo processo de contaminação se observa também fora do texto de Pascásio. O n. 203 de Rosweydu transmite a «sentença» n. 36 da série traduzida por S. Martinho de Dume. Rosweydu, de acordo com o subarquétipo  $\kappa$ , termina com a citação bíblica que se encontra no original: *Scriptum est enim: Dominus mihi adiutor est et ego despiciam inimicos meos*. Note-se, porém, que a *Vulgata* do Livro III omite este final bíblico. (Escrevemos aqui *subarquétipo*  $\kappa$  referido ao texto de Martinho, apenas por comodidade. Os manuscritos que transmitem Martinho têm-no sempre após Pascásio. Por isso, genêricamente, poderemos fazer corresponder os arquétipos dos dois textos).

Quando, nas diferenças acabadas de apontar, dizemos que Rosweydu transmite um texto com interpolações importadas do subarquétipo  $\kappa$  não queremos afirmar que esse trabalho de interpolação seja obra do próprio Rosweydu. De todos os manuscritos que adiante descreveremos, o que, nas cinco diferenças sumariadas, mais se aproxima da edição de Rosweydu é o ms. 8 da Biblioteca do Mosteiro Beneditino de Melk (Áustria), datado de 1441. Noutros pontos, porém, Rosweydu afasta-se da contextura externa do códice de Melk.

Podemos, com efeito, apreciar o trabalho de Rosweydu na organização do seu Livro III. No prefácio da sua famosa obra (*Prolegómeno* XXIV, cf. PL LXXIII, coll. 79-84) indica Rosweydu, entre os manuscritos que consultou, treze que continham, no todo ou só em fragmentos, o «Livro III». Nas anotações críticas apenas a este «Livro» cita nominalmente, porém, apenas os manuscritos *Aquicinctinus* e *Audomarensis*, o primeiro dos quais dava do episódio de «Macário e a caveira» (172 Rosw. = Pasc. LXIX,1) a versão da *Vulgata* (cf. PL LXXIII, col. 813). Todos os outros são por ele englobados na designação genérica de «Mss.».

Na elaboração do seu «Livro III», Rosweydu contrapõe quinze vezes a sua versão à das edições anteriores. A propósito dos nn. 56, 98, 117, 136, 137, 141, 144, 145, 149, 193, 195, 202, 205, 212 e 216 Rosweydu escreve quase uniformemente: *In editis est hic textus Pelagii. Posui ut in Mss.* E na anotação 18, em apêndice (PL LXXIII, col. 812), diz que sob o n. 134, em que fala o abade *Hyperichius*, «in Editis» estão compreendidos vários apotegmas que na realidade pertencem à tradução

de Pelágio IV,45-54. E acrescenta: *Substitui hic quod erat in Mss.* Estas antigas edições estavam também baseadas em manuscritos, no geral tardios. Assim, a interpolação de Pelágio IV,45-54 encontra-se também no ms. de Melk, Bibl. Most. Bened. 8 há pouco citado, que é dos meados do século xv.

Resumindo: na elaboração do seu «Livro III» Rosweydu conseguiu reconstituir quase por completo o subarquétipo  $\sigma$ , pois deu preferência aos manuscritos da *Vulgata*. Ocasionalmente houve, no entanto, em que abandonou a mais antiga transmissão manuscrita para dar fé a contaminações tardias: é o caso apontado para os nn. 128 e 172. Mas quão longe está o subarquétipo  $\sigma$  do autêntico Pascásio! Rosweydu não teve a sorte de encontrar manuscritos com a recensão longa e talvez nunca suspeitasse, apesar das remissões frequentes que faz do «Livro III» para o «Livro VII» e vice-versa, que, afinal, as coincidências eram devidas ao facto de ambos os «Livros» serem apenas um resumo duma obra mais longa — o texto autêntico de Pascásio.

Difícil se torna através da geografia codicológica emitir uma opinião sobre o lugar onde o subarquétipo  $\sigma$  teria sido elaborado. Registemos, no entanto, que a maioria dos manuscritos que o contêm se encontra na França e no sul da Alemanha, sendo muito menor o seu número na Bélgica, Inglaterra e Itália. Da Espanha só temos até agora conhecimento de um manuscrito, o do Escorial, Bibl. Monast. P. III. 1. Em Portugal não há nenhum exemplar.

Apesar de pensarmos que a *Vulgata* do Livro III teve a sua origem no centro da Europa, parece-nos descobrir aqui e além, no texto transmitido sobretudo pelos mais antigos manuscritos, vestígios de características da escrita visigótica.

O *a* aberto no arco superior pode ter dado origem às seguintes confusões com a letra *u* e vice-versa.

1 — Em XXXIX,3, lin. 8-9 a oração dependente *dico quod... ingrediuntur* está construída com o indicativo. Os manuscritos de  $\sigma$  dão também a lição *ingrediantur*.

2 — Em XXXI,7, lin. 4-5 lê-se: *Decem annis in quibus tentatus es coronae tuae erant*. Os manuscritos do subarquétipo  $\epsilon$ , do qual  $\sigma$  depende, têm um nítido *erant*. Todavia no «Livro III» lê-se sempre *erunt*. O grego (Nau, 210) apoia a versão exacta: *στέφανός σου ἦσαν*.

3 — Em XXV,1, lin. 4-5, fala-se dum edifício que *per posticum a latronibus expoliatur*. Em vez de *posticum* (o bem nítido *postigo*

do português e espanhol) os manuscritos de  $\sigma$  dão-nos sempre *posticia*, que não encontramos registado.

4 — O n. XXXIII,9, lin. 15-16 conclui que as paixões, mesmo quando dominadas, permanecem latentes no homem ao longo de toda a vida: *propter uitam tuam permanent*. A lição de um dos melhores manuscritos de  $\sigma$  (o de Einsiedeln, Bibl. Conventual 246, séc. XI) é *uitia tua*.

Apresentamos estes vestígios de carácter gráfico apenas como uma possível pista que deixe entrever a ligação entre o manuscrito que serviu de modelo a  $\sigma$  e a origem hispânica do texto de Pascásio. Na realidade, o organizador de  $\sigma$  mostrou-se bastante culto e cioso da sua liberdade para eliminar erros de escrita e tudo o que não estivesse de acordo com o seu gosto.

Quanto à data de elaboração, só podemos dizer que é anterior ao século IX, pois o códice latino da Biblioteca do Estado da Baviera, Munique, 14364, já apresenta três apotegmas tirados do «Livro III de Rosweydyus», dois dos quais são originários do subarquétipo  $\sigma$  de Pascásio. Se não fossem estes fragmentos, diríamos apenas que deveria ser anterior ao século XI, pois só a partir dessa época os testemunhos começam a tornar-se abundantes.

## E) MANUSCRITOS COM O «AUTÊNTICO LIVRO III» BEM CARACTERIZADO

### a) VIENA, BIBLIOTECA NACIONAL DA ÁUSTRIA 433

O Catálogo de Viena (1) diz-nos apenas que o actual códice 433 da Biblioteca Nacional da Áustria, com 209 fólhos, foi escrito no século XI; e indica com suficientes pormenores o conteúdo. Quem observar o manuscrito poderá, no entanto, acrescentar que, de acordo com uma nota escrita no fl. 3r, no final do século XIII já pertencia aos frades menores de Esslingen, perto de Estugarda. Dom Columba Maria Batlle, que a nosso pedido procurou examinar se em algum ponto o manuscrito deixava entrever o local onde fora escrito, comunicou-nos apenas que provávelmente o foi no Sudoeste da Alemanha.

O Catálogo diz que o códice contém nos ff. 1r-63r o Livro II das *Vitae Patrum*. Na realidade, o prefácio desta obra só começa no fl. 3r. Os ff. 1-2 são uma espécie de reforço da capa e podemos afirmar, com segurança, que constituíam primitivamente os ff. 149 e 152 do texto. O copista esquecera-se de escrever o título e a numeração do capítulo que começa no fl. 1r e teve que meter um novo fólio, como se poderá observar, verificando o mesmo texto já emendado, no fl. 152r.

Os ff. 63r-102v contêm uma versão do *Heraclidis Paradisus* de Paládio. Em seguida vem o tratado de Nilo, *De octo principalibus uitiiis* (ff. 102v-113v).

As últimas três linhas do fl. 113v são o princípio de um título: *Inci-piunt commonitiones sanctorum patrum qui in studio spiritalis uitae senuerunt quae ad instruc // fl. 114r // tionem iunioribus dixerunt fra-tribus*. Segue-se o texto do que passámos a chamar de «autêntico Livro III das *Vitae Patrum*», com os capítulos todos bem enunciados, seguidos de um índice dos apotegmas e depois o respectivo texto, com a numeração a corresponder com o índice inicial de cada capítulo.

---

(1) *Tabula codicum manu scriptorum praeter graecos et orientales in bibliotheca palatina Vindobonensi asseruatorum* editit Academia Caesarea Vindobonensis, vol. I, Vindobonae, 1864, p. 70.

Apenas no cap. IV notamos uma irregularidade. O copista escreveu o *incipit* perfeito no fl. 130v e em seguida (ff. 130v-131r) dividiu o capítulo em 19 números. No texto que se segue, porém, após o n. 7 (ff. 137v-139r), ao escrever o título do n. 8 (*De amore humilitatis sancti Isaac*) não regista qualquer numeração e o apotegma seguinte, em vez de 9, numera-o com II. Esta nova numeração, contraditória com o índice inicial, mantém-se seguida até ao fim do capítulo. O «autêntico Livro III» continua regularmente até ao *Explicit de beato Arsenio* (fl. 165r). Para este texto, não pode até ao presente encontrar-se uma remissão satisfatória, uma vez que está, em parte, inédito.

Os elementos seguintes são facilmente identificáveis: *Vita Sancti Frontonii* (ff. 165r-171v); *Vita Sanctae Paulae* (ff. 171v-198r); *Vita Onufrii* (ff. 198v-209r).

Enquanto não se fizer uma edição crítica do «autêntico Livro III das *Vitae Patrum*», aos estudiosos que quiserem conhecer o seu texto completo, embora com alguns defeitos, bastar-lhes-á consultar o códice da Biblioteca Nacional da Áustria 433, ff. 113v-165r.

b) (Cf. nn. 55; F, d; 125)—DRESDA, BIBLIOTECA NACIONAL DA SAXÓNIA, A 207

O Catálogo de Dresda (1) inclui entre os manuscritos teológicos este espécime, sumariamente descrito. Diz-se que é do século XIV e que pertenceu a «Petrus de Meronibus». Segundo a mesma descrição, a nós poderia interessar-nos toda a última parte, ff. 159r-324v, apresentada como a tradução feita por Pascásio (cerca de 560) «De Vitis Patrum Graecorum».

Na realidade, já C. M. Batlle (2), baseando-se apenas no *incipit* e *explicit* fornecidos pelo Catálogo, supunha que de Pascásio apenas haveria o prólogo seguido de uma mescla indeterminada de materiais que terminariam com um texto de Pelágio.

Dada a complexidade desta parte do manuscrito, vamos fazer aqui a descrição rápida do que nos foi possível identificar, deixando para outra oportunidade os desejáveis desenvolvimentos.

(1) FRANZ SCHNORR VON CAROLSFELD, *Katalog der Handschriften der königl. öffentlichen Bibliothek zu Dresden*, Leipzig, 1882, I, p. 88.

(2) *Contribució...* p. 72.

1) fl. 159r: «Prologus libri de Vitis Patrum», de Pascásio, precedido de breve introdução do copista, nitidamente copiada sobre um modelo igual ao texto de Paris, Bibl. Nacional, fundo latino 9729, fl. 82r (3).

2) ff. 159r-161v: sem outro título, começa só o cap. I de Pelágio.

3) Sob a designação de *Incipit de abbate Poemene* temos: — ff. 161v-162r: III Rosw. 110, 123, 133, 137; fl. 162r-162v: Plg. VII,43; ff. 162v-163v: III Rosw. 197 (com breve interpolação de João I,14), 201, 203, 205, 207; ff. 163v-164r: Plg. IX,11; X: 1,17<sup>a</sup>, 44; fl. 164r-164v: III Rosw. 124, 179, 181, 161. Note-se que além de várias «sentenças» anónimas, não atribuídas a Poemen, há uma expressamente pertencente a Macário (III Rosw. 207) e outra a Agatão (III Rosw. 161).

4) Sob a inscrição de *Vnde supra uita sanctorum Patrum* temos: — fl. 164v-166v: III Rosw. 86, 89, 95, 103, 106, 112, 113, 114, 115, 126, 134, 139, 141, 153, 157, 158, 160, 171, 173, 177, 180, 183, 189, 196, 202, 206; ff. 166v-167v: Plg. I: 19, 22<sup>a</sup>; III: 23, 24; VII, 31; XI,10; XII,5; XI,39; X,54, com o apêndice: *qui elatus aut superbus est, monachus non est... cujo explicit é: et timorem Dei semper ante oculos habet et in corde suo custodit* (cf. paralelo Mart. 82<sup>b</sup>); Plg. I,1.

5) ff. 167v-188r: sem título, uma antologia da *Palladii Lausiaca* (PL LXXIV, coll. 343 ss.).

6) ff. 188r-216v: *Incipit comocio sanctorum patrum qui in studio spiritalis uite senuerint quam ad instructionem iunioribus dixerunt fratribus* e segue-se o texto completo do «autêntico Livro III das *Vitae Patrum*», de que se encontra uma selecção, sem títulos, em III Rosw. 1-40.

7) ff. 216v-217v: sem título continua: — III Rosw. 45, 48, 51, 57, 58, 63, 79, 85. *Explicit*.

8) ff. 217v-220r: Pelágio II (completo) e III: 1, 2, 3, com títulos.

9) ff. 220r-225r: *Vita Pauli* (PL XXIII, coll. 17-30).

10) ff. 225r-227v: *De sancto Panucio* (PL XXI, coll. 435-439, isto é, extracto de II Rosw.).

11) ff. 227v-228v: Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4).

12) ff. 228v-234v: Vida de S. Teófilo (cf. Boll. Febr. t. I, p. 483 ss.), mutilada no fim.

O fl. 235r-235v está em branco.

13) ff. 236r-249v: Extractos de Pelágio, com títulos.

14) ff. 249v-260r: Extractos de João I, II, III, sem títulos.

(3) Cf. *supra*, nn. 31 e 51.



15) fl. 260r-279v: pequenas biografias, entre as quais identificámos:— ff. 261v-263v: *Vita Sanctae Marinae* (PL LXXIII, coll. 691-694); ff. 269r-275v: *Vita Sanctae Euphrosynae* (PL LXXIII, coll. 643-652); ff. 275v-279v: título posterior — *De Sancto Georgio: In diebus illis cum tribunus militaret in tempore Daciani...* (= BHL 3379).

16) ff. 279v-282r: sem título, o prólogo *Vere mundum*, de III Rosw., seguido logo de Plg. I,5 (fl. 280r), III Rosw. 186, 107, 109, 163, 159, 172, 204, 211, 217, 1. Continua, sem títulos:

17) ff. 282r-309v: selecções de Pelágio-João, entre as quais encontramos apenas dois apotegmas extraídos do III Rosw.: 60 (fl. 303v) e 220 (fl. 306r).

18) ff. 309v-312r: extractos de Cassiano (= IV Rosw.).

19) ff. 312r-313v: III Rosw. 10; Plg. X: 62, 2<sup>a</sup>; III Rosw. 208; João IV,6; III Rosw. 209; continuam extractos vários de João.

20) ff. 314v-315r: III Rosw. 49, 50, 53, 54.

21) ff. 315r-315v: extractos de Pelágio.

22) ff. 315v-316r: *Ignatius tertio loco post Petrum apostolum Anthiocenam ecclesiam rexit...*

23) ff. 316r-318v: extractos a identificar, alguns dos quais certamente de Pelágio.

24) fl. 318v: *Beato abbati Maceti* (= IV Rosw. 34, de Cassiano).

25) ff. 318v-319r: apotegmas a identificar.

26) ff. 319v-320r: III Rosw. 20.

27) fl. 320r-320v: selecção de João.

28) ff. 320v-324r: selecção de Sulpício Severo (IV Rosw.).

29) fl. 324r-324v: «sentenças», algumas a identificar, sendo as últimas Plg. II,2; XI,27 e XV,9<sup>b</sup>, esta mutilada, com a qual termina o manuscrito: *Arseni, si monachus es uade in montem* |

Este exame, ainda que não exaustivo, mostra como é eclético e desordenado o conteúdo do manuscrito de Dresda A 207, no que respeita às *Vitae Patrum*. Não se limita a *apophthegmata* nem sequer ao conteúdo da grandiosa obra publicada por Rosweydyus. Cremos, no entanto, que o seu recheio poderá ser completamente dilucidado, com a ajuda de bons índices da *Bibliotheca Hagiographica Latina*. Para nós, o seu mérito maior está em dar-nos a certeza de que remonta a fontes muito antigas (a versão do prólogo de Pascásio — fl. 159r — já a conhecemos do final do século IX) e sobretudo em transmitir-nos, completo, o «autêntico Livro III das *Vitae Patrum* (ff. 188r-216v).

**F) MANUSCRITOS COM O PRÓLOGO DO «LIVRO III DE ROSWEYDVVS» ISOLADO DA SUA COLECTÂNEA**

a) (Cf. n. 11) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO* 3784

Já anteriormente descrevemos (n. 11) este códice dos séculos x-xi, proveniente de S. Marcial de Limoges. Recordemos agora que, após extractos do Livro II de Rosweydvus, vem, sem qualquer título, o prefácio *Vere mundum...* no fl. 118v. No fim deste texto lê-se: *Explicit prologus. Incipit liber de Vitis sanctorum Patrum*. E, no mesmo fl. 118v ainda, começa um novo prólogo: *Beatifico et admiror propositum tuum*, este bem conhecido como tradução da obra de Paládio, de que se seguem extractos até ao fl. 122r.

É este o manuscrito mais antigo em que encontramos o prefácio característico da colecção editada por Rosweydvus como Livro III das *Vitae Patrum*.

b) (Cf. nn. 57 e 126) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 18475

Já fizemos anteriormente (n. 57) a descrição deste códice do século xi, originário de Tegernsee. No fl. 50v, após a Vida de Táisis, lê-se: *Incipit prologus in secundum librum Vitas Patrum ad Fidosum*. Logo a seguir uma pequena nota chama a atenção para uma folhinha de papel, mais tardia, intercalar, mas apesar disso numerada como fl. 51, em que se lê o prólogo *Vere mundum*. O texto que se segue é o de Pelágio.

c) (Cf. n. 107) — VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA,  
*LATINO* 1201

Como A. Poncelet já informou (1) este códice da segunda metade do século xi, num fólio cujo número não conseguimos ver no microfilme, mas que será provavelmente o fl. 1r, pois o seu conteúdo começa

---

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Vaticanae*, Bruxellis, 1910, pp. 70-72.

como o dos códices Vat. lat. 1199 e 1200, que adiante mencionaremos (F, *k* e *l*), contém o códice 1201, dizíamos, o prólogo *Vere mundum* seguido da vida do primeiro eremita, Paulo. A este mesmo códice faremos a seu tempo mais larga referência (n. 107).

d) (Cf. nn. 55; E, b; 125) — DRESDA, BIBLIOTECA NACIONAL DA SAXÓNIA, A 207

Ao descrever o manuscrito A 207 que se encontra em Dresda (E, b) já assinalámos que, após pequenas biografias, se lê aí, sem qualquer título, no fl. 279v, o prólogo *Vere mundum*, seguido imediatamente por uma selecção de apotegmas que começa com Pelágio I,5 e continua com extractos vários dos Livros III, V, VI e IV de Rosweyodus.

Aqui importa apenas sublinhar que neste desordenado manuscrito do século XIV o prólogo *Vere mundum* não está ligado a uma versão determinada das *Vitae Patrum*.

e) ROMA, BIBLIOTECA CASANATENSE 1898

A. Poncelet (1) é explícito ao indicar sob o n. 1 que o actual códice Casanatense 1898 (antigo B. H. 15), do século XIV, mandado escrever e iluminar por «soror Clara Ofredutii de Ghelfonibus, monialis monasterii Sancte... (nomen erasum)», do Livro III das *Vitae Patrum* contém apenas o prólogo *Vere mundum* seguido de vidas de Santos: Paulo, Antão, Hilarião e Malco.

f) ROMA, BIBLIOTECA VALLICELIANA, C 55

A. Poncelet (2) informa que no fl. 3r tem só o prólogo *Vere mundum*, seguido de várias vidas de Santos, o códice C 55 da Biblioteca Valliceliana, escrito no século XIV.

---

(1) ALBERTVS PONCELET, *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum bibliothecarum Romanarum praeterquam Vaticanae*, Bruxellis, 1909, pp. 263-264. De futuro designaremos esta obra só por *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Romanarum*.

(2) A. PONCELET, *Cat. cod. hag. lat. bibl. Romanarum*, Bruxellis, 1909, p. 386.

g) (Cf. nn. 93 e 138) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 3056

Adiante (n. 138) faremos uma descrição pormenorizada deste códice do século xv, proveniente de Andechs. Por ora, observemos que no fl. 53r se encontra o prólogo *Vere mundum* imediatamente seguido do texto de Pelágio-João.

h) (Cf. nn. 94 e 139) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 18093

O estudo deste códice, escrito no século xv em Tegernsee, é feito em lugar mais apropriado (n. 139). Agora importa assinalar que no fl. 24r se encontra o prólogo *Vere mundum*, a que se segue uma versão de Pelágio-João.

i) (Cf. nn. 95 e 140) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 18161

Também o códice latino 18161, do século xv, originário de Tegernsee, será estudado mais adiante (n. 140). Fique no entanto desde já observado que o prólogo *Vere mundum* (fl. 45v) precede imediatamente o texto de Pelágio-João.

j) OXFORD, BIBLIOTECA BODLEIANA,  
*CANON. MISC.* 523

Segundo o Catálogo (1) este manuscrito do século xv, vindo de Veneza, tem em primeiro lugar: «Fragmentum [S. Hieronimi] de Vita Sanctorum Patrum. Fol. 1: *Vere mundum* (...); fl. 1v: Vita Macharii Alexandrini».

---

(1) HENRICVS O. COXAE, *Catalogi codicum manuscritorum bibliothecae Bodleianae, Pars tertia codices graecos et latinos Canonicianos complectens*, Oxoniae, 1854, coll. 833-836.

Apesar de o fl. 1 (não numerado) se encontrar muito mutilado, o exame do microfilme permite-nos ver que no fl. 1r-v estava todo o prólogo *Vere mundum* (não atribuível a S. Jerónimo) e que ainda no fl. 1v começava a Vida de Macário Alexandrino, não de S. Jerónimo, mas segundo a versão do *Heraclidis Paradisus* (PL LXXIV, coll. 270 ss).

k) VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA,  
LATINO 1199

A. Poncelet (1) registou bem que o códice Vaticano latino 1199, que tem pintado no fl. 1 o escudo do cardeal Filipe de Bolonha e foi escrito no século xv, contém no fl. 1r o prólogo *Vere mundum* seguido de vidas de Santos: Paulo, Antão, Hilarião e Malco.

l) VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA,  
LATINO 1200

O códice vaticano latino 1200, escrito no século xv «ab Antonio Ludouico de Loenout», tem também o prólogo *Vere mundum* (fl. 1r) antes da vida de Paulo (2).

m) (Cf. n. 133) — VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA,  
URBINAT. 396

Referir-nos-emos ainda mais largamente (n. 133) a este exemplar dos *Codices Vrbinales*, escrito no século xv. Uma das suas particularidades é ser o único que conhecemos que, após o prólogo *Vere mundum*, atribuído a S. Jerónimo (ff. 1r-2r) inclui imediatamente outro prefácio das *Vitae Patrum*, aquele que é próprio do Livro II de Rosweydu: *Benedictus Deus*. Porém, em vez do texto deste Livro II, segue-se a *Vita Pauli primi eremite* da autoria de S. Jerónimo.

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Vaticanae*, Bruxellis, 1910, pp. 67-69.

(2) *Op. cit.*, pp. 69-70.

n) DANZIG, BIBLIOTECA DA CIDADE,  
MAR. F. 226

Segundo O. Günther (1) o manuscrito da antiga biblioteca de Santa Maria, F. 226, do século xv, contém nos ff. 66v-153r «Verba et gesta sanctorum Patrum». Após o prólogo *Vere mundum*, porém, os capítulos enunciados parece pertencerem todos à obra de Pelágio-João.

Para nos certificarmos, procurámos obter um filme deste manuscrito, mas o bibliotecário respondeu-nos que a encadernação está tão apertada que uma fotografia não poderia atingir o interior dos fólhos. Ficamos, pois, na suposição de que ao prefácio de III Rosw. se seguem os Livros V e VI.

---

(1) OTTO GÜNTHER, *Die Handschriften der Kirchenbibliothek von St. Marien in Danzig*, Danzig, 1921, pp. 216-217.

**G) MANUSCRITOS COM UMA ANTOLOGIA ISOLADA DO  
«AUTÊNTICO LIVRO III» (= III ROSW. 1-40), PRECE-  
DIDA DO PRÓLOGO**

*a)* REIMS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 1390

Manuscrito dos séculos XI-XII, proveniente do Cabido de Reims (1). Nos ff. 74r-98v contém, sem prévia *capitulatio*: — o prólogo do Livro III de Rosweyodus seguido dos nn. 1-7; os nn. 8-16 são precedidos do título: *Incipiunt exempla sanctorum patrum contra spiritum fornicationis*; antes dos nn. 17-21 tem o título: *Incipiunt monita et exempla sanctorum patrum de uirtute humilitatis et patientiae*; o título *De amore humilitatis* antecede os nn. 22-40.

Esta obra parece ser atribuída a Postumiano. Com efeito, no fl. 20v a preceder o Livro II de Rosweyodus lê-se: *Incipit prologus Postumiani*. No fl. 74r lemos: *Incipit liber secundus. Prologus unde supra*. No fl. 98v o Livro IV de Rosweyodus é também atribuído a Postumiano. Como se vê, este manuscrito parece atribuir os três livros ao mesmo autor.

*b)* DANZIG, BIBLIOTECA DA CIDADE 1950

O Catálogo (2) identifica perfeitamente o conteúdo do manuscrito 1950, da Biblioteca da Cidade de Danzig, ff. 55v-72r, relacionando-o com a edição de Rosweyodus. Foi copiado no princípio do séc. xv. Não há indicação da sua proveniência.

O exame que fizemos através de um microfilme permite-nos confirmar que, de facto, ali se encontram o prólogo e os nn. 1-40, tendo sido intercalados títulos dos apotegmas até ao n. 27 inclusive, não existindo qualquer divisão em capítulos por grupos de narrativas.

---

(1) Cf. *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, tome XXXIX, tome II, I partie, Paris, 1904, pp. 520-524.

(2) OTTO GÜNTHER, *Katalog der Handschriften der Danziger Stadtbibliothek*, Teil 3, Danzig, 1909, p. 89.

Embora este tipo de apresentação se encontre em manuscritos com o texto completo do Livro III de Rosweyodus, note-se que o manuscrito de Danzig não possui mais apotegmas, excepto os que andam muitas vezes em apêndice ao Livro IV de Rosweyodus, isto é, uma colectânea tirada de Pelágio.

c) MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 18535<sup>a</sup>

Foi escrito no século xv e proveio do mosteiro de Tegernsee este manuscrito de que o Catálogo (1) apenas diz que entre os ff. 210-364 contém *Vitae Patrum*. Merece melhor análise o conteúdo desta parte do códice 18535<sup>a</sup>. Ao nosso propósito interessa notar que nos ff. 252r-267r se encontra a primeira parte do Livro III de Rosweyodus, isto é, o prólogo e os nn. 1-41. Os restantes elementos do Livro III de Rosweyodus não se encontram neste códice, mas parece-nos provável que o copista tivesse diante de si vários exemplares, entre os quais um modelo completo, pois após o n. 41 escreve um *explicit* em que afirma: «aliqui libri adhuc plus habent in duobus sexternis». A comprová-lo está a inserção do n. 41 que já não pertence à antologia do «autêntico Livro III», mas se encontra no texto divulgado por Rosweyodus. No mesmo sentido se pode apontar o facto de estes 41 números não estarem divididos em 3 capítulos, como seria de esperar, mas cada apotegma estar precedido de um título e de um número de ordem sempre continuado, tal como acontece com alguns manuscritos com a série completa do Livro III de Rosweyodus.

Todavia, o facto de suspender a sua transcrição no n. 41 e de dizer que «alguns livros» contêm mais elementos, parece significar também que o copista possuía algum exemplar, a que julgou mais conveniente ater-se, apenas com a primeira parte do texto de Rosweyodus.

---

(1) *Cat. CLM*, t. II, Pars III, Monachii, 1871, p. 173.



## H) MANUSCRITOS DO «LIVRO III DE ROSWEYDVS» COM ELEMENTOS PROVENIENTES DO SUBARQUÉTIPO $\sigma$ DA TRADUÇÃO DE PASCÁSIO

### a) MANUSCRITOS AINDA COM REFERÊNCIA AOS CAPÍTULOS II E IV DO «AUTÊNTICO LIVRO III»

Passamos a enumerar agora os códices que nos transmitiram o Livro III Rosw. com a parte tirada da obra de Pascásio. A apresentação obedece a um critério sistemático (e não genealógico). Em primeiro lugar indicamos os manuscritos que deixam vislumbrar tratar-se no Livro III Rosw., até ao n. 40, de uma antologia. Neste primeiro grupo deixamos apenas os que após o n. 16 Rosw. apresentam esta sintomática rubrica: *Explicit de spiritu inpugnationis fornicationis. Incipiunt monita et exempla sanctorum patrum de uirtute humilitatis et patientiae.*

Como se poderá ver, consultando o resumo que demos do «autêntico Livro III», trata-se de um vestígio manifesto de que terminava o cap. II e começava o cap. IV da obra sobre a qual foi feita a colectânea dos primeiros 40 números. Os títulos destes capítulos correspondem bem à rubrica lançada pelo organizador desta compilação, que na sua forma perfeita compreende, conforme dissemos, 220 números. De Pascásio é o texto dos nn. 44 a 199 e de 207 a 217. Porque entramos de novo em manuscritos com a obra de Pascásio, retomamos a numeração dos códices que nos dão parte do seu trabalho.

### 60) (Cf. n. 117) — ROMA, BIBLIOTECA VALLICELIANA XVII

Nos ff. 106v-145r, em escrita beneventana de meados do século XI, tem este manuscrito (1) o texto do Livro III com a omissão dos seguintes números: 18, 44, 45, 46, 92, 132, 134, 136, 139, 166 e 198. Note-se,

---

(1) ANNA MARIA GIORGETTI VICHI e SERGIO MOTTIRONI, *Catalogo dei manoscritti della biblioteca Valliceliana*, vol. I, Roma, 1961, pp. 238-243.

no entanto, que os nn. 44, 45 e 46 estão no fim de um pequeno extracto que se encontra no fl. 94v, entre outros apotegmas. Também os nn. 18 (fl. 93v) e 92 (fl. 94v) ali se encontram, embora em forma desordenada.

61. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 3330*

Foi escrito no século XII, mas não sabemos onde (1) o actual ms. 3330. Tem nos ff. 83v-116r o prólogo e todos os números do Livro III. Apenas o n. 177, omitido no seu lugar, foi colocado depois do n. 180.

62. TROYES, BIBLIOTECA MUNICIPAL 948

Não se conhece a procedência deste manuscrito, copiado no século XII (2). Nos ff. 57v-136r tem integralmente o Livro III. De notar que no fl. 64v termina o trabalho de um copista, mas o texto continua no fl. 65r, obra de outra mão.

63. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 2462*

Obra dos séculos XII-XIII, este códice passou pela biblioteca de Jean Bigot (3). Ao Livro III (ff. 112r-168v) só falta o n. 132. Encontra-se, porém, incompleto o apotegma 93. O n. 65 precede o n. 64. Note-se ainda a presença da Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4) nos ff. 207r-208r.

---

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, Tomus I, Bruxellis, 1889, p. 230.

(2) *Cat. gén. mss. Bibl. Publiques France*, t. II, Paris, 1855, p. 390.

(3) PH. LAUER, *Bibliothèque Nationale, Cat. gén. des mss. latins*, Tome II, Paris, 1940, p. 469.

64. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO* 5388

Pertenceu aos condes de Béthune este códice do século XIV (1). Apesar de a numeração dos apotegmas do texto contar apenas 207 títulos, o Livro III está completo nos ff. 32v-77r, apenas se encontrando inacabado o n. 160. O índice dos capítulos deste livro encontra-se nos ff. 103r-106v.

---

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensi*, Tomus II, Bruxellis, 1890, p. 464.

b) *MANUSCRITOS QUE GUARDAM REFERÊNCIA  
SÓ AO CAP. IV DO «AUTÊNTICO LIVRO III»*

Há um certo número de manuscritos com o Livro III de Rosweydu que após o n. 16 não têm qualquer *explicit*, mas conservam antes do n. 17 a rubrica: *Incipiunt monita et exempla sanctorum patrum de uirtute humilitatis et patientiae*. É já o único vestígio do que foi o cap. IV do «autêntico Livro III».

65. AMIENS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 459

Escrito no século XI, este códice passou pela biblioteca do Colégio dos Jesuítas (1). Está mutilado no princípio e no fim. O Livro III das *Vitae Patrum* começa com o prólogo (fl. 121v) e termina com o n. 153, pois o manuscrito não vai além do fl. 174v. Faltam os apotegmas nn. 77 e 114.

66. (= T) — EINSIEDELN, BIBLIOTECA CONVENTUAL 246

O actual *Einsidlensis* 246 (que já teve anteriormente os nn. 172 e 116) é trabalho do século XI, provavelmente originário deste mosteiro suíço (2). Está numerado por páginas e não por fólhos. Nas pp. 140-152 temos o índice de 207 títulos dos apotegmas que hão-de constituir o Livro III. Nas pp. 153-325 vêm o prólogo e os nn. 1-216 (este último tem no códice o n. 203 e está incompleto). Faltam os nn. 41 e 86-91 inclusive. O códice não está mutilado, mas ao chegar às palavras *tamquam altero iusso ex coenobio fratre*, do n. 216 Rosw., o copista escreveu logo o *explicit*.

---

(1) J. GARNIER, *Catalogue descriptif et saisonné des manuscrits de la bibliothèque communale de la ville d'Amiens*, Amiens, 1843, p. 378.

(2) P. GABRIEL MEIER, *Catalogus codicum manuscriptorum in bibliotheca monasterii Einsidlensis (O.S.B.)*, t. I, 1899, p. 203.

67. (= X) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
FUNDO LATINO 10840

Este manuscrito do século XI (outrora com a cota *Suppl. lat.* 402) (1) contém nos ff. 53r-116r o Livro III das *Vitae Patrum*, dividido em 207 capítulos, mas apenas com a omissão do n. 114 de Rosweyodus. De notar ainda dois erros do copista. O n. 16, que não pertence à série *De uirtute humilitatis et patientiae*, encontra-se depois do n. 17 que começa este capítulo. Além disso, após o *incipit* do n. 132 (*Cum sederent quidam fratres prope abbatem Poemenen*) o copista passou ao n. 133 omitindo o seu *incipit* (*Quidam frater requisiiuit abbatem Poemenen*). Este salto faz com que o n. 132 tenha praticamente desaparecido.

68. REIMS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 428

Segundo informações do Catálogo (2) este manuscrito do século XI, proveniente de Saint Thierry, contém nos ff. 111r-178v o Livro III de Rosweyodus, com «numerosas variantes e várias faltas». Não sabemos a razão por que não recebemos microfilme deste manuscrito juntamente com os outros pedidos à Biblioteca de Reims. E é-nos impossível insistir... Vamos, por isso, basear-nos nas notas que tirámos quando examinámos pessoalmente o manuscrito em 15 de Setembro de 1966.

Nos ff. 51v-58v encontra-se um índice de capítulos dos Livros II, III e outros ainda. O texto do Livro III de Rosweyodus está anunciado no fim do fl. 111r, mas o prólogo *Vere mundum* está já no verso. Terminado o prólogo, começam imediatamente os apotegmas, sem título, mas numerados. No fl. 119r, antes do n. 17 de Rosweyodus (16 no códice), lê-se o título do cap. IV do «autêntico Livro III»: *Incipiunt monita et exempla sanctorum Patrum de uirtute humilitatis et oboedientiae*. (Não apontámos se há *explicit* do capítulo anterior). No fl. 137r, sob o n. 39, começa o n. 43 de Rosweyodus. A versão de Pascásio, n. 40

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, Tomus II, Bruxellis, 1890, p. 596.

(2) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, Tome XXXVIII, Tome I (de Reims); Paris, 1904, pp. 575-577.

(= 44 Rosw.) principia no fl. 138r. Anotámos a presença e equivalência de vários outros apotegmas: — por exemplo, no fl. 173r, sob n. 188, vem o texto de 200 Rosw. O livro termina com o n. 207 (= 220 Rosw.) no fl. 178v. A rápida inspecção do manuscrito e a esperança de irmos a adquirir microfilme fez com que não possamos agora comprovar se há, de facto, muitas variantes e omissões. A comparação com outros exemplares de 207 títulos, como os de Paris, Bibl. Nat. lat. 5388 e 10840 leva-nos a supor que o ms. 428 de Reims não deverá ter, na realidade, muitas falhas.

#### 69. MONS, BIBLIOTECA PÚBLICA 7/227

Foi escrito no século XII e, segundo uma anotação do século XVII, nesta data era pertença do «Monasterii Bone Spei in Hanonia» (1). Nos ff. 1r-64v tem o Livro III, sem prólogo, desde o n. 1 a 195. O apotegma 195 termina nas palavras *opera eorum*, pois o manuscrito está truncado.

#### 70. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL, FUNDO LATINO 12597

O mais antigo possuidor que se conhece deste manuscrito do século XII é o mosteiro de Corbie (2). Contém nos ff. 32v-34v o índice de 215 capítulos e nos ff. 34v-70r o prólogo e o texto do Livro III Rosw.

#### 71. (Cf. n. 15) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL, FUNDO LATINO 2464

A constituição do códice 2464 é muito semelhante à do n. 2462 (n. 63). Não totalmente igual, porém. Copiado no século XII ou XIII, o ms. 2464 pertenceu a G. Pinguet (séc. XVII) e passou depois ao arcebispo de Reims, Le Tellier (3). O Livro III encontra-se aqui nos

(1) P. FAIDER et M.<sup>o</sup> FAIDER-FEYTMANS, *Catalogue des manuscrits de la bibliothèque publique de la ville de Mons*, Gent, 1931, p. 9.

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, t. III, Bruxellis, 1893, p. 123.

(3) PH. LAUER, *Bibliothèque Nationale, Cat. gén. des mss. latins*, Tome II, Paris, 1940.

ff. 103r-152r também com a falta do n. 132. O apotegma 93 está igualmente incompleto, mas a ordem dos nn. 64, 65 é perfeita. Diferença de assinalar é a presença de Pascásio LVI,3, segundo o subarquétipo  $\epsilon$ , nos ff. 187r-188r que, a preceder a Vida de Táisis, como já notámos (n. 15) se encontra no códice n. 2464, mas falta no n. 2462, como tivemos ocasião de verificar pessoalmente.

72. (Cf. n. 25) — BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL  
DA BÉLGICA 3192 (8033-34)

Ao descrever este códice do século XIII, proveniente de S. Vaast (n. 25), já assinalámos que nos ff. 59v-97v contém o Livro III. O exame de todo o texto revela que o n. 82 está incompleto e que falta apenas o n. 114.

c) *MANUSCRITOS DE III ROSW. SEM VESTÍGIOS DE CAPÍTULOS DO «AUTÊNTICO LIVRO III»*

73. (Cf. nn. 19 e 59) (= Z) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 17139

Já atrás (nn. 19 e 59) estudámos este manuscrito do século XII, proveniente de Schefflarn. Como vimos, tem nos ff. 25v-27v um índice do Livro III, o qual, dizemo-lo agora, está dividido em 206 capítulos. Nos ff. 27v-64r vem o prólogo *Vere mundum*, seguido de 206 apotegmas, cada um com o título respectivo. Notemos, no entanto que esta divisão não corresponde à da edição de Rosweydyus. De facto, o ms. 17139 apenas omite os nn. 194 e 195 da edição. Além disso, a «sentença» 34 está incompleta e encontra-se invertida a ordem nos nn. 203, 202 e 211, 210.

74. (Cf. n. 21) — REIMS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 1391

Quando descrevemos este manuscrito (n. 21) dissemos que foi escrito no século XII e proveio de S. Denis de Reims. Nos ff. 87r-88v lemos o índice do Livro III repartido em 210 títulos. O prólogo e o texto vêm nos ff. 89r-130v. Os apotegmas estão numerados até ao fl. 93r, mas sem repetição dos títulos. Em relação a Rosweydyus nota-se que o n. 21 tem um breve apêndice e que o n. 47 está deslocado, tendo sido escrito depois do n. 50. Notável ainda a narração equivalente ao n. 99: a primeira terça parte (precisamente até *ansas uasorum*) é tirada de Pelágio XV,25, ao passo que o resto segue o texto publicado por Rosweydyus.

75. (Cf. n. 22) — REIMS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 1392

Ao estudarmos este manuscrito (n. 22) dissemos já que é do final do século XII e que proveio de Saint-Thierry. O exame dos ff. 76v-111v revela que ao Livro III faltam apenas os nn. 41, 42, 43 e 127. Apesar disso, os apotegmas, sem *capitulatio* prévia, estão distribuídos em 206 números, não acompanhados de título.



## 76. SAINT-OMER, BIBLIOTECA MUNICIPAL 696

Foi escrito no século XII e proveio da abadia de Clairmarais (1). Nos ff. 37r-39r lêem-se os títulos dos 206 apotegmas em que está dividido o Livro III. Mas o texto dos ff. 39r-78v contém os 220 números da edição de Rosweyodus à excepção de 41, 42 e 43.

## 77. VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA, BORGHES. 160

Ignora-se a procedência deste códice do século XII (2). Nos ff. 9r-68v tem o Livro III de Rosweyodus, com a omissão do prólogo e dos nn. 109 e 132.

## 78. ESCURIAL, BIBLIOTECA DO MOSTEIRO

P. III. 1.

Copiado no século XIII ou XIV, este manuscrito passou pela biblioteca do conde-duque de Olivares (3). Tem nos ff. 69r-96v o Livro III, a que faltam os nn. 77 e 114. Os apotegmas nn. 82 e 205 estão incompletos.

## 79. (Cf. n. 26) — REIMS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 1393

É do século XIV e proveio de S. Nicásio de Reims este manuscrito já atrás estudado (n. 26). No fl. 31r começa o prólogo *Vere mundum* e seguem-se os apotegmas do Livro III (com omissão dos nn. 41, 42 e 43) até ao n. 92 que se encontra incompleto ao terminar o fl. 53v. O Catálogo (4) não assinala, mas faltam de facto entre 53v e 54r os fólhos que continham a conclusão do n. 92 até ao princípio do n. 144

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. III, Paris, 1861, p. 304.

(2) A. MAIER, *Codices Burghesiani Bibliothecae Vaticanae*, Vaticano, 1952, pp. 208-210.

(3) G. ANTOLÍN, *Catálogo de los códices manuscritos de la real biblioteca del Escorial*, vol. III, Madrid, 1913, p. 315.

(4) *Cat. gén. mss. des Bibl. Publ. France*, Tome XXXIX, Tome II, I Part., Paris, 1904, p. 530.

de que se conserva apenas o final no fl. 54r. O fl. 61v termina com o n. 188. Há depois nova lacuna de fólhos (16 segundo o Catálogo) pois no fl. 62r lê-se o texto, já adiantado, do Livro IV de Rosweyodus.

80. BAMBERG, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*HIST.* 140

Escrito no século xv, este manuscrito proveio da biblioteca do Carmelo de Bamberg (1). O Livro III está nos ff. 68v-109v, faltando-lhe os nn. 84 e 170.

81. MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA,  
*LATINO* 3450

Escrito no século xv, este códice proveio da biblioteca dos cônegos de Nossa Senhora e de Santa Felicidade, em Au (2). Nos ff. 22r-52v tem a *capitulatio* sem numeração dos títulos do Livro III de Rosweyodus, seguida do prólogo e dos apotegmas com título para cada um. No fl. 43v o copista saltou, sem razão aparente, do n. 111 para 144. Além das omissões daqui resultantes, o manuscrito vai apenas até às palavras *tamquam altero iusso de coenobio fratres* do n. 216.

O final parece aparentar este códice com o de Einsiedeln 246 (cf. n. 66). Mas além de o manuscrito austríaco ter o capítulo *De humilitate et patientia* e de não omitir os nn. 112-143, o seu n. 199 transmite apenas o texto de Pascásio, ao passo que o *latinus monachensis* 3450 introduz no princípio e no fim alguns elementos importados de João III,2. Eis a interessante redacção levemente contaminada do n. 199 (fl. 49v-50r) indo a itálico as palavras estranhas a Pascásio: «Venerunt alii quidam duo iuvenes ad beatum Macarium, unus quidam ipsorum incipiebat barbam mittere, alter uero non adhuc. Et prouoluti pedibus eius», etc... E no final: ... «tertio die minor est eum assecutus. Et cum aliqui patres aduenirent abbati Macario, ducebat eos in cellam illorum dicens: Venite et uidete martyrium horum minorum peregrinorum».

(1) F. LEITSCHUH und H. FISCHER, *Katalog der Handschriften der königlichen Bibliothek zu Bamberg*, Bamberg, 1895-1906, pp. 230-231.

(2) *Cat. CLM.*, t. I, pars II, Monachii, 1871, p. 81.

d) *MANUSCRITOS COM EXTRACTOS DO III ROSW.*  
*SEM ASPECTO DE CONTINUIDADE*

82. MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA,  
*LATINO 14364*

Neste códice do século IX, provindo da biblioteca dos beneditinos de Santo Emerano de Ratisbona (1) entre uma colecção extraída de Pelágio (ff. 97r-119r) encontrámos três apotegmas transcritos segundo a versão do Livro III de Rosweydyus: n. 45 (fl. 97v), n. 53 (fl. 107r) e n. 18 (fl. 116v).

83. (Cf. n. 12) — MONTE CASSINO, BIBLIOTECA  
DA ABADIA 50

Só para efeitos de sistematização citamos aqui o códice cassinense n. 50, do século XI. No estudo pormenorizado que atrás lhe dedicámos (n. 12) ficou já dito que, no meio de «sentenças» de outros tradutores, se encontram aí, segundo a versão do Livro III de Rosweydyus, os seguintes extractos:

- 1) pp. 2-109: entre a versão de Pascásio, os nn. 6, 25; de 217 escassos elementos a contaminar o texto do subarquétipo  $\epsilon$ ; e n. 22.
- 2) pp. 210-213: o n. 26.
- 3) pp. 237-243: os nn. 15, 31, 32, 34.
- 4) pp. 273-291: os nn. 4, 10, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 29, 37 e 38.

84. (Cf. n. 136) — BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL  
DA BÉLGICA 3207 (8623-26)

Adiante estudaremos este manuscrito do século XII, originário de Santa Maria de Biburch (n. 136). Veremos então que após uma selecção de Pelágio-João (ff. 4r-48r) continua, sem qualquer aviso,

---

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars III, Monachii, 1871.

um conjunto de apotegmas em que se contamina a versão incluída no Livro III de Rosweydyus com a do subarquétipo  $\kappa$ .

Do conteúdo dos ff. 48r-51v, seguem inteiramente a versão editada por Rosweydyus os primeiros cinco apotegmas, equivalentes aos nn. 45, 47, 50, 51 e 58. Os restantes, embora contenham alguns elementos providos do subarquétipo  $\sigma$ , utilizam sobretudo modelos dos subarquétipos  $\kappa$ ,  $\mu$  e  $\pi$ .

85. (Cf. n. 98) — NAMUR, MUSEU DE ARQUEOLOGIA 12

Adiante estudaremos melhor este códice do século XII ou XIII, proveniente de Santo Huberto, nas Ardenas belgas (n. 98). Veremos então que, completamente dissociada da antologia do «autêntico Livro III», precedida do prólogo (ff. 74r-84v), se encontra aí, sob o título inicial de *De abbate Ioseph*, uma nova selecção do Livro III de Rosweydyus (ff. 113v-130r), contendo apotegmas entre os nn. 47 a 210. Porque pareceu conveniente analisar então, em conjunto, todo o conteúdo dos ff. 74r-130r, baste-nos agora remeter para a descrição que se fará aí dos ff. 113v-130r.

86. MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA,  
*LATINO* 12640

O Catálogo (1) informa-nos de que este manuscrito dos séculos XII-XIII proveio da biblioteca dos cónegos regulares de S. Pancrácio em Ranshofen, mas não assinala a presença de quaisquer *apophthegmata* para os ff. 107r-108v. Deve-se a D. Columba Maria Batlle (2) ter chamado a atenção para a sua presença. Mas a identificação de D. Columba é muito vaga. Diz apenas: «depois de uns poucos extractos, provavelmente do Pseudo-Rufino, há aí alguns escassos fragmentos no fim que devem ser de Pascásio, por ex. XXXVII,4 e um paralelo ou mais três que podem ser dele». As referências de D. Columba remetem-nos para os Livros III e VII de Rosweydyus, mas pouco adiantam...

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars III, Monachii, 1871, p. 82.

(2) *Contribució...*, p. 71.

Tendo nós obtido um filme dos ff. 106v-108v, aqui deixamos a identificação de todos os apotegmas neles contidos: fl. 106v — Pelágio: I, 21; e III: 3, 16; fl. 107r — III Rosw. 163, 174, 57 e 217; fl. 107v — Pelágio XVIII,3; fl. 108r — Martinho: 15, 18; fl. 108v — Mart. 19. Segue-se a Vida de Santa Cunegundes.

A citação por D. Columba de Pasc. XXXVII,4 (= Mart. 15) baseia-se apenas no facto de até agora não se ter prestado a atenção devida à presença de Martinho no final do Livro VII de Rosweyodus. De momento, a nós interessa-nos a identificação de quatro apotegmas de Pascásio (fl. 107r-v) segundo a redacção impressa no Livro III por Rosweyodus.

#### 87. ROMA, BIBLIOTECA FARFENSE 5

Albert Poncelet (1) fez uma descrição que nos parece suficiente do conteúdo deste códice do século XIII, provindo do mosteiro de Santo Ângelo de Gaieta. As páginas 1-82 contêm narrações das *Vitae Patrum*, tiradas dos Livros III, IV, V e VI de Rosweyodus. A parte copiada do Livro III são os nn. 8-18, 43, 57, 60, 62, 104 e 220.

#### 88. (Cf. n. 17) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL, *LATINO* 2809

Apenas o desejo de sistematizar nos leva a mencionar aqui este manuscrito dos séculos XIII-XIV, o qual, como vimos (n. 17), tem a terminar um dos seus extractos de Pascásio, segundo o subarquétipo  $\epsilon$ , um só apotegma com o texto da recensão de Rosweyodus, o n. LVII,2 de Pascásio, ou seja, n. 217 Rosw. (fl. 90r-90v).

---

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Romanarum*, Bruxellis, 1909, pp. 117-118.

89. LONDRES, MUSEU BRITÂNICO,  
*add.* 35.325

Escrito na Itália no século XIV, este manuscrito pertenceu aos dominicanos de Rímini e passou pela biblioteca do grande coleccionador Phillips (1). Após extractos do Livro II de Rosweydu, seguem-se nos ff. 37r-37v os nn. 190, 198, 199, 204 e 205 do Livro III. Continua com uma breve selecção dos Livros IV e V.

90. (Cf. n. 137)—MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 13081

É uma cópia do século XIV este manuscrito que veio da cidade de Ratisbona. Quando o estudarmos mais demoradamente (n. 137) veremos que pertence ao mesmo modelo do ms. 8623-26 da Bibl. R. da Bélgica (cf. n. 83). Assim, são-nos dados no ms. hoje em Munique, nos ff. 59r-60v os nn. 45, 47, 50, 51 e 58, segundo o texto da *Vulgata* editada por Rosweydu.

91. OXFORD, BIBLIOTECA BODLEIANA,  
*RAWL. C. 72*

É muito provavelmente de origem inglesa este manuscrito do século XIV. Segundo o Catálogo (2), os ff. 44r-67v contêm «exemplos dos Santos Padres».

O nosso exame revela que estes fólhos se dividem em duas partes bem distintas:

1) ff. 44r-59v: extractos do Livro III de Rosweydu.

2) ff. 59v-67v: um tratado *De propria uoluntate*, que não identificámos, cujo *incipit* é: *Propria uoluntas est quomodo quaedam adultera regina...*

Damos a seguir a identificação do conteúdo dos ff. 44r-59v, pois só estes interessam ao nosso estudo. Anote-se desde já que alguns

(1) *Cat. add. mss. Brit. Mus. in the years 1894-1899*, London, 1901, pp. 260-261.

(2) GVLIELMVS MACRAY, *Catalogi codicum manuscriptorum bibliothecae Bodleianae, partis quintae fasciculus secundus*, Oxonii, 1878, pp. 22-23.

números são precedidos de um título apropriado. *Incipit prologus de exemplis sanctorum Patrum. Vere mundum...* Seguem-se nn. 1-5; 8, 9; 12-14; 18, 21, 30, 35, 36, 41, 45; 47-52; 57-61; 63, 64; 66-69; 72; 75-80; 82; 85-87; 89-92; 95-100. No fl. 58r vem um título genérico — *Incipit de beato Arsenio* — que poderá remontar ao cap. VI do «autêntico Livro III», seguido dos nn. 37-40, da antologia publicada por Rosweyodus, e ainda, a terminar (fl. 59v) o n. 212, o qual, embora não esteja separado do título geral anterior, é referente ao abade Lúcio.

## 92. CAMBRIDGE, CORPVS CHRISTI COLLEGE 521

Este manuscrito cuja primeira parte, a que nos interessa, é do século xv (1) contém no fl. 48r-48v, após um tratado de Ricardo de S. Vítor sobre o fim do mundo, apenas uma narração manifestamente tirada de III Rosweyodus, o n. 197. O copista remete para a sua fonte, onde o apotegma se encontra, como muito frequentemente acontece, no livro II, sob o n. 190. Eis o princípio deste interessante apêndice ao tratado anterior: *Sancti patres in Aegypto congregati prophetauerunt de nouissimis temporibus, ut dicitur in Vitas Patrum libro 2º cap. CLXXXX, ex quibus unus praecipuus nomine Quirio dixit: Nos quidem adhuc mandata Dei implemus. Interrogauerunt autem eum et dixerunt...* Prolongámos a transcrição do texto, que termina com as palavras: *feliciores atque probabiliores*, para que se possa verificar que se trata realmente do n. 197 de III Rosw. e não do seu paralelo, João I,14.

## 93. (Cf. F, g; 138) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, LATINO 3056

Adiante identificaremos (n. 138) todo o conteúdo deste códice do século xv, proveniente de Andechs. Apenas para efeitos de sistematização mencionamos aqui que, após o texto de Martinho, se encontram no fl. 212r os seguintes números extraídos do Livro III de Rosweyodus: 176, 177, 204, 218, 186 e 206.

---

(1) M. R. JAMES, *A descriptive catalogue of the manuscripts in the library of Corpus Christi College, Cambridge*, vol. II, Cambridge, 1912, pp. 473-474.

94. (Cf. F, h; 139) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 18093

Quando descrevermos este manuscrito do século xv, proveniente de Tegernsee (n. 139) verificaremos que no fl. 113r se encontram isolados da sua colecção os nn. 176, 177, 204, 218, 186 e 206 do Livro III de Rosweydu.

95. (Cf. F, i; 140) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 18161

Também este códice do século xv, proveniente de Tegernsee (n. 140) inclui, após uma selecção de Martinho, no fl. 193r os nn. 177, 204, 218, 186 e 206 do Livro III de Rosweydu.

96. MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 15241

Trata-se de um volume de pequeno formato, em 12.º, do século xvi, proveniente da igreja colegiada de Rebdorf, dos cônegos regrantes de Santo Agostinho (1). A maioria dos fólhos não está numerada. Dos apontamentos que tirámos ao examiná-lo pessoalmente, guardamos apenas referência à paginação dos ff. 49, 93 e 139.

Precisamente no fl. 93r começam «dicta sanctorum Patrum ex Vitis Patrum». Após uma série de extractos de Pelágio, vêm, a terminar esta colectânea de apotegmas, os seguintes números do Livro III, por vezes bastante retocados: 18, 23, 19, 29, 30 e 65.

97. (Cf. n. 141) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 18853

Apenas para ser sistemático recordamos aqui que ao estudarmos este códice do século xvi, proveniente de Tegernsee, veremos (n. 141) que no fl. 217r se encontram, após extractos de Martinho, os nn. 176, 177, 204 e 186 do Livro III de Rosweydu.

---

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars III, Monachii, 1871, p. 10.



APÊNDICE — EMBORA CONTENHA EXTRACTOS NÃO SISTEMÁTICOS DO «LIVRO III DE ROSWEYDVS», DEVE SER EXCLUÍDO DA NOSSA NUMERAÇÃO, POR NÃO POSSUIR NENHUM APOTEGMA DA RECENSÃO DE PASCÁSIO, O SEGUINTE MANUSCRITO:

a) *Londres, Museu Britânico, add. 38.684*

O Catálogo (1) é suficientemente claro sobre a parte do Livro III contida no códice *add. 38.684*, dos séculos XII-XIII, que no século XV pertenceu ao mosteiro de Santa Cruz de Offemont (Soissons).

Nos ff. 184r-186r temos apenas: III Rosw. 26, 22 e 24.

---

(1) *Cat. add. mss. Brit. Mus. in the years 1911-1915*, London, 1925, pp. 203-205.

e) *MANUSCRITOS COM O «AUTÊNTICO LIVRO III»  
QUASE COMPLETO E COM ELEMENTOS EXCLUSIVOS  
DO «LIVRO III DE ROSWEYDVS»*

98. (Cf. n. 85) — NAMUR, MUSEU DE ARQUEOLOGIA 12

Escrito no século XII ou XIII (1) este códice, de grande interesse para nós, proveio do mosteiro de Santo Huberto, nas Ardenas. O Catálogo considera como o «II Livro» das *Vitae Patrum*, equivalente ao III Livro de Rosweyodus, tudo o que se encontra entre os ff. 74r a 130r. Na realidade, o seu conteúdo é bastante mais complexo.

Segundo o nosso exame pessoal, podemos dividir estas páginas assim:

1) ff. 74r-84v: prólogo e antologia do «autêntico Livro III» nn. 1-40 Rosw. Note-se, porém, que, entre os títulos que precedem vários apotegmas se encontram indícios da *capitulatio* original. Assim, antes do n. 1 temos: *Incipiunt monita* (= cap. I); antes do n. 8: *Incipiunt exempla patrum contra spiritum fornicationis* (= cap. II); antes do n. 17: *Incipiunt monita et exempla sanctorum patrum de uirtute humilitatis et patientiae* (= cap. IV); e antes do n. 37: *De conuersione Arsenii* (equivalente ao cap. VI).

2) ff. 84v-93v: uma selecção do Livro IV de Rosweyodus.

3) ff. 93v-96r: um apêndice ao Livro IV, composto de apotegmas extraídos de Pelágio.

4) ff. 96r-108v: uma selecção da *Palladii Lausiaca*.

5) ff. 108v-112r: Após o título: *Incipiunt monitiones sanctorum patrum qui in studio spiritualis uitae senuerunt, quae ad instructionem iunioribus dixerunt fratribus*, seguem-se extractos do «autêntico Livro III». Ei-los: I: 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 15, 16; II, 3; III,1; IV: 6, 15, 18, 19; V: 4, 6; VI,6. Se compararmos estes apotegmas com os já incluídos nos ff. 74r-84v verificaremos que do «autêntico Livro III» apenas são omitidos os nn. IV,5; V,1 e VI,3.

6) ff. 112r-113v: *De sancto Frontonio*.

---

(1) Cf. PAUL FAIDER, *Catalogue général des manuscrits des bibliothèques de Belgique*. Vol. I. *Catalogue des manuscrits conservés à Namur, Gembloux*, 1934.

7) ff. 113v-130r: sob o título inicial de *De abbate Ioseph*, e depois com o título apropriado a cada apotegma, temos o texto de Pascásio segundo a recensão do Livro III de Rosweydu, embora não completo. Começa com os nn. 47-97, apenas com omissão dos nn. 52 e 54. Note-se, porém, que o n. 97 não está completo, pois vai só até às palavras: *crede nobis sanctissime pater*, ao fundo fl. 118r. O verso deste fólio está paginado por mão diferente com o número 119. O texto principia: *pater quoniam nulla opera facio monachi*, isto é, pouco após o começo de III Rosw. 106. Não encontramos para esta mutilação do texto (que não do códice) outra explicação que não seja uma falta do copista que, ou por si ou por deficiência do seu modelo, saltou tudo o que vai do ponto assinalado do n. 97 até ao princípio do n. 106. O fólio seguinte está numerado de 120. Retomado o texto no estranho fólio 119 (que na realidade deveria ser 118v), os apotegmas continuam sem omissões desde o n. 106 até 210, onde termina, embora sem *explicit* este «*liber secundus*», como lhe chama o códice. Aponte-se apenas a deslocação do n. 207, o qual se anticipa, vindo após o n. 204.

Observando o que deixamos descrito nos nn. 1, 5 e 7, verificamos que o manuscrito de Namur nos oferece a particularidade de possuir a antologia do «autêntico Livro III», nn. 1-40 Rosw. precedidos de um prólogo; de apresentar um complemento seguido (e quase perfeito) dos apotegmas do «autêntico Livro III», omitidos na antologia; e de conhecer também a versão de Pascásio incluída no Livro III de Rosweydu. Estas características compartilha-as o ms. de Namur com os códices do Museu Britânico *add.* 37.400, e de Munique, lat. 2540, pois o conteúdo total dos três manuscritos deveria ser idêntico (cf. nn. 100 e 101).

#### 99. REIMS, BIBLIOTECA MUNICIPAL 1400

Este valioso códice do século XIII foi oferecido em 1380 pelo cónego Adão Maigret ao Cabido da Sé de Reims (1). Dado o seu interesse para o nosso trabalho, vamos analisar-lhe o conteúdo desde os ff. 78v a 132v.

1) ff. 78v-96rb: extractos do Livro II de Rosweydu. O copista escrevera simplesmente: *Incipit liber sancti Hieronimi*, mas não assinalou o *explicit* no fl. 96rb.

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. XXXIX, t. II, I partie, Paris, 1904, pp. 553-569.

2) ff. 96rb-97vb: *Vita Pauli* a começar no n. 4 até ao fim (PL XXIII, coll. 20-30).

3) ff. 97vb-98rb: sem qualquer distinção do anterior, inclui-se aqui, isolado, o cap. VIII da *Palladii Lausiaca, De Nathanaele* (PL LXXIV, cöll. 352-353). O Catálogo remete erradamente para a p. 949 das *Vitae Patrum* de Rosweydu, ou seja para o texto do *Heraclidis Paradisus*. Na realidade a versão transcrita é a da *Palladii Lausiaca* (ed. Rosw., pp. 988-989).

4) ff. 98rb-107rb: apesar de nada separar o princípio da nova obra em relação ao tema anterior (e o Catálogo assinala apenas: «suite de Verba Seniorum» sem qualquer identificação), começa aqui, sem título e sem *capitulatio* antes do texto de cada capítulo (excepto do cap. IV), o «autêntico Livro III das Vitae Patrum» ao qual apenas faltam os nn. I,5; V: 1, 4, 6; e VI: 3, 6. No fl. 100v, ao lado de II,9 da nossa organização do texto, vê-se pela primeira vez uma numeração estranha: C.XXVI. Poder-se-á, com esta pista, remontar ao seu modelo? Apesar de até aqui não se anunciarem quaisquer títulos, no fl. 101r, ao terminar o nosso cap. II, lê-se: *explicit*. E logo a seguir: *Incipit exhortatio sancti Macarii ad monachos*, que corresponde ao cap. III. Em 101va temos o título do cap. IV e a própria *capitulatio*, perfeita, com 19 títulos. E em 101vb começa o texto dos *monita et exempla sanctorum patrum de uirtute humilitatis et patientiae*. Embora esteja incluído nos títulos do cap. IV, na transcrição do texto antes de IV,8 lê-se o título: *De amore humilitatis sancti Isaac* (fl. 103r), tal como no ms. de Viena (cf. E, a). Não há qualquer *incipit* nem *explicit* dos capp. V e VI, ainda que o seu texto seja quase integral. Temos, pois, indícios mais que suficientes de que o copista do ms. 1400 de Reims estava próximo de uma fonte em que se encontrava completo (ou quase) o «autêntico Livro III das Vitae Patrum».

5) ff. 107r-120v: o copista continuou, sem qualquer advertência, a *Vulgata* do Livro III de Rosweydu, nn. 41 a 220. Nota-se apenas a falta do n. 116 e a inversão da ordem nos nn. 206, 205.

6) ff. 120v-130v: ainda que nunca tenham sido anunciados o final do «Liber I» e o princípio do «Liber II», temos no fl. 120v o *explicit liber secundus*. *Incipit prologus tertii libri*, isto é, o prefácio e todo o IV Livro de Rosweydu.

7) ff. 130v-132v: o conhecido apêndice ao Livro IV, com «sentenças» de Pelágio. Ao terminar (fl. 132v) o copista escreveu: *Explicit liber beati Hieronimi presbyteri de uitis sanctorum patrum*,

o que parece atribuir a S. Jerónimo tudo quanto ficou transcrito desde o fl. 78v!

Para nós o valor deste manuscrito está principalmente em transmitir-nos, ainda que de modo nem sempre perfeito, o texto do «autêntico Livro III das *Vitae Patrum*», também sem prólogo (observe-se), nos ff. 98r-107r.

100. (Cf. n. 20) — LONDRES, MUSEU BRITÂNICO,  
*add.* 37.400

Quando estudámos (n. 20) este manuscrito dos séculos XIV-XV, provavelmente escrito na Flandres ou na *Germania*, dissemos que nos ff. 37v-72v se encontra o Livro III de Rosweydyus. De facto, em comparação com a obra editada, observamos apenas a omissão dos nn. 194 e 195. Note-se, no entanto, que o n. 202 vem depois de 203 e que um pouco mais adiante o copista voltou a cometer erro semelhante, escrevendo primeiro o n. 211 e só depois o n. 210. No fl. 72v arrisca-se a atribuição do livro a S. Jerónimo: *Explicit liber secundus sancti Hieronimi presbyteri*.

Na primeira descrição apontámos também as dificuldades que os catalogadores tiveram para identificar o conteúdo dos ff. 115r-118r. Com efeito, sob o n. 16, escreve-se no Catálogo (1): «Apophtegmata Patrum: uma colecção de origem incerta. Mais de metade das narrações ocorre entre as interpolações na versão de Paládio mencionada acima (*sob o n. 15*), tal como foi impressa no apêndice de Rosweydyus (*isto é, a Palladii Lausiaca*, cf. PL LXXIV, coll. 343-382); outras correspondem, mas não *uerbatim*, com o ἀνθρῶν ἁγίων βιβλος» (*ou seja, a tradução de Pelágio-João*).

Para quem conhecer o «autêntico Livro III», a solução ressalta imediatamente. Os dezanove apotegmas em causa, como se poderá verificar pelas indicações do Catálogo e pelos lugares paralelos fornecidos, são:

III Aut. I: 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 15, 16; II,3; III,1; IV: 6, 15, 18, 19; V: 4, 6; e VI,6. Esta colecção corresponde perfeitamente à que se encontra em Namur, Museu de Arqueologia 12, ff. 108v-111v.

(1) *Cat. add. mss. Brit. Mus. in the years 1906-1910*, London, 1912, pp. 28-33.

Como o ms. *add.* 37.400 do Museu Britânico tem nos ff. 37v-72v o conteúdo quase completo de toda a antologia publicada por Rosweydu (omite apenas os nn. 194 e 195) conclui-se que no ms. de Londres apenas faltam, do «autêntico Livro III», os nn. IV,5; V,1 e VI,3.

101 — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA,  
LATINO 2540

Proveio da biblioteca de Alderspach este manuscrito do século xv (1). Do seu recheio interessam-nos agora os ff. 38r-71r e ff. 180v-184r.

Na primeira destas partes encontra-se o Livro III de Rosweydu com as seguintes características de importância para nós: após o prólogo tem: *Incipit liber secundus sanctorum Patrum de abstinentiae obseruatione* (fl. 38r); antes do n. 8 lê-se: *Incipit de spiritu fornicationis* (fl. 39v); antes do n. 17 está o título: *Incipiunt monita sanctorum Patrum de uirtute humilitatis et patientiae* (fl. 41v). Dos nn. 1 a 167 só falta o n. 41. Após o texto do n. 167 há uma narração (fl. 64v) que só encontramos neste manuscrito: *Abbas Daniel de Fara beati Arsenii discipulus exposuit dicens: Retulit nobis pater noster abbas Arsenius de quodam Scytiote eo quod dum esset actualis magnus, simplex uero in fide. Errabat...* longo texto a comparar com Pelágio XVIII,3. O Livro III de Rosweydu continua normalmente com os nn. 168-220.

Nos ff. 164r-180v está uma versão da *Palladii Lausiaca* que termina com o cap. XIX.

Imediatamente a seguir, sem *incipit* de novo livro, vêm, de 180vb a 184ra, alguns apotegmas do «autêntico Livro III», equivalentes aos que encontramos nos manuscritos de Namur e de Londres (n. 98 e 100). Uma deficiência de encadernação vem, no entanto, dificultar a leitura destas páginas. O fl. 181 está fora do seu lugar; e entre o actual fl. 183v e 184r falta um fólio, ficando por isso o texto mutilado. Segundo informação que nos foi fornecida, em carta de 15 de Janeiro de 1969, este fólio não se encontra deslocado em qualquer outra parte do manuscrito, devendo por isso dar-se como desaparecido.

Vamos reconstituir a sequência real do texto do «autêntico Livro III», dando primeiro a paginação actual e entre parêntesis o

(1) *Cat. CLM*, t. I, pars II, Monachii, 1871, p. 4.

que deveria ser a paginação verdadeira: ff. 180 (180); 181 (184); 182 (181); 183 (182); a seguir falta o que deveria ser o fl. (183); 184 (185). Neste último fólio, na 16.<sup>a</sup> linha do recto, primeira coluna, começa um «Praefatio Frontonii». Aos interessados se avisa de que o texto desta *Vita Frontonii* não é igual à que se encontra na PL LXXIII, coll. 438 e seguintes.

Orientando-nos agora não pela paginação actual, mas pelo que deveria ser a ordem real dos fólhos, acabada de indicar entre parêntesis, identificamos os seguintes nn. do «autêntico Livro III»: I: 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 15, 16; II,3; III,1; IV, 6, 15 até *induxit in cellulam*; no omitido fl. (183) deveria estar a continuação de IV, 15, seguida de IV: 18, 19 até *corde et inuenie-*, pois temos o seu final, a partir de: — *tis requiem animabus uestris...* no fl. 181 (184). O texto prossegue com V: 4 e 6; e VI,6 até ao fim.

A parte que nos resta aqui do «autêntico Livro III» é absolutamente igual à equivalente nos manuscritos de Namur, Museu de Arqueologia 12, ff. 108v-111v e do Museu Britânico, *add.* 37.400, ff. 37v-72v. Por isso podemos reconstituir o texto que falta no desaparecido fl. (183) do ms. lat. 2540 de Munique. Como naqueles, para que o «autêntico Livro III» estivesse completo faltariam apenas os nn. IV,5; V,1; e VI,3. Como vimos no princípio da descrição deste códice de Munique, na antologia do Livro III de Rosweyodus, até ao n. 17, encontram-se vestígios significativos dos títulos dos capp. I, II e IV do «autêntico Livro III».

f) *MANUSCRITOS COM EXTRACTOS DO III ROSW.  
E COM INTERPOLAÇÕES, ALGUMAS EXCLUSIVAS  
DO «AUTÊNTICO LIVRO III»*

I — Agrupados

102. TROYES, BIBLIOTECA MUNICIPAL 777

É do século XII e proveio de Claraval este manuscrito, todo ele consagrado às *Vitae Patrum* (1).

O seu conteúdo, bem como o dos seus pares é bastante complicado no que se refere ao que poderia parecer um normal Livro III segundo o modelo editado por Rosweydu. Escolhemos como paradigma deste grupo o manuscrito de Troyes porque, dos mais antigos, é o único que não oferece problemas de paginação.

Eis a identificação da parte que nos interessa:

1) ff. 1r-16r: prólogo e nn. 1-40 do Livro III de Rosweydu, com indicação dos títulos dos capp. II (fl. 2v) e IV (fl. 5v) do «autêntico Livro III».

2) ff. 16r-18r: nn. 44 Rosw.; Plg. X,44; e 46-60 Rosw.

3) ff. 18r-21v: Plg. XVIII,9; João III: 2,17 (este último contaminado com o seu paralelo em III Rosw. 97 (ff. 19vb-20ra); João: II,8; III,15; Plg. XV,25.

4) ff. 21v-22r: III Rosw. 127; Plg. II,7 contaminado com o paralelo em III Rosw. 65.

5) ff. 22r-33r: selecção desordenada de Pelágio, que começa por XV,9 e termina por V,28.

6) fl. 33ra-b: III Rosw. 201.

7) ff. 33rb-40v: extractos sem ordem de Pelágio e João, sendo o primeiro Plg. XVII,19 e o último João III,1.

8) ff. 40v-42v: III Rosw. 130; João III,3; III Rosw. 217; *Vita Taisis* (ff. 41va-42rb); *Praeteriens abbas Serapion aliquando per uicum Aegypti*, apotegma não publicado por Rosweydu.

---

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. II, Paris, 1855, p. 321.



- 9) ff. 42v-46r: selecção de Pelágio e João começando por João III, 6 e terminando por Plg. VII,12.
- 10) fl. 46rb-47ra: III Rosw. 200 e 219.
- 11) ff. 47ra-b: Plg. VI,22.
- 12) fl. 47rb-47va: III Aut. V,4.
- 13) ff. 47v-50v: começa Plg. V: 15, 16, 17, 32, 26, 34, 41 e 37; *Palladii Lausiaca* cap. XIX (fl. 50rb) e João III,15.
- 14) fl. 51ra-b: III Rosw. 220.
- 15) ff. 51r-53r: extractos dos capp. I, III e XI de Plg.; João IV, 13 e Plg. XI,44.
- 16) fl. 53ra: III Rosw. 133 e 134.
- 17) ff. 53r-54r: João IV: 7, 1; Plg. VII: 16, 17 e 18.
- 18) fl. 54rb: III Rosw. 218.
- 19) ff. 54v-55r: Plg. VII,35; II,1; VII,15; XIV,10; I: 21 e 23.
- 20) fl. 55ra-b: III Aut. III,1.
- 21) ff. 55r-55v: mais cinco apotegmas de Pelágio.
- 22) fl. 55vb-56ra: III Rosw. 76.
- 23) ff. 56r-61v: extractos desordenados de Pelágio.
- 24) fl. 61vb: III Rosw. 64<sup>a</sup>.
- 25) ff. 61v-62r: de Plg. 5 apotegmas.
- 26) fl. 62rb: III Rosw. 177.
- 27) ff. 62r-62v: Plg.: X,62; IV,27.
- 28) fl. 62va: Plg. X,18 até *sustinere eum*. Segue logo: *sicut dicit Apostolus: uos firmiores sustinete infirmos...* até ao fim, segundo a versão do III Aut. VI,6.
- 29) ff. 62v-67v: *Palladii Lausiaca* XX,18, seguida de Pelágio e João.
- 30) fl. 67va: III Rosw. 186.
- 31) ff. 67v-84v: extractos de Pelágio e João.
- 32) fl. 84vb: III Rosw. 81.
- 33) ff. 84v-90v: extractos só de Pelágio.
- 34) fl. 90va-b: III Rosw. 94.
- 35) ff. 90v-95v: selecção de Pelágio, João e das «sentenças» publicadas por Wilmart nn. 22, 36 (fl. 95r).
- 36) fl. 95va: III Rosw. 131.
- 37) ff. 95v-98r: nova selecção de João e Pelágio, a terminar com: *Dixit sanctus Macarius: ita debere monachus ieiuniis operam dare...*
- 38) ff. 98r-98v: após o título: *Incipiunt adhortationes patrum*

*quas de graeco in latinum transtulit beatus Hieronimus*, continua Plg. I: 9, 14, 12, 18; II: 2, 3, 5; IV,8.

39) fl. 98va: III Rosw. 170.

40) ff. 98v-99r: extractos dos capp. IV, VI e VII de Pelágio.

41) fl. 99rb-99va: III Rosw. 180.

42) ff. 98v-101r: nova selecção de Pelágio.

43) fl. 101rb-101va: III Rosw. 208 e 209.

44) ff. 101v-102r: final deste livro com Plg. XI,33 e João I: 2, 4, 6-9, 11, 10.

No fl. 102ra anuncia a *Palladii Lausiaca* de que são dados extractos até ao fl. 118r. De 118r a 132v temos um longa antologia do Livro IV das *Vitae Patrum*. O manuscrito termina com novos extractos desordenados de Pelágio nos ff. 132v-136r.

### 103. DIJON, BIBLIOTECA MUNICIPAL 194

Veio de Santa Maria de Cister este manuscrito do século XII (1).

A paginação encontra-se em contradição com o conteúdo real do códice. Podemos reorganizá-la assim:

1) ff. 1r-11v: III Rosw. 1-31 até: *Dixitque ei sanctus Antonius: Vade prior et |*

3) ff. 12r-133v: — *ne Tabennensiotarum...* quase a meio de III Rosw. 35, continuando com o conteúdo apontado para Troyes, Bibl. Mun. 777 incluindo a *Palladii Lausiaca*, Livro IV de Rosweyodus e o apêndice de Pelágio até Plg. VII,43, sendo as últimas palavras deste fólio: *recedere et dormire |*

2) ff. 134r-135v: *habita ubi uolueris...* é a continuação de III Rosw. 31, seguindo-se 32-35 até *monasterium in regio-*.

4) ff. 136r-137v: continuação de Plg. VII,43 até ao fim deste complicado Livro III.

Para se compreender a sequência basta seguir a numeração dos fólhos pela ordem por nós indicada. Nos fólhos acabados de observar (e é praticamente todo o livro, que termina em 138r-139v com um texto litúrgico de Quinta-feira Santa) o conteúdo corresponde ao de Troyes. Só nos resta, pois, indicar onde se encontram os outros elementos do Livro III (de Rosweyodus e do Autêntico) e a Vida de Táisis. Vão pela

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. V, Paris, 1889, p. 57.

ordem do seu aparecimento no texto bem organizado, anotando-se apenas o princípio das narrativas:

- 1 — III Rosw. 97 contaminado com João III,17 (fl. 16v).
- 2 — III Rosw. 127 (fl. 18r).
- 3 — Plg. II,7 contaminado com III Rosw. 65 (fl. 18r).
- 4 — III Rosw. 201 (fl. 28r).
- 5 — III Rosw. 130 (fl. 36r).
- 6 — III Rosw. 217 (fl. 36v).
- 7 — Táisis = Pasc. LVII,4 (fl. 37r-38r).
- 8 — III Rosw. 200 (fl. 42v).
- 9 — III Rosw. 219 (fl. 43r).
- 10 — III Aut. V,4 (fl. 43r).
- 11 — III Rosw. 220 (fl. 47r).
- 12 — III Rosw. 133 (fl. 48r).
- 13 — III Rosw. 134 (fl. 48r).
- 14 — III Rosw. 218 (fl. 49v).
- 15 — III Aut. III,1 (fl. 50r).
- 16 — III Rosw. 76 (fl. 51r).
- 17 — III Rosw. 64 (fl. 57v).
- 18 — III Rosw. 177 (fl. 58r).
- 19 — Plg. X,18 contaminado com III Aut. VI,6 (fl. 58r).
- 20 — III Rosw. 186 (fl. 64v).
- 21 — III Rosw. 81 (fl. 83r).
- 22 — III Rosw. 94 (fl. 89v).
- 23 — III Rosw. 131 (fl. 95r).
- 24 — III Rosw. 170 (fl. 98v).
- 25 — III Rosw. 180 (fl. 99v).
- 26 — III Rosw. 208 (fl. 101v).
- 27 — III Rosw. 209 (fl. 101v).

#### 104. LONDRES, MUSEU BRITÂNICO, *add.* 33.518

É do final do século XII este manuscrito que no século XVI pertenceu a René de Champ (1).

Está errada a numeração dos fólios em relação ao conteúdo:

1) ff. 1r-8v: Livro III de Rosw. nn. 1-24, como em Troyes 777, até ... *munda est conscientia mea a famula Dei quae* |

(1) *Cat. add. mss. Brit. Mus. in the years 1888-1893*, London, 1894, pp. 38-39.

3) ff. 9r-16v: *abbatis imperium...* final do cap. 24 do Livro IV de Rosweydu, a que se seguem outros capítulos (todos até 41, excepto o cap. 29), vindo depois a colectânea de Pelágio típica deste grupo e terminando com o *explicit liber quintus de uitis et exhortationibus sanctorum Patrum*.

2) ff. 17r-104r: *mihi ministrabat...* é a continuação de III Rosw. 24, sendo o resto do conteúdo idêntico ao assinalado para Troyes, Bibl. Mun. 777. A distribuição do Livro III de Rosweydu é neste manuscrito a seguinte:

até ao fl. 24v vêm os nn. 24 a 60. Depois só nos interessam, por ora,

- 1 — III Rosw. 97 contaminado com João III,17 (fl. 26r).
- 2 — III Rosw. 127 (fl. 26r).
- 3 — Plg. II,7 contaminado com III Rosw. 65 (fl. 28r).
- 4 — III Rosw. 201 (fl. 39r).
- 5 — III Rosw. 130 (fl. 46v).
- 6 — III Rosw. 217 (fl. 47r).
- 7 — Táisis (ff. 47r-48r).
- 8 — III Rosw. 200 (fl. 52r).
- 9 — III Rosw. 219 (fl. 52r).
- 10 — III Aut. V,4 (fl. 53r).
- 11 — III Rosw. 220 (fl. 56v).
- 12 — III Rosw. 133 (fl. 58r).
- 13 — III Rosw. 134 (fl. 58r).
- 14 — III Rosw. 218 (fl. 59r).
- 15 — III Aut. III,1 (fl. 60r).
- 16 — III Rosw. 76 (fl. 61r).
- 17 — III Rosw. 64 (fl. 66r).
- 18 — III Rosw. 177 (fl. 67r).
- 19 — Plg. X,18 contaminado com III Aut. VI,6 (fl. 67r).
- 20 — III Rosw. 186 (fl. 71v).
- 21 — III Rosw. 81 (fl. 88r).
- 22 — III Rosw. 94 (fl. 93v).
- 23 — III Rosw. 131 (fl. 98r).
- 24 — III Rosw. 170 (fl. 101r).
- 25 — III Rosw. 180 (fl. 101v).
- 26 — III Rosw. 208 (fl. 103v).
- 27 — III Rosw. 209 (fl. 103v).

105. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 5624*

Atendendo a que este manuscrito, copiado no séc. XIII e que foi possuído pelos Senhores de Noailles, se adapta perfeitamente no conteúdo dos seus ff. 1r-120v ao que descrevemos sobre o de Troyes, Bibl. Mun. 777, é de estranhar que os Bolandistas apenas o tenham considerado como do género de «uerba seniorum» que se encontram no Livro III (1), sem, ao que parece, além da parte abundante tirada de Pelágio-João, terem pelo menos assinalado o Livro IV de Rosweydy e a *Palladii Lausiaca*.

A paginação está perfeita, pelo que basta apenas, em relação a Troyes 777, assinalar os pontos que nos interessam.

Nos ff. 1r-20v temos a primeira parte do Livro III de Rosweydy, nn. 1 a 60 com indicação dos capp. II e IV do III Autêntico, e com as três interpolações de Pelágio. A partir daí só nos importa registar:

- 1 — João III,17 contaminado com III Rosw. 97 (fl. 20v).
- 2 — III Rosw. 127 (fl. 22r).
- 3 — Plg. II,7 contaminado com III Rosw. 65 (fl. 22r).
- 4 — III Rosw. 201 (fl. 33r).
- 5 — III Rosw. 130 (fl. 40r).
- 6 — III Rosw. 217 (fl. 40v).
- 7 — Táisis (fl. 41r-v).
- 8 — III Rosw. 200 (fl. 45v).
- 9 — III Rosw. 219 (fl. 46r).
- 10 — III Aut. V,4 (fl. 46v).
- 11 — III Rosw. 220 (fl. 50r).
- 12 — III Rosw. 133 (fl. 52r).
- 13 — III Rosw. 134 (fl. 52r).
- 14 — III Rosw. 218 (fl. 53r).
- 15 — III Aut. III,1 (fl. 53v).
- 16 — III Rosw. 76 (fl. 54v).
- 17 — III Rosw. 64 (fl. 60r).
- 18 — III Rosw. 177 (fl. 60v).
- 19 — Plg. X,18 contaminado com III Aut. VI,6 (fl. 60v).
- 20 — III Rosw. 186 (fl. 64r).

---

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensi*, t. I, Bruxellis, 1889, p. 526.

- 21 — III Rosw. 81 (fl. 80r).
- 22 — III Rosw. 94 (fl. 84v).
- 23 — III Rosw. 131 (fl. 88v).
- 24 — III Rosw. 170 (fl. 91r).
- 25 — III Rosw. 180 (fl. 92r).
- 26 — III Rosw. 208 (fl. 93v).
- 27 — III Rosw. 209 (fl. 93v).

#### 106. VALENCIÈNNES, BIBLIOTECA MUNICIPAL 168

Proveio do mosteiro beneditino de Saint-Amand este manuscrito do final do século XIII (1) ou, segundo Mangeart, talvez do fim do século XIV (2).

Nos ff. 159r-203r temos o mesmo texto estudado no manuscrito 777 de Troyes. Mão posterior escreveu no códice de Valenciennes que este «Liber secundus» era obra de Postumiano.

Em ordem à nossa questão, temos nos ff. 159r-166v o prólogo e os nn. 1-60 do III Rosw. com as falhas e interpolações apontadas em Troyes, Bib. Mun. 777. Depois disso interessam-nos:

- 1 — João III,17 contaminado com III Rosw. 97 (fl. 166v).
- 2 — III Rosw. 127 (fl. 167v).
- 3 — Plg. II,7 contaminado com III Rosw. 65 (fl. 167v).
- 4 — III Rosw. 201 (fl. 172v).
- 5 — III Rosw. 130 (fl. 175v).
- 6 — III Rosw. 217 (fl. 176r).
- 7 — Táisis (fl. 176r-v).
- 8 — III Rosw. 200 (fl. 178v).
- 9 — III Rosw. 219 (fl. 178v).
- 10 — III Aut. V,4 (fl. 179r).
- 11 — III Rosw. 220 (fl. 180v).
- 12 — III Rosw. 133 (fl. 181v).
- 13 — III Rosw. 134 (fl. 181v).
- 14 — III Rosw. 218 (fl. 182r).
- 15 — III Aut. III,1 (fl. 182v).
- 16 — III Rosw. 76 (fl. 182v).

---

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. XXV, Paris, 1894, p. 259.

(2) J. MANGEART, *Catalogue (...) des manuscrits de la Bibliothèque de Valenciennes*, Paris, 1860, p. 142.

- 17 — III Rosw. 64 (fl. 185v).
- 18 — III Rosw. 177 (fl. 185v).
- 19 — Plg. X,18 contaminado com III Aut. VI,6 (fl. 185v).
- 20 — III Rosw. 186 (fl. 188r).
- 21 — III Rosw. 81 (fl. 195v).
- 22 — III Rosw. 94 (fl. 198r).
- 23 — III Rosw. 131 (fl. 200r).
- 24 — III Rosw. 170 (fl. 201v).
- 25 — III Rosw. 180 (fl. 202r).
- 26 — III Rosw. 208 (fl. 203r).
- 27 — III Rosw. 209 (fl. 203r).

## II — Não agrupados

### 107. (Cf. F, c) — VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA, LATINO 1201

Já anteriormente (F, c) fizemos uma breve referência a este códice da segunda metade do século XI. A análise de A. Poncelet (1) aos ff. 75r-166v, embora certa na generalidade, precisa de ser especificada e, pelo menos num ponto, corrigida. Diz o douto Bolandista que da série de apotegmas que se encontram nos ff. 75r-120v os últimos são do Livro VII de Rosweyodus, cap. XXXII, nn. 3 e 6. Talvez que em lugar do n. 6 o Autor quisesse escrever 7. Mas nem mesmo assim o registo ficaria certo, porque, em vez da recensão do cap. XXXII,3 e 7 do Livro VII de Rosw., o que o manuscrito nos apresenta são os relatos equivalentes que fazem parte do Livro III, sob os nn. 186 e 187.

O exame que vamos fazer é exaustivo no que respeita ao Livro III e mesmo quanto ao resto bastante mais explícito que o de Poncelet.

1) ff. 75r-75v: sem título, temos Pelágio XVIII,3 e I,11.

2) ff. 75v-77r: *Palladii Lausiaca*, capp. IX e X (incompletos e totalmente libertos dos elementos que a edição de Rosweyodus importou do «autêntico Livro III»). Começa aqui, embora não anunciada, uma colectânea toda consagrada a Macário.

3) ff. 77rb-77vb: João III,4.

4) ff. 77vb-80ra: III Rosw. 195, 196, 197, 198, 207 e 213; Plg.: IV, 28; VII,10 e X,34 (fl. 78va); III Rosw. 61, 73, 97, 99, 127, 172 e 189.

---

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Vaticanae*, Bruxellis, 1910, pp. 70-72.

- 5) ff. 80ra-80va: Plg.: III,8; XV,26; João: II,7; III, 15<sup>b</sup> e 16.
- 6) ff. 80va-81rb: embora não haja qualquer título, temos uma antologia sobre Antão: IV Rosw. 55; cinco apotegmas de Pelágio, no meio dos quais está III Rosw. 218 (ff. 80vb-81ra).
- 7) ff. 81rb-81vb: ainda sobre Antão — III Rosw. 68, 105, 108, 128<sup>b</sup>, 129, 130, 176.
- 8) ff. 81vb-82ra: Plg.: IV,1; VIII,2 (cujo final está contaminado com III Rosw. 88); X: 1, 2<sup>b</sup>, 3. Lê-se então: *Explicit de sancto Antonio. Incipit de Arsenio.*
- 9) ff. 82ra-83va: Plg. II,3; III Rosw. 191, 192 e 193; Plg.: VIII,3; X,5; XV: 5, 6, 7, 9<sup>a</sup>; III Rosw. 65 (contaminado com Plg. II,7); Plg. IV,2; III Rosw. 163 e Plg. XV,10.
- 10) ff. 83va-84vb: uma colecção *de abbate Pastore*, toda extraída de Pelágio-João.
- 11) ff. 84vb-85rb: *Incipit de abbate Besarione* — III Rosw. 194, 215; João: II: 2, 3; III Rosw. 122, 121.
- 12) ff. 85rb-86rb: *Incipit de abbate Poemene* — III Rosw. 201, 45, 52, 59, 63, 177, 183, 79, 101, 100, 93, 20.
- 13) ff. 86rb-88va: embora sem *explicit* do título anterior, temos aqui uma série de apotegmas anónimos ou de «Padres» diversos, todos tirados de III Rosw.: 199, 200, 219, 205, 204, 203, 202, 208, 209, 210, 212, 214, 216.
- 14) ff. 88va-104ra: selecção só de Pelágio-João.
- 15) ff. 104ra-120va: uma longa antologia do Livro III de Rosweydyus, apenas com uma interpolação de João e duas de Pelágio: III Rosw. 166, 167, 165; João III,10 (fl. 104vb); III Rosw. 1-7; 17-19; 21, 22, 188, 23-26; Plg. VII,43 (fl. 108rb); III Rosw. 27-40; 44; 46-49; 51, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 64, 66, 67; 69-72; 74-78; 80-86; 88-92; 94-96; 98, 102-104; 106, 107, 109-118; 123, 125, 126, 134-148; 150-153; 155-162; 164; 169-171; 173-175; 179-182; 184-187; Plg. I,23 (fl. 120va). Aqui se lê: *Explicit liber de uita sanctorum Patrum. Incipit liber eiusdem secundus de conuersatione eorum.*
- 16) ff. 120va-129va: Livro IV de Rosw. capp. 15-54.
- 17) ff. 129va-138va: sem aviso, passa para a *Palladii Lausiaca*, capp. 1-8 e 14-19. Também sem separação temos:
- 18) ff. 138va-139ra: III Rosw. 220, 217, seguido em
- 19) ff. 139ra-139va: de cinco apotegmas de Pelágio.
- 20) ff. 139va-142ra: III Rosw. 8-16.
- 21) ff. 142ra-148vb: selecção de Pelágio-João.



22) ff. 148v-164v: vidas de Marina, Maria Egípcíaca, Táisis (fl. 156ra-156va = Pasc. LVII,4), Eufrósina e Macário Romano.

23) ff. 164v-166r: Plg. VII,24.

24) ff. 166r-166v: BHL 6538, último capítulo.

25) ff. 166va-b: cap. V,1 do «autêntico Livro III das *Vitae Patrum*».

Se alguém se der ao trabalho de conferir quantos apotegmas foram omitidos dos 220 que constituem o Livro III de Rosweydu, verificará que apenas faltam 20, a saber: 41, 42, 43, 50, 53, 56, 87, 119, 120, 124, 131, 132, 133, 149, 154, 168, 178, 190, 206 e 211. Note-se que entre as várias traduções de apotegmas de que o compilador se serviu, o último transcrito ainda hoje se encontra inédito, embora já possamos indicar com segurança qual a colecção a que pertence.

108. (Cf. n. 14) — PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 2941*

Já descrevemos em pormenor (n. 14) este manuscrito do séc. XIII, proveniente de S. Marcial de Limoges. Os ff. 66r-84r talvez sejam, no entanto, do século XII.

Resta-nos apenas indicar o conteúdo dos ff. 70v-75v. Cada apotegma é precedido de um título a tinta vermelha e por vezes de um número que é continuação dos extractos anteriores. Sob o n. XI começa no fl. 70v: III Rosw. 1, 2; III Aut. I,3 (fl. 71ra); III Rosw. 4, 7, 11, 13, 18, 27, 30; III Aut. IV, 18 (fl. 72vb); III Rosw. 33, 35<sup>b</sup>, 36, 38, 40; Pelágio XVIII,3 (fl. 73v); III Rosw. 177, 198; Pelágio IV,7, *Vita Marinae* e Plg. XVIII,20 (ff. 74r-75r); III Rosw. 141, 165; Plg. V,39 (fl. 75vb).

Como vimos (n. 14) o n. X,4 de Pascásio (ff. 81v-82r) apresenta alguns elementos típicos de III Rosw.

APÊNDICE — EMBORA PERTENÇAM A ESTA ALÍNEA DOS MANUSCRITOS COM ELEMENTOS DO III ROSW. INTERPOLADOS COM OUTROS APOTEGMAS, ENTRE OS QUAIS SE ENCONTRAM ALGUNS DO «AUTÊNTICO LIVRO III», DEVEMOS EXCLUIR DA NUMERAÇÃO DE PASCÁSIO, POR NÃO POSSUIREM NADA DO SUBARQUÉ-TIPO  $\sigma$ , OS SEGUINTE MANUSCRITOS:

a) *Paris, Biblioteca Nacional, fundo latino 5601*

Neste manuscrito do século XI, proveniente de S. Marcial de Limoges (1) após alguns extractos de Pelágio (ff. 53v-57r) temos a seguinte sequência, nos ff. 57r-64r: III Aut. IV,15; João III,11; III Rosw. 26, 27, 28, 29, 30 e 21.

b) (*cf. n. 147*) — *Basileia, Biblioteca da Universidade, B.V. 2*

Adiante estudaremos mais demoradamente este manuscrito do século XIV, proveniente da Cartuxa de Basileia, e veremos que, no respeitante a Pascásio, apresenta uma antologia do subarquétipo  $\psi$  (n. 147).

Aqui analisaremos apenas a parte referente ao Livro III. Só os ff. 122v-154v nos interessam. Segundo o bem elaborado Catálogo (2), sob o tema *De abstinentia* (ff. 122va-124rb) temos o prólogo e os nn. 1-7 do Livro III de Rosweydyus. Em vez do esperado *explicit de abstinentia*, o copista escreveu: *Explicit liber secundus*.

Continua (ff. 124rb-133vb) o capítulo: *Incipiunt exempla sanctorum patrum contra spiritum fornicationis*, constituído pelos nn. 8-16 de Rosweydyus e ainda por extractos de Pelágio V: 4, 23, 26, 34, 35, 37, 28, 40, 14. Como o cap. V de Pelágio tem também o título *De fornicatione*, o copista juntou apotegmas sobre o mesmo tema.

O III cap. que trata das virtudes *De humilitate et patientia* (ff. 133vb-154v) está cheio de interpolações. Começa por III Rosw. 17-21; depois inclui Pelágio VII: 1, 9, 22, 33, 42; XVI,18; XI,46; XV,72; VII: 24, 18, 27, 7, 47, 8, 40, 43, 44, 31; conclui com excertos da antologia do «autêntico Livro III», isto é, III Rosw. 22, 17, 23-33, 36-40; e acrescenta mais dois apotegmas: uma tradução de *Patrologia Graeca* LXV, Poemen 9; e Pelágio XV,52.

Os ff. 154v-172r são totalmente preenchidos com extractos vários de Pelágio.

Os catalogadores de Basileia tiveram dificuldade em encontrar a tradução correspondente a PG LXV, Poemen 9 (col. 324), apesar de a PG remeter para João IV, 32. Esta é, de facto, a única tradução latina até agora publicada. O nosso trabalho oferece-lhe, porém, dois lugares paralelos: um no «autêntico Livro III», cap. IV,6 e outro em Pascásio XCII,3. A uma consulta nossa, indicando os dois textos até agora inéditos, foi-nos respondido (a 18 de Outubro de 1968) que a tradução em causa é a que se encontra no III Aut. IV,6.

Aqui temos, pois, um manuscrito com o prólogo e uma antologia quase só da primeira parte do Livro III de Rosweydyus, mas com interpolações várias, entre as quais um apotegma inédito do «autêntico Livro III».

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensi*, t. II, Bruxellis, 1890, p. 515.

(2) GUSTAV MEYER und MAX BUCKHARDT, *Die mittelalterlichen Handschriften der Universitätsbibliothek Basel*, Abteilung B, I Band, Basel, 1960, pp. 417-433.

g) *MANUSCRITOS COM EXTRACTOS DO III ROSW.  
E COM INTERPOLAÇÕES DIVERSAS (SEM O III AUT.)*

**I Grupo**

109. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 10841*

O códice informa que foi escrito no ano de 1411 e que pertenceu ao mosteiro do Monte de Nossa Senhora em Ydelstein, na Holanda (1). Apesar de o Catálogo dos Bolandistas dizer que nos ff. 32v-61v se encontra apenas o Livro III, um exame minucioso revela que este texto contém várias interpolações de Pelágio.

Damos a sequência do conteúdo dos ff. 32v-61v. Os números referem-se todos ao Livro III de Rosweyde, excepto quando se indicar o capítulo e número de Pelágio. Neste último caso assinalar-se-á também o fólio em que o apotegma se encontra ou pelo menos principia.

1) ff. 32v-49v: prólogo, 1-43; Plg. XIV,18 (fl. 46r); 44-54; Plg. X,89 (fl. 47r); 55-76.

2) ff. 49v-54r: selecção só de Pelágio que começa com V,1 e termina com XV,59; segue-se III Rosw. 92 (fl. 51vb); e continua nova antologia de Pelágio (de João só IV,19), cujo princípio e fim é respectivamente XV,22 e IV,52.

3) ff. 54r-61v: III Rosw. 78-83; 85, 94; 100-103; 107, 109, 108; 110-115; 118, 123, 126, 127, 128<sup>b</sup>; 129-135; Plg. XV, 19 (fl. 56v); III Rosw. 138-140; 142, 146, 156, 157, 166; 169-172<sup>a</sup>; 176-180; 182; 185-189; 191-193; 196; Plg. X,67 (fl. 59v); III Rosw. 200, 202, 204, 206, 209, 214; 217-220; Plg. XVIII,16 e X,54 (ff. 61r-v).

Como veremos em seguida, o códice latino 10841 da Bibl. Nac. de Paris é idêntico ao de Londres, Mus. Brit. *add.* 22.562. A estes manuscritos estão também associados, a partir de III Rosw. 78 os códices de Roma, Bibl. Casanatense 620; Manchester, Bibl. Rylands 422; e Bruxelas, Bibl. Real da Bélgica 1800. O final, após III Rosw. 220 será estudado em cada exemplar.

---

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, t. II, 1890, p. 597.

## 110. LONDRES, MUSEU BRITÂNICO,

*add.* 22.562

O manuscrito informa-nos (1) de que foi escrito no ano de 1449 e pertencia ao convento das reclusas regulares de Santa Margarida em Gouda (Holanda).

No fl. 33v temos o cap. XXXI do Livro II de Rosweyodus, o qual é interrompido bruscamente, por mutilação. De facto, o *Catálogo* observa que entre os fólhos 33v e 34r faltam seis folhas. Assim se compreende que o fl. 34r comece com as palavras: *serui dare dominis suis...*, pouco depois do princípio do n. 17 do Livro III de Rosweyodus.

A restante composição do manuscrito é igual, pelo menos no que respeita à parte importada do Livro III, ao ms. lat. 10841 da Bibl. Nac. de Paris. As interpolações de Pelágio encontram-se assim distribuídas: XIV,18 (fl. 45r); X,89 (fl. 46r); V,1 a XV,59 (ff. 49v-52r); XV,22 a IV,52 (ff. 52v-55r); XV,19 (fl. 58r); X,67 (fl. 61r). Após o n. 220 de Rosw., o final desta colectânea é assim constituído: Plg.: XVIII,6; X,54 (ampliado); XI,39; VII: 15 e 17 (ff. 63r-v).

**II Grupo**

## 111. ROMA, BIBLIOTECA CASANATENSE 620

Escrito no ano de 1436, em Basileia, a pedido do cardeal Julião de Santo Ângelo (2) este códice tem o texto do Livro III de Rosweyodus, com muitas interpolações de Pelágio e uma de João, nos ff. 181r-217v. Além desta numeração antiga (que seguiremos sempre), há uma outra, moderna, mecânica, que se encontra ao fundo dos fólhos, a qual segue com quatro números de atraso.

No fl. 181r, sob o anúncio de que vai começar o «livro segundo» das *Vitae Patrum*, temos primeiro o prólogo *Vere mundum* e depois um outro, *Beatifico siquidem et admiror*, que é próprio do *Heraclidis Paradisus*. No fl. 181v principiam os nn. III Rosw. 1, 2, 9, 11, 15, 16; 22-24; 4, 6, 8; Plg. V: 1, 2 (fl. 185r-v); III Rosw. 10; Plg. V: 12, 15 (fl. 186r); III Rosw. 13; Plg. V,17 (fl. 187r); III Rosw. 17; Plg. XV: 23, 32, 37, 38, 35, 34, 36, 33 (ff. 187v-188r); III Rosw. 19; Plg. XV,2

(1) *Cat. add. mss. Brit. Mus. in the years 1854-1860*, London, 1875, pp. 673-674.

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Romanarum*, Bruxellis, 1909, p. 226.

(fl. 189r); III Rosw. 20; Plg. X: 6, 7, 18, 5, 9<sup>a</sup>; XI,1; XIV,1 (ff. 189v-190v); III Rosw. 21; Plg. X,11; I,7; X: 24, 26, 25, 78 (ff. 191r-192r); III Rosw. 27; Plg. XIV,13; XV: 42, 76, 79, 81; XVI,9; XIV,2; XV,59 (ff. 192v-193v); III Rosw. 92; Plg. XV: 22, 56, 57, XVII,7; João IV, 19; Plg. X: 87, 88, 85, 86, 113; XI: 27, 29, 5, 6; X: 83, 112, 80, 82, 79, 106, 107, 75, 77, 84, 29, 31; XI: 37, 41, 42; X: 108, 104, 102; XI,3 (ff. 193v-197r); III Rosw. 28; Plg. XII,6 (fl. 197r-v); III Rosw. 26, 29, 31, 32; 34-37; 39-44; 48, 60; Plg. IV,47 (fl. 205r); III Rosw. 57, 58; Plg. X,35 (fl. 205r-v); III Rosw. 62; Plg. IV,52 (fl. 205v); III Rosw. 64, 67, 70, 72, 75, 76; 78-83, etc. como Paris, Bibl. Nac. lat. 10841 (p. 233), encontrando-se as interpolações de Pelágio assim colocadas: XV,19 (fl. 210v); X,76 (fl. 214v); e o final, após o n. 220 de Rosw., é constituído aqui por Plg. XVIII,16; X,54 (com acrescento); XI,39 e VII,15 (fl. 217r-v).

Como se poderá verificar, até entrar dentro do esquema do grupo anterior, o manuscrito Casanatense tem uma primeira parte com muitas omissões do Livro III de Rosweyodus e uma organização própria para as interpolações de Pelágio-João.

#### 112. MANCHESTER, BIBLIOTECA RYLANDS, *LATINO 422*

Foi escrito em Nimega (Holanda), no ano de 1414 (1) este manuscrito que contém nos ff. 43v-87r um texto semelhante ao que descrevemos pormenorizadamente ao tratar do Casanatense 620 (n. 111). O apêndice final é constituído por Plg. XVIII,16; X,54; VII: 15 e 17.

Não nos parece necessário estar aqui a indicar quais os fólhos onde se encontram as interpolações de Pelágio-João, uma vez que a sequência dos apotegmas é a mesma do modelo já descrito.

---

(1) F. TAYLOR, *Supplementary hand-list of Western manuscripts in the John Rylands Library*, Manchester, 1937, p. 14.

## 113. BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL DA BÉLGICA 3149 (1800)

Proveio de Colónia este manuscrito do século xv (1) que contém nos ff. 41r-76v o Livro III de Rosweyodus com interpolações de Pelágio-João, segundo o esquema que apresentámos ao descrever o Casanatense 620 (n. 111). O apêndice é aqui constituído por Plg. XVIII, 16; X,54; XI,39; VII: 15, 17 (ff. 75v-76v), tal como no manuscrito do Mus. Brit. *add.* 22.562 (n. 110). De notar apenas que, após o segundo prólogo *Beatifico siquidem et admiror* (fl. 41r), este códice apresenta nos ff. 41v-45r uma *capitulatio* que lhe é própria, só numerada até XX, mas com títulos que abrangem o conteúdo apresentado até ao fim desta colectânea, tanto para os apotegmas do Livro III como para as interpolações.

Não compreendemos como o Catálogo de Van den Gheyn possa dizer apenas que os ff. 3-225 contêm *Vita Sanctorum Patrum*, apontando, no entanto, como equivalente a BHL 6524, isto é, o Livro II de Rosweyodus. Na realidade, o Livro II ocupa os ff. 1r-40v; dos ff. 41r-76v acabamos agora de dar indicações sobre o seu conteúdo: é III Rosweyodus com interpolações; nos ff. 76v-106v está a *Palladii Lausiaca*. Do fl. 107r até ao fim predomina a tradução de Pelágio-João, depois da qual se encontram as narrativas sobre Marina e Pafnúcio (fim no fl. 222r).

### III Grupo

## 114. (Cf. n. 134) — MELK, BIBLIOTECA DO MOSTEIRO BENEDITINO 8

Não está numerado por fólhos, mas por páginas, este manuscrito austríaco que contém nas pp. 49-115 o Livro III de Rosweyodus com muitas interpolações de Pelágio. Pode marcar-se com precisão a data em que foi terminada esta parte do códice, pois exactamente na p. 115 se lê: «anno Domini MCCCCXLI in uigilia sancti Andreae» (2).

(1) *Cat. mss. Bibl. R. Belgique*, t. V, 1905, p. 105.

(2) *Catalogus codicum manuscriptorum qui in bibliotheca monasterii Mellicensis (O.S.B.) seruantur*, Vindobonae, 1889, p. 20.

Tem grande interesse descrever em pormenor este códice, porque nos deixa entrever ainda a divisão de dois capítulos do «autêntico Livro III» e na parte em que se deveria transcrever a versão *Vulgata* do Livro III apresenta numerosas interpolações de Pelágio, coincidindo assim com as antigas edições que Rosweyodus, em anotações ao texto, diz ter abandonado.

O prólogo (p. 49) é atribuído a S. Jerónimo. Sem *capitulatio*, seguem-se os apotegmas, cada um precedido de um título. Após o n. 17 lê-se: *Explicit de spiritu fornicationis. Incipiunt monita et exempla sanctorum Patrum de uirtute patientiae et humilitatis* (p. 56), ou seja, o anúncio do final do cap. II e princípio do cap. IV do «autêntico Livro III».

O texto é o habitual até ao n. 55. O n. 56 está substituído pelo seu equivalente em Plg. X,27 (p. 75). Continua III Rosw. 57-97. Em vez do n. 98 temos o correspondente de Plg. VII,33 (p. 85). Prossegue III Rosw. 99-116. Plg. X,15 (p. 87) está pelo seu par n. 117. Vêm depois III Rosw. 118-123. Neste ponto o ms. de Melk insere Pascásio XXXIV: 6 e 7 (p. 89) segundo o subarquétipo  $\kappa$ , que não pertencem ao Livro III de Rosweyodus. Temos em seguida III Rosw. 124-127. O n. 128 está completo, tal como em Rosweyodus, ao contrário da *Vulgata*, em que falta a segunda parte. Normais os nn. 129-132. Ao n. 133 (p. 92) é acrescentado o apêndice: *quia magnum uirum despicit qui seipsum non considerat*, importado do subarquétipo  $\kappa$ .

Na mesma p. 92 inserem-se logo em seguida Plg. IV: 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53 e 54, sendo de todos estes apenas os apotegmas 51 e 52 equivalentes ao n. 134 Rosw. Depois de III Rosw. 135, vêm Plg. IX: 9, 3 (pp. 92-93) que são semelhantes aos nn. 136 e 137. É normal a transcrição dos nn. 138, 139, 140. Plg. XIV,19 (p. 93) está pelo n. 141 que lhe corresponde. Ao n. 142 (p. 94) no fim, depois de *iracundia*, acrescenta-se *aut scurrilitas*, como no subarquétipo  $\kappa$ . O n. 143 é de III Rosw., mas o n. 144 foi substituído pelo equivalente em Plg. XIV,16 (pp. 94-95). Continua III Rosw. 145-158. Em vez do n. 159 está Plg. XI,52 (p. 98) que lhe corresponde. O n. 160 (p. 98) apresenta uma contaminação, pois em vez do seu final: *et tamen sic uado ad Deum tamquam si nec inciperem colere eum*, transcreve-se, só neste pormenor, o seu equivalente em Plg. I,16: *et sic uado ad Dominum tamquam si nec initium seruiendi Deo adhuc fecerim*. Seguem III Rosw. 161, 162 e 163, depois dos quais vem (pp. 99-100) Plg. XV, 10 que não tem equivalente em III Rosw. Continuam os nn. 164-171.

O n. 172 (p. 103), não apresenta a versão *Vulgata* dos mss. do Livro III, mas a que Rosweydyus também transcreveu, a qual é importada do subarquétipo  $\kappa$ . Vêm logo III Rosw. 173-191. Inserem-se aqui (p. 106) Plg. II: 5 e 6, sem equivalentes em Rosweydyus. O n. 192 Rosw. (p. 106) substitui o final, depois de *obsequium* por: *et dimitte eos dicens quia senex non potest uobis occurrere*, do subarquétipo  $\kappa$ . O n. 193 está incompleto. Intercalam-se, sem equivalentes no Livro III, Plg. XV: 5, 6, 7, 8 e 9 (pp. 107-108). Retoma-se III Rosw. 194-201. Em vez do n. 202 transcreve-se o texto de que este depende, isto é, Martinho 35 (p. 111). Porém, os nn. 203 e 204 são segundo a versão do Livro III. O n. 205 não segue nem Mart. nem III Rosw., mas o seu equivalente em Plg. III,15 (p. 112). Normal o n. 206. O n. 207 apresenta uma contaminação no fim. Em vez de: *Deus, auxiliare nobis. Ipse enim scit quae nobis expediant*, temos o seu correspondente em Plg. XII,10 (p. 112): *Adiuua me. Et quia ipse scit quae expediant, facit misericordiam nobiscum*. Prosseguem III Rosw. 208-211, este último incompleto. O n. 212 está substituído pelo equivalente em Plg. XII,9 (p. 113). Continuam os nn. 213-215. Em vez de 216 vem o seu correspondente em Plg. III,20 (p. 114). O fim — nn. 217-220 — é o normal.

115. (Cf. n. 135) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 7990

Encontra-se mutilado no princípio e no fim este códice do século xv, proveniente do mosteiro cisterciense de Kaisheim (1). O Livro III das *Vitae Patrum* começa no fl. 1r no princípio do n. 23 e vai até ao fl. 46v, seguindo sempre quanto à natureza do texto, inclusive interpolações, substituições e apêndices, o que descrevemos ao tratar do ms. de Melk (n. 114). De notar apenas que no *cod. lat. monachensis* 7990 *faltam*, certamente para abreviação do conteúdo, os seguintes apotegmas: 29; 40-43; 45, 47, 50, 51; 56-58; 61, 62, 64, 65, 68, 69, 98, 99, 104, 105, 120, 124; 128-130; 141, 143, 145; 160-163; 166, 167, 172, 174, 184, 216 e 217.

---

(1) *Cat. CLM*, t. I, pars III, Monachii, 1873, p. 212.



## IV — Não agrupados

116. (Cf. n. 52) — CHALONS-SUR-MARNE,  
BIBLIOTECA MUNICIPAL 53(57)

Ao estudarmos este manuscrito do século XI, proveniente de S. Pedro de Chalons (n. 52), dissemos já que a selecção de textos de Pelágio iniciada no fl. 112r, a partir do fl. 134r começa a incluir elementos tirados do Livro III de Rosweydu. O processo como este aparecimento se dá é deveras curioso.

No fl. 134r principia a narração de Pelágio XV,11, a qual prossegue até às palavras: *et uenerunt in loco qui uocatur Therenuti*. A oração copulativa seguinte é já de Pascásio segundo a versão de III Rosw.: *et inuenerunt ibi templum desertum...*, versão que continua a ser utilizada até ao fim da narrativa!

A colectânea avança com Plg. XV: 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24. No fl. 135v começa o apotegma de Pelágio XV,25, cuja versão é utilizada até às palavras: *fideiussorem praebeat quia pascet eam*. A narração prossegue imediatamente segundo a tradução de Pascásio adoptada em III Rosw. 99: *Quod cum ministranti mihi ut faceret...* até final no fl. 136r.

A partir desta altura a sequência é a seguinte: III Rosw. 19, 20 (ff. 136r-137v); selecção de Pelágio, cap. XV,26... até 88 (ff. 137v-143v); III Rosw. 21, 22, 23, 18, 17, 25, 26, 27, 29 (ff. 143v-148r); nova selecção de Pelágio e João (ff. 148r-150v).

Além de termos aqui Pelágio-João interpolados com o Livro III, assistimos à organização de duas narrativas com textos combinados de dois autores diferentes. Processo estranho, mas não único, como se sabe.

## 117. (Cf. n. 60) — ROMA, BIBLIOTECA VALLICELIANA XVII

Ao referirmo-nos anteriormente (n. 60) a este códice do século XI, chamámos já a atenção para uma outra colecção de apotegmas em que se encontram também alguns textos de Pascásio. De facto, nos ff. 91r-95v encontra-se a seguinte colectânea, em que Pelágio se encontra misturado com Pascásio segundo a redacção publicada no Livro III de Rosweydu, sob o título de *Incipit caput de Vitas Patrum*:

III Rosw. 154; Pelágio (ff. 91r-92v) — V: 30, 36, 38, 39; VI, 21; VII,36; III Rosw. 186, 176, 177, 4, 185, 1, 2, 18; Plg.: X,54; XI,10

(fl. 94r); II Rosw. cap. XX (fl. 94r-v); III Rosw. 92, 104, 141, 126, 171, 169, 58, 63, 44, 45, 46; Plg. VII,31 (fl. 95v).

Se exceptuarmos os nn. 18, 44, 45, 46 e 92, todos os outros se encontram repetidos na cópia quase integral, já analisada, que do Livro III nos dá este manuscrito nos ff. 106v-145r.

118. VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA,  
*BARBERINI 702*

Foi escrito nos séculos XI e XII este códice que no século XV pertenceu a S. Salvador de Monte Amiato (1). A colocação dos cadernos está por vezes errada e faltam mesmo alguns fólhos.

No fl. 16r-v temos o Prólogo *Vere mundum* e os nn. 1 e 2 do Livro III de Rosweyodus até às palavras: *sed etiam et irasci naturaliter* /

Nos ff. 17r-32v encontram-se extractos do Livro II de Rosweyodus.

Nos ff. 33r-34v continua o n. 2 do Livro III: *inest homini*, seguido dos nn. 3-8, 9 (primeira parte). O fl. 35r-v contém a segunda parte do n. 11 e os nn. 12 e 13 (primeira parte). O fl. 36r-v tem a continuação do n. 9 e os nn. 10 e 11 (primeira parte). No fl. 37r-v vem o final do n. 14 e os nn. 15 e 16, a que se segue Pelágio V: 1, 2 (seguido de um apotegma inédito), 3, 4 (só a primeira frase). No fl. 38r-39r temos a conclusão do n. 13 e o n. 14 (incompleto) do Livro III de Rosweyodus. No fl. 39r continua Pelágio V,4, autor que ocupa os fólhos seguintes.

O texto do Livro III só é retomado com o n. 17 até 220 a partir do fl. 81r até 130v. Note-se, porém, que entre o fl. 113v e 114r falta o texto equivalente ao final do n. 137 até ao princípio do n. 142; e que de novo está truncado o texto entre o fl. 117v e 118r, com a omissão do final do n. 158 até ao princípio do n. 163.

119. VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA,  
*LATINO 5411*

Foi copiado nos séculos XI e XII este códice sumariamente descrito por A. Poncelet (2). Deve notar-se que o seu conteúdo, ainda que não idêntico, se assemelha em certos passos com o do cod. Vat. lat. 1201 já apreciado (nn. F, c; 107).

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Vaticanae*, Bruxellis, 1910, pp. 470-472.

(2) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Vaticanae*, Bruxellis, 1910, pp. 131-133.

No fl. 87rb termina a transcrição do cap. XVIII da *Palladii Lausiaca* e segue-se logo

- 1) ff. 87rb-88ra: III Rosw. 220 e 217.
- 2) ff. 88ra-88vb: cinco apotegmas de Pelágio.
- 3) ff. 88vb-91va: III Rosw. 8-16.
- 4) ff. 91vb-102ra: selecção de Pelágio-João.

Não prosseguimos o nosso exame porque, segundo Poncelet, o *Vat. lat.* 5411 não possui outros passos extraídos dos Livros III ou VII de Rosweyds.

De notar apenas mais a presença duma Vida de Táisis (ff. 203vb-205rb) em tradução atribuída a Dionísio.

120. (Cf. n. 23) — BERLIM (ORIENTAL),  
BIBLIOTECA NACIONAL ALEMÃ, PHILLIPS 1838

Encontra-se mutilado o ms. 1838, de 95 fólios, da biblioteca que foi de Sir Thomas Phillips, escrito provavelmente em França, na segunda metade do século XII. À sua história apenas poderemos acrescentar que antes passou pela biblioteca de Gerard Meerman (1). O Catálogo esforça-se por dar uma ideia do conteúdo dos ff. 40r-75r, mas não aborda o problema da identificação do tradutor dos apotegmas integrados nos 233 números que esta parte do manuscrito apresenta. Vamos tentar, pois, uma identificação, segundo a edição das *Vitae Patrum*, editadas por Rosweyds.

No fl. 40rb temos o *Incipit prologus in libro II ad Fidosum*, seguido do texto *Vere mundum...* até fl. 40va, onde *Incipiunt capitula de libro II*. Esta *capitulatio* de 20 títulos não numerados é original, não correspondendo senão nos dois títulos iniciais ao que, em parte, se encontra nos capítulos do «auténtico Livro III»: *Sententiae de abstinentia et pugna castitatis; Exempla de humilitate et patientia*. O resto é exclusivo deste manuscrito.

No fl. 40vb é anunciado o texto pelo *Incipit liber II de uerbis et gestis sanctorum Patrum*, logo seguido do título do primeiro capítulo: *Incipiunt sententiae de abstinentia*, isto é, os apotegmas 1-7 do Livro III de Rosweyds, numerados, mas sem título para cada um.

(1) VALENTINE ROSE, *Verzeichniss der lateinischen Handschriften der königlichen Bibliothek zu Berlin*, I Band, Die Meerman-Handschriften des Sir Thomas Phillips, Berlin, 1893, pp. I-VII e 236.

fl. 42v — *Incipit de pugna castitatis* = nn. 8-16 Rosw.

fl. 45v — *Incipiunt exempla de humilitate et patientia* = nn. 17-26, 124, 29, 125 e 126 Rosw.

fl. 51r — *Exempla de tolerandis latronibus* = nn. 30, 73, 74, 82 e 83 Rosw.

fl. 52r — *De cauenda mulierum uisione* = nn. 31-34, 65 e 154 Rosw.

fl. 54v — *Incipit de multimoda daemonum impugnatione* = nn. 35<sup>a</sup>, 57, 59, 61, 101, 102, 173, 174, 203, 204 e 220 Rosw.

fl. 56v — *Gesta sancti Arsenii abbatis* = nn. 37 até ... *de baptismo suscepit*; 190 até... *fuge homines et saluaberis*; retoma o n. 37: *Et accensus diuini amoris desiderio* ... até ... *dextera tua*; conclui o n. 190; 191-193; conclui o n. 37; 211; Pelágio: VI,2 e X: 18, 5 (ff. 57v-58r); III Rosw. 38, 40, 39, 163; Plg. III,5 (fl. 59r).

fl. 59r — *Incipit contra eos qui leuiter et indiscrete loquuntur* = III Rosw. 36, 182-186, 189; Plg. IV,7; apotegma semelhante a Plg. I,10; apotegma semelhante a Plg. X,54 acrescentado com adaptação de Martinho 82 (fl. 60r); Pascásio LXXXVI,1 e LXXXVII,2 segundo o subarquétipo  $\eta$  (fl. 60r-v); Plg. XV,30<sup>b</sup> (fl. 60v).

fl. 60v — *Sententiae de abstinentiae mensura et qualitate*: III Rosw. 44-46, 48-56, 58, 60, 62-64; 66.

fl. 62r — *De contemptu rei familiaris*: III Rosw. 67-72; 169, 170; Plg. VI,6 (fl. 63rb).

fl. 63r — *Sententiae de tolerantia iniuriarum*: III Rosw. 76-81; 85-89; 94.

fl. 64va — *Incipit contra tristitiam et desperationem*: III Rosw. 100, 104, 158, 103, 105, 107, 109, 108, 218.

fl. 65v — *Contra praesumptionem et uanam gloriam*: III Rosw. 110-117; Plg. XV: 55, 80; I: 17, 15; VIII: 5, 6, 8, 12, 16, 22 até... *non ostendas* no final do fl. 66vb. Há aqui uma mutilação do texto, mas não da paginação.

fl. 67ra começa: *oculis meis haec audiens*... isto é, Plg. X,37 a partir do meio. Podemos avaliar quantos números e capítulos foram omitidos. O último apotegma do fl. 66v (Plg. VIII,22) tem no códice o n. CLII. No fl. 67ra, após o final de Plg. X,37 começa o capítulo *Exempla et monita de obsequio caritatis* cujo primeiro apotegma tem o n. CLXXI. Consultando o índice inicial de capítulos, verificamos que apenas falta o título *Contra eos qui alios potius quam seipsos reprehendunt*, o qual estaria entre os nn. CLII e CLXXI do texto e terminaria com o n. CLXXI (Plg. X,37) cujo final, como já dissemos, se lê

no fl. 67ra. Faltam-nos, portanto, por completo, 18 apotegmas que não podemos reconstituir, uma vez que não conhecemos outro manuscrito igual a este de Berlim, Philipps 1838.

fl. 67r — *Exempla et monita de obsequio caritatis*: III Rosw. 146-150; 153, 156, 201; Plg.: XVII,24; X: 14, 23, 31, 47, 100, 101 (ff. 67vb-68va), III Rosw. 181.

fl. 68v — *Incipit de circumspectione cogitationum*: III Rosw. 175-177; Plg.: X: 20, 42, 43, 55, 86; XI: 11, 42; XV,54; X: 33, 78, 88, 89; XI: 47, 48 (ff. 68vb-69vb).

fl. 69v — *De exercitio et discretione bonorum actuum*: III Rosw. 179, 180, 75, 187; Plg.: X, 16, 36, 46, 91, 96, 108; XIV,2 (ff. 70ra-71rb).

fl. 71r — *De fraterna cohabitantium societate*: III Rosw. 198-200, 152; Plg.: VIII,11; X,112; XIV,9 (fl. 72v).

fl. 72v — *Incipiunt exempla et monita de poenitentia*: Plg. XI: 39, 10 (fl. 72vb); III Rosw. 165, 172; João IV, 30; Plg.: VII,18; III,3; X: 40, 85 (ff. 73ra-74ra).

fl. 74r — *Incipit de instantia et qualitate orandi*: III Rosw. 207-209; 213, 214; Plg. XII: 2, 6, 15; XI: 14, 17 (ff. 74vb-75ra). E assim, segundo o manuscrito *Expliciunt exempla et monita sanctorum Patrum de secundo uolumine*.

Como se vê, é bem complicada e diferente de todas as outras, a composição equivalente, neste códice, ao Livro III de Rosweyodus.

#### 121. (Cf. n. 37) — LONDRES, BIBLIOTECA DO PALÁCIO LAMBETH 373

Os catalogadores dividem-se quanto à datação deste manuscrito. Henri J. Todd (1) considera-o do século XIII e marca o começo do Livro III de Rosweyodus no fl. 89, dividindo-o em 181 capítulos. H. Schenkl (2) mantém a mesma paginação e divisão, mas quanto à data escreve «séc. XIII (XI, XII)». M. R. James (3) que faz uma descrição mais completa, atribui o manuscrito ao séc. XII e diz que pro-

(1) H. J. TODD, *A catalogue of the archiepiscopal manuscripts in the library at Lambeth Palace*, London, 1812 (republished in 1965), p. 49.

(2) HENRICH SCHENKL, *Bibliotheca Patrum Latinorum Britanica*, Wien, 1891, sob o n. 4591.

(3) MONTAGNE RHODES JAMES, *A descriptive catalogue of the manuscripts in the library of Lambeth Palace*, Part I, Cambridge, 1930, pp. 514-517 e introdução V.

vavelmente proveio do priorado dos Agostinhos de Lanthony, perto de Gloucester. Quanto ao conteúdo, assinala para os ff. 85r-140v o Livro III de Rosweyus, em 181 capítulos, o último dos quais intitulado *De beato Hieronimo*.

Durante três anos procurámos em vão obter um microfilme deste manuscrito. Só o conseguimos em 1969, graças à intervenção do bibliotecário do Arcebispo de Cantuária. O nosso exame revela que os catalogadores passaram bastante por alto a parte que nos interessa.

No fl. 85r (e não 89, confusão devida ao modo como o paginador escreve o número 5) começa o prólogo *Vere mundum*, sem ser precedido de qualquer título nem seguido de *capitulatio*. Os apotegmas estão numerados na maioria dos casos, mas, muitas vezes, vários se encontram reunidos sob o mesmo número de capítulo. A divisão em 181 títulos é, portanto, arbitrária. Quanto à datação, parece à primeira vista, que a parte inicial, até ao fl. 132v pertence a um copista do século XII e o resto até ao fl. 140v a outro escriba do século XIII. Um exame atento faz concluir, porém, que o mesmo copista escreveu todos estes fólhos, variando, porém, como frequência, o tipo de caligrafia. Por vezes a mudança de letra dá-se dentro do mesmo apotegma e até da mesma linha. Exemplo concludente será a observação do prefácio e dos ff. 132v e 133r. Este copista deve ser com toda a probabilidade, dados os tipos de escrita utilizados, já do século XIII.

Verdadeira revelação se deve considerar a identificação do conteúdo dos ff. 85r-140v, que estão muito longe de inserir apenas o Livro III de Rosweyus. Eis o fruto do nosso exame:

1) ff. 85r-99v: III Rosw. prólogo e nn. 1-14, 26, 29, 42, 58, 30, 31, 33, 41, 45, 46, 48, 50, 51, 54, 57, 60, 61, 66, 71, 74, 76-80, 89, 91, 96, 93, 97-99, 102, 103 e 38.

2) ff. 100r: Pelágio VII,44 reelaborado pelo copista, com introdução de alguns elementos vindos do seu paralelo em Pascásio LI,3 segundo o subarquétipo  $\mu$ .

3) ff. 100r-104r: Sob os capp. 51-55 vêm textos a identificar, os quais não pertencem aos apotegmas, começando assim o primeiro: *Videndum est sic esse inter Deum et angelos et homines, quomodo inter imperatorem terrenum et sibi obsequentes: Tria quippe sunt genera hominum...*

4) ff. 104r-105v: apotegma *Praeteriens abbas Serapion per uiam Aegypti...*, seguido de João II,8 e Plg. VII,43.

5) ff. 105v-107v: III Rosw. nn. 18, 20, 92, 84.

6) ff. 107v-108v: texto a identificar — *Quo quippe ordinis sunt genera uiro religioso conuenientia. Unum exercitus quo religiosus uidetur...*

7) ff. 109r-115r: III Rosw. nn. 140-143, 145, 153, 154, 158, 165-167, 169, 171, 173, 174, 177, 179-183, 185-187, 189, 196-198, 200-209.

8) ff. 115r-121v: Pelágio-João, começando com Plg. I,10 e a terminar com João I,15.

9) ff. 122r-127r: III Rosw. nn. 104, 105, 109, 108, 112-115, 119, 122, 124-127, 130, 134-137, 172, 195, 199, 200.

10) fl. 127v: *Basilius dixit: Caeleste donum accipit monachus qui terrenos actus...* — a identificar.

11) ff. 127v-129r: III Rosw. nn. 217-220.

12) ff. 129r-130v: Livro IV Rosw. capp. 41, 42, 43 e 44.

13) ff. 130v-133r: III Rosw. 192, 193, 191, 163, 15, 27, 23, 160, 49.

14) fl. 133r: Plg. X,54; XI: 10, 39.

15) ff. 133r-136r: extractos de Pascásio segundo o subarquétipo  $\mu$  já identificados (n. 37).

16) fl. 136r-v: João III,14; Plg. XIII,15.

17) ff. 136v-137v: *Palladii Lausiaca*, cap. VI e Plg. V,37.

18) ff. 137v-139r: *Vita Marinae*.

19) fl. 139r: João II, 15.

20) ff. 139r-140v: com o n. 181 temos um texto que não pertence aos apotegmas, intitulado *De beato Hieronymo: Quadam die aduesperescente, cum beatus Hieronymus abbas una cum fratribus, ut monachis mos est, ad sacrarum lectionum audiendum sedisset...* No fl. 140v o copista apertou muito a letra e diminuiu o espaço entre as linhas, nitidamente com a intenção de aí terminar esta parte do seu trabalho, como o demonstra também o final do texto: *...in saecula saeculorum. Amen.*

## 122. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL, FUNDO LATINO 1789

Este manuscrito dos séculos XII e XIII deve ter sido escrito no Nordeste da França. No século XIV ou XV era propriedade de «Nicolaus Houart, in artibus magister diocesis Virdunensis» (1).

(1) PH. LAUER, *Bibliothèque Nationale, Catalogue général des manuscrits latins*, t. II, Paris, 1940, p. 176.

Nos ff. 24r-44v, sem qualquer separação do texto anterior (II Rosw., cap. 5), temos a seguinte sequência do Livro III de Rosweydyus, apenas com uma interpolação: nn. 5-13; 15; II Rosw., cap. 31 (fl. 29r-31r); 21, 23, 25; 37-40, 43, 54, 55, 58-60, 64, 71, 73, 74, 80-82, 86, 89, 107, 109, 112-116, 118, 123-127, 131, 134-136, 138, 140, 159-163, 175, 178, 183, 185, 187, 189-193, 196, 197, 201-209, 212, 219. Esta primeira parte é do século XII. Continua imediatamente o Livro IV Rosw., cap. 3.

Numa segunda parte do códice, esta do século XIII, encontramos de novo o texto do Livro III de Rosweydyus, agora interpolado com Pelágio. Eis a sequência dos ff. 129r-144v. Logo após o cap. 30 do II Rosw. temos do Livro III os nn. 1-4; Plg. VII,28 (fl. 130r), 20, 24, 27, 29-32, 36, 41, 42, 48, 50-53, 56, 61, 68, 70, 96, 99, 103, 105, 108, 116, 128<sup>b</sup>, 129, 130; Plg. IX, 10 (fl. 141r), 141, 143, 151, 157, 158, 164, 172, 174, 194, 199, 211, 216, 217. Continua imediatamente nova selecção de Pelágio.

Como se poderá verificar, cotejando as duas partes, nenhum número se encontra repetido. No entanto o Livro III não foi integralmente transcrito.

123. (Cf. n. 24) — BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL  
DA BÉLGICA 3177 (7462-81)

Já anteriormente descrevemos (n. 24) este maravilhoso manuscrito do século XIII, deixando apenas para agora o conteúdo dos ff. 21v-40v. Nesta parte do códice encontra-se o Livro III de Rosweydyus com uma distribuição a princípio bastante confusa e uma interpolação.

Eis o conteúdo destes fólhos: prólogo, 1-7, 23; uma breve e não identificada exposição sobre o jejum: *Multi sunt qui ieiunant sed ipsum ieiunium non amant...* (fl. 22v); 45-49, 53, 55, 32-34, 44, 52, 67, 71, 72, 76, 81, 110, 126, 176, 187, 204, 214, 217, 26, 8-22, 24, 25, 27-31, 35-43, 50, 51, 56-66, 68-70, 73-75, 77-80, 82-109, 111-125, 127-166, 168-175, 177-186, 188-203, 205-213, 215, 216, 218-220.

Note-se que a partir do n. 56 a 220 o copista seguiu a ordem normal do III Rosw. omitindo, no entanto, os apotegmas desta série que foram transcritos na primeira parte e ainda o n. 167. Resumindo, diremos que nos ff. 21v-40v este códice apresenta o Livro III com ordem bastante arbitrária e com a omissão dos nn. 54 e 167, acrescentando um passo interpolado sobre o jejum, conhecido já de nós.



124. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO* 13188

O Catálogo (1) apenas diz que, neste manuscrito do séc. XIII, proveniente de S. Germain des Prés, começam «extractos das Vidas dos Padres» no fl. 110r. C. M. Batlle (2) põe a hipótese de se encontrarem alguns apotegmas de Pascásio nos ff. 115r-139v.

O nosso exame revela que nos ff. 110r-139v, onde se encontram muitas narrativas edificantes, nem todas das *Vitae Patrum*, há os seguintes fragmentos do Livro III de Rosweyodus:

1) ff. 115r-117v: III Rosw. nn. 61, 68, 73, 78, 97, 35 (este último mutilado).

2) ff. 121r-122r: III Rosw. 36, 141, 137, 140.

3) ff. 126r-127r: III Rosw. 10, 13 (ambos com uma versão resumida).

4) ff. 132v-139v: III Rosw. 11, 18, 29, 38, 55, 85, 21, 104, 106, 115, 124, 128<sup>b</sup>, 129, 130, 133-136, 145, 153, 157, 27 (este último mutilado). São escassos os fragmentos de João (ff. 122r-123r e 129v-130r) e do Livro II de Rosweyodus (ff. 130r-132v).

125. (Cf. n. 55; E, b; F, d) — DRESDA, BIBLIOTECA NACIONAL  
 DA SAXÓNIA, A 207

Este manuscrito do século XIV foi já por nós estudado em pormenor (E, b). Se exceptuarmos o n. 6 da nossa descrição (ff. 188r-216v), em que se encontra o «autêntico Livro III», podemos dizer que tudo o que está compreendido entre o título *De abbate Poemene* (fl. 161v) até ao final do códice (fl. 324v) cabe dentro da designação genérica de extractos das *Vitae Patrum*, em que o Livro III de Rosweyodus (cujos números foram anteriormente identificados) se encontra interpolado com passos tirados de autores bastante variados.

(1) *Inventaire...* nn. 8823-11503, Paris, 1863, p. 93.

(2) *Contribució...*, p. 69.

126. (Cf. n. 57; F, b) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 18475

Referimo-nos já por duas vezes (n. 57; F, b) a este códice do século XI e seguintes, proveniente de Tegernsee. No meio do texto de Pelágio, entre os fólhos 70v e 71r, foi colocada uma tira de papel onde se transcreve a narração: *Erat quidam graecus adolescens in coenobio in Aegypto...*, isto é, III Rosw. n. 220.

A terminar o códice, em letra talvez do século XIV, nos ff. 222r-225v, temos a seguinte série de apotegmas: III Rosw. 23, 24, 25, 177, 87, 88; Plg. IX,4 (fl. 223r); III Rosw. 28; Plg. XV,88 (fl. 223r), 31, 32, 33, 34 (sem o último parágrafo).

127. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO* 3338

Este códice do século XIV passou por diversas mãos: «olim Nicolai cardinalis Rudolphi, deinde de Camera compotorum Blesensi, post Regis», dizem os Bolandistas (1).

O seu conteúdo é assaz complicado. No fl. 3r, sob o título de «exemplum de patientia primum», começa uma selecção de Pelágio até 8v. Segue-se uma colectânea do Livro II de Rosweyde até 14v.

Nos ff. 14v-18r temos III Rosw.: 13, 14, 23, 27, 28, 38, 61, 68, 74, 84, 98, 104, 118, 124, 135, 141, 172, 173, 174, 175, 177 e 182.

Continua imediatamente nos ff. 18r-20v nova selecção do Livro II. E sem aviso prossegue nos ff. 20v-21v: III Rosw. 11, 112, 113, 114, 115, 166, 212 e Plg. VII,44 (fl. 21v).

Os *apophthegmata patrum* só recomeçam nos ff. 129r-132v pela seguinte ordem: III Rosw. 9, 10, 29, 30, 36, 43, 97; Plg. XVIII,19 (fl. 130v-131r); 129, 130, 131, 133, 137; Plg. IX,11 (fl. 131v); 145, 157, 159, 164<sup>b</sup>, 195.

Após novos extractos do Livro II (ff. 132v-133r), temos a Vida de Táisis, ou seja, uma versão de Pascásio LVII,4. (ff. 133r-133v).

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, Tomus I, Bruxellis, 1889, p. 230.

O manuscrito prossegue com temas muito variados. O Livro III de Rosweyodus, repartido por três colectâneas, está, no entanto, muito longe de ser completo.

#### 128. CAMBRAI, BIBLIOTECA MUNICIPAL 817

Este manuscrito do século XIV ou XV proveio da abadia local do Santo Sepulcro (1). Nos ff. 24r-56r estão os seguintes números do Livro III com as interpolações de Pelágio-João nos fólhos indicados: prólogo, 1-10; 12-36; 39-83; princípio de João IV,12 e continuação do seu paralelo em III Rosw. 84 (fl. 40v); 85-142; João III,16 (fl. 46r) paralelo de III Rosw. 172 que vem adiante, no lugar próprio); 144-151, juntando-se a este último n.º o breve acrescento final de Plg. XVII, 12; Plg.: X, 40; XVI: 11, 5 (ff. 47r-47v); 154; Plg. XIV: 6, 12, 2 (fl. 47v); 155; Plg. XIV, 5 (fl. 48r); 156-160; Plg. XI, 2 (fl. 48v, em vez do seu paralelo em III Rosw. 161); 162-183; Plg. X,76 (fl. 51r); Plg. X,39 (fl. 51v, em substituição do paralelo III Rosw. 184); 185-215; Plg. III,20 (fl. 55v, por troca com o paralelo III Rosw. 216); 217-220. O «*liber secundus*» do manuscrito 817 de Cambrai acrescenta ainda Plg. XVIII: 3, 4, 19, 5 (ff. 56v-57v) e só então tem o *explicit*.

#### 129. (Cf. n. 43) — BRUXELAS, BIBLIOTECA BOLANDIANA 27

Já anteriormente (n. 43) nos ocupámos deste manuscrito do século XV, proveniente do mosteiro de S. Máximo de Tréveris, e deixámos para este momento a análise dos ff. 29r-74v. Encontramos nesta parte do códice o Livro III de Rosweyodus com interpolações de Pelágio-João. Quando o copista preferiu a tradução destes autores a substituir um lugar paralelo indicaremos apenas: = n...

A constituição é a seguinte: prólogo, *capitulatio* com 209 títulos; 1-83; João IV,2 contaminado a partir de *tres annos, qui dixit ei*, com III Rosw. n. 84 (fl. 50v-51r); 85-124; Plg. XV,14 (fl. 55v) em vez do n. 125; 126-143; Plg. XIV: 16 (seguido de uma exortação, não identificada, sobre a obediência, em 12 linhas) e Plg. XIV,19<sup>a</sup> = n. 144 (fl. 59r); Plg. XIV: 10, 9, 17 = n. 145 (fl. 59v); 146-150, 151 até *quod uinum non biberet*, passando depois a Plg. XVII,12 (fl. 60v); Plg. XVII,

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, t. XVII, Paris, 1891, p. 306.

13, 14 = n. 152 (fl. 60v-61r); III Rosw. 153; Plg. IV: 31, 32; Plg. IV, 33 = n. 154 (fl. 61r); 155-160; Plg. XI,2 = n. 161 (fl. 61v); 162 até *relucente dixit ad eos ipse*, concluindo com João III,6 (fl. 62r); Plg. XV: 8, 9 (= n. 163), 10 (fl. 62r-63r); 164, 165; João I, 16 = n. 166 (fl. 63r-64r); Plg. XVIII,20 = n. 167 (fl. 64r); João II,10 = n. 168 (fl. 65r); 169-171; 172 completo, segundo a *Vulgata* do Livro III e seguido do relato do mesmo episódio segundo João III,16 (fl. 65v); 173-183; Plg. X,39 até *contristatus exiit et dicit fratri* (fl. 66v), continuando com III Rosw. 184 (fl. 67r); 185-188; Plg. XV,28 (fl. 67v); 189-193<sup>a</sup>; 194; João III,2 = n. 195 (fl. 68r); 196, 197; Plg. X,8 = n. 198 e Plg. XV, 11 = 199 (fl. 69r); 200-206; Plg. XII,10 = n. 207 (fl. 70v); 208-211; Plg. XII,9 = n. 212 (fl. 71r); 213-220.

O fim do Livro III de Rosweydyus (n. 220) encontra-se no fl. 72v. O «*liber secundus*» do ms. bolandiano n. 27 continua, porém, com a narrativa sobre Santo Hospício, tirada da *Historia Francorum*, cap. VI, 6, de S. Gregório de Tours, até ao fl. 74v onde se encontra o *explicit liber secundus Vitas Patrum*.

Resumindo, diremos que 15 narrativas foram substituídas pelo seu paralelo em Pelágio-João; que 1 é relatada duas vezes segundo versões diferentes; que em vez do n. 125 está Plg. XV,14 que não lhe é semelhante; que há 9 apotegmas de Pelágio acrescentados ao texto sem que haja correspondente para eles em III Rosw.; e finalmente que em 4 casos a narrativa começa com o texto de Pelágio ou João, mas continua com a tradução de Pascásio segundo a versão do Livro III de Rosweydyus, ou vice-versa.

Procurámos fazer uma análise tão completa quanto possível. Cremos que ela corresponde melhor ao conteúdo real do manuscrito do que a descrição feita pelos Bolandistas no seu Catálogo (1).

### 130. DANZIG, BIBLIOTECA DA CIDADE 1957

Copiado no século xv, o actual manuscrito 1957 da Biblioteca de Danzig (2), à guarda da Academia Polaca das Ciências, contém nos ff. 62r-64v o índice do Livro III em 211 capítulos. Nos ff. 64v-

(1) *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum Bibliothecae Bollandianae in Analecta Bollandiana XXIV* (1905), Bruxellis, pp. 440 seqq.

(2) OTTO GÜNTHER, *Katalog der Handschriften der Danziger Stadtbibliothek*, Teil 3, Danzig, 1909, p. 98.

-88v temos o prólogo e os nn. 1-152 (sem quaisquer vestígios dos capítulos do «autêntico Livro III») encontrando-se incompletos os nn. 41, 42 e 43. Interrompido em 88vb o Livro III, começa logo: *Sequitur Augustinus in epistola ad Hieronimum* (8 linhas apenas) e na mesma coluna ainda: *Sequuntur exempla de uita et operibus sancti Hieronimi presbyteri*, até 89rb, onde «*sequuntur pauca de actu et obitu episcopi Petri*» (*Alexandrini*), texto que termina em 90vb. Retomam-se então, sem qualquer aviso, os apotegmas do Livro III nn. 153-220, nos ff. 90vb-98va, apenas com a omissão dos nn. 137 e 202.

131. (Cf. n. 8) — OXFORD, BIBLIOTECA BODLEIANA,  
CANON. 395

Segundo informação repetida pelo copista, este manuscrito foi escrito «in loco Sanctae Mariae in Frisa» de Lanzano, perto de Florença, no anno de 1441, donde passou para a biblioteca de M. L. Canonici, em Veneza. O escriba confessa também que as *Vitae Patrum* que transcreveu foram por ele abreviadas (1).

Nas pp. 108-109 vem a Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4) e nas pp. 109-140 temos primeiro o prólogo e os nn. 1-40 do Livro III de Rosweyodus, e em seguida João III, 16 (p. 127); III Rosw. 43, 41, 42, 61, 53; Pasc. VI, 1 segundo o arquétipo  $\delta$  (p. 130); III Rosw. 54, 99, 97, 124, 127, 195, 65, 163, 166, 167, 128<sup>a</sup>, 129, 130, 148, 199, 200, 216-220.

Na p. 71 do códice lê-se esta significativa declaração do copista: «Noscat quicumque legerit praecedentes *Vitas Patrum* scilicet, ab illo secundo libro qui incipit *Vere mundum quis dubitet* usque ad praesentem finem, secundum meum pauperem intellectum in multis locis fore diminutas et falsas, hoc est, non plenarie scriptas. Ego autem sic reperi exemplar et ad caelum manus tetendi quod etiam isto modo potui habere exemplum. MCCCCXLI. Anachorita Ieronimus».

O nosso exame da parte final do manuscrito revela que se encontra íntegra a antologia vulgarizada do «autêntico Livro III», embora sem *capitulatio* nem títulos dos apotegmas; que da segunda parte do Livro III de Rosweyodus o copista (ou o seu modelo) faz uma selecção

(1) H. O. COXE, *Catalogi codicum manuscriptorum bibliothecae Bodleianae, Pars III, Oxonii*, 1854, coll. 730-734.

nem sempre bem ordenada e com duas interpolações (de João e do «autêntico» Pascásio — donde viria este passo? —; que nas pp. 140-164 se encontram extractos do Livro IV de Rosweyodus; e que daí até à p. 171 há uma selecção de apotegmas da tradução de Pelágio-João.

132. PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 5313*

Este códice do século xv passou à Biblioteca Real através da de Colbert (1). Nos ff. 72rb-117v há uma versão do Livro III de Rosweyodus, sem *capitulatio* nem títulos de apotegmas, com algumas omissões e uma ordem muito irregular. Após o prólogo temos os nn. 1-10, 58, 66, 102, 109, 119, 196, 197, 11-16, 19, 20, 45, 52, 59, 80, 100, 101, 110, 131-133, 149, 154, 184, 201, 17, 18, 21-27, 72, 28-31, 155, 32, 56, 92, 135, 148, 209, 33-40, 65, 190-193, 163, 41-43, 53, 61, 73, 87, 97, 99, 124, 127, 172, 195, 207, 213, 44, 47-51, 54, 55, 57, 60, 62, 64, 67-70, 74, 71, 75, 95, 156, 198, 161, 76, 78, 81-85, 88-91, 93, 94, 96, 98, 103-105, 176, 128<sup>b</sup>, 218, 106-108, 111-118, 120-123, 125, 126, 134, 136-147, 151-153, 157-160, 162, 164-171, 173-175, 178-182, 185-188, 192, 194, 197, 199, 200, 202-206, 210, 211; Pelágio V, 37 (fl. 115v); III Rosw. 215-217, 219, 220.

Como se poderá verificar, faltam os nn. 46, 63, 77, 79, 86, 129, 130, 150, 177, 183, 189, 190, 191, 193, 208, 212 e 214; e o n. 197 encontra-se repetido.

Quando examinámos todo o manuscrito notámos ainda a presença de III Rosw. 214, isolado, no fl. 149rb e a Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4) nos ff. 153v-154v.

133. (Cf. F, m) — VATICANO, BIBLIOTECA APOSTÓLICA,  
*URB. LAT. 396*

C. Stornajolo (2) e A. Poncelet (3) estudaram já o conteúdo deste códice do século xv, mas não identificaram devidamente os materiais contidos nos ff. 102r-112v. Estas páginas são bastante semelhantes

(1) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Nat. Parisiensis*, t. II, Bruxellis, 1890, p. 86.

(2) COSIMVS STORNAJOLO, *Codices Vrbinates Latini*, t. I, Romae, 1902, p. 377 ss.

(3) *Cat. cod. hag. lat. Bibl. Vaticanae*, Bruxellis, 1910, pp. 297-299.

às que apreciámos (n. 107) no *Vat. lat.* 1201, ff. 77r-86r. Note-se, no entanto, que por vezes o *Urb. lat.* é mais resumido. Apenas num passo (fl. 108r-v: III Rosw. 38, 39, 40) há um aumento de texto apreciável deste em relação ao *Vat. lat.* 1201. Por outro lado, os textos que precedem e prosseguem as passagens semelhantes são distintos num e noutro códice. O facto de os catalogadores não darem a entender que haja mais transcrições de Pascásio ou do Livro III de Rosweydyus para além do fl. 112v do *Urb. lat.* 396 fez com que neste ponto terminasse a nossa análise. A apresentação dos dois manuscritos em grupos distintos do nosso trabalho, fica a dever-se à circunstância de no *Vat. lat.* 1201 se encontrar, embora isolado, um número do «autêntico Livro III».

Eis o conteúdo do *Urb. lat.* 396 nos ff. 102r-112v:

1) ff. 102r-105v: após o *Explicit de sancto Frontonio* vem logo, bem nítido, o título: *Incipit de duobus sanctis Macariis*, assim constituído: João III,4; Rosw. 195, 196, 198, 207, 213; Plg.: IV,28; VII,10; X,34; III Rosw. 61, 73, 97, 99, 127, 172, 189; Plg.: III,8; XV,26; João: II,7; III: 15<sup>b</sup> e 16.

2) ff. 105v-107r: *Incipit de beato Antonio* assim constituído: IV Rosw. cap. LV; Plg. II,1; III Rosw. 218; Plg.: VIII,1; XV,2; III Rosw. 68, 105, 108, 128<sup>b</sup>, 129, 130, 176; Plg.: IV,1; VIII,2 (contaminado no fim com III Rosw. 88); X,2<sup>b</sup>, 3.

3) ff. 107r-109r: *Incipit de beato Arsenio*, cuja composição é: III Rosw. 37; Plg. X,18; III Rosw. 191, 192, 193; Plg.: VIII,3; X,5; XV: 5, 7, 9<sup>a</sup>; III Rosw. 65 (contaminado com Plg. II,7); Plg. IV,2; III Rosw. 38, 39, 40, 163; Plg. XV,10.

4) ff. 109r-110v: *Incipit de beato Pastore*, todo extraído de Pelágio.

5) ff. 110v-111v: *Incipit de beato Besarione*: III Rosw. 194, 215, 121.

6) ff. 111r-112r: *Incipit de beato Poemene*: III Rosw. 201, 52, 59, 63, 177, 101, 100, 93, 20.

7) fl. 112r-v: *Incipit de uita sanctorum septem Patrum*: III Rosw. 200.

8) ff. 112v: *Prophetia futurorum temporum*: III Rosw. 197.

O manuscrito prossegue com um *De diuersitate bonorum operum* (ff. 112v-113r) composto apenas por Plg. I,11 (com dois breues apêndices) e IX,11 (remodelado).

## XIX — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\tau$

A formação deste subarquétipo é comprovada pela utilização que fizeram, simultâneamente, de  $\kappa$  e  $\sigma$  os manuscritos de Melk e Munique a seguir indicados.

### 134. (Cf. n. 114) — MELK, BIBLIOTECA DO MOSTEIRO BENEDITINO 8

Entre o Livro III das *Vitae Patrum*, como explicámos a seu tempo (n. 114), contém este manuscrito do século xv, numerado por páginas, quatro interpolações tiradas do subarquétipo  $\kappa$ , a saber: XXXIV,6 e 7 (p. 89); XXXIX,1<sup>b</sup> (pp. 90-91); e LXIX,1 (p. 103). Além disso, o copista contaminou o final dos nn. 133, 142 e 192 do Livro III com elementos também importados deste mesmo subarquétipo.

### 135. (Cf. n. 115) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, LATINO 7990

Quando descrevemos (n. 115) este manuscrito do século xv, proveniente de Kaisheim, vimos que ele extrai do subarquétipo  $\kappa$  os nn. XXXIV: 6 e 7 (ff. 24v-25r), além de breves elementos acrescentados aos nn. 133, 142 e 192 do Livro III, tal como acabámos de explicar para o ms. de Melk. Note-se, no entanto, em relação a este, a falta de XXXIX,1<sup>b</sup> e LXIX,1, pois, como vimos, o códice de Munique, lat. 7990 abreviou o texto.



## XX — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO *v*

Embora o aspecto geral do texto deste modelo nos faça lembrar imediatamente o subarquétipo  $\kappa$ , a crítica verbal revela que há também influência dos subarquétipos  $\mu$ ,  $\pi$  e  $\sigma$ . A quantidade desta intervenção será indicada a seguir, na descrição dos manuscritos.

### 136. (Cf. n. 84) — BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL DA BÉLGICA 3027 (8623-26)

C. M. Batlle (1) pôs a hipótese de que o ms. 8623-26 da Biblioteca Real da Bélgica seja o que H. Rosweyduz menciona (2) como o de «sanctae Mariae Bibrach in Germania». Parece, com efeito, que, embora a descrição de Rosweyduz não condiga bem com a ordem por que as *Vitae* se encontram neste manuscrito (pois preferiu uma enumeração de acordo com a sua edição), comparado o conteúdo entre o actual manuscrito de Bruxelas e o examinado por Rosweyduz se ajustam razoavelmente. Há, no entanto, duas excepções. Rosweyduz diz que o «ms. sanctae Mariae Bibrach» continha também a *Vita Antonii*, ao passo que o actual ms. 8623-26 não a possui. Em contrapartida, este manuscrito inclui a *Visio Baronti* que Rosweyduz não menciona. Veremos daqui a pouco que este manuscrito não pode ter sido o que Rosweyduz utilizou para estabelecer o texto da sua edição.

C. W. Barlow (3) menciona também este manuscrito entre os reveladores de que os antigos arquétipos de Pascásio deviam ter a seguir o texto de Martinho, pois que também a *capitulatio* de Bruxelas 8623-26 apresenta como último título da obra de Pascásio as «sentenças» traduzidas por Martinho. Esta observação é exacta. Resta apenas acrescentar que, como veremos, o manuscrito não contém já a parte final de Pascásio e por isso lhe falta também o texto de Martinho.

---

(1) *Contribució...*, p. 68, nota 29.

(2) Cf. PL LXXIII, col. 83.

(3) *Martini...*, p. 13.

A descrição até agora mais pormenorizada do ms. 8623-26 da Bibl. Real da Bélgica foi feita pelo jesuíta J. v. d. Gheyn (4). Trata-se de um códice de 150 ff, do século XII, que pertenceu a Santa Maria Biburch (segundo se lê no fl. 150v) e depois passou para o colégio dos jesuítas de Ingolstadt, para os Bolandistas e finalmente veio parar à Biblioteca Real da Bélgica.

Além dos elementos codicológicos acabados de resumir, J. v. d. Gheyn delimita suficientemente o conteúdo do manuscrito. Todavia, a sua descrição não é perfeita ao destrinçar as matérias contidas entre os ff. 4 e 61. Porque examinámos também pessoalmente o códice, vamos identificar mais pormenorizadamente os seus elementos nas secções que entram na esfera do nosso trabalho.

1) ff. 4r-48r: selecção de Pelágio-João, que termina com João III, 13 a que se segue, sem qualquer título de separação, nos

2) ff. 48r-51v: uma selecção de Pascásio segundo modelos contaminados. Damos a ordem dos apotegmas com indicação dos subarquétipos: I,4; II,2; III,2 e 5; e IX,1, segundo  $\sigma$ , ou seja, nn. 45, 47, 50, 51 e 58 do Livro III de Rosw. (cf. p. 210). O n. XI,3 é contaminado entre o modelo  $\sigma$  (= n. 64<sup>a</sup> Rosw.) e o subarquétipo  $\kappa$ ; ao passo que em XI,4 (= n. 64<sup>b</sup> Rosw.) se misturou a lição de  $\sigma$  com a de  $\mu$ . Os apotegmas seguintes XXXIX: 1, 2 e 3; LXI,1; LXIX,1; LXXVII,1; LXXVIII,1; LXXXI,1 e XC,1 aproveitam sobretudo o texto de  $\kappa$ , mas utilizam também, ocasionalmente, as versões de  $\mu$  e de  $\sigma$ .

3) ff. 51v-52r: apenas uma «sentença» de Martinho, o n. 9.

4) ff. 52r-60v: *Visio Baronti* (= BHL 997).

5) ff. 60v-61r: de Pelágio apenas o n. XIV,14.

6) ff. 61r-62v: Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4).

7) 62v-78v: a recensão breve de Pascásio segundo o subarquétipo  $\kappa$  (embora contaminada com escassos elementos provindos de  $\mu$ ,  $\pi$  e  $\sigma$ ), notando-se, em relação a Bruxelas, Bibl. R. Bélg. 8216-18, as seguintes *omissões*: X,4; XI,2; LXXXV,1; XI: 3, 4; XXX,1; XXXV,1; XXXVI,1; XXXIX: 1, 2, 3; LI,2; LII,4; LIII,2 e LVI: 2 e 3.

O texto de Pascásio termina, neste manuscrito, no final de LVIII,2. Além de ter omitido os 17 apotegmas acabados de referir, o copista, por motivos que não podemos descortinar, no fl. 78v deixa cerca de um terço do texto de Pascásio, que deveria ter diante de si, e começa a transcrever o Livro II das *Vitae Patrum* de Rosweyodus.

(4) *Cat. mss. Bibl. R. Belgique*, t. V, pp. 182-183.

A análise que acabamos de fazer do texto de Pascásio (que no *Bruxellensis* 8623-26 termina inexplicavelmente a pouco mais de meio do esquema geral) é já suficiente para concluir que não é este o «Ms. sanctae Mariae Bibrach in Germania» que Rosweydu utilizou, pois o do precursor dos Bolandistas continha «totum librum septimum Paschasii» (5). Além disso, os 17 apotegmas omitidos até LVIII,2 encontram-se em Rosweydu. A reforçar a impossibilidade do que estamos demonstrando, acresce ainda o facto de o segundo manuscrito compulsado por Rosweydu ter sido necessariamente do subarquétipo  $\psi$ , com o qual se conforma quase por completo a sua edição, como veremos a seu tempo.

137. (Cf. n. 90) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 13081

Segundo o *Catalogus* (1), o CLM 13081 foi copiado no ano de 1338 e proveio da biblioteca da cidade de Ratisbona. A descrição feita das matérias contidas precisa de ser bastante aperfeiçoada no que se refere aos ff. 34v-91r. Com efeito, o *Catalogus* apenas assinala entre os ff. 33 e 91 a Vida de S. Frontino e a versão de Pascásio. Veremos que o seu conteúdo é mais complicado.

C. M. Battle (2) verifica que além da porção do século XIV, o códice tem uma outra parte do século XII, sem dizer qual, e fixa, com precisão que os ff. 63r-72v contêm o prólogo de Pascásio seguido de uma selecção bastante considerável dos capp. I-XLI (do Livro VII de Rosweydu). Não percebemos esta classificação, uma vez que a última «sentença» incluída na série de Pascásio corresponde ao cap. XXXVI,3 da edição de Rosweydu.

O exame que pessoalmente fizemos do manuscrito leva-nos a estabelecer a seguinte divisão a partir do fl. 34v:

- 1) ff. 34v-59r: selecção, não anunciada, de Pelágio-João.
- 2) ff. 59r-60v: apotegmas de Pascásio segundo o subarquétipo  $\sigma$ , isto é, III Rosw. 45, 47, 50, 51 e 58 (cf. n. 90). Seguem-se de Pascásio os nn. XI: 3, 4; XXXIX: 1, 2, 3; LXI,1; LXIX,1; LXXVII,1; LXXVIII,

(5) Cf. PL LXXIII, col. 83 (prolegomenon XXIV das *Vitae Patrum*).

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars II, p. 100.

(2) *Contribució...*, p. 72.

1; LXXXI,1 e XC,1 segundo os modelos indicados na descrição de Bruxelas, Bibl. R. Belg. 8623-26 (n. 136).

3) ff. 60v-61ra: Martinho, 9. Os fólhos 61rb-62v estão em branco.

4) ff. 63r-72v: recensão de Pascásio segundo o subarquétipo *v*. A seguir estudaremos a sua composição.

5) ff. 72vb-75r: selecção de Martinho, com omissões em relação à do subarquétipo *z*.

6) ff. 75r-86v: selecção de Pelágio-João, que começa com Plg. XVIII,3.

7) ff. 86v-88r: nova selecção de Pelágio-João, a começar em Plg. I,1.

8) ff. 88v: começa um texto que não identificámos: *Quomodo homo fiat spiritualis. Octo sunt utilia hominibus...*

Para o fl. 91 assinala já o *Catalogus* o princípio dos *Diálogos* de S. Gregório Magno.

Como ficou já dito, os ff. 63r-72va contêm uma versão breve de Pascásio. Ficou já assinalado o parentesco deste manuscrito 13081 de Munique com o de Bruxelas 8623-26. A semelhança entre os dois manuscritos confirma-se na transmissão do texto de Pascásio. De notar apenas que este códice de Munique se comporta com maior liberdade, pois inclui, mediante desdobramento de capítulos, oito títulos que não se encontram nos mss. que lhe estão mais próximos e em duas ocasiões substitui o título tradicional por outro da sua lavra. Só num exame mais pormenorizado interessaria precisar estas inovações.

Outro ponto que revela a afinidade com o manuscrito 8623-26 de Bruxelas é que até ao cap. LVIII,2 de Pascásio, onde este inexplicavelmente termina, o códice 13081 de Munique omite as mesmas «sentenças» que aquele não contém. Além disso, confirma-se a sua tendência para resumir, pois exclui de Pascásio os cap. XXXVI: 3, 4 e XXXIX,5, que o de Bruxelas transmite. Apenas um ponto nos deixa perplexo. Munique 13081 tem o apotegma LVI,1 que falta em Bruxelas 8623-26. Dada a força dos argumentos que estabelecem a afinidade de ambos os códices, somos levado a pensar que neste ponto o copista de Bruxelas, apesar de mais fiel ao modelo, saltou inadvertidamente o n. LVI,1.

Sobre o que seria o modelo destes dois manuscritos em relação ao subarquétipo *z*, a partir de Pascásio LVIII,2, só o CLM 13081 nos pode dar uma ideia. Assim, além das faltas comuns a ambos os manuscritos e das que assinalámos como exclusivas do códice de

Munique, este, a partir de LVIII,2, omite, agora em relação ao subarquétipo  $\kappa$ , os seguintes nn.: LXI,1; LXII,1; LXVIII: 1, 2; LXIX,1; LXXVII,1; LXXVIII,1; LXXXI,1; XC: 2, 3; e XCIII: 5, 10, 11.

Apesar de compararmos este manuscrito com o subarquétipo  $\kappa$ , quanto ao conteúdo, tenha-se presente que o seu texto depende também dos modelos  $\mu$ ,  $\pi$  e  $\sigma$ .

## XXI — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\varphi$

O exame do texto diz-nos que os quatro manuscritos a seguir estudados dependem de um modelo do subarquétipo  $\pi$ . Há, no entanto, também influências do subarquétipo  $\sigma$ , do qual provieram, por inteiro, os nn. XXXIII: 5 e 6; e LXIX,1, ou seja, III Rosw. 113, 114 e 172. O subarquétipo  $\varphi$  contém ao todo 129 apotegmas.

### 138. (Cf. F, g; 93) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 3056

O Catálogo (1) diz-nos que este manuscrito foi copiado no século xv e que proveio de Andechs. A indicação do conteúdo é muito sumária até ao fl. 214 e daí em diante também não é perfeita.

C. M. Batlle (2) assinalou já, no entanto, que nos ff. 200r-209r há uma versão muito abreviada de Pascásio, bastante divergente da edição de Rosweyodus.

O nosso exame pessoal do códice permite-nos fazer uma identificação de todo o seu conteúdo. Apenas prevenimos que a indicação dos fólhos é de nossa conta, pois a maioria deles não se encontram numerados.

- 1) ff. 2r-7v: índices.
- 2) ff. 8r-53r: Livro II de Rosweyodus.
- 3) fl. 53r: prólogo *Vere mundum* (III Rosw.).
- 4) ff. 53r-173v: texto de Pelágio-João.
- 5) ff. 173v-200r: Livro IV de Rosweyodus.
- 6) ff. 200r-209r: texto de Pascásio, que a seguir identificaremos devidamente.
- 7) ff. 209r-212r: *Sententiae* de Martinho, contendo no meio Pascásio C: 1, 2, 3, 4.
- 8) ff. 212r: após Martinho vem sem qualquer indicação: Plg. XIV, 8; III Rosw. nn. 176, 177, 204, 218, 186 e 206.

---

(1) *Cat. CLM*, t. I, Pars II, Monachii, 1871, p. 56.

(2) *Contribució...*, p. 72.

- 9) ff. 212r-213v: Exortação: *In primis quidem* = BHL 6539.
- 10) ff. 213v-233r: *Palladii Lausiaca*. (O fl. 233v está em branco).
- 11) ff. 234r-237v: *Vita Pauli*, por S. Jerónimo.
- 12) ff. 237v-250v: *Vita Antonii*, mutilada.

De momento, importa classificar a natureza do texto de Pascásio que se encontra nos ff. 200r-209r. A redacção é nitidamente dependente do subarquétipo  $\pi$ . Pode, no entanto, verificar-se que várias lições aparentam os manuscritos do subarquétipo  $\varphi$  com os do Livro III de Rosweydu.

O quadro que vamos apresentar mostra apenas as diferenças do ms. latino de Munique n. 3056, em relação aos números transmitidos pelo subarquétipo  $\kappa$ . Para quem tiver diante de si o que dissemos ao descrever o seu mais antigo modelo, o manuscrito da Biblioteca Real da Bélgica, n. 8216-18, do século IX, bastará apenas fixar que o ms. 3056 de Munique

omite: X,4; LXXXV,1; XV: 1, 2; XXI: 1, 2; XXII: 1, 2; XXIV: 1, 3;  
 XXIX: 1, 2; XXX,1;  
 mas contém XXXIII: 5, 6;  
 omite também: XXXIII: 8, 12, 15; XXXV,1; XLIX,5; XXXV: 2, 3;  
 XXXVI,1; XXXIX,1<sup>a</sup>; XLI,5; XLII,3; XLIX,6; LI,3; LII,4; LVI:  
 2, 3; LXII,1; LXVIII,1;  
 mas contém LXIX,1;  
 omite ainda: LXXXVI,2; XC: 1, 2, 3; XCIII, 4, 10, 11; XCV,3;  
 XCVIII,1; XCIX,2.

Com a omissão de 41 apotegmas numa recensão breve, esta versão ficou na realidade bastante encurtada. O problema textual encontra-se, porém, na adição dos nn. XXXIII: 5, 6 e LXIX,1, que não se encontram nos subarquétipos  $\kappa$  nem  $\pi$ . O exame do texto faz-nos concluir que estes três apotegmas foram importados da versão de Pascásio transmitida pelo Livro III de Rosweydu. A observação é sobretudo evidente na historieta narrada em LXIX,1, na qual esta versão manuscrita se afasta nitidamente da recensão longa e da recensão média contaminada.

O conteúdo da selecção de Pascásio e a natureza do seu texto são neste manuscrito idênticos aos dos códices latinos de Munique 18093 e 18181, que descrevemos a seguir.

139. (Cf. F, h; 94) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 18093

Além de dizer que contém *Vitae Patrum*, bastante escassas são as informações que nos dá o *Catalogus* (1) sobre o códice latino 18093, escrito no ano de 1474 e proveniente do mosteiro de Tegernsee.

C. M. Batlle (2) parece não ter reconhecido a identidade da versão de Pascásio contida neste códice com a do 3056, pois caracteriza o texto do ms. 18093 como «uma selecção de fragmentos com a ordem dos capítulos alterada e com lacunas muito consideráveis».

Na realidade, o texto e o conteúdo de Pascásio no códice latino de Munique n. 18093, ff. 104v-110v corresponde inteiramente ao que deixámos descrito ao tratar do latino monaquense n. 3056.

O nosso contributo para o estudo deste códice pode, no entanto, estender-se à identificação de todas as suas peças. Segundo o exame pessoal que fizemos, o códice latino de Munique n. 18093 está assim dividido:

- 1) ff. 1r-24r: Livro II de Rosweyodus.
- 2) fl. 24r: Prólogo *Vere mundum* (III Rosw.).
- 3) ff. 24r-86v: texto de Pelágio-João (até 85v), seguido de breves passos a identificar.
- 4) ff. 86v-104v: Livro IV de Rosweyodus.
- 5) ff. 104v-110v: recensão de Pascásio já identificada.
- 6) ff. 111r-112v: recensão de Martinho, incluindo, no meio, o cap. C: 1, 2, 3, 4, de Pascásio. Segue-se imediatamente
- 7) ff. 112v-113r: Pelágio XIV,8.
- 8) ff. 113r: III Rosweyodus nn. 176, 177, 204, 218, 186 e 206.
- 9) ff. 113r-114r: Exortação: *In primis quidem...*
- 10) ff. 114r-128r: *Palladii Lausiaca*.
- 11) ff. 128v-130v: Vida de Paulo, por S. Jerónimo.
- 12) ff. 130v-145r: Vida de Santo Antão.
- 13) ff. 145r-147r: Vida de Malco.
- 14) ff. 147r-153r: Vida de Hilarião.
- 15) ff. 153r-168r: Vida de Pacómio
- 16) ff. 168r-171v: Vida de Macário.

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars III, Monachii, 1871, p. 132.

(2) *Contribució...*, p. 72.



- 17) ff. 171v-179r: Vida de Frontão.
- 18) ff. 179r-182r: Vida de Onofre.
- 19) ff. 182r-187r: Abraão e sua sobrinha Maria.
- 20) ff. 187r-190r: Simeão estilita.
- 21) ff. 190r-193r: Vida de Eufrosina.
- 22) ff. 193r-195v: Vida de Pelágia.
- 23) ff. 195v-196r: Vida de Marina.
- 24) ff. 196r-196v: Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4).
- 25) ff. 196v-197r: Vida de Margarida.
- 26) ff. 197r-203r: Vida de Eufrásia.
- 27) ff. 203r-209v: Vida de Maria Egipcíaca.
- 28) ff. 209v-258: Barlaão e Josafá (fim do códice).

Além da identificação dos trechos, esta descrição permite-nos ver o que provavelmente seria o códice latino 3056, o qual deixa, mutilada, a Vida de Santo Antão.

140. (Cf. F, i; 94) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL  
DA BAVIERA, *LATINO* 18161

É muito deficiente a descrição que o *Catalogus* (1) dá do ms. 18161, limitando-se, até ao fl. 328 a dizer que contém *Vitae Patrum*. Trata-se de um códice proveniente de Tegernsee, com indicação de datas de composição, os anos 1469-1472. Embora pareça anterior ao manuscrito 18093, em que se lê a data de 1474, atendendo a que o seu conteúdo é um pouco mais desenvolvido, é provável que a composição do CLM 18161 seja um tanto posterior. A isso nos poderá induzir a própria numeração da biblioteca de Tegernsee, que é respectivamente 93 e 181, colocando *depois*, tal como se fez na Biblioteca de Munique, o que tem datas anteriores.

C. M. Batlle (2) notou também a semelhança do texto de Pascásio entre estes dois manuscritos.

Segundo o nosso exame pessoal, o códice latino de Munique 18161 contém as seguintes partes:

- 1) ff. 1r-45v: Livro II de Rosweyodus.
- 2) fl. 45v: prólogo *Vere mundum* (III Rosw.).

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars III, p. 138.

(2) *Contribució...*, p. 72.

- 3) ff. 45v-146r: texto de Pelágio-João.
- 4) ff. 146r-175v: Livro IV de Rosweyodus.
- 5) ff. 175v-188v: texto de Pascásio, subarquétipo  $\varphi$ .
- 6) ff. 188v-193r: *Sententiae* de Martinho, incluindo no meio o cap. C: 1, 2, 3, 4 de Pascásio.
- 7) fl. 193r: III Rosweyodus nn. 177, 204, 218, 186 e 206.
- 8) ff. 193v-195r: Exortação: *In primis quidem...*
- 9) ff. 195r-202r: Barontius.
- 10) ff. 202r-228v: *Palladii Lausiaca*.  
— ff. 229r-235v: em branco.
- 11) ff. 236r-239v: Paulo eremita.
- 12) ff. 239v-263v: Vida de Santo Antão.
- 13) ff. 263v-267r: Malco.
- 14) ff. 267r-278r: Hilarião.
- 15) ff. 278r-285r: Vida de S. Pacómio.
- 16) ff. 285r-301r: Regras de S. Pacómio.
- 17) ff. 301r-307r: Macário romano.
- 18) ff. 307r-309v: Frontão.
- 19) ff. 309v-326v: Onofre.
- 20) ff. 326v-335v: Abraão e sua sobrinha Maria.
- 21) ff. 335v-341v: Simeão estilita.  
— ff. 342r-343v: em branco.
- 22) ff. 344r-349r: Eufrosina.
- 23) ff. 349r-353v: Pelágia.
- 24) ff. 353v-355r: Marina.
- 25) ff. 355r-356r: Táisis (= Pasc. LVII,4).
- 26) ff. 356r-357r: Margarida.
- 27) ff. 357r-369r: Eufrasiã.
- 28) ff. 369r-380r: Maria Egipcíaca.  
— fl. 381r-381v: em branco.
- 29) ff. 382r-467v: Barlaão e Josafá.

Além das identificações acabadas de fornecer, importa acentuar que o texto de Pascásio que se encontra nos ff. 175v-188v está de acordo quanto ao conteúdo e redacção, com o que descrevemos (n. 138) ao tratar do CLM 3056.

141. (Cf. n. 97) — MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA, *LATINO* 18853

Pertenceu ao mosteiro de Tegernsee e foi escrito em 1508 um códice de 245 fólhos, de muito pequeno formato, que se encontra actualmente entre os manuscritos latinos da Biblioteca Estadual de Munique com o n. 18853. O *Catalogus* (1), além destes elementos e de uma distribuição bastante explícita das matérias, informa-nos de que no fl. 204 começam passos «ex Vitis Patrum».

Não conhecemos qualquer outra descrição deste manuscrito e só o exame pessoal, depois aprofundado no estudo do texto filmado dos ff. 214v-217v, nos permitiu penetrar um pouco melhor no seu conteúdo, tanto mais que à pequenez dos fólhos se junta a dificuldade da leitura.

A nossa observação possibilita-nos fazer a seguinte divisão:

- 1) ff. 204r-212r: selecção de Pelágio-João.
- 2) ff. 212r-214v: trechos de um «terceiro livro» das *Vitae Patrum* que não identificámos — e não corresponde ao Livro III de Rosweyodus.
- 3) ff. 214v-216r: Sob o título de *Sequuntur paucula ex IV libro Vitas Patrum*, encontram-se os seguintes apotegmas de Pascásio, segundo o subarquétipo  $\varphi$ , embora com retoques próprios deste livrinho: XI,3; XXXIV: 3,6; XXXVI,4<sup>b</sup>; XL,1; XLI,4; LI: 1, 2; LVIII,4; App. 6 e LXXXI,1.
- 4) ff. 216r-217r: *De patribus Aegyptiorum*, ou seja, Martinho 8, 58, 82, 94, 96 e 105.
- 5) fl. 217r: continua imediatamente, mas agora segundo o texto do Livro III das *Vitae Patrum*, Pascásio LXXIII: 1<sup>a</sup>, 3; Martinho 42<sup>a</sup> e Pascásio LXXXVIII,2, ou seja, de acordo com a edição de Rosweyodus, nn. 176, 177, 204 e 186.
- 6) fl. 217v: Trecho de S. Bernardo: *Arbitror quia tu qui in congregatione es bene uiuis...*

Só o desejo de ser tão completo quanto possível nos levou a tentar identificar e classificar o conteúdo deste difícil códice.

---

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars III, p. 213.

## XXII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\chi$

O organizador deste texto, fundamentalmente de Pascásio, dispunha de um modelo  $\kappa$  que copia integralmente, de um subarquétipo  $\mu$  onde foi buscar 5 apotegmas de Pascásio omitidos em  $\kappa$  e 21 de Martinho, e de um outro modelo  $\sigma$  donde importou, além de pequenas variantes, todo o n. 200 (Livro III de Rosweydu). A crítica textual revela também a presença de um modelo de  $\sigma$ . No seu conjunto o subarquétipo  $\chi$  conta, portanto, 194 apotegmas.

A característica mais saliente deste modelo é o final acrescentado ao subarquétipo  $\kappa$ , cuja composição indicaremos de seguida, ao descrever o seu melhor exemplar, o ms. 8372 de Bruxelas (n. 142).

Mas há ainda outras pequenas inovações. Acrescenta o apotegma LXV,1 no meio do texto de  $\kappa$ . Escreve o título do cap. XXII antes de XXI,2, continuando em seguida com a mesma ordem, mas com a omissão deste título no lugar próprio. Antes do cap. LXXI inclui o título *De inpugnatione daemonum* que se encontra também no subarquétipo  $\mu$ . Completamente nova é a abertura de um capítulo antes de XCIII,11, com o título *De quieta uita* (título do cap. XCII que também se encontra em  $\mu$ ).

Com este subarquétipo já nos aproximamos mais da edição de Rosweydu, sobretudo por ambos conterem o final importado de  $\mu$ . Mas, apesar de tudo, ainda está isento de outras interpolações que o texto de Rosweydu admitiu, como veremos a seu tempo.

### 142. (= B) — BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL DA BÉLGICA 3198 (8372)

O Catálogo dos Bolandistas (1) é bastante deficiente na indicação da parte das *Vitae Patrum* contidas neste manuscrito.

Um pouco mais explícito, o Catálogo da Biblioteca Real da Bélgica (2) não corresponde inteiramente à verdade quando para os ff. 3r-36r anuncia apenas: «Paschasii Vitas Patrum = BHL 5631».

---

(1) *Cat. cod. hag. latinorum Bibl. Reg. Bruxellensis*, t. II, Bruxellis, 1886-1889, pp. 207-208.

(2) *Cat. mss. Bibl. R. Belgique*, t. V, Bruxelles, 1905, p. 175.

C. M. Barlow (3) viu bem que o texto de Pascásio vai apenas até ao fl. 29v. Mas é de estranhar que precisamente um especialista do texto de Martinho afirme que nos ff. 29v-36r se contêm apenas as «sentenças» de Martinho. Em breve veremos qual o seu conteúdo real.

M. C. Díaz y Díaz (4) indica também este códice entre os que transmitem o texto de Pascásio.

Os elementos codicológicos que mais interessam são os seguintes: o actual códice 8372 da Bibl. Real de Bruxelas foi copiado no século XII, não se sabe onde. Os seus mais antigos possuidores conhecidos foram os jesuítas de Molsheim, perto de Estrasburgo, donde passou aos Bolandistas belgas, destes à Biblioteca de Borgonha e daqui à Biblioteca Real.

Segundo o nosso exame, a análise da primeira parte do manuscrito deve ser feita assim:

1) ff. 1r-2v: índice, dividido em 90 capítulos. No cap. LII parece terminar o texto de Pascásio, sob o título: *Non debere de coenobio in coenobium mutare et alia monita et exempla*. Como cap. LIII vêm anunciadas as *Interrogationes* de Martinho. Mas logo o cap. LIV indica um texto que é de Pascásio, embora se encontre misturado com o de Martinho: *De non loquendo de Scripturis Sanctis si quis non interrogat*. Como cap. LV indica-se o *De Taisi*, ou seja, outro fragmento de Pascásio. No cap. seguinte começa o anúncio da versão de Pelágio-João, terminando com as vidas de Santo Onofre (cap. LXXXIX) e de Abraão e sua sobrinha Maria (cap. XC).

2) ff. 3r-29v: texto de Pascásio segundo o subarquétipo  $\chi$  que já contém no final parte de Martinho, a partir do fl. 25r.

3) ff. 29v-33r: *Sententiae* de Martinho, contendo no meio (fl. 31v) o cap. C: 1, 2, 3, 4, de Pascásio.

4) ff. 33r-35r: sem qualquer divisão, seguem-se os apotegmas de Pelágio: XV,66; XVIII,3; XVI,13 e XVI,18.

5) ff. 35r-36r: Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4).

Para o resto do manuscrito poder-se-á consultar o Catálogo da Biblioteca Real da Bélgica.

O manuscrito 8372 de Bruxelas apresenta-nos o mais antigo exemplar do texto de Pascásio segundo o subarquétipo contaminado  $\chi$ .

O seu conteúdo pode caracterizar-se assim:

1 — reprodução completa do texto do subarquétipo  $\chi$ , apenas

(3) *Martini...*, pp. 20-21.

(4) *Index...*, p. 11.

com o acrescento, após o *App.* 6, do apotegma LXV,1, importado do subarquétipo  $\mu$ .

2 — Terminado o texto de  $\kappa$ , o copista passou a seguir o subarquétipo  $\mu$ , mas não exactamente pela sua ordem. Assim o conteúdo do subarquétipo  $\chi$  após Pascásio XCIX,2 (final de  $\kappa$ ) é:

*Martinho*: 6, 7, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 33, 22, 23, 25, 26, 39, 42<sup>a</sup>, 29, 46.

*Pascásio*: C,7.

A partir daqui o copista retoma algumas «sentenças» do final de  $\mu$ , que tinha saltado na primeira selecção, e utiliza também a narração do n. 200 do III Rosw. Este final é assim composto:

XCVI: 1, 4; III Rosw. 200; Mart. 106, 108; Pasc. XCVII, 1; Mart. 8, 9.

É depois deste contorcido final de Pascásio que vêm explicitamente anunciadas (fl. 29v) as «sentenças» de Martinho, isto é, o copista voltou a utilizar o subarquétipo  $\kappa$ . Recorde-se que os manuscritos do subarquétipo  $\mu$ , após Pascásio, têm um resumo de Martinho, porque omitiram o seu texto como tal anunciado. Agora o subarquétipo  $\chi$  serve-se do final de  $\mu$ , em que Martinho já figura largamente, e depois inclui o texto de Martinho explicitamente indicado, utilizando a versão breve do subarquétipo  $\kappa$ , o que não obsta a que venham a repetir-se aqui as seguintes «sentenças»: 23, 26, 29 e 33. Tudo isto prova bem a natureza contaminada do subarquétipo  $\chi$  e a inadvertência do seu organizador.

#### 143. ESTUGARDA, BIBLIOTECA ESTADUAL, *THEOL. FOL. 224*

O conteúdo deste manuscrito já foi bem estudado por K. Löfler (1) e por Johanna Autenrieth (2). C. M. Batlle (3) precisou que o texto de Pascásio dos ff. 1v-33v corresponde mais ou menos à edição de Rosweyus.

Trata-se de um códice do século XII, proveniente do mosteiro

(1) K. LÖFLER, *Die Handschriften des Klosters Zwiefalten*, Linz, 1931, p. 51.

(2) J. AUTENRIETH, *Die Handschriften der ehemaligen Hofbibliothek Stuttgart*, t. 3, 1963, pp. 358-362 (manuscrito consultado em Estugarda, em Abril de 1966).

(3) *Contribució...*, p. 71.

de Zwiefalten. A nós nada mais nos resta que verificar a natureza do seu texto e qual o seu conteúdo exacto.

1) fl. 1v: Prefácio de Pascásio.

2) ff. 1v-2v: índice dos capítulos de todo o manuscrito, dividido em 76 títulos. A parte de Pascásio vem no princípio, com a ordem descrita ao tratar do códice 8372 de Bruxelas (n. 142).

3) ff. 2v-33v: texto de Pascásio, segundo o subarquétipo contaminado  $\chi$ , com as seguintes *omissões*: XXXIV: 4, 5; XXXVI,4; XXXIX: 2, 4, 5, 9; XLI: 2, 5, 11; XLVI: 1, 7; XLIX,6; L,1; LI,3; LVI,1; LVIII: 2, 3; *App.* 6 (mas inclui LXV,1, típico deste subarquétipo). O final importado do subarquétipo  $\mu$  começa no fl. 27r e está completo.

4) ff. 33v-38r: texto de Martinho, contendo no meio (fl. 36r) Pascásio C: 1, 2, 3, 4.

5) ff. 38r-39r: logo a seguir a Martinho temos: Pelágio XV,66, XVI: 13 e 18 (com omissão de XVIII,3, que se encontra no ms. de Bruxelas).

6) ff. 39r-40v: Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4).

Seguem-se o texto de Pelágio-João e outros passos registados nos catálogos. Como se vê, o ms. de Estugarda, Theol. Fol. 224 é bastante fiel ao seu modelo. De notar, apenas a omissão de 19 apotegmas no texto atribuído a Pascásio.

144. MUNIQUE, BIBLIOTECA ESTADUAL DA BAVIERA,  
*LATINO* 18938

O Catálogo (1) diz-nos que este manuscrito do século XIV proveio do mosteiro de Tegernsee. Quanto ao conteúdo, assinala desde os ff. 146 a 192, excertos das *Vitae Patrum*, com algumas interpolações.

C. M. Batlle (2) determinou o texto de Pascásio contido nos ff. 146r-164r, considerando que ele «apresenta extractos muito numerosos dos capítulos II-XI com outros, ou omitidos na edição ou procedentes do texto extenso». Evidentemente que Batlle se refere aos capítulos da edição de Rosweydis. Veremos que o conteúdo é, na realidade, bastante mais extenso.

(1) *Cat. CLM*, t. II, pars III, Monachii, 1871, p. 223.

(2) *Contribució...*, p. 72.

O nosso exame do códice latino 18938 de Munique mostrou-nos que a paginação está grandemente alterada, de modo que se torna difícil seguir a continuação do texto. Vamos indicar a sequência da paginação e o seu conteúdo, colocando ao lado o número de ordem por que os fólhos devem ser lidos.

1) ff. 146r-163v: texto de Pascásio, seguindo uma ordem que adiante esclareceremos e contendo dentro de si as «sentenças» de Martinho (ff. 156r-157v).

3) ff. 164r-165v: final da história de Barlaão.

5) ff. 166r-166v: texto de Pelágio XVI,13, etc.

6) ff. 166v-167r: Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4).

4) ff. 167v-173r: texto de Pelágio: I,2, etc.

2) ff. 173v-175v: princípio da história de Barlaão.

7) ff. 176r-180v: Vida de Santo Onofre.

8) ff. 180v-187v: Abraão e sua sobrinha Maria.

9) ff. 187v-191r: Vida de Pelágia.

No fl. 191r começa a citação de vários autores (Séneca, S. Gregório, etc.), mas logo nos ff. 192v-195r se lêem fábulas de Esopo traduzidas para latim, para de novo nos ff. 195r-196v termos *apotegmas de Pelágio*. As fábulas (ff. 197r-200r) e as *auctoritates* (ff. 200r-209v) alternam-se novamente. A partir do fl. 210r a 224r temos de novo exemplos vários das *Vitae Patrum* que terminam com alguns textos que nos parecem tirados de uma tradução da *História Lausiaca* de Paládio.

Como é natural, mereceu-nos especial atenção o texto de Pascásio, que segue o subarquétipo  $\chi$  e se encontra muito desordenado. Note-se que a versão de Pascásio se encontra mutilada no princípio. Damos a seguir a numeração actual dos fólhos e o seu conteúdo, colocando ao lado o número de ordem por que a leitura deve ser feita.

1) ff. 146r-150v: Pascásio: XIV,1 *explicit* até XXXVI,1, *incipit*.

6) ff. 151r-157v: LXXIX,1 *explicit* até ao final desta versão de Pascásio, (fl. 155v), seguida do texto de Martinho (ff. 156r-157v), contendo do esperado cap. C de Pascásio apenas os nn. 1 e 4 (este na margem inferior), e concluindo com Plg. XV,66; XVIII,3 *incipit* (fl. 157v).

3) ff. 158r-158v: Pasc. L,2 *expl.* até LVI,2 *inc.*

2) ff. 159r-160v: Pasc. XXXVI,1 *expl.* até L,2, *inc.*

5) ff. 161r-162v: Pasc. LVI,3 *expl.* a LXXIX,1 *inc.*

4) ff. 163r-163v: Pasc. LVI,2 *expl.* a LVI,3 *inc.*



O texto de Pascásio está mutilado no princípio e começa só com o título do cap. XIV. À margem encontram-se resumos de apotegmas, mas numa grafia tão miúda e difícil que não conseguimos identificá-los. Além desta falha inicial, o códice 18938, em relação ao seu modelo, *omite ainda os seguintes números*: XIV,12; XVIII: 1, 3; XXI,1; XXII,3; XXIII: 1, 2; XXVIII,1; XXX: 2, 3, 4; XLIX,5; XXXIX,1<sup>a</sup>; XLI,5; XLII,3; XLV,3; XLVI,6; XLIX,6; LIII,1; LVI,1; LVIII: 1, 2; LXV,1; LXVIII,1; LXXI: 3, 4; LXXVII,1; LXXVIII,1; LXXXVI: 1, 2; LXXXVII,1 e o final de LXXXVIII,3; LXXXVIII,7; LXXXIX: 1, 2, 3, 4; XCIII,5; XCV: 2, 3; XCVI,2; XCIX,1<sup>b</sup>; Mart. 10, 11, 12, 14, 26, 39, 29, 46, III Rosw. 200; Mart. 106, 108, 8. Após esta versão de Pascásio e do seu final, segundo o subarquétipo  $\chi$ , embora bastante abreviada (faltam ao todo 53 apotegmas ou parte deles) lê-se ao terminar o fl. 155v: *Dicit canon: Deo teste sicut non inueni meliores hiis qui in claustris profecerunt, ita non inueni deteriores hiis qui in claustris defecerunt.* E conclui o fólio com um pensamento de Séneca: *Si uis uacare animo aut pauper sis oportet aut pauperi similis. Idem: Ille beatissimus est et securus sui possessor qui crastinum sine sollicitudine expectat.*

Na desordem dos fólhos procurámos o princípio de Pascásio, mas não conseguimos encontrá-lo. Cremos, apesar de tudo, ter contribuído para uma boa organização do conteúdo deste difícil códice lat. 18938 de Munique.

145. WOLFENBÜTEL, BIBLIOTECA DO DUQUE AUGUSTO,  
*Cod. Guelf. 32. 11. Aug. 2.º*

A única descrição que conhecemos deste manuscrito é a de O. Heinemann (1) que nos diz tratar-se de um códice do século xv, sem elementos que nos possam elucidar sobre a sua origem e história. Segundo o catalogador, os ff. 1r-89r contêm «Vitas Patrum libri III» e os ff. 101-140 dão-nos o texto de Pascásio. Note-se, porém, que no índice de nomes Pascásio Dumiense é confundido com Pascásio Radberto.

---

(1) OTTO HEINEMANN, *Die Handschriften der herzoglichen Bibliothek zu Wolfenbütel*, II Abt., Wolfenbütel, 1898, pp. 11-12.

Por informação do bibliotecário de Wolfenbütel, datada de 15 de Abril de 1966, ficámos a saber que entre os «libri III» dos primeiros fólhos não se encontra o texto do Livro III de Rosweydyus. E pelo exame de fotos do manuscrito verificamos que o texto de Pascásio começa no fl. 119r. Segundo a nossa análise de parte filmada do códice, o seu conteúdo é o seguinte:

- 1) ff. 119r-135r: texto de Pascásio segundo o subarquétipo  $\chi$  começando as interpolações de Martinho no fl. 132r.
- 2) ff. 135r-137v: «sentenças» de Martinho, contendo no meio (fl. 136v) o cap. C: 1, 2, 3, 4 de Pascásio.
- 3) ff. 137v-138v: o já conhecido apêndice de Pelágio: XV,66; XVIII,3; XVI: 13 e 18.
- 4) ff. 138v-139r: Vida de Táisis (= Pasc. LVII,4).
- 5) ff. 139r-153r: texto de Pelágio.
- 6) ff. 153r-158v: História de Barlaão.

Devemos reconhecer que o copista deste manuscrito (ou o seu modelo) usou de várias liberdades. O texto de Pascásio é nitidamente do subarquétipo  $\chi$ , mas aparece dividido em 60 capítulos. Note-se, porém, que por inadvertência o copista passou do cap. XL para L no número seguinte. Na realidade o texto de Pascásio, com as interpolações finais, fica, portanto, dividido em 51 capítulos.

Outra particularidade deste copista é escrever, por vezes, o número do capítulo, mas deixar em branco o título. Assim acontece em relação aos títulos dos capítulos que no nosso texto têm os números: LXII, LXIII, LXV, LXVIII, LXXVII, LXXXVI, LXXXVIII, XCIII,11 (divisão própria deste modelo); XCV, XCVI e XCVIII. Casos há em que o título do capítulo vem trocado. Assim, a preceder as «sentenças» do cap. XLV está o título repetido do cap. XLVI. Em LXIX em vez de: *Oratio uiri perfecti etiam mortuis prosit*, tem: *De poenis fidelium et infidelium et consolatione*. Do mesmo modo altera o *De contentionibus euitandis* do cap. LXXXVII para *Contra contentionem*. A mudança é maior ainda no cap. XC que de *De fugiendo honore clericatus* se torna em *Contra ordinationem*. O mesmo processo se usou com o cap. XCIII que de *De eremo et quare fugiant homines ad eremum uel in solitudinem* se transformou em *De solitudine*.

Até ao nosso cap. XCVIII,1 a divisão de capítulos é igual à dos seus pares. Aqui tem o códice o seu cap. LVI (mas na realidade, descontando o erro havido entre os números XL e L, cap. XLVII) tal como no manuscrito modelo de Bruxelas n. 8216-8218. A partir

deste ponto há uma divisão frequente de capítulos própria deste manuscrito: LVII (= 48) antes de Martinho 15; LVIII (= 49) antes de Pasc. XCVI,1; LIX (= 50) antes de Mart. 106; LX (= 51) antes de Pasc. XCVII,1; LXI a começar o texto atribuído a Martinho, o qual é também dividido com frequência, de modo que temos o cap. LXIV (= 55) antes de Pasc. C: 1, 2, 3, 4); cap. LXV (= 56) antes de Pelágio XV,66; cap. LXVI (= 57) antes de Plg. XVI,13; cap. LXVII (= 58) antes de Táisis e cap. LXVIII (= 59) a começar o texto de Pelágio que continua também a ser frequentemente dividido.

Anotemos, finalmente, que o ms. de Wolfenbütel omite os apotegmas LVIII,3 e LXXVI,4. Em tudo o mais conforma-se quanto à divisão e ao texto com os modelos do subarquétipo contaminado  $\chi$ .

### XXIII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO E INTERPOLADO $\psi$ A EDIÇÃO DE H. ROSWEYDVS

A forma manuscrita mais complexa que atingiu o texto de Pascásio é representada pelo subarquétipo  $\psi$ . Quem observar com atenção o seu conteúdo notará imediatamente a sua semelhança com o subarquétipo  $\chi$  e através deste com os seus modelos  $\kappa$  e  $\mu$ . A crítica textual revela, além disso, que  $\mu$  foi utilizado independentemente, como ponto de partida para a reelaboração. Do mesmo modo a presença de  $\sigma$  é absolutamente evidente.

Além destas variadas recensões de Pascásio, o responsável pelo subarquétipo  $\psi$  utilizou ainda outras fontes que especificaremos, interpolando apotegmas de Pelágio e de Martinho, duas narrações do *Paraíso* de Heráclides e ainda a versão de um apotegma para o qual não conhecemos outro texto latino (mas só o original grego, em *Nau* 236).

O manuscrito mais antigo e o único completo que conhecemos do subarquétipo  $\psi$  é o códice da Biblioteca da Universidade de Basileia B-III-23, que adiante descreveremos. A sua forma definitiva é representada pela edição de H. Rosweyodus, no Livro VII das *Vitae Patrum* (cf. PL LXXIII, coll. 1025-1059). De facto, o cap. XLIV de Rosweyodus (coll. 1060-1062) não pertence a Pascásio nem se encontra apenso ao subarquétipo  $\psi$ .

Pelo que acabamos de expor já se torna evidente que a versão de Pascásio que veio a ser publicada é a mais imperfeita de quantas conhecemos. Mesmo em relação ao subarquétipo já contaminado  $\chi$ , o subarquétipo  $\psi$  apresenta as seguintes alterações: omite 47 dos seus apotegmas entre os quais alguns do apêndice extraído de  $\mu$ ; desloca 10; acrescenta 3 tirados do subarquétipo  $\sigma$ , 5 de Pelágio, 3 de Martinho (além dos contidos no apêndice), 2 do *Paraíso* de Heráclides e um pequeno trecho (VII Rosw. XIX 5<sup>b</sup>) que é tradução do grego (cf. *Nau* 236). Além disso, o final tirado de  $\mu$ , que em  $\chi$  se apresenta sem divisão, aparece em  $\psi$  repartido entre os 8 capítulos do fim (não contando o espúrio cap. XLIV Rosw.).

Os apotegmas finais foram enquadrados sob seis novos títulos que são uma criação do elaborador de  $\psi$ . O leitor poderá tomar conhecimento deles consultando os capp. XXXVII-XLI e XLIII de

Rosweyodus. Entre os capítulos de  $\psi$  e Rosweyodus há apenas as seguintes variantes notáveis:

Antes do n. I,8 de Rosw. abre  $\psi$  um título — *De abbate Macario*, pelo que a numeração de  $\psi$  começa a levar um número de avanço sobre a de Rosweyodus, até ao fim; o cap. XVIII de  $\psi$  tem o título próprio dos apotegmas que o constituem — *De mandatis Domini in proximo: quod tibi non uis fieri alii ne feceris* (cf. nossa edição, Pasc. XLV), enquanto Rosweyodus omite este título e em seu lugar tem (sob o esperado n. XVII) o título correspondente aos apotegmas do capítulo seguinte — *De uoluntate proximi facienda* (nossa ed. XLVI). Este último título é, de facto, o que vem em  $\psi$  com o n. XIX. Certamente para corrigir o erro, Rosweyodus (ou o seu modelo) criou para o seu cap. XVIII o título — *De refutatione propriae uoluntatis*. Todos os demais títulos se correspondem aproximadamente em  $\psi$  e Rosweyodus.

Porque a edição de Rosweyodus é a última forma dada ao texto de Pascásio e a mais acessível, através da sua reedição na *Patrologia Latina*, vol. LXXIII, coll. 1025-1062, vamos deixar aqui a equivalência entre os seus capítulos e o texto de Pascásio por nós publicado, com indicação dos passos interpolados em coluna à parte. Resta apenas ter em conta que os textos de Pascásio tirados da recensão do Livro III (nn. 113, 153 e 186) são variantes dos números autênticos XXXIII,5; XLVII,1 (este muito reelaborado) e LXXXVIII,2.

Eis o quadro das equivalências:

VII ROSWEYDVS	PASCHASIVS (nostra editio)	CETERI
I,1 <sup>a</sup>	I,1	
I,1 <sup>b</sup>	I,2	
I,2	II,3	
I,3	II,4	
I,4	III,1	
I,5	VIII,1	
I,6	IX,1	
I,7	IX,2	
I,8	X,4	
I,9	XI,2	
I,10	XI:3,4	
II,1	XIV,1	
II,2	XIV:10, 11	
II,3	XIV,12	
II,4	XIV,13	

## VII ROSWEYDVS

III,1  
 III,2  
 IV,1  
 IV,2  
 V,1  
 V,2  
 V,3  
 VI,1  
 VI,2  
 VII,1  
 VII,2  
 VII,3  
 VII,4  
 VII,5  
 VIII,1  
 VIII,2  
 IX,1  
 IX,2  
 IX,3  
 X,1  
 X,2  
 XI,1  
 XI,2  
 XI,3  
 XI,4  
 XI,5  
 XI,6  
 XII,1  
 XII,2  
 XII,3  
 XII,4  
 XII,5  
 XII,6  
 XII,7  
 XII,8  
 XIII,1  
 XIII,2  
 XIII,3  
 XIII,4  
 XIII,5a-b  
 XIII,6  
 XIII,7  
 XIII,8

PASCHASIVS  
(nostra editio)

XV,1  
 XV,2  
 XVI,1  
 XVI,2  
 XVIII,1  
 XVIII,2  
 XVIII,3  
 XX,1  
 XXI,1  
 XXI,2  
 XXI,3  
 XXII,1  
 XXII,2  
 XXII,3  
 XXIII,1  
 XXIII,2  
 XXIV,3  
 XXIV,4  
 XXIV,5  
 XXVIII,1  
 XXVIII,2  
 XXXI,1  
 XXXI,3  
 XXXI,4  
 XXXI,5  
 XXXI,6  
 XXXV,6  
 XXXIII,1  
 XXXIII,2  
 XXXV,2  
 XXXIII,3  
 XXXIII,8  
 XXXIII,11  
 XXXIII,12  
 XXXIII,15  
 XXXIII,4  
 XXXIII,5  
 XXXIII,7  
 —  
 XXXIV,3b-c  
 XXXVI,1  
 XXXVI,3  
 XXXIV,1

## CETERI

Plg. XV,55

VII ROSWEYDVS

XIII,9  
 XIII,10  
 XIII,11  
 XIII,12  
 XIV,1  
 XIV,2  
 XV,1  
 XV,2  
 XV,3  
 XV,4  
 XV,5  
 XVI,1  
 XVI,2  
 XVI,3  
 XVI,4  
 XVII,1  
 XVII,2  
 XVII,3  
 XVIII,1  
 XVIII,2  
 XIX,1  
 XIX,2  
 XIX,3  
  
 XIX,4  
  
 XIX,5<sup>a</sup>  
  
 XIX,5<sup>b</sup>  
 XIX,6  
 XX,1  
 XX,2  
 XXI,1  
 XXI,2  
 XXI,3  
 XXI,4  
 XXII,1  
 XXII,2  
 XXIII,1  
 XXIII,2  
 XXIV,1  
 XXIV,2  
 XXV,1

PASCHASIVS  
 (nostra editio)

XXXIV,2  
 XXXIV,3<sup>a</sup>  
 XXXIV,6  
 XXXIV,7  
 XLIX,5  
 XXXV,3  
 XXXIX,1  
 XXXIX,3  
 XXXIX,6  
 XXXIX,7  
 XXXIX,8  
 XL,1  
 —  
 XLI,4  
 XLI,12  
 XLV,1  
 XLV,2  
 XLV,3  
 XLVI,4  
 XLVI,6  
 L,2  
 L,3  
 —  
 —  
 —  
 —  
 —  
 LI,1  
 LI,2  
 LIII,1  
 LIII,2  
 —  
 —  
 LV,1  
 —  
 LVI,2  
 LVI,3  
 LVII,1  
 LVII,2  
 LXXI,1

CETERI

Plg. I,21

{ Heracl. Parad. IX  
 { (coll. 280-283)  
 { Heracl. Parad. IX  
 { (coll. 283-284)  
 { Heracl. Parad.  
 { finis IX (col. 284)

cf. Nau 236  
 Plg. X,90

Plg. I,20  
 Plg. III,22

Mart. 59

VII ROSWEYDVS	PASCHASIVS (nostra editio)	CETERI
XXV,2	LXXI,2	
XXV,3	LXXI,3	
XXV,4	LXXI,4	
XXVI,1	LXXVI,1	
XXVI,2	LXXVI,2	
XXVI,3	LXXVI,3	
XXVI,4	LXXVI,4	
XXVII,1	LXXVII,1	
XXVII,2	—	Mart. 102
XXVIII,1	LXXVIII,1	
XXVIII,2	LXXVIII,2	
XXVIII,3	LXXVIII,3	
XXVIII,4	LXXIX,1	
XXIX,1	LXXXI,1	
XXX,1	LXXXVI,1	
XXX,2	LXXXVI,2	
XXXI,1 <sup>a-b</sup>	LXXVII,1	
XXXI,1 <sup>c</sup>	LXXXVIII,3 <sup>b</sup>	
XXXII,1	LXXXVIII,6	
XXXII,2	LXXXVIII,7	
XXXII,3	LXXXVIII,2	
XXXII,4	—	Mart. 72
XXXII,5	LXXXIX,1	
XXXII,6	LXXXIX,2	
XXXII,7	LXXXIX,3	
XXXIII,1	XC,1	
XXXIII,2	XC,2	
XXXIII,3	XC,3	
XXXIV,1	XCIII,4	
XXXIV,2	XCIII,5	
XXXIV,3	XCIII,10	
XXXV,1	XCV,1	
XXXV,2	XCV,2	
XXXVI,1	XCVIII,1	
XXXVI,2	XCIX,1 <sup>b-c</sup>	
XXXVI,3	XCIX,2	
XXXVI,4	—	Mart. 7
XXXVII,1	—	Mart. 11
XXXVII,2	—	Mart. 12
XXXVII,3	—	Mart. 14
XXXVII,4	—	Mart: 15, 16
XXXVIII,1	—	Mart. 33
XXXVIII,2	—	Mart. 23



VII ROSWEYDVS	PASCHASIVS (nostra editio)	CETERI
XXXIX,1	—	Mart. 26
XXXIX,2	—	Mart. 39
XXXIX,3	—	Mart. 42 <sup>a</sup>
XL,1	—	Mart. 29
XLI,1	—	Mart. 46
XLI,2	C,7	
XLII,1	XCVI,1	
XLII,2	—	Mart. 10
XLII,3	XCVI,3	
XLII,4	XCVI,4	
XLIII,1	—	Mart. 106
XLIII,2	—	Mart. 108
XLIV,1-12	—	Meditationes XII anachoretarum

Excluindo os 12 números do cap. XLIV, a edição de Rosweyodus, que tem os mesmos apotegmas e pela mesma ordem que o subarquétipo  $\psi$ , conta 150 «sentenças», 25 das quais não são de Pascásio mas pertencem aos autores atrás indicados.

Desde o subarquétipo  $\tau$  não mais temos emitido qualquer juízo sobre a data e local de origem dos diferentes modelos. A avaliar pela proveniência dos manuscritos, seremos levado a pensar que as últimas elaborações do texto de Pascásio se deram no sul da *Germania*. Os dois representantes do último subarquétipo, guardados em Basileia, apontam ainda na mesma direcção.

Quanto à data, os mais antigos exemplares destes últimos grupos são do século XII. Antes dessa data foi refeito o modelo *v*. Do subarquétipo  $\psi$  o manuscrito mais antigo é ainda do século XIII. Isto indica-nos que a tradução de Pascásio, tendo partido da *Hispania* na segunda metade do século VI, veio a ter a sua maior vitalidade, em formas degradadas, pelo menos a partir do século XI, no outro extremo da Europa Ocidental.

## 146. BASILEIA, BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

## B. III. 23

O Catálogo de Basileia (1) está feito segundo as melhores regras da paleografia e pode dizer-se perfeito na análise dos trechos referentes aos *apophthegmata Patrum* contidos no códice B. III. 23, que diz ser um pergamináceo em escrita gótica primitiva, da segunda metade do século XIII, proveniente do convento dos dominicanos de Basileia, embora possivelmente tivesse sido copiado em França.

Para o nosso trabalho importa apenas registar os seguintes trechos, devidamente identificados:

- 1) Vida de Táisis, ff. 29(27)rb- 30(28)ra.
- 2) Livro VII das *Vitae Patrum*, capp. I-XLIII, ff. 30(28)ra-43(41)vb
- 3) *Sententiae* de Martinho, ff. 43(41)vb- 45(43)ra.

Após o cap. IV de João (ff. 45(43)ra- 47(45)rb), vêm as *Meditationes XII anachoretarum* (ff. 47(45)rb- 48(46)rb). Seguem-se as *Sententiae Patrum* (ff. 48(46)rb-vb) publicadas por Wilmart (2) e uma longa selecção de Pelágio-João (ff. 48(46)v- 123(121)r).

C. M. Batlle (3) notou com felicidade que neste manuscrito «falta precisamente o suposto cap. XLIV da edição» de Rosweyodus, que Dom Columba sabe não pertencer ao texto de Pascásio (4).

Quanto ao texto de Pascásio (ff. 30 (28)r-43 (41)v) diremos que ele representa o mais antigo exemplar que conhecemos, e o único manuscrito completo do subarquétipo  $\psi$ . O seu começo é exclusivo: *Incipit prologus Paschasii ad exhortationes sanctorum Patrum tam Graecorum quam Aegyptiorum*. Em relação à edição de Rosweyodus apenas notámos as escassas diferenças que deixámos apontadas acima, no primeiro parágrafo da p. 275. O apêndice de Martinho começa no fl. 41(39)v.

Note-se que cada fólio tem uma dupla numeração: o número mais alto é recente, enquanto a numeração primitiva segue com dois

(1) GUSTAV MEYER und MAX BURCKHARDT, *Die mittelalterlichen Handschriften der Universitätsbibliothek Basel*, Abteilung B, Erster Band, Basel, 1960, pp. 276-288.

(2) A. WILMART, *Le recueil latin des apophthegmes*, in *Revue Bénédictine*, XXXIV (1922) pp. 196-198.

(3) *Contribució...*, p. 71.

(4) Cf. *Contribució...*, pp. 57 e 63.

fólios de atraso. Por engano, o fl. 37 está marcado com 37 (34), saltando-se na numeração antiga o número 35, pois estão bem numerados os ff. 36 (34) e 38 (36).

Atendendo à perfeição do Catálogo não pedimos filme para além do fl. 43(41)v. Dado que o subarquétipo  $\psi$  deriva de  $\chi$ , é muito natural que entre as sentenças de Martinho (ff. 43 (41)v- 45(43)r) se encontre também o capítulo C: 1, 2, 3, 4 de Pascásio.

147. (Cf. H, f, II, Apênd. b) — BASILEIA, BIBLIOTECA  
DA UNIVERSIDADE B. V. 2

O Catálogo (1) é muito minucioso e preciso na identificação dos elementos do ms. B. V. 2. Trata-se de um grosso volume de 371 folhas em pergaminho, escrito em letra gótica do final do século XIV, proveniente da Cartuxa de Basileia.

Ao nosso estudo interessam:

1) ff. 122v-154v em que se encontram passos da primeira parte do Livro III de Rosweydyus (cf. p. 232).

2) ff. 252r-254r onde se lêem as *Meditationes XII anachoretarum* que constituem o cap. XLIV do Livro VII de Rosweydyus, mas também aqui estão separadas do texto de Pascásio;

3) ff. 255vb-264vb nos quais temos, segundo o Catálogo: «Vitae Patrum: e libro VII capitula selecta». Os Autores passam em seguida a identificar todos os apotegmas, relacionando-os com a edição de Rosweydyus.

4) ff. 264v-266r: «Sentenças» de Martinho.

C. M. Batlle (2) resume muito bem o conteúdo deste manuscrito, segundo as indicações do Catálogo, dizendo que «conserva extractos muito numerosos dos capítulos I-XLIII, precedidos do prólogo», e observando que «também aqui falta o suposto cap. XLIV da edição» e que «faltam (...) totalmente os capp. III, XIV, XIX, XXIII, XXIX, XXXIII, XXXIV e XXXVI».

Dada a perfeição da identificação do Catálogo, parece que poderíamos dispensar-nos de arquivar o conteúdo do ms. B. V. 2 da Biblio-

(1) G. MEYER und M. BUCKHARDT, *Die mittelalterlichen Handschriften der Universitätsbibliothek Basel*, Abteilung B, I Band, Basel, 1960, pp. 417-433.

(2) *Contribució...*, p. 71.

teca da Universidade de Basileia. Atendendo, porém, a que a numeração do autêntico Pascásio é bem diferente da edição de Rosweyodus, vamos deixar aqui, em série, os números que o manuscrito contém segundo a nossa edição de Pascásio e o texto de Martinho que anda apenso no subarquétipo  $\psi$ .

1) ff. 255vb-256ra: *Incipit prologus...* como em B. III. 23 (n. 146) e prefácio.

2) ff. 256rb-262va, os seguintes extractos de Pascásio, segundo o subarquétipo  $\psi$  (apenas com duas interpolações de Martinho): I: 1, 2; II,3; III,1; VIII,1; IX: 1, 2; XI: 2, 3; XIV: 1, 10, 12, 13; XVI: 1, 2; XVIII: 1, 2, 3; XX,1; XXII: 2, 3; XXIII: 1, 2; XXIV,5; XXVIII: 1, 2; XXXI: 3, 4, 5, 6; XXXV,6; XXXIII: 1, 2, 11; XXXVI,3; XXXIX: 3, 6, 7, 8; XL,1; XLI,12; XLV: 1, 2, 3; XLVI: 4, 6; LI,1; LIII,1; LV,1; *Mart.* 59; *Pasc.* LVII,2; LXXI,4; LXXVI: 2, 3, 4; LXXVII,1; *Mart.* 102; *Pasc.* LXXVIII: 1, 2, 3; LXXXVI,1; LXXXIX (mas com o título de LXXXVIII): 1, 2, 3; XCV: 1, 2;

3) ff. 262va-264vb: extractos do final interpolado, quase só preenchido com a selecção de Martinho: 11, 12, 14, 15, 16, 33, 23, 26, 39, 29, 46; *Pasc.* XCVI,1; *Mart.* 10, 106, 108.

Dos 150 apotegmas do subarquétipo  $\psi$ , o copista de B. V. 2 apenas transcreveu 80. Mas o texto e o título dos capítulos, assim como as interpolações de Martinho, provam bem que se trata de um resumo do subarquétipo  $\psi$ .

Não obtivemos filme do texto atribuído a Martinho (ff. 264vb-266ra), pelo que não podemos testemunhar se se trata também de uma selecção e se no meio se encontra algum dos esperados apotegmas do cap. C de Pascásio.

## D) MANUSCRITOS INDEVIDAMENTE CITADOS COMO CONTENDO TEXTOS DE PASCÁSIO

Dom Columba Maria Batlle observou já (1), baseado na análise do Catálogo de J. van den Gheyn, que o Prof. M. C. Díaz y Díaz (2) incluiu entre os manuscritos que contêm o texto de Pascásio três códices da Biblioteca Real da Bélgica nos quais, na realidade, nada se encontra do tradutor de Dume. Tivemos oportunidade de manusear esses manuscritos. Aqui deixamos o resultado do nosso exame.

### a) BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL DA BÉLGICA 1225 (1809)

Trata-se de um manuscrito do séc. XIV, proveniente de S. Martinho de Lovaina. Os ff. 1r-87r contêm o texto de Pelágio-João. No fl. 82r anuncia-se: *Incipiunt septem capitula uerborum quae misit abbas Moyses ad abbatem Poemenem*. O texto que se segue até ao fl. 87r é o do cap. IV de João, o qual, não obstante a semelhança do título, é bastante diferente de Pascásio, cap. CI. No resto do manuscrito nada encontramos da obra de Pascásio.

### b) BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL DA BÉLGICA 1226 (8733-35)

Manuscrito do séc. XV, originário do convento de «S. Maria in Galileia (...) in Flandria iuxta Aldenardum». Após a versão de Pelágio-João (ff. 3r-111r) vêm (ff. 111r-112v) as *Sentenças de Moisés a Poemen*, segundo o texto de João IV,1-7. O copista escreveu em seguida um *explicit*, mas a realidade é que retomou o texto de João IV,8 e seguintes até ao fl. 117. Após o *explicit* real, à margem lê-se: *Tunc*

---

(1) *Contribució...*, p. 68.

(2) *Index...*, p. 11.

*sequitur alius liber Vitas Patrum.* Na realidade, não há mais apotegmas no códice, onde nada de Pascásio pudemos descortinar até ao fim (fl. 121v).

c) BRUXELAS, BIBLIOTECA REAL DA BÉLGICA 1227 (9373)

É outro códice do séc. xv com o texto de Pelágio-João nos ff. 1-82. As *sentenças de Moisés a Poenem* começam no fl. 78rb, mas são também segundo a versão de João IV,1-7, nada tendo que ver com o cap. CI de Pascásio.

d) ESCURIAL, BIBLIOTECA DO MOSTEIRO

T. I. 12

Díaz y Díaz (1) entre os manuscritos com texto de Pascásio cita também o ms. T. I. 12 do Escorial, escrito no século xiv, proveniente da biblioteca do conde-duque de Olivares. A isso deve ter sido levado pelo Catálogo de Guilherme Antolín (2).

Aí se diz, de facto, que no fl. 90 começam as *Duodecim spirituales meditationes*, editadas por Rosweydyus no cap. 44 do Livro VII das *Vitae Patrum*, isto é, da tradução de Pascásio. E para o fl. 92 dá-se como tradutor da «sentença»: *Frater quidam interrogavit senem dicens: Nomen est quod saluat aut opus?...* explicitamente Pascásio, diácono, no Livro VII das *Vitae Patrum*. Na realidade, trata-se de João III, 13.

Dom Columba M. Batlle (3) denunciou já o erro do catalogador. Nós examinámos também este manuscrito, *in loco*, e podemos distribuir assim os passos em questão:

1) ff. 90rb-91vb — *Meditationes duodecim anachoretarum*, publicadas como cap. 44 do Livro VII. Porém, já vimos, no tomo I (pp. 28-30) e quando encontrámos este texto no decurso do ms. 1172 de Grenoble (n. 13), que ele não pertence à tradução de Pascásio e que já em 1922 A. Wilmart provou que se trata de um fragmento que aparece frequentemente depois do cap. IV da tradução de João.

(1) *Index...*, p. 11.

(2) G. ANTOLÍN, *Catálogo de los códices latinos de la Real Biblioteca del Escorial*. vol. IV, Madrid, 1916, pp. 103-111.

(3) *Contribució...*, p. 68

2) ff. 91vb-92rb: um conjunto de *Sententiae Patrum* editadas por A. Wilmart (4).

3) ff. 92rb-93rb: João III: 13, 14, 15.

Segue-se a *Vita Sancti Alexii confessoris*. É incompreensível como o douto catalogador do Escorial confundiu João (Livro VI) com Pascásio (Livro VII).

Embora tenhamos que rejeitar as atribuições até aqui feitas a Pascásio do conteúdo do códice do Escorial T. I. 12, há, no entanto, um fragmento que lhe pertence. Com efeito, nos ff. 101ra-101vb encontra-se a *Vita seu poenitentia Taisis*, numa versão que, como sabemos, equivale a Pascásio LVII,4.

e) PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
FUNDO LATINO 17568

Na III Semana de Estudos Monásticos, realizada em El Paular (Madrid) em Setembro de 1960, proferiu Dom Columba Maria Batlle uma conferência sobre «A dupla recensão de *Verba Seniorum* de Pascásio de Dume», na qual acrescentou 20 manuscritos com o texto de Pascásio, além dos citados por M. C. Díaz y Díaz. Entre eles incluiu também o códice latino da Biblioteca Nacional de Paris n. 17568, ff. 114-123v do século XII, diz, onde «segundo o título deve tratar-se de uma selecção dos *Verba Seniorum*» (1).

De facto, o Catálogo (2) reproduz, para o fl. 114, quase literalmente o *incipit* que neste passo se encontra no manuscrito: *Excerpta de libro Paschasii diaconi de Vita Patrum*.

Examinámos cuidadosamente os ff. 114rb-123va e verificámos que se trata de uma confusão do copista, o qual atribui a um Pascásio, que escreveu uma carta a Eugípio, a tradução do *Heraclidis Paradisus*. Deste livro são, com efeito, os extractos em questão, assim transcri-

(4) A. WILMART, *Revue Bénédictine*, XXXIV (1922), pp. 196-198.

(1) Devemos à amabilidade de D. Columba termos podido utilizar o original desta conferência. Boa parte dos seus materiais foi utilizada no artigo «Contribució a l'estudi de Pascasi de Dumi i la seva versió de *Verba Seniorum*» publicado na revista *Estudis Romànics* VIII (1961), pp. 57-75. Mandà a veredade dizer que neste artigo não encontramos qualquer referència ao *parisinus lat.* 17 568.

(2) *Inventaire...*, nn. 8823-18613, Paris, 1863-1871; fundo de Notre-Dame, p. 54.

tos: capp. 24, 35, 36, 33, 42 (até ao meio), 48, 51, 53, 56 (a partir do meio), 11, 16, 17 e 18. Estas páginas ficam, pois, bem identificadas e nada têm de comum com a obra de Pascásio de Dume (1).

f) ESCURIAL, BIBLIOTECA DO MOSTEIRO a-II-9

Guilherme Antolín (2) fez duas descrições minuciosas deste códice do século x. Nos ff. 72r-93r encontra-se o prólogo e uma biografia de Santa Hélia. No primeiro estudo, o académico agostinho apresentou, como conjectura, que a *Vita Sanctae Heliae* poderia ser um original latino atribuível a Pascásio de Dume.

A sua hipótese não teve o apoio de Díaz y Díaz (3) nem de Dom Columba (4). Por nossa parte, examinando a *Vita Heliae* e o seu prefácio e comparando com o prólogo de Pascásio a S. Martinho, também não encontramos semelhanças de estilo que nos convençam. Este manuscrito não deve, pois, ser contado entre os que têm uma obra seguramente de Pascásio.

g) PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
NOVAS AQUISIÇÕES LATINAS 2178

Este códice do século xi, em letra visigótica, proveio da abadia de Silos (5). Nos ff. 219v-240v tem a *Vita Sanctae Heliae* com texto igual ao ms. do Escorial a.II.9 acabado de mencionar. Os autores acima indicados referem-se ao mesmo tempo ao actual códice de Paris n. a. lat. 2178, rejeitando igualmente que Pascásio seja o autor da Vida de Santa Hélia por ele transmitida.

---

(1) Há vários outros manuscritos que atribuem, erradamente, a tradução do *Heraclidis Paradisus* a um diácono romano, Pascásio. Como é evidente, este Pascásio de Roma não pode confundir-se com Pascásio de Dume. Cf. C. M. BATLLE, *Contribució...*, pp. 59-61.

(2) *Boletín de la Real Academia de la Historia*, LIV (1909), pp. 55-67 e 117-122 e *Cat. de los cod. lat. de la Real Bibl. del Escorial*, I, Madrid, 1910, pp. 42-45.

(3) *Index...*, p. 12.

(4) *Contribució...*, p. 63.

(5) Cf. L. DELISLE, *Bibliothèque Nationale. Manuscrits latins et français aux fonds des nouvelles acquisitions pendant les années 1875-1891*, Paris, 1891, p. 660; e L. DELISLE, *Mélanges de paléographie et de bibliographie*, Paris, 1880, pp. 81-85.



h) PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL,  
*FUNDO LATINO 13776*

Supôs Dom Columba Maria Batlle (1) que também neste manuscrito do século XIII (2) se poderiam encontrar, nos ff. 37r-80v, alguns extractos de Pascásio. Do exame atento que fizemos destes fólhos concluímos que o seu conteúdo é exclusivamente constituído por Pelágio I,1 a VII,16 (este último apotegma fica apenas no começo). De Pascásio não há qualquer rasto.

---

(1) *Contribució...*, p. 69.

(2) *Inventaire...*, nn. 8823-18613, Paris, 1863-1871, p. 114.

## J) MANUSCRITOS PERDIDOS QUE CONTINHAM O TEXTO DE PASCÁSIO

### a) CHARTRES, BIBLIOTECA MUNICIPAL 192

Segundo o Catálogo (1) o ms. 192 (168) de Chartres, originário do Cabido da Catedral, obra do séc. XII, tinha no fl. 158v: *Incipit prologus in uita et collationibus sanctorum Patrum. Domino beatissimo Martino Paschasius salutem. Vitas...* Este *incipit* é típico dos manuscritos do subarquétipo *v*, alguns dos quais são da região de Paris. Segundo informação do «Institut de Recherche et d'Histoire des Textes» de Paris, o ms. 192 de Chartres foi destruído em 1944, em consequência da guerra.

### b) LILLE, BIBLIOTECA MUNICIPAL (sem número)

O Catálogo (2) de Lille descreve por duas vezes um manuscrito que teria sido copiado por volta do ano 1200 e que pertenceu ao mosteiro cisterciense de Loos. Ambas as descrições são unânimes em que esse manuscrito, que num catálogo feito em 1642 aparece em XXXIV lugar, continha três livros de vidas e actos dos santos Padres, dos quais os dois primeiros eram atribuídos a Postumiano e o terceiro a João Cassiano. Com toda a probabilidade, tais livros correspondiam, respectivamente, aos Livros II, III e IV da edição de Rosweyds. Dado que o Livro III de Rosweyds inclui uma recensão de Pascásio, aproveitámos uma passagem por Lille, em 1966, para pedir o manuscrito em causa. Foi-nos respondido que tal manuscrito se perdeu.

---

(1) *Cat. gén. mss. Bibl. Publ. France*, Tome XI, Paris, 1890, p. 99.

(2) M. LE GLAY, *Catalogue descriptif des manuscrits de la Bibliothèque de Lille*, 1848, pp. 341-344 e 379-380.

c) NONÂNTOLA, BIBLIOTECA DA ABADIA  
D. 124

J. Ruyschaert (1) diz que o ms. D. 124 de Nonântola continha umas *Vitae Patrum* de Rufino de Aquileia. G. Gullotta (2) ao apreciar o mesmo manuscrito diz que o *incipit* é o da *Historia Monachorum*, mas que o *explicit* não corresponde a este texto, isto é, ao Livro II de Rosweyodus. A ser exacta a sua suposição de que o conteúdo poderia estar aumentado, seria de admitir que, tal como no ms. 1400 da Biblioteca Municipal de Reims (cf. n. 99) se lhe seguisse o Livro III com o texto de Pascásio. Ao nosso pedido de microfilme dessa parte do manuscrito foi respondido, em 1966, pelo bibliotecário da abadia de Nonântola (Módona) que o ms. D. 124 já não existe e se deve ter perdido ao longo dos séculos.

d) TURIM, BIBLIOTECA NACIONAL,  
K. IV. 12

Baseando-se no testemunho de A. Poncelet, afirma Dom Columba M. Batlle que este manuscrito do séc. XIII, de Turim, contém nos ff. 212v-251v, depois do prólogo de Pascásio, extractos baralhados, muitos dos quais de Pelágio-João (3). Tendo pedido microfilme desta parte do códice, o director da Biblioteca Nacional Universitária de Turim informou-nos, em 1966, que «o ms. K. IV. 12 ficou gravemente danificado no incêndio que em 1904 destruiu parte da colecção de mss. da Biblioteca Nacional e por isso não pode ser fotografado».

---

(1) J. RUYSSCHAERT, *Les manuscrits de l'abbaye de Nonantola*, Vaticano, 1955, pp. 47.

(2) GIUSEPPE GULLOTTA, *Gli antichi cataloghi e i codici della abbazia di Nonantola*, Vaticano, 1955.

(3) *Contribució...*, p. 71.

## K) OUTROS MANUSCRITOS DE PASCÁSIO JÁ ANTERIORMENTE DADOS COMO PERDIDOS

Além dos manuscritos acabados de mencionar e que nós ainda procurámos, há muitos outros que os próprios catálogos já dão como desaparecidos. Está neste caso o manuscrito que pertenceu ao mosteiro de Sião (Isleworth, perto de Londres) que, segundo a descrição de Mary Bateson (1), continha *Vitae et collationes sanctorum Patrum quas de graeco in latinum transtulit Paschasius ad Martinum episcopum*. Este título assemelha-se ao de Cambridge, Sidney Sussex College 47, que pertence ao subarquétipo  $\mu$ . Tratava-se, portanto, de mais um exemplar da versão mais divulgada na Inglaterra.

Desejaríamos sobretudo poder examinar cinco exemplares sob o título de *Geronticon* de que há notícia existiram em Espanha. Tanto na Espanha como no resto da Europa os catálogos de livros perdidos falam-nos muitas vezes de *Paschasius* e mais frequentemente ainda de *Vitas Patrum*. Porque não vemos interesse em estar agora a fazer o espólio destas reminiscências, deixamos aqui apenas a bibliografia essencial, onde se podem colher alguns elementos:

1 — Rudolf Beer, *Handschriftenschätze Spaniens*, Wien, 1894.

2 — J. Pérez de Urbel e A. González y Ruiz-Zorilla, *Liber Comicus*, 2 voll., Madrid, 1950.

Estes dois livros recolhem muitos elementos dos investigadores que os precederam, como a monumental obra de Jaime Villanueva, *Viaje literario a las iglesias de España*, em 22 voll. de meados do séc. XIX; José Villa-Amil y Castro, *Los códices de los iglesias de Galicia en la Edad Media*, Madrid, 1874, etc.

3 — Th. Gottlieb, *Ueber mittelalterliche Bibliotheken*, Leipzig, 1890.

4 — Gustaus Becker, *Catalogi bibliothecarum antiqui*, Bonnae, 1885.

5 — *Mittelalterliche Bibliothekskatalogus Oesterreichs*, 3 voll., por diversos autores (I vol. Wien, 1915).

6 — Bernardus de Montfaucon, *Diarium Italicum*, Parisiis, 1702.

---

(1) M. BATESON, *Catalogus of the library of Sion monastery, Isleworth*. O manuscrito deste catálogo encontra-se agora em Cambridge, na biblioteca do Corpus Christi College, onde tem o n. 141 (cf. M. RHODES JAMES, *A descriptive cat. of the mss. in the lib. of C.C.C.*, Cambridge, II, 1910, pp. 326-327).

## L) NOTA FINAL SOBRE MANUSCRITOS

C. W. Barlow dizia em 1950 que conhecia 27 manuscritos de Pascásio, 8 dos quais apenas com pequenos fragmentos. No entanto, apenas cita 7 desses manuscritos na sua obra (1).

M. C. Díaz y Díaz (2) em 1959 apresentou uma lista de 23 manuscritos, mas, como já vimos (cf. pp. 283-284) 4 deles não contêm o texto de Pascásio.

C. M. Batlle (3) acrescentou em 1961 mais 33, porém, dentre eles, os de Chartres e Turim devem dar-se como perdidos ou inutilizados (cf. J, a, d, pp. 288-289), o de Paris, Bibl. Nac. lat. 13776 não contém nada de Pascásio (cf. I, h, p. 287) e o da Biblioteca de Munique, lat. 12640 não apresenta Pascásio segundo a recensão breve (mas segundo a recensão do Livro III de Rosweydyus (cf. n. 86, pp. 210-211) que Batlle não tomou em consideração). Aos 29 restantes há a acrescentar os de Paris, Bibl. Nac. lat. 17624 e 17632 e o de Berlim, Hamilt. 683 de que tivemos conhecimento por amável comunicação epistolar de Dom Columba (cartas de 28-IX-1965 e 15-IX-1968).

Juntando aos 19 de Díaz y Díaz os 32 manuscritos indicados por Batlle, ficámos assim já com uma boa base de 51 manuscritos certamente de Pascásio. Entretanto, as nossas consultas às colecções de catálogos, sobretudo da Biblioteca Nacional de Paris e da Universidade de Lovaina, elevaram para 147 o número de manuscritos que no todo ou em parte contêm textos de Pascásio, estando incluídos neste número os fragmentos de recensões diferentes, ainda quando ocorrem num mesmo manuscrito. Notemos que, para as investigações sobre o Livro III de Rosweydyus partimos do nada... Por necessidade, tivemos que referir-nos ainda a uma vintena de manuscritos que não contêm texto de Pascásio. Mas quantos outros percorremos ou pessoalmente ou através de microfimes quando os catálogos anunciavam *Vitae Patrum!*

Apesar de todo este trabalho de busca de manuscritos, temos como certo que há muitos outros que transcrevem textos de Pascásio.

---

(1) *Martini...*, pp. 23 e 17-22 respectivamente.

(2) *Index...*, pp. 11-12.

(3) *Contribució...*, pp. 69-72.

Não há bibliotecas com colecções completas de catálogos. Além disso, há catálogos valiosos que se tornam de muito difícil consulta, porque não dispõem de um índice remissivo. Iguamente insuficientes se tornam os índices se, além dos autores, não contiverem uma indicação das matérias, pois assim ficam excluídas as obras anónimas (caso do Livro III de Rosweyodus) e os fragmentos dispersos. Mesmo os que têm índice de matérias ficam-se por vezes em expressões vagas, como por exemplo *Vitae Patrum* (caso de Viena e Munique). Nestas circunstâncias, procurámos identificar pessoalmente o conteúdo real nos manuscritos das Bibliotecas Nacionais de Paris, Bruxelas e Munique, demorando-nos para isso nestas cidades. Quanto trabalho com resultado negativo! Finalmente, lembremos que muitas bibliotecas não dispõem de catálogos de manuscritos ou pelo menos não os publicaram. De parte ficaram também os catálogos em línguas eslavas e semíticas.

Concluindo: — após trabalho penoso de busca de manuscritos, domina-nos forçosamente o sentimento da insatisfação, motivado pela certeza de que muito do que nos interessava continua sepultado nas bibliotecas. Alenta-nos apenas a esperança de que o número considerável de manuscritos analisados deve ser suficiente para dar uma ideia da expansão da obra de Pascásio e das principais vicissitudes por que passou o texto da sua tradução.

## II PARTE

### A GENEALOGIA DOS CÓDICES

#### A) O «STEMMA CODICVM»

Uma vez de posse dos manuscritos de Pascásio, a primeira preocupação é comparar o texto dos diferentes códices entre si, na tentativa de determinar qual a redacção mais próxima do original.

Depressa se verificam, porém, diferenças entre os diversos códices. Em contrapartida, um exame atento cedo revela também que certo número de manuscritos transmite fundamentalmente o mesmo texto. Assim começam a surgir «famílias» de códices — os *arquétipos*.

Todavia, as diferenças entre os manuscritos derivados do mesmo arquétipo nem sempre são características de um só copista. Frequentemente se nota que alguns códices transmitem o mesmo esquema de capítulos e apotegmas, fruto de uma autêntica reelaboração do arquétipo. Temos assim subgrupos normalmente designados por *subarquétipos*. Casos há, no entanto, no texto de Pascásio, em que um só manuscrito se encontra à parte, dando por vezes uma redacção mais pura que uma série de outros mais nitidamente aparentados entre si.

Quando um subarquétipo ainda sofre novo trabalho de adaptação surge um *subarquétipo dependente*. Por comodidade, falaremos sempre de subarquétipos, mesmo quando se trata de autênticos *subsubarquétipos* e derivados destes.

O texto de Pascásio teve uma enorme voga na Europa ocidental. Os modelos mais antigos que possuímos, do século IX sobretudo, exigem que antes deles já muito trabalho se tivesse feito sobre a tradução original. A grande época de difusão, resumos e adaptações deve ter sido o século VII. Lembremos que no princípio do século VIII

a invasão árabe dominou a Península Ibérica e que, portanto, a partir dessa data, a expansão derivada da Hispânia deve ter diminuído (1).

Assim se compreende que, enquanto na nossa região persistem testemunhos da recensão extensa, desde os séculos IX e X (arquétipos  $\alpha$ ,  $\gamma$ ,  $\delta$ ,  $\epsilon$ ), no centro da Europa, sobretudo na *Germania* e no Norte da *Galia*, os longos 101 capítulos de Pascásio foram reduzidos a uma recensão mais breve (subarquétipo  $\iota$  e seus derivados, com um testemunho do século VIII-IX).

Talvez quase ao mesmo tempo se fizeram mais duas adaptações que guardam o meio termo. Uma é claramente forjada sobre a recensão extensa, mas tendo o reelaborador presente já a versão breve (bem representada na França e na Inglaterra) — é o caso do hiperarquétipo  $\lambda$  e seus derivados; outra, apenas refeita com base na recensão longa, é obra de alguém que reuniu num só volume o melhor de vários autores — esta é uma recensão quase média que foi incorporada no chamado «Livro III das *Vitae Patrum*», editado por Heriberto Rosweyds, da qual se encontram ainda hoje manuscritos em toda a Europa ocidental (excluindo os países nórdicos, mas incluindo a Polónia): — estamos perante o subarquétipo  $\sigma$ .

O exame do gráfico apenso no princípio deste segundo tomo, com a árvore genealógica em que se incluem todos os códices com o texto de Pascásio (agrupados, ao todo, em 23 arquétipos e subarquétipos) mostra bem que, a par de uma grande difusão, o trabalho do tradutor dumense foi objecto de muitas reelaborações.

Em alguns casos, os códices actualmente existentes postulam um modelo comum, que se perdeu, mas que necessariamente deve ter existido. Em crítica textual dá-se-lhe vulgarmente o nome de *hiperarquétipo*. Dos hiperarquétipos do «stemma» apresentado, a existência mais fácil de demonstrar é a de  $\lambda$ . Esperamos, no entanto, poder igualmente provar a necessidade de supor a existência de  $\beta$ .

A prova da existência de hiperarquétipos e arquétipos pode fazer-se, de modo rudimentar, pela observação do conteúdo dos vários manuscritos. Se o número de capítulos e subdivisões de uma obra é idêntico

---

(1) M. C. Díaz y Díaz consagrou um estudo recente à circulação de códices dentro da *Hispania* e de códices hispânicos na Europa e no Oriente, no artigo *La circulation des manuscrits dans la Péninsule Ibérique du VIII<sup>e</sup> au XI<sup>e</sup> siècle* in *Cahiers de Civilisation Médiévale X-XII<sup>e</sup> siècles*, Poitiers, XII (1969), pp. 219-241 e pp. 383-392. O nosso trabalho dá um largo contributo à tese do Prof. Dr. Díaz y Díaz.



num grupo de manuscritos, pode *presumir-se* que são membros da mesma família. O modo como agrupámos a descrição dos manuscritos deve ter tornado bem acessível este argumento.

No entanto, a demonstração cabal da derivação do mesmo modelo só pode ser feita pela comparação de próprio texto — quanto possível de *todo o texto* dos manuscritos cuja afinidade se supõe. Não raramente acontece que o exame profundo da redacção de um manuscrito, aparentemente normal, vem a revelar insuspeitadas surpresas... Há subarquétipos de Pascásio que só a crítica textual nos desvendou.

Quanto aos códices por nós estudados, apesar de serem tão numerosos, todos foram passados por uma pesquisa atenta. Se por vezes não descemos a mais pormenores foi porque isso nos não pareceu necessário. Do texto de cada manuscrito poder-se-á oportunamente fazer uma descrição mais circunstanciada.

No caso concreto da tradução de Pascásio temos ainda um outro processo de tirar a prova real à genuinidade da versão: — a comparação com o texto grego é possível para a grande maioria dos apotegmas. Do cotejo entre o original e a tradução ressalta claramente que o texto mais puro é o que nos é fornecido pelo arquétipo *a*.

A história das edições críticas apresenta muitos casos em que um texto longo é fruto de acrescentamentos secundários de origem espúria. Mas não faltam também os exemplos em que a versão longa foi cientificamente demonstrada como a genuína.

Note-se ainda que se deve distinguir entre *recensão* longa e *texto ou narrativa* longa. Muitas vezes acontece que, numa versão breve ou média, algumas narrativas, consideradas isoladamente, são mais longas (devido a explicações e inserções de carácter erudito) na versão breve do que na recensão longa. O senso crítico descobre então, facilmente, qual é a redacção mais antiga e qual a secundária. Esperamos que a nossa justificação do «stemma» seja concludente.

## B) NOTAS PARA A INTERPRETAÇÃO DO «STEMMA CODICVM»

A nossa elaboração do quadro genealógico (*stemma*) dos códices obedeceu às normas correntes nas edições críticas, de acordo com a bibliografia que demos no princípio deste tomo.

As linhas tracejadas descem do ponto fulcral até à distância correspondente, no espaço, para representar o século em que o códice foi escrito. A indicação dos séculos vai marcada nas margens. Só temos um caso seguro de um manuscrito copiado directamente de outro, o n. 3. Neste caso a linha é contínua, pois com a linha tracejada pretende-se significar ser possível que haja intermediários perdidos entre o arquétipo e o códice actualmente existente.

Normalmente os manuscritos são representados por letras: primeiro as maiúsculas do alfabeto latino, depois as respectivas minúsculas e finalmente por maiúsculas do alfabeto grego. A quantidade de códices existentes de Pascásio é tão grande que este método de designação se tornou insuficiente. Por isso recorreremos ao outro processo também adoptado quando as circunstâncias, como as presentes, o exigem: — a indicação dos códices por meio de números.

Todavia, como nem todos os códices foram necessários para o estabelecimento do texto crítico editado, assinalamos com uma letra maiúscula latina apropriada os manuscritos que foram utilizados na fixação do texto que nós julgamos ser o que mais se poderá aproximar da tradução original. Como na próxima justificação do *stemma* utilizaremos também estes e outros manuscritos, repetimos aqui a explicação das siglas adoptadas.

O texto crítico foi fundamentalmente estabelecido sobre seis códices que contêm a recensão extensa, a saber:

- 1 = M — Madrid, Academia Real da História 80, do século IX.
- 2 = V — Vaticano latino 4921, do século XIV-XV.
- 5 = P — Porto, Biblioteca Municipal 753, do séc. XV.
- 6 = E — Escorial, Bibl. do Mosteiro I.III.13, do séc. IX-X.
- 7 = L — Londres, Museu Britânico, *additiones* 30.855, do fim do séc. XI.
- 18 = S — Salamanca, Bibl. Universitária 2537, do séc. XIII-XIV.

Ocasionalmente recorreremos ainda aos testemunhos dos seguintes códices:

- 10 = U — Seo de *Urgel*, Arquivo Capitular, datado do ano de 938.  
 12 = C — Monte *Cassino*, Bibl. do Mosteiro 50, do século XI.  
 16 = A — Lisboa, Bibl. Nacional 454, do séc. XII-XIII, proveniente de *Alcobaça*.

Temos também texto crítico integral de

- 28 = G — Estugarda, Bibl. Estadual, Theol. 303, do séc. VIII-IX, que nos dá o mais antigo exemplar da versão breve, sobretudo corrente na *Germania*.  
 29 = H — Bruxelas, Bibl. Real da Bélgica 8216-18, do séc. IX, copiado na *Hunia* (Hungria).  
 32 = R — Ruão, Bibl. Municipal 1375, do séc. XI.  
 40 = W — Wiesbaden, Bibl. Estadual 8, do séc. XV.  
 44 = F — Viena, Bibl. Nac. da Áustria 386, da segunda parte do séc. XII, que representa um modelo bem documentado na *França*.

Como o Livro III de Rosweyodus, além do texto de Pascásio, contém o de outros tradutores e virá a ser objecto de ulterior estudo, designamos os manuscritos empregados por letras do fim do alfabeto latino:

- 66 = T — Einsiedeln (Suiça), Bibl. Conventual 246, do séc. XI, representante dos códices *transalpinos*.  
 67 = X — Paris, Bibl. Nacional, lat. 10840, do séc. XI.  
 73 = Z — Munique, Bibl. Estadual da Baviera, lat. 17139, do séc. XII.

Dos últimos arquétipos mencionaremos especialmente o texto de

- 142 = B — Bruxelas, Bibl. Real da Bélgica 8372, do séc. XII.  
 Embora de modo não sistemático, recorreremos ainda na demonstração do texto, típico sobretudo dos primeiros arquétipos, a  
 4 = J — Paris, Bibl. Nacional, lat. 2768<sup>A</sup>, do séc. X.

Incidentalmente poderão ser usadas outras siglas cujo valor se explicará no lugar próprio.

Para orientação de investigadores possivelmente interessados, devemos acrescentar que temos também as variantes críticas integrais de todos os manuscritos da série extensa e de pelo menos de um dos códices representantes dos arquétipos ou subarquétipos não incluídos na enumeração anterior.

A lista de todos os manuscritos indicados no *stemma*, com o texto de Pascásio, representados pelo número que lhes corresponde, pode seguir-se pela descrição feita, no lugar próprio, de cada um deles. Em rigor, ficaria também aqui bem situada, mas se a reproduzíssemos neste momento limitar-nos-íamos quase só a repetir o índice da primeira parte deste tomo. Por isso, parece-nos suficiente remeter o leitor para esse índice que está especialmente organizado para realçar o número de cada manuscrito e as páginas em que é descrito. Além disso, para maior facilidade de consulta, resolvemos imprimir, na própria folha apensa em que se apresenta o desenho da genealogia dos códices, o número e a sigla que adoptámos para classificar cada manuscrito. A qualquer destes sistemas poderá recorrer quem quiser interpretar a posição de cada códice e o valor de todos os símbolos utilizados.

### **C) JUSTIFICAÇÃO FILOLÓGICA DOS ARQUÉTIPOS E SUB-ARQUÉTIPOS DA TRANSMISSÃO MANUSCRITA DO TEXTO DE PASCÁSIO**

A grande extensão do texto autêntico de Pascásio (101 capítulos) e a extraordinária quantidade de modelos (23) reelaborados a partir da tradução primitiva poderiam transformar esta parte do nosso trabalho numa quase interminável série de justificações.

Porém, uma vez que a existência de um hiperarquétipo, arquétipo ou subarquétipo esteja suficientemente estabelecida, não nos parece necessário estar a multiplicar os exemplos comprovativos. Salvaguardado o essencial, limitaremos, por sistema, as provas a três exemplos para cada caso. As exceções a esta regra serão oportunamente justificadas. Poderemos, no entanto, em várias situações, indicar sumariamente outros números que com facilidade serviriam de prova complementar.

Na medida do possível escolheremos fragmentos que tenham lugar paralelo em grego, não só para demonstrar qual o texto genuíno, mas ainda para abonarmos melhor o capítulo sobre o género de tradução e o estilo de Pascásio (cf. cap. III do I tomo).

I — ARQUÉTIPO  $\alpha$  (EM OPOSIÇÃO A  $\beta$  E SEUS DERIVADOS)

A — O confronto do texto dado pelos manuscritos revela, num bom número de casos significativos, a superioridade do arquétipo  $\alpha$  em relação ao de todos os outros, provenientes de  $\beta$ . Por vezes é uma só palavra, um breve acrescento ou uma lição interpretativa que trai a natureza menos conservadora de  $\beta$ .

1 — NAU, 352

Δύο γέροντες ἦσαν ἔτη πολλὰ  
μετ' ἀλλήλων καθήμενοι, καὶ  
οὐδέποτε μάχην ἐποίησαν·

PASC. XXIX,1

MVPELSJUCA

Erant duo senes pariter sedentes in una cella et numquam inter se uel qualemcumque paruum contentionem habuerant.

erant] autem *add.* V unam cellam PE uel] ut CA contentionem] intentionem PELTSА habuerunt P

Em causa está apenas *contentionem* que traduz bem o grego *μάχην*. Na recensão longa tal lição é característica dos manuscritos MV, isto é, do arquétipo  $\alpha$ . Quem corrigiu o texto, propositadamente ou por erro de leitura, escreveu *intentionem*, vindo assim a macular a suspeita de pureza de intenções entre monges que coabitavam a mesma cela.

A lição *intentionem* mantém-se na série breve apenas em G, precisamente o manuscrito que mais perto se encontra de  $\beta$ . Nas outras recensões foi reconstituído o justo sentido da frase, possivelmente apenas por conjectura. A mesma restituição foi feita, isoladamente, em J C e em U, neste talvez por contaminação de  $\alpha$ .

2 — NAU, 293

Γέρων τις εἶχε διακονητὴν εἰς  
τὴν κώμην οἰκοῦντα. Συνέβη  
δὲ ἄπαξ βραδύναντος τοῦ δια-

PASC. XLIII,1

MVPELSJU

Quidam senex solitarius habebat ministrantem sibi manentem in uico. Cum autem ille tar-

κοινητοῦ παραγένεσθαι κατὰ τὸ  
ἔθος λείψαι τὰς χρείας τοῦ γέρον-  
τος.

dasset et seni necessaria defe-  
cissent...

manentem in uico] in u. m. L manentem om. E ille tardasset]  
t. i. V per dies aliquos add. PLSJU per aliquos dies add. E

Observa-se aqui ter o revisor do texto abrandado a dureza da versão de *a* que está perfeitamente de acordo com o grego. A introdução de *per dies aliquos*, de carácter interpretativo, no hiperarquétipo  $\beta$ , manteve-se nas outras recensões que transcrevem este apotegma, representadas pelos subarquétipos  $\mu$  e  $\sigma$ . Neste caso só *a* nos conservou a tradução original.

3 — NAU, 43

PASC. LVII,2 MVELSJUCA

...τούτου χάριν προσεδεξάμην  
αὐτῆς τὴν μετάνοιαν

...propterea suscepi poenitentiam  
eius.

suscep] suscepit Deus (D. om. V) VPELJUCA

A passagem do verbo à terceira pessoa compreende-se perfeitamente num corrector ou copista que não tem o texto grego ou sente dificuldade em se adaptar ao modelo. Com efeito, os verbos anteriores são *fuit*, *neglexit*, *suspiravit* referidos à penitente falecida. Em *suscepit* (*προσεδεξάμην*) é Deus quem fala de si mesmo. Só M conserva a perfeita tradução do arquétipo *a*. V deixou-se influenciar pela pessoa dos verbos anteriores. Como se pode verificar, apenas S se mantém igual a *a*, o que é difícil de explicar dado que a lição segura de  $\epsilon$  está bem representada por UCA e ainda pelo ms. de Grenoble, Bibl. Mun. 1172 e de Paris, Bibl. Nac. lat. 2809. O revisor de  $\beta$  tendo passado o verbo (*suscepit*) para a terceira pessoa, entendeu dever esclarecer o passo acrescentando *Deus*. O sentido fica perfeito, mas foge ao original grego.

Dos outros subarquétipos dependentes de  $\beta$  só  $\sigma$  se manteve fiel à sua interpretação. Os manuscritos dependentes de  $\iota$  e  $\kappa$  foram mais longe na explicação. O seu texto é: *propterea pro deuotione cordis eius suscepit Deus poenitentiam eius*. O hiperarquétipo  $\lambda$  tinha um modelo extenso de  $\epsilon < \beta$  e outro breve de  $\kappa$ . Perante versões divergentes adoptou a mais longa (a de  $\kappa$ ) e para não repetir *eius* substituiu

o último por *suam*. É evidente que nenhum destes reelaboradores do texto tinha diante de si o grego ou um manuscrito derivado de *a*.

Os exemplos da maior valia de *a* podiam multiplicar-se quase indefinidamente. Indiquemos todavia, aqui, apenas mais dois, que também se poderão comprovar com o texto grego respectivo e as traduções paralelas de Pelágio e de João: cf. Pascásio LXVII,1, lin. 9, *opere] orationis* add.  $\beta$ , e XCIII,11, lin. 34, *ostio] atque aperto* add.  $\beta$ . Poder-se-ão ver outros exemplos sobretudo nas demonstrações sobre  $\gamma$ ,  $\delta$  e  $\epsilon$ . Fizemos um estudo entre as oposições de texto (na maioria dos casos de carácter secundário como se poderá verificar no aparato crítico) entre os arquétipos *a* e  $\beta$ . O seu montante ronda pelas 600 divergências! Quando nada nos levava a suspeitar da lição de *a* mantivemo-la como mais próxima do original.

*B* — Compreender-se-á, no entanto, fàcilmente, que os manuscritos de *a* não estejam isentos de erros. A transmissão do texto entre o original e os actuais manuscritos foi longa. Há saltos de cópia que só através de  $\beta$  puderam ser restituídos. Além disso, verificam-se muitas pequenas omissões nas cópias de *a*. Nesse caso, se  $\beta$  tem boa abonação no grego ou noutras traduções paralelas não duvidámos de que devíamos seguir a sua lição. Eis apenas um exemplo (1):

PAVLVS SIMPLEX (385)

Σήμερον, ὃ Δέσποτα, καὶ ἐκ  
τῆς ὥρας ταύτης, δέξαι με μετα-  
νοοῦντα, καὶ προσπίπτοντά σοι,  
καὶ ἀπεχόμενον τοῦ λοιποῦ πάσης  
ἁμαρτίας

PASC. LVI,3

MVPELSJU

Ab hoc die ergo, Domine, et  
ab hac hora suscipe me poeni-  
tentem et adorantem te et renun-  
tiantem omnibus peccatis.

hoc die ergo] hodie ergo (e. om. E) ELS    hac ergo die P  
Domine om. PE    me om. E    et adorantem te] om. MV  
te adorantem E    et (ante renuntiantem) om. P    peccatis] meis  
add. PELU

(1) O texto grego dos apotegmas nominais é tirado da PG LXV. Para facilidade de localização indicamos também a coluna, entre parêntesis.



Da observação das variantes ressalta que *et adorantem te* é omitido em *a*. Esta omissão é paleograficamente fácil de aceitar, dada a presença, lado a lado, de três participios do presente no acusativo do singular. O grupo do meio foi esquecido. A lição de *β* está apoiada no grego *καὶ προσπίπτοντά σοι* e no passo paralelo de Pelágio XVIII, 20: *suscipe me poenitentem et interpellantem te et renuntiantem omne peccatum*.

A adição *meis* devia pertencer ao hiperarquétipo *β*. A sua presença em U e a omissão em J mostra trabalho pessoal em relação aos respectivos modelos. S representa aqui bem o subarquétipo *ε* que neste pormenor se fiou em *a*.

Este belíssimo apotegma é transcrito por todos os outros principais subarquétipos que, pela inserção de *et adorantem* (em *ι μ*) ou *et orantem te* (em *σ*) e omissão de *meis* revelam bem a sua dependência do modelo de *ε*. Com a habitual desenvoltura, *μ* em vez de ficar em *renuntiantem omnibus peccatis*, emenda e acrescenta: *renuntiantem omnibus iniquitatibus, quia innumera sunt in me uitia perditionum*.

Em XXXIII,3, lin. 2, a expressão *praesente sene* omitida por *a* é abonada por *ἐπὶ τοῦ γέγοντος* no paralelo Zeno 3 (176).

## II — HIPERARQUÉTIPO $\beta$

As numerosas oposições entre os manuscritos dependentes de  $\alpha$  e todos os outros que nos transmitem o texto de Pascásio obrigam-nos a supor que talvez ainda no século VI ou princípios do século VII a tradução original foi revista por alguém que não deveria ter diante de si nem o grego nem outras traduções paralelas. Esta redacção limitou-se a substituir alguns prevérbios, pronomes (sobretudo *is* e *ille*) e a acrescentar breves incisos explicativos.

Os exemplos apresentados em defesa da primazia de  $\alpha$  obrigaram automaticamente a demonstrar a existência de  $\beta$ . Ao longo da demonstração dos outros arquétipos ver-se-á frequentemente (por vezes em contraste com o grego) como os derivados de  $\beta$  se vão afastando da primeira redacção.

Vamos apresentar desta vez seis pequenos exemplos (e com este número não atingimos sequer 1% das variantes) através dos quais se verá que só os manuscritos de  $\alpha$  têm uma determinada versão, enquanto todos os outros manuscritos postulam uma revisão que teve a sua fonte em  $\beta$ . Na coluna da esquerda figurará a lição de MV; na da direita a sua variante uniforme (ou quase) em manuscritos que representam outros arquétipos.

$\alpha$ (MV)	DERIVADOS DE $\beta$
X,4 circuminspiciebat	circumspiciebat PELSGRX
XXVIII,1 qui uocatur	qui dicitur PELSGRX
XXXI,1 permanet sicut lapis	permanet tamquam lapis PELSGR ( <i>om.</i> X)
XXXI,7 dicens ei	dicens illi PELSRX ( <i>om.</i> G)
XLI,4 uidens alium	uidens alterum PELUCGR uidit fratrem suum S ( <i>om.</i> X)
LVII,2 pariter ambulassent	p. ambularent PELSUCAGX pergerent R

Nenhuma destas oposições pode ser derimida pela consulta do grego ou de lugares paralelos. O revisor de  $\beta$  preferiu introduzir

breves alterações, nestes casos perfeitamente equivalentes às da redacção primitiva. O gosto pessoal ou o estilo ditaram a mudança.

Esta unanimidade de variantes postula um modelo comum. Mas a observação da totalidade dos manuscritos dependentes deste hiperarquétipo  $\beta$  revela, por outro lado, tantas divergências que em caso nenhum poderemos afirmar a dependência de um manuscrito directamente de  $\beta$ . Todas as versões supõem ter existido um arquétipo intermediário entre  $\beta$  e os actuais códices. É o que passamos a demonstrar, valendo os confrontos com o grego também para provar que, no geral,  $\beta$  (e os seus derivados) se afastou do original e que as suas correcções são ditadas por outros interesses que não o da fidelidade à fonte primitiva, de origem helénica.

### III — ARQUÉTIPO $\gamma$

O trabalho resultante da revisão do original, por  $\beta$ , cedo foi também ele reelaborado por outros recensores. Os manuscritos existentes apresentam-nos duas versões provindas directamente de  $\beta$ , independentes entre si. Há alterações que se encontram só nos manuscritos de Paris, Bibl. Nac. 2768<sup>A</sup> (= J) e no do Porto, Bibl. Municipal 753 (= P): — é o arquétipo  $\gamma$ , o qual, apesar das suas inovações, se manteve bastante mais fiel ao seu modelo do que a outra versão, representada por  $\delta$ , que estudaremos a seguir.

O facto de J estar muito mutilado limita as nossas possibilidades de mostrar a sua concordância exclusiva com P. Aos três exemplos que vamos apontar aqui devem juntar-se os apresentados adiante, quando provarmos que  $\epsilon$  e seus derivados têm lições que tiveram a sua origem no organizador de  $\gamma$ .

I — ANTONIVS 11 (77)

*Ἦ καθήμενος ἐν τῇ ἐρήμῳ  
καὶ ἡσυχάζων, τριῶν ἀπαλλάτ-  
ταται πολέμων, τῆς ἀκοῆς, καὶ  
τῆς λαλιᾶς, καὶ τοῦ βλέπειν.*

PASC. XCIII,1      VJPLSU

Qui sedet in deserto tribus  
proeliis caret, id est, uisus, audi-  
tus et detractio[n]is.

proeliis *om* V    caret] cadet V    uisu, auditu et detractio[n]e JP  
et *om* S    detractio[n]is]-es VU    -ibus L

Verifica-se que o texto grego de Pascásio deveria ter variantes em relação ao transcrito acima, pois *καὶ ἡσυχάζων* não foi traduzido e a ordem dos órgãos dos sentidos encontra-se alterada. No respeitante às variantes do texto latino, na recensão longa vê-se que JP alteraram a regência de *caret*. Levado por uma intenção mais purista, o organizador de  $\gamma$  substituiu os genitivos (influenciados pela sintaxe grega) pelos ablativos correspondentes. Note-se que esta alteração conjunta não aparece em nenhum outro manuscrito.

2 — Falta-nos texto grego publicado nos apotegmas para o seguinte passo, que no entanto podemos confrontar com outra versão latina:

PASC. LVI,2		JOÃO I,16
Qui ergo dum inimici eius essent, mori pro ipsis elegit.		Qui igitur cum inimici essent homines, mori pro ipsis elegit.

A quase identidade das duas traduções pode dever-se ao facto de se tratar aqui de uma citação de S. Paulo aos Romanos V,10. O texto original do Apóstolo tem: *Εἰ γὰρ ἐχθροὶ ὄντες κατηλλάγημεν τῷ Θεῷ διὰ τοῦ θανάτου τοῦ Υἱοῦ αὐτοῦ...*

O passo era tão conhecido dos copistas que não há variantes, para a tradução de Pascásio, senão em  $\gamma$ . Em vez de *inimici* tem *minime* J. A frase ficava sem sentido. Por isso o copista de P (ou um seu antecessor) reelaborou-a assim: *Cum ergo minime essent sui...* O que importa realçar é a persistência da variante *minime*. Trata-se, com toda a certeza, de um erro introduzido no arquétipo  $\gamma$  e que os seus copistas não conseguiram emendar, restabelecendo o original.

3 — A unidade de JP verifica-se até em pormenores devidos a erro de leitura da escrita visigótica. Um exemplo significativo:

MACARIVS 33 (276)		PASC. XCIII,11      VJPLSUC
<i>Αυτοὶ δὲ μεθ' ὑπομονῆς πάντα ἐποίησαν, ὅσα εἶπον αὐτοῖς.</i>		Illi uero cum summa patientia quae fuerant eis a me imperata fecerunt.
illij ibi V    fuerunt JP		eis om. J    a me om. L    impe-
rata] impetrata V		

Da observação das variantes críticas, além de dois erros manifestos de V (agora único representante, tardio, de *a*, ressalta a passagem de *fuerant* a *fuerunt* só em JP. Esta convergência é sinal de que foi o seu modelo,  $\gamma$ , que confundiu o *a* visigótico, de arco superior muito aberto, com um *u*.

4 — A existência de  $\gamma$  pode comprovar-se não só por numerosos casos de retoques do texto, mas até por omissões que só se registam

em JP, como, por exemplo, em LXXIII,8, lin. 10-11; LXXVIII,2, lin. 1-2; LXXXV,1, lin. 12-13.

Se alguém quiser anotar as inovações de  $\gamma$ , virá a concluir que elas, embora numerosas, são, no entanto, menos abundantes e de menor importância que as de  $\delta$ .

O texto crítico revelou-nos ainda que J (séc. x) está muito mais próximo do original que P. Na nossa edição vimo-nos, porém, forçado a dar a lição do manuscrito do Porto (séc. xv), dadas as mutilações e defeitos de paginação que J apresenta.

IV — ARQUÉTIPO δ

Apresentemos agora exemplos que nos obrigam a admitir um arquétipo δ, de que são principais representantes os mss. do Escorial I.III.13 (= E) e de Londres, Mus. Brit. *add.* 30.855 (= L)

I — MACARIVS 18 (269)

Οὐδὲν εἰσηνέγκαμεν εἰς τὸν  
κόσμον, δῆλον ὅτι οὐδὲ ἐξενεγκεῖν  
τι δυνάμεθα· Ὁ Κύριος ἔδωκεν  
ὡς αὐτὸς ἠθέλησεν, οὕτως καὶ  
ἐγένετο. Ἐδόξητος Κύριος ἐπὶ  
πᾶσιν

PASC. XV,1 MVPELSUCA

Nihil in hoc mundo intulimus;  
Dominus dedit; sicut ipse uoluit  
et factum est. Benedictus Do-  
minus in omnibus.

intulimus] uere nec auferre possumus *add.* E uerum enim  
nec auferre quid possumus *add.* L dedit] Dominus abstulit  
*add.* PESUA et *add.* C ipse *om.* U uoluit] placuit A  
et] ita S *om.* C Dominus] Deus ESCA

Em primeiro lugar queremos realçar que o acrescento: *uere nec auferre possumus* ou equivalente só se encontra no arquétipo δ. Nem α, nem γ nem nenhuma das outras recensões o introduziu. Trata-se de um passo de S. Paulo (I Tim. VI,7) que o organizador completou.

Note-se em seguida que o inciso *Dominus abstulit* falta em α e em L. Os outros introduziram-no por influência de nova citação bíblica (Iob I,21). Não podemos garantir que δ o tivesse, pois se E o possui omite-o L. Quanto a γ, a sua presença em P deixa-nos supor que sim, mas a certeza só a teríamos se pudéssemos juntar o testemunho de J. Infelizmente a mutilação do manuscrito não nos deixou este passo. O apoio que L dá à versão de α levou-nos a suprimir este aditamento, reprovado também pelo grego transcrito.

Finalmente temos a considerar o texto grego. A versão acima transcrita parece dar razão a δ, na introdução de *uere nec auferre quid possumus*. Mas uma nota crítica da PG adverte-nos de que este membro da frase falta em alguns códices gregos. O *Dominus abstulit* de PESUA

nem sequer vem nesta redacção grega. Valioso auxiliar é neste caso o testemunho do lugar paralelo em Pelágio XVI,6. Eis a sua tradução: *Nihil intulimus in hunc mundum, sed Dominus dedit; sicut uoluit ipse, ita factum est: Benedictus in omnibus Dominus*. Esta versão revela que o grego utilizado por Pelágio devia ser idêntico ao que Pascásio traduziu, sendo o arquétipo  $\alpha$ , o único que não sofreu influências estranhas. Provado fica, pois, que o primeiro inciso deve ter sido introduzido já no arquétipo  $\delta$ , o qual nisto se opõe a todos os outros manuscritos de Pascásio.

2 — PASC. XXXIII,10 MVPELSUC

Et ille qui seminavit fecit fructum parum et ipsum non mundum; ille autem alter nihil omnino fecit quia nihil seminavit.

PLG. XIII,6

...*unus ex eis seminans, collegit pauca et sordida; alius autem negligens seminare, nihil omnino collegit.*

fructum] frumentum ELUC fragmentum P frugmentum S  
 ipsud U mundum] mundavit S ille *om.* S autem  
 alter] alter uero S nihil omnino] nichilomino P ille autem  
 alter nihil omnino fecit quia nihil seminavit] qui autem nihil  
 seminavit nihil colligit EL

Só a última variante nos interessa porque ela mostra uma tentativa de dar ao texto uma redacção mais clara. Esse trabalho só se encontra no arquétipo  $\delta$ .

Vê-se que o texto grego de Pascásio devia ser muito semelhante ao de Pelágio. Pergunta-se apenas se a emenda de  $\delta$  poderá ter sido influenciada por Pelágio. Um exame atento revela que a reelaboração de  $\delta$  foi feita sobre o texto de Pascásio, que se mantém idêntico em  $\alpha$  e em  $\gamma$ . Apenas a palavra *colligit* no fim (aliás com falta de *consecutio temporum*) poderia trair o influxo de Pelágio. Mas lembremos que o verbo *colligo* é frequente na Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento em vez de *metere*. Não esqueçamos ainda que este arquétipo tem substituições de palavras no texto que são autênticas glossas. É bem possível ainda que a tendência romanizante de 'colher' tivesse influído na escolha do vocábulo.

3 — O terceiro argumento da existência do arquétipo  $\delta$  pode



colher-se na repetição, em EL, de um significativo erro do organizador do modelo. O n. LI,2 começava em  $\beta$ :

Quidam senex cum frequenter infirmaretur corpore  
et langueret, contigit ut uno anno...

E o n. LI,3 principia assim em  $\alpha$  e  $\beta$ :

Quidam ex senibus dum langueret solus sedens  
in cellula...

Pois o organizador de  $\delta$ , por distracção, repetiu em LI,3 o princípio do apotegma anterior, dando-nos a seguinte redacção:

Quidam senex (frater E) cum frequenter infirma-  
retur corpore et langueret solus sedens in cella...

Esta repetição evidente do começo de LI,2 não foi corrigida nem pelo copista de E nem pelo de L. Como é óbvio, de tal erro não se encontra rasto em nenhum outro arquétipo:  $\delta$  está bem caracterizado.

## V — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO ε

A observação do texto crítico mostra que o subarquétipo ε é fruto do trabalho de alguém que dispunha de um modelo de γ, de outro de δ e ainda de um terceiro, menos vezes utilizado, dependente de α. Resultou assim o modelo ε, de que conhecemos os dez manuscritos estudados no lugar próprio, sendo de entre estes mais significativos pela quantidade de texto transmitido o de Salamanca (= S), o de Seo de Urgel (= U), o do Monte Cassino (= C) e o de Lisboa, provindo de Alcobaça (= A).

A — Exemplos da utilização de γ pelo subarquétipo ε.

1 — SYNCLETICA 7<sup>b</sup> (424)

Σίδηρος ἐτύγχανες· ἀλλὰ διὰ  
τοῦ πυρός τὸν ἰὸν ἀποβάλλεις.  
Εἰ δὲ καὶ δίκαιος ὢν ἀρῶσταις,  
ἀπὸ τῶν μεγάλων ἐπὶ τὰ μεί-  
ζονα προκόπτεις.

PASC. LI,1<sup>b</sup> MVPELSJUCA

Si ferrum es aeruginem per  
ignem amittis, si uero aurum es  
per ignem probatus a magnis  
ad maiora procedis.

Entre as variantes deste passo há apenas uma que caracteriza os arquétipos: quase no fim, *magnis* foi substituído por *minimis* em JP. O reelaborador de ε, olhando ao contexto, preferiu esta lição, garantida por SUCA. Mas note-se que α e δ se mantêm fiéis ao original grego: *μεγάλων*. É evidente que ε é de tipo secundário e trabalha só sobre modelos latinos.

2 — ANTONIVS 37 (88)

Ἐπερώτησον τὸν πατέρα σου,  
καὶ ἀναγγελεῖ σοι

PASC. LXXIII,1 VPLSJUCA

Interroga patrem tuum et dicet  
tibi, seniores tuos et adnuntia-  
bunt tibi.

patrem tuum] parentes tuos P    dicet] adnuntiabit JUCA  
adnuntiabunt P    adnuntiabunt tibi] docebunt te JPSCA  
dicent te U

Trata-se de uma citação do Deuteronomio XXXII,7. Ou o texto grego de Pascásio incluía o segundo membro do paralelismo (τοὺς πρεσβυτέρους σου, καὶ ἐροῦσίν σοι — segundo a versão dos Setenta) ou ele próprio a introduziu. Do texto crítico ressalta que  $\gamma$  trocou *dicet* por *adnuntiabit* e depois, para manter a *uariatio*, substituiu *adnuntiabunt tibi* por *docebunt te*. Estas alterações, típicas de  $\gamma$ , foram adoptadas por  $\epsilon$  (embora no primeiro caso S tivesse voltado à mesma forma verbal de Pascásio, certamente por ela estar de acordo com a Vulgata, e no fim U presente uma variante exclusiva).

3 — NAU, 349	PASC. LXXIX,1	VPLSJUC
...νῦν δὲ ψυχείσης τῆς ἀγάπης...	Nunc uero postquam caritas refrixit...	
	caritas] Christi <i>add.</i> L refrixit] refrigescit L refriguit JPSUC	

O testemunho de SUC mostra bem que o estranho perfeito *refriguit* foi introduzido em  $\gamma$  e preferido à forma correcta por  $\epsilon$ . Anote-se ainda o character mais inovador de L (como assinalámos ao tratar de  $\delta$ ).

*B* — Utiliza  $\epsilon$  também sistematicamente um modelo de  $\delta$ . A comparação do número de casos em que o reelaborador se serviu ora de  $\gamma$  ora de  $\delta$  pende a favor de  $\gamma$ . A utilização de  $\delta$  é talvez uma terça parte menos numerosa que a de  $\gamma$ . Exemplos para o uso de  $\delta$ .

1 — Examinem-se duas traduções do final de Abraham 1 (132):  
*λέγει αὐτῷ ὁ ἀββᾶς Ἀβραάμ: "Ὡστε οὖν ζῶσι τὰ πάθη, μόνον δὲ δεσμοῦνται ὑπὸ τῶν ἀγίων.*

PASC. XXXIII,9	MVPESUA	PLG. X,15
Cui abbas Abraham: Ecce ergo uiuunt in te passiones adhuc, sed ligatae sunt a sanctis cogitationibus...	Et dixit ei abbas Abraham: Viuunt ergo passiones, sed tantum a sanctis uiris quodammodo religantur.	
	passiones] carnis <i>add.</i> A adhuc] forte ELSA <i>om.</i> P ligatae] delicatae S cogitationibus <i>om.</i> ELSA	

Para além das variantes exclusivas de A e de S (ambas abonatórias do seu carácter secundário), ressalta logo que  $\varepsilon$ , representado aqui por SUA, em dois casos se deixou influenciar por  $\delta$  (= EL): — aceitou a substituição de *adhuc* por *forte* e suprimiu a palavra *cogitationibus*. Em ambas as ocasiões U abandonou o seu modelo de  $\varepsilon$  para, com razão, o melhorar com a lição de  $\alpha$ , que também possuía.

Aproveitamos a oportunidade para comparar a tradução de Pascásio com a de Pelágio. O texto em *ὅπὸ τῶν ἀγίων* (sem substantivo) era certamente igual. Pascásio interpretou: *a sanctis cogitationibus*; Pelágio: *a sanctis uiris*. Quem ler todo o apotegma em grego e em Pelágio verificará que nas duas primeiras provas da existência de tentações (Pascásio, com o seu habitual pudor, suprimiu a de *ἐδρίσκεις εἰς τὸ ψιθύριόν σου γυναικα*) se fala da luta contra os (maus) pensamentos. E de facto Pelágio nos dois casos traduziu *λογισμός* por *cogitatio*. Agora, no terceiro exemplo, prova-se igualmente que as paixões persistem, mas devem ser repelidas, *encadeadas*, pelos bons (pensamentos). A tradução de Pascásio é perfeitamente coerente. Pelágio traiu o paralelismo das situações e das respostas, pensando em *santos varões*.

Retomando a prova da genealogia das recensões, torna-se evidente que a palavra *cogitationibus* foi omitida por  $\delta$  (não sabemos porquê) e o reelaborador de  $\varepsilon$  preferiu a simples expressão vaga (*a sanctis*) ao texto exacto que tinha em  $\gamma$  e  $\alpha$ .

2 — Em certo passo de um apotegma sobre dois irmãos, um muito obediente, outro muito piedoso e mortificado, *laudavit se ille religiosus dicens*:

NAU, 294	PASC XLIII,3	MVPELSJU
"Ὅτι διὰ τῆς ἀσκήσεώς μου ἀνέστη ὁ νεκρός.	Propter religionem meam sus- citus est hic mortuus.	
hic om. MV	suscitatus est] resurrexit J	surrexit ELSU

Parece claro que a substituição de *suscitatus est* por *surrexit se* deu no modelo  $\delta$ . Aí foi  $\varepsilon$  buscá-la. A variante de J, isolada de P, deixa-nos supor que  $\beta$  ainda tinha, como P guardou, *suscitatus est*.

O copista de J terá agido por sua própria conta e quase coincidiu com  $\delta$ .

3 — A preferência por  $\gamma$  ou  $\delta$  pode verificar-se até na selecção do vocabulário.

<p>MACARIVS 38 (280)</p> <p><i>Kαὶ τίνες εἰσὶν ἐκεῖ; Λέγει αὐτῶ τὸ κρᾶνον Ἡμεῖς...</i></p>	<p>PASC. LXIX,1      VPLSJU</p> <p>Cumque qui essent illi senex interrogasset, ille respondit di- cens: Nos...</p>
<p>qui essent illi senex interrogasset] q. e. i. s. interrogaret S    q. e. i. interrogaret senex JU    interrogaret qui essent P    respondit dicens] addidit dicens LSU    dixit P</p>	

Da observação do conjunto de variantes conclui-se, para efeito de reconstituição de modelos, que a troca de *interrogasset* por *interrogaret* se deu em  $\gamma$ , pois a nova forma aparece, embora em posições diferentes, em JP, tendo depois sido preferida também por  $\epsilon$ , como o demonstram SU; em contrapartida, a substituição, mais significativa, de *respondit* por *addidit* é uma inovação de  $\delta$  que depois foi seguida por  $\epsilon$ . Este breve trecho prova bem como  $\epsilon$  se balança entre  $\gamma$  e  $\delta$ .

C — Vamos aduzir exemplos de que o organizador de  $\epsilon$  também dispunha de um modelo de  $\alpha$ , embora a ele recorresse, infelizmente, com bastante parcimónia. A lista de contaminações com  $\alpha$  limita-se a poucas dezenas. A selecção torna-se mais difícil, dado que os representantes de  $\epsilon$  apresentam oscilações que não permitem considerá-los como um grupo perfeitamente homogéneo. Os casos apresentados são escolhidos entre os que revelam concordância de todos os manuscritos de  $\epsilon$  que nos transmitem o apotegma em causa.

1 — O cap. IV de Pascásio é constituído por um só «instantâneo» e tem como título: *Quia perfectis memoria cibi nimio desiderio subtrahatur*. O texto grego correspondente [Sisoos, 4 (392)] e o paralelo de Pelágio IV,38 condizem perfeitamente com Pascásio, com excepção da frase final: *Desiderium enim Dei obliuionem affert cibi*. Esta encontra-se em  $\alpha$  e é absolutamente necessária para justificar o título do capítulo. Todavia  $\gamma$  e  $\delta$  omitem este final, certamente cortado ou esquecido pelo elaborador de  $\beta$ . Verifica-se, porém, que todos os representantes de  $\epsilon$  que transmitem este apotegma (SUC e ainda Gre-

noble, Bibl. Mun. 1172 e Paris, Bibl. Nac. lat. 2809) contêm a frase omitida por  $\gamma$  e  $\delta$ . Não há dúvida de que  $\varepsilon$  só a pôde ter transcrito, indo buscá-la a um modelo de  $\alpha$ .

2 — Em Pascásio XXXIX,3 fala-se de uma visão em que santo Antão é avisado de que ainda não chegou à perfeição *coriarii istius qui est in Alexandria*. Tendo-se o santo informado sobre o género de vida espiritual do correiro, concluiu: *In ueritate, fili, sicut bonus artifex sedens in domo sua cum requie regnum Dei adeptus es*.

O paralelo grego, em Nau 67, não nos dá exactamente esta última frase e do apotegma não possuímos outra tradução latina. O contexto é, no entanto, suficientemente claro para se rejeitar a emenda de *artifex* por *aurifex*, como se encontra em  $\gamma$  e  $\delta$ . Sendo assim, se  $\varepsilon$  nos dá unânimemente (SUCA e Paris, Bibl. Nac. lat. 2809) a lição *artifex*, é certo que só pôde recolhê-la de  $\alpha$ .

3 — Repare-se nesta pergunta, em Pascásio LV,5:

*Suscipit Deus poenitentem, abba?* A palavra *poenitentem* encontra-se emendada para *poenitentiam* em  $\gamma$  e  $\delta$ . Os manuscritos de  $\varepsilon$  que transcrevem o apotegma (SUC) apresentam, porém, o vocábulo *poenitentem*, que só pode provir de  $\alpha$ .

Este pormenor serve ainda para nos mostrar como é delicada a fase da *emendatio* numa edição crítica. Vejam-se os paralelos grego e latino:

MIOS 3 (301)		JOÃO IV,30
...εὶ ἄρα δέχεται μετάνοιαν ὁ Θεός.		Si Deus recipit poenitentem.

Se apenas dispuséssemos da comparação com o grego, dificilmente deixaríamos de dar razão a  $\gamma$  e  $\delta$ . O paralelo de João garante-nos que o seu grego, como o de Pascásio, não tinha *μετάνοιαν*, mas o equivalente a *poenitentem*, talvez *μετανοοῦντα*. Observações deste tipo levam-nos a dar maior crédito às lições de  $\alpha$ .

## VI — SUBARQUÉTIPO ζ

Os manuscritos de Munique, Bibl. Estad. lat. 17139 e de Londres, Mus. Brit. *add.* 37.400 apresentam um extracto, mais longo no primeiro que no segundo, nitidamente dependente da recensão extensa. Os números comuns a ambos os códices são apenas os apotegmas de Pascásio LXIV,1 e XCIII,11.

O exame crítico do texto destes dois números não nos permite encontrar variantes exclusivas de  $\alpha$ ,  $\gamma$ ,  $\delta$  ou  $\varepsilon$  que tenham sido com toda a segurança transmitidas só a  $\zeta$ . Pudemos apurar vários casos de concordância de  $\zeta$  com PELS, em conjunto, o que nos prova que é da família de  $\beta$ . Mais ainda: sendo o texto de XCIII,11 transcrito, na recensão extensa, só pelos manuscritos VJPLSU e pelos dois de  $\zeta$ , chegámos, numa primeira redacção, a apurar três variantes só de S que também se encontram em  $\zeta$ . Quando, porém, juntámos ao texto crítico as lições de U, estas não condizem, naqueles pontos, com as de S e  $\zeta$ . Ficámos, pois, impossibilitado de provar, através de LXIV,1 e de XCIII,11 que  $\zeta$  depende exclusivamente de  $\varepsilon$ . Também não pudemos juntar provas de que  $\zeta$  dependa exclusivamente de S, manuscrito tardio e com numerosas falhas de copista.

O estudo destes números permite-nos, no entanto, apurar, com rigor, que o *Monachensis lat.* 17139 e o *Londinensis add.* 37.400 formam neste ponto um grupo à parte, com variantes secundárias que lhes são exclusivas. Demos apenas os habituais três exemplos.

1 — Em LXIV,1, lin. 10 lemos, segundo o texto de  $\alpha$ : *Sed ille non requieuit*. Em  $\beta$  foi introduzido o verbo simples: *quieuit* como o demonstram os manuscritos derivados de  $\gamma$ ,  $\delta$ ,  $\varepsilon$ . Só  $\zeta$  apresenta um novo composto forjado pelo seu organizador: *acquieuit*.

2 — Poucas linhas adiante, lin. 13, todos os arquétipos até  $\varepsilon$  mantiveram o mais-que-perfeito, no grupo: *unus qui cum eo fuerant profecti*. Em  $\zeta$  houve por certo um erro de leitura, pois o *Monachensis* escreve *fuerunt profecti* e o *Londinensis* só inverte: *profecti fuerunt*. O emprego do perfeito neste subarquétipo talvez deva ser interpretado como um «visigotismo», tendo o copista confundido o  $a$  de arco aberto com  $u$ . Esta hipótese faz remontar o subarquétipo  $\zeta$  a um manuscrito visigótico, vindo assim reforçar a tese da origem hispânica do texto de Pascásio.

3 — Em XCIII,11, lin. 21-22 lê-se: *Sublatis foliis principium illis textus ostendi*. A tecitura da corda (*textus*) de que falava Macário não foi compreendida pelo organizador de ζ, pois só os manuscritos dele derivados apresentam a interpretação *illis restium* (Munique) e *restium illis* (Londres).

Dado que o manuscrito de Munique apresenta no mesmo extracto da recensão longa de Pascásio também os números LVII,4 e LXIX,1, é natural que os tivesse colhido numa só fonte. Parece-nos lícito supor que estes apotegmas, embora não transcritos pelo códice de Londres, representarão suficientemente o texto do mesmo subarquétipo ζ. Ora no exame do texto crítico destes dois números há traços seguros de que ζ depende exclusivamente de ε.

O apotegma LVII,4 (*Vita Taisis*) é-nos dado, na recensão longa, pelos seguintes manuscritos MVJPESUA e ainda por mais três que designaremos pelas siglas que provisoriamente lhes havia sido dada no nosso estudo prévio: Madrid, Acad. Real da Hist., Emilianense 60 (= O); Paris, Bibl. Nac. lat. 2464 (= 13); e por este de Munique, Bibl. Estad. Baviera, lat. 17139 (= Δ). Pomos de parte, aqui, os códices da chamada «versão de Dionísio, o Exíguo». Vejamos agora dois passos:

1 — *...collectis omnibus quaecumque ex peccato susceperat, perlatisque in medio ciuitatis...* A expressão *in medio ciuitatis* apresenta as seguintes formas: *in mediam ciuitatem* JPEA *in media ciuitate* SUO13Δ. Temos representados na construção com ablativo os manuscritos do subarquétipo ε e, a seu lado, Δ cuja posição queremos precisar. Note-se apenas que A inovou em relação ao seu modelo, ε, indo coincidir com γ e δ.

2 — *...declararet Deus causam pro qua abbas Paphnutius ueniret*. Das variantes neste fragmento só interessa a relativa a *ueniret*. Têm *uenerat* JPEU *uenisset* SO13Δ *aduenisset* A. Que a lição de ε era *uenisset* prova-o o testemunho de SO13 e em parte de A. Ora Δ vem juntar-se precisamente a este grupo, o qual mais uma vez não é totalmente homogéneo porque se lhe escapa U com *uenerat* (= γ, δ).

Em LXIX,1 ainda que não haja inovações exclusivas de ε, é possível divisar que ζ, só representado por Δ, se apoia nele quer quando pende para o arquétipo γ ou para δ. O apotegma é transmitido por VPLS-JOUΔ.

Retomemos agora com mais amplidão um passo já começado a estudar em ε (cf. B,3): *Cumque qui essent illi senex interrogasset, ille respondit dicens: Nos quidem qui Deum non nouimus misericordiam*



*quamcumque sortiti sumus*. Das variantes a este passo vamos comentar três:

1 — *respondit dicens*] *addidit dicens* LSUΔ *dicit* P. Vê-se que a substituição de *respondit* por *addidit* introduzida em  $\delta$  foi depois adoptada por  $\varepsilon$ , cuja unidade desta vez apenas é quebrada por O. Ao lado de  $\varepsilon$  se encontra  $\zeta$ .

2 — *nouimus*] *cognouimus* JPLSOUΔ. Casos deste tipo encontram-se vários nos números LXIV,1 e XCIII,11, comuns a Munique e Londres. Verifica-se aqui ter sido a forma *cognouimus* introduzida em  $\beta$ , depois conservada intacta em  $\gamma$  e  $\delta$ , preferida por  $\varepsilon$  e por este transmitida a  $\zeta$ .

3 — *quamcumque*] *quantumcumque* PSOUΔ *qualemcumque* J *quantulumcumque* L. Apesar da dissensão de J, deve presumir-se que *quantumcumque* foi introduzido em  $\gamma$  e retomado por  $\varepsilon$ . Aqui o foi buscar  $\zeta$ . Comparando este caso com o n. 1 vemos o típico balançar de  $\varepsilon$  entre  $\gamma$  e  $\delta$ .

Perante estes factos, julgamos lícito concluir que  $\zeta$  é um subarquétipo à parte, formado só pelos mss. de Munique, Bibl. Estad. Baviera lat. 17139 e de Londres, Mus. Brit. *add.* 37.400, exclusivamente dependente de  $\varepsilon$ .

## VII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\eta$

A crítica textual mostra que este subarquétipo utilizou fundamentalmente o modelo  $\varepsilon$ , mas que além dele tinha um outro exemplar derivado de  $\alpha$  de que se serviu com alguma frequência. Haverá a considerar ainda as lições típicas de  $\eta$ .

*A* — Torna-se difícil provar a dependência exclusiva de  $\varepsilon$  porque, nos poucos apotegmas transcritos, e de breve extensão, não há de facto inovações importantes de  $\varepsilon$  que  $\eta$  pudesse preferir. Todavia, um conjunto de pormenores revela-nos que  $\eta$  anda realmente ligado a  $\varepsilon$ .

1 — O n. XXXII,5 é transcrito por MVJPELSUCA e por  $\eta$ . No cólon *nec hoc habemus patientiam in opere quod incipimus*, o pronome *hoc* foi omitido por JPUCA e por  $\eta$ . Parece tratar-se de uma omissão de  $\gamma$  que foi seguida por  $\varepsilon$  e deste passou a  $\eta$ . Só é de estranhar a sua presença em S. Mas logo a seguir a regência de *in* com acusativo: *in locum*, aparece em  $\gamma$ , em todo o grupo de  $\varepsilon$ , bem como em  $\eta$ .

2 — O único vestígio que se nos deparou duma inovação introduzida em  $\varepsilon$  e que deste passou a  $\eta$  é de escassa representação. Em LXXXVI,1 lê-se em  $\alpha$ ,  $\gamma$  e  $\delta$ : *Non oportet monacho requirere qualiter ille aut quemadmodum ille*. Em  $\eta$  temos o acusativo *monachum*, como em UCA, o que é sinal de ser uma emenda de  $\varepsilon$  (mas note-se a lição correcta em S). Aproveitamos a oportunidade para assinalar já uma lição nova de  $\eta$  acrescentando, a *quemadmodum ille*, agat. Dos outros dez manuscritos que nos dão este apotegma só C apresenta, certamente por simples coincidência, idêntico aperfeiçoamento da frase.

2 — Mais frequentes são as concordâncias com  $\varepsilon$  importadas por este de  $\gamma$  e  $\delta$ . Assim no mesmo n. LXXXVI,1 o final de  $\alpha$ : *Vnde nihil melius quam tacere* aparece com o predicado *melius est* tal como em  $\gamma$ ,  $\delta$  e  $\varepsilon$ .

3 — De igual modo o começo de LXXXVII,2: *Quidam frater requisivit* opõe-se nitidamente à redacção exclusiva, e quanto a nós errada, de  $\alpha$ : *Quidam senex...* O paralelo grego [Poemen 47 (333)] tem *ἀδελφός*.

B — Em contrapartida,  $\eta$  segue por vezes um modelo de  $\alpha$ , afastando-se de todos os derivados de  $\beta$  (mesmo de  $\varepsilon$ , em passos onde este seguiu  $\beta$  e não  $\alpha$  que também possuía).

1 — Em LV,1 introduziu  $\beta$  a seguinte lição, segundo o demonstram manuscritos derivados de  $\gamma$ ,  $\delta$ ,  $\varepsilon$ : *Poenitentia rememoratio peccatorum est et ulterius non peccare*. Porém  $\eta$  apresenta a redacção de  $\alpha$ , apesar de parecer menos clara: *Poenitentia peccatorum est ulterius non peccare*. O texto grego [Poemen, 120 (353)] mais uma vez prova a primazia de  $\alpha$ : *Τί ἐστι μετάνοια τῆς ἁμαρτίας; (...) Τὸ μὴ τοῦ λοιποῦ ποιεῖν αὐτήν*. Como se vê, a resposta não envolve dois membros (não há, pois, razão para o *et*) nem faz referência a qualquer *rememoratio*.

2 — O final de LV,4 é em  $\alpha$  e  $\eta$ : *Ille autem habet cogitationem quia* ( $\eta$ : *quod*) *homo iustus sit, et non est*. A conclusão *et non est* falta em  $\gamma$ ,  $\delta$ ,  $\varepsilon$  e, diga-se, também no grego [Sarmata, 1 (413)]. Só em  $\alpha$  poderia  $\eta$  tê-la encontrado.

3 — No n. XXXII,5 no passo: *Transimus sperantes quia inuenimus locum ubi non sit diabolus* também só  $\alpha$  e  $\eta$  apresentam o futuro que nos parece lógico, *inuenimus*. Os outros arquétipos derivados de  $\beta$  têm invariavelmente *inuenimus*, talvez por influência de *transimus*.

C — Há também várias modificações que fazem supor a existência efectiva de um modelo comum de que dependem todos os manuscritos derivados de  $\eta$ .

1 — Citemos duma só vez três omissões:

a) Em XXXII,5 falta todo o passo final: *Sed et si adeptus fuerit non permanebit in ea. Nam lugentibus et esurientibus promissum est regnum caelorum*. Todavia ele encontra-se em  $\alpha$  e  $\varepsilon$  que, como sabemos,  $\eta$  possuía.

b) Em XXXIII,14: *Subiit in arborem palmae* só  $\eta$  suprime a especificação *palmae*.

c) Em LXIII,1 apenas  $\eta$  dispensa *per haec tria* (isto é, *labor et humilitas et oratio sine cessatione*) na frase: *Omnes enim sancti a principio usque ad finem per haec tria saluati sunt*.

2 — Na frase de XXXIII,15: *Veniens autem iudex cum officio suo* pensou o organizador de  $\eta$  que seria melhor personificar e substituiu *officio* por *officiario*. Ficou sozinho nesta inovação.

## VIII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\theta$

Representado apenas pelo ms. *Parisinus lat.* 5386, este subarquétipo, dadas as suas peculiaridades, mereceu-nos atenção especial. Do estabelecimento do seu texto crítico em comparação com os seis manuscritos que servem de base à nossa edição, verificámos, em 98 anotações características, a seguinte divisão: 37 inovações exclusivas do subarquétipo  $\theta$ , muitas delas constituídas por acrescentos, dos quais 16 são de 5 ou mais palavras; 19 casos de concordância com os derivados do hiperarquétipo  $\beta$ ; 42 lições de acordo com  $\alpha$ , quando  $\beta$  dele se desvia.

A — Exemplos de inovações só de  $\theta$ .

1 — Em XXXIII,10, lin. 9-10, lemos: *Quia ille qui fecit etsi immunda potest uiuere.* Em vez de *immunda*,  $\theta$  desenvolve, explicando: *inmundos fructus collegit et paruos.*

2 — O apotegma LVII,2 termina a narração da convertida com estas palavras de Deus: *Propterea suscepti poenitentiam eius.* Contra todos os manuscritos e contra o grego (Nau, 43)  $\theta$  acrescenta, edificantemente: *Frater autem eius sepeliuit corpus eius cum omni honorificentia.*

3 — Há também casos de omissões originais. Em XCVI,4 apresentam-se as personagens: *Abba Poemen, una cum alio abbate seniore sibi, nomine Anub.* Mas  $\theta$  simplifica eliminando, sòzinho, as palavras *seniore sibi nomine.*

B — As dependências de  $\beta$  notam-se mesmo em pormenores. Apresentamos casos em que  $\epsilon$  representa a concordância de  $\gamma$  e  $\delta$  e, portanto, remontam certamente a  $\beta$ .

1 — Em XXXIII,10, lin. 10-11,  $\alpha$  escreve: *Faciamus et nos aliquanta.* Após *faciamus*  $\theta$  junta tal como PELS: *ergo.*

2 — Em XLVI,2 constrói  $\alpha$  a oração condicional com indicativo: *Potest tamen si ab alio monetur.* Tal como  $\gamma$ ,  $\delta$ ,  $\epsilon$  lemos em  $\theta$  o conjuntivo *moneatur.*

3 — Em LVII,2, lin. 17-18 o mais-que-perfeito do conjuntivo na oração: *Dum autem pariter ambulassent,* segundo a versão de  $\alpha$ , vem mudado para o imperfeito *ambularent* em  $\gamma$ ,  $\delta$ ,  $\epsilon$  e também em  $\theta$ .

C — Do mesmo modo, a preferência pela lição de  $\alpha$ , contra a de  $\beta$  que também possuía, manifesta-se mesmo em pequenas coisas.

1 — O n. XLIII,1, além de  $\theta$ , só é dado na recensão longa por MVJPELSU. Quase no começo tem  $\alpha$ : *Cum autem ille tardasset et seni necessaria defecissent...* Após *tardasset* acrescentam *per dies aliquos* JPLSU e *per aliquos dies* E. Trata-se de um acrescento seguramente introduzido em  $\beta$ . Só  $\theta$  se mantém fiel à redacção menos explicativa de  $\alpha$ .

2 — Falando de dois irmãos, diz-se em XLIII,3: *Unus ex ipsis erat religiosus*. Esta a lição de  $\alpha$  e  $\theta$ , porque  $\beta$  e seus derivados reforçaram a virtude do irmão acrescentando a *religiosus, ualde*.

3 — Em LVIII,1 hesitamos bastante em adoptar o texto de  $\alpha$ : *Si autem pugna in te uenerit*. Decidimo-nos, porém, quando vimos esta lição confirmada por  $\theta$ . Com efeito, todos os outros modelos apresentam a redacção de  $\beta$ : *interuenerit*. O verbo grego *ἐπίκειται* [Macarius, 19 (269)] não nos parecia decisivo a favor de uma ou outra tradução.

D — A título excepcional vamos apresentar um exemplo complexo para se ver como trabalhou o organizador de  $\theta$ , seguindo ora  $\alpha$  ora  $\beta$  ora inovando, numa pequena e controvertida frase de LVII,2, lin. 11-12. Vai primeiro o texto grego:

Nau, 43: *Καὶ πῶς δυνήσῃ ὑπενεγκεῖν τὴν αἰώνιον καὶ πικρὰν βάσανον;*

Na nossa edição crítica decidimo-nos, laboriosamente, pela versão:  
*Et quemadmodum poteris sufficere amara illa aeterna tormenta?*

Todavia  $\alpha$  escreve no final apenas assim: *sufficere illa tormenta*, suprimindo os adjectivos desagradáveis... Em  $\beta$  trocou-se *sufficere* por *sufferre* (talvez por ser mais claro), mantendo-se, no entanto, os correspondentes do grego *αἰώνιον καὶ πικρὰν*.

Leia-se agora o final de  $\theta$ : *sufferre* (com  $\beta$ ) *illa tormenta* (com  $\alpha$ ) *quae tibi praeparata sunt* (acrescenta por sua conta).

## IX — SUBARQUÉTIPO $\iota$

A constituição do subarquétipo  $\iota$  é de grande importância não só porque dele dependem outros subarquétipos, mas porque a ele remonta, fundamentalmente, a edição vulgarizada por Rosweyduus. O exame crítico do texto mostra que  $\iota$  depende do subarquétipo  $\varepsilon$ , reflectindo-se nele todas as características da origem complexa do seu modelo. Vamos apresentar os diferentes aspectos, sem cedermos à tentação da multiplicação de provas.

*A* — Como vimos,  $\varepsilon$  depende de  $\beta$  através da contaminação de  $\gamma$  e  $\delta$ . Há muitos casos que provam a dependência de  $\iota$  do hiperarquétipo  $\beta$ .

1 — Assim, em XIV,12 o acrescento no fim: *Ergo tuum est eligere aut Deum Deum aut mamona mamona* encontra-se já em  $\gamma$  e  $\delta$  e destes passou a  $\varepsilon$  e  $\iota$ .

2 — Do mesmo modo a omissão de *cum fide* em XXXV,1, lin. 5, típica de  $\alpha$ , não se verifica em  $\iota$ . Logo este depende dos derivados de  $\beta$ .

3 — Só até ao cap. XL recolhemos ainda casos significativos em XVIII,2, lin. 4; XXIV,1, lin. 16; XXVIII,1, lin. 1 e 13; XXXIII,3, lin. 2; XXXIV,4, lin. 1; XXXVI,3, lin. 4. Estes exemplos são facilmente controláveis comparando a nossa edição com os números correspondentes em Rosweyduus, reproduzidos na PL LXXIII.

*B* — Notam-se também em  $\iota$  elementos que  $\varepsilon$  importou de variantes típicas de  $\gamma$ . Em L,2 *a* transmite: *Ille autem alter infirmo facit obsequium*. O modelo  $\delta$  escreveu *infirmis* e o  $\gamma$  *infirmanti*. Foi esta a lição que passou a  $\varepsilon$  (como o confirmam SUC) e daqui a  $\iota$ . Nas mesmas condições se encontram, entre outros, LVI,2, lin. 15 (*ad eum*); XCIII,11, lin. 35 (*quo*), etc.

*C* — Igualmente se podem descortinar casos em que  $\varepsilon$  seguiu  $\delta$ : Em XXXIII,1, lin. 3, *numquam* é substituído por *nusquam* em LSU e daqui passou a  $\iota$  e seus derivados.

*D* — Dos exemplos em que  $\varepsilon$  abandonou os derivados de  $\beta$  para seguir a lição de  $\alpha$  citaremos apenas XVIII,1, lin. 3: *Quod postquam*

*regressus hoc senex agnouit.* Em  $\beta$ , *regressus* foi substituído por *reuersus*, pois tal é a lição de PEL (J está mutilado). Porém  $\epsilon$ , representado por SUCA e outros, preferiu a lição de  $\alpha$ , *regressus*, a qual passou a  $\iota$  e seus descendentes.

E — Onde precisamos de nos deter é na demonstração de que  $\iota$  é realmente um arquétipo derivado da série longa. O facto de o mais antigo manuscrito ser da recensão breve e de esta ser até hoje a única publicada quase na totalidade faz com que devamos prestar-lhe especial atenção, pois poderia supor-se que ela representa a redacção primitiva da obra de Pascásio. Tal não acontece, porém. Com efeito, a composição deste modelo, além das manifestações externas do seu carácter antológico, a que já nos referimos (I parte), apresenta variantes e interpolações que revelam não ter o seu organizador presente o texto grego, desejando muitas vezes esclarecer, edificar ou mostrar erudição.

a) O exemplo mais frisante de ampliações na série breve é a inserção de passos ou referências bíblicas. Conseguimos assinalar treze destas interpolações. Eis três casos dos mais evidentes:

1 — O n. XLVI,7 da série longa corresponde bastante bem ao grego *Poemen* 70<sup>a</sup> (337 e 340). Trata-se de saber se devemos conviver só com os bons e desprezar os maus. À pergunta do discípulo respondeu o abade *Poemen*:

POEMEN 70<sup>a</sup> (340)

*Λέγει ἀὐτῷ ὁ γέρον· Εἰ ποιεῖς  
τῷ καλῷ ἀδελφῷ μικρὸν ἀγαθόν,  
διπλοῦν ποιήσον μετ' ἐκείνου.  
Οὗτος γὰρ ἐστὶν ὁ ἀσθενῶν.*

RECENSÃO LONGA

Cui senex: Si facis illi bono  
aliquid parum boni, duplex bo-  
num cum illo fac altero.

Como se vê, Pascásio apenas não traduziu a frase final — admitindo que ela fazia parte do seu manuscrito. O organizador de  $\iota$  reelaborou assim esta passagem, segundo a lição de G (Stuttgart, Theol. 2.º, 303):

*Cui senis: dicit Apostolus: Cum idolatris et immundis  
et fornicariis nec cibum sumere; sed quia Dominus noster  
non uenit iustos uocare sed peccatores in poenitentiam,*

*ideo, si facis illi bonum parum aliquid, duplex bonum fac cum illo altero, ita ut super bonam imitetur instructionem perficere.*

A citação do apóstolo S. Paulo ocupa apenas a primeira parte da consideração moral introduzida. Com efeito, na I Epístola aos Coríntios V,11, lê-se: *Si is qui frater nominatur est fornicator, aut auarus, aut idolis seruiens, aut maledicus, aut ebriosus, aut rapax, cum eiusmodi nec cibum sumere.*

A conjunção adversativa, seguida da oração final: *sed quia Dominus...*, introduz nova citação bíblica, agora do Evangelho de S. Lucas V, 32: *Non ueni uocare iustos sed peccatores ad poenitentiam.*

Só após esta justificação, o elaborador de *ι* transcreve a resposta exacta de Poemen, acrescentando-lhe, no entanto, ainda uma oração conclusiva, também inteiramente alheia ao texto grego. Este último apêndice tem também sabor bíblico. Não podemos localizá-lo com precisão. O sentido não está longe, porém, deste conselho de S. João na sua III Epístola, 11: *Carissime, noli imitari malum, sed quod bonum est.*

2 — Em LXXI,3 a Abraão responde Poemen que o demónio não assalta aqueles que fazem a sua vontade; nas pessoas mais perfeitas são os próprios desejos interiores que fazem o papel do demónio. Eis a tradução de Pascásio e o texto grego correspondente, na parte que interessa aqui:

## POEMEN 67 (337)

*Τὰ γὰρ θελήματα ἡμῶν δαίμονες γέγονασιν καὶ αὐτοὶ εἰσιν οἱ θλίβοντες ἡμᾶς, ἵνα πληρώσωμεν αὐτά. Εἰ δὲ θέλεις ἰδεῖν μετὰ τίνων ἐπολέμησαν οἱ δαίμονες...*

## RECENSÃO LONGA

*Sed nostrae nobis uoluntates daemones factae sunt et tribulant nos. Nam uis scire cum quibus daemones pugnaverunt?*

Exceptuando o grupo *ἵνα πληρώσωμεν αὐτά* que não foi traduzido, tudo o mais corresponde, em Pascásio, fielmente, ao grego.

A recensão breve de *ι* apresenta uma interpolação depois de *tribulant nos*. A lição de G é:

*...et tribulant nos. De quo Apostolus dicit: Caro concupiscit aduersus spiritum, spiritus aduersus carnem, ut non quaecumque uultis illa faciatis. Nam uis scire...*



O organizador de *ι* introduziu à sua responsabilidade uma citação quase literal da Epístola de S. Paulo aos Gálatas V,17. Pela comparação com o grego é evidente que o texto primitivo é o da recensão longa.

3 — O apotegma XC,1 conta-nos a relutância de Teodoro em exercer a ordem de diácono, que lhe fora conferida. Para se decidir pediu a intervenção divina. Apareceu-lhe uma nuvem de fogo que se elevava até ao céu. A narração continua, segundo Pascásio e o texto grego:

THEOD. 25 (193)

*Καὶ φωνὴ λέγουσα· Εἰ δύνασαι γενέσθαι ὡς ὁ στύλος οὗτος, ὕπαγε, διακόνησον. Ὁ δὲ ἀκούσας ἔκρινε μηκέτι καταδέξασθαι.*

RECENSÃO LONGA

Et uox ad eum: Theodore, si potes fieri sicut columna ista, uade et ministra. Quod ille audiens, ultra nullatenus acquieuit.

Mais uma vez a tradução de Pascásio é fiel. Após *ministra* o reelaborador da recensão breve inseriu uma referência bíblica. Lê-se em G:

*...uade et ministra. Sufficit quod leuitis et sacerdotibus per Moysen dictum est: ut mundo corde et corpore, innocentibus manibus et uestimentis mundissimis, pro filiis Israel offerre sacrificia. Quod ille audiens...*

O recurso à Bíblia é explícito: trata-se de um preceito dado por Moisés aos sacerdotes e levitas. Confessamos não ter encontrado na *Vulgata* o passo aqui citado. Poderá ser um preceito que se encontre numa versão hebraica ou grega diferente das que serviram para a tradução da *Vulgata*. Não cabe aqui investigar esta questão.

b) Além das ampliações de carácter bíblico, contámos mais vinte acrescentos de quatro ou mais palavras. Eis o maior de todos, que transcrevemos aqui por supormos que ele deve exigir uma fonte que nós não identificámos.

Em LXI,1 Agatão expõe que a oração é o que, em seu entender, exige maior esforço. E justifica, segundo Pascásio e o grego:

AGATHON 9 (112)

*Τὸ δὲ εὐξασθαι, ἕως ἐσχάτης ἀναπνοῆς ἀγῶνος χροῖζει.*

RECENSÃO LONGA

Orare autem usque ad ultimam uitam inpedire nituntur daemones et ideo resistere illis labor est fortis.

A tradução de Pascásio é, dum modo geral, fiel em todo este apotegma. A comparação com a versão paralela de Palágio XII,2 mostra que os seus originais gregos se equivaliam, aproximadamente. Há variantes de pormenor, mas grego e traduções latinas terminam com uma referência á fortaleza necessária para vencer na oração.

O organizador de  $\iota$ , porém, após *labor est fortis* acrescentou, de acordo com a leitura de G:

*De hoc abbati Macario reuelatum est cum diabolus gloriaretur aliquos monachos in uigilia nocturna inludere, alios cogitationibus, alios taediare, alios dormire, alios per ciborum desideria, alios per spiritum fornicationis uidisset eludi.*

Para este passo não encontrámos qualquer equivalente, nem sabemos onde possa ter sido inspirado. É certo, porém, que é espúrio em relação ao texto de Pascásio. A seguir, G retoma a continuação de LXI,1 de acordo com a recensão longa.

c) Processo estilístico do compilador de  $\iota$  é o de retocar várias expressões. Apenas um exemplo.

Segundo  $\alpha$  um irmão interrogou S. Macário sobre a oração. Da sua resposta faz parte o seguinte conselho (LVIII,1):

PG LXV, Macarius 19 (269): *Ἐὰν δὲ ἐπίκειται πόλεμος· Κύριε, βοήθει. Καὶ αὐτὸς οἶδε τὰ συμφέροντα.*

RECENSÃO LONGA ( $\alpha$ )

Si autem pugna in te uenerit, dicendum est: Deus, auxiliare. Ipse enim nouit quae nobis expediant.

TEXTO DE G ( $\iota$ )

Si autem *tentatio* inruerit aut *inpugnatio*, dicendum est: *Domine*, Deus *clementissime*, auxiliare *dignare*. *Tu enim scis quid nobis oportet.*

A recensão longa corresponde perfeitamente ao grego; a breve, além da substituição de palavras (que poderiam ser interpretadas como glossas) faz acrescentos e aperfeiçoa o estilo. Da comparação das duas versões ressalta claramente que a recensão longa é a original;

a breve é, necessariamente, trabalho de um manipulador que não possui o texto grego e pretende melhorar a redacção.

d) Outro processo denunciador da natureza secundária de *ι* é a redução do texto, mesmo contra o sentido primitivo. Um caso concreto.

Em LXXVI,3 aconselha-se o monge a que pratique só o bem. Nestas condições o demónio não encontra ocasião de se intrometer. E continua Pascásio:

## RECENSÃO LONGA

Si autem malum opus exercet, veniens frequenter spiritus Dei et uidens malum opus non accedit sed recedit. Si tamen requisitus fuerit, cito reuertitur.

## TEXTO DE G (γ)

Si autem malum opus exercet, ueniens frequenter —————  
et *inpugnat eum et in deteriora subuertit.* —————  
—————

É evidente que na lição de G não há lugar para as tentativas do Espírito Santo de recuperar uma alma afastada. O organizador da recensão breve remata o apotegma como se devesse continuar a falar da acção do demónio. Fá-lo, porém, contra o sentido original e empobrecendo o valor ascético do texto.

Para o n. LXXVI,3 não dispomos de uma versão grega que se ajuste perfeitamente à tradução de Pascásio. O sentido é, porém, o mesmo no apotegma transmitido por Nau, 241. A parte equivalente ao latim transcrito diz:

*Ἐὰν δὲ πάλιν κυριευθῆ ἀπὸ τῆς αἰχμαλωσίας τοῦ ἐχθροῦ, παραβάλλει αὐτῷ τὸ πνεῦμα τοῦ Θεοῦ πικρὰ, ἀλλ' οὐκ ἀφίομεν αὐτῷ τόπον, καὶ διὰ τὴν κακίαν ἡμῶν ἀναχωρεῖ.*

O texto grego omite apenas a parte correspondente à última frase de Pascásio. Quanto ao mais é a recensão longa que se mantém a par do grego, enquanto o tratamento dado por *ι* a este passo se lhe mostra completamente alheio. Neste ponto Pelágio X,108 está bem ajustado a Nau, 241. Pascásio devia ter diante de si uma recensão grega ligeiramente diferente.

Poder-se-iam juntar ainda exemplos em que *ι*, além da antologia do conteúdo, abreviou os próprios apotegmas, como em XXXIII,11, lin. 5-6 e LXXVIII,2, lin. 1-2. Será fácil verificá-lo consultando a edição de Rosweyds nos passos equivalentes: XII,6 e XXVIII,2.

e) Só mais uma prova da natureza secundária de  $\iota$ . Em XCIX,2 fala-se duma visão de Arsénio a quem primeiro foi mostrado *quendam hominem aquam de puteo haurientem* e depois *alium Aethiopem ... sarcinam facientem*. Esta descrição corresponde ao grego, embora a ordem da visão venha invertida:  $\epsilon\delta\epsilon\iota\chi\epsilon\nu$   $\text{Αιθίοπα} \dots \alpha\nu\theta\rho\omega\pi\omicron\nu$  [Arsenius, 33 (100)]. Só na recensão breve a palavra *aethiopem*, talvez por ser inesperada, foi substituída por *et rupem* (com omissão do *alium* anterior, tal como o foi em toda a transmissão de  $\beta$ ). Mas quem não vê o absurdo de ter sido mostrada *uma rocha a fazer um fardo*? Decididamente o organizador de  $\iota$  não soube ler *ethiopem* e encontrava-se longe do original e da sua fonte grega. A série breve só tem explicação como uma antologia da recensão longa, feita por quem apenas dispunha do texto latino, de alguma erudição e de certa dose de ousadia e imaginação.

F — A crítica textual permite-nos garantir que o único representante conhecido de  $\iota$ , o manuscrito de Estugarda, Theol. 303, foi mais tarde corrigido, utilizando o corrector um exemplar do subarquétipo tardio  $\chi$ . Prova disso é a inserção, após rasura ou sobre a linha, de lições própria de  $\chi$ . Assim, em XXIII,2 tinha  $\iota$  de acordo com o bom texto:

*Cum autem ille uocem fecisset...*

Foi  $\chi$  que substituiu o verbo por *dedisset*. Esta emenda vê-se também no exemplar de  $\iota$ , mas *post correctionem*.

Em XXXIII,15 traduziu Pascásio:

*Iudex (...) uenit a te benedici.*

Pensando melhorar o texto,  $\iota$  trocou a preposição *a* por *ad*. Mas  $\chi$ , que recebeu o texto com *ad* através de  $\kappa$ , julgou dever aperfeiçoar a frase ainda mais e escreveu:

*Iudex (...) uenit ad te benedici cupiens.*

No manuscrito de Estugarda o particípio presente *cupiens* encontra-se em entrelinha, com sinal notório de ser acrescento posterior à primeira redacção. Outros exemplos se poderiam aduzir, embora muitas vezes as alterações, feitas sobre um modelo de  $\chi$ , representem uma inovação que este já recebeu dos seus modelos.

## X — SUBARQUÉTIPO $\kappa$

Da recensão breve, o subarquétipo mais importante é o  $\kappa$ , não só por ser o que está melhor documentado, mas sobretudo por ter vindo a influir na organização de  $\mu$ ,  $\nu$  e seus derivados. A composição externa apresenta, como vimos, já algumas variantes em relação ao seu modelo  $\iota$ .

Do ponto de vista de crítica textual, as alterações introduzidas em  $\kappa$  são relativamente insignificantes: pequenas omissões de palavras, inversão da ordem dos vocábulos, variações de estilo com intenção de tornar o texto mais acessível, breves acrescentos, tentativas de interpretação, troca de uma palavra pelo seu sinónimo (sem que devamos falar de autênticas glossas).

Vamos apresentar exemplos, seleccionando propositadamente apenas alguns que se mantiveram ao longo da tradição manuscrita até à edição de Rosweydyus. O texto de  $\kappa$  será sempre citado segundo a lição do ms. 8216-18 da Biblioteca Real da Bélgica, o famoso códice do século IX copiado *in Hunia*.

1 — Em XXIII,2, lin. 9-10 (= Rosw. VIII,2) o abade Poemen envia uma repreensão a um afamado eremita. Na versão longa, mantida por  $\iota$ , exprime-se assim o princípio do arrependimento:

*Quo ille sermone conpunctus...*

Aparece em  $\kappa$  pela primeira vez a redacção:

*Cumque ille talem audisset sermonem conpunctus est et...*

2 — Em XLVI,6, lin. 19-20 fala-se de um monge que, segundo  $\alpha$ ,  $\beta$  e  $\iota$

*uidit spiritum Dei.*

Em  $\kappa$  acrescenta-se aqui uma palavra:

*uidit spiritum sanctum Dei*

Note-se que em Rosweydyus (XVIII,2) mantém-se *sanctum* (espúrio) e suprime-se *Dei* (original).

Continuando a mesma visão, diz-se em  $\alpha$ ,  $\beta$  e  $\iota$  que depois o monge

*uidit abbatem Moysen et angelos*

Aqui  $\kappa$  e seus derivados juntam:

*...et angelos Dei.*

3 — Uma pequena omissão que se manteve até à edição de Rosweydu (XXXII,1). O apotegma LXXXVIII,6 começa, ainda em  $\iota$ :

*Beatus Antonius discipulo suo solebat hoc dicere...*

A começar em  $\kappa$ , *hoc* foi suprimido.

4 — Exemplos de substituições de palavras por um seu sinónimo, sem que se veja bem a razão da troca, havendo até, no primeiro caso, mudança de sentido:

Em XVIII,3, lin. 9 narra-se que o abade Agatão procurave impedir que os outros jurassem falso, segundo  $\alpha$ ,  $\beta$  e  $\iota$ :

*in sacramento peccare.*

Porém em  $\kappa$ , sem se aperceber do valor exacto de *sacramento* (juramento) neste passo, o reelaborador emendou:

*in sacrificio peccare.*

A confusão do *sacramento* com o sacrificio da Missa acentua-se na versão de Rosweydu (V,3):

*in sacrificando peccare.*

Em LVII,1, lin. 2 *tentationem* é substituído por *tribulationem* (cf. Rosw. XXIV,1) e em XCVIII,1, lin. 1 *requisiuit* por *interrogauit* (Rosw. XXXVI,1).

Todos estes exemplos, ao mesmo tempo que provam as alterações introduzidas por  $\kappa$ , demonstram igualmente que o seu modelo  $\iota$  se mantinha mais perto do original.

## XI — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\lambda$

A existência do subarquétipo  $\lambda$  é postulada pelas lições de  $\mu$  e  $\nu$ , que em grande parte concordam entre si, exigindo, portanto, um modelo anterior comum, de que ambos dependem. Além da muito diferenciada contextura do conteúdo, os subarquétipos  $\mu$  e  $\nu$  apresentam também um grande número de variantes que revelam uma nova reelaboração do arquétipo  $\lambda$ .

O organizador de  $\lambda$  tinha diante de si, simultaneamente, um modelo da recensão longa da família de  $\varepsilon$  e outro da recensão breve, derivado de  $\kappa$ . Além disso, trabalhou com muita liberdade. Vamos observar, desde já, estas características no subarquétipo  $\mu$  que, segundo supomos, nos transmite inteiramente o texto de  $\lambda$ . A prova das inovações comuns a  $\mu$  e  $\nu$ , e das variantes entre ambos, só poderá ser dada adiante quando estudarmos o subarquétipo  $\nu$ . Os exemplos que passamos a fornecer, relativos a  $\mu$ , servem para caracterizar também a natureza da formação de  $\lambda$ , uma vez que (com exceção dos dois casos que indicaremos explicitamente) não se encontram em  $\nu$ , que é um subarquétipo de pequena extensão.

## XII — SUBARQUÉTIPO $\mu$

Como descendente, embora mediato, de  $\varepsilon$ , apresenta  $\mu$  sinais da formação contaminada do seu afastado modelo. As transcrições de  $\mu$  que vamos fazer referem-se à lição do manuscrito 1375 da Biblioteca Municipal de Ruão (sigla R), o mais antigo dos que têm o texto completo desta recensão (século XI). Ocasionalmente indicaremos já se o subarquétipo  $\sigma$  (a estudar mais tarde) está de acordo com o modelo de  $\mu$ .

A — Verifica-se que  $\mu$  apresenta lições típicas de  $\gamma$  que foram adoptadas por  $\varepsilon$ . Assim, em LVI,2, lin. 9-10 temos, segundo  $\alpha$  e  $\delta$ :

*Vt autem cognosceret de illis quorum crimina audiebat,  
communione eis ipse porrexit.*

O imperfeito *audiebat* é substituído pelo mais-que-perfeito *audierat* em  $\gamma$  e daí passou a  $\varepsilon$  e através deste a  $\iota$  e  $\lambda$  (onde  $\mu$  o foi buscar) e  $\sigma$ .

Mudanças aparentemente insignificantes, mas de facto reveladoras da continuidade de  $\gamma$  até  $\mu$ , por intermédio de  $\varepsilon$ , temo-las também em XLII,2, lin. 5: *autem* do texto é substituído por *uero*; e em XLIII,1, lin. 18, onde em vez de *prope monasterium*  $\gamma$  introduziu *iuxta*, preposição esta que foi adoptada por  $\varepsilon$ ,  $\mu$  e  $\sigma$ .

B — Do mesmo modo há variantes próprias de  $\delta$  que  $\varepsilon$  preferiu e deste passaram a  $\mu$  e  $\sigma$ . Em XLIII,3, lin. 18,  $\alpha$  e  $\gamma$  têm a expressão *suscitatus est hic mortuus*, na qual em  $\delta$  o verbo foi substituído por *surrexit*, lição esta que se mantém em  $\varepsilon$  e  $\mu$ . Igualmente significativa é a omissão em  $\delta$ ,  $\varepsilon$ ,  $\mu$  e  $\sigma$  do final de VII,2: *quia homo sum et cibum desidero*.

C — De igual modo se podem apresentar exemplos em que  $\mu$  transmite a lição de  $\alpha$ , porque esta foi adoptada por  $\varepsilon$ . Em XVIII,1, na já citada (em  $\iota$ ) expressão: *postquam regressus hoc senex agnouit* também  $\mu$  conserva *regressus*, restituído em  $\varepsilon$ , segundo  $\alpha$ , contra a variante *reuersus* que, introduzida em  $\beta$ , se conservou em  $\gamma$  e  $\delta$ . No princípio



de LII,5: *Beatus Arsenius cum tempus eius ut migraret de hoc saeculo proximaret*,  $\gamma$  e  $\delta$  dão à oração temporal uma nova redacção *cum tempus eius aduenisset ut migraret de hoc saeculo*. Os modelos  $\varepsilon$ ,  $\iota$ ,  $\mu$  e  $\sigma$  não seguem esta variante. Apesar de neste ponto  $\mu$  apresentar uma alteração que se encontra também em  $\nu$  (sinal de que remonta a  $\lambda$ ) torna-se evidente que, através de  $\varepsilon$  descende de  $\alpha$  quando escreve: *approximaret tempus migrationis eius*.

D — Finalmente apresentemos a prova de que  $\mu$  depende de  $\varepsilon$  mesmo quanto este inova. Seleccionamos um pormenor curioso. Em I,2 cita-se Daniel: «*Panem desideriorum non comedi*» (cf.  $\sigma\kappa$   $\epsilon\phi\alpha\gamma\omicron\nu$  em Sisoës 23 [400]). Todos os manuscritos de  $\varepsilon$  (SUCA) que dão o apotegma reforçam a negativa para *numquam comedi*. Esta lição só é seguida pelos códices dependentes de  $\mu$  e  $\nu$ . Em contrapartida, em V,1, lin. 28, lê-se: *Quid est hoc, abba, quia dum hic essemus numquam psallebas* e só  $\varepsilon$  (representado por SUA) emendou para *non psallebas*. É esta forma, agora atenuada, de negação que se encontra em  $\mu$ .

E — Como  $\mu$  representa um recensão mais extensa que a de  $\iota$  e  $\kappa$ , é fácil de concluir que primariamente  $\mu$  depende da recensão longa. Temos, porém, muitas provas de que  $\mu$  é um modelo contaminado, pois o seu arquétipo exige simultâneamente a presença de  $\varepsilon$  e  $\kappa$ . Tendo acabado de demonstrar a dependência de  $\varepsilon$ , cumpre-nos agora provar que há sinais inequívocos da influência da recensão breve.

a) O primeiro aspecto chocante é que os 13 passos ou referências bíblicas introduzidas por  $\iota$  (e deste passaram a  $\kappa$ ) todos foram assumidos por  $\mu$ , o qual, talvez pelo incitamento que recebeu do exemplo de  $\kappa$  acrescentou, por sua vez, mais 33 alusões ou transcrições bíblicas.

Será possível provar, do ponto de vista crítico, que os primeiros trechos bíblicos a serem interpolados no texto de Pascásio o foram na série breve? Supomos que sim.

1 — Já atrás (IX, E, a, 3) vimos que em XC,1 foi inserida uma referência bíblica. Em relação ao texto de  $\iota$  então transcrito, observemos só as variantes que importa agora salientar:

$\kappa$  manteve:

*sufficit quod leuitis...*

$\mu$  emendou

*sufficiat quod leuitis...*

Em  $\iota$ , que é a redacção original e por certo anterior a  $\kappa$ , temos:

*innocentibus manibus et uestimentis mundissimis.*

O paralelismo destes plurais foi quebrado em  $\kappa$ :

*innocentibus manibus et uestimento mundissimo.*

Foi esta a redacção que passou a  $\mu$ . Notemos desde já que  $\kappa$  veio neste ponto a servir de modelo ao subarquétipo que acabou por se impor nas edições (cf. VII Rosweydu, cap. XXXIII,1).

O final da interpolação:

*offerre sacrificia*

apesar de sintàcticamente aberrante, pois *offerre* depende de um *ut* anterior, manteve-se em  $\kappa$ . O organizador de  $\mu$  regularizou a subordinação escrevendo:

*ut... pro filiis Israel offerant sacrificia.*

Parece-nos que se  $\kappa$  (ou mesmo, por hipótese,  $\iota$ ) tivesse copiado de  $\mu$  não emendaria a sintaxe do verbo ... para pior.

2 — Mais significativo é ainda o que se passa com XXIV,3. A série breve acrescenta unânimemente ao apotegma (cf. VII Rosw. IX,1) uma citação de S. Mateus V,9: *quia pacifici filii Dei uocabuntur*. Em  $\mu$  este apotegma não foi utilizado, apesar de o compilador o ter em  $\epsilon$  e  $\kappa$ ; do que ele se não dispensou foi de aproveitar o passo escriturístico, juntando-o à sentença anterior. Nenhum dos outros modelos abona, no entanto, a presença de Mat. V,9 depois de Pasc. XXIV,2...

b) Muitos outros elementos comprovam que  $\mu$  utilizou a recensão breve segundo a redacção de  $\kappa$ . Eis mais três exemplos:

1 — A recensão longa é uniforme em transmitir assim o princípio de LXXXVIII,6: *Beatus Antonius discipulo suo solebat hoc dicere*. O pronome *hoc* está ainda em  $\iota$ . Eliminou-o, porém,  $\kappa$ ; e  $\mu$ , em vez de se manter fiel ao modelo mais extenso, preferiu a forma menos expressiva, suprimindo também o *hoc* (cf. VII Rosw. XXXII,1).

2 — Segundo XC,3 o abade Mótoes foi ordenado de presbítero porque

*Videns autem illum episcopus loci ipsius tenens eum inuitum presbyterum fecit.*

O pronome *ipsius* é constante na série longa e mantém-se em *ι*. Não atendendo à *uariatio*, *κ* substituiu-o por *illius* e *μ* mais uma vez preferiu a lição errada (cf. VII Rosw. XXXIII,3).

3 — A dependência de *μ* da recensão breve pode demonstrar-se também pelo afastamento do sentido expresso pela versão longa, a qual corresponde ao grego. Apesar da sua perfeição espiritual, o abade Sisoio já no seu leito de morte ainda dizia (LII,4): *In ueritate uobis dico quia adhuc nec principium me arripuisse poenitentiae remiscor*. E continua o texto:

RECENSÃO LONGA	SISOES 14 (396)
Ex quo dicto senserunt quod esset in timore Dei perfectus.	<i>Καὶ ἔμαθον πάντες ἔτι τέλειός ἐστι.</i>

Pascásio deu a *καί* valor conclusivo: *ex quo dicto*. Talvez por erro de leitura ou antes com a intenção de maior expressividade, o organizador da recensão breve emendou: *ex quo die...* Embora dispusesse também da versão exacta, o elaborador de *μ* preferiu o texto errado. Deste exemplo já se pode concluir que nem *ι* nem *μ* trabalhavam com um texto grego diante de si.

F — Um dos processos característicos do organizador de *μ* é o acrescento do texto, contra os seus modelos e o grego.

a) Devemos considerar em primeiro lugar os aumentos de carácter bíblico. Eis três das suas 33 novas inserções deste tipo.

1 — A primeira interpolação bíblica, exclusiva deste subarquétipo (falta, de facto no texto de *ν*), encontra-se em IX,3. É um pequeno apotegma de que damos por inteiro o texto grego e a tradução de Pascásio. Desde já recordamos que o monge dumiense evitava traduzir *πορνεία* por *fornicatio*, vocábulo este que parece ser para ele uma «palavra feia» e que, por isso, evita.

#### POEMEN 14 (325)

*Εἶπε πάλιν. "Ὡσπερ ὁ σπαθάριος τοῦ βασιλέως παρίσταται αὐτῷ διαπαντός ἔτοιμος· οὕτως δεῖ τὴν ψυχὴν ἐτοίμην εἶναι πρὸς τὸν δαίμονα τῆς πορνείας.*

## RECENSÃO LONGA

Dixit abba Poemen: Quemadmodum imperatoris spatharius semper illi adstat armatus, ita et animam aduersus daemonem huiusmodi oportet esse semper armatam.

## VERSÃO DE R (μ)

Dixit abbas *Pimenius*: Quemadmodum imperatoris spatharius semper illi adstat armatus, ita et animam aduersus daemonem ——— oportet semper esse armatam. *De quo et Apostolus ad Ephesios meminit: Induimini armaturam Dei, ut possitis resistere diabolo in die mala.*

Como se vê, a tradução de Pascásio é fiel. O texto de R, isto é, de μ, copia-a integralmente com a adaptação latinizada de Poemen e a omissão de *huiusmodi* (esta por já faltar no seu modelo, ε, que por sua vez se fiou em γ). A inovação, contrária ao grego e ao latim, consiste em comprovar a «sentença» anterior com um passo bem identificado de S. Paulo aos Efésios (VI,11). Note-se que este apotegma também é transmitido pela recensão de Pascásio no Livro III de Roswey-dus, n. 59, onde falta o acrescento paulino.

2 — A narração da morte de Sisoio termina assim, segundo o texto grego:

## SISOES 14 (396)

*Kaì λέγει αὐτοῖς· Βλέπετε, ὁ Κύριος ἦλθε, καὶ λέγει· Φέρετέ μοι τὸ σκεῦος τῆς ἐρήμου. Καὶ εὐθέως παρέδωκε τὸ πνεῦμα. Καὶ ἐγένετο ὡς ἀστραπή· καὶ ἐπλήσθη ὅλος ὁ οἶκος εὐωδίας.*

A tradução de Pascásio, em LII,4 é:

## RECENSÃO LONGA

Dicit ad eos: Videte, uidete, quia uenit Dominus. Et in hoc sermone, reddito spiritu, omnis locus ille grato odore repletus est.

## TEXTO DE R (μ)

*Dixit ad eos: Mementote, fratres karissimi, sicut locutus est Dominus per Esaiam prophetam: Sine inter nuntios uisitare seruos suos. Quod ita nos non facere. Et in hoc sermone ipsa hora reddidit spiritum. Omnis locus ille grandi odore repletus est immutabili.*

Notemos primeiro que Pascásio não traduz: *καὶ λέγει Φέρετέ μοι τὸ σκεῦος τῆς ἐρήμων* nem *καὶ ἐγένετο ὡς ἀστραπή*, ao contrário de João III,6 que apresenta uma tradução integral do fim da narrativa. De momento, é-nos impossível saber se a omissão é devida a Pascásio ou se o seu texto grego apresentava uma recensão mais abreviada.

A comparação entre o latim da recensão longa e do subarquétipo  $\mu$  mostra logo neste: — a inserção de um trecho atribuído a Isaías; uma adaptação das últimas palavras de Sisoio ao passo bíblico; um pequeno acrescento e retoque do latim: *ipsa hora reddidit spiritum*; a substituição de *grato* por *grandi*, já importada de  $\iota$ , menos fiel ao grego; e finalmente a adição de *inmutabili*.

Qualquer crítico concluirá que a tradução autêntica é a da recensão longa. A ela se manteve fiel a versão incluída em III Rosw. 162. Propositadamente escolhemos este passo, porque não encontramos em Isaías a citação invocada. Todas as demais citações bíblicas tanto deste como dos outros arquétipos estão suficientemente identificadas, exceptuando esta, a que apresentámos atrás (IX, E, a, 3) em XC,1, e o final de XCVII,1, ao qual só o subarquétipo  $\mu$  acrescenta: *sicut psalmus uicesimus sextus instruit*. Na versão latina da Vulgata não encontramos o seu equivalente. Talvez que os peritos na transmissão do texto do Antigo Testamento não tenham dificuldade em lhes descobrir a fonte.

3 — Dado que o texto de Pascásio segundo o subarquétipo  $\mu$  nunca foi publicado e nada lucraria a pureza do texto se nós acrescentássemos as suas numerosíssimas variantes no aparato crítico, parece-nos de toda a conveniência aproveitar a prova dos acrescentos bíblicos para deixarmos aqui o seu final, com o respectivo *explicit*.

Eis o paralelo do grego e de Pascásio no fim de C,7:

NAU, 385 <sup>a</sup>  <i>Καὶ ἀποκριθεὶς ὁ γέρον εἶπεν· Καὶ σὺ τὰς θυρίδας ἐγέμισας χαρτίων.</i>	RECENSÃO LONGA  Respondit et huic senex: Et tu similiter fenestras tuas implesti chartis
--	--

O texto mais perfeito de  $\mu$ , para este passo, encontra-se no ms. de Wiesbaden, Bibl. Estad. 8:

*Et huic respondit senex: Et tu similiter fenestras  
tuas replesti chartis. An ignoratis implere quod dici-*

*tur: Regnum Dei non est in sermone sed in uirtute. Et iterum: Non auditores legis iusti sunt apud Deum, sed factores legis iustificabuntur. Inquirebant ab eo uiam salutis. Ille autem dixit eis: Initium sapientiae timor Domini est et humilitas cum patientia. Plura omnes huic inseritis quibus haec utentibus pauca non sufficiunt. Amen. Explicit. Deo gratias.*

Encontramos aqui, após o texto de Pascásio, encadeadas, citações de S. Paulo, I Cor. IV, 20; Rom. II, 13 e do Salmo CX, 10 ou talvez antes do Eclesiástico I, 16 e II, 4.

A confissão final de que quem quiser pode ampliar esta colectânea atraiçoa a falta de escrúpulo do compilador. De facto, a partir de XCVI,4 ele começou a misturar a tradução de Martinho com a de Pascásio. O leitor das *Vitae Patrum* encontra este final do subarquétipo  $\mu$  em VII Rosw. XLI,2. Na realidade tudo o que a edição de Rosweyodus reproduz a partir de XXXVI,4 é tirado deste subarquétipo, embora não pela ordem com que  $\mu$  o apresenta. Comparando a parte final de Pascásio editada nos séculos xv a xvii com o nosso texto crítico, todo o observador verificará as características de  $\mu$  que estamos descrevendo.

b) Além das interpolações bíblicas contamos também outros 33 acrescentos de quatro ou mais palavras.

Apresentemos apenas os três maiores aumentos deste género.

1 — Um ancião instrua um irmão sobre o dom das lágrimas, que não se obtém facilmente. E exemplifica, segundo o texto grego que possuímos, a que corresponde Pascásio LIV,1:

NAU, 142

*Kaì eĩpen autw̄ ō gérw̄n. Oĩ uíoĩ 'Iσραήλ διᾱ τεσσαράκοντα ε̄τῶν εĩσῆλθον εĩς τὴν γῆν τῆς ἐπαγγελίας, εĩς ἣν ἐὰν ἐπανέλθῃς, οὐκέτι φοβῆ πόλεπον.*

RECENSÃO LONGA

Cui senex: Post quadraginta annos filii Israel ingressi sunt in terram repromissionis. Lacri-

RECENSÃO DE  $\mu$  (SEGUNDO R)

*Dixit ei: Patres nostri, filii Israel, per quadraginta annos ingressi sunt in terram repro-*

mae ergo sunt terra repromissionis et per multos labores perueniuntur ad illam; et si semel aliquis ingressus fuerit illic iam proelium non timebit.

missionis et ante debuerant, sed propter incredulitatem non potuerunt nisi probarentur. Per multas ergo lacrimarum rigationes sunt terrae repromissionis et per multos labores peruenitur ad illas. Et si semel aliquis ingressus fuerit illic iam proelium non timebit.

Antes de mais, parece dever concluir-se que Pascásio acrescentou, em relação ao grego, a frase: *Lacrimae ergo...* até *illam*. Na realidade é o nosso texto grego que está omitido, como o prova a presença desta mesma frase, quase idêntica, em Pelágio III,27. Eis as duas versões latinas:

PASCÁSIO

Lacrimae ergo sunt terra repromissionis et per multos labores perueniuntur ad illam.

PELÁGIO

Lacrimae igitur sunt sicut terra repromissionis, ad quas si peruenieris iam non timebis bellum.

A comparação deste texto grego e duas traduções deixa já entrever que não dispomos do grego que serviu de original a Pascásio nem a Pelágio, pois há entre todos pequenas diferenças de conteúdo.

Voltando à observação do texto do subarquétipo  $\mu$ , verificamos que neste passo, talvez para tornar a explicação mais compreensível, o elaborador da recensão adicionou, por conta própria, 17 palavras, além de ter feito pequenas alterações.

2 — Num passo já discutido (VIII, D) em que um frade argumenta contra sua irmã, pecadora, procurando convertê-la (Pasc. LVII,2) lê-se no grego e em Pascásio:

NAU, 43

*Καὶ πῶς δυνήσῃ ὑπενεγκεῖν τὴν αἰώνιον καὶ πικρὰν βάσανον;*  
*Ἡ δὲ σύντρομος γενομένη λέγει αὐτῷ·*

RECENSÃO LONGA  
(hiperarquétipo  $\beta$ )

Et quemadmodum poteris sufferre amara illa aeterna tormenta? Illa autem contremescens dicit ad eum.

SUBARQUÉTIPO  $\mu$   
(texto de R)

Et *quomodo* poteris sufferre amara illa aeterna tormenta *quae parata sunt diabolo et facientibus opera eius? Quia de sceleratis et perditis animis satiatur malignus insidiator; et quos pro uoluptatibus et malis operibus lucratus erit cum ipsis est in stagno ignis inferni arsurus. Illa* — *his uerbis* contremiscens dicit ad eum.

Comparando os dois textos latinos com o grego é indiscutível que a recensão longa é a autêntica. O subarquétipo  $\mu$ , embora contenha, no seu conjunto, um resumo de Pascásio, ampliou aqui a narrativa com intuítos de reforço retórico, juntando 34 palavras.

3 — Segundo XCIV,1 o abade Arsénio exigia o silêncio absoluto para poder orar, a ponto de não suportar o ruído de um canavial agitado pelo vento. E explicou o motivo.

ARSENIUS 25 (96)

*Λέγει οὖν αὐτοῖς ὁ γέρον· Φύσει ἐὰν κάθηται τις ἐν ἡσυχίᾳ...*

RECENSÃO LONGA

Quibus Arsenius ita respondit: Si quis in solitudine residens...

VERSÃO DE R ( $\mu$ )

Quibus *ait beatus Arsenius: quid enim prodest dicere abrenuntiasse saeculo ubi per delectationes conuentus iuuenum diuersas cantant spurcitas de quibus animae grauissime maculantur? Si quis in solitudine degens...*



A interpolação de  $\mu$ , completamente alheia ao original, parece ser uma reprimenda aos *clerici uagantes* da Idade Média, os famosos goliardos cujas canções se encontram em parte conservadas nos *Carmina Burana*...

G — Em contraste com as adições, o subarquétipo  $\mu$  apresenta também a eliminação de muitas palavras e até de frases inteiras. Contámos 24 omissões de quatro ou mais palavras, que poderemos dividir assim: 16 são devidas a saltos involuntários do copista, no geral de uma palavra para outra igual ou semelhante; e 8 poderão ser interpretadas como processo voluntário de abreviar a narrativa. Para não alongar, damos um exemplo de cada caso.

1 — Perante a acusação espontânea de um irmão egípcio, o abade Zenão disse, segundo o grego e a tradução de Pascásio XXXIII,3:

ZENON 3 (176)

*Οἱ Αἰγύπτιοι, ἃς μὲν ἔχουσιν ἀρετὰς, κρύπτουσιν, ἃ δὲ οὐκ ἔχουσιν ἐλαττώματα, τούτων ἀεὶ κατηγοροῦσιν· οἱ δὲ Σύριοι καὶ οἱ Ἑλληνικοὶ, ἃς μὲν οὐκ ἔχουσιν ἀρετὰς, λέγουσιν ἔχειν, ἃ δὲ ἔχουσιν ἐλαττώματα, κρύπτουσιν.*

RECENSÃO LONGA

Aegyptii uirtutes quas habent celant et uitia quae non habent manifestant; Syrii autem et Graeci uirtutes quas non habent praedicant et uitia quae habent abscondunt.

VERSÃO DE R ( $\mu$ )

Aegyptii uirtutes quas habent  


---



---



---

praedicant et uitia quae habent abscondunt.

O engano do copista, que saltou de um *habent* para outro *habent* mais adiante, viciou todos os manuscritos da série  $\mu$ . O texto encontra-se, porém, completo nos outros arquétipos, mesmo em  $\iota$  e  $\sigma$ .

2 — Na bela lição de humildade do abade João, castigado por um inferior, lê-se em Pascásio VII,2.

JOANNES COLOBVS 2 (205)

*Καὶ οὐκ ἤνοιξεν αὐτῷ, ἀλλ' ἀφῆκεν αὐτὸν ἕως πρὸς θλίβεσθαι ὕστερον δὲ ἀνοίξας αὐτῷ λέγει...*

## RECENSÃO LONGA

Et noluit illi ostium aperire,  
sed reliquit eum usque dum  
lucesceret. Mane autem factio  
dicit ad eum...

SUBARQUÉTIPO  $\mu$  (R)

Et noluit *ei* ostium aperire.  
————— Mane autem factio  
*dixit* ad eum...

É bem possível que o organizador de  $\mu$  tenha omitido o membro da frase *sed... lucesceret*, para abreviar o texto, uma vez que não faz falta ao sentido e até facilmente se subentende. Notemos de passagem que a versão grega citada não corresponde exactamente à que Pascásio deveria ter diante de si.

*H* — Vamos enunciar brevemente outros processos de trabalho do organizador de  $\mu$ .

1 — Utilização, lado a lado, de acrescentos e abreviações. O pecador convertido termina assim a narrativa da sua prece a Deus, em LVI,3, lin. 42-44:

## RECENSÃO LONGA

...suscipe me poenitentem et  
adorantem te et renuntiantem  
omnibus peccatis. Iuravi etenim  
et statui apud me seruare omnes  
iustificationes tuas.

SUBARQUÉTIPO  $\mu$  (R)

...suscipe me poenitentem et  
adorantem te, — renuntiantem  
omnibus *iniquitatibus, quia innu-*  
*mera sunt in me uitia perditio-*  
*num.* —————

2 — Interpretação e desenvolvimento de uma pequena expressão. Note-se como, no fim de LV,6 a tradução exacta *consignans aures suas* é cristianizada. O exemplo serve também para documentar outro acrescento, contrário ao original.

## IOANNES COLOBVS 16 (209)

<sup>3</sup> *Ἀκούσασα ὄν τοῦ συριγμοῦ, ἐσφράγισε τὰ ὄτα αὐτῆς, καὶ εἰσεπή-*  
*δησεν εἰς τὸν ἐνδότερον κοιτῶνα, καὶ ἔκλεισε τὰς θύρας.*

RECENSÃO LONGA

Illa autem postquam sibilum audiuit, consignans aures suas, in interiori cubiculo confugit et clausit ostium.

SUBARQUÉTIPO  $\mu$  (R)

Illa uero postquam sibilum audiuit, signo crucis armans frontem et aures suas cum oratione, in interiorum cubiculum confugit et clausit ostium. Illi uero confusi reuertebantur, hoc sunt, daemones.

3 — Reelaboração total de um fragmento, conservando-lhe o sentido. Em X,4, lin. 20, quando S. Macário procura ajudar um irmão a vencer as tentações, lê-se:

MACARIVS 3 (261)

*Ἡ δὲ ἐζήτει τίς εἴη ὁ καλούμενος Θεόπεμπος ἐν τῷ ὄρει. Καὶ εὐρών, εἰσηλθεν εἰς τὸ κελλίον αὐτοῦ.*

RECENSÃO LONGA

At ille requirens cellam Theopenti ad eum profectus est.

SUBARQUÉTIPO  $\mu$  (R)

*Ait senex: in cella Theotisti fratris manebo.*

Repare-se que o grego que possuímos é mais longo que a tradução de Pascásio. Mantém-se em ambos, todavia, o discurso indirecto. A passagem ao discurso directo e a interpretação do passo são da responsabilidade de  $\mu$ .

4 — Finalmente devemos assinalar a substituição de uma palavra pelo seu sinónimo, sem que nos seja possível saber sempre qual a razão da mudança. Admitimos várias interpretações:

a) Algumas substituições podem ser consideradas como simples glossas, eliminando uma palavra desconhecida por outra de uso corrente. Lembremos que o subarquétipo  $\mu$  deve ter sido organizado no Norte da Gália (1). Assim, em LV,6, lin. 4, *spondente* desapareceu para dar lugar a *affirmante*.

(1) Cf. *supra*, pp. 118.

b) Outras vezes poderá actuar uma preocupação erudita, de elevação de estilo. Em VIII,1, lin. 3, o vulgar *dicere* cede a *conferre*.

c) Um vocábulo desagradável é substituído por outro menos ofensivo. *Latro* foi eliminado para ficar apenas *falsator* em XXV,2, lin. 5.

d) Preferência por uma palavra mais corrente em latim, em vez de outra menos comum. Assim *donaret* (apesar de se ter mantido em francês) foi substituído por *daret* (XXIV,5, lin. 8).

e) Reforço do significado. Em XCIV,1, lin. 1, *uenisset* é justamente interpretado por *uisitasset*.

f) Emenda errada, contra o texto grego. Em XXXII,1, lin. 7 *emendationem* (διόρθωσιν) passa para *instructionem*.

g) Erro de leitura. *Fateretur* muda-se em *pateretur* (XXX,1, lin. 27).

h) Em suma, frequentemente nota-se uma como que obsessão de mudança, que por certo não tinha como fim disfarçar a origem do texto, mas cuja intenção se não descortina. Eis um exemplo bem significativo, em XLIII,3, lin. 14-17:

#### RECENSÃO LONGA

Et dicit ille religiosus: Si haberemus aliquid ex ueteramentis mitteremus super illud. Cui frater: Oremus potius ne forte suscitetur illum Deus. Et stantibus illis in oratione suscitatus est mortuus.

#### SUBARQUÉTIPO $\mu$ (R)

Et *dixit* ille religiosus: Si *habuissemus* aliquid ex *ueteratis uestimentis* mitteremus super illud *ad sepeliendum*. Cui frater *respondit*: Oremus potius *bonitatem Dei, forsitan resuscitet* illum —. *Assistentibus illis ad orationem, statim surrexit qui fuerat mortuus*.

A comparação com o lugar paralelo em Pelágio XIV,17 não explica todas estas alterações. Prova-se assim que o elaborador de  $\mu$  fazia trabalho pessoal, sem se manter muito ligado ao seu modelo.

Porque este subarquétipo era até agora desconhecido, propositalmente nos demorámos na sua observação.

De tudo quanto deixamos dito conclui-se, porém, que o exame de todo o texto do subarquétipo  $\mu$ , além do mérito de nos permitir estabelecer a sua genealogia, pouco mais nos poderá interessar. Talvez valesse a pena estudar a fonte de muitos dos seus acrescentos, sobretudo bíblicos; mas isso ultrapassa o âmbito do presente trabalho.

### XIII — SUBARQUÉTIPO $\nu$

Para provarmos que os subarquétipos  $\mu$  e  $\nu$  postulam um arquétipo comum, comecemos por apresentar exemplos em que os manuscritos representantes de ambos se encontram em concordância, em variantes que lhes são típicas. As citações de  $\nu$  serão feitas segundo a lição do seu mais antigo representante, o códice n. 386 de Viena, Bibl. Nac. da Áustria (século XII). Designá-lo-emos pela sigla F, dado que os exemplares de  $\nu$  são no geral provenientes da França.

A — Ao final de Pascásio, XCIX,1 corresponde aproximadamente o seguinte texto grego:

NAU, 125

*Εἶπεν γέρον Μὴ ἔχε φιλίαν μετὰ ἡγουμένον, μηδὲ δόσης καὶ λάβης μετὰ γυναικός, μηδὲ εὐποιήσης μετὰ μελλακίου.*

#### RECENSÃO LONGA

Per has autem quattuor res anima maculatur, id est, si amicitiam quis cum potentibus habuerit concupiscentias carnales studens, uel si de proximo suo detractauerit, uel si per ciuitatem ambulans oculos suos non custodierit et si quamcumque notitiam cum muliere habuerit.

#### TEXTO DE RF ( $\mu\nu$ )

Per has — quattuor res anima maculatur, — si *quis amicitias cum potentibus habens concupiscentiae carnali, et* (om. R) *detractio* (detractio R) *et si per mundum ambulans a rebus alienis et ab* (om. R) *immunditia fornicationis* oculos suos non custodierit. —————

Encontramos aqui processos já estudados em  $\mu$ : reelaboração e omissão. É evidente que RF, apesar de pequenas diferenças, têm o mesmo modelo, ao qual deve ser atribuído o novo tratamento dado ao apotegma. Eliminou por completo a última causa de mancha espiritual, uma das que está bem expressa no grego que possuímos.

Verificamos que, no geral, os acrescentos que se encontram em  $\mu$  também estão em  $\nu$ , sinal de que remontam a  $\lambda$ . Só um exemplo. Em XX,1, lin. 4-6, indicam-se quatro modos através dos quais a ira faz perder o domínio da razão: o ódio, o desprezo, a inveja e a detracção. Este enunciado foi abonado, só a partir do subarquétipo  $\iota$ , com uma citação da Escritura (I Epístola de S. João, II, 11). Daqui passou para  $\lambda$  (através de  $\kappa$ ), pois encontramos-la em  $\mu$  e  $\nu$ , com escassas variantes em relação ao seu modelo:

TEXTO EM HRF

*Ad hoc (huc R) sanctum Ioannem euangelistam (om. F) ostendam auctorem: Qui odit, inquit (om. RF), fratrem suum in tenebris est et nescit quo eat et manet in morte.*

B — Já vimos (XII, F, 1) porém, que o aumento bíblico de IX,3 só foi introduzido em  $\mu$ . Há outros exemplos em que  $\nu$  não acompanha o subarquétipo  $\mu$ , o que parece indicar não se encontrarem tais adições em  $\lambda$ . Assim, a XLV,2 (lin. 6) é acrescentado em  $\mu$ : *Spiritus est qui uiuificat*, pensamento importado do Ev. S. João, VI, 63. Esta frase falta em  $\nu$  que, por isso, parece ser mais fiel ao modelo comum  $\lambda$ .

De facto, por outros pequenos pormenores se pode documentar a fidelidade de  $\nu$ . O apotegma V,2 começa assim em todos os modelos que o transmitem ( $\alpha$ ,  $\gamma$ ,  $\varepsilon$ ,  $\mu$ ,  $\nu$  e  $\sigma$ ):

*Abbas Macarius quotiens cum fratribus facta caritate reficiebat...*

O verbo mantém-se sem variantes em todos, (inclusive  $\nu$ ) excepto  $\mu$ , em que *reficiebat* deve ter sido mal escrito ou não entendido pelos diversos copistas, pois encontramos nos manuscritos que o representam as seguintes variantes: *faciebat*, *reficiebatur*, *sedisset*, *gustabat*.

C — Noutros casos é  $\nu$  a apresentar pior lição. Descreve-se em VIII,1 como resistir à tentação. O grego foi literalmente traduzido por Pascásio (lin. 10-11):

POEMEN 93 (344-345)

*Ἄλλ' ὅταν ἔρχεται ὁ λογισμὸς  
οὕτως, λέγει· Ἐγὼ προᾶγμα οὐκ  
ἔχω.*

RECENSÃO LONGA

Quando enim haec ad te cogitatio uenit, dic: «Ego causam non habeo».

Em  $\iota$  foi explicada a palavra *causam* com a expressão *causa hac opus*, que passou a  $\lambda$ , como se pode ver na transcrição que damos de  $\mu$ , colocando ao lado a modificação para pior introduzida por  $\nu$ :

TEXTO DE R ( $\mu$ )  Quando enim haec <i>cogitatio ad te uenit</i> , dic: Ego <i>causa hac opus non habeo</i>	TEXTO DE F ( $\nu$ )  Quando — haec <i>cogitatio ad te uenit</i> , dic <i>ergo</i> : <i>Causam hanc opus non habeo</i> .
--	--

*D* — As divergências entre  $\mu$  e  $\nu$  deixam, por vezes, reconstituir com exactidão o texto do seu arquétipo. Neste mesmo apotegma VIII,1 lin. 8-9, traduziu Pascásio, segundo o grego:

93 (344)  <i>Kaì δηγησάμενος ἀπὸ τὸ πρῶμα, εὐθέως ἐλαφρόνθη</i>	RECENSÃO LONGA  Et mox ut aperuit <i>causam leuior inpu gnatio eius apparuit</i> .
---	--

Vejamos as lições de  $\mu$  e  $\nu$ :

R  — <i>Vt mox confessus est causam leuior fuit inpu gnatio eius</i> .	F  Et mox ut <i>confessus est</i> — <i>leuior fuit inpu gnatio eius</i> .
--	---

As coincidências e divergências de  $\mu$  e  $\nu$  permitem aqui afirmar, com segurança, que as substituições de *aperuit* por *confessus est* e de *apparuit* por *fuit* se fizeram em  $\lambda$ , ao passo que  $\mu$  e  $\nu$  introduziram por sua vez pequenas alterações em relação a  $\lambda$ , que poderemos assim reconstituir, ao lado da recensão longa, da qual se encontra mais próximo que qualquer dos seus derivados:

RECENSÃO LONGA  Et mox ut aperuit <i>causam leuior inpu gnatio eius apparuit</i> .	RECONSTITUIÇÃO DE $\lambda$  Et mox ut <i>confessus est</i> <i>causam leuior fuit inpu gnatio eius</i> .
--	--

Quanto expusemos até aqui, ao mesmo tempo que prova a existência de  $\lambda$ , deixa entrever as modificações que neste arquétipo introduziram, independentemente, os novos reelaboradores, em  $\mu$  e  $\nu$ .

E — Vamos finalmente mostrar o trabalho de grande refundição operado por  $\nu$  em LXXXVII,1. Este apotegma presta-se a um largo estudo não só das diversas recensões de Pascásio mas até do texto grego. Vamos fazê-lo, pondo assim em relevo, mais uma vez, que a única recensão genuína só pode ser a longa, pois todas as outras apresentam vários desvios que revelam manipuladores secundários.

Do n. LXXXVII,1 de Pascásio só encontramos texto grego equivalente para a primeira parte. Acontece, porém, que há uma recensão grega na série anónima (publicada por Nau) e outra na colectânea alfabética por nomes (reproduzida pela *Patrologia Graeca* LXV). Ei-las, colocando as variantes de Nau no aparato crítico:

MATOES 11<sup>b</sup> (293)

*Kaì éán τις λαλήση περι πράγματος οίονδήποτε, μὴ φιλονείκει μετ' αὐτοῦ· ἀλλ' éαν καλῶς λέγῃ, εἰπέ· Naí· éαν δὲ κακῶς, εἰπέ· Σὺ οἶδας πῶς λαλεῖς· Kaì μὴ ἔριζε μετ' αὐτοῦ περι ὧν ἐλάλησε. Kaì αὕτη ἐστὶν ἡ ταπεινώσις.*

Nau, 330<sup>b</sup> — λαλήση] μετὰ σοῦ add. N μετ' αὐτοῦ  
om. N éαν καλῶς λέγῃ om. N κακῶς] εἴπη  
add. N περι ὧν] πῶς N ἐλάλησεν N.

## RECENSÃO LONGA

Quidam senex dixit: Si quis tecum aut de Scripturis aut de quacumque causa locutus fuerit ne contendas cum eo. Sed si quidem bene dicit, consenti; si uero male, dic illi: Tu scis quomodo loquaris. Haec ob-

RECENSÃO BREVE (*texto* GH)

Quidam senex dixit: Si quis tecum aut de Scripturis aut de quacumque causa locutus fuerit ne contendas cum eo. Sed si quidem bene dicit consenti (*ei* add. H); si uero *male-dicet ille* (*male dic illi* p. corr. H): Tu *scias* quomodo loqueris. *Ait Apostolus: Noli contendere uerbis.*







XIV — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO ξ

O prefácio de Pascásio isolado da sua versão revela um texto contaminado, constituído sobre os subarquétipos ι e ν. Temo-nos abtido de citar o prefácio porque, não havendo para ele paralelo em grego, será mais difícil aceitar as provas como irrefutáveis. Aproveitamos, por isso, esta oportunidade para dar uma ideia das variantes de diversos subarquétipos.

RECENSÃO LONGA (lin. 10-13)	VARIANTES DE ι κ	VARIANTES DE μ ν
Verum quia eloquentium uirorum sunt plurimae sermone latino conscriptae quarum lectiones me expertem esse te etiam adstruente testificor, si quid de illis aut hic insertum...	eloquentia ι eloquentiae κ plurimi ι κ latino sermone κ conscripti ι κ quorum ι κ me om. κ expertum κ testifico κ si quid] sed quia κ	uerum] utrum ν eloquentia μ ν latino sermone om. ν conscriptae] latine add. ν lectionis μ ν me] meae ν expertum μ hic om. μ ν

Eis agora o texto correspondente de ξ, segundo a lição de um dos seus mais antigos manuscritos, o de Paris, Bibl. Nac. lat. 9729:

*Vtrum quia eloquentiae uirorum sunt plurimae sermone latino conscriptae quarum electiones me ex parte esse — etiam ad instruentem testificor, si quid de illis ut hic insertum...*

Observa-se que *utrum* foi importado de ν, de que é criação; *eloquentiae* encontra-se em κ, mas como veremos é possível que se trate de remodelação coincidente do *eloquentia* de ι; em *plurimae* está com ν contra ι; *sermone latino* é ordem de palavras só conservada em ι; escreve *conscriptae* como ν, mas não lhe segue a substituição de

*sermone latino* por *latine*; *hic* falta em  $\nu$ , mas  $\xi$  importou-o de  $\iota$ . Notem-se, além disso, cinco lições próprias de  $\xi$ , que em nada clarificam o texto, antes o deterioram: *electiones*; *ex parte*, levando esta última sílaba à omissão de *te*; e *ad instruentem*; a substituição de *aut* por *ut* anula a construção disjuntiva que se segue. A frase fica sem possibilidades de uma tradução aceitável!

Mais adiante, uma só linha revela como  $\xi$  tem que seleccionar entre  $\iota$  e  $\nu$ .

RECENSÃO LONGA (lin. 15)	VARIANTES DE $\iota$ $\kappa$	VARIANTES DE $\mu$ $\nu$
licet nec ea studiose posse profitear	nec] post <i>add.</i> $\kappa$ studiose] me proferre <i>add.</i> $\iota$ posse] me proferre <i>add.</i> $\kappa$ profiteor $\kappa$	profiteor $\mu$

O texto em  $\xi$  (Paris, Bibl. Nat. lat. 9729) apresenta-se assim:

licet nec — studiose posse *proficiar*.

Nota-se a omissão de *ea* e a rejeição de *me proferre* introduzido em  $\iota$ . A forma *proficiar* é erro deste copista, pois o manuscrito mais semelhante ao de Paris, o de Dresda, Bibl. Nac., A 207, tem correctamente *profitear*. Este conjuntivo coincide com a versão de  $\iota$  e  $\nu$  (contra  $\kappa$  e  $\mu$ ).

O final demonstra os mesmos processos de trabalho do organizador de  $\xi$ .

RECENSÃO LONGA (lin. 17-18)	VARIANTES DE $\iota$ $\kappa$	VARIANTES DE $\mu$ $\nu$
Neque enim mihi liquebit quaedam tibi placuisse, nisi et aliqua displicuisse cognou- rim.	placuisse tibi $\kappa$	liquebit] libet $\mu$ $\nu$ aliqua] tibi <i>add.</i> $\mu$ $\nu$

O representante citado de  $\xi$  termina:

Neque enim mihi *libet qui* quaedam tibi placuisse  
*in antea* aliqua displicuisse cognouerim.

Talvez por não entender *liquebit*, que tinha em  $\iota$ , o remodelador preferiu o *libet* de  $\nu$ , juntando-lhe por sua conta um *qui; tibi placuisse* só se mantém nesta ordem em  $\iota$ , na série breve, mas o copista poderia seguir igual lição em  $\nu$ ; a omissão de *nisi et* é exclusiva de  $\xi$ , colocando em seu lugar *in antea*; o acrescento de *tibi* que estava em  $\nu$  não foi aceite, tendo sido preferida a lição exacta de  $\iota$ .

Além de demonstrarem o carácter compósito do subarquétipo  $\xi$ , os dois exemplos mais extensos acabados de apresentar transmitem-nos um texto de difícil tradução, e mesmo ininteligível, tornando-se, por isso, evidente que esta não podia ser a redacção primitiva do prefácio que se encontra no princípio da versão de Pascásio. Por outras palavras: os prefácios isolados foram arrancados de versões já afastadas do genuíno texto primitivo para serem colocados antes de colecções de apotegmas diferentes da de Pascásio. A superioridade crítica do texto que está antes das recensões longas prova que esse é o seu genuíno lugar e que para ficar ali foi o prefácio escrito.

## XV — SUBARQUÉTIPOS CONTAMINADOS $\sigma$ , $\pi$ E $\rho$

Dada a natureza secundária e pouco relevante destes subarquétipos, vamos estudá-los com a brevidade possível. Determinaremos primeiro as características próprias de  $\sigma$ , inclusive os elementos que deste passaram a  $\pi$ , e compará-los-emos sempre que necessário. Finalmente estabeleceremos os aspectos típicos de  $\pi$  e  $\rho$ . Tenha-se desde já presente que  $\pi$  e  $\rho$  dependem em muitos pontos de  $\sigma$ .

### SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\sigma$

Este subarquétipo deriva fundamentalmente de  $\kappa$ , mas aproveitou também lições de  $\iota$  e  $\nu$ . Além disso introduziu variantes próprias. As citações serão tiradas do *cod. lat. monachensis* 9533, único representante deste subarquétipo.

A — A dependência de  $\kappa$  está patente na organização externa, pois ambos os modelos se correspondem. Apontemos, porém, a utilização em  $\sigma$  de elementos introduzidos em  $\kappa$ .

1 — O final de XIV,1 é na recensão longa:

*De renuntiatione autem, dicebat, hunc fratrem requirite, quia ego ad mensuram renuntiationis istius necdum perueni.*

Após *requirite* acrescentou  $\iota$ : *qui nec indumentum corporis reserua-bit* (com betacismo numa forma de perfeito). Este acrescento foi aperfeiçoado em  $\kappa$ , que introduz após *corporis* o pronome *sui*. É esta última lição que encontramos em  $\sigma$ .

2 — No apotegma XLI,11 um ancião aconselha a desculpar as faltas alheias, dizendo (*dicens*) cada um para consigo: — Também eu posso vir a cair. O *dicens*, que vem isolado em outros arquétipos, encontra-se reforçado por *apud teipsum* em  $\kappa$ . Daqui passou a  $\sigma$  e aos outros subarquétipos só da série breve.

3 — Igualmente em XCV,1: *Abbas Moyses ad solitarios solebat proferre sententias*, a palavra *sententias* foi pela primeira vez substi-

tuída por *sermonem* em  $\kappa$ . Daí passou a outros modelos entre os quais *o*.

*B* — Em algumas dezenas de pormenores verifica-se, porém, que o organizador de *o* tinha também a seu lado um modelo do tipo *ι*.

1 — O caso mais evidente é em XXIX,2 cujo final *et spiritum uitae omnibus subministrat* é omitido em  $\kappa$ . Este apotegma não vem no subarquétipo  $\nu$  que *o* também possuía. A conclusão da «sentença» foi *o* buscá-la a *ι*, como se prova por outras lições importadas deste modelo.

2 — Por exemplo em XLI,12, lin. 4-5, lê-se este acto de arrependimento de Timóteo: *Peccauī, miserere mei*. O verbo *peccauī* foi suprimido em  $\kappa$ , mas *o* contém-no, tirando-o de *ι* onde ainda se encontrava.

3 — Até em correcções gramaticais se pode remontar a melhor modelo. Em XCVI,2, lin. 6, lê-se:

*Graue enim malum est et paene omnibus peius fiducia.*

Sem atender ao neutro de *malum*, emendou  $\kappa$  *peius* para *peior*. E o masculino mantém-se nas restantes versões breves, excepto em *o* que, certamente com a ajuda de *ι*, reconstituiu *peius*.

*C* — A presença de  $\nu$  é mais difícil de descortinar porque a sua lição é muito próxima de  $\mu$  e poder-se-ia hesitar sobre qual destes modelos exerceu influência em *o*.

Repare-se, porém, em XIV,1. Aí se fala de um jovem que queria renunciar ao mundo, mas frequentemente (lin. 2) *reuocabant eum cogitationes inuoluentes negotiis*.

Após *inuoluentes* introduziu *ι in pluribus*, acrescento que se mantém invariável em  $\kappa$  e  $\mu$ . Foi o subarquétipo  $\nu$  que substituiu *pluribus* por *plurimis*. É esta versão *in plurimis* que aparece em *o* e no seu derivado  $\pi$ .

*D* — Muitas das variantes introduzidas pelo reelaborador de *o* passaram a  $\pi$ . Damos alguns exemplos, seguindo para  $\pi$  a lição do ms. lat. de Munique 18475.

1 — Em XX,1, lin. 14-16, lê-se: *Qui uoluntarie nocetur aut iniuriatur (...) secundum naturam Christi est*. A primeira parte desta frase

vem assim em  $\kappa$ : *Qui uoluntarie nocetur a resistentibus iniuriatur*. Como o sentido não era claro, o organizador de  $\sigma$  arranjou: *Qui uoluntarie non nocet alicui et resistentibus non iniuriatur*. Foi esta a versão aproveitada por  $\pi$ .

2 — Eis duas alterações na primeira frase de XLI,11: *Si uideris aliquem peccantem, ne mittas culpam in eo, sed in illum qui inpugnat eum dicens: Vae mihi quia sicut iste nolens uictus est, sic et ego*. O texto encontrava-se corrupto em  $\kappa$  onde falta *culpam*; e o apotegma não vem em  $\nu$ . Talvez por isso, valendo-se de  $\iota$  o organizador de  $\sigma$  mudou *mittas culpam* em *crimen mittas*. No fim da frase tornou o pensamento mais claro, introduzindo *uincor* assim: *sic uincor et ego*. Ambas as inovações foram retomadas em  $\pi$ .

3 — Finalmente, uma emenda absurda. Em XCIX,2 fala-se de dois jovens que queriam entrar numa porta com uma trave, mas em vez de a enfiarem de frente, teimavam em penetrar com ela atravessada de lado. Impossível. Apesar disso (lin. 12-13):

*Sequi autem uel humiliare se alter alteri non ualebant,*

isto é, nem podiam continuar nem podiam ajudar-se um ao outro.

Veja-se a lição de  $\sigma$ , a qual passou a  $\pi$ :

*Se quoniam humiliari alter alteri non uolebant.*

Simplificou-se, aparentemente, a segunda parte, alterando-lhe o sentido. A ideia de continuar (*sequi*) foi anulada e substituída por duas palavras descabidas no contexto. Além disso, omitiram-se *uel* e *se*.



## XVI — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\pi$

Que este subarquétipo se serviu de  $o$  é o que acabamos de provar no número anterior. Vejamos agora como ele depende também, primariamente, de  $\kappa$  e ainda de  $\nu$ , além de criar lições próprias. Damos sempre o texto do ms. lat. de Munique 18475 e propositadamente escolhemos apenas exemplos em que  $\pi$  se mostra, nestes casos, independente de  $o$ .

A — A fidelidade de  $\pi$  ao subarquétipo  $\kappa$  manifesta-se mesmo quando  $o$  se afastou deste modelo para seguir outro mais perfeito de que dispunha, isto é,  $\iota$ . A demonstração é fácil.

1 — Segundo XCV,1 são *quatro* as principais obrigações do eremita:

*tacendi, seruandi mandata Dei, humiliandi semetipsum  
et angustia paupertatis.*

Em  $\iota$  mantém-se o *et* que introduz a quarta obrigação. Em  $\kappa$ , porém, *et* foi substituído por *in* e é esta a lição, manifestamente errada, de  $\pi$ . Todavia, este subarquétipo poderia ter regressado à versão inicial, pois  $o$  manteve-se-lhe fiel, certamente por intermédio de  $\iota$ .

2 — No já citado (XV, B, 3) passo de XCVI,2

*Graue enim malum est et paene omnibus peius  
fiducia.*

como vimos,  $\kappa$  substituiu *peius* por *peior*. Com  $\iota$  manteve-se  $o$  fiel ao original. Porém,  $\pi$  mais uma vez preferiu ater-se à sintaxe errada de  $\kappa$ .

B — O subarquétipo  $\pi$  tinha também um modelo de  $\nu$ .

1 — Com efeito, no *Praefatio*, lin. 10, a frase *Verum quia eloquentium uirorum* passou em  $\nu$  a começar por *Vtrum quia...* Das recensões breves,  $\pi$  é o primeiro a seguir esta falsa leitura.

2 — Em XL,1 pergunta um irmão:

*Quomodo potest homo uitare ne loquatur malum  
de proximo suo?*

O singular *malum* foi substituído em  $\iota$ , e daí passou a  $\varkappa$ , pelo plural *mala*. Esta lição é seguida por  $o$ . Porém, utilizando a justa lição que  $\nu$  guarda,  $\pi$  manteve-se fiel ao original, repondo *malum*.

C — Como é natural,  $\pi$  introduziu também inovações. Vamos indicar apenas algumas entre as que passaram para o subarquétipo  $\varphi$ , ficando assim já provada a dependência deste último em relação a  $\pi$ .

1 — Diz-se em XLV,3 que o abade Apolo, quando era procurado no seu trabalho,

*mox pergebat cum omni laetitia.*

Apesar de nada justificar a troca da preposição,  $\pi$  substituiu *cum* por *pro*, no que foi imitado por  $\varphi$ .

2 — Mais expressiva é a alteração verificada em LVIII,3, lin. 5-6. Para resistir às tentações aconselha o abade João a que se *confugiat per orationem ad Deum*. Em  $\pi$  e  $\varphi$  lê-se porém: *confugit tunc per operationem ad Deum*, com o acrescento introduzido em  $\iota$ , donde passou a toda a série breve e também à média contaminada: *cui omnia possibilia sunt*.

## XVII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\varrho$

Para explicar o texto de  $\varrho$  é necessário (e basta) recorrer aos modelos  $o$  e  $\pi$ .

Os exemplos são tirados do único manuscrito deste subarquétipo, o CLM 17139.

*A* — A lição fundamentalmente seguida por  $\varrho$  é a de  $\pi$ . Naquele se encontram, com efeito, algumas inovações deste.

1 — Em LXXI,4, lin. 3, a expressão *et adiecit* só nestes subarquétipos é substituída por *adiecitque*.

2 — E em XCVI,3, lin. 5, o lugar da introdução de *huc* é o típico de  $\pi$ : *quando huc ingressus sum*.

*B* — Há pormenores que denunciam também a proveniência de  $o$ .

1 — Em LXXI,4, lin. 8, só  $o$  e  $\varrho$  omitem a conjunção *ergo*.

2 — E em LXXVII,1 na expressão: *Abbas Antonius dixit*, o verbo foi em  $\pi$  substituído por *ait*. Só em  $o$  o texto foi reconstituído, tendo assim passado perfeito a  $\varrho$ .

*C* — Como é natural, também  $\varrho$  introduziu algumas inovações, as quais são, no entanto, de pouca monta no texto de Pascásio.

## XVIII — SUBARQUÉTIPO $\sigma$

O texto fundamental deste subarquétipo encontra-se compilado na antologia que é o Livro III de Rosweydu nos nn. 44-199 e 207-217. Por isso, sentimos necessidade de provar que ele não representa a versão original, mas é dependente da recensão longa de Pascásio. Uma vez demonstrado este objectivo, com um pequeno número de exemplos, fica aberto o campo para quem quiser poder comparar e apreciar ambas as recensões. O texto de  $\sigma$  será sempre citado segundo o ms. da Bibl. Nac. de Paris, lat. 10840 (sigla X).

Das quatro principais transmissões do texto de Pascásio apresenta  $\sigma$  um número quase médio de apotegmas, embora inteiramente independente da outra recensão média, mas maior, representada por  $\mu$ .

A crítica textual mostra que  $\sigma$  depende directamente de  $\epsilon$ , podendo nós apontar a presença de todas as características deste modelo.

A — Como  $\epsilon$ , tem  $\sigma$  passos que só se deviam encontrar em  $\beta$ .

1 — Para XLIV,3 temos texto grego. Eis um fragmento:

### IOANNES PERSA 2 (237)

*Καὶ ἦλθεν ἀδελφὸς παρακαλῶν αὐτὸν, καὶ λέγων· Χάρισαί μοι, ἀββᾶ, ὀλίγα λινάρια, ἵνα ποιήσω ἐμαντῶ λεβίτωνα. Καὶ ἔδωκεν αὐτῷ μετὰ χαρᾶς. Ὁμοίως δὲ καὶ ἄλλος ἦλθε παρακαλῶν αὐτόν· Δὸς μοι ὀλίγα λινάρια, ἵνα ποιήσω μου λέντιον. Ἔδωκε καὶ αὐτῷ ὁμοίως. Καὶ ἄλλων αἰτησάντων, ἐδίδον ἀπλῶς μετὰ χαρᾶς.*

Eis a tradução de Pascásio, lin. 3-6, segundo o arquétipo  $\alpha$  e a reconstituição de  $\beta$  (através de  $\gamma$  e  $\delta$ ):

TEXTO DE $\alpha$	TEXTO DE $\beta$
Venit unus frater petens ei —— linum ———	Venit unus frater petens ei parum linum ut faceret sibi

\_\_\_\_\_ dedit illi necnon et aliis plurimis uenientibus et petentibus dedit omnia cum gaudio.

saccum. Dedit ei cum gaudio. Item alter ueniens petens eum linum, dedit illi necnon et aliis plurimis uenientibus et petentibus dedit omnibus cum gaudio.

Das recensões secundárias apenas  $\sigma$  transcreve este apotegma, sinal evidente de que o foi buscar à série longa. O texto transmitido é o de  $\beta$  (sem o salto que se verifica em  $\alpha$ ). Particularidades a observar são: depois de *saccum*,  $\sigma$  começa por sua conta: *At ille dedit...*; onde se lê *alter ueniens*,  $\sigma$ , com  $\gamma$  e  $\epsilon$ , tem *alter uenit*; em vez de *linum*, *dedit illi necnon* apresenta *linum et dedit...* só com  $\epsilon$ ; no final *omnibus* é comum a  $\gamma$ ,  $\delta$ ,  $\epsilon$ , e  $\sigma$ , o que permite reconstituir com segurança  $\beta$ , em oposição a *omnia* de  $\alpha$ . Repare-se que neste fragmento se notam várias das características de  $\sigma$ : em união com  $\beta$ , dependência de  $\epsilon$  ora através de  $\gamma$  ora em lição própria de  $\epsilon$  e até uma pequena ino-vação.

B — Com  $\epsilon$  guarda  $\sigma$  variantes que foram introduzidas em  $\gamma$ .

1 — Em VII,1 fala-se de um peregrino que fora metido numa cela e a certo passo lê-se:

SILVANVS 5 (409)

“Οτε οὖν ἐγένετο ἡ ὥρα τῆς ἐννάτης, προσεῖχε τῇ θύρᾳ, εἰ ἄρα πέμπονσι καλέσαι αὐτὸν εἰς τὸ φαγεῖν.

Pascásio traduziu, segundo  $\alpha$  (lin. 5-6):

*Hora autem nona circumspiciebat si forte uocaret eum senex ad comedendum.*

É possível que o texto grego de Pascásio fosse um pouco divergente do que acabamos de transcrever. Com efeito, entre outras diferenças, a *προσεῖχε τῇ θύρᾳ* corresponde apenas *circumspiciebat*, enquanto Pelágio (X,69) traduz literalmente *intendebat ad ostium*. Certo é que o arquétipo  $\gamma$  entendeu pormenorizar a acção e, contra Pascásio e o grego, acrescentou: *circumspiciebat uiam*. É esta lição que passa a  $\epsilon$  e que  $\sigma$  conserva com nova explicação: *circumspiciebat uiam frater ille*.

C — Também  $\sigma$  conserva vestígios de  $\varepsilon$  que são devidos à influência de  $\delta$ .

1 — O final de VII,2 é assim em grego:

IOANNES COLOBVS 2 (205)

*Kaì ἔβαλε μετάνοιαν, λέγων· Συγχώρησόν μοι.*

Em Pelágio (X,27) temos uma tradução com um pequeno acrescento: *Et ille poenitentiam agens dixit: Ignosce mihi, frater, quia peccaui.*

Pascásio dá-nos uma versão diferente do mesmo pensamento:

*Tunc ille proiecit se ante pedes eius et dixit. Indulge mihi quia homo sum et cibum desidero.* As últimas palavra a partir de *quia* foram omitidas por  $\delta$ . Também  $\varepsilon$  julgou útil expungi-las. E assim, através deste modelo, passou o texto mutilado para  $\mu$  e para  $\sigma$ .

D — A presença de  $\alpha$  em  $\sigma$  é mais difícil de provar não só porque  $\varepsilon$  se serviu menos de  $\alpha$ , mas também devido a que vários dos apotegmas em que o utilizou não foram aproveitados por  $\sigma$ . Eis todavia um exemplo. Em XCIII,10, lin. 6-7, lê-se esta frase:

*Cum autem reuerterentur, uenerunt ad eandem speluncam.*

Em  $\gamma$  e  $\delta$  a forma *reuerterentur* foi substituída por *reuersi fuissent*. Ora  $\varepsilon$  mantém, com  $\alpha$ , *reuerterentur*. E esta lição passou a  $\iota$ ,  $\mu$  e  $\sigma$ .

E — Até pequenas alterações introduzidas em  $\varepsilon$  se vêem continuadas em  $\sigma$ . Começavam  $\alpha$  e  $\beta$  assim o n. XIV,6:

*Quidam monachus euangelium tantum possidens, uendidit eum...*

Foi  $\varepsilon$  que trocou *monachus* por *monachorum* e *eum* por *illud*. E estas variantes passaram a  $\mu$  e  $\sigma$ .

F — Desvendado qual o modelo de que  $\sigma$  se serviu, não é menos significativa do seu trabalho secundário a prova dos métodos utilizados pelo compilador.

1 — Além da inserção de 5 referências bíblicas, contámos 17 acrescentos de quatro ou mais palavras. Note-se que a erudição bíblica é em  $\sigma$  completamente independente de  $\iota$  e  $\mu$  e de muito menor monta. O passo mais longo encontra-se em XCV,3, em que Isquírion diz sobre os homens da última geração:

ISCHYRION (241)

*Εἶπεν· Ὁὐκ ἔχουσιν ὅλως ἔργον οἱ τῆς γενεᾶς ἐκείνης.*

RECENSÃO LONGA

Et respondit: Homines generationis illius mandatorum Dei opera non habebunt.

TEXTOS DE  $\sigma$  (X)

*Respondens dixit: Homines generationis illius mandatorum Dei opera non habebunt et praecepta Dei obliuiscuntur, superabundabit autem tunc iniquitas et refrigescet caritas.*

O enriquecimento da resposta de Isquírion foi feito, em parte, graças à cópia do Evangelho de S. Mateus XXIV,12: *Quoniam abundauit iniquitas, refrigescet caritas multorum.*

2 — Para exemplo de uma ampliação descritiva sirva o princípio de LXII,1:

ZENON 5 (177)

*Ἔλεγον περὶ τοῦ ἀββᾶ Ζήνωνος, ὅτι καθήμενος ἐν τῇ Σκήτει, ἐξῆλθε νυκτὸς ἐκ τῆς κέλλης αὐτοῦ ὡς ἐπὶ τὸ ἔλος· καὶ πλανηθεὶς...*

RECENSÃO LONGA

Abbas Zenon dum esset in Sceti egressus est nocte de cella sua et errauit...

TEXTOS DE  $\sigma$  (X)

*Abbas Zenon dum esset in Scitia egressus est nocte de cella sua ut deambularet per eremum. Et factum est dum longius profecisset errauit...*

Enquanto a tradução de Pelágio (XVIII,7) é literal, a de Pascásio parece exigir um texto grego um pouco diferente. O compilador de  $\sigma$ , porém, desprende-se de qualquer modelo e explicou a seu modo.

3 — Pelo contrário há omissões que são propositadas, para abreviar a narração. Contámos 23 omissões de quatro ou mais palavras. Eis uma em que até se elimina a ordem do diálogo. Em XXXIII,9 um ancião fala com o abade Abraão sobre a persistência das tentações. Após uma pergunta deste, responde o ancião:

## ABRAHAM I (132)

*Λέγει ὁ γέρον· Ὁυχί· ἀλλὰ πολεμῶ τῷ λογισμῶ μὴ λαβεῖν αὐτό. Καὶ λέγει ὁ γέρον· Ἰδοῦ...*

## RECENSÃO LONGA

Dicit ei senex: Non. Sed iterum pugno cum cogitatione mea ut non illud tollam. Cui abbas Abraham: Ecce...

TEXTO DE  $\sigma$  (X)

Dicit ei senex: Non. Sed iterum pugno cum cogitatione mea.  
—————  
————— Ecce...

4 — Ambos os processos, de eliminação e aumento, encontram-se por vezes lado a lado.

a) Assim acontece no princípio de LVII,3.

## NAU, 135

*Διηγῆσατο γέρον ὅτι ἀδελφός τις ἀναχωρεῖν μέλλων, ἐκωλύετο ὑπὸ τῆς ἰδίας μητρος. Ὁ δὲ οὐκ ἐπαύετο τοῦ ἰδίου σκοποῦ λέγων· Σῶσαι θέλω τὴν ψυχὴν μου.*

## RECENSÃO LONGA

Quidam ex patribus referebat eo quod aliquis frater, uolens discedere in solitudine, a matre propria prohibebatur. Ille uero dicebat: Saluare uolo animam meam.

SUBARQUÉTIPO  $\sigma$  (X)

Quidam —————  
————— frater uolens discedere in solitudinem a matre propria prohibebatur. Ille uero dicebat *matri suae*: *Permite me mater*, saluare uolo animam meam.



b) A técnica de remodelação é por vezes tão profunda, aliando a acrescentos e omissões a substituição de umas palavras por outras, que há apotegmas quase totalmente reelaborados. Clara amostra é o n. XCIII,5.

ARSENIUS 26 (96)

Ἔλεγεν ὁ ἀββᾶς Λανηήλ, ὅτι τινὲς ἀδελφοὶ μέλλοντες ὑπάγειν εἰς Θηβαῖδα διὰ λινάρια, λέγουσι· Δι' ἀφορμῆς ἴδωμεν καὶ τὸν ἀββᾶν Ἀρσένιον. Καὶ εἰσῆλθεν ὁ ἀββᾶς Ἀλέξανδρος, καὶ εἶπε τῷ γέροντι· Ἀδελφοὶ ἐλθόντες ἀπὸ Ἀλεξανδρείας θέλουσί σε ἰδεῖν. Λέγει ὁ γέρον· Μάθε παρ' αὐτῶν δι' ἣν αἰτίαν παραγεγόνασι. Καὶ μαθὼν ὅτι εἰς Θηβαῖδα διὰ λινάρια ὑπάγουσιν, ἀπήγγειλε τῷ γέροντι. Λέγει καὶ αὐτός· Φύσει οὐ βλέπουσι τὸ πρόσωπον Ἀρσενίου, ὅτι δι' ἐμὲ οὐκ ἦλθον, ἀλλὰ διὰ τὸ ἔργον αὐτῶν. Ἀνάπανσον αὐτοὺς, καὶ ἀπόλυσον ἐν εἰρήνῃ, εἰπὼν αὐτοῖς, ὅτι Ὁ γέρον οὐ δύναται ἀπαντῆσαι.

RECENSÃO LONGA

Quidam fratres dum linum ex Thebaida pergerent comparare, dixerunt: Per occasionem beatum uideamus Arsenium. Quod cum ingressus ad eum Daniel discipulus eius nuntiasset, praecepit ut pro qua causa illic aduenissent de Alexandria ab eis requireret. Cum ergo renuntiasset quod propter linum pergerent comparandum, respondit Arsenius: Ergo faciem meam non uidebunt, quia non propter me, sed propter suum opus adueniunt. Vade itaque et susceptis eis fac obsequium et dimitte eos dicens: Quia senex non potest uobis occurrere.

SUBARQUÉTIPO σ (x)

Quidam fratres dum ex Thebaida linum pergerent comparare dixerunt *ad inuicem*: Per occasionem beatum uideamus Arsenium. *Cumque ad speluncam eius peruenissent, nuntiavit ei discipulus suus Daniel.* —————

————— Cui ille ait: Vade, fili, — et susceptis eis obsequium praebe, me autem permitte caelum aspicere et dimitte eos redire —, nam faciem meam non uidebunt.

Note-se desde já que a tradução de Pascásio corresponde bastante bem ao texto grego transcrito, apesar de não ser esta a recensão grega por ele utilizada, como o mostra claramente o nome do discípulo de Arsénio: Ἀλέξανδρος — Daniel.

Do texto de  $\sigma$  ressalta em primeiro lugar a grande omissão da parte central. Todavia, o reelaborador tinha-a diante de si, pois lá foi buscar as palavras *faciem meam non uidebunt*, que deslocou para o fim. Das restantes alterações, além de cinco pequenos acrescentos, é oportuno chamar agora a atenção para a remodelação total da oração: *Quod cum (...) discipulus eius nuntiasset*. Todos os elementos foram aproveitados, mas nenhum ficou no seu lugar.

*G* — Finalmente poder-se-á observar que este subarquétipo trabalha com independência completa em relação à versão breve, como se vê comparando o texto anterior com o que temos em VII Roswey-dus XXXIV,2.

*H* — A substituição de uma palavra pelo seu equivalente poderia ter especial interesse se o sinónimo fosse uma autêntica glossa, denunciadora da região onde o texto foi reelaborado. Cremos não possuir elementos muito significativos.

Talvez se possam considerar glossas, substituições como, em vez de *lentis: lenticulae* (XIV,11, lin. 1), por *iocentur: uociferentur* (XXVI,3, lin. 6), troca de *diluculo* por *iam luce* (XCIII,11, lin. 51).

Noutras ocasiões parece tratar-se de simples preferência do reelaborador: será o caso de *fluuium* que cede a *flumen* (XLIII,1, lin. 18) e *occidissent a interfecissent* (XCVI,4, lin. 2).

Poder-se-á até falar de preocupação erudita em substituições do tipo *infirmus: aegrotus* (LVII,3, lin. 6), *guttas: calices* (LXXIII,1, lin. 2).

*I* — Há, no entanto, algumas mudanças que são devidas ao facto de o copista possuir um mau texto ou de fazer dele uma leitura errada. Se apresentamos alguns exemplos é apenas para reforçar o argumento de que o texto de  $\sigma$  (que vai sempre em segundo lugar) é necessariamente secundário — *deterrescunt: decrescunt* (XIII,1, lin. 4), *opera in opera: hora in hora* (XXXII,2, lin. 3), *exsuperor: ex opere* (X) *exuberor* (T)(XXXVI,1, lin. 5); *incipiente barbitio: insipiens* (XCIII,11, lin. 3), *Mazices: Machinae* (XCVI,4, lin. 1), *Terenutidis: Teneretudinis*

(XCVI,4, lin. 4). Estes e outros exemplos em que o sentido da frase se perde ou é distorcido provam bem que o copista não entendia o que lançava ao pergaminho.

*J* — Um processo estilístico utilizado pelo compilador foi a passagem da primeira para a terceira pessoa e do discurso directo para o indirecto.

1 — Em LXVIII,4, conta-se que, enquanto o abade Bessáriorion e seu discípulo Dulas caminhavam ao longo da praia, este teve sede. E continua

BESARION 1 (137)

*Ἐδίψησα, καὶ εἶπον τῷ ἀββᾷ Βισαρίων· Ἄββᾶ, διψῶ πάνν. Καὶ ποιήσας ἐσχῆν ὁ γέρον, λέγει μου· Πίε ἐκ τῆς θαλάσσης.*

RECENSÃO LONGA

Contigit me sitire. Et dixi seni: Sitis me macerat. Qui facta oratione iussit me de mari aquam tollere et bibere.

SUBARQUÉTIPO σ (X)

Contigit *eum multum* sitire et *dixit* seni: Sitis me macerat *pater*. At *beatus Arsenius* facta oratione iussit *eum aquam de mari* tollere et bibere.

2 — Toda a longa narração de XCIII,11 foi passada para o discurso indirecto. Eis o princípio do trabalho de transformação:

MACARIUS 33 (273)

*Διηγῆσατο ὁ ἀββᾶς Βιτίμιος, ὅτι ἔλεγεν ὁ ἀββᾶς Μακάριος· Καθημένον μού ποτε εἰς Σκῆτιν κατέβησαν δύο νεώτεροι...*

RECENSÃO LONGA

Beatus Macarius aliquando narrabat dicens: Venerunt ad me quondam iuvenes duo...

SUBARQUÉTIPO σ (X)

*Venerunt aliquando quidam duo iuvenes ad beatum Macarium...*

*K* — Que o compilador de  $\sigma$  trabalhou com completa independência das recensões breves e da outra média (subarquétipos  $\iota$  e  $\mu$ ) provam-no todos os apotegmas em que coincidiu a selecção dos três reelaboradores. Apesar das grandes alterações introduzidas por  $\sigma$ , em muitos passos é mais fiel ao original que os outros.

Eis apenas dois casos. No primeiro só  $\iota$  e  $\mu$  apresentam uma ilustração bíblica, enquanto  $\sigma$  introduz variantes de pormenor.

1 — O final de XXIV,1 é no hiperarquétipo  $\beta$ :

*Haec est porta Dei per quam patres nostri in multis iniuriis gaudentes ingressi sunt ciuitatem Dei.*

Só a última parte da frase nos interessa.

SUBARQUÉTIPOS  $\iota$  (G) e  $\mu$  (R)

*in multis iniuriis gaudentes ingressi sunt ciuitatem Dei per artam et angustam uiam.*

SUBARQUÉTIPLO  $\sigma$  (X)

*per multas iniurias et tribulationes gaudentes ingressi sunt ciuitatem Dei.*

2 — O segundo exemplo é tirado de X,4, lin. 10-13. Nele se vê como  $\iota$  e  $\mu$  (este sobretudo, cf. em seguida o aparato crítico) são por vezes mais propensos a retoques do que  $\sigma$ .

MACARIVS 3 (261)

*Ὁ δὲ γέρον ἔμεινε παρατηρούμενος τὰς ὁδοὺς, ἕως πάλιν ἐκεῖνος ἐπανῆλθε. Καὶ ὡς εἶδεν αὐτὸν ὁ γέρον λέγει αὐτῷ· Σωθείης· Ὁ δὲ ἀπεκρίθη. Ποῦ ἔνι μοι σωθῆναι; Λέγει αὐτῷ ὁ γέρον· Διὰ τί; Ὁ δὲ λέγει· Ὅτι πάντες ἄγριοί μοι ἐγένοντο...*

RECENSÃO LONGA

*Permansit autem senex iterum uiam circuminspiciens usquequo rediret. Et cum rediret dicit ei: Salueris. At ille: Quo mihi istud uerbum, quia omnes mihi contrarii facti sunt...*

TEXTO DE GR ( $\iota$  e  $\mu$ )

Permansit autem senex *in eodem loco*; iterum uiam *circumspiciens* usquequo *daemon* rediret *et cognosceret quae ille indicaret*. Et cum rediret *dixit* ei: Salueris. At ille *respondit*: *Quod* mihi istud uerbum, quia omnes mihi contrarii facti sunt...

SUBARQUÉTIPO  $\sigma$  (x)

Permansit autem senex iterum uiam *circumspiciens* usquequo rediret. Et cum rediret dicit ei: Salueris. At ille *dixit*: *Quomodo* mihi istud uerbum *dicis*? Quia omnes mihi contrarii facti sunt...

Variantes de R em relação a G: senex *om.* R circumspiciens] erat *add.* R ille *om.* R indicauerat R salue R Quo R uerbum *om.* R omnes mihi *om.* R facti sunt] fuerunt R

L — Anotemos finalmente que também poderiam citar-se alguns exemplos em que  $\iota$  e  $\mu$  se mostram mais fiéis ao original do que  $\sigma$ . Todavia, a orientação dominante, quando se pode comparar a versão destes três subarquétipos, é a que deixámos apontada.

## XIX — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\tau$

Os manuscritos representantes deste subarquétipo transmitem-nos fundamentalmente uma versão de Pascásio segundo o modelo  $\sigma$ . Todavia, a sua colectânea inclui quatro apotegmas, e mais alguns escassos fragmentos, que foram importados do subarquétipo  $\kappa$ , a saber: XXXIV, 6 e 7; XXXIX, 1<sup>b</sup> e LXIX, 1. As três primeiras interpolações são tão curtas que mal se pode dizer se são copiadas de  $\iota$ ,  $\kappa$  ou  $\mu$ . O texto citado é o do ms. de Melk, Bibl. do Mosteiro Beneditino 8. Apenas LXIX,1 nos permite concluir que as interpolações de Pascásio provêm, com certeza, da recensão breve. Com efeito, aí se lê (lin. 18-19):

*Nos quidem qui Deum non nouimus misericordiam  
quamcumque sortiti sumus.*

Variantes em diversos subarquétipos:

$\iota$	$\kappa$	$\mu$
nouimus] cognouimus quantumcumque sortiti sumus] patimur	cognouimus quantumcumque  patimur	quidem <i>om.</i>  cognouimus quantumcumque  sortimur
$\sigma$	$\tau$	$\chi$
<i>omnia haec omittit</i>	cognouimus quantumcumque  patimur	qui Deum quidem cognouimus quantumcumque  sortimur

Pela variante *patimur* é evidente que  $\tau$  depende da inovação introduzida em  $\iota$ , donde passou a  $\kappa$ .

Só um outro pormenor nos permite avançar mais, podendo-se concluir que  $\tau$  tinha, de facto, como modelo  $\kappa$ . Veja-se a frase (lin. 5-6):

*Tu autem Macarius es spiritu diuino repletus.*

Variantes em diversos subarquétipos:

$\iota$	$\kappa$	$\mu$
es Macarius	es abbas Macarius	autem] uero es Macarius
$\sigma$	$\tau$	$\chi$
<i>omittit omnia haec</i>	es abba Macarius	es abbas Macarius

A inversão *es Macarius* começou em  $\iota$ , mas só em  $\kappa$  se acrescentou *abbas*, palavra que passou a  $\tau$  e também a  $\chi$  (o qual, como veremos também depende de  $\kappa$ ).

## XX — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO *v*

Os manuscritos que transmitem este subarquétipo apresentam o texto de Pascásio em duas secções, separadas entre si por elementos que contêm outras narrações de edificação. Apesar disso ambas as partes guardam indícios de remontarem aos mesmos modelos. O organizador do subarquétipo *v* tinha diante de si pelo menos quatro recensões diferentes de Pascásio: os subarquétipos *κ*, *μ*, *π* e *σ*. Faremos as citações sempre segundo o texto do códice latino de Munique 13081.

*A* — A primeira secção começa com apotegmas inteiramente importados do subarquétipo *σ*. Eis alguns elementos de prova.

1 — Ao n. I,4 corresponde o grego

### POEMEN 31 (329)

*Καὶ ταῦτα πάντα ἐδοκίμασαν οἱ πατέρες ὡς δυνατοί· καὶ εἶθρον  
ὄτι καθ' ἡμέραν ἐσθίειν, παρὰ μικρὸν δέ.*

Traduz Pascásio:

Haec enim omnia examinauerunt senes et inuen-  
erunt quia bonum est sic quotidie parum comedere ut  
sit et quotidie esurire.

Em *σ* há as seguintes variantes: senes] *sancti patres*; sic *om.*;  
quotidie (*ante parum*)] *ieiunare et add.*; sit] *possit*.

O texto de *v* é o seguinte:

Haec **uero** omnia examinauerunt *sancti patres* et  
inuenierunt quia bonum est ——— quotidie *ieiunare et*  
parum comedere ut *possit* et quotidie esurire.

A mudança de *senes* para *sancti patres* poderá parecer que corresponde melhor ao grego. Na realidade, é possível que o texto grego



da época tivesse *γέροντες*, pois também Pelágio (X,44) traduz por *senes magni*, equivalendo este adjectivo a *ὄς δυνατοί*, elemento que Pascásio não teria ou pôs de parte. O acrescento *ieiunare* contraria, porém, o grego. Como se vê, a lição de *v* ajusta-se à de *σ*. A substituição de *enim* por *uero* é exclusiva de *v*.

2 — O apotegma seguinte (II,2) adopta também o texto de *σ*, como se vê, por exemplo, no desenvolvimento *luctus* et abstinencia *permaneant* (lin. 19) em vez do simples *luctus* que se encontra na frase de Pascásio: *opus est ut luctus permaneat in nobis*, a equivaler perfeitamente ao grego: *Χρείαν ἔχομεν τοῦ πένθους, ἵνα παραμείνη ἡμῖν* [Ioseph 1 (228)].

3 — A servidão a *σ* vai ao ponto de em III,5, lin. 8-9 *v* omitir também a frase: *Item secunda uice cum eum compelleret, comedit*, a qual se encontra em *μ* de que *v* também dispunha.

*B* — A partir do sexto apotegma, porém, *v* passa a servir-se, de preferência, de um modelo do subarquétipo *κ*.

1 — Em XXXIX,1 lê-se:

Nisi pistor muli oculos operiret, mercedem suam respiciens ipse consumeret. Ita et nos per dispensationem Dei tegimen accipimus...

Em *v* o passo apresenta-se assim:

Nisi pistor mole oculos operiret mercedem suam recipiens — consumeret. Ita et nos per Dei dispensationem tegmen accipimus...

As variantes *mole* e inversão de palavras *Dei dispensationem* foram introduzidas em *κ*; *recipiens* é erro que vem já de *ι*; *tegmen* e a omissão de *ipse* são exclusivas de *v*. Note-se que *σ* omite esta parte do apotegma e *μ* eliminou-o totalmente da sua selecção.

2 — Pouco depois, o n. XXXIX,3 começa assim em Pascásio:

Idem dum in cella propria oraret beatus Antonius uenit ad eum uox dicens: Antoni, necdum ad mensuram coriarii istius qui est in Alexandria peruenisti.

Mas *v* apresenta:

*Idem beatus Antonius dum in cella propria oraret  
uenit (...) necdum peruenisti ad mensuram coriarii ———  
qui in Alexandria est.*

A inversão das primeiras palavras, a deslocação de *peruenisti* e a supressão de *istius* aparecem pela primeira vez em  $\kappa$ ; a inversão *in Alexandria est* é exclusiva de *v*.

*C* — A utilização do subarquétipo  $\mu$  é sempre de carácter secundário e por isso muito mais discreta.

1 — Veja-se o princípio de XI,4 em Pascásio:

Item dixit: Monachus edens multum...

Em  $\kappa$  temos: *Ideo dixi quia monachus...*

Porém *v*, certamente por observar o estranho texto de  $\kappa$  em relação a  $\mu$  e  $\sigma$ , que também tinha presentes, decidiu-se a tomar  $\mu$  como modelo escrevendo: *Idem autem dixit: Monachus...*

A substituição dos dois pontos por *quia* encontra-se em toda a série breve (a começar em *v*) e em  $\sigma$ ; a troca de *item* por *idem* verifica-se também em  $\sigma$ ; *autem* é exclusiva de *v*. A fidelidade a  $\mu$  revela-se bem na manutenção da pontuação que dispensa o espúrio *quia*.

2 — Outro exemplo da presença de  $\mu$  vê-se em pormenores como o princípio de LXXVIII,1. Traduziu Pascásio:

Vsque tunc laborat homo usquequo possideat Christum.

Dos principais arquétipos todos mantêm *laborat*, excepto  $\mu$  que substituiu o indicativo pelo conjuntivo; do mesmo modo  $\mu$  foi o primeiro a mudar *usquequo* por *quousque*. E assim se lê em *v*:

Vsque tunc laboret homo quousque...

Bem diferente é o trabalho de  $\sigma$ :

Vsque tunc monachus laborare debet usquequo...

3 — Um último sinal da contaminação de *v*. Em XI,3 (desconhecemos texto grego equivalente) lê-se:

Vere, frater, ego erubesco pro te quia sic nutriti  
corpus tuum, cum certe profitearis te monachum.

A versão de  $\kappa$  e  $\mu$  é idêntica, conservando ambos as inovações de  $\iota$ :

Vere frater ego (*om.*  $\mu$ ) erubesco pro te quia sic  
*in* (*om.*  $\mu$ ) *sagina* nutriti corpus tuum *quia esca uer-*  
*mium sumus* cum ——— *te profitearis esse* monachum.

A atitude do organizador de *v* foi a seguinte: fiando-se em  $\sigma$  não transcreveu *in sagina* e substituiu *nutristi* por *enutristi*. Porém, depois abandonou o texto, inteiramente exacto, de  $\sigma$  para aceitar todas as variantes de  $\kappa$  e  $\mu$ .

*D* — A presença do subarquétipo  $\pi$  só ficaria suficientemente provada se também nesta primeira parte de Pascásio houvesse sinais de inovações introduzidas por  $\pi$ . Dado o pequeno número de apotegmas desta secção, acontece que nenhum dos números que contêm inovações de  $\pi$  se encontra transcrito aqui. Por isso, apenas podemos presumir que o elaborador destes fragmentos teria  $\pi$  pelo facto de este último subarquétipo estar bem representado na segunda parte da selecção de Pascásio.

*E* — Na segunda secção em que os manuscritos de *v* nos dão o texto de Pascásio a crítica textual revela a utilização de todos os modelos citados. Damos breves exemplos.

O modelo de base para toda esta parte foi o subarquétipo  $\kappa$ .

1 — Em XXXIV,5, lin. 8-9, escreve Pascásio:

perimus, humilitatis gubernaculum relinquentes.

Não há variantes apreciáveis senão em  $\kappa$  e seus derivados (falta em  $\mu$ ) onde se emendou, com um apreciável acrescento:

*primum* humilitatis gubernaculum relinquentes *saepe*  
*periculosa naufragia patimur.*

É esta a versão reproduzida por *v*.

2 — O n. LXXVIII,2 tem um começo que só faz sentido com uma transcrição um tanto longa. Eis o texto da recensão extensa:

Quidam frater requisivit senem: Quemadmodum laborantium patrum est gratia? Et dixit senex: Quoniam qui adhuc laborant postulantes de remissione peccatorum antequam perueniat in eos gratia quae portet laborem ipsorum, illi pallidi et in labore sunt...

Note-se que *quoniam* denuncia uma tradução de *ὅτι* a introduzir o discurso indirecto. O organizador do subarquétipo *ι* cometeu um salto, certamente involuntário, de *laborantium* para *laborant*. A pergunta ficou truncada e a resposta ininteligível, pois não se sabe onde começa. O reelaborador de *κ* tentou uma adaptação, escrevendo uma introdução à resposta:

Quidam frater requisivit senem: Quemadmodum —  
———— laborant postulantes de remissione peccatorum? Respondit senex: Antequam perueniat in eos gratia...

É este arranjo que se encontra em *v*, o qual não dispunha de melhor texto em *μ* que não soube resolver a dificuldade. O apotegma não vem em *σ*.

*F* — A presença de *μ* pode assinalar-se em vários passos. Eis apenas um. Em XLVI,4 conta-se que a um anacoreta uns visitantes *conpulerunt eum hora non constituta comedere*.

A expressão *non constituta* ofereceu dificuldade a vários copistas. O próprio arquétipo *α* falhou neste ponto, pois, contra o grego (*πρωτὸν ὥραν* — Nau, 284) interpretou: *hora nona constituta*. No arquétipo *γ* aparece pela primeira vez *non consueta* e esta lição, através de *ε*, passou a todos os demais subarquétipos. Todavia, o organizador de *μ* que, como já vimos (XII, F) era pessoa culta, quis melhorar o latim e substituiu *non consueta* por *inconsueta*. Só *v* veio a dar crédito a esta emenda.

*G* — Um exame atento de *v* leva à conclusão de que certas lições só podem provir do subarquétipo *π*.

1 — Uma das boas provas de dependência é constituída por erros na transmissão de nomes próprios. Ora em XXIII,2 fala-se do monte

*qui dicitur Athlibeus*. Entre as diversas grafias erradas deste topónimo encontra-se, pela primeira vez em  $\pi$ , *Athalabeoso*. Esta grafia é a reproduzida por  $v$ .

2 — Em XCIX,2, lin. 12, uma frase começa:

Lignum enim quod ita gestabant...

Será interessante verificar que a conjunção *enim* só em  $\pi$  e  $v$  foi substituída por *uero*.

3 — Podemos igualmente apontar em  $v$  lições que começaram em  $o$  e daqui passaram a  $\pi$ , donde foram copiadas. No n. LXXVIII,2, lin. 5-6, está escrito na recensão longa:

Exultantis enim animae facies clara est.

A partir de  $\iota$  a série breve emendou para:

*Exsultant* ——— animae eorum et facies clara est.

Nova correcção é introduzida em  $o$  e daí passou a todos os modelos seguintes até à edição de Rosweydu:

*Exsultant* ——— animae eorum et facies eorum clara est.

Este segundo *eorum* recebeu-o  $v$  por intermédio de  $\pi$ .

*H* — Também a persistência de  $\sigma$  se denuncia em vários pormenores.

1 — O n. XCV,1 termina com a enunciação deste programa espiritual:

Omni hora ponat sibi ante oculos mortem.

A circunstância *ante oculos* foi substituída no hiperarquétipo  $\beta$  por *prae oculis*. Sendo assim e dado que  $\epsilon$  também a adoptou, deveria ela prolongar-se por todos os subarquétipos. Acontece, porém, que o organizador de  $\sigma$  retocou as palavras finais, escrevendo por sua conta:

ponat sibi mortem ante oculos suos.

Foi assim possível ao compilador de  $v$  reconstituir, sem o saber, o final do apotegma, reconstituição que só se verifica neste subarquétipo.

2— Terminemos com outro exemplo de contaminação entre os modelos  $\kappa$  e  $\sigma$ . Em XXIV,1, lin. 5-6, lê-se este cólon na recensão extensa:

Quod etiam cum ille conplesset...

Escreve  $\kappa$ : Quod ———— *ille cum conpleuit*...

E  $\mu$  tem: Quod ———— cum ille conplesset...

Lição de  $\sigma$ : Quod etiam *ille cum conplesset*...

Perante estes três modelos  $v$  redigiu:

Quod etiam *ille cum conpleuit*...

Vê-se aqui, nitidamente, a influência de  $\sigma$  contrabalançada pela lição errónea de *conpleuit*, introduzida por  $\kappa$ .

Já atrás deixámos indicadas algumas inovações de  $v$ , além de vários títulos, desdobrados, que lhe são próprios.

## XXI — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\varphi$

O subarquétipo  $\varphi$  é o único de que possuímos apenas manuscritos do século xv, todos em Munique e provenientes de mosteiros bávaros. O seu reelaborador encurtou consideravelmente a recensão breve que tinha no subarquétipo  $\pi$ , mas acrescentou-lhe três fragmentos seguramente importados de um modelo de  $\sigma$ . Dado que se trata de um subarquétipo de pouca importância crítica, limitaremos as provas das suas peculiaridades. As citações serão feitas segundo o texto do manuscrito latino de Munique, n. 18039.

*A* — Ao estudarmos (XVI, C) as inovações de  $\pi$  propositadamente assinalámos apenas algumas das que foram retomadas por  $\varphi$ . Ficou assim provada a dependência de  $\varphi$  em relação a  $\pi$ .

*B* — Que  $\varphi$  possuía um modelo do subarquétipo  $\sigma$  provam-no, à primeira vista, três apotegmas.

1 — Os nn. XXXIII,5 e 6 faltam em  $\pi$  e o texto de  $\varphi$  é da família  $\sigma$ . Mais significativo é, porém, o caso do n. LXIX,1 que foi totalmente reelaborado em  $\sigma$ . Ora é esta versão que  $\varphi$  transmite, sem qualquer contaminação com  $\pi$  que também transcreve esta narrativa. Damos apenas um pequeno exemplo em que  $\sigma$  modificou muito pouco (lin. 13-15):

RECENSÃO LONGA — His auditis lacrimas senex effudit  
dicens: Vae die illa in qua homo mandatum Dei transgressus est.

### SUBARQUÉTIPOS $\pi$ e $\pi$

His auditis lacrimas senex effudit dicens: Vae diei illi in quo homo mandata Dei transgressus est.

### SUBARQUÉTIPOS $\sigma$ e $\varphi$

His autem auditis senex lacrimas effudit dicens: Vae homini illi qui mandata Dei transgressus fuerit.

2 — Outro exemplo evidente em que  $\varphi$  seguiu  $\sigma$  é o princípio de XXXIX,1, lin. 1-8:

RECENSÃO LONGA E $\pi$	SUBARQUÉTIPO $\sigma$	SUBARQUÉTIPO $\varphi$
Saepe dicebat beatus Antonius: Nisi pistor muli oculos (...) obscurent. Numquam enim .....	<i>Beatus Antonius dixit:—</i> _____ _____ Numquam enim .....	<i>Dixit beatus Antonius:—</i> _____ _____ Numquam enim .....

Verifica-se que este apotegma foi integralmente transcrito por  $\pi$  segundo o modelo  $\kappa$ . Por seu turno  $\varphi$  copiou, com inversão da ordem das palavras, a introdução de  $\sigma$  e, como este, omitiu toda a primeira parte da «sentença» desde *nisi até obscurent*. Transcreve, porém, a segunda e terceira parte, mas agora de acordo com a lição de  $\pi$ .

C — Não vale a pena registrar inovações de  $\varphi$  porque este modelo não foi retomado por nenhum outro subarquétipo.



## XXII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO $\chi$

Atendendo a que este subarquétipo é o que mais se aproxima do que serviu à edição de Rosweyduus, dar-lhe-emos mais espaço que aos acabados de estudar, para que se veja quanto ele se vai afastando da genuína tradução de Pascásio. O subarquétipo  $\chi$  provém simultaneamente de  $\kappa$ , de  $\mu$ ,  $\sigma$  e de  $\sigma$ ; e, além de inovações que lhe são próprias, tem alguns, embora escassos, sinais de cotejo da tradução de Pelágio-João. As citações de  $\chi$  tirá-las-emos do texto do ms. lat. de Bruxelas, Bibl. Real 8372 (= B).

A — A recensão breve segundo o modelo  $\kappa$  foi a que lhe serviu de base. Sendo assim,  $\chi$  tem todos os acrescentos bíblicos e explicativos que  $\kappa$  herdou de  $\iota$  e todas as lições que são criação de  $\kappa$ .

1 — Destas últimas, uma das mais salientes encontra-se em XXXIV, 5, lin. 8-9. Escreveu Pascásio:

Humilitatis gubernaculum relinquentes.

Como todos os subarquétipos que receberam de  $\kappa$  este apotegma,  $\chi$  acrescenta a

relinquentes *saepe periculosa naufragia patimur.*

2 — Do mesmo modo se explica a variante do início do n. XCIX,2 que em  $\iota$  ainda só apresenta a inversão de *in*:

Dum propria resideret in cellula

Em  $\kappa$ , porém, o diminutivo foi substituído e por isso se lê em  $\chi$ :

Dum *in propria cella resideret.*

B — A própria constituição deste subarquétipo mostra, como vimos (1), que todo o seu final foi directamente importado de  $\mu$ . Ao longo do texto podem já divisar-se alguns traços desta presença.

---

(1) Cf. *supra*, pp. 266-268.

1 — Em LXI,1, lin. 3-4, lê-se em Pascásio:

Quia quotienscumque homo uoluerit orare festinant inimici inpedire eum.

Em  $\iota$  foi introduzida, após *festinant*, a palavra *daemones*. Em  $\mu$  a expressão foi aperfeiçoada deste modo:

festinant *maligni daemones* inpedire eum.

E esta é a versão de  $\chi$ .

2 — Mais expressivo é o final de XCIII,10. A recensão longa tem:

Dixerunt: Quemadmodum et mulieres conluctantur et uincunt daemonem! Et glorificantes Deum qui est omnium protector recesserunt inde.

Na série breve apenas se nota a substituição de *daemonem* por *daemonia*. No subarquétipo  $\mu$ , porém, o texto foi alongado:

Dixerunt: *Quia magna misericordia Domini est! Quia* et mulieres (...) glorificantes Deum qui est *protector omnium ad propria redierunt narrantes quae uiderant.*

Os acrescentos e a inversão de palavras foram retomados por  $\chi$ .

3 — Além disso, todo o n. XC,10 foi copiado do modelo  $\mu$ .

C — A utilização de  $\sigma$  é ainda mais evidente ao longo de todo o texto.

1 — Em XXXIX,6 traduziu Pascásio:

Quid est: «Omnia munda mundis»?

Os subarquétipos  $\iota$  e  $\kappa$  mantêm o passo sem alteração. Em  $\mu$  já se lê:

Quid est *quod dicit*: «Omnia munda mundis»?

Porém  $\sigma$  alude mais claramente ao passo de S. Paulo a Tito (I,15) escrevendo:

Quid est, *pater, quod dicit Apostolus*: «Omnia...

Esta versão foi a preferida por  $\chi$  invertendo apenas a ordem em *Apostolus dicit*.

2 — O n. XCVI,4 é em  $\chi$  uma complicada contaminação do texto dado por  $\mu$  e por  $\sigma$ . Com  $\sigma$  são, por exemplo, omitidos passos como (lin. 13-14): *Numquid uel lapidabat idolum homo fidelis in facie?* e (lin. 22-25): *Unum ex ipsis facientem dispensatorem ... até ... «Hoc nolo comedere»* — os quais se encontram em  $\mu$ . A contaminação é evidente em (lin. 17-20):

RECENSÃO LONGA: Cui abba Poemen: Non, inquit. Tunc senex ait: Fratres, ecce septem sumus. Si uultis ergo ut pariter maneamus, sicut idolum istud, nec quando iniuriatur aliquis irascatur nec quando ueniam petitur gloriatur.

SUBARQUÉTIPO  $\mu$  (R)

Cui *respondit*: Non. — Tunc ait *Anuph ad fratres*: Ecce septem sumus. Si uultis ergo ut pariter *lucrum animae faciamus, efficiamus* sicut idolum istud *quod*

---

nec quando ueniam petitur *glorietur*.

SUBARQUÉTIPO  $\sigma$  (X)

Cui abba Poemen *respondit*: Non *utique*. Tunc senex *dixit*: Fratres, ecce septem sumus. Si uultis ergo ut pariter maneamus, *sit* idolum istud *nobis in exemplum ne* quando iniuriatur aliquis irascatur *ne* quando *ab eo uenia* petitur *glorietur aut extollatur*.

Compare-se agora com estas duas recensões alteradas o texto de  $\chi$ :

Cui abba *Pimenius: Respondit*: Non *utique*. Tunc senex *dixit*: Fratres, ecce (...) pariter *lucrum animae faciamus, sit* idolum istud *nobis in exemplum ne* quando iniuriatur aliquis irascatur *ne* quando *ab eo uenia* petitur *glorietur aut extollatur*.

Como se vê, foi geralmente seguida a lição de  $\sigma$  até quando este escreveu *utique* em vez de *inquit*. Mas a expressão *lucrum animae faciamus* é com toda a evidência tirada de  $\mu$ .

*D* — Só uma pesquisa muito atenta nos levou à conclusão de que  $\chi$  utilizou também alguns elementos que no seu conjunto só podia ter encontrado em *o*.

1 — Assim, no *Praefatio* (lin. 8) o superlativo *sapientissimo* aplicado a *Socrati* foi omitido nos subarquétipos breves a partir de  $\kappa$  até  $\varphi$ , excepto *o*. Por *salto* do elaborador de  $\lambda$  o passo (lin. 7-8) desde *non audeo...* até... *Socrati subripiam* falta tanto em  $\mu$  como  $\nu$ . Por isso  $\chi$  só poderia tê-lo recolhido de  $\iota$  ou de *o*, uma vez que não há vestígios de conhecer a recensão longa, donde  $\iota$  o tomou. Ora há pormenores que são próprios de *o* e que  $\chi$  também transmite. Por isso é de eliminar o recurso a  $\iota$ .

2 — Por exemplo, em LXXVIII,2, lin. 5-6, a redacção de  $\chi$  é idêntica à que aparece pela primeira vez em *o*:

*Exsultant* — animae eorum et facies eorum clara est.

É certo que esta lição também foi adoptada por  $\pi$ ,  $v$  e  $\varphi$ , mas das inovações próprias destes modelos não se encontram rastros em  $\chi$ . Por isso, só resta a hipótese de a ter extraído de *o*, uma vez que há vários outros casos em que  $\chi$  concorda com *o* contra a lição adoptada por  $\pi$ ,  $v$  e  $\varphi$ .

3 — Nestas circunstâncias se encontra, entre outros, o seguinte exemplo. Em XXVIII,1 diz-se que o abade Mótoes construiu um mosteiro em Heracléon e continua-se (lin. 2-3):

dum ibi a multis molestaretur in alterum locum transgressus est.

As recensões breves oferecem-nos as seguintes variantes:  $\iota$  transcreveu integralmente;  $\kappa$  substituiu *molestaretur* por *maestaretur*, exemplo que foi seguido por  $\pi$ ,  $v$  e  $\varphi$ ; em vez de *alterum* têm *alium*  $\pi$  e  $\varphi$ , havendo  $v$  omitido qualquer destas palavras. Temos, portanto, que apenas *o* se manteve fiel ao original, por intermédio de  $\iota$ . Como  $\chi$  também tem a lição correcta e dado que ele tem *o* como um dos seus modelos, concluímos que a perfeição do texto  $\chi$  se deve a *o*.

*E* — A influência da tradução de Pelágio-João deixou leves vestígios.

1 — Em XCV,3, lin. 2, fala-se de um padre *uitae praecipuae nomine Ischyron*. O apotegma é reproduzido pela série breve e pelo subarquétipo  $\sigma$ , sendo o nome reproduzido como *Isquirio* ou *Squirio*.

O subarquétipo  $\chi$ , porém, transmite-nos a grafia *Cirion*. Ora em João (I,14) a referência apresenta-se em alguns manuscritos deste modo: *uir magnaе uitae nomine Cyrion...*

2 — Mais clara é a presença de Pelágio (XV,11) em dois pormenores da recensão de  $\chi$  do apotegma XCVI,4 de Pascásio. Este começa: *Cum aliquando Mazices (οἱ Μάζικες)...* Só os subarquétipos  $\mu$  e  $\sigma$  aproveitaram esta história da recensão longa. Os manuscritos de  $\mu$  hesitam entre *Matici* e *Azices*; os de  $\sigma$  entre *Machinae* e *Azines...* Como a palavra é estranha, o elaborador de  $\chi$  escreveu *gens Mazicorum*. Mas note-se que Pelágio traduz assim: *quando illic uenit gens Mazicarum...* A importação de  $\chi$  não deixa dúvidas. O mesmo acontece com o topónimo *Τερενοῦθω* (PG LXV, Anub 1 [129]). Pascásio escreveu *Terenuitidis*, grafia que se conserva em  $\mu$ . O subarquétipo  $\sigma$  apresenta, porém, a grafia *Teneretudinis*. Perante a diversidade dos seus modelos,  $\chi$  fiou-se em Pelágio e transcreveu *Terenuthi*.

3 — Outras dependências de Pelágio encontram-se em XXX,1, lin. 16, onde só  $\chi$  substitui o *satisdator* de Pascásio por *fidei iussor* (cf. Plg. XV,25), e em XCVI,3, lin. 9, em que o *apud te* transcrito falta em  $\kappa$  (único subarquétipo onde  $\chi$  poderia ter lido este apotegma), mas faz parte de Pelágio XV,30, tal como da recensão *longa* de Pascásio (que  $\chi$  não possuía). Mais expressivo é, todavia, em X,4, lin. 15-16, o complemento da frase: *Quotiens me uiderit huc atque illuc cito conuertitur*, à qual  $\chi$  acrescenta: *ad me uelut uentus*. Este pormenor foi, por certo, importado de Pelágio XVIII,9. Do mesmo modo, um pouco adiante (X,4, lin. 40-41) Pascásio traduziu: *iurauī non ibi accedere nisi post multum tempus*. Em Pelágio (XVIII,9) equivale-lhe: *iurauī iam non calcari ad illum nisi post longum tempus*. A recensão de  $\chi$  tem:

*iurauī me non calcaturum illum locum nisi post multum tempus.*

A introdução de *me* provém de  $\mu$ ; a adaptação *calcaturum illum locum* não se compreende sem o recurso a Pelágio.

*E* — Das inovações de  $\chi$  vamos apresentar apenas algumas das que passaram a  $\psi$  e deste vieram a ser vulgarizadas pela edição de Rosweyds.

1 — A mais importante é sem dúvida uma explicação que se lê

em XLIX,5. Podemos apresentar o texto grego equivalente para se verificar como  $\chi$  se afasta do original:

Poemen 7 (321): *Συγγενής εἰμι τοῦ ἀββᾶ Ποιμένους·  
καὶ ἰδοὺ συνέβη τῷ παιδίῳ τούτῳ ὁ πειρασμὸς οὗτος.*

Traduziu Pascásio (lin. 5-6):

*Paens sum istius abbatis Poemenis; huic infanti  
quae tentatio contigerit uides.*

Em  $\chi$  temos:

*Paens sum istius — Pimenii et ob hoc ueni ut  
hunc infantem uideret; uides domine quae huic infanti  
per Satanam contigerit tentatio.*

Devemos notar que, além do acrescento introduzido em  $\chi$ , algumas variantes da segunda parte da frase, que vão a itálico, foram feitas pelo elaborador de  $\iota$  donde passaram a  $\kappa$  e  $\mu$ , não tendo  $\chi$  hesitado em transcrevê-las, pondo assim de parte a melhor lição que  $\sigma$  lhe oferecia.

2 — Há, no entanto, outras de menor monta, como esta adaptação de XLVI,6. Pascásio (lin. 4-5):

*Pulsatoque ostio cellae, suscepti, oratione facta,  
consederunt.*

Esta tradução corresponde ao seguinte passo grego:

Arsenius 38 (105): *Καὶ κρούσαντες τὴν θύραν εἰσηλ-  
θοῦν, καὶ ἀσπασάμενοι τὸν γέροντα ἐκάθισαν σιωπῶντες.*

É de supor que a recensão grega de Pascásio fosse um pouco diferente desta. A lição de  $\chi$  não deve nada ao grego e afasta-se, por sua conta, do original latino. Ei-la:

*Pulsatoque ostio cellae, introduxit eum. Deinde  
suscepti et oratione facta consederunt.*

Observe-se que as variantes *deinde* e *et* as recebeu  $\chi$  de  $\kappa$  que foi o que as introduziu.

Casos há em que pode tratar-se também de uma pequena adaptação, como em LXXI,4 (lin. 3-4):

Quam grandia et alta sumus et paruissimum ferramentum incidit nos!

Mas  $\chi$  tem:

Quam grandia *sumus et alta et a paruissimo ferramento incidimur!*

Só a inversão *sumus et alta* fora introduzida em  $\kappa$ ; o resto é adaptação estilística de  $\chi$ .

4 — As alterações reduzem-se por vezes à troca da palavra do texto por um seu sinónimo: *comparare* foi substituído por *emere* (XVIII, 3, lin. 1), *centonem* por *lebitonem* (XXXIII,15, lin. 4), desiderio *excelso*, introduzido em  $\kappa$ , por *magno* (XLVI,6, lin. 7 — cf. VII Rosw. XVIII,2).

O facto de todas as inovações acabadas de citar terem passado de  $\chi$  a  $\psi$  dispensa-nos de insistir, em seguida, ao descrever o último subarquétipo, na prova de que ele também depende de  $\chi$ .

### XXIII — SUBARQUÉTIPO CONTAMINADO E INTERPOLADO $\psi$

A crítica textual revela que o organizador do subarquétipo  $\psi$  possuía, do texto de Pascásio, os modelos  $\chi$  (o fundamental),  $\mu$  e  $\sigma$ . As lições de  $\psi$  serão citadas segundo o ms. B.III.23 da Universidade de Basileia.

A — Que o subarquétipo  $\psi$  segue com bastante fidelidade o texto de  $\chi$ , acabamos de demonstrá-lo e prova-o o mais sumário exame que se faça. Damos apenas os três exemplos normativos.

1 — Antes de XXI,2 foi  $\chi$  quem pela primeira vez escreveu o título: *De retribuendo bonum pro malo*, no que foi seguido por  $\psi$  e pelas edições. (Este título é o do cap. XXII, que toda a série breve omite até  $\chi$ , o qual o importou, por certo de  $\mu$ ).

2 — Do mesmo modo, antes de LXXXVIII,6 só em  $\chi$  começa, na série breve, a aparecer o título desse capítulo LXXXVIII, também tirado de  $\mu$ : *De silentio*. Por isso ele se encontra em  $\psi$  e em Rosweydu.

3 — Em LVI,3, lin. 39, lê-se:

Profiteor tibi et ex omni corde meo confiteor.

Desde  $\iota$  que *omni* andava substituído por *toto* e *meo* foi omitido. Porém só em  $\chi$  a expressão foi de novo alterada para:

Profiteor tibi et promitto ex toto corde.

Assim se encontra também em  $\psi$  e Rosweydu. A mudança do verbo parece obedecer mais a uma preocupação de *uariatio* do que à influência de Pelágio XVIII,20 que traduz: *Promitto tibi et spondeo sermone et corde confiteor*. Aliás o verbo *promitto* também se encontra em Pascásio algumas palavras atrás deste fragmento.

A par destas inovações introduzidas por  $\chi$  e continuadas em  $\psi$  e em Rosweydu, podiam citar-se também todas as influências exercidas em  $\chi$  por  $\sigma$  e por Pelágio-João.



B — 1 — Sobre a presença de  $\mu$  em  $\psi$ , contra a versão de  $\chi$ , o exemplo mais significativo é o final de XCVI,1. Pascásio terminou, de acordo com o grego [Agathon 1<sup>a</sup> (108)] e Pelágio (X,8<sup>a</sup>):

Custodi autem ne quando fiduciam loquendi assumas.

O elaborador de  $\chi$  tinha este apotegma em  $\mu$  e  $\sigma$ . Na terminação manteve-se fiel a  $\sigma$  que concorda com o original. Porém  $\mu$ , com a sua conhecida erudição bíblica acrescentou:

*Dicente Apostolo: Nemo militans Christo implicat se negotiis saecularibus.*

A citação de S. Paulo a Timóteo (II *Tim.* II,4) não a encontrou o organizador de  $\psi$  em  $\chi$ . Se ele a transcreveu é sinal de que possuía o único modelo anterior que a transmite,  $\mu$ .

2 — Do mesmo modo o final de C,7 é em Pascásio e em  $\mu$ :

Et tu similiter fenestras tuas implesti chartis.

O modelo  $\chi$  omite a palavras *chartis*. Se  $\psi$  a restabeleceu foi porque possuía um modelo de  $\mu$  onde ela se encontra. (Este apotegma não vem no outro modelo que  $\psi$  possuía, isto é,  $\sigma$ ).

Apesar da fidelidade de  $\psi$  a  $\chi$ , é possível divisar ainda a influência de  $\mu$  em outros passos, embora de pouca monta.

C — Tal como no número anterior em relação a  $\mu$ , importa agora provar apenas que  $\psi$  possuía  $\sigma$ , mesmo quando  $\chi$  não o seguiu.

1 — Bastará aqui apresentar um argumento apodíctico. O n. LXXXVIII,2 falta em  $\chi$ , mas vem em  $\psi$ . Ora a versão reproduzida por  $\psi$  corresponde inteiramente à de  $\sigma$ , precisamente com as mesmas variantes e omissões. Vale a pena apresentar os textos:

RECENSÃO LONGA

Quidam frater requisivit a sene dicens: Vsquequo est seruandum silentium? Respondit: Vsquequo interrogeris.

$\sigma$  (= III ROSW. 186)  
 $\psi$  (= VII ROSW. XXXII,3)

Quidam frater *interrogauit senem* dicens: Vsquequo est seruandum silentium, *pater*? Respondit *senex*: Vsquequo interrogeris.

seruandum  $\psi$ : observandum  $\sigma$

A abonação que vem a seguir, em Pascásio, desde *Scriptum est até loqui non debet*, falta em  $\sigma$  e igualmente em  $\psi$ .

Este apotegma vem também em  $\mu$ . Mas que  $\psi$  não o seguiu prova-o não só a transcrição acabada de fazer ( $\mu$  mantém-se neste caso mais próximo do original), como a rejeição do acrescento final, típico de  $\mu$ , em que este se abona com mais uma referência bíblica (cf. Matth. XII,36):

*Cauendum est quod Dominus dicit: De otiosis uerbis reddituros nos esse rationem.*

D — Como todos os reelaboradores, também o de  $\psi$  introduziu várias inovações.

1 — Mencionemos primeiro as mais salientes no que se refere aos títulos.

Antes de X,4 escreve-se: *De abbate Macario*.

Antes de XXXIII,4 é colocado o título do cap. XXXIV: *Contra spiritum superbiae* (= VII Rosw. XIII).

Em vez de *De mortificatione*, tem antes de LXXVI,1: *Qualiter homo mortificare in se uitia potest* (= Rosw. XXVI).

A partir de XCIX,2 copia  $\psi$  de  $\chi$  o final de  $\mu$  com as alterações a seu tempo apontadas (1). Novidade é ter o organizador de  $\psi$  subdividido este longo final em capítulos, para os quais criou seis títulos novos: *Quod temporalis profectus sit relinquendus propter caritatis amorem* (= Rosw. XXXVII), etc., como na edição de Rosweydyus, capp. XXXVII a XLI e cap. XLIII. Apenas o título de XLII Rosw.: *Quomodo in coenobio uiuendum sit* corresponde de novo a Pascásio cap. XCVI.

Notemos ainda que o n. XXXIV,3 foi neste subarquétipo repartido: a segunda e terceira partes vêm primeiro (cf. Rosw. XIII,5), fazendo-as preceder duma adaptada introdução: *Item dixit senex*. A primeira parte, XXXIV,3<sup>a</sup>, vem um pouco depois (Rosw. XIII,10) com uma introdução já recebida desde  $\iota$ .

2 — Entre as omissões típicas de  $\psi$  a mais notável encontra-se em XXII,2. Intencionalmente ou por salto do elaborador faltam onze palavras, desde *conturbant...* a... *beatificant uos* (lin. 4-5), como

---

(1) Cf. *supra*, pp. 266-268.

se pode ver também na edição de Rosweyde VII,4, tendo o acrescento bíblico: *et semitas pedum nostrorum subuertunt* sido introduzido já em  $\iota$ .

3 — Finalmente poderíamos apresentar várias substituições de vocábulos pelo seu sinónimo. Não sabemos, no entanto, até que ponto tais trocas poderão ser interpretadas como glossas que permitiriam conjecturar a área onde foi elaborado o subarquétipo  $\psi$ . Assim em XXXIII,12, lin. 8, *flumen* cedeu o lugar a *fluuium*; em XLVI,6, lin. 3, *gustabo* a *manducabo*; etc.

## XXIV — O TEXTO DA EDIÇÃO DE H. ROSWEYDVS

Dado que a edição das *Vitae Patrum* de Rosweyodus é a mais conhecida, através da sua transcrição na *Patrologia Latina* (Pascásio, no vol. LXXIII, coll. 1025-1066) fizemos também o estudo crítico do seu texto. Pudemos assim observar que a edição de Rosweyodus depende dos modelos  $\psi$ ,  $\kappa$  e  $\sigma$ .

A — Não é só a estrutura externa que mostra imediatamente a dependência directa de  $\psi$ . Ao longo de todo o texto, este é o modelo predominantemente seguido.

1 — Em X,4, lin. 8-9, lê-se:

RECENSÃO LONGA E  $\kappa$

Si unum non placuerit, ostendam aliud; si autem et illud displicuerit, porrigo aliud.

si autem] quod si  $\kappa$  porrigam  $\kappa$

SUBARQUÉTIPO  $\psi$  E ROSW.

Si unum non placuerit, *porrigo* aliud; *quod si* et illud displicuerit, *ostendam* aliud.

porrigam Rosw.

De notar que a troca de posição entre *ostendam* e *porrigo* só foi introduzida em  $\psi$  donde passou a Rosweyodus.

2 — Em XXII,2, como já notámos (XXIII, D, 2) faltam, só em  $\psi$  e Rosweyodus, as palavras desde *conturbant...* até... *beatificant uos*. Do mesmo modo, o n. LXXXVIII,2 que  $\psi$  tirara de  $\sigma$ , se encontra também em Rosweyodus. O mesmo se diga da identidade dos títulos dos capp. XXXVII-XLI e XLIII de Rosweyodus que são uma inovação introduzida em  $\psi$ .

Até na grafia de certos nomes próprios se nota a preferência que Rosweyodus deu a  $\psi$ . Em XC,3, lin. 1-2 aparecem os topónimos *Ragitam* e *Gebalonis*. Só  $\psi$  e Rosweyodus escrevem *Ragita* e *Gebilonis*.

B — Em certos pormenores Rosweyodus seguiu, pelo contrário, um modelo do mais antigo subarquétipo  $\kappa$ .

1 — Em II,4, lin. 2, fala-se do homem que

adhuc esuriens continet se.

Seguindo o modelo de  $\sigma$ , acrescentaram  $\chi$  e  $\psi$  *ne satietur*. Roswey-  
dus, porém, não seguiu aqui  $\psi$ , sinal de que preferiu outro modelo,  
neste caso mais conforme ao original.

2 — O n. X,4 é precedido em  $\psi$  pelo título *De abbate Macario*,  
mas Rosweyodus manteve-se fiel à sequência, sem título, que se encontra  
em  $\kappa$ . Probante da dependência de  $\kappa$  é, neste apotegma, a interpelação  
de Macário ao demónio (lin. 5):

Quo uadis, magne?

Só  $\kappa$  interpretou: Quo uadis, *maligne*? Mantém-se  $\chi$  fiel ao original,  
certamente através de  $\mu$  ou  $\sigma$ . Por sua vez  $\psi$  em lugar de *magne* escreve  
*maior igne!* Só Rosweyodus retoma o *maligne* típico de  $\kappa$ .

3 — Sabido que Rosweyodus não tem só  $\psi$ , já podemos supor que  
também a  $\kappa$  foi buscar o *ibi* que em  $\psi$  falta no apotegma XXVIII,1,  
lin. 2: *dum ibi a multis molestaretur*.

C — A única prova de que Rosweyodus, contra os seus dois ante-  
riores modelos, também deveria possuir o subarquétipo  $\sigma$  encontra-se  
em XI,2. O apotegma termina em Pascásio:

Confide quia non moritur.

Só  $\sigma$  e Rosweyodus acrescentam: *sed uiuet in perpetuum*.

Considerando este ponto fora do aspecto de crítica textual, é  
evidente que Rosweyodus possuía o texto de Pascásio segundo o sub-  
arquétipo  $\sigma$ , pois o editou, sem saber, no seu Livro III. Mas supo-  
mos não ser sua a responsabilidade da contaminação com este modelo,  
como diremos na alínea E.

D — Esta a conclusão a que chegámos, trabalhando apenas sobre  
os arquétipos por nós estudados. Acontece, porém, que o próprio  
Rosweyodus nos diz, numa anotação ao seu Livro VII (isto é, Pascásio),  
quais os modelos que seguiu (cf. PL LXXIII, coll. 1064-65). Confessa  
que só utilizou dois manuscritos, «os quais não estavam completa-

mente de acordo quanto aos capítulos e aos números, nem entre si nem em comparação com as edições».

E Rosweyodus continua: «No segundo manuscrito, muito antigo, estava, além disso, inserido este capítulo, antes do capítulo 5:

*De uilitate uestium*

Abbas Agathon dispensabat semetipsum (...) apparerent. Dicebat autem discipulis suis: Vestis quoque (...) anima fluctuetur».

Esta indicação é preciosa. O primeiro manuscrito de Rosweyodus (a que não faz qualquer referência especial, nem nós conseguimos localizar) era, sem dúvida do subarquétipo  $\psi$ . O segundo manuscrito, «uetustissimo», está suficientemente identificado: é o de Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 8216-18 do princípio do séc. IX (cf. n. 29). De facto, este manuscrito, que tomámos como modelo do subarquétipo  $\kappa$ , tem o capítulo *De uilitate uestium* (= Pasc. XIX,1, seguido do *Appendix 5* que foi introduzido em  $\iota$ ). A alteração do número de capítulos entre os dois modelos e da ordenação dos apotegmas (a que se refere Rosweyodus) corresponde perfeitamente ao nosso estudo sobre os modelos  $\kappa$  e  $\psi$  (2). Apenas se deverá corrigir Rosweyodus num pormenor: o *De uilitate uestium* nunca vem antes, mas sim após o cap. V de Rosweyodus. Em vez dum engano na preposição *ante*, supomos que se trate apenas de uma «gralha». Rosweyodus deveria ter escrito *ante caput VI* e não V. Note-se, porém, que este erro já vem na sua edição de 1615, como verificámos propositadamente.

No prolegómeno XXIV (cf. PL LXXIII, col. 83) menciona Rosweyodus ainda outro manuscrito, tardio, propriedade de S. Pedro de Münster que tinha apenas excertos de Pascásio: «quaedam ex libro secundo et septimo». Porém, ao dar-nos o texto do seu «Livro VII», Rosweyodus não faz qualquer referência a este manuscrito de Münster — de que nós também não temos conhecimento.

E — Falta apenas esclarecer o problema do subarquétipo  $\sigma$  de que a edição de Rosweyodus guarda, pelo menos em XI,2 o vestígio característico apresentado por nós atrás, na alínea C. A solução poderá encontrar-se no exame da terceira fonte utilizada por Rosweyodus: a influência de  $\sigma$  foi recebida através de edições anteriores.

---

(2) Cf. pp. 114-116 e 274-279.

De facto, examinando uma das mais antigas edições das *Vitae Patrum* que publicaram a obra de Pascásio, a de Estrasburgo, datada de 1485 (que é 130 anos anterior à primeira de Rosweyodus) lá encontramos o pequeno acrescento a XI,2, tirado do subarquétipo  $\sigma$ .

Aliás esta e outras possíveis influências do subarquétipo  $\sigma$  sobre as edições anteriores ou até sobre o próprio Rosweyodus nada nos deverão admirar, uma vez que sabemos ter sido o modelo  $\sigma$  incluído nas *Vitae Patrum* como parte integrante do chamado «Livro III de Rosweyodus».

F — Cremos assim estar de posse de todos os elementos para apreciar o trabalho de Rosweyodus sobre o texto de Pascásio. Verificámos, por exemplo, mais as seguintes concordâncias de Rosweyodus com inovações que só encontramos na edição de Estrasburgo (a única colacionada):

1 — Em XIV,1 fala-se de um jovem a quem assaltavam com frequência os «pensamentos» (*cogitationes*) das riquezas do mundo. E continua Pascásio (lin. 3):

Vno ergo die, egresso eo, circumdederunt eum.

O sujeito implícito é *cogitationes*. A partir de  $\iota$ , porém, todos os manuscritos da série breve e média contaminada incluíram como sujeito explícito *hostes inuidi* antes de *circumdederunt*. Em vez de *inuidi* Rosweyodus tem *immundi*. Só vimos essa lição também no texto editado em Estrasburgo.

2 — O final de XXXIX,8 é sintomático para avaliar a fidelidade básica de Rosweyodus a  $\kappa$  e oferece-nos uma variante só das edições. Eis o texto (lin. 8-10):

RECENSÃO LONGA

Si peccata mea Deus manifestaret omnibus non solum alii tres et quattuor sufficerent mecum plangere sed pluriore.

SUBARQUÉTIPO  $\kappa$  (H)

Si peccata mea Deus manifestaret *hominibus nec* —————  
tres *nec* quattuor sufficerent mecum plangere sed pluriore.

Reconheça-se que a última oração, a adversativa começada por *sed*, é elíptica. O predicado subentendido é *necesse essent*. O editor

de Estrasburgo eliminou *mecum plangere* e Rosweyodus seguiu-lhe o exemplo! *Pluriores* já fora substituído em  $\chi$  por *plures*. Rosweyodus deu novo arranjo à terminação acrescentando-lhe um *nec*. Está assim explicada a sua lição:

*nec tres nec quattuor sufficerent, ——— sed nec plures.*

Mas quão longe estamos de Pascásio e até de  $\kappa$ !

A diferença existente no título dos capítulos XLV e XLVI (= XVII e XVIII Rosw.) entre o manuscrito B.III.23 e Rosweyodus (3) encontramos-a também em Estrasburgo. Quem teria criado o título *De refutatione propriae uoluntatis* (VII Rosw. XVIII) que não vimos em nenhum manuscrito, mas só nas edições?

Chegado ao fim da análise crítica do texto de Rosweyodus, não podemos deixar de insistir em que da versão latina, por Pascásio de Dume, dos *Apophthegmata Patrum* a parte publicada (apenas 128 apotegmas, 3 dos quais incompletos, de entre os 358 que constituem a redacção inicial) representa, ainda com adulterações, o pior de todos os subarquetipos da transmissão manuscrita. Que infelicidade a de Pascásio e que trabalho o nosso! (4)

---

(3) Cf. *supra*, p. 275.

(4) Compreende-se, pois, o nosso desgosto ao lermos a introdução e a tradução inglesa da parte consagrada a Pascásio numa nova obra de Claude W. Barlow: *Iberian Fathers*, Volume I, *Martin of Braga, Paschasius of Dumium, Leander of Seville*, Washington, 1969. Apesar de já em 1950, no livro dedicado a S. Martinho, Barlow dizer que conhecia a recensão longa, a qual com razão suspeitava ser a autêntica, passados quase vinte anos serve-se, para base da sua tradução de Pascásio, da edição de H. Rosweyodus. É verdade que eliminou XIX:3-5, tão evidente é tratar-se de uma interpolação de Paládio, e XIX,6, supressão que não justifica, mas está certa, pois o apotegma é de Pelágio. Mas, incompreensivelmente, tomou como genuínas as outras interpolações de Pelágio e de Martinho, todo o final de Martinho retocado pelo hiperarquetipo  $\lambda$  e até o cap. XLIV, *De meditationibus duodecim anachoretarum* — este há tantos anos reconhecido como espúrio! Um mérito pelo menos devemos reconhecer-lhe: vulgarizar o nome de Pascásio e mostrar a necessidade e oportunidade da nossa edição.



## BIBLIOGRAFIA

- ALAIN (de Lille), *Liber poenitentialis*, introduction doctrinale et littéraire et texte inédit, publié et annoté par J. Longere, Louvain, 1965.
- ANTOLÍN (Guillermo), *Catálogo de los códices latinos de la Real Biblioteca del Escorial*, Madrid, tt. I, 1910; II, 1911; III, 1913; IV, 1916.
- in *Boletín de la Real Academia de la Historia* LIV (1909).
- AUTENRIETH (Johanna), *Die Handschriften der ehemaligen Hofbibliothek Stuttgart*, t. 3, 1963.
- BARLOW (Claude W.), *Martini Episcopi Bracarensis Opera omnia*, New Haven, 1950.
- , *Martin of Braga, Paschasius of Dumium, Leander of Seville* (= Iberian Fathers, vol. I), Washington, 1969.
- BATELLI (G.), *Lezioni di Paleografia*, Città del Vaticano, 1949.
- BATLLE (Dom Columba Maria), *Contribució a l'estudi de Pascasi de Dumi i la seva versió de «Verba Seniorum»* in *Estudis Romànics* VIII (1961).
- BEER (Rudolf), *Handschriftenschatze Spaniens*, Wien, 1894.
- , *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Madrid, XI (1887).
- Bibliotheca Casinensis*. Tomus Secundus. Ex Typographia Casinensi. 1875.
- BOESE (Helmut), *Die lateinische Handschriften des Sammlung Hamilton zu Berlin*, Wiesbaden, 1966.
- BOLLANDIANI (SOCII), *Bibliotheca Hagiographica Latina* (2 voll., Bruxellis, 1898-1899 et 1900-1901).
- , *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum antiquorum saeculo XVI qui asseruantur in Bibliotheca Nationali Parisiensi*, Bruxellis, t. I, 1889; t. II, 1890; t. III, 1893.
- , *Catalogus codicum hagiographicorum Bibliothecae Regiae Bruxellensis*, Pars I, Codices latini, t. II, Bruxellis, 1889.
- , *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum Bibliothecae Bollandianae in Analecta Bollandiana*, Tomus XXIV, Bruxellis, 1905.
- BOON (Amand), *Pachomiana latina (Regles et épîtres de S. Pachome, Épître de S. Théodore et «Liber» de S. Orsiesius)*. Texte latin de S. Jérôme, Louvain, 1932.
- BOUSSET (Wilhelm), *Apophthegmata. Studien zur Geschichte des ältesten Mönchtums*, Tübingen, 1923.

- BOVER (Ioseph M.), *Noui Testamenti Biblia Graeca et Latina*, Matrìti, 1953.
- BRUYNE (Donatien de), *L'héritage littéraire de l'abbé Saint Valère* in *Revue Bénédictine* XXXII (1920).
- BUTLER (C.), *The Lausiac History of Palladius*, Cambridge I, 1898; II, 1904.
- CARLO (Agustín Millares), *Paleografía española*, Madrid 1932, 2 voll.
- , *Contribución al «Corpus» de códices visigóticos*, Madrid, 1931.
- , *Manuscritos visigóticos. Notas bibliográficas*. Madrid-Barcelona, 1963 (complemento à Paleografía de 1932).
- CAROLSFELD (Franz Schnorr von), *Katalog der Handschriften der königlichen öffentlichen Bibliothek zu Dresden*, Leipzig, 1882.
- CASTRO (José Villa-Amil y), *Los códices de las iglesias de Galicia en la Edad Media*, Madrid, 1874.
- Catálogo da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Índice preparatório do catálogo dos manuscritos (...)* 1.º fascículo, Porto, 1879.
- Catalogue Général des Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France. Départements*. Paris, tt. I, 1886; II, 1885; III, 1885; V, 1889; VII, 1889; XI, 1890; XIII, 1894; XVII, 1891; XXV, 1894; XXXVIII (t. I de Reims), 1904; XXXIX (t. II de Reims), 1904.
- Catalogue Général des Manuscrits Latins*, Bibliothèque Nationale, t. III, Paris, 1952.
- Catalogue of additions to the manuscripts in the British Museum in the years 1854-1860; — 1876-1881; — 1888-1893; — 1894-1899; 1906-1910; — 1911-1915*, London.
- Catalogus codicum manuscriptorum Bibliothecae Regiae*, Parisiis, 1744.
- Catalogus codicum manuscriptorum qui in bibliotheca monasterii Mellicensis (O.S.B.) seruantur*, Vindobonae, 1889.
- CHAINE (M.), *Le texte original des apophtegmes des Pères* in *Mélanges de la Faculté Orientale* (Université de Saint-Joseph, Beyrouth), V, fasc. 2, 1912.
- Codicum Casinensium manuscriptorum catalogus*, Monte Cassino, 1915.
- COLUNGA (Albertus) — TURRADO (Laurentius), *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Clementinam*, Matrìti, 1946.
- COXE (Henricus O.), *Catalogi codicum manuscriptorum bibliothecae Bodleianae, Pars tertia codices graecos et latinos Canonicianos complectens*, Oxoniae, 1854.
- CRUZ (António) — *Santa Cruz de Coimbra na Cultura Portuguesa da Idade Média*, vol. I, Porto, 1964.
- CUEVAS (Fray Julián Zarco), *El nuevo código visigótico de la Academia de la Historia* in *Boletín de la Academia de la Historia* 106 (1935).
- DELISLE (L.), *Inventaire des manuscrits latins conservés à la Bibliothèque Impériale sous les numéros 8823-11503 du fonds latin*, Paris, 1863.

- DELISLE (L.), *Inventaire des manuscrits latins conservés à la Bibliothèque Nationale sous les numéros 8823-18613*, Paris, 1863-1871.
- , *Bibliothèque Nationale. Manuscrits latins et français aux fonds des nouvelles acquisitions pendant les années 1875-1891*, Paris, 1891.
- , *Mélanges de paléographie et de bibliographie*, Paris, 1880.
- DÍAZ (Manuel Caetano Díaz y), *Index Scriptorum Latinorum Medii Aevi Hispanorum*, Madrid, 1959.
- , *El latín de la Península Ibérica. — Rasgos lingüísticos in Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I, Madrid, 1960.
- , in *Hispania Sacra* IV (1951).
- , *La circulation des manuscrits dans la Péninsule Ibérique du VIII<sup>e</sup> au XII<sup>e</sup> siècle in Chaires de Civilisation Médiévale*, Poitiers, XII (1969).
- EWALD (P.) et LOEWE (G.), *Exempla scripturae uisigoticae XL tabulis expressa*, Heidelbergae, 1883.
- FAIDER (Paul), *Catalogue général des manuscrits des bibliothèques de Belgique*, vol. I. *Catalogue des manuscrits conservés à Namur*, Gembloux, 1934.
- FAIDER (P.) et FEYTMANS (M.<sup>e</sup> Faider-), *Catalogue des manuscrits de la bibliothèque publique de la ville de Mons*, Gent, 1931.
- FÉROTIN (D. Marius), *Histoire de l'Abbaye de Silos*, Paris, 1897.
- FESTUGIÈRE (A.-J.), *Historia Monachorum in Aegypto*, Bruxelles, 1961 (= *Subsidia Hagiographica*, n. 34).
- FOERSTER (H.), *Abriss der lateinischen Paläographie*, Stuttgart, 1963.
- FORTUNATO (Fr. — de S. Boaventura), *Commentariorum de Alcobacensi manuscriptorum bibliotheca libri tres*, Conimbriae, 1827.
- FRANCHESA (A.), in *Hispania Sacra* XII (1959).
- GARNEFELD (Georgius), *Elucidationes sacrae in quinque libros de imaginibus antiquorum heremitarum*, Coloniae, 1621.
- GARNIER (J.), *Catalogue descriptif et saisonné des manuscrits de la bibliothèque communale de la ville d'Amiens*, Amiens, 1843.
- GHEYN (J. van den), *Catalogue des manuscrits de la Bibliothèque Royale de Belgique*, Bruxelles, tt. II, 1902; V, 1905; VI, 1906.
- GLAY (M. le), *Catalogue descriptif des manuscrits de la Bibliothèque de Lille*, 1848.
- GOTTLIEB (Th.) *Ueber mittelalterliche Bibliotheken*, Leipzig, 1890.
- GULLOTTA (Giuseppe), *Gli antichi cataloghi e i codici della abbazia di Nonantola*, Vaticano, 1955.

- GÜNTHER (OTTO), *Die Handschriften der Kirchenbibliothek von St. Marien in Danzig*, Danzig, 1921.
- , *Katalog der Handschriften der Danziger Stadtbibliothek*, Teil 3, Danzig, 1909.
- HALM (C.), LAUBMANN (G.), MEYER (G.), *Catalogus codicum latinorum Bibliothecae Regiae Monachensis, secundum Andreae Schmellerii indices*, tt. I, 1871; II, 1871; Monachii.
- Handschriften Katalog*, Stuttgart, 1926.
- HAVET (L.), *Manuel de critique verbale appliqué aux textes latins*, Paris, 1911.
- HEINEMANN (OTTO), *Die Handschriften der herzoglichen Bibliothek zu Wolfenbütel*, II Abt., Wolfenbütel, 1898.
- HOPFNER (Theodor), *Über die Koptisch-säidischen Apophthegmata Patrum und verwandte griechische, lateinische, koptisch-bohairische und syrische Sammlungen in Akademie der Wissenschaften in Wien. Philosophisch-historische Klasse. Denkschriften*. 61. Band, 2. Abhandlung, Wien, 1919.
- Index codicum bibliothecae Alcobatiae*, Olisipone, 1775.
- Inventário dos códices alcobacenses* (Biblioteca Nacional), tomo V, Lisboa, 1932.
- JAMES (Montagne Rhodes), *A descriptive catalogue of the manuscripts in the library of Sidney Sussex College*, Cambridge, 1895.
- , *A descriptive catalogue of the manuscripts in the library of Corpus Christi College*, Cambridge, vol. I, II, 1912.
- , *A descriptive catalogue of the manuscripts in the library of Lambeth Palace*, Part I, Cambridge, 1930.
- LAUER (Ph.), *Bibliothèque Nationale, Catalogue général des manuscrits latins*, Paris, t. II, 1940.
- LEITSCHUH (F.) und FISCHER (H.), *Katalog der Handschriften der königlichen Bibliothek zu Bamberg*, Bamberg, 1895-1906.
- LÖFFLER (K.), *Die Handschriften des Klosters Weingarten in Zentralblatt für Bibliothekswesen* XLI, 1912, Leipzig.
- , *Die Handschriften des Klosters Zwiefalten*, Linz, 1931.
- MACRAY (Gulielmus), *Catalogi codicum manuscriptorum bibliothecae Bodleianae, partis quintae fasciculus secundus*, Oxonii, 1878.
- MAIER (A.), *Codices Burghesiani Bibliothecae Vaticanae*, Vaticano, 1952.
- MANGÉART (J.), *Catalogue (...) des manuscrits de la Bibliothèque de Valenciennes*, Paris, 1860.

- MARTINS (Mário), *Pascásio Dumiense, tradutor (No XIV centenário de S. Martinho de Dume) in Brotéria* (Outubro de 1950, vol. LI).
- , *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, 1956.
- MEIER (P. Gabriel), *Catalogus codicum manuscriptorum in biblioteca monasterii Einsidensis* (O.S.B.), t. I, 1899.
- MERCATI (Giovanni), *Codici Latini Pico Grimani Pio e di altra bibliotheca ignota del secolo XVI esistenti nell'Ottoboniana* (...) Vaticano, 1938.
- MEYER (Gustav) und BURCKHARDT (Max), *Die mittelalterlichen Handschriften der Universitätsbibliothek Basel*, Abteilung B, I Band, Basel, 1960.
- MIGNE (J.-P.), *Patrologia Latina*, tt. XXI, XXIII, LXVII, LXXIII, LXXIV, CIII.
- , *Patrologia Graeca*, t. LXV.
- Mittelalterliche Bibliothekskatalogus Oesterreichs*, 3 voll., Wien, 1915.
- BECKER (Gustavus), *Catalogi bibliothecarum antiqui*, Bonnae, 1885.
- MONTFAUCON (Bernardus de), *Diarium Italicum*, Parisiis, 1702.
- MORIN (G.), *Un manuscrit bavarois des «Vitae Patrum» à la Bibliothèque Royale de Bruxelles in Studien und Mitteilungen zur Geschichte des Benediktinerordens und seiner Zweige*, München LV (1937).
- MOTTIRONI (Ana Maria Giorgetti Vichi e Sergio), *Catalogo dei manoscritti della biblioteca Valliceliana*, vol. I, Roma, 1961.
- PEIXOTO (Jorge), *Relações de Plantin com Portugal in Revista Portuguesa de História X* (1962).
- PIDAL (R. Menéndez), *Origenes del Español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, Madrid, 1950.
- PONCELET (Albertus), *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum bibliothecarum Romanarum praeterquam Vaticanae*, Bruxellis, 1909.
- , *Catalogus Codicum Hagiographicorum Latinorum Bibliothecae Vaticanae*, Bruxellis, 1910.
- POUSA (Ramón Fernández), *San Valerio. Obras. Edición crítica*, Madrid, 1944.
- RAHLFS (Alfred), *Septuaginta, id est, Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes*, Stuttgart, 1965.
- RAND (E. K.), *A survey of the manuscripts of Tour*, I, Cambridge (Mass.), 1929.
- REIFFERSCHIED (August), *Bibliotheca Patrum Latinorum Italica*, I, Wien, 1870.
- RIVARA (Joaquim Heliodoro da Cunha) e MATOS (Joaquim António de Sousa Teles de), *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, t. III, 1870.

- ROSE (Valentine), *Verzeichniss der lateinischen Handschriften der königlichen Bibliothek zu Berlin*, I Band, *Die Meerman-Handschriften des Sir Thomas Phillips*, Berlin, 1893.
- ROSWEYDVS (Heribertus), *Vitae Patrum*, Antuerpiae, 1615.
- RUYSCHAERT (J.), *Les manuscrits de l'abbaye de Nonantola*, Vaticano, 1955.
- SALONIUS (A.H.), *Vitae Patrum. Kritische Untersuchungen über Text, Syntax und Wortschatz der spätlateinischen Vitae Patrum*, Lund, 1920.
- SCHENKL (Henrich), *Bibliotheca Patrum Latinorum Britannica*, Viena, 1891.
- SOARES (Luís Ribeiro), *A linhagem cultural de São Martinho de Dume*, Lisboa, 1963.
- SORBELLI (Albano), *Inventari dei manoscritti delle biblioteche d'Italia*, XXXI, Firenze, 1925.
- SORIANO (Justo Garcia), *Un códice visigótico del siglo IX* in *Boletín de la Academia de la Historia*, 106 (1935).
- STEVENSON (Henricus — Jr.), ROSSI (J. B.), *Bibliotheca Apostolica Vaticana, Codices Palatini Latini*, Tomus I, Romae, 1886.
- STORNAJOLO (Cosimus), *Codices Vrbinates Latini*, t. I, Romae, 1902.
- Tabula codicum manu scriptorum praeter graecos et orientales in bibliotheca palatina Vindobonensi asseruatorum*. Edidit Academia Caesarea Vindobonensis, vol. I, Vindobonae, 1864.
- TAYLOR (F.), *Supplementary hand-list of western manuscripts in the John Rylands Library*, Manchester, 1937.
- THOMPSON (E. M.), *Paleografía greca e latina* (versión de G. Fumagalli), Milan, 1940.
- TODD (H. J.), *A catalogue of the archiepiscopal manuscripts in the library at Lambeth Palace*, London, 1812 (republished in 1965).
- URBEL, (Justo Pérez de), *Los monjes españoles en la Edad Media*, I, Madrid, 1945.
- , *San Martín y el monaquismo* in *Bracara Augusta* VIII, 1957.
- URBEL (J. Pérez de) e RUIZ-ZORILLA (A. González y), *Liber Comicus*, 2 voll., Madrid, 1950.
- VAL (Ursicino Domínguez-del), *Herencia literaria de padres y escritores españoles de Osio de Córdoba a Julián de Toledo* in *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España* 1. Siglos III-XVI, Salamanca, 1967.
- VILLADA (Z. García), *Paleografía española*, 2 tt., Madrid, 1923.
- VILLANUEVA (Jaime), *Viaje literario a las iglesias de España*, t. XI, Madrid, 1850.

- VINCENTIVS (Bellouacensis), *Speculum Historiale*, Akademische Druck und Verlagsanstalt, Graz, Austria, 1965 (Reprodução da edição de Douai, de 1624).
- Vitae Sanctorum Patrum*, Strasbourg, 1485.
- WARNER (G. F.) and GILSON (J. P.), *British Museum. Catalogue of western manuscripts in the old royal and king's collections*, vol. I, Oxford 1921.
- WILMART (A.), *Le recueil latin des apophtegmes* in *Revue Bénédictine* XXXIV (1922).
- ZEDLER (Gottfried), *Die Handschriften der Nassauischen Landesbibliothek zu Wiesbaden* in *Zentralblatt zur Bibliothekswesen*, Beiheft 63, 1931, Leipzig.





## ÍNDICE DOS MANUSCRITOS

POR ORDEM ALFABÉTICA DAS LOCALIDADES

- Amiens, Biblioteca Municipal 459 — p. 202
- Bamberg, Biblioteca Nacional, *História* 140 — p. 208
- Basileia, Biblioteca da Universidade, B-III-23 — pp. 274, 280-281, 390, 398
- , —, B. V. 2 — pp. 232, 281-282
- Berlim (Oriental), Biblioteca Nacional Alemã, Hamilton 683 — pp. 129, 130, 135, 140, 241-243
- , —, Phillips 1838 — pp. 97, 99
- Bordéus, Biblioteca Municipal 111 — p. 149
- Bruxelas, Biblioteca Bolandiana 27 — pp. 143-144, 249-250
- , Biblioteca Real da Bélgica 1224 (II. 931) — pp. 64, 134-137, 140, 142, 143, 152
- , — 3149 (1800) — pp. 233, 236
- , — 1225 (1809) — p. 283
- , — 3177 (7462-81) — pp. 97, 100, 246
- , — 3192 (8033-34) — pp. 97, 101, 102, 205
- , — 3595 (8216-18) — pp. 64, 107, 111, 114-116, 117, 161, 163, 261, 272, 279, 331, 396
- , — 3198 (8372) — pp. 64, 266-268, 269, 297, 383
- , — 3207 (8623-26) — pp. 64, 209-210, 212, 256-257, 258
- , — 1226 (8733-35) — p. 283-284
- , — 1227 (9373) — p. 284
- Cambrai, Biblioteca Municipal 817 — p. 249
- Cambridge, Biblioteca do Corpus Christi College 6 — pp. 140-141
- , — 521 — p. 213
- , Biblioteca do Sidney Sussex College  $\Delta$ . 3. 2 (47) — pp. 64, 130-131, 135, 140, 152, 290
- Chalons-sur-Marne, Biblioteca Municipal 53 (57) — pp. 156-157, 239
- Chartres, Biblioteca Municipal 192 — p. 288
- Danzig, Biblioteca da Cidade, Mar. F. 226 — p. 196
- , — 1950 — pp. 197-198
- , — 1957 — pp. 250-251

- Dijon, Biblioteca Municipal 194 — pp. 224-225
- Dresda, Biblioteca Nacional da Saxónia, A 207 — pp. 159, 189-191, 193, 247
- Einsiedeln, Biblioteca Conventual 246 — pp. 187, 202, 208, 297
- Escorial, Biblioteca do Mosteiro, a-II-9 — p. 286
- , — I.III.13 — pp. 46, 47-52, 54, 55, 58, 59, 60, 65, 296, 309
- , — P.III.1 — pp. 186, 207
- , — T. I. 12 — pp. 284-285
- Estugarda, Biblioteca Estadual, Theol. Fol. 224 — pp. 268-269
- , —, Theol. Fol. 303 — pp. 6, 35, 105, 106-112, 113, 115, 116, 297, 325, 330
- Évora, Biblioteca Pública  $\frac{\text{CXXIV}}{1-12}$  — pp. 150-152
- Grenoble, Biblioteca Pública 1172 — pp. 77-78, 301, 316
- Lambach, Biblioteca Conventual 47 — p. 164
- , — 173 — p. 164
- Lille, Biblioteca Municipal (sem número) — p. 288
- Lisboa, Biblioteca Nacional 216 (= Alcobacense 312) — p. 82
- , — 367 (= Alcobacense 15) — p. 25
- , — 454 (= Alcobacense 283) — pp. 43, 59, 80-86, 297, 312
- Londres, Biblioteca do Palácio Lambeth 373 — pp. 134, 243-245
- Londres, Museu Britânico, Coleção Real 8. C. VI — pp. 132-134
- , —, — 8. D. VIII — pp. 131-132
- , —, *additiones* 22.562 — pp. 233, 234, 236
- , —, *add.* 30.853 — p. 59
- , —, *add.* 30.855 — pp. 46, 51, 52-59, 60, 64, 65, 71, 90, 129, 296, 309.
- , —, *add.* 33.518 — pp. 225-226
- , —, *add.* 35.325 — p. 212
- , —, *add.* 37.400 — pp. 94-96, 217, 219-220, 221, 317, 318, 319
- , —, *add.* 38.684 — p. 215
- Madrid, Academia Real da História, Emilianense 60 — pp. 59, 61-64, 318
- , Academia Real da História 80 — pp. 6, 7-23, 25, 26, 27, 30, 40, 43, 47, 48, 52, 59, 62, 64, 65, 66, 68, 92, 129, 167, 296.
- , Biblioteca Nacional 10.007 — p. 25
- Manchester, Biblioteca Rylands, latino 422 — pp. 233, 235
- Melk, Biblioteca do Mosteiro Beneditino 8 — pp. 185, 186, 236-238, 254, 372
- Mons, Biblioteca Pública 7/227 — p. 204
- Monte Cassino, Biblioteca da Abadia 50 — pp. 64, 69-77, 86, 129, 209, 297, 312
- Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, latino 2540 — pp. 217, 220-221
- , —, — 3056 — pp. 194, 213, 260-261, 262, 264
- , —, — 3450 — p. 208
- , —, — 7990 — pp. 238, 254

- Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, latino 9533 — pp. 160-161  
—, —, — 9550 — pp. 116-117, 163  
—, —, — 12640 — pp. 210-211  
—, —, — 13081 — pp. 212, 257-259, 374  
—, —, — 14364 — pp. 187, 209  
—, —, — 15241 — p. 214  
—, —, — 17139 — pp. 94, 96, 165-166, 206, 297, 317, 318, 319  
—, —, — 18093 — pp. 194, 214, 261, 262-263, 381  
—, —, — 18161 — pp. 194, 214, 261, 263-264  
—, —, — 18475 — pp. 162-163, 192, 248  
—, —, — 18535<sup>a</sup> — p. 198  
—, —, — 18853 — p. 214, 265  
—, —, — 18938 — pp. 269-271  
Namur, Museu de Arqueologia 12 — pp. 210, 216-217, 219, 220, 221  
Nonântola, Biblioteca da Abadia, D. 124 — p. 289  
Oxford, Biblioteca Bodleiana, Canon. 395 — pp. 59-60, 251-252  
—, —, Canoniciano Miscelâneo 523 — p. 194  
—, —, Rawl. C. 72 — pp. 212-213.  
Paris, Biblioteca Nacional, fundo latino 1789 — pp. 245-246  
—, —, — 2462 — pp. 200, 204, 205  
—, —, — 2464 — pp. 80, 204-205, 318  
—, —, — 2768<sup>a</sup> — pp. 36-41, 64, 69, 129, 297, 306  
—, —, — 2809 — pp. 86-88, 211, 301, 316  
—, —, — 2941 — pp. 79-80, 231  
—, —, — 3330 — p. 200  
—, —, — 3338 — pp. 248-249  
—, —, — 3784 — pp. 68-69, 192  
—, —, — 5313 — p. 252  
—, —, — 5386 — pp. 103-104, 322  
—, —, — 5388 — pp. 201, 204  
—, —, — 5601 — p. 232  
—, —, — 5624 — pp. 227-228  
—, —, — 9729 — pp. 118, 120-121, 145, 154, 155-156, 157, 159, 190  
—, —, — 10840 — p. 203, 204, 297  
—, —, — 10841 — pp. 233, 234, 235  
—, —, — 12597 — p. 204  
—, —, — 13188 — p. 247  
—, —, — 13776 — p. 287  
—, —, — 17623 — pp. 64, 147-148

- Paris, Biblioteca Nacional, fundo latino 17568 — pp. 285-286  
 —, —, — 17624 — pp. 148-149, 152  
 —, —, — 17632 — pp. 152-153  
 —, —, Novas aquisições latinas 2169 — p. 53  
 —, —, — 2178 — p. 286
- Porto, Biblioteca Pública Municipal 753 — pp. 36, 41-45, 46, 59, 86, 296, 306, 308
- Reims, Biblioteca Municipal 428 — pp. 203-204  
 —, — 1390 — p. 197  
 —, — 1391 — pp. 97-98, 99, 101, 102, 206  
 —, — 1392 — pp. 97, 98-99, 101, 102, 206  
 —, — 1393 — pp. 97, 101-102, 207-208  
 —, — 1400 — pp. 172, 217-219, 289
- Roma, Biblioteca Farfense 5 — p. 211  
 —, Biblioteca Casanatense 620 — pp. 233, 234-235, 236  
 —, — 1898 — p. 193  
 —, Biblioteca Valliceliana XVII — pp. 199-200, 239-240  
 —, — C 55 — p. 193
- Ruão, Biblioteca Pública 1375 — pp. 118, 120, 122-128, 135, 137, 138, 140, 297, 334
- Saint-Omer, Biblioteca Municipal 696 — p. 207
- Salamanca, Biblioteca Universitaria 2537 — pp. 43, 59, 65, 66, 67, 86, 88-93, 296, 312
- Seo de Urgel, Arquivo Capitular, *anno* 938 — pp. 10, 43, 59, 64-68, 90, 297, 312
- Toledo, Biblioteca Capitular 24-27 — pp. 24, 43, 65
- Troyes, Biblioteca Municipal 777 — pp. 222-224, 225, 226, 227, 228  
 —, — 948 — p. 200
- Turim, Biblioteca Nacional, K. IV, 12 — p. 289
- Valenciennes, Biblioteca Municipal 168 — pp. 228-229
- Vaticano, Biblioteca Apostólica, latino 1199 — pp. 193, 195  
 —, —, — 1200 — pp. 193, 195  
 —, —, — 1201 — pp. 192-193, 229-231, 240, 253  
 —, —, — 4921 — pp. 6, 9, 10, 23-30, 31, 32, 33, 43, 45, 51-52, 59, 68, 86, 89, 93, 129, 296  
 —, —, — 5411 — pp. 240-241  
 —, —, Barberini 720 — p. 240  
 —, —, Borghesiano 160 — p. 207  
 —, —, Otoboniano latino 942 — pp. 9, 25, 30-33, 59  
 —, —, Palatinus latinus 844 — pp. 142-143  
 —, —, Urbinatense 396 — pp. 195, 252-253
- Vercelli, Arquivo Capitular LX — p. 158  
 —, — CXII — pp. 157-158

- Verona, Biblioteca Capitular XVI (14) — pp. 145, 154-155
- Viena, Biblioteca Nacional da Áustria 386 — pp. 145-146, 147, 149, 297, 347
- , — 433 — pp. 172, 188-189, 218
- Wiesbaden, Biblioteca Estadual de Hessen 8 — pp. 139-140, 297, 339
- Winchester, Biblioteca da Catedral III. J. m. — pp. 123, 127, 129, 135 137-139, 140
- Wolfenbütel, Biblioteca do Duque Augusto, Cod. Guelf. 32. 11. Aug. 2<sup>o</sup>—pp. 271-273



ÍNDICE DE PEÇAS ANÓNIMAS  
OU NÃO IDENTIFICADAS

- Appendix Palladii* — pp. 26, 172
- «*Autêntico Livro III*» — pp. 79, 95, 157, 168, 169, 170, 172-178, 179, 188-191, 197, 198, 199-205, 206, 210, 213, 216-232, 233, 237, 241, 247, 251, 253. (Cf. também *Commonitiones Sanctorum Patrum*)
- Basilius dixit: Caeleste donum accipit monachus qui terrenos actus* — p. 245
- Benedictus Deus qui uult omnes homines* (= prólogo do Livro II Rosw.) — pp. 195
- Commonitiones Sanctorum Patrum* — pp. 170, 188, 190, 216. (cf. *Autêntico Livro III*)
- Correctiones Patrum* (cf. *De meditationibus XII anachoretarum*) — pp. 77, 78
- De aduentu Antichristi et eius falaciis XIII. Legitur autem Antichristum in Babylone de tribu Dan nasciturum* — p. 151
- De illo qui uidit mirabiles uisiones* — p. 79
- De meditationibus XII anachoretarum* (cf. também *Correctiones Patrum*) — pp. 78, 116, 280, 281, 284, 398
- De muliere cuius corpus extinctum Satan sibi assumpsit ad decipiendum quendam seruum Dei* — p. 100
- De propria uoluntate* — p. 212
- Dicit canon: Deo teste sicut non inueni meliores hiis qui in claustris profecerunt...* — p. 271
- Dixit sanctus Macarius: ita debere monachus ieiuniis operam dare* — p. 223
- Erat pater familias in regione nostra (?) humbrorum (?)* — p. 80
- Festina, monache, non peccare nec habitanti tibi Deum offendas* — p. 100
- Frater quidam erat sanctorum Fulcarius nomine. Hic habitabat Hierosolimis...* — p. 84
- Fuerunt et alii septem similiter probatissimi uiri = III Rosweydu n. 200* — pp. 171, 179-230, 253, 266, 268, 271
- Fuit quidam frater eductus e corpore* — p. 79
- Fuit quidam miles nobilitate et dignitate conspicuus et in rebus saecularibus locuplex...* — p. 84
- Homo quidam apud Senones (?)* — p. 84
- Ignatius tertio loco post Petrum apostolum Anthiocenam ecclesiam rexit* — p. 191
- In partibus Orientis quidam presbyter nomine Sapicius et Nicephorus laicus* — p. 84
- Liber Geronticon* — pp. 47, 52, 53, 64, 66, 89

- Liber secundus de uitis patrum contra originem irae* — pp. 9, 24, 25-27, 31, 37, 51, 63, 66, 89, 90
- Meditantibus nobis* — p. 79
- Multi sunt qui ieiunant sed ipsum ieiunium non amant* — pp. 98, 99, 101, 246
- Omnis peccator duplum debet habere gemitum* — p. 87
- Praecepta Patrum* — pp. 97, 100
- Praeteriens abbas Serapion aliquando per uicum Aegypti* — p. 222, 244
- Propria uoluntas est quomodo quaedam adultera regina* — p. 212
- Quidam senex dixit: Quia si scit monachus esse aliquem apud quem proficere posset...*  
(= VII Rosw. XIX,5b = Nau 236) — p. 274
- Quomodo homo fiat spiritualis. Octo sunt utilia hominibus* — p. 258
- Quo quippe ordinis sunt genera uiro religioso conuenientia. Unum exercitus quo religiosus uidetur* — p. 245
- Referebant sancti patres quia fuit quidam rex impius* — p. 84
- Sententiae Patrum* — pp. 78, 223, 280, 285
- Vere mundum quis dubitet = prólogo do Livro III Rosw.* — pp. 170, 191, 192-196, cf. também III Rosw. — pp. 197-253; 260, 262, 263
- Videndum est sic esse inter Deum et angelos et homines quomodo inter imperatorem terrenum et sibi subsequentes...* — p. 244
- Vltimo posuit Iesus signa aduentus sui* — p. 41



## ÍNDICE ONOMÁSTICO

*Regista-se só a forma portuguesa ou latina, conforme a que primeiro aparece no texto.*

- ABDERRAMEN — 64  
 ABRAHAM — 8, 263, 264, 267, 270, 313, 326  
 ACHILLAS — 12, 19, 21, 30  
 AGATHON — 19, 35, 44, 132, 176, 180, 190, 327, 332, 391, 396  
 AGOSTINHO (S.) — 7, 84, 98, 251  
 AION — 27, 28, 44, 77  
 ALEXIS (S.) — 98, 285  
 ALLAIN (de Lille) — 3  
 ALONIVS — 44, 92  
 ALTEMPS (duque João Ângelo de) — 23, 30, 32  
 ALVERNY (Marie Therèse d') — 87  
 ANDREAS (S.) — 236  
 ÂNGELO (Julião de Santo) — 234  
 ANTOLÍN (Guilherme) — 47, 51, 207, 284, 286  
 ANTONIVS (Santo Antão) — 18, 21, 117, 151, 163, 177, 184, 193, 195, 224, 230, 253, 255, 261-264, 306, 312, 316, 332, 336, 375, 376, 382  
 ANUB — 39, 134, 322, 385  
 APOLLO — 176  
 ARCHADIVS — 178  
 ARSENIVS — 20, 35, 168, 178, 181, 189, 191, 213, 216, 220, 230, 242, 253, 330, 335, 342, 369, 388  
 ATANÁSIO (S.) — 5, 87, 139, 151, 177  
 AUTENRIETH (Johanna) — 268  
 AVENTINVS — 114  
 BARLAÃO — 263, 264, 270, 272  
 BARLOW (Claude W.) — 9, 24, 25, 26, 31, 36, 43, 48, 53, 64, 65, 71, 72, 82, 83, 114, 115, 116, 129, 131, 135, 138, 147, 167, 255, 267, 291, 398  
 BARONTIVS — 115, 117, 166, 255, 256, 264  
 BARTOLOMEU (S.) — 88  
 BASILIVS — 138, 245  
 BATELLI (G.) — 2  
 BATESON (Mary) — 290  
 BATLLE (Columba Maria) — 1, 9, 24, 31, 37, 42, 48, 53, 62, 68, 71, 73, 77, 78, 79, 86, 106, 114, 116, 117, 122, 132, 133, 142, 144, 146, 148, 149, 152, 155, 157, 158, 160, 163, 164, 165, 168, 171, 188, 189, 210, 247, 255, 257, 260, 262, 263, 268, 269, 280, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 291  
 BATURICH — 114  
 BECKER (Gustaus) — 290  
 BEER (R.) — 88, 290  
 BENIAMIN — 174  
 BENTO (S.) — 152  
 BERNARDO (S.) — 265  
 BESARION — 92, 230, 369  
 BIGOT (Jean) — 200  
 BISCHOFF (B.) — 114  
 BODEN (John P.) — 138  
 BOESE (Helmut) — 129  
 BOLANDISTAS — 4, 68, 73, 79, 86, 100, 101, 103, 114, 120, 143, 144, 147, 148, 152, 227, 229, 233, 248, 250, 256, 257, 266, 267  
 BOON (A.) — 3  
 BOUSSET (W.) — 167  
 BRANDANVS — 166

- BRUYNE (D. de) — 82  
 BURCKHARDT (M.) — 232, 280, 281  
 BUTLER (C.) — 5, 167, 168  
 CANONICI (M. L.) — 251  
 CARLO (A. M.) — 2, 10, 48, 53, 63  
 CARLOS III — 7  
 CARLOS (Magno) — 112  
 CAROLSFELD (F. S. von) — 189  
 CASSIANO (João) — 4, 38, 103, 172, 191, 288  
 CASTRO (José Villa-Amil y) — 290  
 CASTRUVIVS — 171  
 CEPHALAS — 18  
 CHAINE (M.) — 167  
 CHAMP (René de) — 225  
 CHRISTVS — 22, 139, 151, 177, 178, 313, 357, 376, 391  
 CLARA OFREDUTHI — 193  
 COLBERT — 103, 252  
 COUDERC (C.) — 149  
 COXE (H. O.) — 194, 251  
 CRISANTO — 166  
 CRUZ (A.) — 42  
 CUEVAS (J. Z.) — 7, 8, 9, 12, 47, 62, 129, 167, 168  
 CUNEGUNDES (S.) — 211  
 CYBARD (S. — de Angoulême) — 37  
 DACIANVS — 191  
 DAN — 151  
 DANIEL (abbas) — 178, 367, 368  
 DANIEL (abbas — de Fara) — 220  
 DANIEL (propheta) — 18, 173, 335  
 DARIA — 166  
 DELISLE (L.) — 120, 147, 148, 152  
 DÍAZ (M. C. Díaz y) — 1, 9, 11, 24, 31, 37, 42, 48, 53, 71, 82, 88, 89, 114, 131, 135, 138, 140, 147, 155, 157, 267, 283, 284, 285, 286, 291, 294  
 DIONÍSIO (o Exíguo?) — 241, 318  
 DIONISIVS (Alexandrinus) — 87  
 DIOSCORVS — 174  
 DRAGUET (R.) — 5  
 DRICTELMO — 104  
 DULAS — 43, 369  
 EFRÉM (S.) — 24, 27, 31, 89  
 ELIAS — 18  
 ELLENHART — 114  
 EMILIANO (S.) — 59, 61  
 ESAIAS (propheta) — 12, 338, 339  
 ESOP — 270  
 EUFRÁSIA — 263, 264  
 EUFRÓSINA — 95, 166, 191, 231, 263, 264  
 EUGÍPIO — 285  
 EVLALIVS — 176  
 EVLOGIVS — 14  
 EUSTÓQUIO — 104, 171  
 EWALD (P.) — 2  
 FAIDER (P.) — 204, 216  
 FÉROTIN (M.) — 53  
 FERRARIS (G.) — 157, 158  
 FESTUGIÈRE (A.-J.) — 4  
 FEYTMANS (M.<sup>e</sup> Faider-) — 204  
 FIDOSVS — 192, 241  
 FISCHER (H.) — 208  
 FILIPE (de Bolonha) — 195  
 FOERSTER (H.) — 2  
 FORTUNATO (de S. Boaventura) — 81, 82  
 FRANCHESA (A.) — 63  
 FRONTINO (S.) — 257  
 FRONTONIVS — 151, 163, 189, 216, 221, 253, 263, 264  
 FVLCARIVS — 84  
 FUMAGALLI (G.) — 2  
 GARNEFELD (G.) — 168  
 GARNIER (J.) — 202  
 GENÁDIO (de Marselha) — 7  
 GEORGIVS — 191  
 GHEYN (J. van den) — 100, 101, 114, 115, 134, 236, 256, 283  
 GILSON (J. P.) — 131, 132, 133  
 GIULIARI — 155  
 GLAY (M. le) — 288  
 GONÇALVES (Afonso) — 42, 43  
 GOTTLIEB (Th.) — 290  
 GREGÓRIO (S. — Magno) — 64, 65, 164, 258, 270  
 GREGÓRIO (S. — de Tours) — 250  
 GULLOTTA (Giuseppe) — 289  
 GÜNTHER (O.) — 196, 197, 250  
 HALM (C.) — 116, 160  
 HAVET (L.) — 22

- HEINEMANN (O.) — 271  
 HÉLIA (S.) — 286  
 HERÁCLIDES — 4, 69, 100, 103, 104,  
 116, 120, 172, 188, 195, 218, 234,  
 274, 277, 285 (cf. também PALÁ-  
 DIO)  
 HIERONIMVS (= S. Jerónimo) — 7, 79,  
 140, 151, 154, 155, 158, 169, 171,  
 180, 183, 194, 195, 217, 218, 219,  
 224, 237, 244, 245, 251, 261, 262  
 HILARIVS (S.) — 7, 117, 151, 163, 166,  
 193, 195, 264  
 HONORIVS — 178  
 HOPFNER (Th.) — 167, 168  
 HORMISDAS — 7  
 HOSPÍCIO (S.) — 250  
 HOUART (Nicolaus) — 245  
 HVNDIVS — 114  
 HYPERICHIVS — 185  
 IERONIMVS (Anachorita) — 251  
 IESVS — 18, 41, 44  
 ILDEFONSO (S.) — 7  
 IOANNES (abbas) — 18, 72, 151, 173,  
 177, 343, 344, 360, 364  
 IOANNES (Alexandrinus) — 83, 85  
 IOANNES (Constantinopolitanus) — 44  
 IOANNES (discipulus Pauli) — 176  
 IOANNES (Eleemosynarius) — 79, 85  
 IOANNES (Persa) — 362  
 IOSEPH — 174, 210, 217, 375  
 ISAAC — 176, 189, 218  
 ISIDORO (S.) — 7, 12  
 ISAAC — 12, 18  
 ISCHYRION — 365, 386, 387  
 IVLIANVS — 95  
 JAMES (M. R.) — 130, 140, 213, 243,  
 290  
 JOÃO (S. — Evangelista) — 7, 326, 348  
 João (de Orleães) — 86  
 João (subdiácono S. R. E.) — 4, 26,  
 48, 51, 52, 68, 72-76, 78-80,  
 82-84, 87, 95, 98, 99, 101, 102,  
 117, 120-122, 133, 139, 140-142,  
 144, 146-148, 151, 156-158, 161-  
 -164, 166, 169, 171, 172, 184,  
 190, 191, 194, 196, 208, 209,  
 213, 219, 222-230, 232-236, 239,  
 241, 243-245, 247, 249, 250-253,  
 256-258, 260, 262, 264, 265, 267,  
 269, 280, 283-285, 289, 302, 307,  
 316, 339, 383, 386, 387, 390  
 JOSAFÁ — 263, 264  
 LAUBMANN (G.) — 116, 160  
 LAUER (Ph.) — 79, 86, 200, 204, 245  
 LAUSO — 5, 170  
 LEANDRO (S. — de Sevilha) — 398  
 LEITSCHUH (F.) — 208  
 LEONTIVS — 85  
 LOEWE (G.) — 2, 62  
 LÖFFLER (K.) — 106, 268  
 LONGERE (J.) — 3  
 LUCAS (S.) — 7, 326  
 LVDOVICVS — 150  
 MACARIVS (Alexandrinus) — 5, 18, 21,  
 32, 95, 104, 117, 132, 133, 140,  
 142, 147, 151, 153, 175, 177,  
 185, 190, 194, 195, 208, 218, 223,  
 229, 253, 262, 275, 307, 309, 315,  
 318, 323, 328, 345, 348, 369, 373,  
 392, 395  
 MACÁRIO (Romano) — 231, 253, 264  
 MACETVS — 191  
 MACRAY (G.) — 212  
 MAIER (A.) — 207  
 MAIGRET (A.) — 217  
 MALCO — 117, 151, 163, 166, 193,  
 195, 262, 264  
 MANGEART — 228  
 MARCO (Franca de) — 30, 31  
 MARCOS (F.) — 88  
 MARCOS (S.) — 7  
 MARCVS (discipulus Siluani) — 18  
 MARGARIDA (S.) — 263, 264  
 MARIA (S. — Egipcíaca) — 130, 231,  
 263, 264  
 MARIA (sobrinha de Abraão) — 263,  
 264, 267, 270  
 MARINA (S.) — 70, 72, 79, 104, 130, 133,  
 147, 191, 231, 236, 245, 263, 264  
 MARTIANVS — 177  
 MARTINHO (S. — de Dume) — 5, 9, 24-26,  
 31, 36-39, 41, 43, 47, 48, 51, 52,  
 57, 58, 62-66, 70-74, 76, 83, 84,  
 89, 90, 104, 110, 111, 115-119,

- 121-123, 126, 127, 129-132, 135,  
137, 138, 140, 143, 144, 146-148,  
152, 154-156, 158, 160-162, 164,  
166, 169, 171, 179, 183, 185, 190,  
211, 213, 214, 238, 242, 255, 256,  
258, 260, 262, 264-270, 272-274,  
277-282, 286, 290, 340, 398
- MARTINHO (S. — de Tours) — 120, 156
- MARTINS (M.) — 41, 42, 43
- MATEUS (S.) — 336, 365, 392
- MATOS (J. A. S. T. de) — 150
- MAURO (S.) — 101, 122, 152
- MEERMAN (G.) — 241
- MEIER (P. G.) — 202
- MERCATI (G.) — 23
- MEYER (G.) — 116, 160, 280, 281
- MIGNE (J.-P.) — 4, 52, 123
- MIOS — 316
- MIRAEVS (A.) — 114
- MONTFAUCON (B. de) — 70, 290
- MORETO (J.) — 100
- MORIN (G.) — 114
- MÓTOES — 336, 386
- MOTTIRONI (Sérgio) — 199
- MOYES (abbas) — 9, 10, 13, 20, 24,  
25, 26, 30, 31, 39, 58, 66, 76, 84,  
110, 156, 174, 283, 284, 332, 356
- MOYSES (propheta) — 327
- MUNNIONI — 63
- NABVCHODONOSOR — 173
- NATHANAEL — 218
- NAU (F.) — 26, 274, 277, 301, 313, 314,  
316, 322, 323, 329, 339, 340, 341,  
347, 350, 366
- PAVLVS (S. — apostolus) — 39, 84, 307,  
309, 326, 327, 338, 340, 351, 384,  
391
- NESTOR — 8
- NICEPHORVS — 84
- NILVS — 69, 188
- NITERA — 174
- OLIVARES (Conde-Duque de) — 47, 207,  
284
- OMONT (H.) — 122
- ONVFRIVS — 189, 263, 264, 267, 270
- OR — 18
- PACÓMIO (S.) — 87, 172, 177, 262, 264
- PALÁDIO — 5, 26, 69, 79, 87, 96, 103,  
104, 141, 170, 172, 173, 174, 175,  
177, 188, 190, 192, 216, 218, 219,  
220, 223, 224, 227, 229, 230, 236,  
241, 245, 261, 262, 264, 270, 398
- PANCRÁCIO — 210
- PAPHNVTVS — 19, 103, 156, 190, 236,  
318
- PASCÁSIO (de Dume) — *ferè passim*
- PASCÁSIO (Radberto) — 7, 131, 271
- PASCASIVS (Romanus) — 286
- PASTÉ (R.) — 157, 158
- PASTOR — cf. Poemen
- PAULA — 104, 189
- PAULO V — 23, 30
- PAULO (Álvaro — de Córdova) — 7
- PAULO (eremita) — 117, 151, 163, 176,  
190, 193, 195, 218, 261, 262, 264
- PAVLVS (simplex) — 302
- PEDRO (apóstolo) — 148, 191
- PEDRO (Infante D.) — 42
- PEIXOTO (J.) — 100
- PELÁGIA (S.) — 95, 166, 263, 264, 270
- PELÁGIO (diácono S. R. E.) — 9, 24-27,  
31, 39, 47, 48, 50-52, 62, 63, 68,  
72-76, 78-87, 89, 95, 98, 99, 101,  
102, 115-117, 120-122, 131, 132,  
134, 139, 140, 141, 146-148, 151,  
156, 157-159, 161, 162-166, 169,  
171, 172, 185, 186, 189-194, 196,  
198, 206, 209, 211, 216, 218-220,  
222-246, 248-250, 252, 253, 256-  
-258, 260, 262, 264, 265, 267, 269,  
270, 272, 273, 274, 276, 277, 283,  
284, 287, 289, 302, 303, 310, 313-  
-315, 328, 329, 341, 346, 363, 364,  
366, 375, 383, 386, 387, 390, 391,  
398
- PELLEGRIN (E.) — 121
- PEPINO (o Breve) — 112
- PETRVS (Alexandrinus) — 251
- PETRVS (de Meronibus) — 189
- PETRVS (solitarius) — 176
- PHILLIPS (T.) — 134, 212, 241
- PIDAL (R. M.) — 58, 61, 62
- PINGUENET (G.) — 204
- PINVPIVS — 38

- PIO (P. G.) — 23  
 PIOR — 177  
 PITRA (I. B.) — 142  
 PITERNIVS — 84  
 POEMEN — 11, 32, 39, 134, 173, 175,  
 176, 190, 203, 230, 232, 247, 253,  
 283, 284, 321, 322, 326, 331, 337,  
 338, 348, 374, 385, 388  
 PONCELET (A.) — 23, 24, 31, 142, 192,  
 193, 195, 211, 229, 240, 241, 252,  
 289  
 POSTUMIANO — 197, 228, 288  
 POUSA (R. F.) — 25, 81  
 PRAT (L. S.) — 65  
 QUODVLTDEVS — 7  
 RAND (E. K.) — 121  
 REIFFERSCHIED (A.) — 154  
 REIS (S. M. dos) — 150  
 RICARDO (de S. Vitor) — 213  
 RIVARA (J. H. da C.) — 150  
 ROMÃO (de Alenquer) — 80, 81  
 ROSE (V.) — 241  
 ROSSI (J. B.) — 142  
 ROSWEYDUS (Heribertus) — 4, 8, 24,  
 25, 62, 70, 72, 78, 85, 100, 103,  
 114, 116, 117, 122, 131, 132, 142,  
 149, 157, 163, 168, 170, 171, 181,  
 184, 185, 186, 191, 213, 237, 255,  
 257, 266, 269, 280, 281, 324, 329,  
 331, 332, 379, 387  
 I ROSW. — 5, 123, 133, 141  
 II ROSW. — 4, 68, 69, 79, 83, 87, 101,  
 102, 103, 117, 120, 141, 151, 163,  
 165, 169, 171, 188, 190, 192, 197,  
 203, 212, 217, 234, 236, 246, 248  
 256, 260, 262, 263, 288, 289  
 III ROSW. — 4, 24, 26, 31, 39, 59, 62,  
 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80,  
 87, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 120,  
 133, 143, 156, 157, 159, 160, 162,  
 163, 165, 167-187, 190, 191, 192-  
 253, 254, 256, 260, 261, 262, 263,  
 264, 265, 266, 272, 281, 288, 289,  
 292, 294, 338, 339, 362, 397  
 (III AUTÊNTICO — cf. *Commonitiones  
 Sanctorum Patrum* in PEÇAS ANÓN-  
 IMAS)  
 IV ROSW. — 4, 99, 101, 102, 141, 165,  
 191, 193, 197, 198, 208, 211, 212,  
 216, 218, 224, 226, 227, 230, 246,  
 252, 253, 260, 262, 264, 288  
 V ROSW. — 4, 31, 47, 51, 70, 73, 79,  
 81, 101, 122, 155, 156, 161, 164,  
 193, 211, 212  
 VI ROSW. — 4, 26, 51, 73, 79, 101, 122,  
 142, 152, 155, 161, 164, 193, 211,  
 285  
 VII ROSW. — 4, 8, 24, 26, 31, 47, 52,  
 62, 70, 77, 78, 79, 101, 107, 115,  
 116, 118, 122, 123, 131, 132, 133,  
 149, 156, 160, 167, 181, 210, 211,  
 229, 241, 257, 274, 275-279, 280,  
 281, 284, 285, 331, 332, 336, 337,  
 340, 368, 383, 389-398  
 RVDOLPHVS (N.) — 248  
 RUFINO (de Aquileia) — 168, 169, 171,  
 289  
 RUFINO (Pseudo —; = III Rosweyodus)  
 — 133, 160, 168, 210  
 RUIZ-ZORILLA (A. González y) — 290  
 RÚSTICO — 7, 171  
 RUYSSCHAERT (J.) — 289  
 RYLANDS (J.) — 235  
 SÁ (A. MOREIRA de) — 65  
 SALONIUS (A. H.) — 168, 169, 171  
 SALVIANO — 7  
 SAPICIUS — 84  
 SARMATA — 321  
 SATANÁS — 18, 26, 44, 100, 388  
 SCHENKL (Henrich) — 137, 138, 243  
 SCHMELLERIVS (A.) — 116  
 SÉNECA — 270, 271  
 SERAPION — 132, 222, 244  
 SEVERO (Sulpício) — 4, 95, 191  
 SILVANVS — 26, 174, 363  
 SIMEON — 52, 133, 138, 263, 264  
 SIRLETO — 23  
 SISOIVS — 12, 18, 30, 44, 181, 315, 335,  
 337, 338, 339  
 SOARES (L. R.) — 10, 47, 64  
 SÓCRATES — 386  
 SORBELLI (A.) — 157  
 SORIANO (J. G.) — 7  
 SPAGNOLO (A.) — 155

- STEVENSON (Henricus — Jr.) — 142  
 STORNAJOLO (C.) — 252  
 SYNCLETICA — 312  
 TAISIS — 62, 65, 72, 80, 94, 95, 96, 98,  
     100, 102, 104, 113, 115, 123, 130,  
     133, 141, 143, 144, 156, 157, 158,  
     166, 190, 192, 200, 205, 222,  
     224-228, 231, 241, 248, 251, 252,  
     256, 263, 264, 267, 269, 270, 272,  
     273, 280, 285, 318  
 TAYLOR (F.) — 235  
 TELLIER (Le) — 204  
 THEODORVS — 40, 44, 177, 327  
 THEODOSIVS — 175, 178  
 THEOPENTVS — 19, 345  
 THEOPHILVS — 19, 35, 70, 72, 190  
 THEYER (J.) — 131, 132  
 THOMPSON (E. M.) — 2  
 TIMOTHEVS — 40, 357  
 TODD (H. J.) — 243  
 TURRINI (G.) — 155  
 URBEL, (J. P. de) — 48, 82, 169, 290  
 VAL (U. D.-del) — 1  
 VALÉRIO (S. — de Bierzo) — 25, 27, 81,  
     82, 83  
 VICENTE (de Beauvais) — 141  
 VICHI (A. M. G.) — 199  
 VILA NOVA (Arnaldo de) — 41  
 VILLADA (Z. G.) — 2  
 VILLANUEVA (J.) — 64, 290  
 WARNER (G. F.) — 131, 132, 133  
 WILMART (A.) — 78, 223, 280, 284,  
     285  
 ZACHARIAS — 21  
 ZEDLER (G.) — 139  
 ZENON — 8, 52, 174, 303, 343, 365

## ÍNDICE GERAL DO TOMO II

### I PARTE

#### DESCRIÇÃO DOS MANUSCRITOS

	Págs.
A) <i>Nota prévia sobre manuscritos e genealogia dos códices</i> . . . . .	1
B) <i>Principais remissões para diversos livros das «Vitae Patrum»</i> . . . . .	4

#### RECENSÃO LONGA

I — <i>Arquétipo <math>\alpha</math></i> . . . . .	6
1. (= M) — Madrid, Academia Real da História 80 . . . . .	7
2. (= V) — Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>latinus</i> 4921 . . . . .	23
3. Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>Ottobonianus latinus</i> 942 . . . . .	30
II — <i>Hiperarquétipo <math>\beta</math></i> . . . . .	34
III — <i>Arquétipo <math>\gamma</math></i> . . . . .	36
4. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 2768 <sup>A</sup> . . . . .	36
5. (= P) — Porto, Biblioteca Pública Municipal 753 . . . . .	41
IV — <i>Arquétipo <math>\delta</math></i> . . . . .	46
6. (= E) — Escorial, Biblioteca do Mosteiro I.III.13 . . . . .	47
7. (= L) — Londres, Museu Britânico, <i>additiones</i> 30.855 . . . . .	52
8. (Cf. n. 131) — Oxford, Biblioteca Bodleiana, <i>Canon</i> . 395 . . . . .	59
V — <i>Subarquétipo contaminado <math>\epsilon</math></i> . . . . .	61
9. Madrid, Academia Real da História, <i>Emilianense</i> 60 . . . . .	61
10. (= U) — Seo de Urgel, Arquivo Capitular, <i>anno</i> 938 . . . . .	64
11. (Cf. F, a) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 3784 . . . . .	68
12. (Cf. n. 83) (= C) — Monte Cassino, Biblioteca da Abadia 50 . . . . .	69
13. Grenoble, Biblioteca Pública 1172 . . . . .	77

	Págs.
14. (Cf. n. 108) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 2941 . . . . .	79
15. (Cf. n. 71) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 2464 . . . . .	80
16. (= A) — Lisboa, Biblioteca Nacional 454 . . . . .	80
17. (Cf. n. 88) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 2809 . . . . .	86
18. (= S) — Salamanca, Biblioteca Universitária 2537 . . . . .	88
 VI — <i>Subarquétipo ζ</i> . . . . .	 94
19. (Cf. nn. 59 e 73) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 17139 . . . . .	94
20. (Cf. n. 100) — Londres, Museu Britânico, <i>additiones</i> 37.400 . . . . .	94
 VII — <i>Subarquétipo contaminado η</i> . . . . .	 97
21. (Cf. n. 74) — Reims, Biblioteca Municipal 1391. . . . .	97
22. (Cf. n. 75) — Reims, Biblioteca Municipal 1392. . . . .	98
23. (Cf. n. 120) — Berlim (Oriental), Biblioteca Nacional Alemã, <i>Phillips</i> 1838 . . . . .	99
24. (Cf. n. 123) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3177 (7462-81) . . . . .	100
25. (Cf. n. 72) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3192 (8033-34) . . . . .	101
26. (Cf. n. 79) — Reims, Biblioteca Municipal 1393 . . . . .	101
 VIII — <i>Subarquétipo contaminado θ</i> . . . . .	 103
27. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 5386 . . . . .	103
 RECENSÃO BREVE	
 IX — <i>Subarquétipo ι</i> . . . . .	 105
28. (= G) — Estugarda, Biblioteca Estadual, <i>Theol. Fol.</i> 303 . . . . .	106
 X — <i>Subarquétipo κ</i> . . . . .	 113
29. (= H) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3595 (8216-18). . . . .	114
30. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 9550 . . . . .	116
 RECENSÃO MÉDIA CONTAMINADA (cf. final do Livro VII de Rosweydyus)	
 XI — <i>Subarquétipo contaminado λ</i> . . . . .	 118
 XII — <i>Subarquétipo μ</i> . . . . .	 120
31. (Cf. n. 51) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 9729 . . . . .	120
32. (= R) — Ruão, Biblioteca Pública 1375 . . . . .	122
33. Berlim (Oriental), Biblioteca Nacional Alemã, <i>ms. Hamilton</i> 683. . . . .	129



	Págs.
34. Cambridge, Sidney Sussex College <i>Δ</i> .3.2 (47) . . . . .	130
35. Londres, Museu Britânico, <i>colecção real</i> 8.D.VIII . . . . .	131
36. Londres, Museu Britânico, <i>colecção real</i> 8.C.VI . . . . .	132
37. (Cf. n. 121) — Londres, Biblioteca do Palácio Lambeth 373 . . . . .	134
38. Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 1224 (II.931) . . . . .	134
39. Winchester, Biblioteca da Catedral III.J.m. . . . .	137
40. (= W) — Wiesbaden, Biblioteca Estadual de Hessen 8 . . . . .	139
41. Cambridge, Biblioteca do Corpus Christi College 6 . . . . .	140
42. Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>Palatinus latinus</i> 844 . . . . .	142
43. (Cf. n. 129) — Bruxelas, Biblioteca Bolandiana 27 . . . . .	143
XIII — <i>Subarquetipo v</i> . . . . .	145
44. (= F) — Viena, Biblioteca Nacional da Áustria 386 . . . . .	145
45. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 17623 . . . . .	147
46. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 17624 . . . . .	148
47. Bordéus, Biblioteca Municipal 111 . . . . .	149
48. Évora, Biblioteca Pública $\frac{\text{CXXIV}}{1-12}$ . . . . .	150
49. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 17632 . . . . .	152
XIV — <i>Subarquetipo contaminado ξ: — Prefácio de Pascásio isolado do seu texto</i> . . . . .	154
50. Verona, Biblioteca Capitular XVI (14) . . . . .	154
51. (Cf. n. 31) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 9729 . . . . .	155
52. (Cf. n. 116) — Chalons-sur-Marne, Biblioteca Municipal 53 (57). . . . .	156
53. Vercelli, Biblioteca Capitular CXII . . . . .	157
54. Vercelli, Biblioteca Capitular LX . . . . .	158
55. (Cf. E, b; F, d; 125) — Dresda, Biblioteca Nacional da Saxónia, A 207 . . . . .	159
XV — <i>Subarquetipo contaminado o</i> . . . . .	160
56. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 9533 . . . . .	160
XVI — <i>Subarquetipo contaminado π</i> . . . . .	162
57. (Cf. F, b; 126) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18475 . . . . .	162
58. Lambach, Biblioteca Conventual 173 . . . . .	164
XVII — <i>Subarquetipo contaminado ρ</i> . . . . .	165
59. (Cf. nn. 19 e 73) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 17139 . . . . .	165
C) <i>Problemas do «Livro III de Rosweyda»</i> . . . . .	167
D) <i>O «Autêntico Livro III das Vitae Patrum»</i> . . . . .	172

	Págs.
RECENSÃO MÉDIA (incluída no «Livro III de Rosweyodus»)	
XVIII — <i>Subarquétipo</i> $\sigma$ : — <i>Antologia de Pascásio no «Livro III de Rosweyodus»</i> . . . . .	179
E) <i>Manuscritos com o «autêntico Livro III» bem caracterizado</i> . . . . .	188
a) Viena, Biblioteca Nacional da Áustria 433 . . . . .	188
b) (Cf. nn. 55; F, d; 125) — Dresda, Biblioteca Nacional da Saxónia, A 207 . . . . .	189
F) <i>Manuscritos com o prólogo do «Livro III de Rosweyodus» isolado da sua colectânea</i> . . . . .	192
a) (Cf. n. 11) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 3784 . . . . .	192
b) (Cf. nn. 57 e 126) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18475 . . . . .	192
c) (Cf. n. 107) — Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>latino</i> 1201 . . . . .	192
d) (Cf. nn. 55; E, b; 125) — Dresda, Biblioteca Nacional da Saxónia, A 207 . . . . .	193
e) Roma, Biblioteca Casanatense 1898 . . . . .	193
f) Roma, Biblioteca Valliceliana, C 55 . . . . .	193
g) (Cf. nn. 93 e 138) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 3056 . . . . .	194
h) (Cf. nn. 94 e 139) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18093 . . . . .	194
i) (Cf. nn. 95 e 140) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18161 . . . . .	194
j) Oxford, Biblioteca Bodleiana, <i>Canon. misc.</i> 523 . . . . .	194
k) Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>latino</i> 1199 . . . . .	195
l) Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>latino</i> 1200 . . . . .	195
m) (Cf. n. 133) — Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>Urbinat.</i> 396 . . . . .	195
n) Danzig, Biblioteca da Cidade, Mar. F. 226 . . . . .	196
G) <i>Manuscritos com uma antologia isolada do «autêntico Livro III» (= III Rosw. 1-40), precedida do prólogo</i> . . . . .	197
a) Reims, Biblioteca Municipal 1390 . . . . .	197
b) Danzig, Biblioteca da Cidade 1950 . . . . .	197
c) Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18535 <sup>a</sup> . . . . .	198
H) <i>Manuscritos do «Livro III de Rosweyodus» com elementos provenientes do subarquétipo</i> $\sigma$ <i>da tradução de Pascásio</i> . . . . .	199
a) <i>Manuscritos ainda com referência aos capítulos II e IV do «autêntico Livro III»</i> . . . . .	199
60. (Cf. n. 117) — Roma, Biblioteca Valliceliana XVII . . . . .	199

	Págs.
61. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 3330 . . . . .	200
62. Troyes, Biblioteca Municipal 948 . . . . .	200
63. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 2462 . . . . .	200
64. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 5388 . . . . .	201
b) Manuscritos que guardam referência só ao cap. IV do «autêntico Livro III» . . . . .	202
65. Amiens, Biblioteca Municipal 459 . . . . .	202
66. (= T) — Einsiedeln, Biblioteca Conventual 246 . . . . .	202
67. (= X) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 10840 . . . . .	203
68. Reims, Biblioteca Municipal 428 . . . . .	203
69. Mons, Biblioteca Pública 7/227. . . . .	204
70. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 12597 . . . . .	204
71. (Cf. n. 15) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 2464 . . . . .	204
72. (Cf. n. 25) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3192 (8033-34). . . . .	205
c) Manuscritos de III Rosw. sem vestígios de capítulos do «autêntico Livro III» . . . . .	206
73. (Cf. nn. 19 e 59) (= Z) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 17139 . . . . .	206
74. (Cf. n. 21) — Reims, Biblioteca Municipal 1391 . . . . .	206
75. (Cf. n. 22) — Reims, Biblioteca Municipal 1392 . . . . .	206
76. Saint-Omer, Biblioteca Municipal 696 . . . . .	207
77. Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>Borghes.</i> 160 . . . . .	207
78. Escorial, Biblioteca do Mosteiro P.III.1 . . . . .	207
79. (Cf. n. 26) — Reims, Biblioteca Municipal 1393 . . . . .	207
80. Bamberg, Biblioteca Nacional, <i>Hist.</i> 140 . . . . .	208
81. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 3450 . . . . .	208
d) Manuscritos com extractos do III Rosw. sem aspecto de continuidade. . . . .	209
82. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 14364 . . . . .	209
83. (Cf. n. 12) — Monte Cassino, Biblioteca da Abadia 50 . . . . .	209
84. (Cf. n. 136) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3207 (8623-26) . . . . .	209
85. (Cf. n. 98) — Namur, Museu de Arqueologia 12 . . . . .	210
86. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 12640 . . . . .	210
87. Roma, Biblioteca Farfense 5 . . . . .	211
88. (Cf. n. 17) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>latino</i> 2809 . . . . .	211
89. Londres, Museu Britânico, <i>add.</i> 35.325 . . . . .	212
90. (Cf. n. 137) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 13081 . . . . .	212
91. Oxford, Biblioteca Bodleiana, <i>Rawl. C.</i> 72 . . . . .	212
92. Cambridge, Corpus Christi College 521 . . . . .	213
93. (Cf. F, g; 138) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 3056 . . . . .	213

	Págs.
94. (Cf. F, h; 139) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18093 . . . . .	214
95. (Cf. F, i; 140) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18161 . . . . .	214
96. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 15241 . . . . .	214
97. (Cf. n. 141) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18853 . . . . .	214
<i>Apêndice</i> — Embora contenha extractos não sistemáticos do «Livro III de Rosweydu» deve ser excluído da nossa numeração, por não possuir nenhum apotegma da recensão de Pascásio, o seguinte manuscrito:	
a) Londres, Museu Britânico, <i>add.</i> 38.684 . . . . .	215
e) Manuscritos com o «autêntico Livro III» quase completo e com elementos exclusivos do «Livro III de Rosweydu» . . . . .	216
98. (Cf. n. 85) — Namur, Museu de Arqueologia 12 . . . . .	216
99. Reims, Biblioteca Municipal 1400 . . . . .	217
100. (Cf. n. 20) — Londres, Museu Britânico, <i>add.</i> 37.400 . . . . .	219
101. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 2540 . . . . .	220
f) Manuscritos com extractos do III Rosw. e com interpolações, algumas exclusivas do «autêntico Livro III» . . . . .	222
 I — <i>Agrupados</i>	
102. Troyes, Biblioteca Municipal 777 . . . . .	222
103. Dijon, Biblioteca Municipal 194 . . . . .	224
104. Londres, Museu Britânico, <i>add.</i> 33.518 . . . . .	225
105. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 5624 . . . . .	227
106. Valenciennes, Biblioteca Municipal 168 . . . . .	228
 II — <i>Não agrupados</i>	
107. (Cf. F, c) — Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>latino</i> 1201 . . . . .	229
108. (Cf. n. 14) — Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 2941 . . . . .	231
<i>Apêndice</i> — Embora pertençam a esta alínea dos manuscritos com elementos do III Rosw. interpolados com outros apotegmas, entre os quais se encontram alguns do «autêntico Livro III», devemos excluir da numeração de Pascásio, por não possuírem nada do subarquétipo $\sigma$ , os seguintes manuscritos:	
a) Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 5601 . . . . .	232
b) (Cf. n. 147) — Basileia, Biblioteca da Universidade B. V. 2. . . . .	232
g) Manuscritos com extractos do III Rosw. e com interpolações diversas (sem o III Aut.) . . . . .	233

	Págs.
<b>I Grupo</b>	
109. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 10841 . . . . .	233
110. Londres, Museu Britânico, <i>add.</i> 22.562 . . . . .	234
<b>II Grupo</b>	
111. Roma, Biblioteca Casanatense 620 . . . . .	234
112. Manchester, Biblioteca Rylands, <i>latino</i> 422 . . . . .	235
113. Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3149 (1800) . . . . .	236
<b>III Grupo</b>	
114. (Cf. n. 134) — Melk, Biblioteca do Mosteiro Beneditino 8 . . . . .	236
115. (Cf. n. 135) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 7990. . . . .	238
<b>IV — Não agrupados</b>	
116. (Cf. n. 52) — Chalons-sur-Marne, Biblioteca Municipal 53 (57) . . . . .	239
117. (Cf. n. 60) — Roma, Biblioteca Valliceliana XVII . . . . .	239
118. Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>Barberini</i> 702 . . . . .	240
119. Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>latino</i> 5411 . . . . .	240
120. (Cf. n. 23) — Berlim (Oriental), Biblioteca Nacional Alemã, <i>Phillips</i> 1838. . . . .	241
121. (Cf. n. 37) — Londres, Biblioteca do Palácio Lambeth 373 . . . . .	243
122. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 1789 . . . . .	245
123. (Cf. n. 24) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3177 (7462-81). . . . .	246
124. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 13188 . . . . .	247
125. (Cf. n. 55; E, b; F, d) — Dresda, Biblioteca Nacional da Saxó- nia, A 207 . . . . .	247
126. (Cf. n. 57; F, b) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18475 . . . . .	248
127. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 3338 . . . . .	248
128. Cambrai, Biblioteca Municipal 817 . . . . .	249
129. (Cf. n. 43) — Bruxelas, Biblioteca Bolandiana 27 . . . . .	249
130. Danzig, Biblioteca da Cidade 1957 . . . . .	250
131. (Cf. n. 8) — Oxford, Biblioteca Bodleiana, <i>Canon.</i> 395 . . . . .	251
132. Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 5313 . . . . .	252
133. (Cf. F, m) — Vaticano, Biblioteca Apostólica, <i>Urb. lat.</i> 396 . . . . .	252
<b>XIX — Subarquetipo contaminado τ . . . . .</b>	<b>254</b>
134. (Cf. n. 114) — Melk, Biblioteca do Mosteiro Beneditino 8 . . . . .	254
135. (Cf. n. 115) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 7990. . . . .	254
<b>XX — Subarquetipo contaminado υ . . . . .</b>	<b>255</b>

	Págs.
136. (Cf. n. 84) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3027 (8623-26).	255
137. (Cf. n. 90) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 13081 . . . . .	257
XXI — <i>Subarquétipo contaminado φ</i> . . . . .	260
138. (Cf. F, g; n. 93) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 3056. . . . .	260
139. (Cf. F, h; n. 94) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18093 . . . . .	262
140. (Cf. F, i; n. 94) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18161 . . . . .	263
141. (Cf. n. 97) — Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18853 . . . . .	265
XXII — <i>Subarquétipo contaminado χ</i> . . . . .	266
142. (= B) — Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 3198 (8372) .	266
143. Estugarda, Biblioteca Estadual, <i>Theol. Fol.</i> 224 . . . . .	268
144. Munique, Biblioteca Estadual da Baviera, <i>latino</i> 18938 . . .	269
145. Wolfenbütel, Biblioteca do Duque Augusto, Cod. Guelf. 32. 11. Aug. 2.º . . . . .	271
XXIII — <i>Subarquétipo contaminado e interpolado ψ — A edição de H. Ros- weyds</i> . . . . .	274
146. Basileia, Biblioteca da Universidade, B. III. 23. . . . .	280
147. (Cf. H, f, II, Ap. b) — Basileia, Biblioteca da Universidade, B. V. 2 . . . . .	281
I) <i>Manuscritos indevidamente citados como contendo textos de Pascásio</i> .	283
a) Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 1225 (1809) . . . . .	283
b) Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 1226 (8733-35) . . . . .	283
c) Bruxelas, Biblioteca Real da Bélgica 1227 (9373) . . . . .	284
d) Escurial, Biblioteca do Mosteiro, T. I. 12 . . . . .	284
e) Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 17568 . . . . .	285
f) Escurial, Biblioteca do Mosteiro, a-II-9 . . . . .	286
g) Paris, Biblioteca Nacional, <i>novas aquisições latinas</i> 2178 . . .	286
h) Paris, Biblioteca Nacional, <i>fundo latino</i> 13776 . . . . .	287
J) <i>Manuscritos perdidos que continham o texto de Pascásio</i> . . . . .	288
a) Chartres, Biblioteca Municipal 192 . . . . .	288
b) Lille, Biblioteca Municipal (sem n.º) . . . . .	288
c) Nonântola, Biblioteca da Abadia, D. 124 . . . . .	289
d) Turim, Biblioteca Nacional, K. IV. 12 . . . . .	289

	Págs.
K) <i>Outros manuscritos de Pascásio já anteriormente dados como perdidos.</i>	290
L) <i>Nota final sobre manuscritos . . . . .</i>	291

II PARTE

A GENEALOGIA DOS CÓDICES

A) <i>O «stemma codicum» . . . . .</i>	293
B) <i>Notas para a interpretação do «stemma codicum» . . . . .</i>	296
C) <i>Justificação filológica dos arquétipos e subarquétipos da transmissão manuscrita do texto de Pascásio . . . . .</i>	299
I — <i>Arquétipo <math>\alpha</math> (em oposição a <math>\beta</math> e seus derivados) . . . . .</i>	300
II — <i>Hiperarquétipo <math>\beta</math> . . . . .</i>	304
III — <i>Arquétipo <math>\gamma</math> . . . . .</i>	306
IV — <i>Arquétipo <math>\delta</math> . . . . .</i>	309
V — <i>Subarquétipo contaminado <math>\epsilon</math> . . . . .</i>	312
VI — <i>Subarquétipo <math>\zeta</math> . . . . .</i>	317
VII — <i>Subarquétipo contaminado <math>\eta</math> . . . . .</i>	320
VIII — <i>Subarquétipo contaminado <math>\theta</math> . . . . .</i>	322
IX — <i>Subarquétipo <math>\iota</math> . . . . .</i>	324
X — <i>Subarquétipo <math>\kappa</math> . . . . .</i>	331
XI — <i>Subarquétipo contaminado <math>\lambda</math> . . . . .</i>	333
XII — <i>Subarquétipo <math>\mu</math> . . . . .</i>	334
XIII — <i>Subarquétipo <math>\nu</math> . . . . .</i>	347
XIV — <i>Subarquétipo contaminado <math>\xi</math> . . . . .</i>	353
XV — <i>Subarquétipos contaminados <math>\omicron</math>, <math>\pi</math> e <math>\rho</math> . . . . .</i>	356
XVI — <i>Subarquétipo contaminado <math>\pi</math> . . . . .</i>	359
XVII — <i>Subarquétipo contaminado <math>\rho</math> . . . . .</i>	361
XVIII — <i>Subarquétipo <math>\sigma</math> . . . . .</i>	362
XIX — <i>Subarquétipo contaminado <math>\tau</math> . . . . .</i>	372
XX — <i>Subarquétipo contaminado <math>\upsilon</math> . . . . .</i>	374
XXI — <i>Subarquétipo contaminado <math>\phi</math> . . . . .</i>	381
XXII — <i>Subarquétipo contaminado <math>\chi</math> . . . . .</i>	383
XXIII — <i>Subarquétipo contaminado e interpolado <math>\psi</math> . . . . .</i>	390
XXIV — <i>O texto da edição de H. Rosweyda . . . . .</i>	394
Bibliografia . . . . .	399
Índice de manuscritos (por ordem alfabética das localidades) . . . . .	407
Índice de peças anónimas ou não identificadas . . . . .	413
Índice onomástico . . . . .	415
Índice geral do tomo II . . . . .	421





IMPRESSÃO:  
SIMÕES & LINHARES, LDA.  
AV. FERNANDO NAMORA, N.º 83 - LOJA 4  
3000 COIMBRA

A *Versão Latina por Pascásio de Dume dos Apophtegmata Patrum* publicada pela primeira vez em 1971, veio disponibilizar para a comunidade científica a verdadeira obra de Pascásio, porque de facto o texto que na edição de Rosweyodus havia sido apresentado resultou como uma colecção resumida e imperfeita dos apotegmas de Pascásio, sob o título *Exhortationes Sanctorum Patrum tam Graecorum quam Aegyptiorum* (PL 73: 68).

O texto completo, traduzido por Pascásio, só foi dado pela primeira vez a ler na *editio princeps* e tem mais do dobro dos capítulos e com o texto original muito aperfeiçoado, apresentado na Universidade de Coimbra em Novembro de 1971, com o seu verdadeiro título que é *Liber Geronticon. De Octo Principalibus Vitiis, de graeco in latinum translatus a Paschasio*.

Tendo esta tradução sido elaborada entre 550 e 556, data da chegada de Martinho à Galécia e da sua elevação a bispo, verifica-se que Pascásio é praticamente contemporâneo de Pelágio e João, os outros principais tradutores latinos dos Apotegmas gregos.

